

**CONSUMOS CULTURAIS:
CONTRIBUTO PARA A AVALIAÇÃO DA GESTÃO DE IDENTIDADES ENTRE
JOVENS ADULTOS RESIDENTES EM AMESTERDÃO**

Vanessa Cantinho de Jesus

**Dissertação
de Mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo**

Novembro de 2011

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo realizada sob a orientação científica de Marta Rosales.

“Consumos culturais: Contributo para a avaliação da gestão de
identidades entre jovens adultos migrantes portugueses em
Amesterdão”

Vanessa Cantinho de Jesus

Resumo

Palavras-Chave: Cultura material, jovens adultos, identidade, migrações internacionais, Amesterdão.

Num contexto de nova intensificação de emigração portuguesa, este trabalho pretende contribuir para o seu estudo partindo de uma abordagem original que explora novos terrenos e possibilidades de definição de pertenças e (re)construção identitária. Parte-se da hipótese que determinados centros urbanos europeus constituem hoje destinos preferenciais para jovens adultos portugueses, maioritariamente provenientes das classes médias urbanas e com capitais educacionais médio-altos, que procuram na migração a realização de um projecto de si ancorado numa experiência de vida urbana cosmopolita. A relação com as culturas materiais, discursos e práticas de consumo expressivo são entendidas como centrais neste processo, servindo como moldura de análise na abordagem aos processos de construção de si e do mundo em contexto migratório.

“Cultural consumption: Contribution to the evaluation of identity
managements among Portuguese young adults in Amsterdam”

Vanessa Cantinho de Jesus

Abstract

Key-Words: Material culture, young adults, identity, international migrations, Amsterdam.

In a time of new intensification of Portuguese emigration, this work intends to be a contribution to its study. Departing from an original approach, it will explore new terrains and possibilities for the definition of belonging and (re) construction of identities. We depart from the hypothesis that today certain European urban centers constitute migratory preferential destinies for Portuguese young adults (mostly from urban middle classes and with medium to high educational capitals) who seek - through migration - the realization of a project for the *self*, anchored on an experience of an urban and cosmopolite life. The relationship with material culture(s) as well as expressive consumption discourses and practices are seen as central in this process. They constitute the framework of analysis on our approach to the processes of construction of the *self* and the world in migratory context.

ÍNDICE

I. Introdução.....	1
I. 1. Formulação do problema	4
I. 2. Objectivo do estudo.....	7
I. 3. Temáticas em análise.....	9
II. Migrações contemporâneas: No terreno da complexificação e diversificação...	21
II. 1. Principais abordagens na análise às migrações.....	22
II. 2. “Nacionalismo metodológico”, novas categorias migratórias e os perigos da simplificação.....	29
II. 3. Emigração portuguesa.....	37
III. Escolhendo uma lente: Cultura material e consumo.....	40
III. 1. Da ditadura do consumo à agencialidade do consumidor.....	41
III. 2. Para além do Habitus: Cultura material e o conceito de estética em Miller...	50
IV. Metodologia.....	58
IV. 1. Seleção de técnicas.....	59
IV. 2. Seleção de temas.....	61
IV. 3. Recolha de dados.....	63
IV.4. Análise dos dados.....	65
V. Resultados e discussão.....	67
V. 1. Caracterização do contexto: Algumas notas sobre o contexto de acolhimento e a presença migratória portuguesa na Holanda.....	68
V. 2. Retratos etnográficos.....	70
V. 2.1. Andreia: “Não tem só a ver com a nacionalidade, tem a ver com a pluralidade de estilos de vida que há ali.”	70
V. 2.2. Cláudio: “Eu sou um emigrante muito diferente!”	75

V. 2.3. Carla: “O facto de poderes ir a um mercado e encontrares cenas de há já não sei quanto tempo atrás.”	80
V. 2.4. Jorge: “Se eu queria mudar radicalmente, tinha de escolher uma cidade o mais multicultural possível.”	86
V. 2.5. Isabel: “Eles vivem na Holanda, mas vivem ali, é o pequeno Portugal deles.”	92
V. 2.6. Bernardo: “Trouxe roupa, o computador e a máquina fotográfica.”	97
V.2.7. Patrícia: “Meios pequenos, mentalidades quadradas, adaptação completamente diferente.”	102
V. 2.8. Luís: “Revejo-me naquela fotografia, gostava de voltar a ser aquele Luís. E essa fotografia acompanha-me.”	107
V. 2.9. Maria: “Tu tens lá as coisas, vens para aqui e preferes estar a batalhar tudo.”	113
V. 2.10. Tomás: “A primeira fase é apartamento, segunda fase casa germinada e terceira fase casa, vivenda mesmo.”	119
V. 3. Comparando Desfechos: Continuidades e Descontinuidades.....	124
VI. Conclusão.....	134
Bibliografia e Fontes.....	137
Anexos.....	149

I. Introdução

O mundo em que vivemos há muito que deixou de ser, se é que alguma vez realmente o foi, um conjunto mais ou menos diferenciado de territórios e populações. Embora ao longo da história humana sejam recorrentes as tentativas homogeneizantes, ordenadoras, a fim de minimizar a entropia decorrente da interação social, esta segue sendo o grande motor da História destabilizando a criação de categorias entre indivíduos, culturas e lugares. Melhor dizendo, é na dialética entre estes dois tipos de tendências, uma que tende a procurar identidades e estabilidade e outra que diversifica e expande, que a complexidade humana tem desenhado os contornos da sua geografia. A capacidade de agir dentro deste movimento, contrário e ao mesmo tempo complementar, obedece às mais variadas condicionantes existentes no mundo social.

Na contemporaneidade tais dinâmicas revestem-se de particularidades que as tornam ainda mais complexas mas também mais interessantes aos olhos do cientista social. A exponenciação da mobilidade em geral, não só de pessoas mas também de objetos e capital, ideias e ideais, imagens e imaginários; a reorganização da geopolítica mundial, criando novas potências económicas e problematizando os eixos de poder; e as transformações ao nível das configurações familiares, do trabalho e da educação estarão entre as mais importantes. A forma como tais transformações foram tendo lugar de forma heterogénea à volta do globo, cria acesso a diferentes ferramentas bem como produz diferentes níveis de operacionalização dessas ferramentas. Determinados indivíduos ou grupos dispõem assim de maior poder que outros na construção do seu percurso e lugar no mundo, ainda que isto não signifique que os últimos não encontrem formas de utilizar essa desvantagem enquanto factor vantajoso e construam assim formas de vida tão ou mais satisfatórias que os ditos “poderosos”.

As ciências sociais em geral, e a antropologia em particular, tem-se dedicado nas últimas décadas a dar conta destes processos e a analisar as consequências na forma como os sujeitos se representam, criam alianças e interagem entre si e com a materialidade à sua volta. A atenção a fenómenos de desterritorialização e reformulação cultural, ligados de uma forma ou de outra à questão da mobilidade, tem sido central na forma como alguns paradigmas têm sido questionados e novos

conceitos criados. Este debate tem sido especialmente caro a esta disciplina no sentido em que a obrigou a rever o olhar sobre o seu objeto e metodologia. No entanto, não traíndo o espírito reflexivo que sempre tem advogado, é precisamente no resultado desta revisão que se podem encontrar as propostas mais interessantes de abordagem a estas realidades, que embora não sejam totalmente novas se encontram aumentadas no contexto global atual.

Esta dissertação pretende realizar, na continuidade desta tradição, um exercício de reflexão em torno das mesmas questões esperando contribuir, ainda que do ponto de vista de uma primeira abordagem, para a discussão da variedade de possibilidades encontradas pelos seres humanos na busca do equilíbrio possível entre entropia e negentropia ou seja, na construção da(s) sua(s) cultura(s).

*

Na presente Introdução expomos as interrogações que levaram à realização deste trabalho abordando as problemáticas por detrás de tais interrogações e definindo os objetivos que pretendemos alcançar. Traçamos ainda as principais temáticas que guiam a análise nesta dissertação, contextualizando teoricamente as perspectivas de que partimos.

Esta contextualização é aprofundada no segundo e terceiro capítulos onde nos atemos sobre as questões que queremos explorar ao nível das migrações e do consumo, respectivamente. O quarto capítulo trata dos aspetos metodológicos, caracterizando os procedimentos e entendimentos de que partimos na utilização das ferramentas de recolha e análise dos dados.

No quinto capítulo procedemos à exposição e discussão dos dados, tentando articular as questões trabalhadas nos capítulos teóricos. Daqui partimos para a enunciação das conclusões e balanço sobre os objetivos alcançados.

I. 1. Formulação do problema

A realização deste projeto decorre antes de mais do meu interesse pela forma como os indivíduos se constituem através dos e nos diferentes referenciais, contextos e materiais à sua disposição. Parte portanto de uma posição que confere participação activa ao sujeito neste processo, embora procure ao mesmo tempo os factores de possível condicionamento do mesmo. A procura de uma perspectiva teórico-metodológica que me aproximasse desta posição levou ao encontro da lente do consumo enquanto bom ponto de partida, numa relação que irá ser aprofundada nos capítulos subsequentes. Por agora importa explicar como cheguei ao meu objeto e às questões que levanto acerca deste.

Durante o ano em que decorreu a parte lectiva deste mestrado realizei, por motivos pessoais, várias viagens à cidade de Amesterdão durante as quais fui pensando acerca de algumas questões trabalhadas nos seminários que estava a frequentar. A deslocação, a observação nos aeroportos, o contacto com as pessoas nestes trajetos, a experiência continuada da cidade, o convívio com alguns jovens que ali vivem foram factores que contribuíram para a constituição das interrogações que levaram a esta dissertação. Assim comecei a dar conta da existência de pessoas que migravam pelos mais variados motivos, muitas vezes não diretamente relacionados com questões económicas, para as quais a questão da integração parecia não ser importante ou pelo menos não existir aparentemente na dicotomia “cultura de origem” versus “cultura de acolhimento”. Na mesma linha, casos em que a identidade étnica não era ativada de forma regular nas práticas quotidianas parecendo existir identificações de outros tipos na constituição das sociabilidades e posicionamentos no contexto de acolhimento.

É certo que estas impressões não derivaram da observação de contextos tradicionalmente ligados às ditas minorias étnicas, o que lhes confere um carácter restritivo, mas também por isso me pareciam importantes, no sentido em que começava a sentir uma lacuna nos estudos dos movimentos migratórios ao nível da diversificação do objeto de estudo. Ao pensar criticamente no assunto perguntava-me

se este facto não contribuiria para uma visão pouco revista e talvez até restritiva do sujeito migrante. Havia outras realidades a serem descritas, pensadas e postas em diálogo com aquelas do imigrante económico, não qualificado, pós-colonial, tão abordado pelas ciências sociais, sobretudo aquelas mais diretamente ligadas às instituições decisoras das sociedades de acolhimento. O carácter, muitas vezes dedutivo, destas abordagens parecia-me ter levado a uma sobrevalorização das desvantagens e problemas associados a tais tipos de migração que produziam comentários às minhas observações no sentido de classificar os sujeitos nelas presentes enquanto elites.

Não querendo cair no oposto e subvalorizar as condições estruturais que limitam a ação de qualquer ser humano, estes comentários pareciam-me demasiado simplistas e até desajustados da realidade uma vez que nas minhas observações existiam casos em que a aplicação do termo elite era bastante discutível e levantava questões de âmbito relacional, ou seja ‘elite em relação a quem?’. De qualquer forma, ainda que chegássemos a acordo nesse ponto, o que quereria isso dizer? Que as não elites estão para sempre confinadas ao reino do problemático, do desajustado, étnico e “pobrezinho”, como se não tivessem capacidade para entrar em diálogo e apropriar-se das práticas das ditas elites? Para além disto, a questão posta desta forma limitava a atenção dada a posicionamentos intermédios ou combinações de diferentes posicionamentos consoante os contextos ou ocasiões, não permitindo chegar a toda a complexidade por detrás destas dinâmicas migratórias.

Ao mesmo tempo que me debatia com estas questões comecei a dar-me conta da existência de originalidades no âmbito de uma fracção da emigração portuguesa atual que pareciam ser um bom terreno para a exploração das mesmas. Uma parte dos fluxos que a constituem, e os que interessam a este trabalho, são formados por jovens oriundos das classes médias, com um nível de educação médio a superior, com motivações e destinos migratórios relativamente novos. Os discursos e práticas que fui observando entre diversos jovens que tinham decidido sair de Portugal ou naqueles com quem me fui cruzando em Amesterdão pareciam apontar em direções alternativas àquelas que eu lia nas descrições sociológicas dos anos 60 e 70 da

emigração portuguesa, onde a manutenção da etnicidade e a relação com a nação tinham uma importância considerável.

Para além de terem uma situação económica razoável em Portugal, tendo já alcançado na sua maioria uma posição de relativa independência em relação aos pais, estes jovens não apresentavam como maior ou única motivação a procura de uma melhoria das suas condições financeiras. A sua imagem da saída não projetava, na maior parte das vezes, um esforço de abandono do local e cultura ideais nem uma vontade de os continuar a viver à distância. A recorrência da escolha de determinadas capitais europeias para realizar o projeto de migração era frequentemente acompanhada de um discurso de valorização positiva dos locais eleitos que eu sentia ter contrapartidas importantes ao nível da identidade destes sujeitos, na medida em que viver em cidades como Londres, Barcelona ou Berlim significa estar no centro da produção cultural europeia, experienciar diferentes culturas, ter acesso a um estilo de vida moderno e cosmopolita. Estas especificidades pareciam concorrer para novas formas de vivência da migração que me levaram a querer explorá-las a partir dos quotidianos, e mais especificamente dos consumos ligados a estes quotidianos, de alguns destes jovens. A escolha das práticas de consumo enquanto objeto privilegiado da análise prendeu-se com a vontade de explorar a perspectiva que toma a materialidade enquanto dimensão fundamental da organização do indivíduo e da sociedade, e a partir da qual se constroem afinidades e alianças e são veiculados posicionamentos em relação ao mundo.

Assim esperava perceber de que forma a análise de uma série de consumos, do vestuário à alimentação, passando pelos media e pelos espaços de sociabilidade, poderia contribuir para o entendimento das avaliações e lógicas de gestão das pertenças e referências dos migrantes; ou posto de outra forma, perceber que recursos culturais, diretamente relacionados com o consumo, são convocados/acionados para a produção e estabilização das identidades culturais em contextos migrantes; ao mesmo tempo que testava a pertinência de questões como a da utilização de perspectivas alternativas àquelas exclusivamente centradas na etnicidade, a atenção a motivações variadas para a migração ou a diferentes modalidades de relacionamento com os locais de destino. Estas interrogações gerais foram condensadas na seguinte pergunta de partida: “De que forma os consumos

culturais, entendidos enquanto dimensões constitutivas da identidade cultural, contribuem para o entendimento das avaliações e lógicas de gestão das pertenças e referências dos jovens adultos migrantes?”

Em seguida serão desenvolvidos com maior pormenor os objetivos que se pretende alcançar no desenvolvimento da pesquisa e na procura de resposta(s) a esta questão.

I. 2. Objetivo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na prossecução dos seguintes objetivos:

Objetivos gerais:

a) Contribuir para o conhecimento acerca da emigração portuguesa contemporânea, nomeadamente ao nível de algumas das especificidades dos fluxos de saída recentes;

b) Promover a integração entre as abordagens ao consumo e cultura material e os estudos das migrações, explorando o papel de um conjunto determinado de consumos nos posicionamentos e gestão das pertenças dos migrantes;

c) Explorar modalidades migratórias alternativas e discutir a sua relação com as modalidades clássicas;

d) Discutir o uso de perspectivas alternativas ou complementares às da etnicidade na análise da manutenção identitária em contexto migratório;

e) Perceber qual o papel dos percursos de vida individuais e narrativas acerca destes, bem como das variáveis estruturais, na constituição dos posicionamentos em relação à migração e aos contextos de origem e de acolhimento;

f) Contribuir para a afirmação das abordagens centradas no quotidiano enquanto terreno de análise produtivo para o entendimento dos processos de (re)construção identitária no quadro dos estudos da emigração portuguesa;

Objetivos específicos:

a) Caracterizar o conjunto de indivíduos selecionados para a pesquisa ao nível das suas origens, trajetórias e projetos migratórios;

b) Descrever os discursos, observar e traçar as práticas relativas a dimensões específicas do consumo quotidiano e da relação com a cultura material destes indivíduos, no sentido de perceber a sua importância para a manutenção identitária dos mesmos;

c) Discernir a importância de motivos extra económicos na constituição do projeto migratório e explorar a multidimensionalidade ligada aos motivos para a migração;

d) Averiguar a existência e analisar as especificidades de posicionamentos identitários que incluam afiliações não exclusivamente de cariz étnico, nomeadamente aqueles que se apropriam de discursos acerca das especificidades do local de acolhimento;

e) Realizar uma análise comparativa das condições estruturais e percursos individuais de todos os indivíduos no sentido de encontrar continuidades e descontinuidades nos seus posicionamentos, procurando justificações para os mesmos;

I. 3. Temáticas em análise

O argumento que procuramos desenvolver nesta dissertação gira em torno das temáticas discutidas em seguida e pretende explorar algumas das especificidades da relação entre as mesmas. Esta descrição não pretende ser exaustiva, até porque a discussão irá ser aprofundada nos capítulos seguintes, mas apenas contextualizar o posicionamento de que partimos.

Movimento e identidade: Encontro(s) ou desencontro(s)?

“Constant movement is the essential characteristic of the way an individual mind perceives and so constructs an environment, whether ‘natural’ or ‘cultural’.” (Rapport e Dawson, 1998: 20).

O ser humano é um ser de alianças sociais e simbólicas, através destas constrói as suas pertenças e significa o mundo e a si próprio, a partir de escolhas mais ou menos condicionadas. Podemos não ter poder sobre o nosso local de nascimento ou pertença familiar, mas ao longo da vida optamos por diferentes caminhos de acordo com os recursos ao nosso alcance e com os nossos interesses pessoais. Nuns casos mais restrito que noutros, este percurso envolve sempre movimento: seja ele mais localizado, como no caso de um indivíduo cujos trajetos se limitem ao seu local de nascimento; ou mais alargado, como no caso de alguém que pertença a uma comunidade nómada em constante viagem. Seja como for, o carácter móvel dos processos através dos quais entendemos e construímos a realidade à nossa volta, é, como chamam a atenção Rapport e Dawson no excerto atrás transcrito, essencial aos mesmos. No entanto, e como mostram estes autores no texto de onde este excerto foi retirado, a análise antropológica privilegiou, ao longo do seu desenvolvimento, a equação entre identidade e fixidez.

Os fundamentos originais da disciplina, e que estão na origem de tais paradigmas, desenvolveram-se com base no estudo de grupos discretos analisados a partir de uma perspectiva que os tomava como entidades sociais reais e perdurantes (Jenkins, 1988:172), associadas a um território específico a partir do qual os indivíduos a este pertencentes percepcionariam o mundo de acordo com um ponto de vista homogéneo (Rapport e Dawson, 1998: 21). Jenkins mostra a importância que este posicionamento perante o objecto de estudo antropológico teve no desenvolvimento da disciplina, a partir de um excerto de um dos seus fundadores:

“[The modern ethnographer] with his tables of kinship terms, genealogies, terms, maps, plans and diagrams, proves the existence of an extensive and big organization, shows the constitution of the tribe, of the clan, of the family... the Ethnographer has in the field, according to what has just been said, the duty before him of drawing up all the rules and regularities of tribal life, all that is permanent and fixed; of giving an anatomy of their culture, of depicting the constitution of their society.” (Malinowsky, 1922:10, 11 citado em Jenkins, 1988:173).

Fazer etnografia *à la* Malinowsky implicava, e continuou a implicar nas décadas seguintes, não só descrever o *outro* mas também definir-lhe as fronteiras e consequentemente distingui-lo de um *nós* e de diferentes *outros*. Com efeito, esta distinção está na base de um dos quatro pressupostos teóricos por detrás do modelo antropológico tradicional da tribo, identificados por Barth (1969) na discussão do conceito de grupo étnico. Conceito que à época começava a substituir o de tribo, uma vez que (e principalmente entre os antropólogos africanistas) a tendência para “tribalizar” as populações africanas era pejorativamente valorizada (Baumman, 2003: 1), mas que na verdade era entendido e operacionalizado de acordo com os mesmos pressupostos. Barth chama a atenção para a forma como tais conceptualizações implicam que os seus membros se identifiquem, e sejam identificados por outros, como fazendo parte de uma categoria distinta de outras categorias semelhantes; mostrando assim como a questão da identidade está ligada de forma paradigmática às noções antropológicas de cultura. Ao mesmo tempo o reconhecimento de que “ethnic groups are categories of ascription and identification by the actors themselves” (Barth, 1969: 10), permitiu que se começasse a pensar a

identidade como uma construção social, em vez de uma propriedade da suposta essência individual ou grupal. Esta última acepção, complementada pela definição de fronteiras de que temos vindo a falar, tinha vindo a ser perpetuada pela antropologia numa relação com o conceito de movimento enquanto subordinado à fixação geográfica e temporal: “As cultures were things rooted in time and space (...), so cultures rooted societies and their members: organisms which developed, lived and died in particular places.” (Rapport e Dawson, 1998: 22).

De acordo com esta perspectiva o contacto entre diferentes identidades/culturas¹/localidades fica subordinado aos limites de cada uma destas, podendo apenas produzir ameaça à sua suposta coerência interna, desencontro, choque ou imposição de umas sobre outras. Mas a questão que se põe tem que ver precisamente com esta suposta coerência. Olhemos para nós próprios: poderemos dizer que aquilo que nos define se resume a um conjunto limitado de princípios que se mantêm inalterados desde que nos conhecemos? Com certeza a questão da mobilidade crescente no mundo atual, contribuirá para um aumento das identificações que reivindicamos, mas a maior limitação espacial e consequentemente o menor leque de referências que tinham à disposição as gerações anteriores às nossas não as impedia de se identificarem ao mesmo tempo com a família dos seus pais e das suas mães, de ao longo da vida mudarem de opiniões políticas ou de acumularem experiências profissionais diversas, adaptarem comportamentos consoante o contexto ou o papel social que desempenhavam em diferentes situações; sem que isto tivesse necessariamente que ser contraditório para a dinâmica interior do indivíduo. Isto leva-nos de novo à consideração de que a identidade não é algo estático, a forma como concebemos as nossas vidas é a de um movimento dialéctico entre reconhecimentos, relações, pessoas, objetos, grupos, sociedades, culturas e ambientes (Rapport e Dawson, 1998: 33).

¹ Concordamos com Verschueren em relação à necessidade de alguma prudência na utilização do plural de cultura, uma vez que “Though *culture* is a universal human phenomenon... cultures do not exist in any real sense of ‘existence’ ” (Verschueren, 2001: 40 citado em Grillo, 2003:160).

A mudança de paradigma na antropologia recente, em que as considerações de Barth (1969) foram pioneiras, segue neste sentido tendendo a um entendimento processual da cultura, à plasticidade dos seus limites e à porosidade das suas fronteiras. É importante no entanto sublinhar que isto não é o mesmo que dizer que tais fronteiras não existem, pelo contrário, muitas vezes a manutenção das mesmas depende da interação social realizada através destas, podendo as diferenças culturais persistir apesar do contacto e, por vezes, interdependência entre grupos (Barth, 1969: 9, 10). Esta chamada de atenção tem pertinência no sentido em que consideramos fundamental que a antropologia se mantenha atenta às dinâmicas de poder e aos limites da agencialidade de forma a evitar cair no paradigma oposto: o de que os constantes fluxos (de pessoas, objetos e ideias) em palco no mundo moderno estão ao alcance de todos e são por todos apropriáveis de igual forma.

A cultura como processo

“It would seem helpful to make more continuously visible how both persistence and change in culture depend on human activity; and how in contemporary social life, the combined cultural process, and the overall habitat of meanings and practices in which we dwell, is the outcome of the variously deliberate pursuit by a variety of actors of their own agendas, with different power and different social and spatial reach, and with foreseen or unanticipated consequences.” (Hannerz, 1999: 401)

A viragem, na teorização antropológica, para uma perspectiva mais processual da cultura está intimamente ligada ao reconhecimento dos indivíduos enquanto agentes dessa cultura, produtores de significantes e reconfiguradores de significados. Para esta terá contribuído também a inovação tecnológica dos meios de comunicação, que aliada ao alargamento do sistema político e económico liberal resultou num aumento da mobilidade global, bem como a alteração dos padrões da

família e a individualização do sujeito. A conjugação de tais factores traz possibilidades ao nível da imaginação que multiplicam as capacidades de reconfiguração da experiência (projetada e vivida) do cidadão contemporâneo (Appadurai, 1996). Mas, mais importante para a nossa discussão, este contexto traz consigo um aumento do contacto entre pessoas de diferentes partes do mundo.

Rapport e Dawson (1998) discutem as abordagens de três autores, importantes para a teorização antropológica acerca das especificidades sociais e culturais do mundo contemporâneo. O primeiro destes é Lee Drummond (1980), que na década de 80 avançou com o conceito de creolização. Na sua opinião o resultado das transformações do mundo moderno não seria o de um novo organismo, fruto da integração daquilo que teriam sido um dia sociedades separadas, nem um conjunto de pluralidades onde as antigas sociedades conservassem, lado a lado, as suas particularidades; mas sim uma interação de sistemas levando à constante combinação de elementos com origens variadas, nas suas palavras, à creolização cultural. Já na década de 90, Hannerz (1992b; 1993) vem acrescentar a esta ideia a de que a cultura está em constante fluxo através do espaço, sendo que este se caracteriza por um sem número de ligações, formando uma rede global em constante comunicação e troca. Segundo ele, o resultado da interpenetração cultural é o de uma combinação heterogénea, com um leque infinito de possibilidades, e não a homogeneização que tanto assusta os teóricos da hiper-globalização. No entanto, como chama a atenção Paine (1992), estas possibilidades são diferenciadas e podem combinar elementos não só anteriormente distintos mas ainda incomensuráveis, tornando esta troca volátil e podendo conduzir à exclusão ou hostilidade. Daqui advém aquilo a que o autor chama de compressão cultural: uma insistência na demarcação da diferença sociocultural, num mesmo tempo e espaço, através da construção de fronteiras pela escolha diferenciada de simbólicas religiosas, políticas ou económicas. Ao mesmo tempo que as forças globalizadoras multiplicam as opções e estendem o seu alcance, parecendo democratizar as escolhas, estas permanecem de certa forma circunscritas a determinadas necessidades identitárias e ainda aos recursos dos indivíduos.

Como vemos, as contribuições destes autores vão no sentido desta mudança recente no pensamento antropológico, “in which cultures and communities are seen as constructed, dialectically from above and below, and in constant flux. (...) The emphasis is on multiple identities or identifications whose form and content are continuously being negotiated.” (Grillo, 2003: 160). A noção de múltiplas identidades constantemente negociadas, de que Grillo aqui nos fala, pode ser encontrada no trabalho de outro autor fundamental para esta discussão, nomeadamente na etnografia que o mesmo realizou em Southall, um bairro multiétnico na periferia de Londres. Durante os seis anos de pesquisa de terreno que ali realizou, e do qual resultou o livro “Contesting Culture. Discourses of identity in Multi-Ethnic London” (2003), Baumann tinha em mente entender a razão pela qual os imigrantes de segunda geração eram vistos, não só pelo senso comum mas também em alguns discursos académicos, como estando suspensos “entre duas culturas”. O reducionismo étnico inerente a esta perspectiva ocultava questões importantes como a do porquê da suspensão entre culturas e não uma penetração de ambas, ou a da definição dos supostos limites destas culturas, às quais o autor pretendia responder.

Com o avançar da investigação Baumann começou a perceber que este discurso essencialista, que circunscreve os indivíduos à equação entre cultura, comunidade e identidade étnica (tornando-as equiparáveis e fazendo-o como se fosse “natural” a sua mútua adequação), e que é o discurso dominante também em Southall, era contraposto e alternado por outro tipo de discurso, a que chamou demótico. A partir das observações e convivência entre os jovens deste bairro percebeu que o conceito de cultura, bem como o de comunidade, era usado pelos autóctones de acordo com o contexto, redefinindo-se e tomando diversos sentidos consoante as situações:

“The same person could speak and act as a member of the Muslim community in one context, in another take sides against other Muslims as a member of the Pakistani community, and in a third count himself part of the Punjabi community that excluded other Muslims but included Hindus, Sikhs, and even Christians.” (Baumann, 2003: 5).

Assim, se por um lado estes jovens pareciam reificar as suas culturas e comunidades, por outro negavam as suas próprias reificações. Estas aparentes contradições constituem o essencial do discurso alternativo, ou demótico, ao discurso dominante e apesar de não o substituírem, contestam-no quotidianamente chamando a atenção para os processos de “fazer cultura” ao invés de “ter cultura”. Desta forma verifica-se que, enquanto a cultura continua a poder ser vista como propriedade de uma comunidade étnica ou religiosa, possui ao mesmo tempo a dinâmica processual decorrente da agência individual, que constantemente negocia as suas fronteiras, possibilitando a redefinição do significado de comunidade (Baumann, 2003: 34).

Narrativa, lugar e materialização identitária

“Where we are, both in space and in history, and who we are – our class, our gender, the culture of which we are a part, plus the myriad of personal traits and proclivities that make up our selfhood – play a central role in how both sets of journey [collective and personal] are shaped and made meaningful.” (Gardner, 2002: 1).

Nesta última secção pretendemos discutir sumariamente a forma como a identidade, assente nos moldes que temos vindo a delinear, faz uso de narrativas que constroem uma história individual ou colectiva feita de movimento, ao longo do tempo e através do espaço, e materializa esta história desenvolvendo uma relação significativa com os objetos e lugares, através do seu consumo.

É a partir dos dois vectores enunciados por Gardner, no excerto atrás transcrito, que nos posicionamos enquanto indivíduos, reconhecendo-nos e fazendo-nos reconhecer ao longo da viagem que é a vida humana. Como já vimos, as definições de *quem* somos e *onde* estamos podem variar contextualmente ou

mesmo acumular-se de forma concomitante num mesmo sujeito ou grupo. As diferentes formas discursivas que Baumann verificou coexistirem em Southall constituem, como já chamámos à atenção, um exemplo da capacidade humana de desenvolver identificações e alternar entre estas. Tal como este autor o percebeu neste contexto, com os jovens de segunda geração imigrante e seus pais, Gardner diz-nos ter percebido a importância deste carácter posicional e dinâmico entre os seus informantes idosos do Bangladesh, residentes em Inglaterra, acrescentando que para o entender completamente é necessário prestar atenção à idade e ao percurso de vida, e analisar as formas a partir das quais as identidades são formadas ao longo de muitos anos, assim como entre gerações e dentro destas (Gardner, 2002:14). No entanto, é preciso ter algum cuidado para não inferir desta perspectiva que todas as escolhas são conscientes e absolutamente livres: “Whilst the elders choose their identities and cultural positions, they also, at the same time, have identities and ‘cultures’ foisted upon them by others” (Gardner, 2002:11). Desta forma a autora alerta-nos para algo que já referimos em cima e que tem a ver com o perigo de adoptar uma posição demasiado pós-moderna onde, ao considerar-se que tudo é fragmentário e está em constante fluxo, os constrangimentos reais das relações de poder perdem a sua importância e espessura histórica. O ideal será encontrar um equilíbrio entre as duas posições que estão na origem destes debates: uma que enfatiza a estrutura e outra que dá primazia à ação individual, ou uma em que a identidade se forma através da fixação e outra que encontra neste processo movimento.

Como mostram Rapport e Dawson, na teorização acerca da narrativa está também subjacente esta dicotomia entre paradigmas havendo uma posição que a toma como estruturante do indivíduo, como se este fosse contado pela história, ao invés de a contar, e assim percepcionado enquanto produto da prática discursiva. Esta retoma os fundamentos de autores como Lévi-Strauss, Heidegger ou Lacan, em que o self cede a prioridade ontológica e epistemológica à gramática da sua linguagem, aos géneros da sua cultura, ao repositório mítico da sua sociedade, e às histórias que os outros contam acerca deste (Rapport e Dawson, 1998: 29). Do outro lado encontra-se a posição que temos vindo a defender, ao mesmo tempo que

temos tentado alertar para o perigo dos seus excessos, e na qual a narrativa é entendida como expressão da agência individual, produto do entendimento diferenciado da linguagem e do mundo. Embora ambas reconheçam que inerente à narrativa existe movimento, no sentido em que “To recount a narrative, in short, is both to speak of movement and to engage in movement. One tells of people, objects and events as one moves them through time and one moves from the start of one’s account to its end.” (Rapport e Dawson, 1998: 28), só esta segunda perspectiva se coaduna com o entendimento dinâmico da identidade, enquanto a primeira a volta a fixar.

Mas voltando a Gardner, em “Age, Narrative and Migration. The Life Course and Life Histories of Bengali Elders in London”, a autora analisa a relação entre narrativa e movimento, não só a partir da perspectiva que Rapport e Dawson nos falam em cima mas também problematizando a questão do lugar em contexto migratório. No capítulo introdutório a autora mostra como o enfoque dos estudos sobre as migrações também se alterou na última década, de acordo com a alteração de paradigma das ciências sociais de que temos vindo a falar: “Rather than involving a single journey over discontinuous space from a fixed origin to the place of settlement, entailing the crossing of cultural borders as well as national ones and with rupture as an inevitable outcome, migration and travel are viewed processually.” (Gardner, 2002:15). A partir desta perspectiva e integrando as dinâmicas doméstica, de parentesco e género, bem como as emoções a estas ligadas e as questões políticas e de poder inerentes ao processo migratório, Gardner examina as histórias de vida dos idosos mostrando como estas narrativas constituem ferramentas úteis na percepção dos diversos elementos que constituem a sua identidade e das formas pelas quais esta é retrabalhada ao longo da vida, criando um discurso identitário útil não só para a imagem de si, mas também na projeção de uma imagem para o exterior.

Na mesma linha, Grillo (2001) dá-nos um exemplo das continuidades entre os diferentes lugares que a vida dos migrantes atravessa, ao discutir o carácter heterogéneo dos processos transnacionais, a partir das especificidades da comunidade senegalesa (utilizando os exemplos etnográficos de Riccio, 1999) e

marroquina (utilizando os exemplos etnográficos de Salih, 1999) em Itália. A estratégia de reconstrução do lugar entre a comunidade marroquina é particularmente interessante para a discussão de uma última questão que gostaríamos de abordar, a da materialização identitária a partir da relação com os objetos e lugares em contexto migratório:

“Moroccans too maintain strong ties with their region of origin, and have traditionally done so, but modern methods of communication ‘enable migrants to rely on two countries to construct their social personhood by distributing not only economic but also symbolic resources’ (Salih 1999: 88). They have two homes - Morocco, Italy. Domestic space in Italy is constructed in ways which display Moroccan roots, while homes in Morocco reflect an Italian reference.” (Grillo, 2001:1).

Como vemos, estes imigrantes organizam o espaço doméstico recorrendo a vários padrões, de acordo com as diferentes narrativas identitárias que pretendem construir em cada um dos locais que “habitam”. A análise de tais dinâmicas mostra como o consumo, e em particular aquele ligado à casa, constitui uma prática expressiva importante nos processos de construção da identidade. Rosales (2007) aborda estas questões na sua análise aos consumos e objetos domésticos no contexto colonial moçambicano. A partir dos discursos de algumas famílias de origem portuguesa, residentes em Moçambique durante o período colonial, a autora mostra como estes serviam para expressar determinados posicionamentos e estabelecer relações simbólicas com diferentes contextos culturais. Estas famílias, relativamente homogéneas quanto aos seus aspectos sociográficos e ao lugar na estrutura social colonial, apresentaram opções similares relativamente à decoração e organização das suas casas, bem como às suas ementas e práticas alimentares; através de um discurso dominante que denotava uma identificação europeia, fazendo uso da identidade portuguesa, mas reconfigurando-a através de elementos da influência inglesa em Moçambique, e desta forma distanciando-se, não só de outros grupos étnicos na colónia, mas também dos “portugueses da metrópole”. Tais identificações permitem perceber como esta projeção identitária sobre o mundo material permitiu a estes indivíduos constituírem os seus objetos e consumos

enquanto signos das suas pertencas sociais, como produto dos seus capitais económicos e culturais elevados e “distintos”. Ao mesmo tempo, Rosales identificou a coexistência de diferentes padrões organizadores destes consumos domésticos, apontando a existência de princípios que se afastam desta lógica de prestígio social. Embora esta seja a lógica dominante, a convivência de referências dispares (como a apreciação do chá inglês e do caril indiano) leva a autora a chamar a atenção para a complexidade destas práticas, mostrando-nos não só como elas são reveladoras de processos de materialização identitária mas também sublinhando como tais processos não são estáticos e podem integrar múltiplos códigos.

A criação de repertórios imagéticos e discursivos a partir da materialidade não acontece só na caracterização dos percursos dos indivíduos e grupos em trânsito no mundo contemporâneo, mas também dos locais que habitam. As cidades são pólos privilegiados para o encontro de diferentes narrativas identitárias e é muitas vezes desse encontro que são também produzidos os discursos acerca das mesmas. Um desses discursos, cada vez mais utilizado na publicitação de determinadas cidades no mercado turístico global, é precisamente o que celebra a diversidade enquanto motor do espírito cosmopolita e multicultural das metrópoles contemporâneas. A construção da imagem da cidade com base no discurso da diversidade ganha cada vez mais adeptos entre os legisladores das mesmas como mostra Sharon Zukin: “Elected officials who, in the 1960’s, might have criticized immigrants and non-traditional living arrangements, now consciously market the city’s diverse opportunities for cultural consumption” (Zukin, 1998: 836), criando novos terrenos para a (re)invenção e (re)produção de identidades étnicas dos imigrantes que as habitam.

Jan Rath (2005) aborda esta questão mostrando como as “chinatowns” presentes em diversas cidades do mundo constituem uma mercadoria cultural que pode ajudar à integração dos imigrantes chineses, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento da economia urbana. Embora neste artigo o autor esteja mais interessado em perceber as relações entre integração, empreendedorismo imigrante e turismo, este exemplo é significativo para a nossa discussão porque chama a atenção para a forma como os discursos acerca da cidade e o consumo

dessa cidade a partir das imagens criadas podem servir como forma de materialização identitária, na medida em que constituem recursos para a produção de significado na relação dos indivíduos com o lugar: “Once a ghetto of deprived outsiders and people to avoid, Chinatown nowadays stirs the imagination of mainstream people and attracts local and international visitors.” (Rath, 2005: 239). A produção do espaço a partir da atribuição de determinadas características culturais pode torná-lo apelativo criando novas formas de interação em que o consumo desse espaço passa a constituir um recurso identitário importante.

II. Migrações contemporâneas: No terreno da complexificação e diversificação

II. 1. Principais abordagens na análise às migrações

A investigação acerca dos movimentos migratórios globais tem sido alvo nas últimas décadas de um crescimento exponencial nas ciências sociais em geral (Castles, 2010) e na antropologia em particular (Vertovec, 2007). Este foi, e continua a ser, potenciado não só pelo aumento do número de migrantes, que entre 1970 e 2005 passou de 81,3 milhões para 190,6 milhões a nível internacional (United Nations, 2006)², mas também pela complexificação da composição, orientações e dinâmicas dos fluxos migratórios (Audebert e Kamel Dorai, 2010).

Aquilo que até meados da década de 70 do século passado pareciam ser movimentos populacionais decorrentes de um conjunto de características facilmente identificáveis no contexto dos países do norte da Europa, nomeadamente a herança colonial e pós-colonial, a migração laboral clássica e os movimentos de refugiados da guerra fria (Audebert e Kamel Dorai, 2010: 8), e cujos limites pareciam controláveis, rapidamente se multiplicou em formas migratórias não previstas e com desfechos complexos. Ainda que a realidade migratória nos novos continentes dos EUA e Canadá ou Austrália decorresse de contextos históricos e dinâmicas distintas, a ideologia fundamental por detrás das diferentes políticas migratórias era de carácter utilitarista, sobretudo no que diz respeito aos imigrantes de origem não ocidental. Castles (2000) diz-nos a este respeito:

“The overwhelming impression of the period 1945-73 is thus of a short-term economic approach: migrants were seen simply as workers whose labour was needed, while their social needs and potential impact on receiving societies was largely ignored. There was little understanding that migration was a social process that could develop its own dynamics, which might confound the expectations of even the most efficient states. The ‘guest-worker’ recruiting countries wanted labour, not people, but were to end up with new ethnic minorities.” (*supra*: 8)

² É preciso notar, no entanto, que esta quase duplicação do número de migrantes internacionais representou apenas, quando comparado com o crescimento da população mundial, um aumento de 2,5 por cento para 3 por cento durante o período referido.

Esta perspectiva, em que a migração é encarada como tendência temporária, independente de dinâmicas sociais mais largas, constituindo um fenómeno marginal e até anómalo, foi sendo obrigada a partir da década de 80 a lidar com a evidência da constituição de comunidades migrantes nos grandes países recrutadores de mão de obra como a Alemanha, França, o Reino Unido ou a Holanda. No entanto, a resposta institucional mais difundida continuou de certa forma a perpetuar uma abordagem em que a experiência dos migrantes era inconfundivelmente pensada enquanto separada do destino das sociedades de acolhimento, resultando nuns casos na implementação de políticas de integração unidireccionais e assimilacionistas (Audebert e Kamel Dorai, 2010) e noutros na adopção de um ponto de vista multicultural, que muitas vezes continuou a perpetuar um entendimento igualmente essencialista da cultura (Grillo, 2003; Hannerz, 1999; Wikan, 2002). Como mostram Guarnizo, Portes e Haller (2003) o primeiro tipo de abordagem funda-se num quadro teórico ortodoxo em que o mundo é visto como um conjunto fronteiro de unidades políticas nacionais soberanas com os quais os sujeitos criam alianças identitárias e políticas, que constituem características estanques e bem definidas. No caso das políticas multiculturalistas (pelo menos no que diz respeito às suas formas ideologicamente mais simplistas), ainda que teoricamente estas se baseiem no “direito à cultura” e respeito pela diversidade cultural, corre-se o risco de reduzir a ideia de cultura a uma propriedade inerente ao grupo étnico, reificando (mais uma vez) as comunidades migrantes enquanto entidades separadas e homogéneas pela ênfase na definição e distinção entre as mesmas (Turner, 1993: 411-412). Em qualquer dos casos,

“the dominant view of the migrant was one of a passive agent dependent on global and national contingencies, rather than one of an active transnational agent or one of a productive development agent whose social space could encompass both origin and settlement countries.” (Audebert e Kamel Dorai, 2010: 11)

Abordagens académicas mais recentes têm vindo a contrariar esta tendência ao desenvolverem trabalhos a partir de uma perspectiva comparativa e atenta às dimensões globais e transnacionais, no reconhecimento dos movimentos

migratórios enquanto fenómeno omnipresente na contemporaneidade e com implicações à escala mundial (Castles e Miller, 2003 [1993]).

Sensivelmente a partir da década de 80, a visão assimilacionista dominante começou a ser desconstruída no campo da sociologia, começando-se a questionar alguns trabalhos clássicos da Escola de Chicago como os de Park e Burgess (1921) ou Thomas e Znaniecki (1918-1920). Não obstante, o enfoque destas abordagens nos problemas sociais relacionados com a incorporação imigrante continua a informar os trabalhos contemporâneos. O trabalho de Portes (1995) e Portes e Zhou (1993) desenvolveu o conceito de assimilação segmentada continuando a (à altura ainda tímida) chamada de atenção de Gordon (1964), com o modelo de assimilação multidimensional, para uma maior complexidade nos processos de integração imigrante. Os primeiros autores, focando-se nas diferenças de adaptação de segundas gerações migrantes nos EUA (nomeadamente de diferentes origens em contextos semelhantes ou em diferentes contextos mas com capitais humanos semelhantes), exploraram a interação de variáveis externas como a estratificação racial, a segregação espacial ou as oportunidades de integração económica, com variáveis de carácter interno como os níveis de capitais humanos e financeiros à chegada, a estrutura familiar ou a organização da comunidade e padrões culturais de relação social (Zhou, 1997: 999).

Este tipo de abordagem resultou da incapacidade das teorias assimilacionistas clássicas na explicação da ressurgência da etnicidade e persistência de desigualdades e conflitos raciais, levando ao desenvolvimento de modelos mais estruturais cujo enfoque se virou para os processos de interação entre as instituições e estruturas da sociedade de acolhimento e as características dos novos residentes. Ainda que esta viragem tenha comportado a construção de imagens mais dinâmicas acerca das primeiras, dando forma àquilo que era entendido como um todo amorfo e indiferenciado, as propostas decorrentes da mesma mostram uma tendência para tomar a comunidade étnica como unidade básica de análise correndo o risco de encapsular os indivíduos nas suas pertenças culturais. De qualquer forma as teorizações decorrentes desta viragem trouxeram ferramentas analíticas importantes e contribuíram para o aumento do espectro interpretativo. Entre as

mais importantes encontra-se a que desenvolveu o conceito de enclave étnico (Portes e Bach, 1985; Portes e Jensen, 1987) e que parte de um entendimento segmentado do mercado laboral para explorar a incorporação numa terceira via, a das economias desenvolvidas à volta da implementação e especialização em negócios controlados por coétnicos. Estas apresentam-se como uma alternativa de mobilidade social, com estratégias e dinâmicas próprias, capazes de oferecer alguma proteção e vantagens em relação ao segmento laboral precário normalmente disponível aos imigrantes nas sociedades de acolhimento.

De forma similar o conceito de nicho étnico, desenvolvido por Waldinger (1996), sublinha a importância dos laços étnicos chamando a atenção para a forma como estas relações funcionam não só num contexto de empreendedorismo comunitário, podendo existir concentrações de emprego imigrante noutros sectores, como o sector público. O autor explica como se formam estas concentrações, dando origem a nichos étnicos. Paralelamente o conceito de *embeddedness*, desenvolvido por Granovetter (1985) e que decorre da concepção Weberiana de que o comportamento económico é moldado pelas relações sociais e estruturas abrangentes nas quais os indivíduos se encontram envolvidos, permitiu enfatizar e explorar a importância dos recursos estruturais e relacionais destas redes de organização social e analisar os efeitos de potenciais diferenças de tamanho e intensidade das mesmas. Assim, de acordo com diferentes níveis de envolvimento, os imigrantes têm acesso a diferentes formas de acumulação de capital social (Bourdieu, 1980), ou seja um acesso diferenciado aos recursos escassos que se relaciona com as suas pertenças às redes e estruturas sociais importantes para este acesso. A incorporação do conceito de capital social na análise das migrações e sua relação com os mecanismos de incorporação nas sociedades de acolhimento, desenvolvida nomeadamente por Portes e Sensenbrenner (1993), constituiu um marco importante nesta área de estudo. Embora estas teorizações (que aqui apenas abordamos sucintamente) sublinhem a relevância do grupo étnico e dos usos da etnicidade na incorporação imigrante, e tenham levado ao alargamento do espectro de modelos de análise da mesma, a sua abordagem fica limitada aos aspectos mais estruturais da vida dos imigrantes nos países de acolhimento. Assim, os próprios

desfechos previstos pelos diferentes modelos, como por exemplo no caso dos doze resultados distintos da assimilação segmentada de Portes (1995), encontram-se à partida definidos por aquilo que pode ser criticado como uma sobrevalorização da atenção nas condições e posicionamentos estruturais do grupo imigrante. A ideia de que estas determinam, à priori, os limites e possibilidades da ação grupal e individual pode tornar a análise redutora.

Enquanto as perspectivas acima descritas resultaram maioritariamente das abordagens sociológicas à conjectura norte Americana, a variedade contextual no continente Europeu deu origem a um conjunto diferenciado de análises que incluem, nomeadamente, uma atenção comparativa às diferenças nacionais ao nível das políticas de cidadania, da manutenção das ideias de nação e da sua relação com a inclusão e exclusão das populações migrantes (Brubaker, 1989 e 1992; Faist, 1995). Enquanto nos EUA o princípio do *jus soli* tornou relativamente fácil a atribuição de cidadania aos imigrantes legais e sua descendência, sendo por isso as questões relativas a este estatuto menos abordadas, na Europa a análise centrou-se nas consequências (inclusivas ou exclusivas) das variações nacionais ao nível da atribuição de cidadania (Brubaker, 1992). Esta discussão intensificou-se no entanto mais tardiamente na Europa, em grande parte devido à resistência em admitir o carácter permanente da imigração nos seus territórios, decorrente de uma tendência constante nos países do velho continente para se oporem à formulação de uma autoimagem enquanto países de imigração (Penninx, Kraal, Martiniello e Vertovec, 2004; Penninx, 2010). A partir da década de 90 a integração passa a ser uma questão política importante contribuindo para o aumento da pesquisa nesta área. Ao mesmo tempo, a crescente consolidação da integração europeia começava a tornar a questão da cidadania política para os membros da comunidade menos relevante, e a convergência ao nível das leis de cidadania acompanhada de uma relativa expansão de direitos dos não membros, constituíram factores que contribuíram para que durante esta década a atenção se virasse para a análise da importância da atribuição de direitos humanos extranacionais nos processos de integração (Baubock, 1994). Nos últimos anos, no entanto, as preocupações políticas parecem estar a mover-se da posição dos migrantes nas sociedades de acolhimento

para se consolidarem em torno da coesão social e das supostas características comuns necessárias à mesma, dando-se um retorno à tendência para tomar a cultura como essencial e redutível aos limites de uma sociedade. Este movimento já começou a suscitar a criação de novas linhas de análise apostadas em abordar as dinâmicas sociais e políticas decorrentes destas preocupações, como por exemplo a constituição de movimentos políticos e sociais de reação, tanto de carácter anti-imigração como pró-imigração (Penninx, 2010).

Numa análise recente ao estado da arte do estudo das migrações na Europa (atendo-se fundamentalmente ao contexto norte-europeu) Penninx (2010) conclui que o aumento da pesquisa nas últimas duas décadas não significou o acompanhamento desejável das rápidas transformações, e suas consequências, nos movimentos migratórios atuais. Esta fraqueza, sugere o autor, poderá ser ultrapassada por uma intensificação das práticas de investigação com base na comparação sistemática, na interdisciplinaridade e na integração de diferentes níveis de análise. Isto passa por exemplo pela reformulação do campo de análise, de um enfoque dividido entre, por um lado, os movimentos internacionais em si, e por outro, as questões relativas à integração dos imigrantes, para uma perspectiva capaz de integrar estes dois níveis. Outra sugestão prende-se com a incorporação de contributos teóricos mais abrangentes, como aqueles que se debruçam sobre as questões da globalização ou das diversas formas de mobilidade presentes na contemporaneidade, no sentido de procurar um maior equilíbrio e diminuir o isolamento das perspectivas centradas nas questões das migrações internacionais, integração e coesão social. Por fim, o autor diz ainda ser importante transferir o olhar de uma preocupação com os migrantes para uma preocupação com a sociedade no sentido em que é necessário perceber até que ponto e de que forma as migrações têm transformado as estruturas nucleares das sociedades de acolhimento Europeias. Neste último ponto gostaríamos de discordar parcialmente, pois se quase toda a investigação, como diz Penninx, se concentra no fluxo migratório, nos imigrantes e sua integração, enquanto os sistemas sociais nos quais o fenómeno da migração e os próprios migrantes estão a ser integrados são tidos como certos (Penninx; 2010: 32), a simples transferência de atenção dos primeiros

para os segundos produzirá a mesma incompletude no sentido inverso. Na verdade, outros autores (Castles, 2010) argumentam precisamente no sentido contrário dizendo que “Most migration research has taken the situation in northern destination countries as its starting point, neglecting the perspectives of origin and transit countries, and of migrants.” (*supra*: 1571). O que nos parece uma postura mais razoável é admitir, na linha das outras propostas de Penninx (2010), a necessidade de integração dos vários níveis de análise. Tal integração passa, a nosso ver, por perspectivar os próprios movimentos migratórios enquanto parte de um processo global de transformação social em que o movimento de pessoas não pode ser dissociado das dinâmicas sociais mais largas, nas quais se inserem os próprios sistemas sociais globais, nomeadamente aqueles respeitantes às sociedades de acolhimento.

Esta perspectiva é desenvolvida por Castles (2010) que sublinha a necessidade de se integrar a investigação sobre as migrações num entendimento mais abrangente da mudança e complexidade nas sociedades contemporâneas:

“This requires forms of inquiry that start from a situation of rapid and generalised changes. I refer to these processes as *social transformation*, as a convenient label to facilitate discussion of the *complexity, interconnectedness, variability, contextuality and multi-level mediations of global change*.” (*supra*: 1566, itálico no original)

Na prossecução deste argumento o autor vai criticar determinadas tendências da análise às migrações que continuam a perpetuar uma postura simplificadora e a reificar categorias. Em seguida aprofundamos algumas destas questões, problematizando-as a partir da perspectiva que apresentamos nas temáticas delineadas na introdução deste trabalho e explorando algumas das possíveis contribuições do olhar antropológico na tentativa de ultrapassar tais tendências.

II. 2. “Nacionalismo metodológico”, novas categorias migratórias e os perigos da simplificação

Castles (2010) começa por notar como em larga medida as migrações continuam a ser entendidas pelo discurso político dominante enquanto um problema que precisa de ser resolvido, resultando em duas posturas fundamentais: Uma com um carácter mais liberal que assume que a raiz deste problema se encontra nos contextos disruptivos dos países de origem e que o que é preciso é abordar estes problemas, de forma a que os indivíduos não sintam necessidade de migrar; e outra, mais repressiva, que tende a limitar a entrada dos imigrantes indesejados criando mecanismos de maior controlo fronteiriço. A partir de Bakewell (2007) e do que este chama de *sedentary bias*, um discurso com origem na política colonial que é hoje em dia perpetuado pelas agências de desenvolvimento representando os migrantes como populações pobres que constituem uma ameaça à prosperidade e à ordem pública dos “países desenvolvidos”, Castles continua mostrando como as teorizações acerca das migrações globais devem tomar uma postura crítica em relação a esta tendência. Para isto é necessário partir de um entendimento das migrações enquanto fenómeno normal da vida social, fazendo parte de processos de mudança social complexos e variados, e assim afastar perspectivas demasiado próximas das agendas políticas dos países de acolhimento.

Esta necessidade de afastamento é sublinhada por outros autores (Beck, 2007; Glick Schiller, Caglar e Guldbrandsen, 2006) que abordam a questão do “nacionalismo metodológico” ou a forma como os projetos de construção da nação a partir do Séc. XVIII e a ideologia política por detrás dos mesmos, com a criação da ideia de pertença a um país e uma identidade, influenciaram o desenvolvimento das ciências sociais. Esta orientação toma o estudo dos processos sociais e históricos a partir de uma perspectiva que os aprisiona nas fronteiras dos estados-nação (Glick Schiller, Caglar e Guldbrandsen, 2006: 613). A recente recuperação de preocupações assimilacionistas entre os poderes políticos dos países do Norte é disto reflexo e pode conduzir à perpetuação de tais enviesamentos analíticos, na medida em que o

financiamento governamental da investigação normalmente tende a moldar as abordagens de acordo com estas preocupações (Castles, 2010: 1571).

Uma das formas como este “nacionalismo metodológico” tem continuado a operar nas ciências sociais é através da proliferação de trabalhos que partem da moldura analítica da etnicidade na abordagem aos fenómenos migratórios. Embora, como já mostrámos na Introdução, a antropologia tenha tido um papel importante na crítica e desconstrução dos entendimentos reificadores sobre a identidade étnica, grande parte da investigação continua a tomar como unidade privilegiada a “comunidade étnica”, como vimos na primeira parte desta secção com a discussão de alguns modelos da análise sociológica ao contexto migratório norte-americano. Ainda assim a antropologia é talvez a disciplina, como mostra Vertovec (2007), que nas últimas duas décadas produziu mais teorizações que tendem a procurar outros focos de análise, não só através da introdução de temáticas como o transnacionalismo e o género (Brettell e Hollifield, 2000) mas também de noções como a de creolização (Hannerz, 1987) ou cosmopolitismo (Hannerz, 1990).

Glick Schiller, Caglar e Guldbrandsen (2006) defendem que esta tendência deve ser consolidada, contrariando a anterior, diversificando-se o enfoque das abordagens uma vez que “The ethnic lens used by these scholars shapes—and, in our opinion, obscures—the diversity of migrants’ relationships to their place of settlement and to other localities around the world.” (*supra*: 613). Assim, e preferindo o uso do termo incorporação para escapar à natureza problemática de termos como o de assimilação ou integração, os autores partem para o estudo dos processos com esta relacionados tomando o indivíduo migrante, as redes que este cria e os campos sociais produzidos pelas mesmas como enfoque principal na sua análise. Os últimos são definidos enquanto redes de redes que podem ter uma natureza local, nacional ou transnacional e constituem a dimensão das relações sociais através das quais forças sociais mais largas criam, moldam e constroem os indivíduos migrantes e as suas redes. Esta é uma perspectiva, portanto, que apesar de partir de um nível mais subjetivo, está atenta à existência de outras dimensões e processos sociais mas não resume a incorporação dos indivíduos a nenhuma delas, focando-se antes na interação entre estas e nunca perdendo o nível individual de

vista. É a este nível, no fundo, que melhor podem ser percebidas as possibilidades de percurso em que cada modo de incorporação se pode desdobrar. Assim,

“The unit of analysis is no longer a hypothetical community represented by certain neighborhoods, businesses, churches, or recognizable last names. Instead, we follow individual migrants and their descendants into their various networks and social fields. And the object of study can include various pathways of incorporation that include but are not limited to ethnic pathways.” (Glick Schiller, Caglar e Guldbrandsen, 2006: 614)

A perspectiva de que a identidade étnica é apenas um dos idiomas (Chun, 2009) disponíveis para o posicionamento dos migrantes, parece-nos, torna-se mais útil no âmbito de uma análise que tenha em conta a complexidade que caracteriza os movimentos migratórios contemporâneos e constitui uma das linhas teóricas a partir das quais nos gostaríamos de posicionar neste trabalho.

Temos vindo a chamar a atenção desde o início deste capítulo, para a forma como as questões que estamos a abordar se tornam ainda mais pertinentes no contexto contemporâneo em que a crescente interação entre sistemas económicos culturais e sociais, bem como de pessoas e lugares, a dissociação entre sociedade e estado, e a interpenetração de várias dimensões do(s) mundo(s) sociais e culturais existentes tem consequências na forma como hoje se abordam as migrações. Vertovec (2006) aborda esta complexificação cunhando o termo *super-diversity* para dar conta da diversificação transformativa da variedade migratória, não apenas em termos das etnicidades ou países de origem, mas também em relação à pluralidade de variáveis significativas na caracterização dos seus percursos, como por exemplo em relação aos seus estatutos legais no país de acolhimento ou as motivações para a migração. Atestando a mesma evidência, uma série de autores (Benson, 2010; Benson e O'Reilly, 2009; Csedo, 2008; Smith e Favell, 2006; Tseng, 2011; Amit, 2007) têm-se concentrado na análise de formas migratórias que se afastam das imagens clássicas do migrante económico que se move dos países do sul para os países do norte.

Mas voltemos ainda a Castles (2010) e à segunda tendência simplificadora na análise às migrações que se torna útil aqui abordar e que está relacionada com estas

diferentes categorias de migrantes. Este observa como o aumento da atenção a movimentos migratórios motivados por objectivos como a prossecução de estudos, melhoria profissional, casamento, reforma, ou estilo de vida, e a consequente ênfase no conceito de mobilidade por contraste com o de migração, corre o risco de conduzir à uniformização acrítica das migrações contemporâneas sob o signo de uma ideia pós-moderna de mobilidade que camufla a verdadeira heterogeneidade por detrás das mesmas. Castles mostra como é mais útil continuar a utilizar o termo migração, precisamente no sentido de manter a atenção nos processos e condicionantes de diferenciação que resultam em diversas formas de movimento. Ao mesmo tempo se a existência de novas tendências migratórias, como as referidas, são um dos produtos da complexificação das migrações, reduzi-las a uma análise dicotómica entre elites móveis e pobres migrantes é não fazer jus à verdadeira complexidade de que decorrem nem à variedade de formas intermédias existentes.

Favell, Feldblum e Smith (2006) dizem o mesmo mostrando como o problema não se resume ao perigo de se incorrer numa uniformização que descarta as condicionantes a que estão sujeitos aqueles que não pertencem às elites, mas que a postura polarizadora obscurece realidades como as de migrantes qualificados que no contexto migratório não encontram aplicação para as suas qualificações, desenvolvendo trabalho não qualificado, ou uma série de outros casos como estudantes, de classes médias ambiciosas ou aventureiras, originários de países de desenvolvimento intermédio, que dificilmente poderiam ser considerados elites. O que os autores defendem é uma atenção aos contextos de cada caso que permita perceber os verdadeiros contornos por detrás dos tipos de migração normalmente atribuídos às supostas elites. Só desta forma se chegará, por exemplo, à percepção de correlações como aquela a que chegou Szelényi (2006) que mostra que quanto menos desenvolvido o país, mais tendência as suas elites têm para escolher prosseguir uma carreira internacional. É fácil perceber que assim seja quando em países como os do Norte de África é preciso ser-se elite para emigrar, enquanto este não é o caso em países mais desenvolvidos. Amit (2007), abordando o mesmo tipo de questões, reconhece que a variedade de indivíduos que hoje em dia iniciam um

processo migratório, seja este mais ou menos longo e persiga objetivos mais ou menos convencionais, partilham uma posição minimamente privilegiada, no sentido em que saem voluntariamente dos seus países e possuem os recursos para o fazer, mas que a grande maioria tende a refletir posições sociais muito mais próximas das classes médias do que dos indivíduos muito afluentes ou muito pobres. Isto não quer dizer no entanto que os seus movimentos decorram de uma convergência global de contextos, pelo contrário o que a autora diz é que o que liga os diferentes tipos de populações móveis na contemporaneidade é precisamente um conjunto de assimetrias:

“They travel because the value of their income stretches farther in one side than other. They travel because they have the time to do so when others do not. They move because their skills and expertise are better recompensed in one locale than another. They travel because their activities ‘away’ impart cultural capital – ‘overseas experience’ – when the same tasks carried out locally would be construed as mundane drudgery. They move because there are jobs in one locale and not in another. What drive all forms of movement are the potentialities unleashed by expectations and experiences of asymmetrical distinction.” (Supra: 8)

Por outro lado Amit discute a forma como diferentes modalidades podem partilhar características ao longo das várias dimensões que as atravessam levando a uma sobreposição de categorias e à dificuldade em distinguir entre as mesmas. Um dos exemplos decorre da erosão de fronteiras entre trabalho e lazer, que faz com que os objectivos migratórios possam incluir ao mesmo tempo a prossecução de melhores condições laborais e uma vontade de experimentar um novo estilo de vida em lugares determinados. Este é o caso dos estudantes internacionais que combinam muitas vezes os seus estudos com atividades laborais paralelas, aproveitando ao mesmo tempo a estadia num país estrangeiro para desenvolver atividades turísticas. Ironicamente, no caso de pertencerem a um país sem acordos de mobilidade com o país de destino (ao contrário do caso, por exemplo, da livre mobilidade entre estados membros da UE) e necessitarem de um dos vistos disponíveis para estas situações, acontece que muitos dos jovens ocidentais de classe média que compõem estes fluxos cabem hoje na categoria de *guest worker*

classicamente associada a um tipo de migração relativamente desvantajoso. Este tipo de sobreposições atesta mais uma vez a complexidade dos movimentos migratórios contemporâneos e a necessidade de nos mantermos atentos à sua simplificação.

Um corolário da imagem polarizada que abordámos mais acima tem a ver com a associação de um *ethos* cosmopolita às supostas elites globais em trânsito no mundo moderno. Enquanto por um lado esta ideia perpetua implicitamente uma atribuição diferenciada de capacidades de engajamento com o “outro”, essencializado as mesmas, frequentemente ignora o facto de que as ditas elites se movem em contextos talvez mais restritos e homogéneos que as não elites. Este é o caso dos profissionais europeus e norte americanos estudados por Fechter (2007) realocizados pelas suas empresas em dependências de Jacarta, na Indonésia, e que vivem como que dentro de “bolhas” ou “bunkers” convivendo apenas com os seus pares e abrigoando-se do “caos local” em espaços especialmente desenhados para “expats”. Amit, bem como outros autores (Kendal, Woodward e Skrbis, 2009; Muller, 2011; Ossman, 2007) mostra como o próprio conceito de cosmopolitismo se encontra envolto em dificuldades ao nível da sua definição e da identificação dos seus praticantes. Partindo da definição³ adiantada por Vertovec e Cohen (2002) questiona a utilidade sociológica do conceito, para além das suas capacidades retóricas, a partir da exposição da evidência do encapsulamento em que muitos dos protagonistas dos movimentos contemporâneos acabam por se encontrar. A posição que defende é por isso menos ambiciosa em relação à definição do carácter cosmopolita dos mesmos:

“It may therefore be that rather than searching for cosmopolitan transformations among the often regimented and bounded circuits of contemporary travel, we are more likely to find an engagement with diversity among people more modestly in search for satisfying – in terms of livelihood, status recognition – places

³ “(...) something that simultaneously: a) transcends the seemingly exhausted nation state model; b) is able to mediate actions and ideals oriented both to the universal and the particular, the global and the local; c) is culturally anti-essentialist; and d) is capable of representing variously complex repertoires of allegiance, identity and interest. In these ways, cosmopolitanism seems to offer a mode of managing cultural and political multiplicities.” (Vertovec e Cohen, 2002:4)

to set down. These prospective settlers may not be seeking to ride cosmopolitan waves of international mobility, but in their efforts to win space for themselves in new places, their unavoidable mundane encounters with ‘others’ may well effect more or less subtle changes in perspective and organization.” (Amit, 2007: 13)

Esta posição concorre para a definição de um entendimento do cosmopolitismo em nossa opinião mais equilibrado, que evita uma atitude “celebracionista” imaginando os espaços cosmopolitas enquanto “free havens of cultural exchange, where ‘groups of different religious and ethnic backgrounds intermingl[e] and exchange[e] ideas and lifestyles’ (Meijer, 1999:1)” (Kendal, Woodward e Skrbis, 2009: 15), e que se baseia antes na assunção de um quadro mais complexo. Ou seja uma posição que parte dos indivíduos para chegar a possíveis interações de carácter cosmopolita, em vez de partir do ideal de cosmopolitismo *per se* para caracterizar à priori e indiscriminadamente os movimentos contemporâneos de indivíduos.

O mesmo tipo de abordagem é defendido por Kendal, Woodward e Skrbis, (2009) a partir dos trabalhos de Hannerz (1992a), que refuta um entendimento das elites enquanto naturalmente propensas a comportamentos cosmopolitas, e Werbner (1999), que a partir de uma abordagem ao cosmopolitismo da classe trabalhadora mostra como este não é uma tendência essencialmente elitista. Estes exemplos servem aos primeiros autores para advogar uma postura capaz de dar conta do carácter fluido e complexo do conceito, assente no estudo das suas realidades mundanas ao invés de uma série de tipos ideais, utópicos e imaginários (Kendal, Woodward e Skrbis, 2009: 17). Na defesa desta postura os mesmos autores fazem algumas propostas interessantes para a sua operacionalização. Partindo da noção de “disposição”, através da definição dada por Bourdieu (2006 [1977]) na sua teorização acerca do *habitus* e focando-se no seu aspecto enquanto predisposição, tendência, propensão ou inclinação sugerem uma modificação desta noção no sentido de uma maior flexibilização da mesma. Um dos pontos fracos de se pensar o cosmopolitismo enquanto uma disposição, dizem, tem a ver com o facto de que a esta noção (no entendimento de Bourdieu) correspondem estruturas consistentes e homólogas, “inteiras”, no sentido em que são estruturadas e padronizadas de forma

consistente, e por isso relativamente inflexíveis, encorajando-nos a pensar a atitude cosmopolita de forma redutora. Para ultrapassar este facto os autores vão propor uma definição mais dinâmica, processual e reflexiva, partindo da sugestão de Hannerz para encarar o cosmopolitismo como um modo de manutenção de significados, e que resumem com a noção de “disposição performatizada”. Esta permite integrar os indivíduos e as suas disposições com os objetos e espaços no desempenho performativo de tal disposição. Esta noção permite ainda conceptualizar o cosmopolitismo como um tipo de repertório, um conjunto de ferramentas ou uma “sensitivity that people sometimes draw upon and other times ignore” e não apenas como algo “that people either have or do not have as part of some consistently structured and applied set” (Kendal, Woodward e Skrbis, 2009: 107). Na mesma linha acrescentam que a análise desta disposição deve ser baseada num enfoque às expressões quotidianas da mesma:

“(...) we think it’s advisable to focus on the grounding of such dispositions in everyday experiences: what people eat, watch, listen to, shop and buy and dream about. We see these repertoires as flexible, and sometimes contradictory. They are discursive, practical resources available to social actors to deal with emergent, everyday, global agendas and issues, related to things like cultural diversity, the global, and otherness.” (Kendal, Woodward e Skrbis, 2009: 107)

O que os autores defendem no fundo é que a utilização deste recurso prático e discursivo, esta forma de posicionamento perante a complexidade do mundo contemporâneo, deva ser abordado a partir da análise dos quotidianos dos indivíduos nas relações que estes desenvolvem, nomeadamente, com a materialidade à sua volta. Esta é também a perspectiva que defendemos neste trabalho, a partir das ferramentas próprias da antropologia, e que nos parece ser a mais adequada no sentido de dar conta da diversidade de posicionamentos possíveis num determinado contexto migratório e da forma como estão imbricados em dinâmicas sociais mais largas. Um tal tipo de procedimento resulta, na linha da argumentação que temos vindo a realizar, da necessidade de abandonar perspectivas reificadoras e essencializantes e de constantemente questionar a dicotomização das categorias de análise. Depois de termos demonstrado esta

necessidade, abordamos no próximo capítulo algumas das propostas da área dos estudos do consumo e da cultura material para completarmos a caracterização teórica do nosso quadro de análise. Mas não sem que antes nos debrucemos brevemente sobre o panorama dos estudos sobre emigração no contexto português.

II. 3. Emigração portuguesa

Os movimentos de população portuguesa para fora do território nacional têm sido uma constante na história moderna do país, tendo origens que remontam ao século XV e se encontram profundamente relacionadas com as transformações estruturais da sociedade portuguesa (Baganha, 1998; Baganha e Góis, 1998; Godinho, 1978) e com a própria legitimação histórica de uma série de mitos fundadores da nação (Reitano, 2006). Grande parte da análise a este fenómeno, que começa a ter um carácter mais sistemático a partir da década de 60 do século passado, está ligada a uma preocupação com a definição de “dados absolutamente seguros e [de] um modelo apropriado para compreendermos o referido processo” (Marinho Antunes, 1970: 300). Assim, e como chamam a atenção Melo e Silva (2009a), as abordagens das ciências sociais à emigração portuguesa têm-se limitado, em grande medida, à definição dos aspetos macrossociais e económicos ligados à quantificação e caracterização dos movimentos e à fundamentação económica dos mesmos (Arroteia, 1986; Ferreira de Almeida, 1964; Marinho Antunes, 1970).

Na verdade, e com expressão ainda mais significativa até aos anos 80, o volume de trabalhos deste tipo é grande e dominante na análise aos movimentos de saída das décadas de 50 a 70. Uma das preocupações era por exemplo a de documentar a expressão real das saídas clandestinas, uma vez que os registos oficiais sobre a emigração eram incompletos (Ferreira de Almeida, 1964). Outras abordagens procuravam a determinação das causas da emigração, apontando factores como a estrutura económica flutuante da sociedade portuguesa (Godinho,

1978), ou a atração por melhores salários fora do país (Murteira, 1965). Importa referir (em traços gerais) que durante este período migratório os fluxos eram constituídos fundamentalmente por populações oriundas de regiões essencialmente rurais, com baixos níveis de escolaridade e algum analfabetismo, cujas ocupações decorriam em grande medida de atividades ligadas ao sector primário e secundário da economia (Baganha e Góis, 1998; Marinho Antunes, 1970). A partir de meados da década de 60 a forte predominância masculina começa a ser contrariada, observando-se uma feminização das saídas, em muitos casos provocada por reunificações familiares (Baganha e Góis, 1998).

O aparecimento de trabalhos menos focados na caracterização dos movimentos e mais preocupados com as dinâmicas sociais específicas dos atores destes movimentos começam a aparecer a partir da década de 70, apresentando especial pendor para desenvolver análises centradas na “manutenção de vínculos a valores e práticas sociais transplantados (...) da sociedade ou da comunidade de origem” (Baganha e Góis, 1998: 243-244). Esta tendência, parece-nos, tem-se mantido partindo grande parte dos estudos de posições em que as “comunidades” portuguesas e a manutenção da identidade étnica ocupam grande parte da análise. Estes atêm-se nos processos de (re)construção da nação e de manutenção da etnicidade, em abordagens que tomam a “comunidade” étnica, muitas vezes na sua expressão associativista, como unidade preferencial de análise (Klimt, 2006; Leal, 2005; Melo e Silva, 2009b). Embora tais abordagens partam de um entendimento crítico do conceito como o defendido por Brubaker (2004), afastando-se de potenciais reificações, o seu alcance analítico fica relativamente limitado a questões de representação grupal, políticas de integração e mecanismos de revisão e/ou reprodução cultural.

No início dos anos 90 o anúncio, prematuro, sobre o final da emigração portuguesa tem impacto na diminuição dos estudos nesta área. A (aparente) quebra dos fluxos de saída a partir dos anos 80, a consolidação da imagem de Portugal como país desenvolvido no seio da comunidade europeia e a viragem da atenção para os crescentes movimentos de imigração para o país contribuíram para a criação de uma imagem onde a emigração não poderia ter lugar (Marques, 2009). Pensada a partir

do “paradigma do problema”, esta apareceria assim como uma incongruência no quadro de um país em prosperidade crescente. O discurso criado nesta altura por uma elite política convencida de que a saída da condição de país periférico significava o desaparecimento da emigração refletiu-se na diminuição da atenção pela comunidade científica a este fenómeno. No entanto, vários autores (Baganha e Peixoto, 1997; Baganha e Góis, 1998; Marques, 2009) mostram não só como nas últimas décadas do século passado os portugueses não deixaram de sair do país, mas ainda como essa saída continuou a aumentar a partir da década de 80. Marques (2009) debruça-se sobre esta questão discutindo algumas das transformações ocorridas ao nível estrutural e institucional, como por exemplo as decorrentes da adesão de Portugal à União Europeia, que levaram à criação de novas modalidades e destinos migratórios. Malheiros (2010) nota, também a este respeito, que:

“os perfis dos emigrantes portugueses parecem estar a sofrer alterações – as modificações estruturais no perfil das qualificações dos cidadãos nacionais associadas ao crescimento do desemprego entre os jovens, muitos dos quais qualificados, contribuem para o ligeiro rejuvenescimento (...) e a diversificação dos tipos de ‘emigrante português’.” (Malheiros, 2010: 138)

Enquanto por um lado as investigações de carácter mais substantivo aos movimentos mais recentes são quase inexistentes, aquelas já publicadas (Melo e Silva, 2009b) parecem reproduzir a tendência para uma aproximação a esta realidade a partir do grupo e da sua relação com os discursos identitários da nação. Ainda que consideremos este tipo de abordagem como pertinente, sendo provavelmente aquela que faz mais sentido nos contextos abordados por esta linha de trabalhos, parece-nos que ela não esgota as realidades migratórias portuguesas contemporâneas. A “diversificação dos tipos de ‘emigrante português’” a que Malheiros se refere no excerto em cima transcrito, pode estar a corresponder a uma diversificação das formas de vivência da migração e de posicionamentos identitários onde a utilização da moldura analítica da etnicidade não faz muito sentido. É também isso que pretendemos verificar neste trabalho.

III. Escolhendo uma lente: Cultura material e consumo

III. 1. Da ditadura do consumo à agencialidade do consumidor

As abordagens das ciências sociais ao fenómeno do consumo e à forma como os seres humanos se relacionam com a materialidade em geral, têm sofrido nas últimas décadas transformações importantes e que espelham o crescimento do interesse nesta área de estudos. A realização de uma análise transversal aos contributos das diferentes disciplinas que se têm debruçado sobre a mesma permite identificar duas linhas principais que decorrem, no fundo, de duas posições ontológicas distintas. A primeira parte de uma oposição fundamental entre espírito e matéria, entre pessoas e coisas, entre seres animados e inanimados, em que os primeiros são entendidos como possuidores de uma essência transcendental, de uma natureza pura, passível de ser corrompida pelos segundos. Esta perspectiva encontra-se bem cimentada nas fundações modernas da sociedade ocidental, tendo raízes nos pressupostos filosóficos kantianos bem como nos grandes dogmas da religião católica, e ostenta um argumento bem difundido ao nível do senso comum. A segunda linha parte de um entendimento da relação entre os seres humanos e a materialidade que decorre de uma continuidade entre estas duas dimensões e que não perspectiva tal continuidade como uma contradição ontológica mas como fundamental na relação humana com a realidade envolvente.

As teorizações decorrentes da primeira linha tendem a tomar o advento da sociedade de consumo e as transformações decorrentes do sistema de produção que lhe deu origem como paradigmáticos da relação humana com a materialidade, ao passo que as que se baseiam nos pressupostos da segunda, embora não neguem a importância de tal acontecimento, consideram mais útil observá-las enquanto mudanças ao nível da variedade ou quantidade das relações entre as pessoas e os objetos do que da qualidade ou natureza das mesmas. Assim, a partir desta última perspectiva, considerar por exemplo que o facto das sociedades tribais possuírem menos coisas faz com que sejam menos materialistas que as ditas sociedades de consumo resulta de uma ideologia primitivista que parte da assunção, também ela ideológica, de uma pureza perdida e torna a análise redutora (Miller, 2010: 5-6). Não obstante, o rico corpo teórico que parte de uma posição mais próxima dessa

primeira linha tem grande importância no desenvolvimento deste campo de estudos e merece uma atenção mais detalhada.

Uma visão menos extremada parte de um conjunto de autores (Campbell, 1987; McCracken, 1988; Mckendrick, 1982) que procuram explicações para o aparecimento da sociedade de consumo que vão servir de contraponto às abordagens que tomam a organização do sistema de produção como motor da história e transformação fundamental, apontado a revolução industrial e o início do século XX como o momento de mudança paradigmático na relação do Homem ocidental com o consumo. McCracken (1988) evidencia como logo no Século XVI se deu um “boom” consumista decorrente das estratégias da corte britânica para evidenciar a sua magnificência e poder e como o Século XVIII foi palco de um aumento do uso de objetos de consumo e de objetos “em moda”. Segundo este, a nobreza, levada pela rainha Elizabeth a sair de suas casas de campo e a frequentar a corte no sentido de obter os favores da rainha, começa a ter necessidade de se destacar entre os seus pares sobressaindo aos seus olhos através das roupas que usava, das festas que dava ou das prendas que oferecia. O autor mostra como estes acontecimentos tiveram impacto fora da corte, uma vez que a nobreza viu assim limitados os recursos a despender com a sua comunidade local, conduzindo a uma alteração da unidade de organização do consumo, da família para o indivíduo, e a uma maior distanciação entre os universos do senhor nobre e dos seus súbditos, que ainda assim seriam influenciados pelos padrões de consumo da nobreza. Para além disto, um novo princípio temporal começou a tomar forma pois “it was not the family heirloom with its accumulation of ancient honours that counted, but the new, the up-to-date, and the different” (Corrigan, 1997: 4), contribuindo para o surgimento da moda e para a quebra de importância da *patine* (que se refere ao valor das coisas pela sua antiguidade). Estas transformações tiveram várias consequências, solidificadas a partir do Século XVIII, como: uma democratização do acesso e um aumento das áreas de consumo, uma vez que deixava de ser necessário possuir-se uma riqueza “antiga”, de família, para aceder aos produtos; um crescimento da mimetização dos hábitos de consumo das classes altas pelas classes

baixas; e ainda, num movimento de reação, um contínuo esforço de diferenciação das primeiras e de nova imitação das segundas num ciclo sem limites aparentes.

Na mesma linha, McKendrick (1982) chama a atenção para a forma como a prosperidade económica na Inglaterra do Século XVIII contribuiu para o alargamento das necessidades e consequentemente da oferta de produtos de consumo, surgindo nesta altura as primeiras incursões da publicidade e do marketing no quotidiano dos indivíduos. Contribuindo para a cimentação da moda e o crescimento do seu espectro de influência, isto levou a que o valor de uso dos objetos começasse a perder importância e a ceder terreno aos ganhos sociais da ostentação destes bens, constituindo-se desta forma os alicerces para o desenvolvimento do processo de industrialização. A abordagem deste autor prova como a procura ao nível do consumidor precedeu a implementação do sistema de produção capitalista, encarando-a como parte do processo histórico que o produziu e não como um efeito deste sistema.

Campbell (1987) vai mais além e tenta perceber a origem ideológica destes alicerces e de que forma se prepararam as mentalidades, de acordo com uma ética e um espírito atuante à moda Weberiana, mas de certa forma completando a abordagem deste autor pela demonstração de que não só a produção, mas também o próprio consumo contribuiu para o nascimento do capitalismo. Neste sentido começa por tentar perceber quais as diferenças entre o consumo tradicional e o moderno apontando a “necessidade de necessitar” como infinita e estruturante da forma civilizacional dos nossos dias. Esta é encarada como um fim em si mesmo, decorrente da doutrina Romântica que privilegia a distinção e autonomia individual e incentiva a liberdade de experiências do *self* providenciando uma nova forma de viver o mundo para a grande massa da população. O consumo atual, para Campbell, decorre então de um hedonismo requintado, orientado para a maximização do prazer do indivíduo através do controle do significado das coisas ao invés do prazer retirado da fruição das coisas em si mesmas: “withdraw(s) from reality as fast as he encounters it, ever-casting his day-dreams forward in time, attaching them to objects of desire, and then subsequently ‘unhooking’ them from these objects as and when they are attained and experienced” (Campbell, 1987: 86-87). O

consumidor moderno tende assim a produzir o contexto do seu prazer pessoal através da manipulação construtiva de ilusões, como se sonhasse acordado através dos objetos e da fruição estética dos mesmos. Campbell encara esta relação entre consumidor e objeto a partir da capacidade construtiva do primeiro, atestando (através da abordagem ao contexto histórico e ideológico que produziu tal relação) em conjunto com os autores anteriores, a importância de outros mecanismos (decorrentes da génese do próprio consumo) no desenvolvimento da sociedade de consumo. Desta forma a ênfase na centralidade da implementação do sistema de produção capitalista e na forma como este é determinante para a definição de comportamentos consumistas, é questionada.

Já as abordagens decorrentes daquela que ficou conhecida como a escola de Frankfurt baseiam-se precisamente no entendimento do capitalismo enquanto transformação subversiva da relação do ser humano com os objetos. Estas abordagens partem das teorizações marxistas, onde o consumidor da sociedade capitalista é visto como incapaz de distinguir entre aquilo que lhe é necessário e aquilo que não é, acabando por consumir produtos cuja utilidade é somente aquela de enriquecer aqueles que organizaram a sua produção e circulação através da exploração do trabalho assalariado de baixo custo (Marx, 1974 [1867]). Tais produtos tornam-se, neste processo, mercadorias alienadas do seu valor uso pela incongruência entre trabalho e apropriação do produto desse trabalho no sistema capitalista. A ocultação dos processos pelos quais as mercadorias passam até chegarem ao consumidor faz com que estas assumam o carácter de fetiche e tendam a substituir as relações entre as pessoas por uma espécie de simulacro das mesmas. Nesta perspectiva a troca de mercadorias ou o seu consumo só afastam os sujeitos de uma verdadeira apropriação dos seus mundos, uma vez que esta só é possível a partir da transformação criativa da materialidade através do trabalho. Só libertos dos constrangimentos impostos pela produção capitalista estes serão capazes de produzir valor real. A mercantilização decorrente do sistema capitalista é vista como uma forma de abstração totalizadora das relações humanas, negando o poder do consumidor na percepção do valor e diversidade dos objetos.

Estes postulados clássicos foram desenvolvidos pela escola de Frankfurt que argumenta que a capacidade comunicativa dos objetos foi sistematicamente distorcida pela procura incessante de lucro capitalista. A produção desenfreada de bens e a necessidade do seu escoamento levou à crescente dominação e manipulação do consumidor através do desenvolvimento de técnicas que serviram a estilização do consumo. Horkheimer e Adorno foram talvez os principais protagonistas desta escola de pensamento, atendo-se particularmente na crítica daquilo que viam como uma cultura de massas, produto da homogeneização entre “alta” e “baixa” cultura e sua comercialização através da “indústria cultural” exposta à lógica de mercado: “Culture today is infecting everything with sameness. Film, radio, and magazines form a system. Each branch of culture is unanimous within itself and all are unanimous together.” (Horkheimer e Adorno, 2002 [1987]: 94). Esta simplificação e conformação da cultura ao sistema servem assim, segundo esta perspectiva, a lógica capitalista cujo imperativo para a produção orienta e determina as práticas de consumo dos indivíduos. Marcuse (2002 [1964]) segue nesta linha mostrando como o sistema capitalista criou o “Homem unidimensional” a partir da manipulação daquilo que seriam necessidades “reais” e sua multiplicação em necessidades “falsas” que funcionam como mecanismos de controle, limitando a criatividade individual.

Embora estas perspectivas sejam importantes, no sentido em que chamam a atenção para as implicações políticas do consumo contemporâneo ou para a forma como este não pode ser totalmente entendido fora do sistema promocional, elas ignoram largamente a multidimensionalidade e complexidade ligada a este fenómeno quando assumem o consumidor enquanto um receptor passivo das tendências impostas pelo sistema. Para além disso a argumentação a partir de dicotomias como as de “alta” e “baixa” cultura ou necessidades “reais” e “falsas” tem implícita uma visão essencialista entre natureza e cultura, que (na linha da argumentação com que iniciámos esta secção) opõe um suposto estado de necessidade natural a uma cultura manipuladora e capaz de deturpar a “pureza” original do ser humano e que parte de uma atribuição de valor (ideológica) a umas e

outras. Isto obscurece o facto de que os entendimentos acerca daquilo que constitui ou não uma necessidade, são eles próprios construídos culturalmente.

Douglas e Isherwood fazem esta chamada de atenção, iniciando de forma pioneira uma viragem importante nos estudos do consumo que transferiu a ênfase da análise na produção para o consumo: “So if we define consumption as a use of material possessions that is beyond commerce and free within the law, we have a concept that travels extremely well, since it fits parallel usages in all those tribes that have no commerce.” (Douglas e Isherwood, 1996 [1979]: 37). Numa linha de trabalho nitidamente antropológica, e por isso procurando uma definição de consumo culturalmente transversal, estes autores mostram como os indivíduos constroem as suas vidas também a partir dos objetos que os rodeiam, atribuindo-lhes diferentes significados de acordo com o contexto cultural, e os utilizam como intermediários nas suas relações sociais. Um dos exemplos que usam para o sustentar é o da importância dos objetos na performance ritual das sociedades humanas, mostrando como estes servem de *empowerment*, ao materializarem no plano físico as intenções espirituais dos indivíduos. Os bens, dizem, constituem ainda fontes de identidade social e transportam significados sociais específicos: “They are capable of creating or enacting cultural assumptions and beliefs; they give such beliefs a reality, a facticity, what Douglas and Isherwood would call a concreteness, that they would not otherwise have. They have the effect of stabilizing human life.” (Lury, 1996: 14).

Na mesma linha, outros autores têm desenvolvido o pressuposto de que os objetos funcionam como símbolos que comunicam fronteiras sociais e culturais. Estes podem assim constituir poderosos comunicadores de status, sendo utilizados como forma de distinção social. Veblen (1994 [1899]) foi pioneiro nesta abordagem, associando o aparecimento de uma “classe do ócio”, detentora de grande riqueza mas pobre em *patine*, que se ocupava na demonstração pública desta riqueza utilizando-a para alcançar as suas pretensões sociais, como mostra Corrigan (1997):

“Just as the unproductive consumption of time is honourable, so too is the unproductive consumption of goods. In Veblen’s model, consumption of goods by the lower classes is supposed to be merely for their continued reproduction, while

only the upper classes can consume for reasons that go far beyond subsistence, consuming conspicuously in order to indicate their qualities to the world.” (*supra*: 23).

Este autor diz ainda que nos grandes centros urbanos esta necessidade de consumo sumptuário torna-se ainda mais importante que nas comunidades locais, pois a quantidade de estranhos a impressionar é muito maior, contribuindo assim para o aumento do consumo nas mesmas (Veblen, 2000 [1925]: 41).

Bourdieu (2006 [1977]) é um dos autores mais importantes e influentes deste tipo de abordagem. As suas teorizações permitiram mostrar como a utilização do consumo enquanto forma de distinção se estende a todos os indivíduos e não apenas a uma determinada classe ou contexto, como defendia Veblen. Para além disto, ao definir o consumo enquanto prática, a partir do qual a ação humana pode ser construída como algo material e concreto, este autor suplantou as teorias semióticas, assentes no consumo como mera representação ou troca de símbolos ou signos.

Esta última perspectiva tinha sido desenvolvida por Baudrillard (2005 [1968]) que, ainda na linha dos autores da escola de Frankfurt e da sua preocupação com o sistema de produção capitalista, sustentava que nas sociedades pós-industriais os objetos constituem uma linguagem própria, independente dos sujeitos, a partir da qual falam sobre si e dos modos como se posicionam uns em relação aos outros. Os seus significados vêm-se assim subordinados aos signos ou imagens que os representam. Os últimos ganham por isso uma autonomia que leva à sua dissociação em relação aos próprios objetos. Assim constituídos, formam um sistema de referenciação interna de tal forma consistente que eles próprios acabam por substituir a realidade:

“The point is though, that *the consistency here is not natural consistency of a unified taste but the consistency of a cultural system of signs*. (...) But it is incontestable, too, that its logic, which is that of a combination of signs, is irreversible and limitless. No object can escape this logic, just as no product can escape the formal logic of the commodity.” (*supra*: 41, itálico no original).

Nesta perspectiva os objetos não significam nada fora de si próprios contribuindo para um esvaziamento de conteúdo onde os sujeitos aparecem como

simples instrumentos na expressão de diferenças entre objetos e as suas identidades são definidas de acordo com padrões de consumo cujo significado não controlam.

Bourdieu recupera então a relação entre indivíduos e objetos desta aura de abstração propondo uma teoria da prática assente na noção de incorporação ou *embodiment*, um processo que se funda na inscrição corporal das experiências passadas. Através dos processos de socialização e educação, a experiência individual é moldada desde os primeiros anos de crescimento, a partir de determinados elementos que estruturam a sua ação. Estes elementos são o que o autor chama de disposições internalizadas, e que se encontram organizadas num sistema ou *habitus* que organiza os seus consumos e estilos de vida:

“The habitus is necessity internalized and converted into a disposition that generates meaningful practices and meaning-giving perceptions; it is a general, transposable disposition which carries out a systematic, universal application – beyond the limits of what has been directly learnt – of the necessity inherent in the learning conditions. That is why an agent’s whole set of practices (or those of a whole set of agents produced by similar conditions) are both systematic, inasmuch as they are the product of the application of identical (or interchangeable) schemes, and systematically distinct from the practices constituting another life-style.” (Bourdieu, (2006 [1977]): 166)

Diferentes *habitus* produzem e simultaneamente reflectem diferentes posicionamentos sociais, pelo que a teoria de Bourdieu assenta numa correspondência entre este mecanismo estruturante e a divisão do mundo social em classes. As identidades sociais são assim definidas e confirmadas na performatização do *habitus*, através do mecanismo do gosto. Este é o operador prático por detrás da transmutação dos objetos em sinais de distinção e funciona de acordo com uma distribuição desigual das duas (principais) formas de capital, cultural e simbólico, por diferentes grupos na sociedade. As práticas de consumo são assim o reflexo da génese cultural do gosto, a partir da posição específica (determinada pela quantidade e qualidade de capitais adquiridos) no espaço social a partir da qual têm origem. Na competição por estas posições os indivíduos tentam impor os seus sistemas de classificação de forma a se destacarem dos seus pares e a fazerem prevalecer as suas valorizações e simbólicas dos objetos disponíveis para consumo.

Esta linha de investigação, que tende a inverter a tendência da academia para privilegiar a produção em detrimento do consumo na análise da “sociedade de consumo”, ganha confirmação etnográfica através das investigações de Miller (1997). Num esforço para demonstrar como este não é mero acto final de uma cadeia que se inicia com produção e que é mediado pela distribuição, definindo-o antes como mais uma etapa deste processo, mostra como o consumo acaba por ser mais importante que as outras duas etapas enquanto *locus* a partir do qual mudamos e desenvolvemos as nossas relações sociais. Enquanto consumidores não aceitamos passivamente o *gap* entre produção e uso, nem a relação de segunda mão criada por este, sendo que a nossa intenção é sempre a de apropriar e usar de acordo com os nossos próprios objectivos. Assim, Miller mostra como o momento de aquisição dos bens é de grande importância neste processo, uma vez que é através desta que os sujeitos contrariam o carácter alienante da mercadoria e a tornam inalienável através da sua acção, atribuidora de sentido, distinguindo esses bens de todos os outros. Partindo de exemplos etnográficos específicos, em que prova que na maior parte dos casos o consumo não tem nada a ver com a maximização do uso individual mas muito mais com a manutenção de relações interpessoais (Miller, 1997: 45), refuta as abordagens “anti-materialistas” e “economicistas”, que tendem a ver a relação moderna das pessoas com o consumo como desumanizante, e mostra que, tal como acontecia nas sociedades pré-industriais, os indivíduos fazem apropriações dos objetos e os utilizam na construção identitária de si mesmos.

No entanto esta viragem das abordagens mais recentes, da produção para o consumo, não implica necessariamente uma desvalorização da primeira dimensão, bem como da que as medeia, a distribuição. Os três momentos devem ser antes tomados em conjunto, como partes de um processo complexo com nuances diversificadas e contextualmente significativas. No sentido de assinalar a importância deste tipo de abordagem importa ainda referir a contribuição de Appadurai (1986) para o estudo da cultura material, cujo valor reside precisamente na forma como este autor não se atém exclusivamente a um momento daquela que chama a “vida dos objetos”. Estes são encarados como “entidades vivas” cujo significado se vai transformando à medida que vão percorrendo os circuitos em que estão inseridos constituindo-se assim uma narrativa, através da qual é possível discernir a variedade

de sentidos e a multiplicidade de usos diferenciados que os objetos tomam quando “animados” pela ação humana.

O que todas estas abordagens têm em comum é a atribuição de poder (interpretativo e de manipulação de significados) ao indivíduo na relação com a materialidade. Este passa de receptor passivo das tendências definidas pelos mercados ditadores a agente ativo com capacidade para realizar escolhas, interpretar e apropriar-se de forma diferenciada da materialidade à sua volta. A relação inverte-se e os objetos é que acabam por ficar, nesta equação, subordinados aos indivíduos, no sentido em que sem a ação (criadora) humana estes não encontram existência “real”.

Esta última perspectiva encaixa portanto na segunda linha de análise que identificámos no início desta secção e que tem caracterizado as contribuições mais recentes deste campo de estudos. Como esta prova, se o consumo não é uma contradição na relação humana com a realidade, a análise da cultura material abre possibilidades para a teorização das ciências sociais que podem ser de utilidade na procura de respostas às grandes questões que estas sempre têm levantado. Em seguida exploramos um pouco mais a fundo algumas destas questões ao mesmo tempo que completamos a definição do quadro teórico que adoptámos neste trabalho.

III. 2. Para além do *Habitus*: Cultura material e o conceito de estética em Miller

“Distinction” (2006 [1977]), o trabalho onde Bourdieu desenvolveu o corpo teórico da sua abordagem ao consumo, constitui um marco deste campo de estudos servindo de inspiração a muitos dos trabalhos que se seguiram. A sua importância decorre de vários factores. Em primeiro lugar ele funda-se naquilo a que noutro trabalho (Bourdieu, 2006 [1977]) o autor já tinha desenvolvido como uma teoria da prática. Esta tem particular valor porque, equiparando-se às preocupações clássicas

de cientistas sociais como Durkheim ou Weber, procura um sistema explicativo capaz de responder de forma eficaz ao enigmas por detrás da reprodução cultural e social. Esta constitui assim uma teoria da socialização que, para além disso, ao partir da relação entre indivíduos e materialidade (ou seja, das práticas) atende à cultura enquanto prática apresentando vantagens sobre outras teorizações que ao contrário desta partem de um entendimento da cultura enquanto atividade intelectual, psicológica, como o fazem os modelos cognitivistas, limitando-se muitas vezes ao plano do abstracto. Para Bourdieu a socialização equivale ao processo de habituação, fundamentalmente durante a infância, com a ordem das coisas à nossa volta na repetição das rotinas diárias, na interação constante com essas coisas. É nesta ordem, que vai sendo inconscientemente impressa nos sujeitos, que se funda o *habitus*. Esta noção representa ainda uma tentativa de, como já mostrámos mais em cima, ultrapassar a tendência para abordar o consumo a partir de uma série de dicotomias.

Em segundo lugar “Distinction” representa um esforço extraordinário de fundamentação empírica do já de si complexo argumento teórico, procurando chegar a uma análise holista do consumo na sociedade francesa. Bourdieu mostra como nesta o consumo é essencial à estratificação social, caracterizando cada estrato de acordo com especificidades que mostra decorrerem de uma consolidação das práticas de consumo em torno de uma série de campos de prática social ou tipos de consumo.

No entanto este trabalho tem sido alvo de algumas críticas e revisões importantes. A mais óbvia e talvez mais importante tem a ver com o facto do autor enfatizar demasiado o carácter estruturante do *habitus* como se ilustra no seguinte excerto:

“The habitus is not only a structuring structure, which organizes practices and the perception of practices, but also a structured structure: the principle of division into logical classes which organizes the perception of the social world is itself the product of internalization of the division into social classes.” (Bourdieu, 2006 [1977]: 166)

Esta perspectiva encapsula os indivíduos nas suas pertenças de classe, tornando a sua abordagem demasiado hierárquica e determinista no sentido em que exclui à partida a capacidade de determinados indivíduos acederem a uma série de consumos se não contemplados pelo gosto da sua classe. Isto cria o perigo de se resumir todo o consumo a uma lógica de distinção que se limita a reproduzir as posições sociais dos atores, reduzindo as escolhas de consumo à expressão de uma lógica posicional e hierárquica. Pode mesmo dizer-se que há aqui um entendimento implícito da cultura que aproxima o autor das abordagens ideológicas, porque valorizadoras de determinados tipos de consumo em detrimento de outros, como aquelas de que partiu a escola de Frankfurt.

Num estudo recente (Bennett, Savage, Silva, Warde, Gayo-Cal e Wright, 2009), que em parte mimetizou os procedimentos de Bourdieu na investigação de que decorreu “Distinction” aplicando-os à sociedade britânica, questionam-se precisamente estas contendas a partir de resultados que apontam para a influência de uma multiplicidade de factores na constituição do *habitus*, para além da classe, e para uma maior complexidade nos padrões de divisão sociocultural que aqueles apresentados pelo autor francês. Segundo os seus autores, os resultados deste estudo apontam para a forma como o *habitus* não se baseia num conjunto de disposições unificado e enraizado numa posição de classe específica, mas antes “is more typically written across in complex and sometimes contradictory ways, depending on how class, gender, age, ethnicity interact in the process of person formation” (Bennett, Savage, Silva, Warde, Gayo-Cal e Wright, 2009: 3). Assim, a sua abordagem vai no sentido de propor uma desagregação do conceito de capital cultural, multiplicando-o numa série variada de tipos de “propriedades” ou “capacidades culturais”, capazes de revelar as diversas formas a partir das quais os recursos culturais se encontram organizados e mobilizados em diferentes tipos de relações sociais.

Na mesma linha Sassatelli (2007) nota que, ainda que estejam longe de constituir a expressão direta de uma individualidade considerada natural ou assente num cálculo individualista e interesseiro, nem todos os estilos de consumo são facilmente redutíveis (mesmo que mediados pelo *habitus*) aos capitais culturais,

económicos ou sociais daqueles que os adoptam. Assim adianta a seguinte proposta: “it may be useful to consider whether there is a relatively autonomous *consumer capital* and that at least in some cases, it is the practices of consumption itself which create a structure for the standardization of taste.” (*supra*: 95, itálico no original).

Enquanto as sugestões destes autores nos parecem interessantes, constituindo aperfeiçoamentos muito úteis à teoria de Bourdieu, principalmente a dos primeiros autores pois chama a atenção para a multidimensionalidade de factores presentes nas escolhas de consumo dos sujeitos, gostaríamos de desenvolver com maior pormenor uma abordagem de outro autor que ainda assim nos parece mais completa ou pelo menos mais vantajosa no âmbito da nossa investigação. Este autor é Miller cujas teorizações, por terem um pendor mais etnográfico, se relacionam melhor com a natureza dos dados que constituem o cerne da análise deste trabalho. A sua abordagem, que lhe permite alcançar um olhar substantivo, atento na cultura material a partir da importância que as relações humanas assumem no seu estudo, define um quadro analítico onde indivíduo e sociedade não são vistos enquanto meros opostos e em que a materialidade aparece como conciliadora da relação entre as duas dimensões.

As contribuições deste autor têm vindo a desenvolver-se de forma interessante, no sentido em que argumentam que a perspectiva antropológica é enriquecedora no âmbito de um quadro analítico que parta para o estudo do social através de uma abordagem à materialidade. Isto é evidente em primeiro lugar a partir das suas próprias incursões etnográficas e pela interpretação que faz das mesmas. A refutação que faz, por exemplo, das explicações funcionalistas mostrando a pouca utilidade que provam ter na elucidação das relações das pessoas com o vestuário: “In Trinidad, India and London everyone uses clothes to keep warm and dry, but that tells you pretty much nothing of interest about our relationship to clothing.” (Miller, 2010: 46), é disto sinal chamando a atenção para a necessidade de se atentar nos significados que os próprios sujeitos retiram da sua relação com os objetos. Assim, partindo de uma abordagem mais aprofundada de cariz etnográfico, através do trabalho de campo que realizou numa vila Indiana percebeu que a utilização de tipos diferentes de vasos no armazenamento de água não poderia ter

nada a ver com a funcionalidade, mas ao mesmo tempo escondia significados que não decorriam do acaso: “In short, the reason why fifty different pots are produced reflects the complexity and elaboration of symbolic ritual and social distinctions.” (Miller, 2010: 48). Mas Miller é também claro a sublinhar que a sua interpretação não pretende reduzir “these symbolic representations, in turn, to some kind of fundamental social distinction.” (Miller, 2010: 48), mostrando como uma teoria da representação pura diz pouco sobre as relações efetivas entre as pessoas e as coisas tendendo sempre para uma redução das segundas às primeiras. A sua ambição torna-se assim na procura de uma teoria das “coisas” que não seja redutora das relações sociais por detrás destas. E os fundamentos desta encontra-os mais uma vez nas explicações dos seus informantes: “As the villagers were telling me, the pots are not the point, they are the frame. Material objects are a setting. (...) The surprising conclusion is that objects are important, not because they are evident (...) but quite the opposite.” (Miller, 2010: 46). Esta constatação permite-lhe chegar a um dos seus pressupostos mais importantes e que tem a ver com a forma como a importância dos objetos está precisamente na sua “humildade”. Assim, quanto menos damos conta dos objetos, mais determinantes eles são para as nossas expectativas, fixando os cenários e assegurando o comportamento apropriado, sem que desafiem a ordem que ao mesmo tempo sustentam. Estas proposições têm alguma correspondência, como o próprio admite, com aquelas defendidas por Bourdieu. Mas Miller não se fica por aqui e vai mais além de Bourdieu a partir dos contributos da filosofia Hegeliana e do reequacionamento do conceito de “objectificação”, com base na noção de *self-alienation* de Hegel. Para este filósofo este último conceito representa um momento criador de consciência pelo posicionamento de algo fora do indivíduo. Este processo não está isento de contradições, como aquelas em que Marx funda os pressupostos da sua teoria, mas Miller mostra como é na aceitação dessas contradições que reside o poder criativo do conceito: “Clearly stuff can be turned against us and become oppressive, but it is preferable to see this as a contradiction, rather than the only way to characterize our relationship to things.” (Miller, 2010: 60-61). Pela asserção destes factos o autor pretende ultrapassar as teorias das “coisas” enquanto representação pura baseando-se num renovado entendimento do conceito de *self-alienation*, a partir da

“objectificação”. A partir de outro pensador influente, Simmel, Miller mostra como os objetos não são naturalmente opressivos, simplesmente têm a capacidade (os tais efeitos contraditórios) de se tornar opressivos. Mas para além desta capacidade eles possuem a capacidade criadora de sentido e de ordem no mundo como o autor mostra a partir de exemplos retirados da cosmologia dos Walbiri, uma tribo aborígene estudada por Nancy Munn: “They recognize that there are prior forces which have already created the world in which we come to be socialized. But in turn we can come to act upon those forces. (...) So both ancestors and contemporary people externalize themselves as culture and recognize themselves in that which has been created. They objectify.” (Miller, 2010: 64-65).

Num outro trabalho Miller (2008) chama a atenção, a partir dos mesmos pressupostos da dialética Hegeliana, para a forma como os objetos são uma parte integral e inseparável das relações humanas, estendendo o seu entendimento da criação de ordem no mundo a partir da “objectificação” às mesmas relações. Ou seja, os indivíduos não criam ordem apenas pela exteriorização de si próprios a partir das relações desenvolvidas com os objetos mas também com as pessoas. Baseando-se numa série de retratos etnográficos onde explora a enorme variedade destas relações (a partir de uma só rua da cidade de Londres) o autor mostra como os prenúncios pós-modernos da fragmentação individual na sociedade contemporânea são em certa medida prematuros e infundados: “On the contrary, among the things once accomplished by religion or by the state but now increasingly delegated downwards, to individuals and households, is the responsibility for creating order and cosmology.” (Miller, 2008: 293). Esta ordem é precisamente criada através destas relações, com pessoas e com “coisas”, e que incluem tanto rotinas e padrões sociais como materiais criando significado nas suas vidas. Ela é conceptualizada por Miller como uma “estética”, frequentemente contraditória, múltipla e em constante mudança, e que representa acima de tudo uma configuração dos valores, sentimentos e experiências humanas: “These are orders constructed out of relationships, and emotions and feelings run especially deep in relationships. Whether these are to a collection of objects, divorced parents, the landscape of a

living room, a pet dog, or the intricacies in the life of a stable couple.” (Miller, 2008: 296).

Estas argumentações são levadas um pouco mais longe na tentativa de conciliação entre uma abordagem focada nos indivíduos e sua agência e uma abordagem a partir das condicionantes estruturais decorrentes dos sistemas sociais em que se inserem, que o mesmo autor realiza num terceiro trabalho (Miller, 2009). Aqui clarifica como a utilização do termo “estética” apesar de não se basear em nenhum entendimento relacionado com a sua utilização em campos como o da arte, nem pretender veicular nenhum julgamento sobre a beleza em si, implica ainda assim, (uma vez que emergiu como uma forma de referência para uma ordem ou consistência internas) questões de harmonia, equilíbrio e contraste nesta ordem. Uma outra nota importante tem a ver com a forma como a consistência interna de uma determinada ordem individual, e seus pontos de identificação, pode noutro contexto ou para outros indivíduos (que estejam excluídos ou não partilhem esta experiência do mundo) ter ao contrário propriedades alienantes, prejudiciais e diminuidoras de poder.

A conciliação que se propõe fazer, sugerindo para isso que se parta desta “estética” fundamental presente em cada mundo individual, aparece mais uma vez como a confirmação da sua aceitação das contradições inerentes à vida social uma vez que admite que estas surjam inevitavelmente “when we are simultaneously trying to convey something about society and the individuals who live within them.” (Miller, 2009: 12). Que Miller seja capaz de o fazer abordando uma das questões fundamentais para as ciências sociais, aquela que se funda na definição da relação entre indivíduo e sociedade, parece-nos a grande conquista do autor, ao mesmo tempo elevando a antropologia a protagonista privilegiado nesta definição:

“So this new application of traditional anthropological perspectives to the study of individuals is surely an extension, rather than a reduction, of the significance of the discipline itself. It stands as respect for the forces that create individuals as well as for the individuals that live with and through such constraints and potentials. In focusing upon individuals we enhance, rather than detract, from

our appreciation of that premise for anthropology – the creative capacity of society.”
(Miller, 2009: 20)

IV. Metodologia

IV. 1. Seleção de técnicas

A investigação que serviu de base a esta dissertação foi realizada a partir de um quadro metodológico qualitativo, mais especificamente recorrendo a técnicas de cariz etnográfico. A metodologia etnográfica, entendida enquanto processo desde a formação do tema até às conclusões, constitui um modelo cíclico de pesquisa, que promove um diálogo constante entre a recolha de informação empírica e a base de informação teórica. No decorrer da investigação tentámos estabelecer um diálogo entre estas duas dimensões de forma a que houvesse uma evolução continuada, um crescendo de informação sobre o tema (potenciado pela etnografia). Neste sentido, as técnicas de recolha utilizadas foram:

a) Observação participante: recolha de informação a partir da observação no terreno, a observação permitiu ultrapassar o nível discursivo e ter acesso às práticas. Alguns informantes tenderam a manter alguma distância, dificultando o estabelecimento de uma relação de confiança que permitisse aceder sem restrições aos seus quotidianos, tendo por isso sido alcançados diferentes níveis de profundidade na informação assim recolhida. A observação foi realizada fundamentalmente a partir dos momentos de lazer dos informantes, embora nalguns casos algumas dinâmicas domésticas tenham sido também contempladas;

b) Entrevistas semi-diretivas: recolha de informação de forma mais estruturada mantendo no entanto a liberdade de expressão dos interlocutores, estas permitiram aceder ao nível discursivo e a informações de tipo sociográfico, importantes para a caracterização de cada informante e posterior análise ao nível das variáveis estruturais. Estruturadas a partir de tópicos gerais que interessavam aprofundar estas foram realizadas a partir de quatro temáticas principais, organizando-se assim em quatro blocos de questões mais ou menos abertas. Os guiões foram sendo construídos à medida que a investigação foi decorrendo de forma a integrar pistas de análise que surgiram no decurso da mesma. Assim, as

diferentes entrevistas foram aplicadas em momentos da investigação distintos que tiveram também em conta os ritmos de imersão no terreno conforme a relação estabelecida com os informantes;

c) História de vida: foi utilizada apenas como técnica complementar e não como método em si, ou seja foram recolhidas informações relativas a relatos, memórias e emoções importantes nos percursos dos informantes e que dão sentido à narrativa das suas histórias de migração, não sendo o objectivo chegar à descrição completa e aprofundada de toda a sua vida. Esta perspectiva foi tomada pois entendemos que a atenção às trajetórias dos informantes permite uma análise de tipo longitudinal que contextualiza e ajuda a justificar os resultados (Silverman, 2010 [2000]);

d) Recolha de documentos: foram recolhidas algumas estatísticas oficiais de forma a se caracterizar genericamente o movimento migratório português para a Holanda e os números de residentes portugueses em Amesterdão. Ao nível dos documentos pessoais recolheram-se, sempre que possível, fotografias retiradas pelos informantes que tivessem de alguma forma utilidade na análise;

A utilização destas variadas técnicas pretendeu maximizar a utilização do método etnográfico e conseguir uma aproximação holista, o mais aprofundada possível, da realidade em estudo. Esta seleção metodológica decorre da natureza do objeto, uma vez que este é composto pelos discursos e práticas de um conjunto restrito de indivíduos, mas também com a minha formação e afinidades teóricas.

A tradição antropológica, ao privilegiar abordagens de carácter intensivo e indutivo, procura compreender e descrever as especificidades de determinado universo de forma aprofundada e, a partir da análise das mesmas, induzir esquemas de relacionamento e de construção de sentido entre os constituintes desse universo (Geertz, 1973). Se por um lado tal praxis permite chegar a um conjunto de dados rico em conteúdo ao mesmo tempo apresenta frequentemente dificuldades ao nível da

representatividade destes dados. Consciente deste risco, esta investigação não tem pretensões de generalização dos seus resultados contentando-se em retirar validade da descrição e análise dos casos sobre os quais se debruçou, por representarem uma parte da realidade existente, fazendo assim “an emphasis on the value of even a single case since, like a black swan, it can test a general rule.” (Flyvbjerg, 2004: 421 citado em Silverman, 2010 [2000]: 270).

IV. 2. Seleção de temas

A seleção dos temas a partir dos quais se recolheram os dados desta investigação foi feita de acordo com o quadro teórico traçado nos capítulos anteriores. Assim os guiões de entrevista construíram-se a partir das quatro grandes temáticas expostas em seguida, encontrando-se o modelo detalhado dos guiões no anexo A. A forma como as temáticas principais foram abordadas, ou seja a construção das questões a partir das quais se procurou que os informantes delas falassem, decorreu ainda do desenvolvimento do trabalho de campo e das pistas que daí foram saindo. Embora à posteriori se tenha concluído que algumas questões tiveram pouca utilidade na análise, e que poderiam ter sido dispensadas, parece-nos de qualquer forma importante que tenhamos partido de um conjunto mais largo no sentido da afinação dos temas relevantes em futuras abordagens. Para além de que, e não querendo atestar o óbvio, só depois de experimentar a aplicabilidade de determinadas temáticas é que poderíamos ter aferido a sua pertinência.

As conversas informais e observações realizadas durante o trabalho de campo orientaram-se também a partir dos vectores traçados por estas temáticas.

Temáticas Principais:

a) Sociografia: compreende questões que permitem posicionar os informantes de acordo com as condições estruturais e especificidades do seu percurso de vida. Pretende chegar a indicadores como a origem social, educação e estruturas de oportunidade e às variáveis presentes nos diferentes percursos, cujo cruzamento é entendido como determinante dos recursos individuais, materiais e sociais dos sujeitos;

b) Relação com a origem: pretende avaliar as posições adoptadas pelos sujeitos em relação ao(s) contexto(s) de origem no âmbito da migração, que podem ser de nível local, regional e/ou nacional, no sentido de perceber a importância das identificações, relacionamentos e expectativas deste género;

c) Cultura material/Consumos: compreende questões acerca das práticas de consumo quotidiano ao nível do vestuário e outros consumos relativos ao corpo, alimentação, do espaço e objetos pessoais em contexto doméstico e dos media e novas tecnologias. Procurou-se explorar a relação destas práticas com os posicionamentos dos sujeitos na migração de forma a encontrar linhas de análise que pusessem em diálogo a cultura material e a construção identitária dos mesmos. A inclusão de um leque variado de consumos pretendeu perceber se existiriam diferentes formas deste diálogo, ou seja, se diferentes tipos de consumo seriam mais ou menos expressivos da identidade dos sujeitos e quais os mais significativos;

d) Sociabilidade/ Quotidiano: nas questões construídas a partir desta temática está implícito um entendimento lato de cultura material (Miller, 2009; 2010) em que as sociabilidades e quotidianos de lazer constituem indicadores do consumo expressivo de espaços, relações, atividades e produtos culturais. A atenção que lhes foi dada apareceu como importante, não só para complementar as questões da

temática anterior mas ainda para explorar a sua importância na constituição de discursos acerca do local de acolhimento e das formas de viver (n)esse local que permitissem chegar às modalidades de relacionamento dos sujeitos com o destino migratório, e consequentemente a migração em si;

IV. 3. Recolha de dados

Os dados apresentados nesta dissertação foram recolhidos na cidade de Amesterdão durante um período de sete meses, embora com algumas interrupções. A escolha desta cidade prendeu-se, em primeiro lugar, com o facto de existirem as condições logísticas favoráveis para ali me estabelecer durante este tempo. Para além disto, o seu posicionamento social e económico, mas também ao nível das representações e discursos acerca da hierarquia urbana europeia, parecia-me bom para explorar algumas das ideias presentes na investigação, no sentido em que nesta se cruzam imagens como a de cidade global (Low, 1996; Sassen, 2001 [1991]), cidade criativa (Landry, 2000; Florida, 2005; Evans, 2009; Pratt, 2008) ou cidade pós-moderna (Low, 1996; Zukin, 1995).

A observação participante foi realizada pelo acompanhamento dos quotidianos dos informantes, tendo passado diferentes quantidades de tempo com cada um destes, de acordo com as disponibilidades e abertura à minha presença que demonstraram. Devido a questões práticas, o tempo que me concediam coincidia normalmente com os seus tempos livres, pelo que foram observados mais contextos de lazer, o que se mostrou frutífero no que respeita à recolha de informação acerca das práticas de consumo.

Sempre que se mostrou possível, e em todas as entrevistas semi-diretivas, foi utilizado um gravador de voz. Algumas das observações foram registadas em diário de campo, que não obedeceu no entanto a uma estrutura ou disciplina rígida, factor que se melhorado poderia ter contribuído para uma ainda maior riqueza de dados.

Em alguns momentos da observação, embora não tivesse sido possível fazê-lo junto de todos os informantes, foram tiradas fotografias ilustrativas das suas práticas ou das relações que mantêm com determinados objetos/consumos. Também aconteceu recolherem-se fotografias escolhidas pelos informantes para ilustrar a sua vida em Amesterdão que ajudaram à construção da análise.

A seleção dos informantes privilegiados foi realizada a partir de uma amostragem intencional, tal como é definida por Burgess: “(...) de acordo com um certo número de critérios estabelecidos pelo investigador, tais como o seu estatuto (idade, sexo e ocupação) ou experiência prévia que lhes confere um nível especial de conhecimentos.” (Burgess, 1997 [1984]: 59). Assim, e depois de decidir em conjunto com o orientador fixar o número de informantes em dez indivíduos, procurei encontrar cinco rapazes e cinco raparigas (para alcançar equilíbrio ao nível do género) entre os 20 e os 35 anos, de acordo com uma definição lata de juventude⁴ (Du Bois-Reymond, 2009; Heinz, 2009;), que vivessem em Amesterdão há pelo menos um ano. A técnica de bola de neve foi também utilizada, tendo sido a partir desta que cheguei a três dos informantes. Os restantes conheci em diversas ocasiões da vida quotidiana de Amesterdão e abordei-os no sentido de colaborarem comigo. Tentei terminar com um conjunto o mais variado possível, por isso evitei escolher pessoas que se conhecessem previamente ou tivessem *backgrounds* muito similares e viessem de contextos parecidos. De qualquer forma é natural que os informantes a que cheguei não representem as realidades da totalidade dos jovens portugueses residentes em Amesterdão, e que a amostra tenha sido em parte moldada pelos contextos específicos a partir dos quais acedi a estes informantes. A assunção deste facto não retira validade ou valor científico a esta pesquisa mas simplesmente pretende mostrar consciência dos possíveis limites de generalização dos resultados encontrados.

⁴ Du Bois-Reymond diz a este respeito: “The traditional life course stages of childhood, youth and adulthood have lost their former clear meanings and have become blurred. (...) While childhood ends earlier, the youth phase is prolonged; it begins earlier and might stretch well into the third life decade – adulthood arrested.” (2009: 32).

IV. 4. Análise dos dados

Na análise do material recolhido procurou alcançar-se alguma complementaridade entre os dados recolhidos nas entrevistas e as observações no sentido de se perceber confirmações ou contradições entre discurso e prática. Durante a investigação foi sendo realizada triangulação entre estes dados e confrontando-se os informantes sempre que se denotavam contradições ou se sentia necessidade de aprofundar alguma questão.

As entrevistas são analisadas de um ponto de vista construtivista em que o discurso é entendido enquanto construção de histórias ou narrativas a partir das quais os informantes descrevem os seus mundos (Silverman, 2010 [2000]), permitindo aceder à forma como constituem a sua identidade a partir de diversos elementos e as formas a partir das quais esta é contestada e contextualmente posicionada no mesmo indivíduo (Gardner, 2002; Finnegan, 1997; Riessman, 2008; Gubrium and Holstein, 2009). Este aparece como um método de análise particularmente interessante para abordar discursos acerca da migração pois como chama a atenção Gardner (2002):

“Stories – of where one has come from, and where one plans to go – seem particularly important for migrants. This is partly because they, perhaps more than others, need to give coherence to and meaning to their experiences. In addition to this, narratives, like migration, are always characterized by movement, both within their internal form (from their start to their finish), and in the ways in which they are told.” (*supra*: 29).

Esta abordagem não pretende, no entanto, simplesmente contar histórias acerca dos indivíduos mas sim utilizá-las como meio de análise para chegar ao padrão de relações (ou *estética*) do qual se procurará retirar a ordem cosmológica que organiza as suas vidas (Miller, 2009). Nestas relações está implícito um entendimento lato da cultura material, no sentido em que:

“(...) this order may be located in other relationships. These may be relationships to place, to persons, to the state and to discourse. They are the

mechanisms that, in practice, bring alignment between the order we discern at the level of the individual and the order we discern at the level of society.” (*supra*: 13).

A escolha desta perspectiva analítica sobre outras, como por exemplo a de Bourdieu (2010 [1984]), decorrentes da tradição dos estudos da cultura material assenta na argumentação já realizada no capítulo teórico que concerne esta temática.

A apresentação da análise será aqui realizada a partir de dois momentos complementares: a) um primeiro em que se fará uma descrição etnográfica⁵ do perfil de cada um dos informantes, a partir de questões que sobressaíram no seu discurso e quotidianos observados. Esta pretende captar os aspectos mais interessantes que caracterizam cada um dos indivíduos, nomeadamente chamando a atenção para as relações mais significativas que desenvolvem com determinados aspectos da cultura material presente nas suas vidas; b) e um segundo momento em que se procurará um diálogo comparativo entre as especificidades de cada caso, enquadrando-os ao nível das condições estruturais subjacentes aos seus percursos e problematizando as continuidades e discontinuidades encontradas entre os mesmos. Assim esperamos, por um lado dar conta das particularidades de cada caso, analisando-os à luz das mesmas, tentando no entanto fugir à mera descrição anedótica de frases ou episódios emblemáticos mas situando-os sempre no contexto mais largo das suas trajetórias passadas e condições presentes. E por outro, encetar uma análise de carácter mais comparativo tentando deduzir de forma mais sistemática relações entre variáveis, continuidades e discontinuidades entre os diversos casos. Desta forma pretende-se minimizar as questões da validade da análise, sempre mais ou menos presentes em pesquisas de carácter qualitativo.

⁵ Parte-se aqui de um entendimento da descrição etnográfica enquanto “thick description”, como desenvolvido por Geertz (1973), em que o processo analítico está imbricado no processo descritivo realizando-se um esforço interpretativo que procura as relações entre factos e o sentido por detrás destas, no contexto cultural em análise.

V. Resultados e discussão

V. 1. Caracterização do contexto: Algumas notas sobre o contexto de acolhimento e a presença migratória portuguesa na Holanda

A Holanda não é um país tradicional receptor de imigração portuguesa e a ausência de estudos sobre esta realidade no mesmo contexto é disso prova. Embora tal facto não seja central no âmbito da nossa investigação, uma vez que o seu carácter é substantivo e contextual e não pretende posicionar-se de forma representativa ou descritiva em relação ao panorama migratório português para a Holanda no geral, apresentamos aqui os dados disponíveis mais recentes relativamente ao número de portugueses residentes no país e em Amesterdão.

Assim, entre 2005 e 2010 os nascidos em Portugal aumentaram de uma população de 11.833 indivíduos para 14.356, nunca ultrapassando durante este período o valor de 1% do total da população nascida no estrangeiro residente na Holanda. Já quando a contabilização é feita a partir do critério da nacionalidade portuguesa esta percentagem sobe para 2% do total de estrangeiros, com um aumento de população dos 12.026 indivíduos em 2005 para 15.354 em 2010. Em 2010 residiam na Holanda 1.379 indivíduos na faixa etária dos 15 aos 24 anos, sendo 704 homens e 675 mulheres, e 5.239 na faixa dos 25 aos 39 anos, sendo 2.849 homens e 2.390 mulheres (Observatório da Emigração, 2011). As maiores concentrações observam-se nas duas principais cidades holandesas, Amesterdão e Roterdão com um total respectivamente de 2.604 e 3.107 habitantes portugueses em 2010 (Centraal Bureau voor de Statistiek, 2011).

Amesterdão é uma cidade com uma variedade cultural significativa, albergando indivíduos de 217 nacionalidades, tendo as populações mais significativas origens étnicas nos antigos países de recrutamento de mão de obra, como Marrocos e a Turquia, e nas antigas colónias, como a Indonésia e o Suriname (Dienst Onderzoek en Statistiek, 2011). No entanto origens ocidentais como a Alemanha, a Grã-Bretanha e os EUA estão também representados entre as 10 primeiras, enquanto Portugal aparece em 22º lugar (Dienst Onderzoek en Statistiek, 2011). Numa cidade que soube lidar com as condicionantes da pós-industrialização, nomeadamente pela aposta na

indústria do Turismo (com um aumento recorde de 14% em 2010 tornou-se o destino turístico com maior crescimento na europa [Dienst Onderzoek en Statistiek, 2011]), e no incentivo ao desenvolvimento empresarial com um enfoque na implementação de empresas estrangeiras (em 2010 instalaram-se na cidade 122 novas empresas internacionais, mais 17 que no ano anterior [Dienst Onderzoek en Statistiek, 2011]), o seu crescimento cria postos de trabalho que atraem diferentes tipos de população concorrendo para o aumento da variabilidade da comunidade internacional da cidade.

Amesterdão tem vindo a consolidar uma imagem de cidade onde esta variabilidade cultural, o entretenimento ligado à enorme oferta de espaços de consumo e diversão, a liberdade em relação ao sexo e às drogas, a oferta artística e cultural constante e a organização arquitectónica e ao nível dos meios de transporte, criou um discurso acerca da cidade (refletido no crescimento turístico) do qual os seus habitantes se apropriam e em relação ao qual se posicionam de acordo com os seus recursos. Este discurso pode ser entendido como fazendo parte do que alguns autores chamam de economia simbólica (Miles e Miles, 2004; Zukin, 1995) e que está relacionado com formas de consumo culturalmente codificadas que na contemporaneidade constituem recursos na formação de identificações com determinados lugares: “While the purchase of cultural goods denotes a self-image on the part of the purchaser, so too does the construction of a city’s image as a hub of fashion, film, art or music.” (Miles e Miles, 2004: 51-52). Estes autores chamam a atenção para a forma como este processo pode levar a uma normalização do mundo através de determinadas formas de promoção e consumo com tendências universalizantes, alertando para o perigo da criação de uma imagem social falsamente homogénea com a substituição de uma economia política por uma economia simbólica. Assim afirmam: “Symbolic economies are to postmodern urban analysis what political economy was to modern, industrial urban theory, putting signs in place of goods, but draining that analysis of a critical, socially engaged edge.” (Miles e Miles, 2004: 52). Embora se denote neste discurso uma perspectiva que retira agencialidade ao consumidor, e que já abordámos criticamente numa das secções anteriores, concordamos com os autores no que diz respeito à capacidade destas imagens acerca das cidades, enquanto investidas deste tipo de significados, encapsularem realidades

mais heterogéneas. Estas decorrem não só das diferentes condições objectivas de poder de que os atores da cidade dispõem mas são também fruto de posicionamentos diferenciados, em relação a esta imagem, e com os espaços e contextos da cidade em si. Ou seja, os indivíduos reagem à realidade envolvente produzindo diferentes relações ou reivindicações, não se limitando à recepção e aceitação passiva dos significados associados com a cidade a partir destes processos e estratégias em curso nas cidades pós-industriais. Desta forma, só uma análise substantiva e contextualizada à relação dos sujeitos com a cidade permitirá perceber os contornos da mesma. É também isso que pretendemos fazer em seguida.

V. 2. Retratos etnográficos

V. 2.1. Andreia: “Não tem só a ver com a nacionalidade, tem a ver com a pluralidade de estilos de vida que há ali.”

“Chego à hora marcada à porta da faculdade e a Andreia já me espera com dois amigos a quem sou apresentada: uma rapariga alemã e um rapaz espanhol, ambos conhecimentos que realizou numa das suas idas a *Squats* de Amesterdão. Entramos e a palestra, uma série de três comunicações-debate acerca da questão Israel-Palestina, está a começar. (...) Na altura do debate Andreia é bastante interventiva e extremamente crítica em relação aos assuntos abordados mostrando grande conhecimento ao nível da política mundial e envolvimento em questões de cariz humanitário e anti-imperialista. Como mais tarde me conta, os voluntariados que tem realizado em países do médio oriente durante as férias de verão, e o contacto que tem tido com estas questões em debates ocasionais nos *Squats* que frequenta contribuíram para o seu envolvimento.” (Excerto de diário de campo)

Na noite em que o encontro descrito no excerto transcrito aconteceu, Andreia levou-me pela primeira vez a um dos seus *Squats* (casas ocupa) preferidos na cidade, prática que iria repetir-se mais vezes durante o tempo que passei com esta rapariga de 26 anos, residente em Amesterdão há seis anos. Embora com algumas interrupções, Andreia tem conseguido, nesse período de tempo, conciliar formas de progressão académica que lhe permitiram continuar a sua experiência nesta cidade. Desde o último ano da licenciatura de psicologia em Coimbra que decidiu sair de Portugal aproveitando o programa Erasmus para o fazer pela primeira vez, durante um período de um ano. A escolha de Amesterdão foi feita em resistência com os pais, que tinham receio da “fama” da cidade, e em ruptura, como diz, com o “Portugal português” à procura de experimentar novas coisas e de o fazer sozinha. De qualquer forma teve sempre o apoio financeiro dos pais até há três anos atrás, altura em que conseguiu uma bolsa de doutoramento. Apesar de ter trabalhado num bar durante os primeiros anos em Amesterdão, sempre sentiu que se fosse necessário os pais a ajudariam. A primeira experiência foi gratificante, e por isso decidiu voltar após terminar a licenciatura:

“(...) gostei muito de Amesterdão, tanto que a primeira vez que voltei não voltei para o doutoramento, vim fazer um estágio como Leonardo da Vinci. Foi essa a primeira forma que arranjei de voltar para cá, mesmo por ter gostado e me ter identificado muito com a cidade e com o estilo de vida que quis voltar.” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.1.).

Esta segunda estadia, que durou mais um ano, descreve-a como tendo sido uma vivência mais aprofundada da cidade, e com um tipo de quotidiano e sociabilidades diferentes, no sentido em que não se restringiu a um ambiente estudantil como aquele que tinha tido no ano de Erasmus. Foi a partir desta altura, continuando na terceira e atual estadia, na qual se encontra a realizar um doutoramento na Universidade de Amesterdão, que se começou a interessar pelo movimento “ocupa” ou *Squat* e que diversificou os espaços de lazer que frequenta. Para além das ditas “casas ocupa” e algumas associações de cariz social e cultural, onde vai regularmente assistir a debates, concertos ou apenas para uma refeição e encontro com amigos, costuma ir a várias salas de espetáculo onde procura ter

acesso a concertos que em Portugal não tinha, a discotecas ou bares para ouvir música electrónica ou conviver com os amigos que foi construindo. Estes são de nacionalidades variadas: “Portugueses, gregos, italianos, alguns holandeses mas não muitos, alemães, espanhóis, indianos, americanos. (...) em comparação são mais estrangeiros do que portugueses.” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.3.), e distribuem-se por diferentes grupos que no entanto se cruzam em algumas ocasiões. A maior parte conheceu-os em situações de lazer como saídas à noite ou encontros casuais em bares, outros nas casas partilhadas em que viveu, na faculdade ou através de outros amigos. Diz preferir espaços “um bocadinho menos *mainstream*, evito sítios turísticos.” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.3.). As razões pelas quais os *Squats* são um dos seus sítios prediletos prendem-se com o facto de ali se reunirem pessoas dos mais variados backgrounds, não só de nacionalidades diferentes, mas principalmente com estilos de vida diferentes,

“Porque encontras desde pessoas que vão a *Squats*, não necessariamente *Squaters*, a professores universitários, ao desempregado, ao reformado, ao estudante de Erasmus, à pessoa que está a trabalhar numa empresa, à pessoa que trabalha numa organização não governamental, de todas as áreas.” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.3.).

Esta diversidade, para além de lhe dar um sentimento de liberdade, no sentido em que se sente à vontade para “simplesmente estar” sem se sentir constrangida por preconceitos de nenhum género, dá-lhe oportunidade de “conhecer outras coisas e outras perspectivas e eu sinto que ao ter contacto com isso também posso evoluir, ou pelo menos saber que existe outra coisa e gosto muito disso. Da descoberta, da novidade....” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.3.).

A questão do crescimento pessoal através do contacto com o “diferente” é um aspecto chave do discurso de Andreia, orientando grande parte das suas escolhas e da forma como se auto representa. Outros exemplos disto são a valorização do bairro em que vive não só por ser perto do centro mas por ser um bairro multicultural, o que lhe permite também ter acesso a produtos de origens diferentes como da Turquia ou do Suriname; ou a forma como canaliza grande parte dos seus recursos para a realização constante de viagens. Portugal nunca é o destino

prioritário para férias, embora acabe por se deslocar até lá pelo menos duas vezes por ano por insistência dos pais ou por motivos profissionais. Nos últimos cinco anos tem realizado voluntariados, durante as férias de verão, em países como Marrocos, Cisjordânia, Índia e Palestina. Para além disto desloca-se frequentemente a outros países europeus para os conhecer, assistir a um evento cultural (como festivais de música), ou ainda para participar nalgum encontro científico.

Durante o meu trabalho de campo foi, por exemplo, novamente à Índia para participar no casamento entre uma amiga indiana e um amigo espanhol que conheceu em Amesterdão. Na descrição entusiasmada que me fez da viagem refletiu acerca da interculturalidade presente neste acontecimento. Para além da experiência do casamento hindu em si, onde teve oportunidade de usar um traje tradicional e adereços (que comprou e trouxe consigo) e preparar-se para o casamento como uma mulher hindu, com a ajuda da irmã da noiva; pôde também experienciar o encontro cultural entre a família e convidados do noivo, europeu, e os da noiva, indiana.

Numa das conversas informais que tivemos explicou-me que sentia que esta predisposição para a diferença já lhe vinha de pequena, pois enquanto crescia, lidou com sentimentos de pertença diversos. Apesar de viver e ter estudado durante o ensino primário na aldeia de onde é natural (Santo Amaro da Boiça perto da Figueira da Foz) o facto de desde cedo passar mais tempo na Figueira fê-la aprender a lidar com esses dois espaços sociais diferentes. Os seus amigos da aldeia começaram a vê-la como alguém que já não pertencia à aldeia, que primeiro saiu para a escola da cidade, depois para estudar em Coimbra até que hoje, quando volta lhe dizem “já não és daqui, já não és a Dadinha, és a Dadona porque andas lá por fora e vês coisas diferentes, andas sempre a viajar” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.1.). Embora se sinta de certa forma em casa quando volta à aldeia, é em Coimbra que mantém um quarto alugado e é lá que fica a maior parte do tempo quando vai a Portugal. É com as amigas que aqui construiu durante o curso que mais contacto mantém, normalmente através da internet, embora este possa ser bastante irregular. Quanto à possibilidade de retornar para o país de origem de forma permanente no futuro próximo, não a vê com grande entusiasmo não só porque a nível profissional não

sente que existam muitas oportunidades “mas, mais importante, porque preferia estar fora durante mais algum tempo. (...) Mesmo por essa abertura e liberdade e outras coisas que sei que em Portugal é mais complicado, tanto a nível pessoal como profissional.” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.1.).

Quando lhe perguntei se sentia que também o facto de na sua família existirem casos de emigração teria contribuído para a sua vontade de sair respondeu-me:

“Eu acho que não, acho que não porque... Ali sempre houve aquele estereótipo do emigrante que vem no Verão exhibir o carrão... Porque por exemplo eles falavam da experiência deles lá e não tinham alegria naquilo, era um bocado aquela coisa do ‘ai temos que lá estar, pobres de nós e passamos o ano à espera do mês de Agosto’ e eu disse nunca gostei, nunca me identifiquei com isso. Esse nunca foi o tipo de migração que me aliciava.” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.1.).

Este afastamento em relação ao tipo de emigração descrito está também presente na forma como fala das pessoas que frequentam habitualmente a associação portuguesa, umas das duas existentes na cidade chamada “Os Lusitanos”, onde vai muito esporadicamente para ver um jogo de futebol ou matar saudades da comida portuguesa. Na sua opinião essas pessoas vão ali regularmente porque não encontram outros espaços na cidade com os quais se identifiquem e porque de certa forma necessitam de estar em contacto permanente com a cultura portuguesa, ao contrário do que se passa consigo que, como diz, não precisa disso. De facto, os consumos associados à origem assumem um papel secundário no seu quotidiano resumindo-se à confecção de receitas com bacalhau (normalmente trazido de Portugal a pedido de Andreia por algum amigo em visita), que acontece geralmente quando faz jantares de grupo em casa de amigos e assume muitas vezes o carácter de partilha da sua cultura culinária com amigos estrangeiros; e à leitura de jornais portugueses que no entanto é complementada com jornais internacionais.

Mais importante parece ser a experiência de diferentes tipos de comida, a ida a eventos culturais como a noite de contos numa associação iraniana ou a exposições num dos museus da cidade. É a partir deste tipo de atividades que Andreia afirma a sua individualidade para além de uma existência grupal: “ (...) eu

gosto muito de olhar para mim, eu como Andreia e mais tarde eu como pertencente a grupos. Ao grupo dos portugueses, ao grupo dos imigrantes na Holanda, o grupo dos estudantes, o grupo disto ou o grupo daquilo.” (Excerto de entrevista, Anexo B.1.1.). Portugal faz parte de si sim, e pode manifestar-se na forma como a comida ou uma expressão proverbial produzem identificações positivas ou como o conservadorismo associado à aldeia onde nasceu produz identificações negativas. Mas é apenas uma parte, assim como os *cd’s* de música portuguesa que trouxe consigo são uma parte e convivem no seu quarto com a música *techno* que começou a ouvir em Amesterdão, com as fotografias que foi tirando com amigos nesta cidade, com os vários postais e souvenirs que traz das viagens que faz ou com o poster do manifesto “ocupa” que mantém por se identificar com os ideais que defende.

V. 2.2. Cláudio: “Eu sou um emigrante muito diferente!”

“A noite passada fui ao “Waterhole”, um bar rock muito movimentado numa das zonas de entretenimento noturno de Amesterdão. Embora tenha afluência turística este bar é também muito frequentado por alguns grupos de jovens dos mais variados lugares que trabalham e vivem em Amesterdão, principalmente aqueles que o fazem na área da restauração e bares desta zona e que ali vão para beber uma cerveja a seguir ao trabalho.

Reparei que havia um grupo de rapazes portugueses perto de mim e resolvi apresentar-me. Um deles mostrou-se mais disponível para conversar e depois de eu lhe explicar o que estava a fazer em Amesterdão este prontificou-se a dizer: ‘Eu saí de Portugal mas eu sou um emigrante muito diferente!’ Depois de duas cervejas e mais alguma conversa, em que me disse que gostava muito da vida noturna de Amesterdão e me contou alguns dos seus hábitos a esse nível, trocámos telefones e combinámos encontrar-nos num dos próximos dias para que me explicasse melhor o que é ‘ser um emigrante muito diferente’.” (Excerto de diário de campo)

Quando nos voltámos a encontrar, Cláudio, de 28 anos, contou-me que vivia em Amesterdão há dois anos e que tinha saído de Portugal por causa de um grande desgosto de amor: “Eu sou uma pessoa muito fraca em termos de sentimentos, eu não consigo ser forte quando devo ser. Por isso o mais fácil para mim foi abandonar, porque eu não a conseguia esquecer o melhor para mim foi mesmo vir-me embora.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.). Como tinha alguns amigos da cidade onde cresceu, Penafiel, a viver em Amesterdão resolveu que o melhor era “(...) conhecer uma cidade nova, um país novo, uma cultura nova, pessoas novas (...)”, (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.) ao mesmo tempo que se obrigava a esquecer a ex-namorada:

“E eu vim para cá, estive cá 9 meses e disse à minha mãe ‘desculpa’, porque foi muito difícil para a minha mãe e para mim também, deixá-la, mas eu disse à minha mãe ‘eu não vou a Portugal antes do Natal’ e eu tinha chegado em Março. Foi terapia de choque, e foi, e foi assim que eu me curei (risos). Eu sabia que tinha de ser assim.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.).

A forma como lida com os sentimentos, os seus impulsos românticos e paixões são um tema recorrente nas conversas de Cláudio contribuindo para uma representação de si como uma pessoa sensível e dedicada às suas relações. No período de tempo em que decorreu a investigação voltou a apaixonar-se, por uma rapariga brasileira que conheceu em Amesterdão, e com a qual planeou uma vida em conjunto. Durante esse tempo considerou voltar para Portugal com ela, mas quando a relação terminou por incompatibilidade de feitios desistiu dessa ideia.

Como conta, o seu objectivo nunca foi “(...) chegar aqui e fazer um saco de dinheiro e voltar para Portugal a dizer ‘ah, enriqueci, emigrei’ (...)” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.) e por isso não se identifica com aquele que descreve como o “estereótipo do emigrante” que sai exclusivamente à procura de trabalho e de riqueza. Em Penafiel tinha um trabalho estável, uma casa (que era da sua mãe e onde vivia sozinho desde que esta se mudou com o companheiro), bons amigos, tinha de certa forma uma vida mais facilitada e com maiores recursos que a que encontrou em Amesterdão. É por tudo isto que se considera um “emigrante muito

diferente”. Embora na altura em que nos conhecemos confessasse estar um pouco insatisfeito com a forma como tinha largado “(...) amigos e família e tudo o que tinha para trás só por causa de uma pessoa (...)” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.), não se mostrava arrependido “(...) porque adoro esta cidade, gosto das pessoas daqui, gosto da mentalidade das pessoas daqui, são completamente diferentes de nós. De nós não! Quero dizer de muita gente em Portugal.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.). Portanto para Cláudio o facto de viver em Amesterdão fá-lo sentir mais próximo desta “mentalidade das pessoas daqui” e distinguir-se em relação a algumas pessoas com as quais não se identificava em Portugal.

A identificação com a abertura que diz sentir em Amesterdão passa pelo facto de haver “(...) muitas coisas que eu gostava de fazer, em Portugal, muitas roupas que eu gostava de vestir, muitas coisas que gostava de dizer (...) e não podia porque estava em Portugal.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.). Isto e o afastamento em relação a esses outros portugueses, foi a razão que apontou para uns seis meses depois desta primeira conversa, na qual considerava voltar para Portugal no entretanto, me dizer que tinha mudado de ideias e resolvido continuar em Amesterdão: “Eu estava a falar com a minha mãe no outro dia e eu disse-lhe ‘mãe, eu não sei se me vou conseguir adaptar aí outra vez’ porque não é nesse mundo que eu vivo mais, tipo e as coisas começarem a ser muito pequeninas outra vez, vai fazer-me um bocado de confusão.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.).

O que mais o incomodava em Penafiel era a forma como as pessoas interferiam na vida uma das outras, exercendo controlo social sobre as atitudes, os hábitos e as formas de vestir:

“E aqui uma pessoa sente-se bem e eu posso talvez ser eu, um pouco mais excessivo. Por exemplo em Penafiel se eu usava uns ténis com cores ou umas calças com cores já faziam comentários tipo ‘vieste de uma nave espacial?’, eu chegava lá ficava tudo a olhar para mim.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.2.).

Esta limitação, da qual se sente liberto em Amesterdão, custava a Cláudio a sua criatividade ao nível do vestuário, que é um consumo ao qual dá muita importância. Este é encarado como uma forma de expressão, uma forma de se sentir bem consigo próprio, apropriando-se de diferentes estilos que vai atualizando

através das últimas tendências da moda: “ (...) o meu estilo era tipo uma cena mais tipo *electro*, tem e não tem a ver com a música, (...) Mas agora estou a tentar mudar um pouco, até mesmo pelo cabelo, estou a tentar adaptar a uma cena mais *rockabilly*.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.2.).

Para além disto, o facto de viver em Amesterdão também lhe agrada porque “Em termos de cultura é uma cidade top, não há muitas cidades assim, é uma cidade super cultural (...)” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.3.), e embora confesse que na verdade não usufrui tanto dessa oferta cultural como poderia pensa que “(...) mesmo assim tu evoluis, a cultura vai entrando, quer queiras quer não. Não podes evitar, estás a viver num sítio em que não dá para evitar, eu acho.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.3.).

Cláudio estudou apenas até ao 9º ano porque nunca gostou da escola nem de estudar, “embora goste de aprender!” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.1.). Começou a trabalhar cedo, também por ter sentido obrigação de ajudar a mãe que quando Cláudio tinha 6 anos ficou viúva do seu pai. Primeiro na cozinha de um restaurante, depois durante sete anos na empresa de artes gráficas que era do seu avô e por fim mais dois numa empresa homóloga dos seus tios como impressor gráfico, deixando este emprego para ir para Amesterdão. O primeiro emprego que teve quando ali chegou foi na cozinha de um hotel e conseguiu-o através de uma empresa de recrutamento ainda em Portugal. Atualmente é cozinheiro num restaurante italiano, trabalho que lhe arranhou o tio de um amigo português, que já vivia em Amesterdão há mais anos.

Este ‘tio’, como entretanto se habituou a chamar-lhe é uma das pessoas do grupo de amigos portugueses com quem se junta para ver um jogo de futebol ou fazer um jantar de convívio. Quando nos conhecemos vivia longe do centro com um destes amigos, o que contribuía para que ficasse muito por casa e para que as suas sociabilidades fossem mais limitadas. Entretanto mudou-se para um quarto no centro em casa de um holandês mais velho, com o qual não mantém nenhuma relação para além daquela de companheiro de casa, e começou a sair mais frequentemente. Embora ainda passe uma parte considerável do seu tempo livre com estes amigos, sublinha o facto de ter amigos holandeses do seu trabalho com

quem tem oportunidade de fazer coisas que lhe interessam como ir ao museu de fotografia ver uma exposição, ou ir dançar a uma discoteca:

“Eu acho até que quando saio com os meus amigos portugueses não me divirto tanto percebes? Estou mais preso, fico mais inibido. Mas quando saio com os meus amigos holandeses, eles são loucos e então eu solto-me, eu adoro dançar, adoro música, adoro dançar e então às vezes é estranho estar com os meus amigos portugueses, não me sinto tão à vontade.” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.3.).

Os seus tempos livres são também ocupados a passear pela cidade de bicicleta, uma das coisas que diz adorar acerca de Amesterdão, a fazer compras em lojas de roupa ou a fumar marijuana num *coffeeshop*. Gosta de se sentar num dos muitos existentes na cidade a beber um café e por vezes escrever sobre as suas emoções, geralmente nos dias em que se sente mais sensível, outras vezes a meter conversa com alguém e fazer amizades inesperadas. Mas também passa bastante tempo em casa ao computador, frequentemente a interagir no *Facebook* (através do qual vai tendo algumas novidades de Penafiel), a ouvir música ou a informar-se acerca das últimas atualidades, a pesquisar tendências de moda ou a ver um filme. O consumo de televisão portuguesa online também é frequente. O computador assume grande importância de entre todos os objetos que tem no seu quarto, pois para além desta função de médium de comunicação, é também o repositório fotográfico de muitas memórias. Para além deste, existem outros objetos que transportam para o seu quotidiano memórias de pessoas que estão em Portugal: um gato de porcelana que lhe deu um dos seus melhores amigos, uma montagem com fotografias que lhe deu uma amiga, a fotografia da mãe e do pai, um terço que usa para pensar e “falar” com o pai falecido, ou ainda uma capa de edredão com uma imagem do Super-Homem (de quem é fã) oferecida por outro amigo.

Quando está em casa aproveita também para falar com a sua mãe e com os seus dois melhores amigos em Penafiel. Estes telefonemas são diários no caso da mãe e pelo menos semanais para os amigos. A forte ligação que mantêm nota-se ser fruto de uma relação que marcou muito Cláudio e que influenciou alguns dos seus gostos a nível cultural. Estes amigos estudaram arquitetura e interessam-se por áreas como o design ou fotografia, gostos que Cláudio partilha: “gosto de fotografia,

gosto de tirar fotos a paisagens, gosto de arquitetura também, muito influenciado pelos meus amigos, (...) O que eu gostava mesmo era de saber trabalhar com o Photoshop, os meus amigos já disseram que me ensinavam (...)” (Excerto de entrevista, Anexo A.2.3.). Numa das nossas conversas mostrou interesse em fazer um trabalho fotográfico, em jeito de hobby, aproveitando a diversidade cultural existente em Amesterdão em que fotografasse pessoas de diferentes culturas, projeto que, sublinha, seria impossível realizar em Penafiel.

Para Cláudio, aquilo que começou por ser uma fuga emocional foi-se transformando e revelando-se como uma abertura da sua personalidade e uma experiência de vida alternativa à que tinha em Portugal. O forte discurso de distanciação em relação a estereótipos da emigração portuguesa podem ser entendidos como a legitimação deste novo projeto que construiu para si e que assenta numa série de relações com a cidade, através de consumos e sociabilidades específicas, que se tornam vantajosas no quadro deste projeto.

V. 2.3. Carla: “O facto de poderes ir a um mercado e encontrares cenas de há já não sei quanto tempo atrás.”

Carla é bailarina. Licenciou-se na Faculdade de Motricidade Humana em Lisboa para onde se mudou a fim de frequentar o curso e onde viveu durante seis anos. Original do Fundão, ali viveu até essa altura com os pais e o irmão, mais velho, que também acabou por se mudar para Lisboa para estudar medicina e ainda lá vive. Esta é uma das razões pelas quais Carla passa muito do tempo de férias, quando as passa em Portugal, na capital. Para além disto, as amizades que lá mantém e a paixão pela cidade em si fazem-na considerar a hipótese de voltar para Portugal e estabelecer-se ali. De qualquer forma diz que: “Neste momento não posso dizer que sim, que quero, que quero muito. Não, neste momento ainda estou bem, ainda

gostava de ir para Berlim ou se calhar outros sítios. Depende de como a vida fica melhor.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1).

Na verdade, durante os dois anos que viveu em Amesterdão só no primeiro escolheu Portugal para passar o período grande de férias de verão, tendo aproveitado períodos mais curtos para outras viagens na Europa, onde visitou Berlim. A experiência nesta cidade foi tão encantadora que nas férias do segundo ano optou por ali passar três semanas não tendo ido de todo a Portugal. O facto de ali ter amigas a viver, em casa de quem pôde alojar-se durante este período, facilitou a estadia mas ainda que as condições não fossem essas Carla não teria perdido a oportunidade de voltar a uma das suas cidades favoritas e ao mesmo tempo realizar um curso de verão em dança que muito lhe interessava e assistir a uma série de performances a decorrer na mesma altura.

É também por razões profissionais e artísticas que aos 26 anos se encontra em Amesterdão e que aí irá residir por pelo menos mais dois anos, o tempo que lhe resta para terminar a licenciatura em Coreografia que está a realizar na *TheaterSchool da Amsterdam School of the Arts*, uma conceituada escola holandesa das artes de palco. Esta é já a segunda vez que sai de Portugal para se estabelecer noutro país, embora a primeira tenha sido mais breve ao abrigo de um programa de intercâmbio entre a faculdade portuguesa e uma universidade de *York*, no norte de Inglaterra. Ainda que já tivesse ponderado a realização de uma experiência como esta, não tinha pensado seriamente no assunto até que “(...) tive uma amiga minha que começou a organizar as coisas para ir e eu comecei a ponderar a possibilidade. Naquela de ir um bocado para fora e ver o que se passa lá fora.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1). Mesmo tendo existido aspectos negativos nesta primeira saída, “Porque foi no norte de Inglaterra e não me identificava minimamente com as pessoas. (...) Não sei, era gente muito, numa onda muito diferente da minha.” e também porque considera que “Inglaterra não é Europa. É longe da Europa.” (Excertos de entrevista, Anexo B. 3.1), foi a partir das aprendizagens que ali realizou que ganhou vontade de continuar fora de Portugal. Na escola inglesa teve contacto pela primeira vez com a dança contemporânea, cuja disciplina não existia na sua

faculdade em Lisboa, e começou a interessar-se pela coreografia chegando ao contacto da escola que frequenta atualmente.

Voltou a Lisboa, onde trabalhou durante seis meses num *call center* e num infantário a dar aulas de dança, para juntar dinheiro e poder ir para Amesterdão fazer um primeiro curso intensivo durante um mês e meio. Só no fim deste decidiu candidatar-se ao *bachelor* e ficar em na cidade: “Ou seja, não foi também uma coisa super planeada, foi mesmo, vim e depois acabei por gostar tanto e a escola é boa e decidi ficar.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1). Portanto a escolha do destino migratório foi determinada pelas oportunidades de formação que a cidade lhe oferecia, uma vez que “(...) o que tenho aqui não há uma oferta igual em Portugal.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1), bem como pela posição privilegiada que esta ocupa no circuito de produção cultural europeia:

“Porque também, o que eu sinto muito é que no centro da Europa, tipo Amesterdão, Berlim, este tipo de cidades, há um... pá, é aquele lugar comum não é? Estamos na ponta da Europa e não chega nada. Mas é verdade! E mesmo em termos de dança há imensas coisas que não chegam a Portugal. (...) Mas também porque vem muita gente de fora apresentar coisas e então... tens a Alemanha aqui muito ao pé e então há imenso intercâmbio também nesse sentido. Então é óbvio que tem mais porque em Portugal não há tanto este intercâmbio de cultura e assim.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1).

A perspectiva de Carla sobre a estadia em Amesterdão é muito condicionada pela sua atividade estudantil, que lhe ocupa os dias inteiros durante a semana e por vezes até o fim de semana, dizendo-se muito realizada com as coisas que aprende e com as relações que desenvolveu com os seus colegas de curso. Mesmo que do ponto de vista sentimental se encontre muito ligada a Lisboa, pensa que “(...) faz bem saíres, faz bem conheceres outras pessoas, viveres noutro sítio.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1). O que a leva a considerar que mesmo que ali existisse igual oferta nesse campo talvez tivesse saído na mesma:

“Porque é que vais ficar num sítio quando o mundo é enorme? (...) Porque é que tens de ficar só num sítio? De certeza que te vai valorizar de alguma forma, nem que seja a nível pessoal, quando saís e conheces outras pessoas e também te

relacionas com outras pessoas e com outras culturas e outras formas de encarar a vida.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1).

Embora confesse não gostar do facto de Amesterdão ser uma cidade relativamente pequena, principalmente quando comparada com Berlim que “(...) é cem vezes mais fascinante e tem algo de grande, Amesterdão é super pequeno e tem sempre este céu cinzento.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1), identifica-se com alguns aspectos da cultura da cidade como a utilização da bicicleta como meio de transporte privilegiado, a abertura em relação à imigração ou a perspectiva sobre a reutilização de objetos em segunda mão. Todas as semanas, num dia específico, os habitantes de Amesterdão deixam na rua objetos vários, principalmente peças de mobiliário, que os serviços municipais recolhem no fim da noite. É habitual, entre quem encontre utilidade nos mesmos, levá-los para casa e reaproveitá-los. O convívio com esta prática fê-la repensar os valores da sociedade portuguesa:

“Isto é uma coisa que se passa em Amesterdão e toda a gente faz, e haver imenso esta cultura de segunda mão... que em Portugal não temos, ou seja, há muito o comprar algo e quando não se quer deita-se fora mas não vai ser reutilizado por alguém. Não há esta cultura de circular. Os bens não circulam, estagnam. E nisto já me posiciono de uma forma diferente porque acho que é ridículo, não faz sentido nenhum.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.1).

A casa onde Carla vive, com mais dois colegas da escola, foi quase toda mobilada desta forma. Isto e o facto de ser uma casa disponibilizada para estudantes a preços baixos, parte de um programa municipal de reabilitação urbana em que no período em que aguardam renovação os edifícios são utilizados desta forma, faz com que seja um veículo de expressão criativa para Carla e os seus colegas. As paredes estão decoradas com desenhos e colagens que estes vão realizando, e cujas histórias vão guardando as memórias de pessoas e acontecimentos, como:

“(...) quando eu estava um pouco apaixonada por um rapaz, um rapaz português, e escrevi na parede uma cena, é um bocado dramático (risos): ‘o meu cérebro tem saudades tuas’. E depois o Carles viu e depois alterou pôs ‘oh, meu cérebro, tenho saudades tuas’ (risos).” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.2).

Ou ainda:

“(…) outra vez que foi bué engraçado, houve uma colega nossa que se foi embora para Berlim, ela engravidou e saiu da escola. E eu e o Carles estávamos em casa e fizemos, eu tenho dois projetores de slides antigos, e então pusemos o projetor de slides para a parede enquanto eu lhe lia um texto sobre o que é ser artista, ele copiava a cena em cima, e então também está isso na parede.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.2).

A disposição dos móveis é alterada frequentemente e nas festas ou jantares que organizam encorajam os amigos a participar em todo este processo.

O gosto pela cultura dos objetos em segunda mão estende-se aos consumos ao nível do vestuário, sendo a procura de roupas *vintage* nas inúmeras lojas e mercados de segunda mão em Amesterdão, uma das atividades prediletas de Carla. Aqui a identificação não se prende simplesmente com a questão da reutilização mas principalmente com a revalorização de estéticas de décadas do séc. XX (que podem ir dos anos 20 aos anos 80) ditada pela moda *vintage*. O desenvolvimento deste gosto deu-se muito com a mudança para Amesterdão, não só porque em “(…) Amesterdão é uma constante, nem é uma coisa da moda, é uma constante. Porque tens imenso isto, a própria cidade e os hábitos potenciam imenso. O facto de poderes ir a um mercado e encontrares cenas de há já não sei quanto tempo atrás.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.2), mas também por sentir que a abertura e liberdade na cidade propiciam à (re)construção de si. Este é um aspecto sobre o qual tem uma postura reflexiva, mostrando consciência na forma como o vestuário pode ser uma ferramenta de desconstrução social: “É interessante poderes jogar com certas construções, por exemplo com o que é ser mulher ou homem, ou que tipo de roupa deves vestir sendo um e outro, ou o que é que vestir uma saia significa para ti ou para os outros.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.2).

Esta questão do género e da sexualidade é outra das dimensões sobre a qual diz ter-se alterado a sua perspectiva, desde que vive em Amesterdão. O contacto que tem tido com a homossexualidade, muito por ter vários colegas *gay*, e a presença destes temas no programa curricular da escola levou-a a desenvolver uma

postura simultaneamente mais aberta aos mesmos e mais crítica para com aquilo que considera conservador na sociedade portuguesa.

Aos 26 anos Carla continua a ter apoio financeiro dos pais embora se sinta cada vez mais desconfortável com esse facto e por isso tem tentado arranjar formas de minimizar essa dependência. Passados alguns meses depois de chegar a Amesterdão começou a trabalhar num restaurante, como empregada de mesa, nos tempos livres. O quotidiano de Carla encontra-se assim muito ocupado entre o exigente horário da escola e os turnos no restaurante durante o fim de semana. O pouco tempo livre que lhe resta passa-o muitas vezes na companhia dos colegas de escola, com quem vai assistir a espetáculos de dança, visitar exposições ou beber uma cerveja ao “Soundgarden” ou “Overtoom 301” (ambos bares alternativos muito frequentados por jovens estrangeiros residentes em Amesterdão). Estes são de várias nacionalidades, bem como o são os colegas do restaurante, com quem sai um pouco ao fim de semana, ao acabarem de trabalhar. Normalmente acabam por ficar pelo bairro onde se situa o restaurante, onde a essa hora estão abertos alguns bares, “(...) sítios daqueles onde só há turcos e onde só há homens e a música é péssima, tipo *Shakira* ou assim. O que para mim está ótimo, percebes? Perfeito, não preciso de mais (risos).” (Excerto de entrevista, Anexo B. 3.3).

Este comentário demonstra o à vontade com que Carla se move em diferentes contextos e até uma certa valorização dessa plasticidade. Já o interesse em relação à associação portuguesa “Os Lusitanos” (a única de que tem conhecimento) não é o mesmo, embora esta se situe no mesmo bairro. Diz ter lá ido apenas uma vez, porque estava no caminho, mas que é algo que não faz parte da sua realidade. Os consumos relacionados com a origem não assumem importância quotidiana ao nível da alimentação, embora já tenha trazido alguns produtos consigo de Portugal, não procura produtos portugueses em Amesterdão nem tende a confeccionar receitas que tenha trazido de lá, embora a mãe lhe faça algumas sugestões a este nível de quando em vez. Ao nível mediático apenas consulta o jornal *Público* online, embora não seja um hábito diário. No entanto valoriza bastante a leitura de autores portugueses, recebendo mesmo com alguma regularidade livros que o pai lhe envia de Portugal. Esta diferenciação ao nível dos

consumos relacionados com a origem é sinal de uma relação que, para além de não ser fundamental na vida de Carla, é caracterizada por especificidades que decorrem da biografia da mesma, como esta atenção à literatura por influência paterna.

As aprendizagens artísticas e oportunidades profissionais no destino são no caso de Carla o grande móbil para a migração, que toma sentido no conjunto de experiências que formam o seu percurso de vida. Embora as características da cidade não tenham construído à priori uma motivação, elas acabam por ajudar a construir este percurso nos quotidianos de Carla, nomeadamente na forma como as culturas de segunda mão lhe permitem reflexivamente confirmar o carácter de reconstrução e reciclagem deste percurso. Ao mesmo tempo estas coadunam-se com o muitas vezes limitado orçamento de que dispõe, harmonizando aquilo que poderia constituir uma frustração.

V. 2.4. Jorge: “Se eu queria mudar radicalmente, tinha de escolher uma cidade o mais multicultural possível.”

Jorge tem 24 anos e vive em Amesterdão há cerca de dois. Natural de Lisboa, viveu em Queluz a maior parte da sua vida, com a irmã e os pais. Quando tinha 19 anos os pais separaram-se, o pai saiu de casa e Jorge entrou em conflito com a mãe, acabando por ir viver com a namorada em casa dos pais desta. Mais tarde alugaram uma casa, na qual viveram durante dois anos, antes de decidirem mudar-se para Amesterdão. Neste período de emancipação relativa, uma vez que prosseguiu com estudos superiores subsidiados pelos pais, Jorge experimentou diferentes atividades profissionais até estabilizar, nos dois anos anteriores à saída do país, num emprego como vendedor numa loja de mobiliário. O percurso académico foi irregular tendo começado dois cursos e desistido sem terminar nenhum por se sentir insatisfeito. Ainda assim a vontade de encontrar a sua vocação não desapareceu, voltando a estudar em Amesterdão, embora a prossecução de estudos não tivesse feito parte do plano de migração.

Quando decidiu sair de Portugal com a namorada, de quem entretanto se separou, também não o fez por razões económicas, pois como diz “Tinha uma vida até mais estável lá, em termos materiais, do que tenho aqui.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.1), mas porque se sentia “(...) sufocado naquele ambiente de Queluz” (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.1). A vontade de fugir à rotina, a um estilo de vida que segundo o mesmo não lhe oferecia nada de novo, a “(...) viver à espera do mês seguinte, sem ter nada que te estimule. (...) a dares-te sempre com as mesmas pessoas, a aborreceres-te com os assuntos, a já saberes o que é que as pessoas vão dizer.” (Excerto de entrevista, Anexo B.4.1), levaram-no a querer fazer uma mudança que apenas lhe pareceu possível se emigrasse: “Precisava mesmo de fazer um *refresh* na minha vida e decidi por aqui. Se eu queria mudar radicalmente pá, tinha de escolher uma cidade o mais multicultural possível e foi por isso que vim para aqui.” (Excerto de entrevista, Anexo B.4.1).

A escolha do destino teve fundamentalmente a ver com as características da cidade e do estilo de vida que a esta associa como a liberdade assente num sentido cívico comum ou o respeito pelo outro, que acredita estar presente no carácter multicultural de Amesterdão. A arquitetura, a beleza paisagística e a centralidade de Amesterdão na geografia europeia são outros dos motivos que aponta para se ter mudado. Depois de ter visitado a cidade duas vezes, e mesmo sem ali ter contatos para além de um vago conhecido do pai, decidiu mudar-se. Poderia ter escolhido ir para a Irlanda, onde tem vários amigos chegados a viver, mas como sublinha, o facto de não conhecer ninguém em Amesterdão, aumentava o sentido de aventura em relação à cidade. De qualquer forma é importante notar que na verdade não estava sozinho, pois acompanhou-o a namorada, e não se encontravam desprotegidos financeiramente pois tinham pedido um empréstimo ao banco que os deixou numa situação confortável durante o período de adaptação. Passado algum tempo depois da chegada conseguiu trabalho como carteiro, que acabou por abandonar para servir à mesa de um dos restaurantes portugueses da cidade. No entanto, quando terminou a época alta mandaram-no embora, tendo encontrado lugar num restaurante turco com alguma fama no mais conhecido mercado de Amesterdão. O dinheiro que ali recebe chega-lhe à conta para pagar o mini estúdio onde vive

sozinho, mas partilhando o mesmo andar (de um prédio recuperado num bairro perto do centro) com um rapaz italiano e outro grego, e para as despesas restantes. Quando nos conhecemos tinha acabado de ingressar num curso superior em “International Communication Management” numa faculdade internacional cujos custos o pai o ajuda a suportar.

A vontade de viajar e de conhecer novas coisas é descrita como a grande motivação da sua vida: “Sempre que posso e tenho dinheiro, nem que depois fique à rasca tipo, não quero saber e vou estás a ver? Vou sozinho, vou acompanhado, vou como for” (Excerto de entrevista, Anexo B.4.1), e por isso, o facto de a partir de Amesterdão poder fazê-lo para uma série de destinos vizinhos de uma forma relativamente fácil agrada-lhe bastante. Desde que ali chegou esteve duas vezes na Bélgica, uma na Alemanha, outra na Sérvia e preparava-se para ir à Irlanda na altura do meu trabalho de terreno, onde iria assistir a um concerto de uma das suas bandas favoritas e aproveitar para estar com alguns amigos de Queluz que lá tem a viver. O interesse em realizar atividades culturais quando viaja é notório, guardando as melhores recordações de um festival a que assistiu na sua viagem à Sérvia. A lembrança de tal experiência é reativada por Jorge regularmente, de cada vez que usa a sua t-shirt preferida “(...) do festival que eu fui lá na Sérvia, de trompete, que é brutal! E fui sozinho e foi a melhor coisa que eu fiz até hoje.” (Excerto de entrevista, Anexo B.4.1). Durante o tempo que passámos juntos, em várias ocasiões pude testemunhar a importância desta peça de roupa para Jorge, que com prazer voltava a explicar a quem mostrasse curiosidade em que consistia este festival de música, uma vez que não era um evento conhecido por muita gente, e as aventuras que por lá tinha passado.

De acordo com esta paixão pela viagem, o regresso a Portugal quando tem férias é mais por obrigação, ou insistência dos familiares, do que por vontade, uma vez que preferia aproveitar esse tempo para explorar um novo lugar. De qualquer forma, nos dois anos passados em Amesterdão só voltou a Portugal uma vez por ano, durante um par de semanas. Já o movimento inverso, de amigos ou familiares que o visitam em Amesterdão, é constante. Nos meses em que mantivemos contato, pelo menos uma vez por mês Jorge tinha um fim de semana ocupado a mostrar a

cidade e o seu novo estilo de vida a alguém que o vinha visitar. A forma como o fazia denotava algum orgulho na *expertise* adquirida sobre quais os lugares interessantes na cidade, como os museus que valem a pena ver, os bares que se devem evitar ou os restaurantes com melhor relação preço-qualidade; ou sobre os rituais a serem experimentados pelos seus convidados, como ir beber uma cerveja Belga ao café “Bélgique”, andar de bicicleta pelos canais, ou tirar fotografias junto do letreiro gigante que diz *iAmsterdam*, na Museumplein (a grande praça dos museus de Amesterdão, um dos sítios emblemáticos da cidade).

Estas visitas são por vezes suscitadoras de momentos de perplexidade, em que Jorge diz confrontar-se com a evidência das suas mudanças desde que vive em Amesterdão, no sentido em que “esta cidade te abre bué os horizontes, abre-te bué a cabeça em todos os aspectos.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.3). Um exemplo disto é o do embaraço que sentiu pela reação de dois amigos portugueses que o tinham vindo visitar, à presença de um terceiro com quem Jorge convive regularmente em Amesterdão e que recentemente se tinha assumido homossexual: “E eu sempre fui bué amigo dele e falávamos de tudo, e de repente dou por mim com aqueles dois meus amigos a fazerem-me uns olhares muito maus, tipo a discriminarem completamente o rapaz.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.3). A distância, em termos de valores, a estes amigos é avaliada positivamente e relacionada com um aumento de experiências de vida, proporcionado pelo facto de ter emigrado:

“É fixe porque se calhar em Portugal, pá, eu não sei como é que lidava com isto em Portugal. Percebes? E hoje em dia, já conheço bué de gente que é gay e já estive em festas que quase toda a gente era gay, ou bissexual, e tive que aprender a me comportar, a receber palmadinhas no rabo e cenas assim estás a ver? E hoje em dia aceito perfeitamente, não trato ninguém de maneira diferente, acho que é uma maneira de ver a vida diferente.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.3).

Esta abertura é potenciada no dia a dia de Jorge pelo contacto com pessoas de várias origens, o que confessa preferir, a manter uma rede de relações só com portugueses. A ida à associação portuguesa “Os Lusitanos” acontece esporadicamente, fundamentalmente para ir ver os jogos de futebol. A escolha de

amizades entre compatriotas é feita de forma cuidadosa, no sentido em que não se quer ver associado a um tipo de imigrante que “dá uma má imagem”:

“Tipo estava no *DanceValley* e estavam dois chavalos um bocado mais à frente, completamente mitras, com uma atitude mesmo foleira, tipo o pessoal ali está a dançar e é normal há encontrões e tal, e eles logo a querer crescer para cima das pessoas e tal e depois estão a segurar uma bandeira de Portugal, estás a perceber? Não quero, não quero ser identificado com esse tipo de gente.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.3).

Os poucos portugueses com que se dá acabam por ser pessoas com objetivos de migração e quotidianos similares ao seu, partilhando o mesmo tipo de capitais culturais. Os seus amigos são fundamentalmente os colegas de trabalho e da escola, mas diz também gostar de meter conversa com desconhecidos, o que em Amesterdão é relativamente fácil. O facto de sentir uma extrema curiosidade por tudo o que é culturalmente diferente faz com que prefira sociabilizar com diferentes nacionalidades, sendo esta uma das razões que aponta para a sua satisfação com a cidade: “É fixe porque conheces pessoas de todo o lado, ouves as histórias dessas pessoas e comesças a ver as coisas de maneira diferente. (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.1).

O contacto que mantém com Portugal não é intenso, confessando que na maior parte das vezes é a família e amigos que tomam a iniciativa de o contactar. De qualquer forma gosta de ler o jornal *Público* online e de vez em quando tenta sintonizar o telejornal português através da internet. Os consumos alimentares de produtos portugueses limitam-se às garrafas de vinho que traz das viagens a Portugal, mas quando estas acabam não procura comprar mais na loja portuguesa.

A relação com os objetos é também ela frugal, dizendo não se importar muito com o vestuário ou decoração da casa. As únicas fotografias que tem expostas no quarto são duas fotografias suas em viagem. De entre os objetos que trouxe de Portugal contam-se um par de livros e um macaco de peluche, o “Simão”, que lhe traz algumas recordações das suas amizades de Queluz. Este aparente vazio material contrasta com o seu empenho na relação com a cidade e compromissos sociais à volta das atividades de lazer que desenvolve. Assim, as saídas com amigos a

diferentes bares da cidade, consoante o programa ou tipo de música que procuram, são frequentes, bem como a exposições de fotografia ou a algum espetáculo de dança ou música. Outra das características que partilha com alguns dos restantes informantes é o facto de evitar os sítios mais turísticos, preferindo aquele tipo de locais mais frequentado por outros jovens estrangeiros residentes em Amesterdão e também por jovens Holandeses.

Vemos mais uma vez, com o exemplo de Jorge, como as características particulares da cidade podem constituir a motivação essencial para a migração e justificar a escolha do destino migratório. É interessante ainda notar como tais características concorrem para o posicionamento de tais lugares num ranking que os classifica de acordo com a avaliação do seu significado simbólico dentro da cultura de pares, produzindo imaginários de itinerários desejáveis. Quando lhe perguntei se concebia viver noutra cidade holandesa para além de Amesterdão, Jorge rejeitou terminantemente a ideia. Embora ainda nos conhecêssemos há muito pouco tempo quando lhe pus esta questão, Jorge subentendeu que eu dominava este saber partilhado acerca dos destinos ideais:

E se fosses viver por exemplo para a Alemanha, onde é que gostavas de viver? “Tu sabes a resposta” (risos) **E na Inglaterra?** “Também sabes a resposta. (risos) São as metrópoles!” **E em Espanha?** “Aí podes ter dúvidas, mas é Barça. Madrid não, tudo bem Madrid é Espanha, é tortilha, é presunto, mas a cidade em si... é enorme, e não muito bonito.” (Excerto de entrevista, Anexo B. 4.3).

Berlim, Londres e Barcelona eram as respostas e eu sabia. Estas são outras cidades europeias onde as características que valoriza em Amesterdão podem ser encontradas e onde Jorge poderia continuar a ter acesso aos mesmos tipos de quotidianos, e consumos a estes associados, que definiu como ideais para si e que orientam o seu posicionamento no mundo.

V. 2.5. Isabel: “Eles vivem na Holanda, mas vivem ali, é o pequeno Portugal deles.”

Isabel viveu em Amesterdão durante um ano e meio e no fim do meu trabalho de campo preparava-se para uma nova experiência em Itália junto do rapaz por quem se apaixonara. O plano é estar com ele uns meses na cidade de Módena, enquanto este termina os estudos, e ao mesmo tempo trabalhar num projeto de fotografia que tinha vindo a preparar. Depois ainda não sabe, depois logo se vê: “Mas antes de me apaixonar tinha pensado fazer uma grande viagem pela América do Sul, sei lá, tantos sítios que eu gostava de ir, a todo o lado!” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.). Uma coisa sabe, não planeia voltar em breve para Portugal. Embora refira a falta de oportunidades e a má situação económica do país diz que “não é essa a principal razão, sem dúvida nenhuma” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.), dando como primeira justificação esta vontade de conhecer outros lugares e “pessoas de outros países, de outras culturas.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.).

Esta rapariga de 26 anos viveu na sua terra natal até aos 18 anos, em Torre nos arredores das Caldas da Rainha, altura em que iniciou os estudos universitários. Embora o curso de design gráfico existisse nas Caldas, onde tinha estudado até então, preferiu ir para Lisboa ingressando no IADE: “Logo nessa altura senti necessidade de... Toda a gente ia para Lisboa estudar e eu também queria ir ter com os meus amigos e conhecer novas coisas e fui.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.). Durante o tempo na Universidade nunca trabalhou e viveu num apartamento alugado com outra colega, em Campolide. O apoio familiar, a nível financeiro e emocional, facilitou não só esta primeira deslocação como as subsequentes, fornecendo a Isabel a segurança, liberdade e incentivo necessárias à realização de tais projetos: “Os meus pais sempre me puderam dar ajuda e sinto sempre as costas quentes, quer dizer, se eu tivesse pais que não me pudessem ajudar não sei se eu teria assim tanta liberdade para fazer agora o que estou a fazer.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.2.). Neste outro excerto podemos ver ainda a forma como a

mobilidade é aqui também encarada enquanto meio de procura da vocação e do caminho a seguir: “(...) tive a ajuda dos meus pais na altura. Quer dizer eles nunca fizeram muita pressão em eu começar a trabalhar porque era um bocado aquela coisa de continuação de estudos, eu estava ainda a estudar e a perceber o que ia fazer depois ou o que queria fazer.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.).

Assim, quando acabou o curso os pais proporcionaram-lhe a oportunidade de ir para Nova York “continuar a minha educação e abrir os horizontes” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.), onde tem familiares, o que diz ter tornado mais fácil e menos dispendiosa a sua estadia, e onde realizou alguns trabalhos e cursos de formação na área da fotografia. Ainda em Lisboa tinha decidido que era esta a profissão que queria seguir e nos destinos que fazem parte do seu percurso migratório sempre procurou realizar atividades relacionadas. Por isso, depois de sete meses em Nova York mudou-se para Londres onde fez uma pós-graduação em fotografia no *St. Martins College of Art and Design*: “Então continuei e foi ‘Para onde é que eu quero ir agora? Ah, Londres, sempre tive a pancada de Londres.’ Então fui para Londres, onde estive dois anos e fui à aventura.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.).

Em Londres Isabel procurou emprego na área do design mas sem grande sucesso pois “Como eu andava sempre a fazer muitas coisas ao mesmo tempo, diziam-me que eu era muito criativa para o género de trabalho a que estava a candidatar-me.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.). A ironia com que fala da forma como o facto de ser “muito criativa” a obrigou a empregar-se como empregada de mesa num restaurante denota um desconforto em relação à realização deste tipo de trabalho, dizendo rapidamente que a partir daí trabalhou sempre nas artes. Quando terminou o curso em Londres concorreu a um estágio numa agência de fotografia documentário em Amesterdão, cujo trabalho já vinha seguindo desde Nova York. Embora esta tenha sido a principal razão para se mudar para Amesterdão refere que esta, tal como Londres, era uma das cidades pela qual se tinha apaixonado numa das viagens pela Europa que já tinha realizado. Enquanto durante a estadia em Londres fez os possíveis para se sustentar sozinha, mais uma vez pôde contar com o apoio dos pais nesta nova mudança, pois a remuneração

oferecida no estágio era insuficiente: “E os meus pais nessa altura disseram ‘Ah, é na boa, vai ser uma experiência espetacular para ti, vai, vai, não tenhas problemas, nós ajudamos-te’ e então pronto, davam-me algum dinheiro para me ajudar.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.1.). Passados os primeiros meses de estágio concorreu ao programa de estágios internacionais do governo português, Inovart, e conseguiu remuneração através deste para continuar na mesma agência por mais nove meses, prescindindo mais uma vez da ajuda dos pais.

Os quotidianos de Isabel em Amesterdão, cidade que diz ser de todas aquelas em que viveu a que se identifica mais em termos de estilo de vida, as sociabilidades que aqui desenvolveu, vão de encontro ao seu discurso da migração enquanto viagem e experiência do diferente:

“E uma das coisas que me seduziu também bastante é o conhecer pessoas de outros países, de outras culturas. (...) Mas é isso, sempre me seduziu muito e continua a seduzir, conhecer pessoas diferentes, de backgrounds diferentes. Se for uma pessoa que teve uma vida igual à minha... é mais entusiasmante conhecer alguém que veio do outro lado do mundo e com uma cultura completamente oposta (**hum, hum**) e eu gosto dessas coisas.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.).

Embora as pessoas com quem convive incluam alguns portugueses, em condições semelhantes à sua e com capitais culturais similares, a maior parte são de outras nacionalidades mas fundamentalmente estrangeiros também a viver em Amesterdão, sendo que o convívio com holandeses não é tão significativo. Os locais que frequenta são sobretudo locais frequentados por este tipo de pessoas, havendo uma preferência por locais alternativos como *Squats* ou associações culturais internacionais, onde encontra “(...) muita gente internacional e os holandeses lá são muito *open minded* (**hum, hum**) não é aquele tipo normal de holandês, são pessoas mais abertas” e porque “(...) têm sempre programas interessantes” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.). Os locais mais turísticos são evitados porque:

“(...) não gosto de sítios com muita confusão e com muito turismo. Aquilo é muito comercial, cheio de *fast food*, *fast drinks*, *fast* tudo... e não sei, não gosto. (...) outro sítio que eu odeio é a *Dam Square*, odeio aquilo. Sempre que tenho que ir lá é

quase como tirarem-me um dedo. Mas sim tem a ver com isso, o turismo, e é chato.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.).

Do tempo que passei com Isabel apenas duas vezes a acompanhei a uma das associações portuguesas de Amesterdão, “Os Lusitanos”. A ida a este espaço é descrita como esporádica, “por graça”, e em notória diferenciação em relação às pessoas que habitualmente a frequentam:

“Há pessoas que vão para lá todos os dias, aquilo é a vida delas, não é? Eles vivem na Holanda, mas vivem ali (risos), é o pequeno Portugal deles. Nesse aspecto acho que a nossa geração é completamente diferente, eles estão completamente agarrados a todos aqueles símbolos, à televisão portuguesa, à cerveja portuguesa, ao bitoque, essas coisas que eles têm lá, sentem essa necessidade.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.).

O motivo é geralmente o de acompanhar um dos amigos portugueses na visualização de jogos de futebol, sem no entanto ela própria se interessar por futebol: “Sim, porque quando eu vou lá para o futebol também há lá mais pessoal tipo eu, não é? Que vão lá um bocado na brincadeira, tipo eu não vou lá... Não me sabe particularmente bem ir aos Lusitanos (risos)...” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.). Há portanto uma clara distinção em relação à necessidade (ou antes, ausência desta) que Isabel sente em relação a este tipo de consumos e a imagem que tem dos consumidores habituais deste espaço. No entanto nota-se satisfação, um pouco em contradição com este discurso, nessas pequenas “graças” que de vez em quando faz como quando diz: “Mas tem piada sei lá, no outro dia comemos castanhas e bebemos vinho, essas coisas...” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.). A contradição é explicada pela mesma em termos da igualdade de preferência entre consumos ligados a Portugal e outros tipos de consumo, sendo a diferença entre a “geração antiga e a recente” definida em termos de abertura cultural:

“E é diferente, eu acho que agora somos mais, super curiosos relativamente a tudo. Não sentimos se calhar a falta.... é lógico que há sempre alguém que tem bacalhau e deleitamo-nos com esse género de ementa, mas também se for uma comida asiática ou uma coisa diferente ficamos todos contentes. Somos mais abertos a outra experiências.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.).

Durante a visita a casa de Isabel (onde vivia com um rapaz israelita, um italiano, uma rapariga brasileira e uma portuguesa) em que me mostrou e falou dos seus objetos, houve um em particular do qual gostaria de falar: o “Xico”, um galo de Barcelos que numa das suas idas a Portugal resolveu comprar numa loja de design português no aeroporto de Lisboa. Em primeiro lugar parece-me importante chamar a atenção para o facto de referir o tipo de loja onde o comprou no sentido em que a especificidade desta loja confere um carácter mais estilizado, mais distinto ao objecto: um símbolo do folclore e da cultura popular portuguesa passa de repente a ser um objeto de design.

“Comprei na Alma Lusa uma vez que fui a Portugal, aquela loja do aeroporto, e achei piada porque é muito giro o design, é mesmo perfeitinho o galo. E sim, achei piada, quer dizer... Quando estava em Portugal, se alguma vez ia comprar uma coisa como um galo de Barcelos, é aquele género de coisas que uma pessoa acha piada quando sai.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.).

Tal como o consumo de comida portuguesa, este objeto (que continua a acompanhar Isabel em Itália) é visto como uma “graça”, como diz mais tarde uma “brincadeira”. Mas o “Xico” significa algo mais,

“(...) também tem a ver com outras coisas, eu lembro-me que a minha bisavó ofereceu à minha mãe, para o enxoval quando ela se casou, um galo de Barcelos, grande. E lembro-me que esse galo de Barcelos partiu-se, mas estavam lá os caquinhos todos, ficaram guardados e a minha mãe sempre gostou muito dele. A minha bisavó já faleceu há uns bons anos mas tenho muitas saudades dela e acho também que foi uma das razões que me levou a comprar o galo, tipo essa identificação com o galo lá de casa, partido.” (Excerto de entrevista, Anexo A.5.3.).

Vemos como, para além das aparentes contradições entre uma certa distinção em relação aos símbolos e consumos ligados à origem, estes exemplos retirados da etnografia com Isabel, podem significar antes uma continuidade entre memórias (das pessoas, dos paladares), percurso (das aprendizagens, da educação) e representação de si (na prática, no ethos da experiência intercultural) que dão sentido à sua história de vida e à migração em particular.

V. 2.6. Bernardo: “Trouxe roupa, o computador e a máquina fotográfica.”

Bernardo tem 31 anos, duas licenciaturas e uma pós-graduação. Depois de terminar o liceu em Aveiro, de onde é natural, mudou-se para Viana do Castelo para fazer a licenciatura de Turismo. Não gostou e entrou no ano seguinte em História, na Universidade de Coimbra, onde viveu durante quatro anos. Após acabar a licenciatura fez um ano de estágio, a dar aulas ao 3º ciclo em Anadia, no fim do qual se viu obrigado a voltar para casa dos pais e a confrontar-se com a falta de emprego. Durante este período deu explicações sem que lhe pagassem o que lhe tinham prometido até que se viu obrigado a empregar-se numa companhia de seguros, acabando por desistir por não gostar da atividade que exercia. Finalmente, candidatou-se a uma bolsa da Universidade de Aveiro para reconversão de licenciados, que dava a oportunidade aos mesmos de tirar outra licenciatura em condições especiais. Aqui licenciou-se em Novas Tecnologias da Informação, enquanto ao mesmo tempo iniciava um mestrado em Sociologia, que acabaria por abandonar ao nível da pós-graduação, na Universidade de Coimbra.

A vontade de sair de Portugal é um misto de razões e sentimentos que nem sempre são muito claros no discurso de Bernardo, mas que parece estar ligada a estas constantes tentativas falhadas de encontro do seu caminho e de emancipação. Embora diga que sempre teve curiosidade em conhecer outros lugares e culturas, e que isto constituiu uma motivação extra, o facto de sentir que em Portugal as hipóteses de singrar profissionalmente eram muito baixas parece ter sido o factor decisivo. No entanto, ao mesmo tempo diz que “mesmo que conseguisse arranjar lá um bom emprego em Aveiro, mesmo que ganhasse mil e tal euros eu não voltaria para Portugal, eu sei que me ia sentir frustrado lá.” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.1.). Como justificação aponta o facto de se ter habituado, entretanto, ao ambiente de Amesterdão com a sua variedade de pessoas e constante movimento e à mentalidade das pessoas, mais aberta que em Portugal:

“É isto, é estar aqui em Amesterdão, estar no centro da Europa, lá falta-me este ambiente todo. As pessoas em Portugal são um bocado invejosas, sempre a dizer mal uns dos outros... Não dá para explicar, mas eu não me estou a ver a viver em Portugal nos próximos tempos. Em cidade nenhuma, Coimbra, Aveiro, são cidades monótonas, são uma seca.”(Excerto de entrevista, Anexo B.6.1.)

Antes de se mudar para Amesterdão, tinha tido uma primeira experiência migratória nos EUA onde esteve na Califórnia durante 8 meses, com o programa de estágios internacionais Inovcontact. Ali foi colocado numa empresa internacional de renome, de acordo com as suas habilitações e as vagas disponíveis não tendo por isso escolhido este destino. De qualquer forma a experiência neste país descreve-a como muito positiva, guardando grandes saudades de amigos que fez e lugares que visitou que atualmente têm reflexos em alguns dos seus hábitos de consumo, como o facto de sintonizar regularmente rádios locais americanas e ler jornais locais e nacionais deste país através da internet, ou o facto de evitar ouvir determinadas músicas que lhe fazem lembrar as suas viagens de carro pelo país e o deixam nostálgico. No entanto, embora pudesse ter prolongado o estágio, e quem sabe integrar-se profissionalmente de forma mais estável na empresa onde estava a estagiar, resolveu voltar para Portugal e recandidatar-se a outro programa de estágios internacionais. Foi neste segundo concurso que foi colocado em Amesterdão, onde começou a trabalhar numa fundação holandesa que promove a divulgação do cinema realizado no Caribe e desenvolve atividades culturais relacionadas com a Jamaica. Quando o conheci estava já a realizar um segundo estágio na mesma fundação, desta vez ao abrigo do programa Leonardo da Vinci, através da Universidade de Aveiro. No primeiro ano em que ali esteve recebia um subsídio bastante razoável que lhe permitiu aproveitar a cidade de uma forma muito diferente do que na altura em que o conheci. Assim, segundo conta, no primeiro ano que viveu em Amesterdão frequentava muito mais espetáculos e museus, saía mais à noite ou ia jantar fora com maior regularidade. O facto de estar integrado na fundação em que realizou os estágios também o punha em maior contacto com uma série de atividades ligadas à promoção cultural e dava-lhe oportunidade de conhecer mais pessoas.

Na altura em que passámos mais tempo juntos, Bernardo encontrava-se numa situação de transição, à procura de trabalho e com pouco dinheiro, tendo uma vida social pouco ativa. As amizades que tinha eram um pouco transitórias, referindo sentir-se desiludido com alguns holandeses, que considerava seus amigos, mas que tiveram atitudes que o fizeram afastar-se. Esta é na verdade uma queixa recorrente, mesmo no discurso de outros informantes e que é caracterizada por uma imagem dos holandeses como menos afáveis que os portugueses ou outras nacionalidades, menos interessados em desenvolver relações profundas, mais superficiais e fechados na sua cultura e língua. Isto não significava no entanto que não convivesse, mas muitas vezes esses encontros ou conhecimentos ficavam-se apenas por conversas casuais nas suas saídas. Contrariamente à tendência da maior parte dos informantes, as amizades mais constantes de Bernardo eram quase exclusivamente com outros jovens portugueses em situação similar à sua, como um amigo biólogo a trabalhar numa empresa internacional e uma amiga a estudar no conservatório de Amesterdão. Para além disto, a frequência e o convívio na associação portuguesa era também maior comparativamente à dos outros informantes. Para além de ali se deslocar para ver os jogos de futebol, ia regularmente e propositadamente para comer comida portuguesa ou simplesmente para beber um café. Embora diga que não se identifica com a generalidade dos frequentadores daquele espaço, pois “é pessoal que tem outro tipo de formação, outro tipo de conversas, outro tipo de educação” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.3.), o facto de falarem a mesma língua e partilharem determinados códigos culturais parece ser importante para Bernardo transmitindo-lhe alguma segurança emocional, mas não só. Alguns dos conhecimentos que aqui fez já o ajudaram a encontrar casa e emprego nesta fase de transição após ter terminado os estágios. De qualquer forma, tal como a maioria dos informantes, valoriza o carácter multicultural da cidade e o facto de poder ter acesso ao contacto com esta multiplicidade de culturas: “É o conjunto: turcos, marroquinos, holandeses, americanos, franceses, italianos, espanhóis, tudo junto. Isso faz-me falta e acho que ganhei isso quando fui para os EUA estás a perceber? Porque eu acho que é assim que as sociedades deviam ser.” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.1.).

Por outro lado, o facto de, de certa forma privilegiar as relações com portugueses, contrasta um pouco com a posição híper crítica que tem em relação ao estado do país e da generalidade da população. Na sua opinião Portugal sofre de um défice cultural que o incomoda ao ponto de perder bastante tempo a avaliar a forma como os leitores de vários jornais online comentam as notícias, concluindo que “as pessoas estão cada vez menos inteligentes, muito menos. Mas não estou a brincar. E muito menos espírito crítico, não sabem ler sequer uma notícia. Aliás, isto é normal, isto é a consequência, o resultado de haver uma menor rigidez no ensino.” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.1.).

Bernardo tem diferentes histórias de migração na família, mas identifica-se com elas de forma diferenciada. Diz que os tios de Paris nunca serviram de modelo porque não têm nada em comum, são “aqueles típicos emigrantes que iam para a limpeza e mais não sei o quê e esses... Nunca na vida eu queria ser como esses. Aliás eu nunca fui a casa deles, embora já tenha ido a Paris duas ou três vezes, porque não vale a pena.” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.1.). Por outro lado, os tios que vivem no Luxemburgo já lhe servem de exemplo pois tinham um tipo de “trabalho mais qualificado numa empresa de rolos fotográficos, e a mulher cuida dos filhos de diplomáticos, já ganham bastante dinheiro...” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.1.). Este discurso contrasta de certa forma com as decisões que toma em Amesterdão quando, tendo já terminado o último estágio há uns meses, decide continuar na cidade comutando o emprego em part-time numa recepção de hotel com outro a fazer limpezas; ou quando mais tarde, ao ter oportunidade de se empregar na embaixada portuguesa em Haia, prefere ficar em Amesterdão aceitando um emprego a tempo inteiro na recepção de outro hotel. Por um lado parece preocupado com a mobilidade social ascendente que uma estabilidade e estatuto profissional podem conferir, mas por outro prefere descer na escala social do emprego a voltar para Portugal e perder a independência conquistada ou a aceitar um emprego fora de Amesterdão onde diz ter a certeza não conseguir adaptar-se por ser um ambiente de repartição pública portuguesa, associando a este aspectos negativos.

Durante o largo tempo em que estudou, e ainda atualmente em situações excepcionais, Bernardo foi contando com a ajuda dos pais embora a relação com estes nem sempre tenha sido harmoniosa: “O meu pai sabe que se eu voltasse para Portugal ia ser mais complicado e então não se importa nada de me ajudar, é a maneira dele ajudar. Agora ter uma conversa de pai para filho não, esquece... isso é impossível.” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.1.). É com alguma mágoa que fala da época, na altura em que realizava a segunda licenciatura, em que se incompatibilizou com o pai e saiu de casa, dando a entender que entre os dois existem algumas barreiras emocionais. O esforço, e ao mesmo tempo indefinição em relação à sua emancipação parecem refletir de alguma forma esta relação numa certa ambivalência no que diz respeito ao seu quarto em casa dos pais, cheio de objetos, por comparação ao esvaziamento do quarto atual e à minimização dos objetos, e sua importância, que levou consigo para Amesterdão. No primeiro Bernardo guarda uma coleção de coisas, como se de um (como o próprio diz) “santuário” se tratasse, encarando com desapontamento e tristeza uma eventual vontade dos seus pais desmontarem o quarto ou violarem de alguma forma este espaço. A segurança emocional que parece retirar da existência do mesmo talvez seja o que lhe facilita a relação de desprendimento com os objetos que afirma ter desenvolvido desde que emigrou, referindo várias vezes que não é nada materialista e atestando-o mostrando como as únicas coisas que possui e que habitam o seu quarto são a máquina fotográfica, roupa que cabe numa mochila e o computador. O facto de dizer que é pouco materialista não significa no entanto que não desenvolva uma relação significativa com os objetos, como podemos ver quando fala do computador como o objeto mais importante para si porque, entre outras coisas, tem todas as fotografias que tirou dos sítios por onde passou nos últimos anos:

“As fotografias é algo que... eu tenho tirado muitas fotografias, nestes últimos anos em que tenho estado fora, tenho viajado. E isso não ponho hipótese de perder, não posso perder. (...) Porque sei lá... Parece que faz parte de um percurso, e então...” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.2.)

Este percurso de que as imagens fazem parte, ou o caminho nelas traçado confirma as escolhas de Bernardo lembrando-o dos seus objetivos na procura do

seu lugar e da sua emancipação. E duma coisa está certo, voltar para Portugal não faz parte desse caminho: “Sei, sei que não quero ir para Portugal. Não posso voltar para Portugal, se não fico muito triste e fico em depressão. Mas sem dúvida, não tenho dúvidas nenhuma” (Excerto de entrevista, Anexo B.6.2.).

V. 2.7. Patrícia: “Meios pequenos, mentalidades quadradas, adaptação completamente diferente.”

Patrícia mudou-se para Amesterdão com 25 anos (há cerca de um ano e meio) para se juntar ao seu namorado, que para aqui tinha vindo estudar. Mesmo após ter terminado um curso profissional de “Técnico de apoio psicossocial”, que lhe deu equivalência ao 12º ano, as perspectivas de futuro em Vila Viçosa no Alentejo, de onde é natural, não se afiguravam melhores que continuar como polidora de mármore na serração onde trabalhava há já três anos, voltar a trabalhar na agricultura ou em bares e restaurantes. Mas o que a fez mesmo decidir sair de perto da família, foi o facto de se ir reunir ao namorado não tendo a cidade em si tido peso algum na escolha do destino. Já o namorado escolheu Amesterdão porque aqui se localizava a escola onde queria realizar a sua formação de engenheiro de som. Se tivesse sido Patrícia a escolher, provavelmente voltava para Montreux, na Suíça, onde passou a sua infância e adolescência.

Os pais saíram de Portugal quando era ainda bebé, tendo deixado Patrícia e a irmã com umas tias durante dois anos, até que finalmente reuniram as condições para as virem buscar. Ali viveram cerca de treze anos, o pai trabalhando na construção civil e a mãe em diversos empregos fabris. É com muita mágoa que Patrícia fala do retorno a Portugal, quando tinha 16 anos. Estava prestes a acabar o ensino obrigatório suíço e por razões que não quis especificar os pais tiveram de abandonar o país sem que ela tivesse oportunidade de terminar os estudos. Quando chegou a Portugal a falta de equivalências com o ensino português só lhe permitiram

recomeçar a estudar no 7º ano, o que ainda piorou a adaptação forçada a uma vila alentejana. Forçada porque Patrícia não tinha vontade nenhuma de deixar a Suíça e voltar para Portugal, como diz “só voltei mesmo porque ainda era menor e não tinha condições para ficar num país estrangeiro sozinha.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.1.). Os primeiros anos descreve-os como muito complicados, sentindo-se deslocada, perdendo gradualmente o interesse pelos estudos até deixar a escola a meio do 10º ano: “Os primeiros anos foram bastante difíceis, senti bastante, porque pronto, meios pequenos, mentalidades quadradas, adaptação completamente diferente.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.1.). O facto de nunca se ter voltado a integrar em Vila Viçosa passou muito por esta diferença de mentalidades em relação ao que estava habituada e tinha feito parte da sua educação na Suíça. A falta de identificação com Portugal é tão grande que chega a dizer:

“Não, a minha identidade não tem nada a ver com o facto de ser portuguesa. Aliás a minha identidade, dentro de mim, no meu íntimo é a Suíça. Eu simplesmente nasci em Vila Viçosa, não tenho nenhum tipo de associação a Portugal. Só mesmo o facto de falar a língua e de ter nascido lá.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.1.).

Voltar a sair de Portugal era por isso uma vontade antiga, já que a somar ao sentimento de inadaptação havia o desejo de procurar melhores condições de vida. Embora refira alguma vontade de conhecer um pouco mais do mundo, esta motivação não parece tão decisiva no caso de Patrícia como no caso de outros informantes. A característica do seu discurso em que se aproxima mais do tema do crescimento pessoal associado à migração encontra-se no facto de em Amesterdão se sentir mais próxima de si, no sentido em que tem mais liberdade para se exprimir, não estando sujeita ao controlo social que estava em Vila Viçosa, o que contribui para se sentir bem na cidade: “Em certa parte sim, contribui para gostar de estar cá, porque pronto posso-me permitir de ser um pouco mais eu, de mostrar a minha personalidade e o que eu sou.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.2.). Isto reflete-se por exemplo na forma como se sente mais à vontade para exhibir as suas tatuagens em público ou para vestir roupas que antes não se atreveria: “Porque em meios pequenos tens de te adaptar e tens de te vestir como a maioria das pessoas porque se não és automaticamente discriminada.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.2.).

De qualquer forma o facto de ter uma relação muito próxima da família fá-la pôr a hipótese de voltar para Portugal, caso a família precise dela. É também este facto que faz com que passe todas as suas férias na terra natal, onde diz gostar de voltar também para mostrar às pessoas de Vila Viçosa como conseguiu singrar na vida. A questão da mobilidade social ascendente, ligada à melhoria das condições económicas parece ser a grande motivação de Patrícia na organização do seu projeto migratório. Quando lhe pergunto se imaginaria viver noutra local que não Amesterdão responde com argumentos ligados às noções que tem acerca das oportunidades económicas em diferentes países europeus, mas claro, com a Suíça a liderar as suas preferências. A ideia de “ir tentar para outro país, partir do zero outra vez, começar tudo de novo...” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.1.) não lhe agrada, destacando-se em relação ao discurso dos informantes que valorizam a experiência cultural do lugar e da viagem nos seus projetos de migração. Da mesma forma os seus consumos culturais espelham esta falta de interesse em retirar significado da experiência da cidade propriamente dita: “Não, porque Amesterdão não é assim tão bonito como as pessoas pensam, depois de estares cá a viver Amesterdão torna-se uma cidade como as outras todas.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.3.).

Desde que chegou a Amesterdão ainda não foi a nenhum museu ou espetáculo, embora diga que tem vontade e atribua o facto à falta de interesse do namorado. O único hábito que mantêm é uma ida mensal ao cinema, embora em casa também veja muitos filmes e séries através da internet. Quanto a outros consumos mediáticos: na televisão vê apenas alguns canais de documentários em língua inglesa não mostrando interesse em ter acesso à televisão portuguesa, na imprensa procura fundamentalmente jornais franceses na internet mas tem também o hábito de consultar os sites do *Correio da Manhã* e do *Sapo*. Quando vai a Portugal traz alguns livros, pois gosta de ler em português, preferindo a ficção dramática ou baseada em histórias verídicas. Segue também as publicações de uma banda desenhada francesa da qual está a fazer coleção. A internet usa-a regularmente, para além dos usos já descritos, para fazer pesquisas sobre curiosidades, ouvir música, falar com os familiares do namorado no *Skype* ou ir ao *Facebook*, onde comunica fundamentalmente com amigos da Suíça ou do trabalho atual. As

amizades que mantém na Suíça, com pessoas de várias nacionalidades que como ela eram filhos de imigrantes, confirmam a ligação que ainda sente com este país e a vontade de reafirmar esta ligação, por contraste com Portugal. Durante o tempo que passámos juntas frequentemente me mostrava novas fotos que amigos de infância tinham adicionado no *Facebook*, ou me contava episódios da sua vida lá sublinhando o carácter sofisticado de Montreux nomeadamente pela referência ao famoso festival de Jazz ou outros festivais culturais que ali se realizam.

Na altura em que a conheci, Patrícia trabalhava num supermercado perto de sua casa (onde mora apenas com o namorado), num bairro não muito longe do centro de Amesterdão. Passados uns meses conseguiu um lugar numa empresa de telecomunicações internacional com sede em Amesterdão, a realizar apoio telefónico a clientes franceses e espanhóis. O seu largo domínio da língua francesa garantiu-lhe este emprego através do qual começou a diversificar e aumentar a sua rede social. Antes de o iniciar, as suas sociabilidades resumiam-se muito ao encontro casual com alguns portugueses, colegas de curso do seu namorado e suas companheiras. Atualmente já realiza mais atividades com as pessoas que conheceu no emprego, de várias nacionalidades, embora estas não sejam propriamente uma constante nos seus tempos livres. As saídas à noite e a cena musical electrónica de Amesterdão não a entusiasma muito pois apesar de gostar de dançar, não se identifica com o tipo de música que passa nos lugares onde a maior parte dos amigos vão. Diz ter um gosto mais antiquado, preferindo música romântica das décadas de 60, 70 ou 80 ou música latina como rumba, salsa e mambo. Numa das vezes que estivemos juntas, em sua casa, mostrou-me várias músicas populares alentejanas e portuguesas, algumas com temas relativos à emigração portuguesa, que costuma ouvir. Curiosamente não mostrou nenhum interesse em frequentar a associação portuguesa, onde só foi uma vez para assistir a um jogo da seleção portuguesa por altura do campeonato mundial de futebol, onde por vezes se dão concertos deste género musical. Para além de não ter gostado muito desta associação por ser muito diferente daquelas que ela conheceu na Suíça, menos familiar, diz não sentir necessidade em frequentar este tipo de lugares, nem de estar com outros portugueses. Ao mesmo tempo também não é entusiasta em relação a

desenvolver relacionamentos com pessoas doutras culturas, como acontece na maior parte dos casos aqui descritos. Pelo contrário nota-se até, por vezes, uma certa aversão em relação à diversidade de estilos de vida e pluralidade de comportamentos, como quando diz:

“A liberdade está a chegar a um ponto em que está a ser demais. Qualquer dia, desculpa lá a expressão, mas estamos a viver num país das bananas. Cada um faz o que quer e o que lhe apetece. É assim, eu não sou racista, e nunca fui, longe de mim dizer isso, mas é assim, tenho que ver que, trabalhar para os outros não estou para isso.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.2.).

A mesma ausência de curiosidade em relação ao desconhecido revela-se na forma como se mostra desconfiada e alheia a experimentar a cozinha de outras culturas. Mas também não se mostra muito tradicionalista em relação à cozinha portuguesa, não costuma ter ou comprar produtos portugueses, nem ir a nenhum dos restaurantes portugueses em Amesterdão.

Patrícia gosta de passar tempo sozinha, sair para ir beber um café perto de casa e pensar, pois como diz “O centro tem demasiada gente, demasiados turistas, demasiado barulho, portanto não, o centro não é propriamente o sítio onde eu estou sempre.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.3.). Mas muitas vezes prefere simplesmente ficar em casa a tratar das suas obrigações domésticas. Estas são na verdade uma parte importante da sua vida e contribuem para criar ordem no seu dia a dia. A sua relação com a casa faz parte da forma como foi educada e estrutura de certa forma a sua identidade pois é através desta, ou melhor, da sua ação sobre esta a partir das atividades domésticas que confirma a sua pertença às origens familiares. Quando lhe perguntei se tinha trazido algum objeto de Portugal que tivesse um significado particular respondeu:

“Não, basicamente tenho a casa toda que me faz lembrar a minha família porque pronto, tento seguir a mesma rotina que tinha em Portugal com os meus pais. Que é a casa minimamente em condições, foi o que a minha mãe me ensinou, portanto cada vez que entro em casa tudo se identifica comigo e com os que lá deixei.” **Porque tens a casa arrumada?** “Sim (risos) isso tem mesmo de ser.” (Excerto de entrevista, Anexo B.7.2.).

Desta forma exorciza também a distância e as saudades que sente da família, principalmente em relação à mãe com quem tem uma relação muito próxima. Os telefonemas entre as duas são frequentes, altura em que trocam as últimas novidades e esta lhe diz mais uma vez que gostaria que ela voltasse para Portugal. Esta pressão constante e falta de apoio em relação ao projeto migratório e à emancipação de Patrícia parece ter alguma influência nas características do seu quotidiano em Amesterdão, no sentido em que o facto de passar mais tempo no ambiente doméstico, tendo poucas distrações para além do trabalho, a faz sentir-se menos angustiada em relação ao facto de se ter afastado da família.

V. 2.8. Luís: “Revejo-me naquela fotografia, gostava de voltar a ser aquele Luís. E essa fotografia acompanha-me.”

“Hoje o Luís convidou-me para jantar em sua casa. A acompanhar a pasta que preparou para o jantar, (que parece mesmo ser a sua especialidade uma vez que das três vezes que jantei em sua casa preparou diferentes variações deste prato) tivemos a companhia de James, um inglês dos arredores de Londres que é um dos colegas de trabalho e também seu companheiro de casa, e de Miguel, um seu amigo português que também vive em Amesterdão e com quem partilha o gosto pela música electrónica.

A conversa, durante o jantar, andou à volta da troca de experiências e opiniões sobre os diferentes lugares que os rapazes partilharam nos seus percursos. James começou por dizer que apesar de não ser de Londres costumava passar lá muito tempo, dando a entender que era a única forma de suportar a cultura inglesa, com a qual disse não se identificar e por isso preferir viver em Amesterdão. Miguel fala da sua experiência de um ano em Cardiff, dizendo que teve muitos problemas de integração, não gostou da experiência, e concordando com James no que toca à cultura inglesa no geral. No entanto sublinha que na única vez que esteve em Londres adorou a cidade e fala de dois ou três bairros conhecidos, ligados às artes e

à música de forma muito positiva. Luís partilha uma ou duas experiências da altura em que lá viveu, descrevendo festas e clubes que os outros dois rapazes reconhecem e sobre os quais acrescentam mais alguns comentários.

A seguir ao jantar James afasta-se para o sofá para assistir a uma partida de futebol e Miguel e Luís conversam sobre novos programas de produção musical electrónica (softwares de computador), *Dj's*, novas músicas e festas a que foram nos últimos tempos. Cada um deles está envolvido em diferentes projetos relacionados com música electrónica em Amesterdão e trocam informações sobre possíveis colaborações e formas de chegar à organização de eventos com esta relacionada.” (Excerto de diário de campo).

Luís tem 35 anos e esta é a quarta vez que emigra. A primeira foi ainda em criança, com os seus pais, tendo vivido apenas durante um ano em Moçambique. Na euforia pós 25 de Abril os seus pais, na altura um casal novo com expectativas humanitárias emigraram para a ex-colónia na intenção de ajudar na reconstrução do país. Esta experiência acabou cedo e em desilusão com os ideais que defendiam, tendo retornado ao Porto, dos arredores de onde são naturais. Os pais entretanto divorciaram-se e Luís viveu com a sua mãe até aos 25 anos, quando esta comprou casa, tendo este ficado a residir na casa alugada em que antes viviam juntos. Por esta altura, tendo terminado uma licenciatura em Gestão Hoteleira e tentado alguns empregos na área em diferentes pontos do país, resolveu ter a sua primeira experiência internacional.

Decidiu ir para Londres porque, como diz, “(...) associava a cidade à música electrónica (...) e fui mesmo para experimentar e curtir, era esse o meu objectivo.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.). Empregou-se num hotel, e passou grande parte dos três meses que ali ficou a experimentar a noite de Londres onde teve contacto com o mundo dos consumos psicotrópicos associados à música electrónica. Os excessos que nesse campo cometeu fizeram-no retornar ao Porto, influenciado em parte pela experiência negativa que tinha da infância com o seu pai, que depois de voltar de Moçambique iniciou um historial de toxicodependência. De volta ao Porto empregou-se de novo na hotelaria e apaixonou-se, tendo passados uns meses

decidido, em conjunto com a namorada, voltar a sair do país. Desta vez o que o impulsionou foi um conjunto de razões:

“Também mas não só (*em relação a motivos económicos*). Foi mesmo a cena da aventura e de vir para um país diferente. Pronto e também porque estávamos apaixonados e isso também conta não é? (risos) Quando tens companhia também te arriskas mais assim a fazer uma aventura. Mas foi isso, foi uma conjugação de cenas.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.).

Na altura a escolha da Holanda foi um pouco circunstancial, porque soube que estavam a recrutar trabalhadores para a apanha do cogumelo e decidi experimentar: “Vivemos num bangaló no meio da natureza, muito fixe mesmo, trabalhámos numa estufa a apanhar cogumelos. O trabalho não era nada de especial mas quando estás apaixonado tudo é bom não é?” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.). A escolaridade e capitais culturais de Luís e da namorada rapidamente os fizeram evidenciar-se em relação aos outros trabalhadores, tendo sido promovidos a realizar funções de gestão e recrutamento desses trabalhadores. Durante este período viveram em Roterdão, que Luís compara hoje com Amesterdão dizendo que “(...) aqui é mais aconchegante e mais internacional. Roterdão é basicamente holandês.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.), tendo ao fim de algum tempo voltado para Portugal. Este retorno foi devido em parte ao facto de ter tido saudades, mas também porque a experiência adquirida o fez perceber que podia abrir um negócio de recrutamento de trabalhadores em Portugal, aproveitando os contactos que tinha feito. Entretanto separou-se da namorada mas continuou este negócio que correu bem durante cerca de dois anos, até que o ambiente económico europeu se começou a complicar, as portas aos trabalhadores do Leste da Europa foram abertas pelas transformações da união europeia e as condições de trabalho para os portugueses que recrutava começaram a diminuir, bem como os lucros de Luís, acabando por fechar a empresa que tinha criado.

Há quatro anos atrás, decidiu voltar à Holanda e fixar-se em Amesterdão. Mais uma vez sublinhou a forma como esta decisão foi tomada de acordo com várias motivações. Para além da questão económica “(...) que é importante claro, porque eu preciso de dinheiro para subsistir.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.), Luís

sentia-se de certa forma insatisfeito com aquilo que o Porto lhe tinha para oferecer em termos culturais. Na sua opinião “(...) tem uma cultura muito fechada (...)” e “(...) tu comes a conhecer toda a gente e basicamente torna-se uma rotina”, para além de que “(...) ainda há uma cultura muito ligada à aparência (...) é tudo muito estereotipado, não é esta diversidade que tu vês em Amesterdão.” (Excertos de entrevista, Anexo B.8.1.). A escolha desta cidade como novo destino migratório teve portanto a ver com esta abertura cultural que associava a Amesterdão e que lhe permite estar em contacto com outras ideias, ter acesso a coisas diferentes, conhecer pessoas de diversos sítios:

“(...) eventualmente conheces pessoas que de uma certa forma te vão iluminar. Através de uma conversa ou seja o que for, ‘olha lê este livro, que eu li, olha vê este filme’. Oh pá muito mais depressa tu cresces do que se estiveres em Portugal, não é? Porque é mais fechado culturalmente.” (Excertos de entrevista, Anexo B.8.1.).

Este posicionamento está em concordância com a sua visão da vida enquanto um caminho de desenvolvimento e aprendizagens acerca de si e do mundo, ligada ao interesse por filosofias como o budismo e por estilos de vida mais românticos como aqueles com que teve contacto nas suas viagens à Índia e à selva amazónica. Estas viagens, bem como aquelas que realiza virtualmente a partir da recorrente visualização de documentários na internet, são muito importantes para Luís. Fá-las sempre sozinho, numa posição de abertura ao crescimento pessoal que sente que a experiência da viagem lhe proporciona. Destas férias traz sempre algum objeto, normalmente instrumentos musicais típicos dos sítios por onde passa, que têm um lugar especial no seu quarto e que são repositórios das memórias que guarda dos mesmos, ao mesmo tempo relembrando-lhe constantemente o seu desejo de fazer parte de uma destas realidades. De entre estes destaca-se um que usa constantemente, um anel de prata que trouxe da Índia, e que segundo Luís simboliza um compromisso consigo próprio ao nível deste desafio de desenvolvimento e trabalho interior “(...) de melhorar a minha vida, de ser melhor, de tentar ser mais feliz.” (Excertos de entrevista, Anexo B.8.3.).

A realização destas viagens é uma das razões pelas quais se mantém no emprego atual, onde faz apoio ao cliente num *call center* de uma companhia aérea, que lhe oferece dois bilhetes de avião por ano, para um destino à escolha. Por outro lado, o ambiente internacional que existe na empresa permite-lhe estar em contacto com uma grande diversidade de nacionalidades naquilo que caracteriza como um ambiente *expat*. Quando lhe perguntei o que significava para si ser *expat* disse-me que não tinha a ver propriamente com o facto de se ser um migrante especializado, empregado em determinado tipo de trabalho, mas mais com o de não ser um local na cultura de acolhimento e não estar sujeito a tanto controlo social, usufruindo de um anonimato que lhe dá a liberdade de se reinventar.

É neste ambiente, convivendo com jovens adultos de vários pontos da Europa em situações semelhantes à sua, que o quotidiano de Luís se desenrola. As suas sociabilidades são maioritariamente definidas pelas amizades que fez no emprego ou nas saídas a bares, festas ou concertos a que vai com alguma regularidade. De entre estas, algumas são com portugueses, representando no entanto uma minoria pois como diz prefere dar-se com outras nacionalidades: “É mais enriquecedor para mim e porque lá está, já estive 30 anos com outros portugueses, prefiro estar com outras nacionalidades.” (Excertos de entrevista, Anexo B.8.1.). Em ainda menor quantidade que amigos portugueses são os holandeses. Um pouco em contradição com a ideia de abertura cultural a que associa a cidade, Luís vê os holandeses como individualmente fechados, não permitindo a estranhos entrar nos seus mundos. No entanto admite que isto possa ter a ver com a questão da língua, dizendo que possivelmente se falasse holandês seria mais fácil. Esta não é no entanto uma questão que pareça preocupá-lo muito pois as relações sociais que mantém com outras nacionalidades são bastante satisfatórias.

Outra dimensão importante da sua vida em Amesterdão é a música, como tentámos demonstrar no excerto com que começámos esta descrição, à volta da qual grande parte dos seus quotidianos giram. Luís ensaia duas vezes por semana com uma banda formada por amigos, dois italianos e um alemão, e com quem partilha esta vontade de explorar a sua criatividade a partir da música. Para além disto já tem tido também oportunidade de, através de alguns destes contactos, tocar

como *Dj* em bares alternativos da cidade, atividade que já realizava no Porto. No entanto diz que em Amesterdão “tenho conseguido reunir à minha volta um conjunto de pessoas com um interesse similar e tenho feito coisas muito mais interessantes que no Porto.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.3.). Também aqui sublinha a importância das especificidades que encontrou na migração para o crescimento e enriquecimento da sua vida: “(...) eu próprio também me expandi e também me abri muito mais a novas atividades culturais, diferentes tipos de música.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.3.).

Ao nível da culinária “(...) estou muito mais aberto a tentar aprender, tenho vivido muito com italianos e então especializei-me um bocado na pasta (risos) que é fácil e dá para fazer muitas variedades, e rápido.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.). O que não quer dizer que, de vez em quando, não vá até à loja portuguesa comprar um bacalhau ou um vinho português pois “É o paladar que tu conheces desde que te conheces a ti mesmo. Memórias que tu tens do teu país, que são boas também e às vezes dá-te aquela vontade de comer o bacalhau... (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.). Esta forma de confirmação identitária, através das memórias associadas ao paladar, combina-se com formas de experimentação identitária como quando vai com os amigos a um novo restaurante africano ou quando experimentou frutos desconhecidos na selva amazónica. Ambas são importantes e fazem parte da definição do seu mundo.

Luís quase não vê televisão, em parte por razões ideológicas pois não quer estar exposto à publicidade e incentivo ao consumo constantes. Quando acontece é geralmente para assistir a um filme ou documentário, normalmente num canal inglês. Não costuma ver canais holandeses nem portugueses. Costuma sim, ler o jornal *Público* que complementa com a leitura do *NY Times*. É a partir deste que vai tendo algum contacto com Portugal e também através de algumas atualizações de amigos no *Facebook*, embora utilize este site mais para contactar com os amigos de Amesterdão do que com os amigos portugueses. Com a família fala cerca de uma vez por semana, pelo telefone. Quando tem férias prefere ir conhecer um novo destino, embora por norma passe pelo menos uma semana por ano em Portugal, durante a qual lhe é difícil descansar pois as solicitações dos amigos e família são muitas. Diz

continuar a sentir-se em casa no Porto, e a identificar-se com alguns aspectos embora agora tenha uma postura diferente como se tivesse ganho uma nova lente, mais crítica, para olhar o país. Se por um lado considera positiva a união e entreaajuda das pessoas do Porto, por outro queixa-se do excesso de conservadorismo presente, por exemplo, na forma machista de os homens falarem das mulheres.

De qualquer forma voltar para Portugal não está nos planos, embora não pense ficar muitos mais anos em Amesterdão, planeia mudar-se para outro país, “(...) ter ainda outra experiência noutra cultura percebes? É isso que me passa pela cabeça fazer.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.1.). Uma das hipóteses poderá ser o Brasil, onde a mãe vive atualmente, pondo a hipótese de abrir um negócio na área da hotelaria que lhe permitisse voltar a ter mais liberdade, e talvez encontrar o Luís retratado na fotografia que mantém na sua mesa de cabeceira: “Eu como eu sou, sem nada. (...) quando era bebé, com um ano de idade, e em que estou todo nu. Moçambique, calor, andava sempre todo nu. E é uma fotografia que eu gosto mesmo, revejo-me naquela fotografia, gostava de voltar a ser aquele Luís. E essa fotografia acompanha-me.” (Excerto de entrevista, Anexo B.8.3.).

V. 2.9. Maria: “Tu tens lá as coisas, vens para aqui e preferes estar a batalhar tudo.”

Maria mudou-se para Amesterdão há quatro anos depois de viver a maior parte da sua vida nos arredores de Lisboa e alguns anos no centro da cidade, enquanto estudava. A primeira vez que foi à Holanda passou umas férias em Roterdão, onde uns seus amigos do Montijo, de onde é natural, se encontravam a residir. O ambiente artístico da cidade, onde visitou várias galerias de arte, fê-la pensar que talvez fosse um bom lugar para procurar emprego, uma vez que a sua formação era nesta área. No entanto esta não foi a motivação principal para

emigrar. A vontade de sair de Portugal prendia-se sobretudo, segundo diz, com um descontentamento em relação à sociedade portuguesa. Na sua opinião Portugal está muito parado, as mentalidades estagnaram e as pessoas não são capazes de reagir e ter iniciativa para melhorar as suas vidas: “Eles estão todos sem ânimo para nada. Continuam todos a viver com os pais. Eu vejo amigos meus, vão sair: ‘Dá lá aí dinheiro pai’.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.1.).

Para Maria, sair do país foi a solução para romper com este ambiente e alcançar a emancipação. Assim, após terminar, já tardiamente, a licenciatura de Design no IADE resolveu juntar-se aos amigos que viviam em Roterdão. Quando pouco tempo depois estes decidiram voltar para Portugal Maria não quis desistir do seu projeto e mudou-se para Amesterdão com outra rapariga portuguesa que entretanto conhecera e que ali vivia há já alguns anos. Foi aqui que conseguiu o seu primeiro emprego, como empregada de limpeza de um hotel. Embora ambicionasse encontrar algo melhor conta que foi influenciada negativamente pelos conselhos desta portuguesa, que a convenceu de que se não soubesse falar holandês só haveria lugar para ela nas limpezas. A percepção de uma certa má vontade e falta de solidariedade da companheira deixou-lhe uma mágoa que influencia a sua representação de um certo tipo de imigrantes portugueses:

“Não te ajudam. Metem-te ali, estabelecem-te ali um parâmetro. Então eu comecei num hotel a limpar.” **Achas que é uma espécie de competição? Que não queria que tu fizesses melhor?** “É, é, é. Eles não querem que tu venhas cá e subas tão rápido, porque eles estão cá há anos e não fazem, não têm boa vida, como é que tu vens lá de fora... eu acho que é assim que eles me vêm, não sei, pelo menos é assim que eles reagem.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.1.).

Esta opinião consolidou-se no decurso do primeiro ano que ali passou, onde conviveu com outros jovens portugueses com capitais culturais e habilitações relativamente mais baixos que os seus, alguns filhos da primeira geração migrante, já nascidos na Holanda. Durante este período costumava frequentar a associação portuguesa “Os Lusitanos” embora de cada vez que lá fosse se sentisse deslocada, reprovando o tipo de atitudes e conversas que presenciava: “Estão sempre a falar mal também, falam mal de tudo. Dos marroquinos, dos turcos, que não estão cá a

fazer nada. Tipo é o que eles estão a fazer também, não faz sentido. Não, não gosto, não gosto quando se juntam assim em comunidade.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.3.). Na sua opinião o facto de se viver num país estrangeiro deveria produzir uma abertura cultural que este tipo de lugar e os hábitos que aqui se perpetuam, como a constante preocupação com o país de origem ou o consumo de produtos culturais portugueses, não favorece: “Acho que eles estão muito fechados e depois só interagem com eles próprios e no final não... só vêem televisão portuguesa. Eles atuam como se estivessem lá, e isso acho que está muito errado.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.3.). A crescente falta de identificação com estas pessoas e a percepção da competição e falta de solidariedade entre elas fez com que se afastasse, mantendo apenas uma amizade portuguesa com uma rapariga que conheceu no emprego do hotel. Ainda assim, estas primeiras sociabilidades falhadas não a demoveram de continuar em Amesterdão.

Aos 30 anos, idade que tinha na altura em que nos conhecemos, Maria continuava à procura de um emprego na sua área de formação, ou pelo menos algo mais dignificante que o serviço de empregada de mesa que realizava em part-time ou menos precário que as poucas horas que conseguia num *call center* de uma empresa de telecomunicações internacional. Os quatro anos de estadia em Amesterdão não se tinham até à data revelado muito furtuitos neste campo, embora esta continuasse a ter esperança de encontrar algum trabalho em regime *freelance* a fazer ilustrações, a sua grande paixão. Entretanto ia conseguindo pagar as contas mas com alguma dificuldade, tendo recorrido várias vezes à ajuda da mãe ou da irmã mais velha quando a situação se afigurava mais negra. Mas agora, dois anos depois da mãe ter falecido com um cancro de pulmão vê-se cada vez mais frustrada por ter de continuar a pedir ajuda à irmã. Esta, ao contrário de Maria, cedo começou a trabalhar com o seu curso de economia vivendo atualmente na Alemanha onde tem uma posição confortável. Filhas de pais separados, sempre tiveram uma relação muito próxima em que Maria viu a irmã como modelo. O pai descreve-o como idealista e aventureiro, recordando muitas vezes a viagem de veleiro que fez com este até aos EUA. Associa no entanto o seu estilo de vida como o contrário daquilo que ela quer para si e em contraste com o da irmã: “Só que eu não quero ser como o

meu pai, a sério, é o que eu evito. Porque tipo, o irmão do meu pai é economista, e o meu pai não tem muita coisa.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.1.). Maria compara-se constantemente à irmã, sentindo que de alguma forma a desiludiu ao não conseguir singrar da mesma maneira:

“Mas queria safar-me por mim própria, aí é que está. Queria provar à minha irmã. Não era provar sabes... Queria que ela ficasse orgulhosa. Queria fazer a vida dela, ela agora esteve na Itália, na Croácia, percebes? E depois foi para a neve, fazer ski... Só que eu fico tão contente por ela sabes? Ela merece, ela fez tudo! Tem que se divertir. Agora eu...” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.1.).

O seu percurso académico foi atribulado, marcado por uma indecisão quanto à sua verdadeira vocação, resultando numa entrada tardia no mundo do trabalho pois para além disto, enquanto estudou teve sempre o apoio financeiro dos pais. Agora que vive na Holanda pensa que em Portugal se prepara mal os jovens, ficando várias vezes espantada com a capacidade de emancipação de amigas suas holandesas, muitas mais novas que ela, e que estudam e trabalham ao mesmo tempo, mesmo sem precisarem. Outra questão de que fala recorrentemente é a da liberdade que os holandeses parecem transmitir aos filhos. Comparando com a sua própria educação sente que existe um conservadorismo latente na sociedade portuguesa que fez com que as gerações mais velhas perpetuassem determinados tabus que só tornaram os jovens portugueses menos criativos, espontâneos e mais complexados. Estes valores fazem com que se sinta bem em Amesterdão, apesar das dificuldades por que tem passado. Nem quando a mãe faleceu, acontecimento que a abalou muito, pensou em voltar para Portugal. Quanto a isto conta uma conversa que teve com uma das suas amigas em Amesterdão, uma marroquina que conheceu no curso de holandês, e do seu espanto pelo aparente masoquismo de Maria: “vê bem, tu tens lá as coisas, vens para aqui e preferes estar a batalhar tudo”. (Excerto de entrevista, Anexo B.9.1.). Na verdade no Montijo possui a casa que era da mãe e também um carro, mais do que o que tem em Amesterdão. Mas aqui encontra a felicidade que não consegue encontrar em Portugal:

“Era uma coisa que eu dizia à minha mãe ‘eu em Amesterdão, mesmo estando a limpar sanitas, eu consigo estar lá a sorrir’. Não sei, sinto-me feliz cá, e lá

em Portugal tendo tudo, casa, carro... Mas cá sou feliz, lá não sou. Eu estive lá agora seis semanas e só me queria vir embora.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.1.).

Parte desta felicidade tem a ver com o facto de, apesar de tudo, aqui sentir mais independência em relação à forma como vive a sua vida. Não ter que dar justificações a ninguém, ou mostrar provas de que a vida lhe corre de acordo com os cânones aprovados pela família em Portugal, poder falhar sem sentir a pressão para vencer. Para além disto, a somar às características culturais já referidas, com as quais se identifica, refere ainda o ambiente artístico de Amesterdão, a forma como sente que aqui consegue evoluir culturalmente de forma mais rápida. O que não quer dizer que não se sinta ao mesmo tempo constrangida pelas condicionantes decorrente do seu estatuto de imigrante, como por exemplo o facto de por vezes se sentir excluída por não falar holandês ou o de não poder usufruir tanto como gostaria desta oferta artística e cultural que a cidade oferece, por falta de recursos económicos. Mas mais do que uma questão económica o fraco acesso de Maria a estes contextos parece ter a ver com o facto de não ter conseguido rodear-se de muitas pessoas que tenham os mesmos interesses e que lhe conferissem os capitais sociais necessários à inserção em tais contextos. Isto talvez se deva em parte à sua personalidade, mais introspectiva que expansiva, que muitas vezes a leva a preferir ficar em casa. Quando sai vai geralmente “a um bar ao pé da minha casa, que é tipo bar de artes, uma onda mais cultural lá. É holandês e tem muitos quadros lá e depois tem muitos cartazes das coisas que estão a acontecer e da música, da casa do jazz também.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.3.).

Maria passa muito tempo com o namorado, um holandês que conheceu numa das saídas com as suas amigas, com quem no decurso do meu trabalho de campo começou a partilhar casa. Quando têm tempo livre vão ao cinema, ou quando a meteorologia o permite costumam ir passear para a praia ou parques. Muitas vezes estão com os amigos dele, altura em que Maria aproveita para praticar o seu holandês. As suas preferências culinárias vão para a comida asiática quando vão a um restaurante ou optam por take away, mas se cozinham é normalmente o namorado a assumir os comandos e a ensinar a Maria algumas receitas holandesas. Desde que está em Amesterdão Maria só foi uma vez a um restaurante português e

nunca procura produtos portugueses, nem costuma trazer nenhuns consigo quando vai de férias. Quando fica por casa vê alguma televisão, principalmente os canais holandeses onde pode ver programas em inglês, mas de vez em quando também sintoniza os canais portugueses na internet para ver um pouco o telejornal ou matar saudades de algum programa, embora refira que rapidamente se cansa. Hábito mais regular é o de, quase todas as manhãs, ouvir rádio holandesa. Quanto a jornais, consulta regularmente o tablóide inglês *Daily Mail* na internet. Mas a principal função da internet para Maria é a pesquisa de emprego, com a qual perde muito tempo na esperança de encontrar o tão desejado trabalho de ilustração. Desde que está em Amesterdão já realizou dois cursos de formação complementar nesta área, mas ainda assim não conseguiu nada. As únicas pessoas com quem mantém contacto regular, através de telefonemas é com o pai e com a irmã, falando-se semanalmente. Com o resto da família não tem muita vontade de falar porque sente que a vão controlar e fazer perguntas sobre a sua atividade profissional, para as quais não tem as respostas que gostaria.

Para além do namorado, as suas companhias mais habituais são duas amigas, uma inglesa e outra francesa, com quem costuma passear num dos mercados de Amesterdão, à procura de inspiração para as suas ilustrações ou de uma peça de roupa mais barata mas se enquadre nas tendências exploradas na internet, onde costuma informar-se das últimas notícias da moda. O guarda fatos da amiga francesa é outro recurso que usa para construir o seu próprio guarda roupa, uma vez que esta tem bastantes recursos económicos e frequentemente dá a Maria peças que já não usa. Com esta amiga teve também já a oportunidade de viajar até Paris, de onde ela é natural, onde visitaram vários museus e galerias de arte.

O quarto de Maria espelha a sua paixão pela ilustração, estando as paredes repletas de desenhos feitos por si, sendo a maior parte retratos feitos a partir de situações quotidianas de Amesterdão. Refere que não gosta de ter muitas recordações de Portugal, talvez porque a fazem sentir ansiosa em relação ao futuro que ainda tenta definir: “eu tento não ter assim muitas recordações, não gosto. Não vejo qual é a necessidade, eu tenho é de me focar no meu futuro e tentar melhorar a minha vida.” (Excerto de entrevista, Anexo B.9.2.). As alusões ao seu passado

resumem-se a uma fotografia de Lisboa e duas da sua casa no Montijo, e a um “apanha sonhos”, talvez o objeto mais importante, que a mãe lhe trouxe da Amazónia. Quando à noite o sono teima em não aparecer e os pensamentos sobre se amanhã será o dia em que vai encontrar um emprego melhor se alojam na sua cabeça, gosta de pensar que é esse amuleto que a vai proteger dos pesadelos.

V. 2.10. Tomás: “A primeira fase é apartamento, segunda fase casa germinada e terceira fase casa, vivenda mesmo.”

“Hoje estive em casa do Tomás. A Cláudia, sua namorada, preparou caldo verde e arroz de cabidela para o nosso almoço que acompanhámos com um vinho tinto português. No fim do almoço perguntaram-me se queria uma Macieira ou um Licor Beirão para acompanhar o café, também português. Senti que tinham gosto em mostrar como tudo estava em ordem reproduzindo aquele almoço tão típico e proporcionando-me aquilo de que eu, como eles longe de Portugal, com certeza sentiria falta. Durante o almoço Tomás, sempre entusiasta na conversa e visivelmente contente por ter uma visita, explicou-me como mantêm a despensa sempre cheia destes e outros produtos portugueses. A maior parte é trazida na grande viagem de férias em Agosto, que é feita de carro também por esta razão: quilos de hortaliças várias das hortas da aldeia de onde Cláudia é natural, chouriço, bacalhau, presunto, doces, sal e bebidas. Quando a meio do ano alguma coisa se acaba vão até ao armazém que há fora da cidade (segundo me conta é o importador que abastece os restaurantes portugueses da área) para repor.” (Excerto de diário de campo).

Tomás vive na Holanda há cerca de 8 anos mas só nos últimos 3 em Amesterdão. Este rapaz de 30 anos, natural da Marinha Grande começou por trabalhar como operário em diferentes fábricas desta zona, após terminar o ensino

secundário. Passados uns meses da sua irmã mais velha se ter mudado para Nijmegen resolveu seguir-lhe o exemplo e começou a trabalhar para uma empresa de recrutamento que o foi relocando em diferentes fábricas durante 5 anos. Embora não estivesse propriamente com problemas de dinheiro ou com falta de trabalho quando resolveu sair de Portugal, diz que a perspectiva de ganhar um ordenado mais alto teve peso na sua decisão. No entanto esta somava-se a uma igual vontade de aventura e algum fascínio relacionado com a liberdade, nomeadamente ao nível das drogas, que se dizia viver no país. No tempo que passou em Nijmegen, uma cidade com grande percentagem de jovens devido à existência de várias universidades, levou uma vida despreocupada e boémia: “Eu trabalhava durante a semana e ao fim de semana era borgas, mas eram borgas mesmo, valia tudo. Eu apanhei um clube lá em Nijmegen que gostava muito, é um dos clubes mais antigos de lá, era um clube só de estudantes.” (Excerto de entrevista, Anexo B.10.1.). A sua companhia era geralmente outra rapariga portuguesa, que trabalhava consigo, pois todas as tentativas que fez de se aproximar de jovens holandeses saíram frustradas. Para além de alguns portugueses, conviveu durante esta época com alguns polacos, também colegas de trabalho.

Tomás é talvez de todos os informantes aquele que mais se queixa desta dificuldade de entrosamento com os jovens holandeses, e o que mostra mais vontade e preocupação em se integrar nesta sociedade. Tanto ele como a namorada frequentam o curso de língua e cultura holandesa disponibilizado gratuitamente pelo governo aos imigrantes. No caso de algumas nacionalidades este é mesmo obrigatório se quiserem residir no país por mais tempo. Para Tomás este é visto como uma forma de melhor se integrar na sociedade. Comparando-se com os imigrantes marroquinos e turcos justifica as políticas de integração do governo, mostrando consciência estratégica daquela que é para si a melhor forma de viver neste país. Isto nota-se na forma como fala do lugar onde vive atualmente, em Amesterdão, dizendo que (ao contrário da rua mais abaixo) é um lugar onde vivem fundamentalmente holandeses. Não que ele tenha problemas com outros imigrantes, sublinha, mas simplesmente quer evitar cair no mesmo erro que estes e isolar-se numa comunidade:

“E esse é o problema que os holandeses têm contra os marroquinos. É que eles fecham-se em comunidades e não convivem com os holandeses. E o meu objetivo é conviver, apesar de ser muito difícil porque eles são, como eu já referi, pessoas muito fechadas, ao contrário daquilo que eu pensava.” (Excerto de entrevista, Anexo B.10.1.)

No fim dos 5 anos que viveu em Nijmegen Tomás começava a sentir-se saturado da rotina, desinteressando-se das festas e dos consumos a estas associados, e começando a desejar uma vida mais responsável, o que na sua perspectiva passaria pelo modelo clássico de constituição de uma família e compra de uma casa. Ao contrário de grande parte dos informantes Tomás traçou o seu futuro de forma bastante planeada e assente nestes moldes. Por isso, durante as férias de Agosto em Portugal começou a procurar namorada, alguém que como ele estivesse interessada numa relação séria. Quando conheceu a Cláudia, natural de uma aldeia também na zona da Marinha Grande, esta trabalhava num restaurante como cozinheira e foi também como cozinheira que se empregou em Amesterdão, para se juntar a Tomás. Parte da decisão de sair de Nijmegen teve a ver com isto pois, apesar de o facto de já não se encontrar satisfeito com o seu emprego naquela cidade também ter pesado, em Amesterdão Tomás sabia existir mais que um restaurante português onde Cláudia poderia procurar trabalho. Assim, e aproveitando a ajuda da irmã nos primeiros tempos (que entretanto se tinha também mudado para ali) resolveram estabelecer-se nesta cidade. Tomás encontrou trabalho algum tempo depois, primeiro como carteiro e mais tarde numa fábrica de panificação, onde continua.

Assim que sentiu alguma segurança começou a informar-se dos trâmites necessários à compra de casa e comprou um T2 numa das zonas periféricas de Amesterdão. Numa das vezes que estivemos juntos contou-me pormenorizadamente os seus planos de vida relativamente à habitação. Para já a ideia é pagar o mais rápido possível esta casa para que possa passar para o nível seguinte: “Porque é assim, eu quero fazer uma coisa em três fases. A primeira fase é apartamento, segunda fase casa germinada e terceira fase casa, vivenda mesmo” (Excerto de entrevista, Anexo B.10.1). Em Portugal também planeia, assim que

possa, adquirir ou preferencialmente construir uma casa. Cláudia gostaria que esta se localizasse perto da casa da sua mãe, na sua aldeia natal. Mais que Tomás esta está muito ligada à família e diz mesmo que se pudesse voltava para Portugal, notando-se que esta vontade é contrariada por Tomás. Na opinião deste mesmo que os dois juntos em Portugal se conseguissem orientar melhor do que quando estavam sozinhos nunca teriam oportunidade de poupar tanto como na Holanda. Como aqui se torna evidente, no caso de Tomás pode dizer-se que, ainda que originalmente outras motivações a estes se tenham somado, a migração se baseia fundamentalmente em motivos económicos.

O contacto com Portugal é, no caso deste jovem e da sua namorada, uma constante. Para além do consumo de produtos alimentares portugueses, como mostrámos no excerto com que começámos este retrato, e que se nota também nas preferências ao nível da restauração, nos consumos mediáticos passa-se o mesmo. Os canais portugueses são sintonizados diariamente através da internet para se manterem ao corrente das notícias e ver algum outro programa como a novela, no caso de Carla. Tomás também procura ler todos os dias as primeiras páginas dos jornais portugueses, através de um programa na internet que tem no telemóvel, embora também goste de seguir, ainda que não compreenda tudo, alguns jornais holandeses que encontra no seu emprego. Rádio não é muito habitual ouvirem, mas quando o fazem são rádios portuguesas, também através da internet. Tomás gosta muito de ler livros de ficção científica ou aventuras, que compra quando vai a Portugal, ou que o pai lhe envia por correio pois tem o hábito de só ler em português. As férias, de 3 a 4 semanas durante o mês de Agosto, são também passadas em Portugal onde no último ano Tomás aproveitou para tratar dos preparativos para o seu casamento, a realizar no ano seguinte também no mês de férias. Depois, virão os filhos. É ainda no enquadramento deste plano de vida que descreve a sua satisfação com o facto de se ter mudado para Amesterdão, uma vez que “foi aí que tudo começou, a minha independência, entre aspas. (...) é por isso que eu e a Cláudia agora temos esta casa que comprámos e pronto, estamos a conseguir os nossos objetivos.” (Excerto de entrevista, Anexo B.10.1.). Para além deste factor Tomás, em contraste com a maior parte dos informantes, não realça

nenhuma característica em particular na cidade que contribua para o facto de gostar de viver ali. A sua experiência em Amesterdão não passa propriamente por uma mudança de modo de vida, mas mais pela confirmação de um padrão que provavelmente seria o mesmo que estaria a seguir se tivesse ficado em Portugal. Tomás tem tudo programado, até a forma como a reforma vai ser passada entre a Holanda e Portugal aproveitando os frutos da vida de trabalho e poupança que agora leva.

Os seus quotidianos em Amesterdão resumem-se por isso mais ao trabalho que ao lazer. Os poucos tempos livres passa-os geralmente em casa ou aproveita para visitar os poucos amigos que aqui tem, um casal português que mora noutra parte da Holanda, a sua irmã ou algum colega do restaurante onde trabalha Cláudia, também português. Mas a maior parte das vezes a sua companhia é a namorada, aproveitando um dia de sol para ir até à praia ou fazer um piquenique. Na altura em que nos conhecemos realizava todos os Sábados algumas horas de voluntariado numa das associações portuguesas de Amesterdão (a APA, sendo o único informante que a esta se referiu), trabalhando no bar durante umas horas e pertencendo ao corpo diretivo enquanto secretário. Embora quando se envolveu nesta organização tivesse a esperança de desenvolver atividades interessantes e encontrar pessoas com quem conviver, à medida que o tempo foi passando desiluiu-se, acabando mesmo no final do meu trabalho de campo por se desvincular da mesma:

“Eu quando fui para a APA fui a pensar que pronto ia conhecer pessoas interessantes e que ia pronto aprender a cultura e que também as outras pessoas iam aprender a cultura comigo, que é isso que eu gosto pronto. (...) Cheguei lá e claro foi uma desilusão, foi totalmente diferente, as pessoas não eram nada daquilo que eu estava à espera, é quase tudo bêbados!” (Excerto de entrevista, Anexo B.10.3)

O facto de não se identificar com as pessoas que frequentavam o espaço porque “são pessoas que têm estudos muito baixos, são pessoas que não têm um grande grau de, não é de inteligência, é um grande grau de instrução.” (Excerto de entrevista, Anexo B.10.3), e o de sentir a falta de pessoas mais jovens, porque “agora, atualmente, os jovens já não se ligam” (Excerto de entrevista, Anexo B.10.3),

levou ao seu afastamento. Tomás mostra interesse em relação a algumas atividades culturais como ir ao cinema e visitar museus, dizendo já ter visitado todos os museus da cidade e gostar especialmente de arte moderna, mas lamenta mais uma vez o facto de não encontrar amigos com quem realizar este tipo de atividades. Tomás parece estar preso num impasse que condiciona as suas sociabilidades. Se por um lado mostra vontade de encontrar contextos sociais com os quais se identifique (por oposição por exemplo ao da associação portuguesa), com gente da sua idade que lhe proporcione conversas e discussões interessantes, por outro parece não possuir os capitais, a operacionalização de significados, de gostos para chegar a estes contextos.

V. 3. Comparando Desfechos: Continuidades e Descontinuidades

Como vimos, os retratos dos informantes em que se baseia a análise nesta dissertação, dão conta de algumas semelhanças mas também de singularidades na forma como estes encaram a migração e se relacionam com o destino e a origem nos seus quotidianos. Tais diferenças e similaridades são expressas também através das afinidades que mantêm com as diferentes formas de cultura material aí presentes. Destaca-se a existência de uma posição que assenta num discurso acerca das potencialidades do destino migratório, tomando diferentes formas consoante os indivíduos, mas que em todos os casos está ligado a um processo de transformação ou confirmação de um percurso de vida significativo. A migração aparece como momento chave neste percurso sendo justificada através do mesmo discurso.

A este discurso corresponde uma tendência, ao nível das práticas de consumo e de sociabilidade, para privilegiar a diversidade cultural e a experimentação do diferente. Nuns casos de forma mais significativa que noutros, a convivência com diferentes nacionalidades e estilos de vida e o acesso ao consumo de determinados produtos (não só materiais, mas também imagéticos, simbólicos, performativos) é procurada e valorizada enquanto fonte de enriquecimento pessoal

e autonomia em relação aos padrões culturais da origem. Existe uma correlação entre este discurso, bem como as práticas de consumo deste decorrentes, e uma propensão para: a) uma minimização do carácter económico da migração; b) a pouca ênfase na importância da origem e do contacto com a mesma na representação de si; c) a vontade de diferenciação em relação a um estereótipo determinado da emigração portuguesa; d) a valorização do contacto com diferentes culturas e estilos de vida expressa nomeadamente na vontade de viajar para lugares desconhecidos; e) a identificação, ao nível das sociabilidades, com um segmento (maioritariamente embora não exclusivamente) internacional (ocasionalmente conterrâneo e raramente autóctone) da população da cidade, cujas condições de vida tendem a aproximar-se das dos próprios.

Os informantes que mais expressam esta posição são seis, de entre os dez, nomeadamente a Andreia, a Isabel e a Maria no lado feminino e o Cláudio, o Jorge e o Luís no lado masculino. A Carla e o Bernardo encontram-se num lugar mais intermédio e ambíguo, pois embora por um lado enfatizem aspectos da cidade com os quais se relacionam na migração, estes não parecem tão determinantes nos seus quotidianos e na representação de si. No polo oposto, onde este discurso praticamente não existe temos o Tomás e a Patrícia. Estas duas posições, poderemos em abstracto tomá-las como tipos ideais conceptualizando a primeira como cosmopolita e esta última como tradicional. À boa maneira Weberiana este exercício de abstração permite-nos operacionalizar categorias que na realidade (como vimos pela complexidade dos retratos apresentados), no quotidiano da prática humana se encontram mais intrincadas em especificidades e contingências contextuais. Este truque heurístico ajuda-nos assim a categorizar para fins analíticos o tipo de posicionamentos dos nossos informantes abstraindo-os em linhas gerais das particularidades de cada um.

Nesta secção gostaríamos de fazer uma análise transversal mais sistemática relativamente às condicionantes estruturais que permeiam os contextos dos sujeitos em análise, de modo a tentar perceber quais delas poderão exercer maior influência na diferenciação dos posicionamentos encontrados. Ao mesmo tempo, uma vez que o carácter substantivo da nossa pesquisa o permite e que o nosso quadro teórico o

promove, chamaremos também a atenção para a possível influência de determinadas especificidades ou acontecimentos nos diferentes percursos nos mesmos posicionamentos. Começamos então pelos aspetos de teor sociográfico. A média de idades dos informantes ronda os 28 anos, encontrando-se naquele que podemos caracterizar como sendo o estágio do jovem adulto. Segundo Heinz (2009) esta nova fase foi criada na reestruturação que se deu ao nível das transições na juventude com as transformações sociais das últimas décadas do século XX nas sociedades pós-industriais. Uma das mais importantes tem a ver com a forma como a flexibilização e crescente precariedade do trabalho e da carreira têm conduzido à criação de expectativas sobre a capacidade de auto-direcionamento das decisões acerca da educação e emprego, de forma a lidar com mercados laborais voláteis. Ao mesmo tempo aquilo que antes eram padrões (e demarcadores etários) sociais bem definidos tem-se vindo a relativizar, diversificando o leque de possibilidades à disposição dos jovens para construir a sua vida. Deu-se portanto uma individualização, mas também responsabilização na forma como se espera que os sujeitos moldem ativamente as suas biografias (Beck, Giddens e Lash, 1994; Giddens, 1991), que é complexificada pelas contingências e interações específicas com cada contexto. Ainda Heinz, mostra como para se entender o carácter das transições etárias contemporâneas é necessário atender a esta complexificação a partir de uma abordagem que sublinhe: a forma como as diferentes fases da vida afectam todo o seu curso e estão interligadas, os indivíduos constroem ativamente a sua biografia, as biografias são construídas em tempos e espaços específicos; as circunstâncias sociais que influenciam as decisões e caminhos tomados; e o papel desempenhado pelas redes sociais na definição das biografias.

Esta abordagem coaduna-se com aquela que temos vindo a defender neste trabalho e ao mesmo tempo chama a atenção para a centralidade da fase da vida em que os nossos informantes se encontram, no contexto das transformações sociais contemporâneas. Pode dizer-se que para todos eles a migração aparece na linha da procura do percurso, nuns casos mais planeado que noutros, para a independência adulta ou simplesmente na procura do sentido da sua biografia como é visível no caso de Luís (curiosamente o mais velho de todos, o que atesta esta volatilidade dos

marcadores etários). A questão da transição no ciclo de vida torna-se importante no contexto migratório na medida em que a partir da migração se abrem diferentes oportunidades estratégicas para o reposicionamento e afiliação dos indivíduos (Amit, 2007: 6), nomeadamente na forma como a viagem em si é hoje entendida como um meio de demarcação estatutária ao nível das classes médias (Harrison, 2003: 11) potenciada por um discurso de senso comum que celebra o valor da “experiência internacional”, e no modo como a mudança de contexto proporcionada pela migração oferece a oportunidade de construir uma nova identidade. Num período de transição em que outras formas de capital cultural e fontes de segurança identitária se podem encontrar comprometidas, na passagem muitas vezes precária e desestabilizadora do conforto da casa dos pais (e afiliação aos recursos e posição de classe dos mesmos) para a reivindicação das suas próprias posições e proventos (Amit, 2007: 6), a migração aparece como uma oportunidade de reconfiguração do seu status social. Por exemplo, como vimos ser o caso em vários dos retratos expostos, como por exemplo o de Cláudio, Luís ou mesmo Bernardo: “a fairly mundane service occupation can be invested with more cosmopolitan overtones if it is represented as part of an exotic ‘coming of age’ journey” (Amit, 2007: 7).

O género dos informantes parece não ser um factor decisivo na forma como vivem a migração, existindo exemplos de rapazes e raparigas com diferentes tipos de posicionamentos. Há no entanto uma tendência para as raparigas dependerem mais da ajuda dos pais ou outros familiares do que os rapazes. Da mesma forma as raparigas parecem ter mais propensão a sair do país para se juntarem a um companheiro, como no caso de Patrícia e da namorada de Tomás, ao passo que nos rapazes não existem casos iguais. O que não quer dizer no entanto que as relações deste tipo não possam também estar ligadas aos seus projetos migratórios, como podemos ver no caso de Jorge e de Luís, que originalmente o construíram em conjunto com as namoradas, ou de Cláudio que de forma oposta emigrou para se afastar de uma relação amorosa. O facto de serem filhos únicos ou terem irmãos também não parece relevante, tendo apenas importância no contexto de certos casos como o de Tomás, em que o facto de a irmã ter migrado persuadiu a sua

própria migração, ou no caso de Maria em que as especificidades da relação entre as duas influencia de certa forma as suas aspirações no contexto migratório.

Os locais de nascimento e crescimento, bem como aqueles por onde passaram ao longo da vida, esses sim são importantes na definição de diferentes posturas, embora existam alguns casos que complexificam a questão. Assim, aqueles que vêm de centros urbanos maiores como a Maria, o Jorge e o Luís, ou cujo percurso incluiu algum tipo de mobilidade anterior como no caso de todos os informantes excepto de Tomás e de Cláudio, parecem ter uma maior propensão para desenvolver um posicionamento de tipo cosmopolita ou para tornar a relação com os lugares por onde passaram como significativa nas suas vivências atuais. O Cláudio constitui aqui uma exceção, sendo um dos que valoriza mais as características de Amesterdão no contexto do seu quotidiano migratório embora não tenha tido experiências de mobilidade anteriores nem venha de uma cidade propriamente grande. Neste caso parecem entrar em linha de conta condicionantes específicas do seu percurso de vida que contribuíram para que desenvolvesse capitais culturais que lhe permitem assumir esta posição, como as redes sociais na origem.

Os posicionamentos ao nível da classe, a partir das suas pertenças familiares, não mudam muito entre os diferentes informantes. Todos cabem no grande denominador da classe média, com capitais económicos semelhantes, sendo que as variações pertinentes se poderiam localizar ao nível das profissões e consequentemente dos capitais culturais dos pais. Mas também aqui temos exemplos que mostram como estas características podem ser influenciadoras mas não determinantes para os diferentes posicionamentos. No caso de Isabel, cujos pais são os que provavelmente se encontram numa posição social mais privilegiada relativamente à sua situação profissional (pai juiz e mãe professora do ensino secundário), podemos atribuir a este facto o encorajamento e ajuda financeira que os mesmos sempre lhe deram para sair do país e ir experimentando várias realidades sociais e laborais. No entanto, no caso de Andreia o facto dos seus pais serem operários fabris, e a sua inicial oposição à sua saída do país, não impediu que esta se conseguisse inserir num contexto de investigação académica internacional e constituir uma rede social muito alargada e variada.

Não obstante, todos os informantes acabam por ser de uma forma ou de outra privilegiados pois todos admitem que em caso de necessidade teriam alguém que os ajudasse, o que obviamente lhes dá uma segurança que acaba por ser fundamental na prossecução da migração e em muitos casos na própria caracterização dos quotidianos e da relação que desenvolvem com a cidade. Por exemplo, se a irmã de Maria não a pudesse ajudar, quando o dinheiro não chega para pagar a renda, talvez esta já tivesse posto de lado as razões que aponta para se sentir mais feliz em Amesterdão do que no Montijo e já tivesse regressado a Portugal. Mas também isto acaba por não ser extensível a todos os informantes. Se compararmos o Luís com a Isabel vemos que têm posturas semelhantes no que diz respeito à valorização da viagem e da procura, através desta, da diferença e ao mesmo tempo de si próprios. Embora no caso de Isabel esta postura possa ser justificada pela segurança que sente por parte da família e pela liberdade que isto lhe dá, já no caso de Luís esse factor é insignificante, não fazendo no entanto com que a sua atitude mude. Em qualquer caso, considerar o relativo privilégio de que todos os informantes usufruem como sinónimo de pertença às “elites” parece-nos redutor e simplista, como esperamos ter demonstrado com a descrição das especificidades de cada indivíduo e seu percurso e na linha dos argumentos defendidos na exploração teórica.

Quanto aos capitais educacionais, no caso daqueles que possuem estudos médios a superiores, e ainda mais no dos que estão integrados em contextos escolares ou laborais internacionais, estes parecem ser muito importantes na definição das suas sociabilidades, consumos e discursos sobre a migração. Como mais significativos temos o caso de Andreia, Isabel, Carla, Luís e Jorge, já que estes são os indivíduos com redes de sociabilidade mais intensas e mais características de um posicionamento de tipo cosmopolita. Mais uma vez o caso de Cláudio é paradigmático no sentido em que é de todos quem possui menos capitais escolares, o que não parece constituir uma condicionante no acesso a contextos de sociabilidade mais cosmopolitas ou à partilha dos códigos necessários à sua integração em determinadas culturas de consumo, no meio jovem e internacional de Amesterdão. Já Tomás, que ao contrário de Cláudio completou o ensino secundário,

não apresenta a mesma facilidade mostrando mesmo muitas dificuldades no desenvolvimento de redes sociais deste tipo, o que dá conta da forma como este tipo de variável estrutural pode não ser determinante nos posicionamentos destes jovens. De uma forma geral um bom domínio da língua inglesa é também uma vantagem. Não será por acaso que a Patrícia, a Maria e o Tomás que têm menos fluência, apresentem redes de sociabilidade mais restritas. Curiosamente o domínio do holandês não aparece como uma questão importante, constituindo talvez uma exceção Tomás, o que se coaduna com as particularidades do seu caso mais de tipo tradicional. A razão para este facto prende-se com certeza com a fraca necessidade da sua utilização, uma vez que: a) a cidade de Amesterdão está largamente orientada para o turismo e o inglês é assumido como segunda língua; b) os círculos sociais e meios laborais que fazem parte dos seus quotidianos são fundamentalmente internacionais.

A presença de familiares ou conhecidos emigrantes na vida dos informantes tem diferente peso nos seus discursos e percursos embora a grande maioria apresente uma posição de distanciamento em relação ao estereótipo do emigrante económico português, definindo objetivos muito diferentes para a migração e sublinhando as características dessa diferença. As únicas exceções são a Patrícia e o Tomás uma vez que eles próprios se aproximam mais deste modelo tradicional, no sentido em que a melhoria das condições económicas tem um peso considerável no seu projeto migratório e que a relação com a origem é mais valorizada. É claro que a melhoria geral das condições objectivas de vida está de certa forma implícita em todos os casos apresentados, embora isto corresponda um pouco a atestar o óbvio, no sentido em que à partida ao migrar os sujeitos não procurem situações de vida piores mas melhores. No entanto em muitos dos casos apresentados vemos como esta questão é mais complexa do que à primeira vista pode parecer, uma vez que alguns dos informantes (como o Cláudio, o Jorge ou a Maria) dizem mesmo que em Portugal tinham uma situação mais confortável do que a que têm em Amesterdão. Por outro lado estes argumentos podem ser interpretados como uma forma de, mais uma vez, se afastarem do tal estereótipo do emigrante português clássico, uma

imagem que não traz vantagens nos contextos em que se movem e em que se querem ver inseridos.

O posicionamento precário de Portugal enquanto país do centro, acentuado pelos recentes desenvolvimentos político-económicos num contexto de crise, terá também influência nesta vontade de demarcação identitária e procura de referentes extranacionais. A procura de espaços de consumo e sociabilidade que permitam um afastamento em relação a essa realidade torna-se assim vantajoso no sentido de uma mobilidade social ascendente mas também no acesso a capitais simbólicos importantes na construção da imagem de si. Assim, reduzir esta questão a uma vontade puramente estratégica ao nível da melhoria das condições objetivas de vida não nos parece fazer muito sentido, uma vez que ao nível do quotidiano as práticas de sociabilidade e consumo da maior parte dos informantes confirmam uma série de relações significativas que parecem ser importantes para a lógica interna dos indivíduos, produzindo significados relevantes na ordem dos seus mundos.

O tipo de relação que os diferentes informantes mantêm com a origem varia de caso para caso mas pode dizer-se que, de uma forma geral, esta é mais orientada a partir da manutenção das suas relações familiares e de amizade do que propriamente de acordo com necessidades abstratas de assegurar a ligação a um ideal de identidade baseado em pressupostos étnicos ou nacionais. A manutenção destas relações é efectuada de forma mais ou menos intensa, não parecendo haver uma relação direta entre a mesma e um posicionamento de tipo cosmopolita ou de tipo tradicional. Assim temos indivíduos mais próximos do primeiro tipo que mantêm contactos frequentes, como o Cláudio ou a Andreia, e outros para quem isto não é tão importante como o Jorge ou o Luís. Dentro do posicionamento mais tradicional temos a Patrícia a contrastar com o Tomás, que ao contrário desta parece não sentir tanta necessidade de contactar com a família. Este último informante é no entanto aquele que mostra mais interesse, ou pelo menos um interesse mais exclusivo, em manter-se informado em relação às notícias sobre o país em geral. Nos restantes casos esta procura de informação combina-se, a partir dos seus consumos de tipo mediático, com a procura de outros tipos de informação de carácter internacional. Esta curiosidade pode estar relacionada, como no caso do Bernardo e

da Patrícia, com as especificidades dos seus percursos anteriores e ser especialmente focada .

Quanto à perspectiva de regressar ao país de origem a tendência geral é para uma vontade em continuar o projeto migratório, que em alguns casos (como no da Carla, Isabel ou Luís) admite a possibilidade de o estender a outros destinos. Os motivos apontados só são estritamente económicos no caso do Tomás, enquanto que para os outros informantes prendem-se com um misto de razões que embora também possam ser de tipo económico, frequentemente estão associados à tendência para valorizar as transformações pessoais decorrentes do movimento migratório. Estas são muitas vezes sublinhadas a partir da comparação entre os locais de origem e o de destino, e da demonstração das vantagens do segundo sobre os primeiros. É importante no entanto referir que este tipo de posicionamento pode ser condicionado pela natureza da própria migração, na maioria dos casos de duração ainda curta e realizada com apoio económico externo. Esta situação não se vai manter sempre e isso poderá alterar a forma como estes indivíduos valorizam o retorno à origem. Da mesma forma, a vontade de constituir família e produzir descendência poderá constituir um factor de alteração dos posicionamentos encontrados. Curiosamente muitos dos informantes, mesmo aqueles que fazem maior utilização de argumentos cosmopolitas, dizem valorizar mais Portugal depois de terem emigrado notando-se no entanto a ativação de motivos afectivos e emocionais mais ligados às memórias e experiências individuais do que, mais uma vez, a um discurso saudosista abstracto ou ideológico.

Como vemos, as condicionantes de tipo estrutural influenciam os tipos de posicionamentos encontrados, embora estes não dependam exclusivamente delas. O estágio da vida em que se encontram, as suas origens e percursos geográficos anteriores à migração e os capitais culturais e educacionais são os tipos de variáveis que mais influência exercem, contribuindo para moldar as relações com os objetos, espaços e pessoas no contexto migratório e em relação à origem. No entanto, como mostram as exceções de que tentámos dar conta, as segundas não se podem reduzir às primeiras nem existem num continuum linear entre as mesmas, produzindo antes posicionamentos heterogéneos que por vezes podem parecer contraditórios. Assim

não podemos afirmar que a lógica que preside à produção de significados em contexto migratório, seja para estes indivíduos puramente de tipo cosmopolita, afastando-se de posicionamentos de identificação étnica, ou puramente de tipo tradicional, aproximando-se das mesmas. O que podemos dizer é que essa lógica utiliza recursos diversificados, que se aproximam mais de um ou de outro tipo conforme o sentido e importância, muitas vezes estratégica, que as práticas decorrentes de um e de outro assumem para cada indivíduo e na sua incorporação no contexto migratório.

VI. Conclusão

Ao longo deste trabalho fomos chamando a atenção para determinadas posturas teóricas que aplicadas aos dados de que aqui demos conta nos permitiram demonstrar que: a) o idioma étnico, e as estratégias na migração deste decorrentes, é apenas um dos possíveis na articulação e produção de sentido e na procura de um lugar em contexto migratório; b) partir de uma abordagem que o tome como fundamental à priori pode desviar a atenção de outros idiomas importantes, como no caso da nossa investigação, aquele de tipo cosmopolita; c) partir do princípio que posturas deste último tipo decorrem de posicionamentos elitistas é redutor e torna invisíveis uma série de possibilidades intermédias; d) partir da dicotomia entre um encapsulamento etnicizante numa comunidade de conterrâneos e a assimilação/integração na sociedade de acolhimento conduz a ignorar diferentes tipos de posicionamentos, como os encontrados na nossa análise; e) é mais profícuo admitir a complexidade e pluralidade de variáveis significativas na caracterização dos percursos migrantes contemporâneos do que justificá-los apenas a partir do conjunto das condicionantes estruturais que os caracterizam.

Os objetivos deste trabalho parecem-nos assim alcançados no sentido em que a partir da caracterização das origens, trajetórias e projetos migratórios dos indivíduos analisados mostrámos a singularidade dos seus posicionamentos identitários. Estes, como vimos, nem sempre partem de pressupostos étnicos combinando antes diferentes idiomas que, na grande maioria dos casos apresentados, se relacionam com as características específicas do destino migratório, partindo de um discurso com tonalidades cosmopolitas, que faz uso de imagens existentes ao nível do senso comum e que celebra as vantagens da “experiência internacional”, e do qual os indivíduos se apropriam. Tal discurso é performatizado a partir de uma série de práticas de consumo quotidiano, de um conjunto de relações significativas que os mesmos desenvolvem com a cultura material e que constituem assim uma ordem interna, por vezes contraditória, que define as pertenças e referências destes indivíduos.

Para além disto demonstrámos a existência de motivos extra económicos na constituição e realização do projeto migratório, chamando a atenção para a forma como o acesso a determinados consumos no contexto de acolhimento podem tomar grande importância nestas dinâmicas. Como vimos a possibilidade (condicionada nos

locais de origem) de estabelecer relações privilegiadas com determinados tipos de consumo ou culturas materiais veicula identificações significantes no quadro dos percursos migratórios dos indivíduos, contribuindo para a formulação de imagens alternativas e vantajosas da migração.

Julgamos assim ter demonstrado como a cultura material e consumo são ilustrativas do modo como os indivíduos se relacionam com a migração, com a origem e com um tipo de posicionamento mais cosmopolita ou mais tradicional. As práticas que mantêm ao nível desta dimensão objectificam as relações que estes indivíduos mantêm quer com o passado quer com o presente, e por isso contribuem para a produção de si. A percepção da complexidade e importância de tais relações foi tornada possível através da utilização da metodologia etnográfica e de uma descrição mais aprofundada dos quotidianos dos sujeitos em análise. Esta, embora restrinja as possibilidades de generalização dos resultados desta investigação revelou-se fundamental no sentido de entender as subjetividades por detrás de cada caso e sua importância na determinação das diferenças existentes para além das ditadas pela estrutura social neste contexto particular.

Bibliografia e Fontes

Amit, V. (2007), "Structures and dispositions of Travel and Movement" In Amit, V. (ed.), *Going First Class? New Approaches to Privileged Travel and Movement*, EASA Series, Vol. 7, USA: Berghahn Books, pp. 1-14.

Appadurai, A. (1986), "Introduction: Commodities and the Politics of Value" In Appadurai, A. (ed.), *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspectives*, Cambridge: Cambridge University Press.

Appadurai, A. (1996), *Dimensões Culturais da Globalização: A modernidade sem peias*, Lisboa: Teorema, pp. 11-40.

Arroteia, J. (1986), "A emigração Portuguesa: Características e Perspectivas Recentes", *Povos e Culturas*, I, pp. 129-141.

Audebert, C. e Kamel Dorai, M. (2010), "International migration in the era of globalisation: recent issues and new concerns for research" In Audebert, C. e Kamel Dorai, M. (eds) *Migration in a Globalised World – New Research Issues and Prospects*, Amsterdam: Amsterdam University Press, pp. 7-18.

Baganha, M. I. B. (1998), "Portuguese Emigration After World War II" In Costa Pinto, A. (org.), *Modern Portugal*, Palo Alto: The Society for the Promotion of Science and Scholarship, pp. 189-205.

Baganha, M. I. B. e Góis, P. (1998), "Migrações Internacionais de e para Portugal: O que Sabemos e para Onde Vamos?", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, No. 52/53, pp. 229-280.

Baganha, M. I. e Peixoto, J. (1997), "Trends in the 90's: The Portuguese Migratory Experience" In Baganha, M. I. (ed.), *Immigration in Southern Europe*, Oeiras: Celta Editora, pp. 15-40.

Bakewell, O. (2007), "Keeping Them in their Place: The Ambivalent Relationship between Development and Migration in Africa", *IMI Working Paper*, 8, Oxford: International Migration Institute.

Barth, F. (1969), "Introduction" In Barth, F. (ed.), *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*, Boston: Little, Brown and Company, pp. 9-38.

Baubock, R. (1994), *Transnational Citizenship: Membership and Rights in International Migration*, Aldershot, UK: Edward Elgar.

Baudrillard, J. (2005 [1968]), *The System of Objects*, London and New York: Verso.

Baumann, G. (2003), *Contesting Culture. Discourses of Identity in Multi-Ethnic London*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-36.

Beck, U. (2007), "Beyond Class and Nation: Reframing Social Inequalities in a Globalizing World", *British Journal of Sociology*, Vol. 58, No. 4, pp. 679-705.

Beck, U., Giddens, A., Lash, S. (1994), *Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*, Stanford: Stanford university Press.

Bennett, T., Savage, M., Silva, E., Warde, A., Gayo-Cal, M., e Wright, D. (2009), *Culture, Class, Distinction*, Oxon: Routledge.

Benson, M. C. (2010), "The Context and Trajectory of Lifestyle Migration", *European Societies*, Vol. 12, No. 1, pp. 45-64.

Benson, M. C. e O'Reilly, K. (eds) (2009), *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*, Surrey: Ashgate.

Bourdieu, P. (1980), "Le capital Social: Notes Provisoires", *Actes et Recherches en Sciences Sociales*, Vol. 31; pp. 2-3.

Bourdieu, P. (2006 [1977]) "Esboço de uma Teoria da Prática Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila", Oeiras: Celta.

Bourdieu, P. (2010 [1984]), *Distinction*, Oxon: Routledge.

Brettell, C. B. (1991), *Homens que Partem, Mulheres que Esperam- Consequências da Emigração numa Freguesia Minhota*, Lisboa: D. Quixote.

Brettell, C. B. e Hollifield, J. F. (eds) (2000), *Migration Theory: Talking Across Disciplines*, London: Routledge.

Brubaker, R. (ed.) (1989), *Immigration and the Politics of Citizenship in Europe and North America*, Lanham, MD: University Press of America.

Brubacker, R. (1992), *Citizenship and Nationhood in France and Germany*, Cambridge, MA: Harvard University Press.

Brubacker, R. (2004) *Ethnicity Without Groups*, Harvard University Press: Cambridge.

Burgess, R. G. (2001 [1984]), *A Pesquisa de Terreno – Uma Introdução*, Oeiras: Celta.

Campbell, C. (1987), *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism*, Oxford: Basil Blackwell.

Castles, S. (2010), “Understanding Global Migration: A Social Transformation Perspective”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 36, No. 10, pp. 1565-1586.

Castles, S. e Miller, M. J. (2003 [1993]), *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*, New York: The Guilford Press.

Corrigan, P. (1997), *The Sociology of Consumption*, London: Sage.

Csedo, K. (2008), “Negotiating Skills in the Global City: Hungarian and Romanian Professionals and Graduates in London”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 34, No. 5, pp. 803-823.

Douglas, M. e Isherwood, B. (1996 [1979]), *The World of Goods: Towards an Athropology of Consumption*, New York: Routledge.

Drummond, L. (1980), “The Cultural Continuum: A Theory of Intersystems”, *Man*, Vol.15, pp.352-374.

Du Bois-Reymond, M. (2009), “Models of Navigation and Life Management” in Furlong, A. (ed.), *Handbook of Youth and Young Adulthood – New Perspectives and Agendas*, Oxon: Routledge.

Evans, G. (2009), “Creative Cities, Creative Spaces and Urban Policies”, *Urban Studies*, Vol. 46, No. 5-6, pp. 1003-1040.

Faist, T. (1995), *Social Citizenship for Whom? Young Turks in Germany and Mexican Americans in the United States*, Aldershot, UK: Avebury.

Favell, A., Feldblum M. e Smith M. P. (2006), "The Human Face of Global Mobility: A Research Agenda" In Smith, M. P. e Favell, A. (eds), *The Human Face of Global Mobility: International Highly Skilled Migration in Europe, North America and Asia-Pacific*, Comparative Urban and Community Research, Vol. 8, New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, pp. 1-26.

Fechter, M. (2007), "Living in a Bubble: Expatriates' Transnational Spaces" In Vered, A. (ed.), *Going First Class? New Approaches to Privileged Travel and Movement*, EASA Series, Vol. 7, USA: Berghahn Books, pp. 33-52.

Ferreira de Almeida, J. C. (1964), "A emigração portuguesa para França: alguns aspectos quantitativos", *Análise Social*, Vol. II, No. 7-8, pp. 599-622.

Finnegan, R. (1997), "'Storying the Self': Personal Narratives and Identity" In Mackay, H. (Ed.) *Consumption and Everyday Life*, London: Sage, pp. 65-111.

Florida, Richard (2005), *Cities and the Creative Class*, New York: Routledge.

Gardner, K. (2002), *Age, Narrative and Migration. The Life Course and Life Histories of Bengali Elders in London*, Oxford: Berg.

Geertz, C. (1973), *The Interpretation of Cultures*, New York: Basic Books.

Giddens, A. (1991), *Modernity and Self-Identity. Self and Society in the Late Modern Age*, Cambridge: Polity Press.

Glick Schiller, N., Caglar, A., e Guldbrandsen, T. C. (2006), "Beyond the Ethnic Lens: Locality, Globality and Born-again Incorporation", *American Ethnologist*, Vol. 33, No.4, pp. 612-633.

Godinho, V. M. (1978), "L'émigration Portugaise (XV-XX siècles), une Constante Structurale et les Réponses au Changement du Monde", *Revista de História Económica e Social*, No. 1, pp. 5-32.

Gordon, M. (1964), *Assimilation in American Life*, New York: Oxford University Press.

Granovetter, M. (1985), "Economic Action and Social Structure: the Problem of Embeddedness", *American Journal of Sociology*, Vol. 91, pp. 481-510.

Grillo, R.D. (2001), "Transnational Migration and Multiculturalism in Europe", *Transnational Communities Working Paper WPTC-01-08*, Oxford: ESRC.

Grillo, R. D. (2003), "Cultural Essentialism and Cultural Anxiety", *Anthropological Theory*, Vol. 3, No. 2, pp. 157-173.

Guarnizo, L. E., Portes, A. e Haller, W. (2003), "Assimilation and Transnationalism: Determinants of Transnational Political Action among Contemporary Migrants", *American Journal of Sociology*, Vol. 108, No. 6, pp. 1211-1248.

Gubrium, J. e Holstein, J. (2009), *Analyzing Narrative Reality*, Thousand Oaks, CA: Sage.

Hannerz, U. (1987), "The World in Creolisation", *Africa*, Vol. 57, pp. 546-55.

Hannerz, U. (1990), "Cosmopolitans and Locals in World Culture", *Theory, Culture and Society*, Vol. 7, pp. 237-251.

Hannerz, U. (1992a), *Cultural Complexity*, New York: Columbia University Press.

Hannerz, U. (1992b), "The Global Ecumene as a Network of Networks" In Kuper, A. (ed.), *Conceptualizing Society*, London: Routledge.

Hannerz, U. (1993), "The Cultural Role of World Cities" In Cohen, A. P. E Fukni, K. (eds), *Humanizing the City?*, Edinburgh: Edinburgh University Press.

Hannerz, U. (1999), "Reflections on Varieties of Culturespeak", *European Journal of Cultural Studies*, Vol. 2, No. 3, pp. 393-407.

Harrison, J. (2003), *Being a Tourist: Finding Meaning in Pleasure Travel*, Vancouver e Toronto: UBC Press.

Heinz, W. R. (2009), "Youth Transitions in an Age of Uncertainty" in Furlong, A. (ed.), *Handbook of Youth and Young Adulthood – New Perspectives and Agendas*, Oxon: Routledge, pp.3-13.

Horkheimer, M. e Adorno, T. W. (2002 [1987]), *Dialectic of Enlightenment: Philosophical Fragments*, USA: Stanford University Press.

Jenkins, R. (1988), "Social-anthropological models of inter-ethnic relations" In Rex, J. and Mason, D. (eds.), *Theories of Race and Ethnic Relations*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 170-186.

Kendal, G., Woodward, I. e Skrbis, Z. (2009), *The Sociology of Cosmopolitanism*, New York: Palgrave Macmillan.

Klimt, A. (2006), "Divergent Trajectories: Identity and Community among Portuguese in Germany and the United States", *Portuguese Studies Review*, Vol. 14, No. 2, pp. 211-240.

Landry, C. (2000), *The Creative City: A toolkit for urban innovators*, London: Earthscan.

Leal, J. (2005), "We are Azorean: Discourses and Practices of Folk Culture in Santa Catarina (Brazil)", *Etnográfica*, Vol. IX, No.1, pp. 171-193.

Low, S. M. (1996), "The Anthropology of Cities: Imagining and Theorizing the City", *Annual Review of Anthropology*, Vol. 25, pp. 383-409.

Lury, C. (1996), *Consumer Culture*, London: Polity Press.

McCracken, G. (1988), *Culture and Consumption: New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities*, Bloomington: Indiana University Press.

McKendrick, N. (1982), "Commercialization and the Economy" In McKendrick, N., Brewer, J., e Plumb, J. M. (eds), *The Birth of a Consumer Society: The Commercialization of Eighteenth-Century England*, Bloomington: Indiana University Press.

Malheiros, J. (2010), "Portugal 2010: O Regresso do País de Emigração? Notas e Reflexões", *Janus.net - e-journal of International Relations*, Vol. 2, No.1, pp. 133-142. [online] observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_not3. [acedido em 23 de Agosto de 2011]

Malinowski, B. (1922), *Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*, London: George Routledge & Sons, Ltd.

- Marcuse, H. (2002 [1964]), *One-Dimensional Man*, New York: Routledge.
- Marinho Antunes, M. L. (1970), "Vinte Anos de Emigração Portuguesa: Alguns Dados e Comentários", *Análise Social*, Vol. VIII, No. 30-31, pp. 299-385.
- Marques, J. C. (2009), "E Continuam a Partir: As Migrações Portuguesas Contemporâneas", *Ler História – Especial Emigração/Imigração*, Vol. 56, pp. 27-44.
- Marx, K. (1974 [1867]), *Capital*, Vol. I, London: Allen and Unwin.
- Melo, D. e Caetano da Silva, E. (2009a), "Introdução" In Melo, D. e Caetano da Silva, E. (eds), *Construção da Nação e Associativismo na Emigração Portuguesa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 21-29.
- Melo, D., e Caetano da Silva, E. (2009b), "Associativismo, emigração e nação: o caso português" In Melo, D. e Caetano da Silva, E. (eds), *Construção da Nação e Associativismo na Emigração Portuguesa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp.31-61.
- Meijer, R. (1999), "Introduction" In Meijer, R. (ed.), *Cosmopolitanism, Identity and Authenticity in the Middle East*, London and New York: Routledge Curzon.
- Miller, D. (1997), "Consumption and its Consequences" In Mackay, H. (org.), *Consumption and Everyday Life*, London-Thousand Oaks-New Delhi: Sage, pp. 13-50.
- Miller, D. (2008), *The Comfort of Things*, Cambridge: Polity Press.
- Miller, D. (ed.) (2009), *Anthropology and the Individual – A material Culture Perspective*, New York: Berg.
- Miller, D. (2010), *Stuff*, Cambridge: Polity Press.
- Milles, S. e Milles, M. (2004), *Consuming Cities*, New York: Palgrave Macmillan.
- Muller, F. (2011), "Urban Alchemy: Performing Urban Cosmopolitanism in London and Amsterdam", *Urban Studies*, [online] <http://usj.sagepub.com/content/early/2011/03/10/0042098010396241> [acedido em 19 de Março de 2011]

Murteira, M. (1965), "Emigração e Política de Emprego em Portugal", *Análise Social*, Vol. III, No. 11, pp. 258-278.

Ossman, S. (ed.) (2007), *The Places we Share – Migration, subjectivity and Global Mobility*, Plymouth: Lexington Books.

Paine, R. (1992), "The Marabar Caves, 1920-2020" In Wallman, S. (ed.), *Contemporary Futures*, London: Routledge.

Park, R. e Burgess, E. W. (1921), *Introduction to the Science of Sociology*, Chicago: University of Chicago Press.

Penninx, R. (2010), "European Research on International Migration and Settlement of Immigrants: a State of the Art and Suggestions for Improvement" In Audebert, C. e Kamel Dorai, M. (eds) *Migration in a Globalised World – New Research Issues and Prospects*, Amsterdam: Amsterdam University Press, pp. 21-39.

Pennix, R., Kraal, K., Martiniello, M., Vertovec, S. (eds.) (2004), *Citizenship in European Cities – Immigrants, Local Politics and Integration Policies*, Hants: Ashgate.

Portes, A. e Bach, R. (1985), *Latin Journey*, Berkeley, CA: University of California Press.

Portes, A. (1995), "Children of Immigrants: Segmented Assimilation and Its Determinants" In Portes, A. (ed.), *The Economic Sociology of Immigration: Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russell Sage Foundation, pp. 248-279.

Portes, A. e Sensenbrenner, J. (1993), "Embeddedness and Immigration: Notes on Social Determinants of Economic Action", *The American Journal of Sociology*, Vol. 98, pp.1320-1350.

Portes, A. e Jensen, L. (1987), "What's an ethnic enclave? The Case for Conceptual Clarity", *American Sociological Review*, Vol. 52, pp.768-770.

Portes, A. e Zhou, M. (1993), "The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants", *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 530, pp. 74-96.

Pratt, A. C. (2008), "Creative cities: the cultural industries and the creative class", *Geografiska annaler: Series B - Human geography*, Vol. 90, No. 2, pp. 107-117.

Rapport, N. e Dawson, A. (1998), "Home and Movement: A Polemic", In Rapport, N., e Dawson, A. (eds.), *Migrants of Identity. Perceptions of Home in a World of Movement*, Oxford: Berg, pp. 19-38.

Rath, J. (2005), "Feeding the Festive City. Immigrant Entrepreneurs and Tourist Industry", In E. Guild e J. Van Selm (eds.), *International Migration and Security: Opportunities and Challenges*, London and New York: Routledge, pp. 238-253.

Reitano, E. (2006), "La inmigración antes de la inmigración: Buenos Aires y el movimiento migratorio portugués en el espacio atlántico durante el largo siglo XVIII", *Portuguese Studies Review*, Vol. 14, No. 2, pp. 1-37.

Riccio, B. (1999), *Senegalese transmigrants and the construction of immigration in Emilia-Romagna (Italy)*, DPhil Thesis. University of Sussex.

Riessman, C. K. (2008), *Narrative Methods for the Human Sciences*, Thousand Oaks, CA: Sage.

Rosales, M. (2007), "Casas de África – Consumos e Objectos Domésticos no contexto Colonial Moçambicano", *Arquivos da Memória*, nº 2 (Nova Série).

Salih, R. (1999), *Transnational lives, plurinational subjects: Identity, Migration and Difference among Moroccan women in Italy*, DPhil Thesis, University of Sussex.

Sassatelli, R. (2007), *Consumer Culture – History, Theory and Politics*, London: Sage.

Sassen, S. (2001), *The Global City: New York, London, Tokyo*, Princeton: Princeton University Press.

Silverman, D. (2010 [2000]), *Doing Qualitative Research*, London: Sage.

Smith, M. P. e Favell, A. (eds) (2006), *The Human Face of Global Mobility: International Highly Skilled Migration in Europe, North America and Asia-Pacific*, Comparative Urban and Community Research, Vol. 8, New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

Szelényi, K. (2006), "Students Without Borders? Migratory Decision-Making among International Graduate Students in the U.S." In Smith, M. P. e Favell, A. (eds), *The Human Face of Global Mobility: International Highly Skilled Migration in Europe, North America and Asia-Pacific*, Comparative Urban and Community Research, Vol. 8, New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

Thomas, W. I. e Znaniecki, F. (1918-1920), *The Polish Peasant in America*, 5 Vols, Boston, MA: Richard G. Badger.

Tseng, Y. (2011), "Shanghai Rush: Skilled Migrants in a Fantasy City", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 37, No.5, pp. 765-784.

Turner, T. (1993), "Anthropology and Multiculturalism: What is Anthropology That Multiculturalist should be Mindful of It?", *Cultural Anthropology*, Vol. 8, No. 4, pp. 411-429.

United Nations (2006), *International Migration 2006*, New York: Population Division, Department of Economic and Social Affairs.

Veblen, T. (1994 [1899]), *The Theory of the Leisure Class*, London: MacMillan.

Veblen, T. (2000 [1925]), "Conspicuous Consumption" In Lee, M. J. (ed.) (2000), *The Consumer Society Reader*, pp. 31-47.

Verschueren, J. (2001), "Cultura versus Cultures. Una Manera Irreverent de Concebre la Diversitat e Treballar-Hi" In Coll, A. N. (ed.), *Europa Diversa*, Barcelona: Centre de Cultura Contemporànea.

Vertovec, S. (2006), "The Emergence of Super-Diversity in Britain", *Working Paper No. 25, COMPAS*, Oxford: University of Oxford.

Vertovec, S. (2007), "Introduction: New Directions in the Anthropology of Migration and Multiculturalism", *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 30, No. 6, pp. 961-978.

Vertovec, S. e Cohen, R. (2002), "Introduction: Conceiving Cosmopolitanism" In Vertovec, S. e Cohen, R. (eds), *Conceiving Cosmopolitanism: Theory, Context and Practice*, Oxford and New York: Oxford University Press, pp. 1-22.

Waldinger, R. (1996), *Still the Promised City? New Immigrants and African-Americans in Post-Industrial New York*, Cambridge, MA: Harvard University Press.

Werbner, P. (1999), "Global Pathways: Working Class Cosmopolitans and the Creation of Transnational Ethnic Worlds", *Social Anthropology*, Vol. 7, No. 1, pp. 17-35.

Wikan, U. (2002), *Generous Betrayal: Politics of Culture in the New Europe*, Chicago, IL: University of Chicago Press.

Zhou, M. (1997), "Segmented Assimilation: Issues, Controversies, and Recent Research on the New Second Generation", *International Migration Review*, Vol. 31, No. 4, Special Issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans, pp. 975-1008.

Zukin, S. (1995), *The Culture of Cities*, Oxford: Blackwell.

Zukin, S. (1998), "Urban Lifestyles: Diversity and Standardisation in Spaces of Consumption", *Urban Studies*, Vol. 35, No. 5-6, pp. 825-839.

Outras Fontes:

Centraal Bureau voor de Statistiek [online]

<http://www.cbs.nl/nl-NL/menu/home/default.htm> [acedido em 29 de Setembro de 2011]

Dienst Onderzoek en Statistiek [online]

<http://www.os.amsterdam.nl/> [acedido em 29 de Setembro de 2011]

Observatório da emigração [online]

<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/home.html>
[acedido em 29 de Setembro de 2011]

ANEXOS

Índice

A. Guiões de entrevista	152
B. Entrevistas	158
B.1.1. Sociografia/ Relação com a origem Andreia.....	159
B.1.2. Cultura material/ Consumos Andreia	170
B.1.3. Sociabilidades/ Quotidiano Andreia	180
B.2.1. Sociografia/ Relação com a origem Cláudio	188
B.2.2. Cultura material/ Consumos Cláudio.....	198
B.2.3. Sociabilidades/ Quotidiano Cláudio	209
B.3.1. Sociografia/ Relação com a origem Carla	217
B.3.2. Cultura material/ Consumos Carla	231
B.3.3. Sociabilidades/ Quotidiano Carla	244
B.4.1. Sociografia/ Relação com a origem Jorge.....	248
B.4.2. Cultura material/ Consumos Jorge	257
B.4.3. Sociabilidades/ Quotidiano Jorge	264
B.5.1. Sociografia/ Relação com a origem Isabel	271
B.5.2. Cultura material/ Consumos Isabel	282
B.5.3. Sociabilidades/ Quotidiano Isabel	296
B.6.1. Sociografia/ Relação com a origem Bernardo	306
B.6.2. Cultura material/ Consumos Bernardo.....	318
B.6.3. Sociabilidades/ Quotidiano Bernardo.....	334
B.7.1. Sociografia/ Relação com a origem Patrícia	341
B.7.2. Cultura material/ Consumos Patrícia.....	351
B.7.3. Sociabilidades/ Quotidiano Patrícia.....	364
B.8.1. Sociografia/ Relação com a origem Luís	369
B.8.2. Cultura material/ Consumos Luís	395
B.8.3. Sociabilidades/ Quotidiano Luís	410
B.9.1. Sociografia/ Relação com a origem Maria.....	418
B.9.2. Cultura material/ Consumos Maria	431
B.9.3. Sociabilidades/ Quotidiano Maria	438

B.10.1. Sociografia/ Relação com a origem Tomás.....	442
B.10.2. Cultura material/ Consumos Tomás	471
B.10.3. Sociabilidades/ Quotidiano Tomás	490

A. Guiões de entrevista

Sociografia	
Nome	
Idade	
Género	
Naturalidade	
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	
Escolaridade (incluindo locais de formação)	
Profissão	
Emprego em Portugal	
Tipo de residência em Portugal	
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	
Naturalidade dos pais	
Escolaridade dos pais	
Profissão dos pais	
Local e tipo de residência dos pais	
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	
Porque decidiste sair de Portugal?	
Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?	
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	
Porque escolheste Amesterdão?	
Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?	
Há quanto tempo vives	

em Amesterdão?	
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	
Emprego	
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	
Com quem habitas?	
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê? Se algum dia regressares o que te vês a fazer?	
Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)	
Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?	
De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?	
Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentas-te mais próximo	

(em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?	
Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?	

Cultura	
Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	
Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?	
Onde costumavas comprar roupa e que critérios orientam a escolha?	
Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).	
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas	

receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	
Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?	
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	
Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?	
Casa	
É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	
Media/Novas Tecnologias	
Costumas ler jornais/revistas? Quais?	
Costumas ver televisão? Que canais/programas?	
Costumas ouvir rádio? Qual?	
Que tipo de música ouves?	
Que sites mais frequentas na	

Internet?	
Costumas ler? Que tipo de livros?	
Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?	
Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?	
Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?	
Outras tecnologias de que faças uso?	

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	
Quando saís a que lugares vais? Com quem costumavas ir?	
De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?	
Costumas a ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?	

Tens por hábito participar em actividades culturais (ir a museus, espectáculos, palestras, etc)? Quais?	
Actividades desportivas? Com quem?	
Hobbies?	
Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc)	
Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?	
Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)	

B. Entrevistas

B.1.1. Sociografia/ Relação com a origem Andreia

Sociografia	
Nome	Andreia
Idade	26
Género	F
Naturalidade	Coimbra (Sto. Amaro da Boiça).
Irmãos	Filha única.
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	“Sim, até aos 18 e aos 18 fui para Coimbra onde fiz o curso todo. Aos 20 vim para Amesterdão fazer 1 ano de Erasmus, depois voltei para lá para acabar, depois voltei para cá mais um ano, depois voltei para lá ano e meio. No total eu vivi em Coimbra 5 anos e meio.”
Escolaridade (incluindo locais de formação)	Ensino primário na aldeia, básico e secundário na Figueira, em escolas públicas. Os pais intervieram na escolha do liceu de forma a que frequentasse o que melhor reputação tinha na Figueira, em vez de ser colocada num de outra aldeia próxima da sua. Licenciatura em Psicologia Social em Coimbra e Doutoramento partilhado em curso Coimbra/ Amesterdão.
Profissão	Investigadora.
Emprego em Portugal	Não trabalhou enquanto vivia em Portugal.
Tipo de residência em Portugal	“Antes de ir para a faculdade vivia com os meus pais numa casa com dois andares, tipo casa da cidade metida na aldeia. É no largo da aldeia e foi comprada pelos meus pais.”
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	Coimbra. Vivia em quarto alugado, apartamento para estudantes partilhado com mais pessoas (que mantém enquanto está em

	Amesterdão pois tem bolsa do arrendamento jovem e subaluga. Quando voltar para Coimbra volta para lá).
Naturalidade dos pais	Sto. Amaro da Boiça (“nascidos, criados e ficados por lá” risos)
Escolaridade dos pais	“A minha mãe tinha o 9º ano e o meu pai tinha o 6º. Estou a dizer porque entraram para o programa das Novas Oportunidades. Como a minha mãe ficou desempregada, decidiu fazer isso, e o meu pai com a motivação dela também fez. Portanto ele vai ficar com o 9º ano e ela com o 12º.”
Profissão dos pais	“A minha mãe agora é desempregada, durante muitos anos trabalhou numa fábrica de têxteis e depois esteve como rececionista e assistente numa clínica de medicina dentária. E o meu pai é serralheiro mecânico numa fábrica de papel.”
Local e tipo de residência dos pais	“Há uns anos atrás a minha mãe foi diagnosticada com artrite reumatoide, que é degenerativa e então eles viram que a casa com dois andares não dava e compraram um terreno onde construíram uma nova casa e estão agora a mudar. Mas é na mesma aldeia e tudo.”
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	“Da família alargada sim, primos afastados da minha mãe, mais velhos e que emigraram para o Luxemburgo, França e Bélgica. E na aldeia também há ainda bastantes pessoas que emigraram e que continuam emigradas. Mas pessoas que já foram há bastante tempo, já tiveram filhos lá, da minha idade!” E achas que o contacto com isso de alguma forma influenciou a tua vontade de sair também? “Eu acho que não, acho que não porque... Ali sempre houve aquele estereótipo do emigrante que vem no Verão exibir o carrão... Porque por exemplo eles falavam da experiência deles lá e eles não tinham alegria naquilo, era um bocado aquela coisa do ‘ai temos que lá estar, pobres de nós e passamos o ano à espera do mês de Agosto’ e eu disso nunca gostei,

	nunca me identifiquei com isso. Esse nunca foi o tipo de migração que me aliciava.”
Porque decidiste sair de Portugal?	<p>“Foi a vontade, e de certa forma necessidade, de ver outras coisas diferentes e sair daquela zona de Coimbra, Figueira, ao fim e ao cabo é tudo muito próximo. E foi mesmo conhecer coisas diferentes e fazê-lo sozinha.” Achas que o facto de estares a estudar e a fazer o doutoramento foi crucial nessa vontade ou se estivesses a fazer outra coisa qualquer também a tinhas tido? “Acho que viria na mesma, até porque a primeira vez que saí, nunca pensei que iria fazer o doutoramento, nunca pensei que iria voltar à Holanda e agora estou cá mas... sobretudo depois de ter passado esse ano fora ponderava muito em ir para fora, mesmo! Fosse Holanda ou não... Sim, sim, queria sair e já tinha essa vontade antes. Daí também ter surgido o Erasmus.” E tinhas outros sítios preferenciais? “Cheguei a pensar na Alemanha, no Reino Unido, mas era mais difícil para estabelecer contacto nas universidades, sem conhecer orientadores, achei que era demasiado arriscado e isso acabou por contribuir para voltar para Amesterdão. Mas por outro lado gostei muito de Amesterdão, tanto que a primeira vez que voltei não voltei para o doutoramento, vim fazer um estágio como Leonardo da Vinci. Foi essa a primeira forma que arranjei de voltar para cá, mesmo por ter gostado e me ter identificado muito com a cidade e com o estilo de vida que quis voltar. Embora tivesse sido totalmente diferente dessa segunda vez.” Em que aspectos? “Foi muito diferente porque eu estava sempre num ambiente mais limitado àquela comunidade Erasmus, por exemplo os únicos Holandeses que conheci foram dois e porque trabalhava no ‘Doos’ com eles. (hum, hum) Mas de resto não tive mesmo qualquer tipo de contacto com a cultura holandesa, com pessoas holandesas, mesmo as aulas que tinha como era tudo em inglês, havia muito poucos holandeses a lá ir. E pronto era muito aquela vida de Erasmus, de ir às festas organizadas para Erasmus. Depois na segunda vez que</p>

	<p>vim já estava a viver à mesma na residência mas a maior parte do pessoal era holandês e como estava a fazer estágio, comecei a trabalhar na faculdade e já tinha colegas de trabalho. Depois comecei a ir a sítios que nunca tinha ido antes, onde iam mais pessoas holandesas, foi quando comecei a ir às casas ocupa e a centros sociais e culturais (hum, hum).”</p>
<p>Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?</p>	<p>“Ajudaram e foram-me dando dinheiro até ao fim do estágio Leonardo da Vinci, porque o dinheiro do estágio só chegou quase no fim e pronto, eu não tinha outra hipótese mesmo. Depois quando recebi a bolsa eles não quiseram o dinheiro de volta... (hum, hum) Portanto foi até aos 23.” E hoje em dia continuas-te a sentir apoiada nesse sentido? Ou seja se acontecer alguma coisa sentes que eles estão lá para ti? “Sim, sim.”</p>
<p>Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?</p>	<p>Não.</p>
<p>Porque escolheste Amesterdão?</p>	<p>(risos) “Bem, da primeira vez que vim escolhi Amesterdão porque era longe, era diferente, não era uma cultura do sul, mediterrânica, e porque sabia que poderia vir sozinha. Essa era uma das grandes prioridades que eu tinha, em sair de Portugal, era sair sozinha e estar por mim, fazer por mim.” Mas, não estavas só interessada em não estar com pessoas conhecidas ou não querias estar com portugueses em geral? “Na altura não, na altura queria mesmo sair do Portugal português e experimentar outras coisas, e ver outras coisas.” Os teus pais apoiaram a decisão? “Da primeira vez não, da primeira vez complicaram. Proibiram-me de pôr Amesterdão na primeira opção para Erasmus porque tinham medo, por causa da fama da cidade, sempre acharam que eu fosse um bocado desorientada e tinham medo que eu me perdesse aqui. Mas eu decidi que vinha mesmo que</p>

	eles não me deixassem e eles depois acabaram por aceitar.”
Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?	<p>“Estive satisfeita durante muito tempo, hoje em dia estou muito menos satisfeita. Sobretudo porque desde a primeira vez que vim, há 6 anos, vi muitas diferenças a acontecer na cidade, que ao fim e ao cabo têm a ver com o país todo, mas só de conhecer Amesterdão é que eu posso falar. Vi muito espaço de pluralidade a desaparecer e cada vez mais, com este novo governo e estas políticas de ocupas, de drogas leves, de alojamento social, de imigração, estou a deixar de me identificar bastante. E nesse sentido já não me atrai tanto porque sinto que estamos a perder este tal espaço. E embora isto seja uma tendência também noutros países europeus, aqui para mim é pior porque eu já vi diferente e agora sinto menos espaço. Como se comesse a haver uma claustrofobia, não podes dizer tanta coisa como podias antes, não podes fazer tanta coisa como dizias sem ser talvez conotado com determinados grupos ou formas de pensar, mas de uma forma negativa. O facto de por exemplo agora se formos a uma ‘squat’ somos criminais, ‘então mas sou criminal por entrar na casa de alguém?’, se tu estiveres lá e a polícia entrar e quiser prender-te pode, estás num sítio ilegal, és um criminal, não podes estar ali.” E então consideras a hipótese de sair de Amesterdão? “Hum, sim e não, entretanto vou acabar o doutoramento, mas se por acaso surgisse uma proposta de trabalho cá não diria que não, nunca. Até porque continuo a gostar da cidade e há muita coisa ainda na cidade que gosto e que sinto que poderia explorar e fazer coisas. Por outro lado tenho vontade de experimentar outra coisa.” O quê? Tens alguma ideia? “ (risos) essa é mais difícil! Porque essa depois implica muita coisa em termos profissionais, por exemplo, duas cidades que me atraem muito na Europa são Berlim e Barcelona. Gostava de experimentar, talvez até mais Berlim que Barcelona. Mas, eu não vim para psicologia para trabalhar na universidade e de certa forma ainda pondero muito ir para o campo e trabalhar em áreas/zonas pós-</p>

	conflito, em ONG's ou qualquer coisa assim, mas lá está, isso ainda vai depender muito daquilo que surgir a nível profissional. Uma coisa eu sei, gostava de não ficar em Portugal. Para já.”
Há quanto tempo vives em Amesterdão?	Seis anos com interrupções.
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	Está a fazer doutoramento.
Emprego	Investigadora. Durante o ano de Erasmus trabalhou num bar de uma residência de estudantes.
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	“Agora habito num ‘Woonengroup’, vivo em grupo, tipo comunidade. Vivo na zona Este da cidade, muito perto do parque, numa zona de imigração, sobretudo turcos e surinameses. Pelo que dizem a zona Este está a começar a ser muito frequentada também por estudantes. Eu fiquei por ali porque sempre gostei daquela zona, aquele parque é o meu parque preferido da cidade, sempre que eu ia para o parque era para lá, para ler um livro ou estar com o pessoal. Também gosto do mercado e do facto de ser uma zona já de imigração, o que eu gosto, gosto de estar em zonas de imigrantes, talvez por ser uma também. Mas gosto, gosto muito dessa diferença, que é uma coisa que eu nunca tive em Coimbra e me atrai muito, essa tal multiculturalidade, o facto de ter muita gente diferente. E depois claro é uma zona que já fica perto do centro, mas é bastante diferente do centro.”
Com quem habitas?	“Vivo com 8 pessoas, uma japonesa, duas alemãs, tínhamos uma servia mas mudou a pouco tempo e neste momento, todos os outros são holandeses. A ideia do ‘Woonengroup’ é que cada um tem o seu contrato individual mas quando entram na casa tem de ser uma decisão comum e são as pessoas da casa que decidem quem entra. A ideia destes grupos é que as pessoas têm de ter alguma coisa em

	comum, no nosso caso é a profissão. São todas pessoas com profissões criativas, uma é cantora, outra é designer gráfica, outra é dramaturga, outra é arquiteta, etc., etc., etc. Eu, na altura caí ali um bocado por acaso, e elas disseram que me aceitavam porque eu tinha interesse em teatro e por acaso tinha encontrado recentemente uma das miúdas da casa, ainda não nos conhecíamos, numa performance e ‘que giro e tal, gostamos das mesmas coisas’ e de certa forma foi um bocado por aí. Mas lá está é sobretudo pessoas diferentes, que de certa forma têm alguma coisa em comum.”
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	--
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	Quando cá estou 1710€ e em Portugal 980€ (Bolsa da FCT).
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê? Se algum dia regressares o que te vês a fazer?	“Não. Porque primeiro seria muito difícil para mim a nível profissional, mas, mais importante, porque preferia estar fora durante mais algum tempo. Não renego Portugal para sempre, mas para já e tendo essa possibilidade preferia estar no estrangeiro. Mesmo por essa opção e por essa abertura e liberdade e outras coisas que sei que em Portugal é mais complicado, tanto a nível pessoal como profissional.” “A única coisa que eu consigo imaginar, em Portugal, é a trabalhar no ISCTE a fazer investigação.”
Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação,	“Ah... com os meus pais falo todos os dias normalmente (risos). É o grande pesadelo, porque eles me ligam, não conseguem viver sem ouvir a minha voz principalmente a minha mãe. Mas sim com eles falo diariamente, embora pouquinho e em termos de família acabo por estar sempre em contacto, porque sei o que se vai passando com o resto da família e tal...” Telefonam-te para o telemóvel? “Sim,

<p>remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)</p>	<p>telefonam-me para o telemóvel. Com o resto do pessoal é mais através da internet, por email, chats, Facebook... e não muito regularmente. Eu tenho amigos que, se for preciso, se eu não for a Portugal durante seis meses não falamos durante esses seis meses.” E com o Facebook isso mudou um bocadinho? Usas muito o Facebook? “Uso um bocado, mas... eu acho que não mudou muito porque continuamos sem falar mas eu vou sabendo mais o que se passa, através das atualizações de status, vou sabendo. Também se aconteceu alguma coisa positiva então respondes óptimo. Mas não é um diálogo, nem estamos a contar uns aos outros o que está a acontecer, assim como eles também vão sabendo de algumas coisas através do Facebook.” E encomendas, costumavas enviar alguma coisa ou enviam-te alguma coisa? “Não, não, não. A única coisa é, por exemplo, ainda agora tive um amigo que veio cá visitar-me e trouxe bacalhau (risos), mas é só mesmo nesses casos e se eu estou com uma saudade imensa de bacalhau, e já não como há meses.” Mas é mais o bacalhau não é? Eu ontem reparei que o Ivo tinha pasta de alho do continente (risos) “Não, é mais o bacalhau e de resto não, acho que não costumo trazer mais nada...” Mas quando falas com os teus amigos, mesmo que seja esporadicamente, costumavas contar as coisas que fazes cá, ou eles têm interesse nisso? O estares cá para eles o que é que significa, por exemplo na aldeia? “Na aldeia significa já não fazes parte de nós, e já tive isso dito diretamente, ‘já não és de cá, tu já não és a mesma, tu já não és a Dadinha (que é como me chamam na aldeia) agora és a Dadona porque andas lá por fora e vês coisas diferentes, andas sempre a viajar’. Na aldeia sim sinto muita diferença, até porque... mas não tem só a ver com o facto da experiência fora, tem a ver também com o facto de, do meu grupo de amigos eu fui a única que fui para a universidade, fiz estudos, eles imediatamente começaram a trabalhar. Muitos em termos de fábricas, operários e tal... e noto muita diferença. Com os de Coimbra</p>
--	---

	<p>é ‘como, mas estás em Coimbra? Então mas não estavas lá fora?’ Já acham estranho porque já estão habituados a que eu esteja cá fora. Mas vou falando das coisas que acontecem, às vezes vou lá pôr a conversa em dia, falo de dois ou três eventos que tenham sido mais marcantes ou que tenham mudado qualquer coisa tipo ‘conheci alguém e estou apaixonada, tenho esta oportunidade de trabalho’ mas não de coisas mais pequenas. Até porque, eu lembro-me que no início quando voltei fiz isso, mas apercebi-me que isso de certa forma aborrecia as pessoas porque é difícil falar por exemplo, ‘olha no outro dia fui beber um café com a Vanessa e nem sabes o que é que aconteceu’ e eles olham para mim e dizem ‘então mas quem é a Vanessa?’, quer dizer é muito abstracto para eles de certa forma também tirarem algum gozo das histórias e a determinada altura também parei com algumas.”</p>
<p>Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?</p>	<p>“Não. (risos) Eu tenho uma cena todos os Verões e já desde 2006, que o que eu faço é eu passo um Verão de férias em Portugal e passo para poder poupar dinheiro para no Verão a seguir ter uma viagem no mínimo de um mês, para outro sítio. Fiz o primeiro ano foi a Índia, depois estive na Palestina, na Cisjordânia, este ano fui a Marrocos...” E fizeste sempre voluntariado? “Sim, sempre voluntariado e depois viajar, combinei sempre” E quantas vezes por ano costumas ir a Portugal? “Agora... Duas, três vezes por ano, depende um bocado, como também tenho a colaboração lá com a faculdade de Coimbra se surgir alguma coisa de trabalho que tenha de ir, vou.”</p>
<p>De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?</p>	<p>“Sim, comecei a viajar mais dentro do país, a procurar mais cenas diferentes, por exemplo antigamente costumava ir a um festival de Verão e ir passar férias com os meus pais para o Algarve, todos os anos eles vão. Agora nunca vou e se for é por dois dias e porque eles querem e pedem-me que vá com eles uns dias. Depois é mais estar com amigos e aproveitar, dado que não estou lá o ano todo, mas</p>

	<p>também fazemos mais, vamos acampar, não ficamos só por Coimbra, ou se ficamos tentamos passear por ali. Às vezes aproveito e como tenho muitos amigos que estudaram comigo em Coimbra a viver noutras cidades, vou por exemplo a Lisboa visitá-los, eu acho que no geral sou mais ativa no Verão agora.”</p>
<p>Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?</p>	<p>“Essa é difícil... eu vim para cá com uma necessidade muito grande de renegar a muitos aspectos de Portugal, mas também com o facto de estar longe aprendi a valorizar uns que desvalorizava muito ou que não me apercebia que eram importantes para mim e que depois de repente por não os ter comecei a valorizar. De certa forma distancio-me nalgumas coisas e mais, e cada vez mais acho eu, quanto mais tempo fico cá fora mais... por outro lado acho que dou mais valor à questão afectiva, agora em termos de identificação e de me sentir portuguesa e o ‘orgulho em Portugal’, que eu acho que é uma coisa que somos bastante alimentados enquanto lá estamos, isso muito menos, e cada vez menos e cada vez mais crítica do próprio país e da forma como muitas coisas são feitas, do mais geral à política, ao mais local. Por exemplo ao nível das universidades e da forma como funcionam, ao nível do queixume, nesse tipo de coisas tornei-me muito mais crítica. Mas por exemplo na parte afectiva do... passa pela comida, passa pelas expressões que temos portuguesas, sei lá... qualquer coisa como um ditado popular, o papel da família por exemplo também se tornou mais relevante para mim e comecei a dar mais importância.” Quando falas do Portugal português que queres dizer com isso, que coisas em Portugal é que te davam vontade de sair? “Por exemplo eu venho de uma aldeia muito pequena e os mexericos, os boatos, o meter-se na vida do outro, o politicamente correto, ‘eu não posso fazer uma coisa porque não parece bem’ ou vai refletir-se mal na família, ou no grupo de amigos até, ah... o não poder ir para a faculdade com determinada roupa, para determinadas aulas porque os professores simplesmente não aceitavam. Nós tivemos</p>

	<p>casos de professores que se recusaram a fazer orais se as pessoas não estivessem vestidas de certa forma. Pá e depois Coimbra também era bom, mas depois toda aquela tradição e... a queima, a praxe, isso tudo... eu nunca fiz parte das tunas e tive traje porque os meus pais literalmente me obrigaram a aceitá-lo como oferta mas nunca tive vontade de fazer parte desses rituais. Eu nunca fiz muito parte da associação, nem nunca passei muito tempo na associação (de estudantes). Em termos de vida académica com as praxes e não sei quê, no primeiro ano vivi um bocado porque tive madrinha e toda a gente tinha e era aquela coisa de ir para os copos e ter jantares de grupo, mas depois comecei a afastar-me, não era a minha cena, mesmo na associação académica só frequentava mesmo aquilo que me interessava, como por exemplo umas aulas de Yoga.” Mas, daquilo que já conheci de ti já percebi que tens alguma consciência política, pronto não tem que ser no sentido mais associativista, mas aqui em Amesterdão és um pouco ativista... “Sim (risos)” E lá, não tinhas ainda desenvolvido esse hábito? “Lá não, lá interessei-me por algumas coisas em alguns momentos da minha vida académica, por exemplo no último ano na licenciatura surgiu a questão de Bolonha e estive muito envolvida. Até porque a área de especialização, de psicologia social fechou e estivemos todos muito envolvidos, cheguei a ir a algumas reuniões magnas da associação onde se discutia alguma manifestação ou assim. Ah... mas nunca me identifiquei o suficiente para sentir que fosse qualquer coisa pela qual queria lutar mesmo. De resto... também estive numa associação LGBT mas também foi por pouco tempo, não gostei muito da dinâmica e acabei por sair.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>“Alguma sim, sem dúvida, mas lá está, não em tudo. Porque há determinadas partes que, lá está, comecei a levantar muitas perguntas, que antes não levantava e que me fazem não identificar. Como determinadas características do português ou... é um bocado difícil dizer isto mas vá, se formos mesmo para estereótipos, sim, aí</p>

	acho que... eu não sei, eu gosto muito de olhar para mim eu como Andreia e mais tarde eu como pertencente a grupos. Ao grupo dos portugueses, ao grupo dos imigrantes na Holanda, o grupo dos estudantes, o grupo disto ou o grupo daquilo.”
--	--

B.1.2. Cultura material/ Consumos Andreia

Cultura Material/ Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	“Sim. Não acho que tenha um estilo em particular mas tenho cuidado, compro coisas que gosto e por exemplo dependendo das situações penso duas vezes no que vestir.”
Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?	“Sim. Sinto-me muito mais à vontade para vestir coisas que não vestiria. Por exemplo, uma coisa que eu nunca usava em Portugal era saias curtas, e agora uso imenso e não tenho qualquer tipo de problema. Mas tirando assim não houve mais nenhuma grande alteração, basicamente foi essa.” “Quando vou a Portugal... no início sim, nos primeiros anos pensava no que levar. Agora não, levo o que posso e depois é aquela coisa, há alturas em que andas sempre com a mesma roupa dentro da mala que vestes regularmente.”
Onde costumavas comprar roupa e que critérios orientam a escolha?	“Costumo comprar em lojas tipo H&M, Zara, Bershka, no mercado também, encontram-se coisas giras e é barato também. Por exemplo vou ao mercado da Waterlooplein. O que orienta a escolha é o facto de ser barato, embora às

	<p>vezes não goste muito por causa das etiquetas made in 'países manhosos'. E tenho de gostar também.” Ah, no teu caso específico eu acho que é importante falar disto porque eu hoje por exemplo reparo que tu tens vestidas coisas de artesanato de outros países, tens ali também uma mala com um buda e outra que parece marroquina... gostas? “Gosto, gosto. Eu compro muita coisa quando vou em viagens, roupa e isso, se gosto... Depois também é muito mais barato, porque é nos países de origem. E então compro assim coisas mais diferentes, quer dizer, se calhar até nem são assim tão diferentes porque muitas destas coisas já encontras cá em festivais, em mercados... Mas por exemplo agora da Índia trouxe a mala do Buda e algumas calças de seda.”</p>
Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).	<p>“Fiz uma tatuagem depois de ter vindo para cá, já andava a pensar fazer há montes de tempo, mas se calhar se ficasse por Portugal nunca a fazia. Por causa daquela coisa das reações, sei lá a primeira vez que aparecesse e aqui é mais natural e mesmo por causa do processo de cicatrização, é no pé, e então tinha que andar com o pé descoberto e lá as pessoas veem e comentam. E outra coisa que me surpreendeu cá, e que de certa forma me abriu os horizontes, foi em termos de trabalho, cá são muito abertos na Universidade e não tive problemas nenhuns.”</p>
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tensas aprender novas	<p>“Comida rápida. Um arroz com qualquer coisa, massas. Mudei um bocado os meus hábitos, mas porque aqui encontras muito mais coisas e nesse sentido é mais engraçado experimentar. Experimento, mas para experimentar prefiro sempre ir a um restaurante ou isso experimentar comida diferente e depois se me sentir capaz</p>

receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	de, quando não é demasiado complicado sim, aí experimento em casa. Quando como fora procuro sempre comida diferente, por exemplo gosto muito de ir a restaurantes etíopes que não encontro em Portugal, em Coimbra, também comida do Suriname, o 'roti' é das minhas preferidas, Indonésia, Indiana."
Costumas comer "comida portuguesa" (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?	"Vinhos portugueses nem tanto. Comida portuguesa sim, tenho sempre uma ou duas postas de bacalhau congeladas (risos) e com o pessoal quando nos encontramos, geralmente quando estou com portugueses ou quando... por exemplo aqui em casa já aconteceu duas vezes, vou agora fazer um terceiro, porque eles gostam da comida portuguesa, e então pedem-me sempre 'ah se fores a Portugal traz um bacalhau e cozinha para nós.', mas isso é pessoal que quer experimentar." E também acontece o contrário, eles cozinham pratos dos países deles? "Sim, sim, bem agora a maior parte é holandeses e alemães (risos) não há muita coisa, mas sim quando tínhamos aí uma japonesa, e uma sérvia também que faziam."
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	"Não." Nunca vais às lojas especializadas... "Não, entrei no 'Bocage' uma vez." (risos) E vinhos? "Vinhos... por exemplo agora tenho uma garrafa de moscatel, que trouxe de lá, mas de resto não costumo procurar assim muito."
Procuras produtos "diferentes" em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?	"Às vezes sim, por exemplo gosto de ir às lojas chinesas ali na 'Zeedijk' para comprar tofu, molho de soja ou molho picante, acho que é muito melhor que o que há no 'Albert Heijn'. E agora desde que vivo aqui vou muito a lojas turcas, lojas turcas para comprar pão, húmus, queijo, azeite, por aí, cenas típicas de lá."
Casa	
É importante para ti	"Sim. Porque é o lar, nesse sentido é o lar, gosto de ter um

que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	sítio que é meu e qualquer pessoa que entre não está, sei lá, não está vazio e gosto de ter as coisas que gosto à minha volta. Eu neste estou a tentar pôr o menos possível porque quando me for embora... não quero estar a pôr demasiadas coisas. Mas mesmo assim fiz o que quis com ele e pus as minhas coisas..."
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	"Trouxe alguns cds, trouxe livros, mais roupa..."
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	Aquele quadro ali? (quadro com representação de família oriental) "Aquele quadro encontrei-o na rua (risos), naqueles dias em que o pessoal deixa as cenas todas à porta, encontrei-o e achei-lhe bué de piada e trouxe-o para casa." É quê, para aí Indonésio? "Sim." Este puzzle? (puzzle representando vários quadros de Klimt) "Este foi uma prenda de aniversário de pessoal amigo de Coimbra. Quando fiz anos, no ano passado enviaram-me um caixote cheio de coisinhas, em que fizeram o tema saudade, e tinha postais, tinha este cubo, tinha uma caixinha que supostamente era para namorados, mas eles não sabiam, mas é uma caixinha que diz mesmo 'saudades de ti' e tem lá um lencinho que supostamente é para pões perfume e enviares para a pessoa de quem tens saudades, mas eles não sabiam isso (risos)." Estas caixinhas de música têm alguma história por detrás? "Não... uma vinha dentro dessa tal caixa que os meus amigos me enviaram e tem a música dos parabéns, e a outra foi uma colega minha de outra casa que me a ofereceu porque achou que uma caixa em cada quarto estaria muito só e decidiu que eu devia ficar com as duas." Aquele postal do absinto? "Aquele veio de Paris. Eu tenho uma cena com postais, posters,

	<p>normalmente trago sempre de qualquer sítio que visite e depois gosto de espalhar e ter. Aquele poster grande já veio da ‘Buurvrouw’ (risos) e foi uma brincadeira, eu gostei bué dele, a Andreia também e então decidimos que íamos roubar, mas como eu conhecia o gajo do bar ele disse que supostamente não podíamos levar mas que se ele estivesse de costas viradas podíamos e então está aí. O outro da Frida Kahlo foi um amigo que me enviou (um amigo italiano que vive cá e que foi ao México e me enviou de lá), e aquele outro foi o Rómulo que me enviou. Eu e o Rómulo temos uma cena que cada vez que um dos dois viaja enviamos postais um ao outro.” E enviou-te de onde? “Aquele... nem sei, olha não diz. Já não me lembro.” Depois tens ali duas Polaroids, quem é que lá está? “Na primeira estou eu, está a Andreia, está o Sérgio, o Israel e uma rapariga que eu nem me lembro o nome. (risos) E na segunda está mais pessoal, está o Henrique, está a Iskra, a Andreia outra vez, a Francisca e a Mariana, umas amigas minhas que estavam a visitar-me. E a cena das Polaroids tornou-se um bocado uma tradição, sempre que vamos à ‘Buurvrouw’ e o senhor das Polaroids aparece, e normalmente ele aparece sempre às sextas feiras e eu tenho umas, outros têm outras, tiramos sempre uma.” E aquele poster? “Aquele poster foi dado na ‘Joe’s Garage’, é como se fosse o manifesto da cena ‘ocupa’, ou o porquê de se ser ‘ocupa’, e lá está, primeiro gostei dele, achei piada, e depois porque é algo em que eu acredito e supostamente era para pôr na janela (para se ver lá de fora), mas na janela não tenho espaço ia-me tapar a luz.” E aquele? “Aquele veio de França também quando estive em Paris e está na parede porque... é estranho, eu continuo</p>
--	--

		sem fazer sentido dele e gosto disso.” E o do gato também é de Paris? “Sim, sim.” E aquele maior? “Aquele maior é de Praga, também quando lá estive, é o poster de um bar onde estivemos.” E aquele que diz ‘Silencing Israel’? “Aquele foi de uma espécie de conferência sobre a questão Palestina e Israelita a que eu fui.” E aquele postal? “Aquele é um daqueles postais grátis de publicidade e é publicidade a uma exposição de fotografia a que fui. Mais.... Tenho ali uma pala (tipo anos 80) que foi uma miúda que me ofereceu aí em Amesterdão porque sim, porque eu disse que curtia bué e ela ofereceu-me, uma festa em que estava toda a gente vestida à ginásio, anos 80 e não sei quê.” Esta bolinha? “(risos) Essa bolinha encontrei-a também por aí numa noite em Amesterdão e não sei porquê ela duas vezes veio bater-me e passado um bocado estava lá para da e eu achei que não ‘se vieste ter comigo duas vezes agora vens.’” E as pedrinhas? “Ah, estas pedrinhas vieram de Marrocos, na altura em que eu estive na praia.”
Media/Novas Tecnologias		
Costumas ler jornais/revistas? Quais?		“O Público on-line, e de vez em quando se há alguma notícia que me interesse mesmo e quero ver como é que diferentes jornais falam daquilo vou por exemplo, ao Expresso. Jornais internacionais, leio às vezes qualquer coisa no NY Times, na BBC também, mas só mesmo quando há qualquer coisa que quero mesmo ver. Não é um hábito diário.” Mas acontecimentos internacionais? “Sim, sim. Por exemplo como sigo a questão Israel-Palestina às vezes gosto de ver como é que diferentes países contam a mesma história e então vou a alguns britânicos, vou a alguns americanos, mas é mais nessas alturas.” E revistas?

		<p>“Não, não. A única que vou vendo de vez em quando é, olha também é de um português que vive cá, ele é o editor, é uma revista de fotografia, a Dofmagazine. E essa vou seguindo.” Mas é holandesa? “Aquilo é um projeto em que ele vai convidando diferentes pessoas, já teve holandeses, cada edição tem um tema, por isso tem pessoal diferente.”</p>
Costumas ver televisão? canais/programas?	ver Que	<p>“Não. Não temos televisão em casa sequer.” E não vês online nem nada? “Online vejo séries. (risos)”</p>
Costumas ouvir rádio? Qual?		<p>“Rádio, só na cozinha, como temos um radiozinho lá, às vezes ligo para estar a ouvir música. Não é estação nenhuma em especial, mas é holandesa.”</p>
Que tipo de música ouves?		<p>“Gosto muito de rock, dos senhores do antigo rock, como o Bob Dylan, o Neil Young, Lou Reed, Velevet Underground, Talking Heads, essas cenas todas. Agora também tenho ouvido muita música do mundo, tipo alguma música indiana, alguma música africana, sobretudo do Mali. Algumas cenas Indie. Para sair gosto de ouvir Techno de vez em quando.” E começaste a ouvir alguma música diferente quando vieste para cá? “Techno! Que não ouvia antes e não achava piada nenhuma. Música electrónica no geral.” E música portuguesa? “Sim, sim. Ouvia muito Zeca Afonso, Sérgio Godinho, cheguei a ter uma banda com pessoal desse tipo de música, música de resistência e tal. Hoje em dia cenas mais recentes, por exemplo gosto de Terrakota, Blasted Mechanism, Xutos já passou a fase. Agora destas cenas mais recentes há um gajo que gosto muito que é o Sebastião Antunes, depois ouço algum rock porque o meu tio também tem uma banda de rock e através dele vou descobrindo muita coisa. Principalmente</p>

		coisas lá do norte.”
Que sites mais frequentas na Internet?		<p>“Público, sites de agendas por exemplo, tipo ‘Paradiso’, ‘Melkweg’, para ir vendo o que está a acontecer. Facebook, You tube, Myspace rádios online também. Agora ouço uma que é a Jungle, que é um rádio em que podes escolher canais pelos tipos de música ou escolher as tuas próprias músicas e fazer uma playlist. Também vou a alguns blogs de amigos e depois, sei lá, eu vou muito a blogs por me dizerem olha vê isto, através de um post, e depois eu vou ver e acabo por ficar ali e ver outras coisas, seguir durante uns dias...”</p> <p>Mas são sobre alguma coisa em particular, há algum assunto que te interesse mais? “Sim, ou são sobre fotografia ou sobre contos. Alguns também relacionados com critica política, assuntos da atualidade.”</p>
Costumas ler? Que tipo de livros?		<p>“Sim, principalmente ficção. Estrangeira, portuguesa, leio em inglês, leio em português.”</p> <p>Tens assim algum género ou autor preferido? “Eu é um bocado por fases, tenho fases em que não consigo ler determinado livro e depois um ano depois pego-lhe e devoro-o em três ou quatro dias. Mas os meus autores favoritos talvez sejam Saramago, Milan Kundera, Henry Miller por exemplo é aquela escrita mais rude e crua. O Henry Miller veio um bocado antes dos Beatniks, Kerouac e desses gajos todos estás a ver? E é um gajo que pá, faz aquela escrita boémia e de autodestruição. Ele era americano mas viveu muito tempo em Paris, e muitos dos livros são sobre a vida boémia em Paris e sobre as suas prostitutas, o álcool e essas cenas assim mais ‘underground’. E eu gosto muito da escrita dele.”</p>
Costumas ir ao		<p>“Não muito.”</p> <p>E ver filmes em casa? “Sim.”</p> <p>Que filmes é</p>

<p>cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?</p>	<p>que procuras? “Olha de vez em quando, para aliviar, gosto de ver filmes idiotas, tipo comédias românticas. São cenas fáceis, não tens que pensar muito, depois de um dia de trabalho podes ver. Agora se for mesmo para ver um filme a sério gosto de um independente, europeu, fui ver o ‘Beautiful’ no outro dia (ao cinema), gostei muito é muito bom mas forte. No Domingo vou ver o ‘Blackswan’ ao Criterion.” E documentários, costumas ver? “Vejo alguns também, por exemplo quando foi o festival de documentário fui a alguns durante essa semana.” E como é que os escolheste? “Escolhi sobretudo documentários com que me relacionasse, a maior parte eram sobre a questão Israel-Palestina, fui ver outro sobre Guantanamo, outro sobre o Irão, porque são temas que me interessam. A questão muçulmana e barra ditaduras, barra mundo ocidental, mundo oriental, e a forma tão simplista como às vezes é mostrado. Neste caso os documentários também são uma fonte de informação alternativa.”</p>
<p>Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?</p>	<p>“Sim. Com os amigos sobretudo, família não tanto.” Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares? “Contacto mais, talvez com pessoas emocionalmente mais próximas de mim, podem ser daqui ou de Portugal, com alguns que também não são daqui nem Portugal e com os daqui. Mas com os daqui talvez um bocadinho mais porque é aquela coisa mais prática de combinarmos saídas e encontros. Com os de lá é mais para saber o que é que se passa, por exemplo seguir o status, vais sabendo como é que estão, como é que não estão. Vais sabendo das novidades de forma mais rápida e mais fácil, sem ter que ser diretamente a perguntar ‘como é que estás’, vais vendo e comentando...”</p>

<p>Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?</p>	<p>“Sim, bastante. Uso muito para trabalhar, para manter contacto com as pessoas através do e-mail e do Facebook, para me ir mantendo a par das notícias, porque eu aqui sem net não sei sequer o que está a acontecer aqui, no país, nem em Portugal, nem no resto do Mundo. Também para ver filmes, música.” “Acho que não. Só talvez para música, porque em Portugal tenho muitos cds, tenho muita coisa que não trouxe comigo. E hoje em dia utilizo muito mais o Myspace e outros sites como os de rádio, utilizo muito mais do que quando estava em Portugal, porque lá tinha os cds ali ao lado e podia escolher.”</p>
<p>Outras tecnologias de que faças uso?</p>	<p>“Tenho um leitor de mp3, o meu telemóvel é um modelo normal, só preciso dele para telefonar, de resto não faço assim mais nada... já tive um software para tentar fazer música electrónica mas depois cansei-me.”</p>

B.1.3. Sociabilidades/ Quotidiano Andreia

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	<p>“Amesterdão uma coisa muito diferente, é que vou a muitos concertos. Conhecendo as bandas, não conhecendo, simplesmente para ir a um espaço, também passo bastante tempo com os amigos, sobretudo ao fim-de-semana, ver filmes, durante a semana vou a sítios aqui na zona, como ir à segunda jantar à ‘Joes Garage’ e ficar lá um bocadinho...”</p>
Quando saís a que lugares vais? Com quem costumavas ir?	<p>“Vou muito ao ‘Paradiso’ por causa dos concertos, durante a semana e também ao fim-de-semana vou muito a casas ocupa, a espaços mais pequenos, um bocadinho menos ‘mainstream’, evito sítios turísticos.”</p> <p>Mas tens tendência para ir mais a sítios ‘internacionais’ ou sítios ‘holandeses’? “Sítios mais internacionais. Por exemplo há aqui uma squat, a ‘Blijverjte’ que quem lá vive são holandeses e tens lá muitos holandeses mas também tens todo um outro leque de pessoal estrangeiro, expats, pessoas que estão a visitar, ‘ocupas’, não ‘ocupas’, mas mais diversificado. Até porque por exemplo às vezes ir a um bar holandês há sempre a cena da língua, não é tão fácil conhecer pessoas. Mas isso é como num bar normal enquanto nestes sítios tens mais possibilidade de conhecer pessoas porque é como se fosse um espaço mais social do que propriamente um bar onde vais com os teus amigos e estás com os teus amigos.</p> <p>(hum, hum) Depois também vou algumas vezes a festas de música electrónica a sítios maiores.” E com quem é que costumavas ir? “Com o pessoal amigo,</p>

	<p>alguns dos que tu conheceste, depois também há o pessoal com quem vivia antes e por exemplo com esses já sou capaz de ir a um bar mais holandês. Com colegas vamos ao 'Kriterion' e estamos ali perto da zona de trabalho e de vez em quando bebemos uns copos.”</p> <p>Mas vais ao 'Kriterion' só porque é em frente à universidade ou porque gostas do espaço? “Gosto, porque é um espaço antigo, amplo, há quase sempre alguém conhecido, como se fosse um ponto de encontro que não tens que combinar. E é agradável, normalmente a música é fixe, o pessoal que trabalha atrás do bar é simpático.”</p>
De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?	<p>“Portugueses, holandeses, gregos, italianos, alguns holandeses mas não muitos, alemães, espanhóis, indianos, americanos.” “Lá está, eu quando vim para Amesterdão na primeira vez fugi totalmente de portugueses, conheci uma portuguesa e fugi dela (risos). Entretanto quando voltei na segunda vez conheci por coincidência o Rómulo e de certa forma, no início, tanto eu como ele acabámos por não nos procurar, porque conhecemo-nos, mas dissemos só olá, não fizemos questão de trocar telemóveis nem nada. Mais tarde voltámos a encontrar-nos porque eu comecei a sair com uma amiga dele e de vez em quando ele aparecia e depois lá está, foi muito por acaso que calhou aquele grupo de amigos. Muitos deles são portugueses, é verdade, mas não... por um lado sei que com alguns foi o facto de serem portugueses que os fez juntarem-se e que acabámos por ficar juntos umas noites e tal a beber uns copos e foi mais ‘ai vou conhecer aqueles porque são</p>

	<p>portugueses’. Por exemplo o Ivo foi porque tinha uma amiga de uma amiga, mas eu não diria que sou amiga deles porque são portugueses. São pessoas com quem eu me identifico, e lá está às vezes o facto de serem portugueses também ajuda, as piadas, o sentido de humor, às vezes é mais difícil contar uma piada a um holandês e se contas a um português ele escancara-se a rir e o holandês não e isso acaba por facilitar, ou o facto de estarmos todos á volta da mesa a comer, isso também é uma coisa portuguesa, e portanto pode influenciar um bocado mas acho que não é primariamente isso. Se fosse só isso que nos unisse não éramos amigos e não estávamos tanto tempo juntos, e não fazíamos tanta coisa juntos. Os amigos portugueses que tenho estão todos nesse grupo, depois tenho outros grupos de amigos, tenho por exemplo amigos muito próximos que eram as pessoas com quem vivia da última vez que cá estive e nenhum é português e continuamos a encontrar-nos também bastante regularmente, durante o fim-de-semana, às vezes durante a semana. Eu diria que comparativamente tenho mais amigos estrangeiros, não portugueses, até porque por exemplo dentro deste grupo que falava antes já é mais ou menos metade, metade. Metade portugueses, metade outras nacionalidades. E depois acabo por ter outros grupos, alguns do trabalho onde não há ninguém português, com alguns deles também passo bastante tempo.” Os amigos que cá fizeste conheceste-os sempre num contexto académico ou laboral? “Não. A maior parte foi em contextos mais sociais, de sai à noite, conhecer</p>
--	---

	<p>algum pessoal assim mais casualmente, outros através de pessoal que já conhecia. Em termos de trabalho são mais colegas do que propriamente amigos. E o resto foi mesmo criado dentro do ambiente da casa, tenho alguns das primeiras residências em que vivi e que ainda hoje mantenho. Foi mais em contexto de casa e de saídas.”</p>
<p>Costumas ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>“Nunca! (risos)” Mentirosa! “Sim, aos Lusitanos, é a única que conheço, nunca fui a nenhuma outra.” “Vou lá ver o futebol, sobretudo para ver futebol. Aconteceu uma vez combinarmos ir lá jantar porque estávamos com saudades de comida portuguesa, mas é mais futebol.” Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê? “Não. Não porque, eu acho que para nós há uma diferença que é o escolher ir ali e vamos lá quando queremos e muitas das pessoas que lá estão, estão lá diariamente porque não têm outros espaços e não vêm outros espaços na cidade com que se consigam identificar. E acho que essa é a grande diferença. E aquela cena do mini Portugal ali dentro, que é isso que eles procuram e eu vou lá e, não é que renegue isso ou que não queira ter isso mas não preciso disso.” (hum, hum)</p>
<p>Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?</p>	<p>“Sim, relativamente. Por exemplo quando há palestras, como aquela que nós fomos ‘Silencing Israel’, ou debates no ‘CREA’ que surgem sobre algum tópico que eu esteja interessada. Museus vou ao ‘Van Gogh’, ‘FOAM’, ‘Huis Marcell’ gostava muito do ‘Stedelijk’, que agora está em obras, só tem aberta uma parte. E depois lá está, música ao vivo.” E que tipo de concertos é que procuras? “Primeiro procuro concertos que não</p>

	<p>consigo ver em Portugal, ou porque são bandas que não vão a Coimbra, o que dificulta logo mais, o facto de ter que gastar mais dinheiro em transporte até lá; depois bandas que conheço e que gosto e essas faço mesmo questão de ir, depois também às vezes só pela piada de descobrir qualquer coisa nova como na ‘Blijverjte’ às sextas feiras, que é de borla e se não gostar posso vir-me embora e às vezes tem-se muito boas surpresas. Também já às vezes faço a cena de ir à ‘last minute ticket shop’, se houver um concerto por três euros no ‘Paradiso’ porque não? Geralmente ouço primeiro um bocadinho no Myspace e depois vou ver.”</p> <p>Das vezes que temos estado juntas já percebi que tens alguma consciência política, aqui em Amesterdão és um pouco ativista... Aqui o que é que te fez ligar aos ‘squats’ por exemplo, ou ao outro, a ‘Woman on Waves’? “A ‘Woman on Waves’ foi o facto de sentir que em Portugal havia muitos problemas nesse campo e de repente encontrei um panfleto delas em que procuravam voluntários portugueses e eu fui ver como era. Entretanto já lá vão 6 anos e foi mesmo alguma coisa com que me identifiquei e comecei a sentir que podia fazer alguma coisa. Isto foi antes do referendo em Portugal, que legalizou o aborto, foi depois delas tentarem ir a Portugal prestar assistência a mulheres que quisessem abortar no barco, e não conseguiram. Isso foi em Agosto e eu comecei a trabalhar com elas em Outubro, já cá. Mas depois quando houve o referendo em Portugal e mudou tudo em Portugal, mesmo assim quis continuar. A cena dos ‘squaters’ não sei... o primeiro ano que eu cá estive já ia a algumas</p>
--	---

	<p>‘squats’, diferentes das que vou agora, na altura nem fazia ideia que estas existiam e algumas nem sequer existiam ainda. Mas comecei a ir e eram sítios em que eu no geral sentia-me bem, sentia que podia estar e ser sem me sentir mal ou bem com isso. Podia estar simplesmente e não era olhada de lado, podia entrar sozinha e em 15 minutos estava a falar com n pessoas. Agora foi mais porque descobri aquela ‘squat’ a ‘Blijvertje’, foi um colega meu grego que me falou (numa aula só de alunos internacionais, não havia holandeses) e eu fui lá, gostei muito, comecei a ir e a conhecer as pessoas de lá e de certa forma a rede de ‘squats’ de Amesterdão e as razões por detrás de tudo, a ideologia. Participo em algumas discussões mais pequenas sobre esses temas, com certas pessoas, mas não vou a uma reunião geral de ‘squaters’ ‘mandar bitates’, até porque eu não sou ‘squater’ e posso dizer o que penso, de fora, e ‘com um pé à porta’ mas de fora sempre, obviamente. Mas tenho bastantes discussões com pessoas que são ocupas mesmo, ou fora do meio discuto muito com outras pessoas sobre o assunto. Por exemplo uma vez no trabalho surgiu uma discussão menos simpática por causa disso...”</p> <p>E o facto de encontrares lá pessoas diferentes, ou de diferentes nacionalidades também te atrai? “Sim, sim, sim, sim! Bastante. Não tem só a ver com a nacionalidade, tem a ver com a pluralidade de estilos de vida que há ali. Porque encontras, encontras desde pessoas que vão a ‘squats’, não necessariamente ‘squaters’, a professores universitários, ao desempregado, ao reformado, ao estudante de Erasmus, à pessoa que está a trabalhar</p>
--	---

	<p>numa empresa, à pessoa que trabalha numa organização não governamental, de todas as áreas.” E porque é que isso é interessante para ti? “Porque eu gosto de conhecer outras coisas, gosto de ouvir e, por exemplo quando estamos a falar, para mim se estivesse só numa mesa de psicólogos ou só portugueses criados da mesma forma que eu fui, acho que perdemos muito em termos de diversidade de pensamento e de ideias e opiniões. E nesse sentido estes sítios dão oportunidade de conhecer outras coisas e outras perspectivas e eu sinto que ao ter contacto com isso também posso evoluir, ou pelo menos saber que existe outra coisa e gosto muito disso. Da descoberta, da novidade....”</p>
<p>Atividades desportivas? Com quem?</p>	<p>“Desde que vivo aqui nesta casa faço yoga, é aqui no rés-do-chão. Comecei a ir sozinha, mas depois houve uma miúda aqui de casa que começou a ir comigo. Mas geralmente vou sozinha.”</p>
<p>Hobbies?</p>	<p>“Fiz dois cursos de teatro cá, outro de escrita de contos, no ‘CREA’, supostamente esta semana ia começar outro de massagens, mas a senhora cancelou porque não tinha gente suficiente. Eu tenho uma amiga que fez e o curso parece muito fixe. Opa e também era naquela, eu curto bué massagens e é um investimento para o caso de eu decidir que psicologia não é a minha vida.”</p>
<p>Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)</p>	<p>“Dança também cheguei a fazer mas durante pouco tempo, porque era demasiado moderno para mim (risos), mas cheguei a fazer no edifício do ‘Volkskrant’, que eles antes alugavam estúdios lá.”</p>
<p>Sentes que tens uma vida</p>	<p>“Sim, sem dúvida. Tenho acesso a coisas que não tinha,</p>

<p>cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?</p>	<p>sobretudo por estar em Coimbra que é uma cidade muito parada em termos de oferta cultural. Tem dois grupos de teatro que vão fazendo coisas engraçadas, mas é uma por ano porque obviamente estão a trabalhar um ano para fazer um espetáculo, portanto não há muita diversidade. Também não há muitos concertos em Coimbra, os bares são todos os mesmos que eram há 3 anos atrás, há 8 anos atrás! E Amesterdão dá mais possibilidade de outras coisas.”</p>
<p>Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)</p>	<p>“Sim, sim. Acho que tudo isso junto e também o facto talvez do anonimato, primeiro do anonimato mesmo em relação ao que visto, como te estava a dizer, estou-me a cagar. As relações que crio já me conhecem assim e portanto ou querem ou não querem, e se calhar em Portugal era mais condicionada por outras coisas. E depois a possibilidade de oferta e de oferta dentro das possibilidades financeiras porque sei lá, em Coimbra conseguia encontrar um curso de escrita, só que pagava o dobro e era uma coisa privada e individual e por muito interessante que fosse eu não podia. Mesmo a associação académica de Coimbra, supostamente é um espaço como o ‘CREA’, deveria fazer coisas como o ‘CREA’, mas têm muito menos coisas, têm yoga, um coro, uma orquestra, um clube de xadrez e os tais dois grupos de teatro. E não há mais nada, não há dança, têm fado, mas não há dança, não um curso de cinema, de escrita... nesse sentido Amesterdão tem muito mais oferta.”</p>

B.2.1. Sociografia/ Relação com a origem Cláudio

Sociografia	
Nome	Cláudio
Idade	28
Género	M
Naturalidade	Lisboa.
Irmãos	És filho único? “Sou o menino da mamã, a sério.”.
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	“Morei em Lisboa 6 anos e depois fui para Penafiel, o meu avô tinha uma empresa de artes gráficas e o meu pai era GNR em Lisboa, mas conheceu a minha mãe em Penafiel e foram para Lisboa, e depois reformou-se por invalidez e quis voltar para Penafiel para abrir uma empresa com o meu avô (pai do pai). E o meu pai então foi, mas passado seis meses de lá estarmos o meu pai morreu, há 22 anos atrás. E... nós continuámos a viver em Penafiel, no princípio foi difícil para a minha mãe, o meu pai tinha acabado de comprar casa e de a mobilar, o meu pai não tinha feito seguro de vida, tinha imensas despesas e então a minha mãe começou a trabalhar também na empresa do meu avô e as coisas foram-se compondo.”
Escolaridade (incluindo locais de formação)	“Eu estudei em Penafiel, mas nunca gostei muito de estudar, para te ser sincero. Fiz até ao 9º ano porque... sei lá, eu não gosto de escola, não gosto de estudar, embora goste de aprender e de saber sempre mais, mas... sei lá é estranho. Na altura! Se calhar se fosse hoje não fazia o que fiz, se calhar se fosse agora estudava, mas na altura uma pessoa não pensa... 16, 17, 18 anos! E depois também comecei a trabalhar aos fins-de-semana porque achei que era assim que devia ser.” “Mas se estudasse agora gostava de estudar educação de

	infância porque adoro crianças, é bom estar perto delas, é bom dar-lhes educação, é bom dar-lhes um pouco de nós, eu acho.”
Profissão	Cozinheiro.
Emprego em Portugal	“Comecei a trabalhar cedo num restaurante, foi lá que aprendi tudo sobre cozinha, trabalhei aí um ano e meio. Depois fui trabalhar para a empresa do meu avô, que o meu avô depois vendeu, mas a minha mãe ainda hoje trabalha lá, trabalhei lá 7 anos e depois deixei. Trabalhei 2 anos com uns tios meus, numa empresa do mesmo ramo a fazer a mesma coisa, impressor gráfico. E depois passados esse dois anos foi quando eu vim para cá.”
Tipo de residência em Portugal	“Morei sempre com a minha mãe, mas nos últimos meses morei sozinho que a minha mãe deu-me a casa e foi morar com o namorado, coisa que eu fiquei muito contente (risos). Não porque ela me deu a casa, mas porque ela está feliz e isso é muito importante para mim.” “A primeira casa que tivemos, a que o meu pai comprou, a minha mãe depois vendeu mas era uma casa enorme tipo vivenda. Depois compramos um apartamento só para nós os dois, um t2 e agora estou com o apartamento só para mim. Mas vivi sempre lá, até aos 26 anos por aí...” “ A minha mãe quando vendeu a casa foi quando a minha avó materna morreu e nós quisemos vir mais para o centro da cidade, para ficarmos mais próximos do meu avô e dos meus tios.”
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	Penafiel, habitação própria.
Naturalidade dos pais	“O meu pai é de Vila do Conde, esteve em Moçambique alguns anos com os meus avós e depois veio na altura dos retornados. O meu avô trabalhava numa gráfica, era encadernador, e por isso é que depois abriu uma gráfica cá que na altura era a única no Norte e depois começou a construir outra. A partir do momento em que o meu pai

	<p>morreu, uma tia minha começou a fazer chantagem com o meu avô para o meu avô lhe passar a empresa, e então ela acabou por ficar com quase tudo. Eu nunca recebi o que devia ter recebido, mas depois ela endividou-se muito e acabou por vender a empresa a cinco empregados, um deles meu tio do lado da minha mãe. Portanto trabalham lá muito tios meus.”</p>
Escolaridade dos pais	<p>“A minha mãe acabou de fazer o 12º agora há pouco tempo, ela num ano tirou desses cursos profissionais que dão equivalências. Ela fez isso tudo, ela adora estudar! Eu ficava sempre super contente, eu amo a minha mãe. Eu fui criado sempre com ela e também com a minha avó e com o meu avô materno.”</p>
Profissão dos pais	<p>Pai GNR, mãe trabalha numa gráfica.</p>
Local e tipo de residência dos pais	<p>Pai faleceu, mãe Penafiel em apartamento do companheiro.</p>
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	<p>“Não, não tenho assim ninguém próximo... Sim, lá em Penafiel conheço pessoas que emigraram, tenho um amigo no Luxemburgo e já cá tinha amigos quando para cá vim.”</p>
Porque decidiste sair de Portugal?	<p>“Eu não vim para Amesterdão para ganhar dinheiro, não vim para Amesterdão para enriquecer ou para fugir ao problema de trabalho que tinha, porque não tinha. Eu tinha trabalho em Portugal, estava minimamente estável, tinha a minha própria casa, tinha e continuo a ter. Mas há muita gente assim, que ainda é esse estereótipo de imigrante. E o que eu quero dizer quando digo que não sou o estereótipo de imigrante, é assim, eu em Portugal tinha o meu trabalho, tinha a minha casa, a minha família e os meus amigos, não é? E eu vim para cá por outra razão. Eu tinha uma namorada, namorámos durante seis anos, e a certa altura ela foi para a Universidade, para Educação de Infância, em Lamego e nós</p>

	<p>continuámos sempre a namorar. Foi difícil, por causa da distância, só nos víamos ao fim de semana, mas conseguimos. Poucas semanas antes de ela acabar o curso, acabou comigo, o que foi muito estúpido. E eu tentei ficar em Portugal ok, mas nós tínhamos o mesmo grupo de amigos, frequentávamos os mesmos sítios, eu via-a todos os dias. E começou a tornar-se complicado, ter as mesmas rotinas e fazer as mesmas coisas com ela e simplesmente já não termos intimidade nenhuma. E então, eu tinha alguns amigos de Penafiel aqui em Amesterdão, um deles até já foi embora para Portugal, e então decidi vir para Amesterdão.” Mas foi principalmente por isso? Porque é que não foste, por exemplo, para Lisboa? “Foi a única razão, e eu tinha aqui amigos. Preferi conhecer uma cidade nova, um país novo, uma cultura nova, pessoas novas, foi um bocado por aí e nunca pensei chegar aqui e fazer um saco de dinheiro e voltar para Portugal a dizer ‘ah, enriqueci, emigrei’. Não é a minha filosofia de vida, não, eu gosto de ter dinheiro, claro que sim, mas não é o mais importante.” “Eu sou uma pessoa muito fraca em termos de sentimentos, eu não consigo ser forte quando devo ser. Por isso o mais fácil para mim foi abandonar, porque eu não conseguia esquecer o melhor para mim foi mesmo vir-me embora. Eu quando gosto de uma pessoa gosto para valer e ela era a mulher da minha vida e continuo a dizer o mesmo hoje. E foi complicado, ela acabou comigo assim do nada, uma relação de 6 anos, mas depois quando eu me vim embora ela não queria que eu viesse, mas eu vim na mesma, a decisão já estava tomada. E eu vim para cá, estive cá 9 meses e disse à minha mãe ‘desculpa’, porque foi muito difícil para a minha mãe e para mim também, deixá-la, mas eu disse à minha mãe ‘eu não vou a Portugal antes do Natal e eu tinha chegado em Março. Foi terapia de choque, e foi, e foi assim que eu me curei (risos). Eu sabia que tinha de ser assim. Eu quando a vejo eu sinto sempre alguma coisa diferente, mas curei-me. Mas depois eu voltei no Natal e voltámos a estar juntos, foi</p>
--	---

	<p>muito bom e eu voltei para cá e comecei a considerar voltar para lá e voltar para ela. Mas entretanto voltei a Portugal em Abril e nós tínhamos combinado estar juntos, mas entretanto eu conheci a Isadora, a rapariga brasileira, e as coisas aconteceram não é? E eu apaixonei-me mesmo pela Isadora.”</p>
<p>Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?</p>	<p>“Não, eu nunca gostei de pedir dinheiro à minha mãe, desde novo que comecei a trabalhar e que me fui sustentando. Agora não quer dizer que se tivesse alguma aflição a minha mãe não me ajudasse, porque é claro que ajudava!”</p>
<p>Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?</p>	<p>Não.</p>
<p>Porque escolheste Amesterdão?</p>	<p>“Porque tinha cá amigos, foi a única razão. E um deles era um dos meus melhores amigos e sabia que não me ia sentir sozinho. Entretanto ele já foi embora e eu fiquei.”</p>
<p>Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?</p>	<p>“Não estou arrependido, tipo, satisfeito não. Porque eu não precisava de ter deixado os meus amigos e família e tudo o que tinha para trás só por causa de uma pessoa. Mas não estou arrependido não, até porque adoro esta cidade, gosto das pessoas daqui, gosto da mentalidade das pessoas daqui, são completamente diferentes de nós. De nós não! Quero dizer de muita gente em Portugal. A mentalidade dos holandeses é aberta e isso é muito bom. Sei lá, há muitas coisas que eu gostava de fazer, em Portugal, muitas roupas que eu gostava de vestir, muitas coisas que gostava de dizer ou fazer e não podia porque estava em Portugal. E aqui eu faço, e aqui eu visto, estás a perceber onde é que eu quero chegar? Tipo, tu aqui podes ir na rua e ninguém olha para ti de cima abaixo, ninguém te vai criticar, ok tu és de Lisboa, se calhar não estás bem a ver o ponto de vista, mas eu sou de Penafiel que é uma cidade pequena. Eu não</p>

	<p>gosto daquele tipo de pessoas que começa a falar disto e daquilo e uma pessoa comete um erro e toda a gente sabe... Não! Eu gosto de ir a Portugal agora, gosto de ir à minha cidade e toda a gente fala comigo, toda a gente me conhece.” “Então continuei a viver em Amesterdão, e gosto. Há uns meses atrás um amigo meu ligou-me e disse ‘olha vai aí uma amiga minha do Brasil, ela é jornalista, se puderes estar com ela e mostrar-lhe algumas coisas aí de Amesterdão...’ e eu disse que sim, na boa. E então, a gente conheceu-se, não é? Foi assim muito estranho porque eu não a conhecia, e ela não me conhecia, tínhamos só o número um do outro, mas ok nós encontrámo-nos em Rembrandt, ela disse-me como estava vestida e eu também e foi assim um flash muito estranho logo ao início. Mas pronto, eu achei que não devia ser nada ao princípio, mas nós conhecemo-nos às 11 da noite e ficámos a conversar até de manhã. Na noite seguinte fomos passear de novo e rolou um beijo, até que nas duas últimas noites fiquei com ela no Hotel e estes meses têm sido muito complicados, temos falado todos os dias na internet, mas ela em Setembro vem para cá, vem morar para Amesterdão também.” “É claro que a questão do dinheiro conta alguma coisa, não vou dizer que não, ainda mais como a situação está agora em Portugal. Mas eu sei que se quiser voltar para lá eu tenho trabalho no dia a seguir, basta pedir a um dos meus tios. Portanto isso não é um entrave, não é uma coisa que me esteja a bloquear neste momento, nem é o mais importante. O mais importante é o bem-estar e eu estou bem neste momento. Aí há uns tempos, quando o meu amigo se foi embora, eu não tinha casa, não estava nada bem, e pensava ‘eu tenho a minha mãe em Portugal, tenho a minha casa em Portugal, não estou aqui a fazer mais nada. Mas depois também pensava na Isadora, que ela está para chegar... Mas, neste momento não, neste momento quero ficar.”</p>
--	---

Há quanto tempo vives em Amesterdão?	Dois anos.
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	“Já pensei em fazer um curso de cozinha, porque eu cá sou cozinheiro.”
Emprego	“Cozinheiro, no Calzonne, zona da Museumplein. É de cozinha italiana mas a minha patroa é holandesa, o namorado dela é português. Consegui lá trabalho porque o tio desse meu amigo que morava cá trabalhava lá na altura e foi ele que me arranjou esse trabalho. Mas eu assim que cheguei fui trabalhar para um hotel, arranjei ainda em Portugal, e através de uma empresa que tratava do SOFI nummer, tudo isso.”
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	“A primeira casa onde eu morei era em Rembrandt, com este meu amigo que vive cá, mas depois ele foi embora, e eu fui viver com outro amigo meu que veio de Penafiel, e agora estou outra vez a viver como primeiro, no Norte. É uma casa com dois quartos, sala, cozinha, varanda. Gosto da zona, é muito calma, saio e ando 100 metros e tem biblioteca, e tudo o que é preciso. É um bocado longe agora... Ah e estive dois meses em casa de um amigo meu, português também, que conheci cá e é de Lisboa. Ele ajudou-me quando eu não tinha para onde ir.” “Mas eu adoro andar de bicicleta, adoro andar de bicicleta nesta cidade.”
Com quem habitas?	“Com um amigo meu português.”
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	--
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	--
Relação com a origem	

<p>Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê?</p> <p>Se algum dia regressares o que te vêes a fazer?</p>	<p>“Próximo ano talvez, próximo ano talvez volte. Porque já conheci o que tenho para conhecer estás a ver? Portugal ou outro país, tipo EUA, Nova York talvez. Eu gosto da cidade, embora nunca tenha estado lá. Mas gosto porque... Sei lá, é um sonho conhecer NY e ir lá morar, eu também sei que em termos de cozinha tem lá um bom mercado. E é bom conhecer novos sítios, novas culturas, porque não? Mas possivelmente será Portugal e depois quem sabe outro país. Não sei, estou a pensar nisso.” “Não faço a mínima ideia do que vou fazer. Eu gostava muito de abrir um restaurante, mas isso é um sonho, não sei se será possível de concretizar a curto prazo, mas a longo prazo talvez.”/(segunda entrevista) “Eu no outro dia disse à minha mãe ‘mãe, eu não sei se me vou conseguir adaptar aí outra vez’ porque não é nesse mundo que eu vivo mais, tipo e as coisas começarem a ser muito pequeninas outra vez, vai fazer-me um bocado de confusão isso e eu não sei se vai ser assim tão fácil, mas também se eu não me adaptar, se as coisas não correrem tão bem como eu estou à espera eu venho para aqui outra vez. É indiscutível. Vendo a minha casa, faço aí uns dez mil contos e ponho-me para aqui outra vez.” “Mas ainda no outro dia escrevi uma cena que começava com dúvidas, dúvidas, dúvidas, porque eu estava com muitas dúvidas se havia de ficar aqui se devia voltar para Portugal, andava a pensar e agora acho que já tomei uma decisão. Estou à espera de uma resposta do gajo, que me queria dar emprego lá num restaurante, se ele não quiser o que eu lhe propus, fico cá.”</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais,</p>	<p>“Todos os dias, todos os dias a minha mãe me liga, ou ligo-lhe eu. Com os meus amigos eu falo quase todas as semanas, com os meus melhores amigos. Uso telefone, Skype, Messenger, Facebook. Encomendas não envio nada, envio dinheiro, mas é porque tenho lá uma dívida para pagar. E a mim também não me enviam nada. Com a minha mãe falo sobre o dia-a-dia, se está tudo bem com ela, se está</p>

tipo de informação trocada)	tudo bem com a família, se está tudo bem com ela. Ela atualiza-me das coisas, falamos do noticiário, do que se está a passar em Portugal, acerca da crise, acerca dos incêndios...”
Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?	<p>“Nestes últimos tempos sim. Porque eu sou uma pessoa muito ligada às raízes, tenho de estar com a minha mãe, com os meus amigos. É uma coisa que eu gosto muito é de estar com os meus amigos.”</p> <p>“Desde que estou aqui ainda não fui a lado nenhum, se calhar por preguiça porque eu até podia acordar um dia de manhã e ir à Bélgica ou ir à Alemanha, estamos rodeados por outros países, mesmo França e Inglaterra é muito perto. Mas não, ainda não fui, embora gostasse muito de conhecer.” “Num ano fui 3 vezes a Portugal, cerca de uma, duas semanas de cada vez.”</p>
De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?	“Basicamente estou com a família e com os amigos, depois vou a algumas festas, sair um pouco. Acabo por fazer o mesmo que fazia, sempre tive dinheiro e sempre fui onde quis, não é por agora ter um pouco mais... Mas vou aos mesmos sítios, nada de muito diferente.”
Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?	<p>“Sim, dou valor ao país, claro que sim. Mas é assim se formos comparar Portugal com a Holanda, em termos de valores... Como é que hei de explicar? Eu gosto do meu país, eu acho um país bonito, um bom povo, mas neste momento Portugal está a passar por uma fase muito estranha, é a crise e as pessoas estão esquisitas. Eu vou lá, sinto-me bem lá mas às tantas torna-se monótono, torna-se esquisito, cada vez gosto mais de estar aqui. Claro que também gosto muito de Portugal e quero voltar para lá, mas muitas vezes pergunto-me se será a opção certa. Eu no Natal estive lá quase 3 semanas e cheguei ao fim da segunda semana e já estava farto de lá estar, farto de lá estar. É a rotina, eu ligo aos meus amigos e eles dizem-me não venhas para cá que nós estamos fartos de estar aqui. Os meus melhores amigos são três arquitetos e um arqueólogo, e eles dizem-me ‘nós não temos</p>

	<p>uma vida muito monótona porque nós fazemos n cenas’. Eles têm um escritório, têm uma marca que é os ‘concept makers’ e fazem cenas muito a ver com design, arquitetura, fazem muitas cenas na nossa cidade em termos de cultura... Mas eles dizem, não venhas porque as coisas tornam-se monótonas e dois deles também gostavam de vir para cá morar.” Sentes que as pessoas lá te vêm de maneira diferente depois de teres vindo para cá? “Os meus amigos têm orgulho em mim porque eles sempre acompanharam a minha relação e não gostavam de me ver sofrer, e por isso gostaram quando eu vim e sentem-se orgulhosos por eu estar aqui sozinho e fazer a minha vida, mas não me vêm como um herói não.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>“Sim, sim, porque eu tenho orgulho em ser português, eu gosto de ser português. Não me estou a ver com outra nacionalidade mesmo! E quando falo com alguém identifico-me como português claro. Mas quer dizer não é também assim tão importante, não pertença a nenhum grupo de Portugal no Facebook por exemplo. Eu sou português, mas não acho que Portugal é o melhor sítio do Mundo... e mesmo a mentalidade das pessoas lá é completamente diferente.”</p>

B.2.2. Cultura material/ Consumos Cláudio

Cultura Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	<p>“É, claro que sim. Porque gosto de dar nas vistas, tipo gosto de aparecer um pouco, gosto de me vestir bem, sou vaidoso e quando me visto bem, sinto-me bem e isso é bom para a tua auto estima.” “Olha para te ser sincero o meu estilo era tipo uma cena mais tipo electro, tem e não tem a ver com a música, tu sabes a maneira como eu visto, sempre de sapatilha, uma calça assim de cor, uma t-shirt, uma sweat, uma cena mais descontraída. Mas agora estou a tentar mudar um pouco, até mesmo pelo cabelo, estou a tentar adaptar a uma cena mais rockabilly. O cabelo cortei da última vez que fui a Portugal, um amigo meu que é cabeleireiro profissional, era o corte que eu queria fazer porque vi na internet que seria o corte da moda Paris deste ano, seria o corte mais forte, a tendência na moda para este ano e eu não gosto de estar desatualizado então... e agora já estava a ficar muito grande e pedi a um amigo meu para me dar um jeito.” Mas porque é que quiseste mudar para rockabilly? “Sei lá, porque o corte também puxa, não sei, porque é uma cena que eu quero impor tipo agora, quero andar mais assim, acho que me sinto melhor assim, também já estou a envelhecer e não quero assim uma tão, sei lá, tão jovem e rockabilly é meio intermédio.”</p> <p>/(primeira entrevista) Então achas que mudaste um bocado a maneira de vestir quando vieste para cá? Quer dizer não que já não gostasses de vestir como te vestes,</p>

	<p>mas aqui sentes-te mais à vontade? “Eu lá vestia-me mais ou menos como me visto aqui mas, sei lá, aqui já comprei outro tipo de roupas que lá não usava e agora vou lá nas férias e uso-as sem qualquer problema, porque já não me interessa o que os outros pensam ou dizem. Isso já não me diz nada. Da parte dos meus amigos eu não tenho nenhuma critica, é só certo tipo de pessoas que... a minha mãe adora que eu me vista como faço. Ya, mas sinto que à vezes queres fazer coisas que não podes em Portugal porque vais ser criticado pela sociedade, e aqui não tens esse problema. Claro que uma das vantagens é que ninguém te conhece, por exemplo no trabalho já nos conhecemos e há sempre umas brincadeiras de comentários uns dos outros, mas é diferente, é normal. Mas em Portugal não, é diferente.” “Não. Eu visto-me um bocado conforme o humor do dia, o cabelo corto a mim mesmo. Por acaso da última vez que cortei fui a um cabeleireiro, mas foi um bocado caro apesar de ter gostado, a loja era muito gira tinha roupa também de algumas marcas que eu gosto, que costumava comprar em Portugal tipo <i>Carhartt, Gsus</i>.”</p>
<p>Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?</p>	<p>“Alterei. Sim, tipo as mentalidades são diferentes posso vestir-me de maneira diferente, lá se calhar pensava em vestir isto ou aquilo mas depois pensava no que é que iam dizer. Não, aqui sou independente, completamente eu, não tenho ninguém para me dizer nada, ninguém me conhece, não tenho ninguém para me dizer nada e as pessoas aqui olham, mas nunca olha com aquela mentalidade, para fazer um comentário porque tudo é normal aqui, tudo é vulgar. E aqui uma pessoa sente-se bem e eu posso talvez ser eu, um pouco mais excessivo.</p>

	<p>Por exemplo em Penafiel se eu usava uns ténis com cores ou umas calças com cores já faziam comentários tipo ‘vieste de uma nave espacial?’, eu chegava lá ficava tudo a olhar para mim. E Penafiel também não é assim tão pequeno e é a 15 min do Porto, mas ya as pessoas... nem tanto os mais velhos, se queres que te diga, mas os amigos às vezes só para implicar.” “No início nunca fui muito exagerado quando lá ia, mas agora às vezes para eles é um bocado exagerado.” /(primeira entrevista) E usas as mesmas marcas que costumavas usar em Portugal? “Olha, para te ser sincero nem sempre uso as marcas que usava em Portugal, porque aqui também são um pouco caras. Ténis faço questão de usar sempre de marca, não é por ser de marca mas é porque são melhores e mais giras. Tenho ido muito à <i>H&M</i>, lá havia no Porto, mas aqui é diferente não vai para lá a mesma coisa. A semana passada por exemplo comprei uma t-shirt na <i>H&M</i>, umas sapatilhas na <i>Levis</i>, e este casaco na <i>Gsus</i> porque estava em saldo.”</p>
Onde costumavas comprar roupa e que critérios orientam a escolha?	<p>“Normalmente sapatilhas é Nike ou Adidas. Roupa é mais na <i>H&M</i>, de vez em quando compro uma boa peça, mais cara, mas normalmente é lá. Eu gosto da roupa de lá.” Mas como é que escolhes, chegas lá e é porque gostas ou porque já tinhas visto aquilo em algum sítio... “Normalmente, eu sou uma pessoa que adora fazer <i>shopping</i> e então eu faço montras muitas vezes e adoro reparar nas pessoas, e é claro vou tirando ideias e quando vou à loja, às vezes encontro o que procuro, outras vezes não, mas já vou com uma ideia do que quero comprar, embora na hora possam surgir modificações.” /(primeira entrevista) “Eu adoro comprar roupa, adoro sair de casa de manhã e saber que vou comprar roupa, saio de casa de</p>

	manhã e chego a casa à noite, eu passo o dia inteiro a fazer <i>shopping</i> . Eu sou como as mulheres nesse aspecto, tenho amigos meus que não vão comigo às compras porque não têm paciência. Eu adoro roupa e então gosto de ver procurar, experimentar, apreciar.”
Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).	“Já tinha piercings quando vim, cá não fiz nada. Continuo a fazer o que fazia sempre, perfume, desodorizante, gel, essas coisas. Mas sim preocupo-me, sempre me preocupei, como os meus amigos dizem sou muito paneleirinho com essas coisas.” /(primeira entrevista)“Mas basicamente é isso, aquilo em que eu gasto mais dinheiro é em roupa. Depois fumo também, fumo mais do que o que deveria, cerca de 1 grama por dia, não que eu fume muitos charutos... Mas sim, fumo mais do que fumava em Portugal, embora lá também fumasse, comecei a fumar aos 20 anos.”
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	“Não cozinho em casa. Quando estou de folga vou comer fora.” “Esta semana foi na segunda à noite e na terça à noite fui comer ‘wook’. Mas a maior parte das vezes como <i>fast food</i> . Também já fui a outros restaurantes, tipo argentino ou assim, mas não faço disso rotina porque também fica caro. Aos portugueses nunca fui, mas já tive curiosidade.” E não tens tendência para comer aquelas coisas que comias em Portugal? “Não, não como nada do que comia em Portugal. Agora não, quando morava no norte comia e fazia, mas agora não tenho feito, mas sim também faço algumas coisas que fazia lá e coisas de cá, quer dizer coisas italianas, porque cá o que é que eles têm? Peixe cru e almôndegas?”/(primeira entrevista): Isso é um

	<p>hábito holandês, o ‘bitterlemon’! “É eu gosto muito. Esse meu amigo que estava cá dizia ‘tu quando fores a Amesterdão vais adorar o ‘bitterlemon’, e tinha razão, eu gosto muito. E esta não é a melhor marca.” Que outros hábitos holandeses adoptaste? “Bicicleta, o que eu acho muito bom e gratificante para mim porque antes de vir para a Holanda eu tinha 90 quilos, e agora tenho 70 (risos). Mas também porque eu mudei a minha alimentação completamente, eu como muito mais saladas do que o que comia.” Mas e porquê? “Muito porque no restaurante onde eu trabalho nós funcionamos muito com saladas, sanduíches, ok, pizzas e pastas também, mas eu evito comer pizza. Tipo só mesmo em snack, não como refeição, tenho mesmo uma alimentação diferente, mais à base de saladas, como mais fruta, comecei a fazer uma alimentação melhor para mim por opção, achei que era melhor.”</p>
<p>Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?</p>	<p>“Não, não costumo comprar vinho português. Trouxe de Portugal duas garrafas de vinho e ofereci a uns holandeses cá, mas porque eles já me tinham falado disso.” /(primeira entrevista) “Nem sempre faço comida portuguesa, porque eu gosto muito de cozinhar e gosto de fazer por exemplo comida indiana, gosto de fazer caril, gosto de fazer ‘nassi’. Gosto de cozido à portuguesa, gosto de feijoada, mas não costumo fazer cá porque não se encontram as carnes. Não há um chouriço em condições, típico português.”</p> <p>“Normalmente este meu amigo com quem morei costuma, e eu também costumo, trazer salpicão, chouriço, bacalhau... eu nunca trouxe bacalhau, mas eles às vezes trazem. E já fiz em casa, fiz bacalhau com natas, faço muitas vezes francesinha mas para fazer o molho temos que trazer de Portugal a sopa de rabo de boi, porque aqui</p>

	<p>não há. Mas, sim, de vez em quando faço, até porque gosto da nossa gastronomia. Estou numa mailing list em que recebo receitas portuguesas no meu mail todos os dias, e é bom porque eu às vezes fico sem ideias, mas quando estou em casa gosto de fazer. Quer dizer se cozinhar só para mim, muitas vezes não cozinho, não me dá prazer. Hoje por exemplo sou capaz de comprar alguma coisa fácil, que seja pôr no micro-ondas ou... embora eu não goste muito.”</p> <p>“Eu em Portugal era capaz de acordar e comer uma feijoada, mas agora não consigo.”</p>
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	/(primeira entrevista) “Sim, eu conheço duas lojas portuguesas, onde vendem bacalhau e essas cenas, mas não costumo lá ir. Nunca fui.”
Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?	<p>“Só italianos, mas para o restaurante, para casa não. Mas eu também levo a semana toda a cozinhar também quando estou de folga não me apetece muito!”/(primeira entrevista)</p> <p>“Gosto muito de comer ‘<i>kebabs</i>’! Geralmente vou sempre ao mesmo sítio, agente brinca com isso, dizemos que é o melhor do mundo. Esses meus melhores amigos que vieram cá passar a passagem de ano, eu estive lá no natal e depois viemos juntos. Eu dizia-lhes, ‘eu vou levar-vos ao melhor ‘<i>kebab</i>’ do mundo (risos), porque é o melhor ‘<i>kebab</i>’ de Amesterdão, não sei se conheces. É mesmo, a senhora tem lá nas paredes jornais com notícias de prémios, ‘o melhor <i>kebab</i> de Amesterdão’.”</p>
Casa	
É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à	<p>“Claro que sim. Não é assim? Tu fazes as coisas conforme melhor te adaptas. Neste quarto também não mudei muito, o que está estava. O último mudei muito, mas este</p>

tua maneira?	nem tem muito para mexer, o armário é embutido, só isso já condiciona.”
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	<p>“O gato, as fotografias e esta garrafa (garrafa de plástico ‘transformada’ com manifesto dos ‘<i>concept makers</i>’ lá dentro.) que é dos ‘<i>concept makers</i>’, os tais meus amigos que são 3 arquitetos e um arqueólogo, e têm uma empresa de design e isto é o conceito deles.” E porque é que trouxeste isso? “Porque os arquitetos são os meus melhores amigos. E eu trouxe porque isso é importante para mim, faz-me lembrar os meus amigos. Quando vivia na outra casa tinha mais coisas porque a casa era maior, eu tenho dois quadros na mala um que o Daniel me fez, e outro que uma amiga minha me fez, são fotografias minhas e dela, ainda não os pendurei, mas nas outras casas tinha-os pendurados.”/ (primeira entrevista)“Eu tenho um altar, um altar (risos) Vá não é um altar mas, um desses meus amigos, ele adora gatos, ele teve uma gata 16 anos, e ele tinha um gato, em barro, e ele deu-mo antes de eu vir para cá, ele entregou-mo a chorar, porque nós somos mesmo como irmãos, eu, ele e o irmão dele. Damo-nos super bem e com ele falo muito regularmente, ele ontem ligou-me e eu não atendi por isso hoje tenho de lhe ligar, mas ele conta-me tudo do que se passa lá, dos problemas dele, porque eu sou muitas vezes a única pessoa com quem ele consegue falar e eu a mesma coisa. E ele deu-me essa cena do gato, a minha melhor amiga deu-me um quadro com uma montagem de fotos nossas que eu levo sempre comigo, tenho uma fotografia da minha mãe e do meu pai, tenho uma fotografia da minha ex-namorada, mas essa já está guardada. (risos) Depois tenho uma capa de edredão, que foi um amigo meu que me deu, do super-homem</p>

	<p>porque eu sou fã do super-homem, gosto do super-homem, tenho algumas t-shirts, fotos, posters dele. Não é paixão, nada de loucura, mas sempre me interessei e os meus amigos sabem disso e então antes de vir ele deu-me isso. Sim tenho estas coisas que sempre que mudo de casa levo comigo e ponho sempre no meu quarto, quando tenho um quarto é no meu quarto, porque são coisas que ó me dizem respeito a mim, não faz sentido por na sala porque são coisas que só me dizem algo a mim e não aos outros por isso eu ponho no meu quarto e sempre que acordo tenho lá a foto da minha mãe, do meu pai, o gato. Ah e tenho também uma outra fotomontagem que esse meu amigo me deu.”</p>
<p>Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade.</p>	<p>“O objecto mais importante para mim aqui é o computador, eu não ligo a TV nunca. Se o computador desse o berro tinha mais medo de perder as fotos. Tenho aqui coisas muito importantes, fotos de outras eras, isto é tudo só de amigos, festas e cenas com amigos, tenho fotos da minha ex-namorada, que eu não apago nada.” /(primeira entrevista)“Eu tenho um altar, um altar (risos) Vá não é um altar mas, um desses meus amigos, ele adora gatos, ele teve uma gata 16 anos, e ele tinha um gato, em barro, e ele deu-mo antes de eu vir para cá, ele entregou-mo a chorar, porque nós somos mesmo como irmãos, eu, ele e o irmão dele. Damo-nos super bem e com ele falo muito regularmente, ele ontem ligou-me e eu não atendi por isso hoje tenho de lhe ligar, mas ele conta-me tudo do que se passa lá, dos problemas dele, porque eu sou muitas vezes a única pessoa com quem ele consegue falar e eu a mesma coisa. E ele deu-me essa cena do gato, a minha melhor amiga deu-me um quadro com uma montagem de</p>

		<p>fotos nossas que eu levo sempre comigo, tenho uma fotografia da minha mãe e do meu pai, tenho uma fotografia da minha ex-namorada, mas essa já está guardada. (risos) Depois tenho uma capa de edredão, que foi um amigo meu que me deu, do super-homem porque eu sou fã do super-homem, gosto do super-homem, tenho algumas t-shirts, fotos, posters dele. Não é paixão, nada de loucura, mas sempre me interessei e os meus amigos sabem disso e então antes de vir ele deu-me isso. Sim tenho estas coisas que sempre que mudo de casa levo comigo e ponho sempre no meu quarto, quando tenho um quarto é no meu quarto, porque são coisas que só me dizem respeito a mim, não faz sentido por na sala porque são coisas que só me dizem algo a mim e não aos outros por isso eu ponho no meu quarto e sempre que acordo tenho lá a foto da minha mãe, do meu pai, o gato. Ah e tenho também uma outra fotomontagem que esse meu amigo me deu.”</p>
Media/Novas Tecnologias		
Costumas ler jornais/revistas? Quais?		<p>“Em Portugal lia muito revistas, mas aqui não. De vez em quando vou ao site do JN, mas não é diário. Ou então jornais de futebol, mas acho que vou mais a sites de notícias que a jornais. Jornais internacionais não vejo nada.”</p>
Costumas ver televisão? canais/programas?	ver Que	<p>“Ligo às vezes ao Domingo, para ver séries em inglês em alguns canais, nos canais holandeses. Na net vejo às vezes alguma televisão tuga, no outro dia vi um programa sobre portugueses a viver em Amesterdão, mas acho que vejo diariamente TV portuguesa. Vou a casa de um amigo meu</p>

	que já é mais velho e está sempre a ver a novela e não sei quê. Mas vejo o canal 1, TVI, às vezes vejo a novela também, fico viciado porque vou lá a casa dele e vejo e depois chego aqui e também vejo. Mas eu sempre gostei muito de novelas, sempre acompanhei novelas.”
Costumas ouvir rádio? Qual?	“Não.”
Que tipo de música ouves?	“Tudo o que possas imaginar, depende do estado de espírito mas ouço electro, minimal, rock, punk rock, mas o que eu ouço mais é electro, embora ultimamente tenha ouvido mais rock.” Mas começaste a ouvir música diferente quando vieste para cá, ou mais música electrónica? “Não, por acaso às vezes até ando mais desatualizado, porque lá tinha amigos que estavam sempre à procura de cenas novas todos os dias. Opa às vezes faço pesquisas, downloads, mas não muito.” /(primeira entrevista) “Adoro música, muito mesmo. Ouço electro, minimal, drum ‘n bass, eu ouço de tudo, mas estas são as minhas favoritas. O facto de viver aqui deixa-me mais perto da música, por exemplo aqui consigo ver com mais frequência. Djs que eu gosto vêm cá mais do que vão a Portugal, já fui a boas festas aqui com djs que queria ver em Portugal e não conseguia, aqui já vieram duas ou três vezes. Mas gosto de Justice, Gui Borato, Gotan Project, Muse, já é mais rock. Eles vieram cá há pouco tempo, mas ficou sold out, aqui fica tudo ‘sold out’ logo! Eu fui ver Gui Borato com uma sorte, já eram mesmo os últimos bilhetes.”
Que sites mais frequentas na	“Facebook, Youtube, Obvious (site brasileiro de tendências em várias áreas: arquitetura, design, música, etc) para ver

Internet?	<p>cenas de arquitetura e fotografia, também vou a um brasileiro de piadas.”</p>
<p>Costumas ler? Que tipo de livros?</p>	<p>“Tenho aqui o Sidharta mas ainda não comecei a ler, eu gosto mais de livros de aventura, mas não leio muito.”/(primeira entrevista) “Ler, eu gosto muito de ler, mas eu tenho uma grande defeito, eu sou muito preguiçoso. E deveria ler mais do que aquilo que leio porque é a única saída para te continuares a atualizar e atualizar a tua cultura. Ok, eu posso ir estudar, mas nesta altura não é aquilo que eu quero por isso se continuares a ler é sempre bom, porque quer queiras quer não aprendes sempre alguma coisa.” Qual foi o último livro que leste? “Nunca li um livro completo. Eu gosto de ler histórias, contos, um bocado por aí, poemas também, isso eu já li e sou capaz de ir à net e estar duas horas a ler poemas, sonetos. Eça de Queiroz, Camões, muita gente... às vezes vou só abrindo e leio, leio, leio, nem fixo o autor.”</p>
<p>Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?</p>	<p>/(primeira entrevista)“Nunca fui ao cinema aqui, por acaso tinha combinado ir ontem com um amigo mas não fui. Mas faço download de filmes, para estar atualizado. Adoro filmes de terror, mas também gosto de filmes que te fazem pensar mais, tipo trillers ou assim. Vi agora o ‘127 hours’, tenho ali o ‘Blue valentine’, ‘Black Swan’, ‘Budapeste’, ‘Social Network’ também gostei, ‘Tropa de Elite’.”</p>
<p>Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os de Portugal ou de</p>	<p>“Facebook. Contacto mais com os meus amigos de Portugal, mais com os amigos do que com a família. Normalmente não vou falar no chat, vejo os posts, o Facebook é uma cena que podes estar sempre a abrir cenas, abro mais as cenas dos meus amigo, para ver como</p>

outros lugares?	estão as coisas.”
Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?	<p>“Claro que sim, sem internet e sem telefone não dá para viver, a não ser que seja com o grande amor da tua vida numa cabana. Eu faria, a sério, eu sou o tipo de homem que conseguia perfeitamente viver numa casa à beira da praia e comer o que plantasse e viver disso e do amor. Longe deste mundo de corrupção e hipocrisia... Com uma pessoa que eu amasse eu seria capaz de abdicar muitas coisas.” “Vou ao <i>Facebook</i>, música, para ver as atualidades. Uso mais cá porque em Portugal tinha muito mais cenas para fazer. Saía com os amigos todos os dias, aqui não tenho tantos amigos e os que tenho também não saem tanto, e depois há o frio... Lá toda a gente se conhece a toda a gente, basta um telefonema para nos encontrarmos no sítio do costume. Tenho um bocado pena porque gosto de ter vida social. Também aqui se calhar não tenho tanto porque não quero mas pronto...”</p>
Outras tecnologias de que faças uso?	<p>“Telefone. Gosto de ter um intermédio, tem internet, tiro fotografias, ponho música. Uso a internet no telefone também para ir ao <i>Facebook</i> e ao email. E jogo <i>Playstation</i> de vez em quando em casa de um amigo meu.”</p>

B.2.3. Sociabilidades/ Quotidiano Cláudio

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	<p>“Passo muito tempo em casa, não saio muito para te ser sincero. Quando estou de folga costumo ir a casa desse meu amigo, passo lá a tarde, vai lá ter sempre</p>

	<p>mais o cebola e outra amiga nossa portuguesa, estamos lá a fumar uma, jantamos sempre lá.”</p>
<p>Quando saís a que lugares vais? Com quem costumais ir?</p>	<p>“Olha saí no Sábado e tive grande noite por acaso. Saí com o Rivelino, meu colega do restaurante, que é holandês mas tem ascendência indonésia. Eu gosto muito dele e ele é parecido comigo, é gay eu não sou, mas nas cenas do amor é parecido comigo. Fomos ali à rua Gay, ele chamou mais gente, eu chamei também e foi muito fixe, comemos uns <i>spacecakes</i> e foi muito divertido. Cinco amigos dele foram ter connosco, depois eu liguei a uma amiga minha também, holandesa, e depois acabámos a noite no Club NL, foi fixe, o ambiente é muito bom. A primeira vez que eu lá fui o Rivelino disse-me ‘olha aqui tens homens a procurar homens, homens a procurar mulheres, mulheres a procurar mulheres, mulheres a procurar homens, é assim uma cena muito fora, muito fixe.’ (Mostra-me os amigos no <i>Facebook</i>) Oh pá e depois estes gajos são loucos, este também estava connosco no Sábado.” E nunca te sentes um bocado à parte por eles começarem a falar holandês? “Oh, eu no Sábado fiquei para aí uma hora a olhar para eles, chamei-lhes à atenção 4 e 5 vezes, mas eles não respeitam, depois o meu amigo até ficou um bocado chateado mas pronto para eles é normal, mas eu não gosto disso neles. Ok, eu também estou no país deles também já deveria saber falar, mas é uma questão de princípio. Muitas das conversas até eram conversas interessantes, porque eu percebia algumas coisas e às vezes até falava, mas eles continuavam sempre a falar em holandês.” Mas isso não te inibe de ires na mesma,</p>

	<p>gostas de ir? “Sim, embora às vezes se torne um bocado chato. Mas quando saio assim para a noite é quase sempre com este pessoal.”/(primeira entrevista)“Eu quando saio, eu gosto de sair por sair com amigos, ok, vamos um grupo de amigos eu sei que me vou divertir.”</p> <p>E normalmente são os portugueses ou também costumam ir com os holandeses? “Não! Eu acho até que quando saio com os meus amigos portugueses não me divirto tanto percebes? Estou mais preso, fico mais inibido. Mas quando saio com os meus amigos holandeses, eles são loucos e então eu solto-me, eu adoro dançar, adoro música, adoro dançar e então às vezes é estranho estar com os meus amigos portugueses, não me sinto tão à vontade. Lá está é a tal cena. Mas eu sou uma pessoa caseira, gosto de sair quando vou ver alguma coisa, porque sair assim sozinho... às vezes é bom! Ainda ontem eu passei o dia todo sozinho pela cidade. Conheci uma miúda de Buenos Aires, dei uma volta com ela para lhe mostrar umas cenas.”</p> <p>“Mas, também há outra cena, eu adoro o sítio onde trabalho mas a maior parte das pessoas que lá trabalham são gays e quando vim para cá isso... Eu nunca tive problemas com isso, nunca fui preconceituoso, nunca, para mim a pessoa pode ser, branca, amarela, azul, preta, gay, lésbica, hetero, não me interessa! O que é que a pessoa, faz, o que é que a pessoa gosta, para mim desde que seja boa pessoa, é o mais importante. Eu olho sempre para a pessoa, se tiver bons valores, se for boa pessoas, está bom. O resto não me diz respeito. E pronto, onde eu trabalho a maior parte são gays, e eu dou-me super bem com</p>
--	--

	<p>eles, faço n brincadeiras com eles, saímos juntos e eu sinto-me bem, sinto-me normal. E tu, chegas a Portugal e contas isso a alguém e é tipo um escândalo para muita gente percebes? Tipo porque estou a trabalhar com gays e fazemos isto e aquilo, é logo ‘ah, tu és como eles porque vestes umas calças azuis’. Estás a entender onde eu quero chegar? E eu não me sinto bem com isso.”</p>
<p>De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?</p>	<p>“Amigos aqui em Amesterdão são holandeses, são estes que trabalham no restaurante comigo.”/(primeira entrevista) O pessoal com quem te dás são todos portugueses? “Não. Dou-me com holandeses, tenho uns amigos holandeses que conheci no restaurante, tenho boas amizades cá e de vez em quando saímos. Só que eu gosto muito de estar em casa entendes? Gosto de sair do trabalho e ir para casa, descansar, ouvir uma música. Mas gosto de estar em casa, normalmente chego a casa, faço um charro, relaxo.” E amigos de outra nacionalidades que vivam cá em Amesterdão? “Conheço duas miúdas polacas, por acaso estive com elas ontem. Mas eu conheci muitos polacos quando trabalhei no hotel e desculpa a expressão, mas eles não são muito inteligentes. Eu não estou a dizer que sou inteligente, porque muito sinceramente não me acho, mas não tem nada a ver, é um comportamento esquisito. E estas duas miúdas que eu conheço, conhecias porque morámos juntos. E elas vieram para cá para trabalhar no Verão porque estavam a estudar na Universidade na Polónia, e acabaram por ficar cá, também não estão a estudar, agora estão só a trabalhar. E elas têm uma mentalidade diferente,</p>

	<p>consegues ter uma conversa minimamente interessante. Consegues falar de música, consegues falar de... têm uma conversa minimamente interessante, consegue ser uma conversa minimamente culta. Enquanto que com os outros polacos que conhecia antes era um bocado complicado, falavas de qualquer coisa mais diferente e eles não sabiam ou não conheciam. Sabes que Polónia também é lá em cima mesmo... (risos).”</p>
<p>Costumas ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>“Vou para ver a bola de longe. Não, não me identifico, tu sabes disso. Porque não. Olha para te ser sincero a primeira vez que eu fui lá eu fui ao balcão pedir uma cerveja e o homem que estava ao balcão começou a dizer para as outras pessoas que eu era gay, que eu era gay, só porque eu estava com calças justas, e ele pensava que eu não era português e eu depois paguei e disse obrigado e ele ficou assim a olhar para mim. E é isso, as pessoas são um pouco assim lá. Eu no outro dia disse à minha mãe ‘mãe, eu não sei se me vou conseguir adaptar aí outra vez’ porque não é nesse mundo que eu vivo mais, tipo e as coisas começarem a ser muito pequeninas outra vez, vai fazer-me um bocado de confusão isso e eu não sei se vai ser assim tão fácil, mas também se eu não me adaptar, se as coisas não correrem tão bem como eu estou à espera eu venho para aqui outra vez.”/(primeira entrevista)“Por exemplo, se eu for a algum sítio que seja frequentado por portugueses...” Mas costumás ir? “Não. Mas há um bar que é os Lusitanos, às vezes vou lá ver futebol, mas a mentalidade das pessoas é completamente diferente, são portugueses (risos).</p>

	<p>Encontras mesmo aquele estereótipo lá, retrata perfeitamente, eu não me sinto bem lá. Porque parece que há sempre uma guerra, qual é o português mais rico, qual é o português que está lá dentro que fala melhor holandês, sei lá... e não sou o único a ter esta opinião, não consigo explicar muito bem, mas é aquela coisa da ganância e do imigrante. Eu só fui lá duas vezes, mas conheço pessoas que frequentam aquilo e que são imigrantes!” Mas e vieram também há pouco tempo? “Não, já estão aí há mais tempo. Mas também há lá gente que veio há pouco tempo. Mas aquilo não é um sítio que eu aconselhe, não.”</p>
Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?	<p>“Não. A última vez que fui ver assim alguma coisa foi o World Press Photo porque como gosto de fotografia fazia questão de ir.”</p>
Atividades desportivas? Com quem?	<p>“Não, em Portugal jogava futebol, mas aqui não.”/(primeira entrevista)“Ando sempre de bicicleta, agora que ultimamente é que não tenho andado porque deixei a bicicleta em casa de um amigo meu.”</p>
Hobbies?	<p>/(primeira entrevista)“Adoro escrever, adoro escrever quando estou apaixonado ou quando estou triste, a sério. Escrevo para mim, comecei por fazer um blog, mas depois apaguei. Quando eu estou mal consigo exprimir tudo o que estou a sentir. Mas deveria escrever mais do que o que escrevo, muitas vezes passo para o papel só para guardar, ponho uma data e arrumo o papel, tenho lá imensas coisas guardadas em casa. Normalmente está tudo dentro de uma pasta. Eu quando comecei a namorar com a outra miúda lá em</p>

	<p>Portugal, há 8 anos, comecei a escrever um livro, mas depois desisti também. Aqui já aconteceu algumas vezes, sair de casa, dar uma volta pela cidade, ir ao coffee shop, sentar-me pedir um café fazer um charro, pedir um papel e uma caneta e estar ali a escrever. Já fiz isso algumas vezes no Dampkring gosto de estar lá, gosto da música, gosto do espaço e à vezes escrevo.”</p> <p>“Adoro fotografia, adoro, adoro. Gosto muito de fotografar. Sim, gosto de fazer algumas cenas, nada de sério, mas tenho algumas coisas no Facebook e tudo. O que eu gostava mesmo era de saber trabalhar com o Photoshop, os meus amigos já disseram que me ensinavam, eu já perdi algum tempo com isso e ok, há alguns programas que eu já experimentei e acabo por perder algum tempo com isso, mas depois começa a ficar um pouco monótono e eu canso-me. Mas gosto de fotografia, gosto de tirar fotos a paisagens, gosto de arquitetura também, muito influenciado pelos meus amigos, e por isso gosto de tirar fotos a coisas que eu acho que são arquitetonicamente diferentes ou interessantes. E uma coisa que eu estava a pensar fazer, e que gostava muito de fazer era... sabes que Amesterdão é uma cidade com diferentes culturas, que há todas as culturas imagináveis aqui, e eu gostava de fazer fotos de pessoas de diferentes culturas, retratos. Não só caras, mas fazer fotos diferentes de pessoas de diferentes culturas, e no fim fazer um trabalho, não um trabalho escrito mas tipo só fotografia. Isso é uma ideia que ando a pensar há algum tempo, mas depois a preguiça...”</p>
Outras expressividades	/(primeira entrevista)“Gosto de misturar uns discos às

culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)	vezes também, mas por brincadeira em casa, ou em festas com os amigos. Ou então quando vou lá a Portugal, um amigo meu tem um bar e então às vezes ponho lá umas músicas, mas é mesmo por escape, por brincadeira, porque me sinto bem, eu gosto de música.”
Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?	<p>“Sim, sem dúvida. Tenho acesso a coisas que lá não tinha. Vês coisas que em Portugal não vês, tens exposições constantemente, concertos de bandas e djs tens a toda a hora em diversos clubes. Em termos de cultura é uma cidade top, não há muitas cidades assim, é uma cidade super cultural, apesar de eu não usufruir muito, podia usufruir muito mais.” Mas mesmo assim sentes que é uma coisa boa, sei lá, no sentido de saber que se quiseses ir tens à mão? “Claro que é, porque mesmo assim tu evoluis, a cultura vai entrando, quer queiras quer não. Não podes evitar, estás a viver num sítio em que não dá para evitar, eu acho.”</p> <p>/(primeira entrevista)“O facto de viver aqui deixa-me mais perto da música, por exemplo aqui consigo ver com mais frequência. Djs que eu gosto vêm cá mais do que vão a Portugal, já fui a boas festas aqui com djs que queria ver em Portugal e não conseguia, aqui já vieram duas ou três vezes. Mas gosto de Justice, Gui Borato, Gotan Project, Muse, já é mais rock. Eles vieram cá há pouco tempo, mas ficou sold out, aqui fica tudo sold out logo! Eu fui ver Gui Borato com uma sorte, já eram mesmo os últimos bilhetes.”</p>
Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens	Tu dizes que gostas de escrever, alguma destas coisas que eu disse faz sentido? Sei lá inspiras-te mais para

<p>facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)</p>	<p>escrever aqui ou é a mesma coisa se estivesses em Penafiel? “Sei lá... eu gosto mais desta cidade, mas... A minha cidade é Penafiel. Eu nasci em Lisboa e depois fui morar para Penafiel não é? Eu cresci lá, é claro que eu gosto da minha cidade. Mas não há comparação, Amesterdão é diferente, tu acordas de maneira diferente, tu vais à rua e tudo é diferente e eu também me sinto diferente. Em Penafiel eu sinto-me o ‘Mofo’, aqui ninguém me conhece por ‘Mofo’ toda a gente me conhece por Cláudio, e aqui sinto-me o Cláudio. Eu não estou a dizer que sou uma pessoa diferente, mas se calhar há coisas em mim que são diferentes, a maneira de estar, a maneira de fazer as coisas. Sei lá, Amesterdão é uma cidade fantástica, eu gosto muito de Amesterdão.” Mas sentes que tens mais facilidade em te expressares cá? “Inspira-me, lá está por ter uma variedade cultural, em Penafiel não me ia pôr a fazer fotografias de outras culturas por exemplo, porque nem as há.”</p>
---	---

B.3.1. Sociografia/ Relação com a origem Carla

Sociografia	
Nome	Carla
Idade	26
Género	F
Naturalidade	Fundão.

<p>Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?</p>	<p>“Não. Terminei o 12º ano e depois fui viver para Lisboa e estive seis anos em Lisboa.” E foste para estudar? O que é que estudaste? “Sim, estudei dança na faculdade de motricidade humana. Era quatro anos e depois no quinto fiz international exchange em Inglaterra, mas para o norte de Inglaterra em York. Fui fazer Erasmus e acabei lá a minha licenciatura. Portanto o quinto ano, que normalmente é de estágio, não fiz estágio e fui estudar para Inglaterra numa escola que tem acordo com a minha faculdade.” E porque é que quiseste ir para lá? “Eu sempre tinha pensado que gostava de estudar, ou de ir para fora, de ter uma experiência... Mas não era uma coisa que eu tinha assim muita... Sei lá, não era também assim um desejo enorme. Mas depois tive uma amiga minha que começou a organizar as coisas para ir e eu comecei a ponderar a possibilidade. Naquela de ir um bocado para fora e ver o que se passa lá fora. Mas não foi uma experiência muito... Agora que estou aqui apercebo-me que não gostei, mas foi importante! Mas não gostei.” Porquê? “Porque foi no norte de Inglaterra e não me identificava minimamente com as pessoas. Sei lá, gostei de algumas disciplinas e gostei sobretudo porque tive a minha primeira experiência com dança contemporânea, na minha faculdade não havia. E depois foi por causa disso também que vim parar aqui. Mas não me identificava acima de tudo com as pessoas, que também estavam a fazer o curso. Não sei, era gente muito, numa onda muito diferente da minha. Que não estavam muito orientados, ou que não lhes interessava coreografia, ou que tinham muito a perspectiva da dança como sei lá... o corpo que sei lá, vais para discotecas e danças, e esta cena assim um bocado mais sexual. Que é normal! Que aconteça. De homem, mulher, mas não sei, não gostava muito das pessoas também, não me identifiquei.” E eram ingleses ou... “Sim, eram só ingleses sim.” “Depois quando voltei de Inglaterra, o que aconteceu foi que comecei logo a pensar em voltar a sair para aqui para Amesterdão. Então o tempo que estive lá também foi a pensar em</p>
---	--

	ganhar dinheiro, estive lá seis meses a ganhar dinheiro e a trabalhar em <i>call center</i> , a fazer isso também porque não me pus à procura de coisas que de facto me dessem muito prazer porque de facto sabia que ia sair dentro de algum tempo.” E quanto tempo é que estivestes lá? “Quando voltei de Inglaterra estive para aí seis meses.”
Escolaridade (incluindo locais de formação)	Licenciatura em dança pela Faculdade de Motricidade Humana. A frequentar um <i>bachelor</i> em coreografia em Amesterdão.
Profissão	Bailarina.
Emprego em Portugal	“Quando acabei o curso comecei a dar aulas de dança em infantários, em Lisboa. Mas era uma coisa muito pequena, só quatro dias por semana ou assim. E concomitantemente trabalhava num <i>call center</i> para ter dinheiro, em <i>part time</i> .”
Tipo de residência em Portugal	“No fundão vivia com os meus pais num andar num prédio. Em Lisboa aluguei um quarto com um colega meu num apartamento em Benfica.”
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	Lisboa.
Naturalidade dos pais	“São os dois do Fundão.”
Escolaridade dos pais	“O meu pai acho que não tem muita mesmo... O meu pai era empregado de escritório, mas entretanto foi despedido. Depois voltou a trabalhar como empregado de escritório numa cena de rações para gado, mas entretanto agora quando trabalhou esta segunda vez começou a crise e acho que lhe propuseram que ficasse a trabalhar mas que ganhasse menos... Pá, não sei, assim uma cena. E ele nessa altura decidiu então que se ia reformar, e reformou-se antecipadamente, portanto tem aqueles agravamentos e aquelas cenas, portanto o meu pai neste momento está reformado. A minha

	mãe é professora primária. Oh pá eu não sei especificamente que nível de escolaridade é que tem mas pronto, o minha mãe tem mais escolaridade que o meu pai, porque o meu pai nunca estudou. Sei lá, deve ter feito a cena básica acho eu...”
Profissão dos pais	Professora primária e reformado.
Local e tipo de residência dos pais	Fundão, apartamento próprio.
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	“Não, na família não. No Fundão é assim, no Verão tens os franceses todos a voltar (risos). O emigrante de Agosto, que volta às festas da terrinha e tal. Mas na minha família não.”
Porque decidiste sair de Portugal?	“Hum... Acima de tudo porque o que tenho aqui não há uma oferta igual em Portugal. Porque também, o que eu sinto muito é que no centro da Europa, tipo Amesterdão, Berlim, este tipo de cidades, há um... pá, é aquele lugar comum não é? Estamos na ponta da Europa e não chega nada. Mas é verdade! E mesmo em termos de dança há imensas coisas que não chegam a Portugal. Ou que, ou que o meio é muito pequeno. E é assim o tipo de trabalho que estamos a fazer aqui na escola é um trabalho muito específico e de facto que me interessa muito e em Lisboa ou no Porto, não tens esta oferta. E também, a forma como pensam o ensino é completamente diferente. Que é uma coisa que eu também acho que em Portugal, a forma como o ensino é pensado, não faz sentido. Não faz sentido agora que vejo outras formas de pensar o ensino. E a forma como se pensa aqui é super interessante, quer dizer quando entras para uma faculdade não está garantido que vás ficar nela até ao final. Tens de ter uma prova, ao final de um ano e podes continuar ou não. Ou seja, em Portugal imagina entras para um curso de direito e ainda que não gostes ou que não tenhas jeito nenhum vais lá ficar os quatro anos se quiseres, ou mais. E quer dizer, isto é ridículo, porque é que não põem as

	<p> pessoas realmente a fazer aquilo que gostam não é? E depois esta mentalidade muito portuguesa que é, toda a gente ter de fazer um curso superior! O que não é verdade meu! Há pessoas que não têm que ter um curso superior, não interessa. Mas acima de tudo era pela oferta que havia aqui na escola, em termos de ensino, os professores e... Porque eu a cidade na realidade não... Se a escola fosse noutra sítio eu estaria noutra sítio. Oh pá gosto mas, por exemplo estive há pouco tempo em Berlim e acho que Berlim é cem vezes mais fascinante e tem algo de grande, Amesterdão é super pequeno e tem sempre este céu cinzento. Portanto acima de tudo foi por isso, pela oferta em termos de ensino.” Comparativamente, à experiência anterior, esta é melhor? Apesar de dizeres que Amesterdão não é a tua cidade favorita. “Sim, obviamente é melhor. Mas é melhor segundo o meu filtro porque estou numa escola percebes? Porque tenho algo que fazer. Porque das nove da manhã às dez da noite estou a fazer coisas e nesse sentido sim é cem vezes melhor. Porque se calhar se vivesse aqui e não tivesse... eu também trabalho num restaurante, mas se vivesse aqui e tivesse só a trabalhar num restaurante ou... Não sei, não sei como é que a coisa funciona desse ponto de vista. Mas do ponto de vista da escola e de pessoas também, estou muito mais satisfeita. É Europa, eu acho que Inglaterra não é Europa. É longe da Europa.” E comparando Amesterdão e Lisboa? “De que ponto de vista é que falas? Se é do ponto de vista sentimental eu gosto mais de Lisboa (risos), se é do ponto de vista tipo... não sei...” Não , como cidade no geral. “Oh pá, eu gosto muito de Lisboa. Para mim Lisboa... É assim eu também acho que há muitas coisas que estão envolvidas nesta resposta não é, por exemplo o facto de as pessoas em Lisboa falarem a minha língua. Temos uma partilha de língua, eu quando utilizo uma palavra, as pessoas percebem o que eu quero dizer com isso. Não tens que estar a dar voltas e voltas. E mesmo enquanto cidade acho que é lindíssima, Lisboa, acho que é </p>
--	--

	<p>uma cidade maravilhosa, gosto imenso.” Então achas que se tivesses essa oferta de escola lá, estarias lá? Ou achas que mesmo assim sairias por teres outro tipo de experiências fora? “Não, acho que é assim, essa pergunta é um pouco complicada. Eu acho que faz bem saíres, faz bem conheceres outras pessoas, viveres noutro sítio. Eu tive muito essa sensação quando saí de Portugal, que é a sensação de teres um mundo inteiro para descobrir. Porque é que vais ficar num sítio quando o mundo é enorme? E mesmo sendo enorme é super pequeno percebes? Porque é que tens de ficar só num sítio? De certeza que te vai valorizar de alguma forma, nem que seja a nível pessoal, quando saís e conheces outras pessoas e também te relacionas com outras pessoas e também te relacionas com outras culturas e outras formas de encarar a vida. Ainda que aqui o relacionamento com a cultura não seja assim tão grande porque eu não falo a língua e então por isso é logo uma barreira enorme.” Pois, então sentes que a questão da língua é impeditiva... “Sim, porque imagina em termos políticos...ok, obviamente eu também não estou super interessada politicamente porque indo a sites ingleses ou assim podia fazer um pouco mais de pesquisa ou... Mas quer dizer, à partida não posso ler um jornal ou... e também não aprendi ainda. (risos) Na minha escola falamos sempre em inglês, na minha turma só temos uma pessoa da Bélgica...”</p>
<p>Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?</p>	<p>“Sim, da primeira vez até mais do que agora, ou seja, quando fui para Inglaterra. Porque eu da primeira vez não trabalhei mesmo. Então estava a viver de uma bolsa que davam na faculdade, para estudantes de Erasmus mas que era miserável. Portanto todas as despesas que tinha eram eles que suportavam. Sim e mesmo agora, embora já esteja a trabalhar, se por acaso precisar eles ajudam-me. Mas eu também não gosto neste momento de estar a pedir porque também já tenho 26 anos e acho que não é muito... Quer dizer, também esta já é a minha segunda licenciatura portanto também já não gosto muito</p>

	de estar a pedir dinheiro, não acho assim muito interessante. Mas pronto, quando tenho mais despesas por vezes ajudam-me. Por exemplo agora precisei de fazer um seguro e eles ajudaram-me.”
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	Inglaterra, York.
Porque escolheste Amesterdão?	“Porque, porque quando estive em Inglaterra tive uma professora que me falou desta escola, porque sabia que eu estava interessada em coreografia. E eu por acaso na altura que vim nem sequer estava a pensar ficar. Eles fazem um curso intensivo todos os anos, um curso que dura um mês e meio. Que é onde tens para aí três aulas por dia e vês mais ou menos que tipo de trabalho fazem na escola. Depois acabei por gostar tanto e decidi... Até tinha o bilhete marcado de volta quando o curso acabava e tive de adiar a volta e fiquei para audição. Entretanto candidatei-me, eles aceitaram a candidatura, e fiquei para audição. Ou seja, não foi também uma coisa super planeada, foi mesmo, vim e depois acabei por gostar tanto e a escola é boa e decidi ficar.”
Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?	“Sim. É assim, não gosto muito da cidade. Oh pá não sei, eu quando estive em Berlim foi mesmo uma experiência maravilhosa e gostei mesmo da cidade, porque é uma cidade de verdade! Isto é bué pequenino, e tem muito ar de casa de bonecas e tudo muito próximo. Em Berlim não, tem espaço, tem prédios grandes. E acho que é muito mais esta coisa de cidade de verdade... Mas lá está isto também pode ser um bocado aquela coisa do querer aquilo que não tenho, se calhar se vivesse em Berlim e viesse a Amesterdão ia achar que aqui é que era! Eu lembro-me, quando estive cá a primeira vez a fazer o curso intensivo, depois quando voltei, lembro-me perfeitamente, quando aterrei em Lisboa e comecei a ver as luzes dos carros comecei a

	<p>chorar! Mas a chorar imenso, como se fosse o maior drama da minha vida. (risos) E quer dizer, agora já não se passa isso percebes? É assim também não que agora quando chegue lá ame carros e isso, mas acho que tem muito a ver com uma coisa sentimental. Tem a ver com os meus amigos estarem lá e tem muito a ver com a coisa da língua também, que era uma coisa que eu antes pensava ‘que se lixe, quero lá saber não falar português ou...’ E nem tem a ver com o não falar, tem a ver com o que tu podes expressar quando utilizas a tua língua ou mesmo em termos artísticos há coisas que são muito, podem ser muito do teu país ou...”</p> <p>Bem, mas fugimos aqui um bocado da pergunta... Estás satisfeita com a escolha? O que é que gostas em Amesterdão, pronto já disseste o que não gostas (risos) “Mas sim, sim, estou satisfeita com a escolha. Hum... O que é que eu gosto em Amesterdão... (risos) Eu vou-te responder, deixa-me só contar uma coisa. Temos umas aulas de dramaturgia e o exercício que estamos a fazer é termos de dizer o que é que gostamos no nosso país e o que é que não gostamos. E (risos) agora estava a lembrar-me precisamente, fizemos isso esta semana. Mas o que é que eu gosto em Amesterdão? O que eu gosto em Amesterdão... (risos) Não, gosto das bicicletas, acho que é fixe. E é assim acho que é uma cidade que é aberta, que acolhe bem as pessoas, não me sinto propriamente... Trabalho num restaurante e não falo holandês e não sinto propriamente nenhum impedimento aí, não há barreiras. Quer dizer, de vez em quando aparece uma ou outra pessoa que te pergunta e é um pouco mais agressivo ou assim... Mas quer dizer de uma forma geral não há problema, há um acolhimento também por parte das pessoas e, e acho que isso é bom porque também me sinto bem. E é assim acho que a cidade realmente no verão é uma cidade bonita. Eh pá, em termos de oferta cultural acho que não tem assim tanto. Mas... tem coisas. E tem pessoas importantes a trabalhar e consegues ver bons trabalhos.”</p> <p>Mas achas por exemplo que está à altura de Lisboa, ou</p>
--	--

	<p>tem mais que Lisboa? “Não, acho que tem mais que Lisboa, tem mais. Mas também porque vem muita gente de fora apresentar coisas e então... tens a Alemanha aqui muito ao pé e então há imenso intercâmbio também nesse sentido. Então é óbvio que tem mais porque em Portugal não há tanto este intercâmbio de cultura e assim.”</p>
Há quanto tempo vives em Amesterdão?	Ano e meio.
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	Sim. Bachelor em coreografia na Theaterschool.
Emprego	<p>“Passados cinco meses, depois de chegar, arranjei trabalho.” E entretanto os teus pais ajudavam-te? “Sim. E ainda agora ajudam. De vez em quando. Porque a questão é, eu trabalho no restaurante e quando trabalhas trinta e duas horas mensais e estudas tens um subsídio do estado. E pronto, não preciso muito da ajuda dos meus pais, mas de vez em quando ainda preciso...”</p>
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	<p>“Vivo super longe mesmo! Em Rosenweld, no fim do tram 13, quase no fim do mundo. Eu demoro para aí quarenta minutos de bicicleta. Mas vivo numa casa tipo...Há uma associação para estudantes, em que te inscreves e eles têm casas em sítios assim mais longe e alugam-nas. Porque é assim essas áreas vão ser áreas que agora estão muito marginalizadas, que têm uma cultura bué específica, não têm nada a ver com o centro de Amesterdão mesmo! Aquela área vai ser toda reabilitada, mas enquanto não acontece eles deram casa às pessoas que estavam nesses prédios e agora alugam-nas a estudantes a preços baratíssimos. E eu vivo com pessoas que gosto, e tenho uma casa grande até, temos três quartos, uma sala de estar, cozinha. É uma casa fixe. É assim, estava completamente vazia, não tinha nada, nem chão. Tivemos de pôr tudo do zero, mas também em Amesterdão encontras imensas coisas na rua também. Então a nossa</p>

	<p>casa foi construída basicamente da rua. Não, mas está-se bem, quer dizer, é agora que também tenho que viver assim não é?” E vives com quem? “Vivo com o Carlés que é um rapaz espanhol que também é da minha turma, e com um rapaz argentino que também é da minha escola. Portanto somos três.” E gostas da zona onde vives, ou preferias viver mais no centro? “Claro. (risos) Sem sombra de dúvidas. Mas está-se bem, quer dizer, pago 140 euros de renda! Percebes? E tenho um quarto e estou a viver muito bem. É óbvio que em termos de ter esta vida, que vais a um café, beber uma cerveja, isso não existe.” Não tem cafés nem comércio? “Sim, tens comércio turco e tens um supermercado. Mas não tens este tipo assim de sítio, de café. Não tens. E pronto, quer dizer à meia noite e meia deixa de haver Tram, depois queres chegar a casa tens de ir de autocarro noturno... “</p>
Com quem habitas?	Dois colegas da escola (espanhol e argentino).
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	--
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	<p>“Com a bolsa... Eu tiro para aí quatrocentos euros do restaurante e depois recebo duzentos e sessenta de bolsa. Ou seja seiscentos, setecentos. É pouco para Amesterdão mas a minha renda é baixa, de segunda a sexta estou na escola, ao fim de semana trabalho. O único dia que tenho livre é Domingo, não gasto muito dinheiro. Tipo, isto é a minha vida! (risos) Não tenho muito sítio onde gastar dinheiro. E mesmo assim gasto muito dinheiro.”</p>
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a	<p>“Em breve não. Definitivamente também não sei. Mas gostava de ir por algum tempo. Quer dizer, mas isso está tão longe para mim. Pá</p>

<p>Portugal em breve? Porquê?</p> <p>Se algum dia regressares o que te vês a fazer?</p>	<p>não sei... Tenho muitas saudades de Lisboa na realidade, e tenho muitas saudades dos meus amigos e tenho muitas saudades de muitas coisas em Lisboa. Agora daí a voltar definitivamente não sei. Se calhar, é uma possibilidade. Neste momento não posso dizer que sim, que quero, que quero muito. Não, neste momento ainda estou bem, ainda gostava de ir para Berlim ou se calhar outros sítios. Depende de como a vida fica melhor.” Se algum dia regressares o que te vês a fazer? “Lavar pratos. (risos) é assim, idealmente teria tipo um espaço de trabalho, ou já existiria em Portugal e possibilidade de se alugar espaços de trabalho a preço razoáveis. E sei lá, poderia desenvolver o meu trabalho aí, fazer as coisas que quero fazer. E tipo, continuar com as coisas que faço aqui. Quer dizer eu aqui não estou a trabalhar, mas estou na escola e produzimos peças e fazemos peças. Portanto era interessante fazer isso também. E sei lá, se calhar um dia também gostava de estudar mais literatura ou fazer alguma coisa mais relacionada com literatura, mas idealmente gostava de trabalhar na minha área.”</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)</p>	<p>“Na realidade não tenho assim muito, muito contacto. Pela minha mãe nós falávamos todos os dias, mas é algo que para mim não funciona. Porque eu estou aqui até super tarde e depois levo quarenta minutos a chegar a casa, e depois chego a casa e também quero ter o meu espaço, não tenho muito tempo. Mas falo tipo uma vez por semana, com a minha mãe, e uma vez por mês, ou duas com o meu irmão. E regularmente troco mensagens de telemóvel com os meus amigos ou falo pelo Facebook. Com a minha mãe é pelo Skype e com o meu irmão mais pelo telefone sim.” E encomendas, envias alguma coisa para lá? Ou eles enviam-te alguma coisa? “Sim, às vezes enviam-me livros. O meu pai gosta muito de ler e tem assim um bom gosto em termos de literatura portuguesa. Poesia e prosa. E acho que a última coisa que recebi foi um livro de poemas traduzido pelo Herberto Helder e antes disso recebi o “Vaivém” do João César</p>

	<p>Monteiro.” E que tipo de informação é que trocas com eles, sobre que conversam? “Acerca das pessoas que morreram e que eu não sei (risos). Não, sei lá, falamos de desenvolvimentos significativos em termos sociais ou económicos no país. Depois falamos acerca de como as coisas estão na escola e depois quer saber detalhes pormenorizados, coisas que eu à vezes não consigo explicar. E depois falamos do país e depois do Fundão também, como é que está, como é que não está. E depois às vezes a minha mãe dá-me informações acerca de Berlim, por exemplo, ou sítios assim. Sei lá coisas que vê e diz ‘ah mas este sítio também é muito bom para ir’, basicamente é isso.”</p>
<p>Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?</p>	<p>“Até agora sim. Mas... Quer dizer o ano passado tive um mês de férias e estive um mês em Portugal. Mas agora começo a ponderar. Por exemplo este ano não sei se quero fazer isso. Porque também eu tenho um mês de férias, quer dizer da escola tenho mais tempo, ou eventualmente poderei ter mais tempo, mas do restaurante tive um mês e estive um mês em Portugal. E sei que agora quando chegar a altura vou pensar outra vez que quero estar lá algum tempo, mas depois também é algo que é muito... repetitivo, é o meu país. Se calhar quero ir a outros sítios.”</p>
<p>De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?</p>	<p>“Não, as minhas rotinas alteraram-se dramaticamente. (risos) Não, é verdade, porque é assim os meus amigos continuaram lá não é? A vida deles continuou e eles têm trabalho, e o meu irmão trabalha também. O meu irmão vive em Lisboa e eu fico sempre na casa dele quando vou a Lisboa. E quer dizer, estas pessoas estão a trabalhar, não têm férias na mesma altura que eu tenho. Então acabo por estar muito tempo sozinha também e só estar com as pessoas à noite, ou passamos o fim de semana juntos mas não faço as mesmas coisas. E também vivo a cidade de outra forma, obviamente, do que quando vivia lá. Vou passear mais, passo mais tempo a ler em cafés, vou ver</p>

	exposições, saio mais à noite.” E passas mais tempo em Lisboa do que no Fundão? “Sim.”
<p>Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?</p>	<p>“Em termos de prática sociais, ou de forma de vida, sinto que aqui as coisas correm de forma diferente. Para dar um exemplo muito prático, o facto das pessoas pegarem em coisas na rua, do lixo e levarem-nas para casa. Isto é uma coisa que se passa em Amesterdão e toda a gente faz, e haver imenso esta cultura de segunda mão... que em Portugal não temos, ou seja, há muito o comprar algo e quando não se quer deita-se fora mas não vai ser reutilizado por alguém. Não há esta cultura de circular. Os bens não circulam, estagnam. E nisto já me posiciono de uma forma diferente porque acho que é ridículo, não faz sentido nenhum. Como por exemplo também em relação a rendas, neste momento posiciono-me de forma diferente, ainda que em Amesterdão possas pagar imenso dinheiro por uma casa, mas eu neste momento acho que não faz sentido pagares por um quarto trezentos euros, acho que não faz sentido absolutamente nenhum. E acho que também em termos de sexualidade e de abertura mental, relativamente... quer dizer, é óbvio que isto também tem muita influência da escola porque temos workshops e aulas em que discutimos o género e neste momento vejo as coisas de uma forma muito diferente, que não via em Portugal. E acredito que em Portugal ainda há muitas coisas que são vistas de uma forma muito clássica e muito pouco benéficas para a mulher, a maior parte das vezes. E com isso eu já não tenho uma posição saudável. Até porque acredito... mas eu também vivo num ambiente muito <i>gay</i> e isso influencia-me imenso. A forma como eu olho também para o que significa ser homem, o que significa ser mulher, e nisso já me posiciono também de uma maneira diferente. Portanto em termos de bens e de formas de viver e mentalidade acho que me sinto mais afastada de Portugal.”</p> <p>E no geral dás mais ou menos valor ao país? “Isso é um binário, não posso responder a binários (risos), não porque é verdade,</p>

	<p>normalmente as coisas regem-se por binários, mais ou menos, melhor ou pior, azul ou branco (risos). Eu não consigo valorizar Portugal neste momento dessa forma. Oh pá eu sou bué sentimentalista, tenho bué este saudosismo, que é uma coisa que se eu penso em estar lá e se penso nos dias bonitos que faz, é óbvio que dou imenso valor. Mas sei lá... Acho que é um sítio maravilhoso, gosto imenso. Talvez valorize mais neste momento.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>Ou seja, quando pensas em ti Carla, pensas logo no sinónimo portuguesa? Ou tens outras coisas na tua identidade, na tua individualidade que são mais importantes do que a nacionalidade?</p> <p>“Não sei, acho que neste momento não... É óbvio que está presente em mim, o facto de ser portuguesa e acho que é algo que está em mim. Até que ponto, ou até que ponto é que eu tenho atitudes que revelam o ser português... talvez tenha, relativamente ao saudosismo do país... sim, isso claramente, é uma cena que só pode ser portuguesa porque tenho saudades do país. Agora... acho que neste momento há muitas outras coisas que me definem, à parte de ser portuguesa. Acho que há muitas outras coisas que me definem enquanto pessoa, e que não estão... O que eu sinto que se passa um pouco é que há imensas coisas que são muito portuguesas e que eu me identifico com elas, ou que eu consigo compreender muito bem e que ok. Mas quando estou longe há coisas que se vão apagando sabes? Há coisas com as quais já não me relaciono tanto ou já não penso tanto, porque já não estou nesse ambiente ou... hum...”</p>

B.3.2. Cultura material/ Consumos Carla

Cultura Material/Consumos	
Vestuário	
<p>A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?</p>	<p>“Sim! Não hoje (risos), agora estou em modo escola. Mas normalmente visto-me melhor. Sim, é importante porque também te identifica com algo, ou sentes-te bem com algo. É óbvio que depois implicitamente está o facto de se pertences mais a um grupo ou a algum tipo de construção social aí, mas não penso nisto de manhã ‘ah vou vestir isto porque quero pertencer a este grupo social. Não. Visto porque me sinto bem com este tipo de escolha, mas acho que também pode ter a ver com o sentir-me mais atraente, mais neste sentido. Mas sim gosto, e gosto imenso de coisas <i>vintage</i> e mais neste estilo anos 80, esse tipo de coisas, identifico-me mais com esse tipo de estilo.”</p> <p>Costumas ir a lojas de roupa em segunda mão? “Sim, muito. Passo lá o tempo todo. Quer dizer tenho aqui o <i>Waterloo market</i> mesmo ao lado e estou o tempo todo lá a comprar coisas velhas e... velhas quer dizer, às vezes não estão velhas, são mesmo só coisas em segunda mão. Sim, mas faço isso imenso.”</p>
<p>Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te</p>	<p>“Sim. E sim teve a ver com a saída porque em Portugal não tens este tipo... quer dizer agora em Portugal também começa a ficar na moda esta cena <i>vintage</i>. Mas eu acho que em Amesterdão é uma constante, nem é uma coisa da moda, é uma constante. Porque tens imenso isto, a própria cidade e os hábitos potenciam imenso. O facto de poderes</p>

<p>de maneira diferente quando vais a Portugal?</p>	<p>ir a um mercado e encontrares cenas de há já não sei quanto tempo atrás. (hum, hum) E é muito mais barato, encontras imensa variedade. No mercado há dois sítios onde eu vou muito, são dois homens que têm mesmo olho, todas as coisas que eles têm são giras! E há um deles com quem eu já tenho uma relação fixe, tipo, eu estou lá sempre. E perguntava-lhe no outro dia como é que é possível ele ter tantas coisas giras e ele dizia-me que já se tinha educado assim. Ou seja agora quando vai a mercados comprar, olha e saca coisas super rápido. Mas quer dizer, isso também é uma coisa que a mim me parece um bocado fútil, sei lá é um pouco fútil falar disto, de alguma forma não é? Porque é um... Mas quer dizer não sei. Sim, eu acho que não tem problema nenhum admitires... Mas a forma como te vestes, é uma construção total, há muito jogo aí, se tu tiveres a consciência do que estás a fazer, da forma como te estás a vestir, e teres essa liberdade. É interessante poderes jogar com certas construções, por exemplo com o que é ser mulher ou homem, ou que tipo de roupa deves vestir sendo um e outro, ou o que é que vestir uma saia significa para ti ou para os outros. E quer dizer desse ponto de vista acho que é super interessante ter isso e poder jogar, no dia em que me apetece vestir mais masculina fazê-lo, e desse ponto de vista também é super interessante não é? Porque é um jogo.” E isso é uma coisa que sentes que consegues fazer melhor cá do que em Portugal? “Sinto que comecei a fazer mais cá do que em Portugal. Não sei se, agora se voltasse para lá, teria essa liberdade ou não. Mas sinto que comecei a fazer mais cá do que em Portugal, porque também houve algumas coisas que criei mais consciência, relativamente a. E então,</p>
---	--

	<p>nesse sentido, Mas se calhar em Portugal também o podes fazer...” Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal? “É engraçado, porque às vezes, cá visto-me de uma determinada forma e imagina, lá acontece estar a usar a mesma roupa e tenho momentos de hesitação, há momentos de hesitação em mim. E isto é interessante, quer dizer, é exatamente a mesma roupa e tu só mudas de país (risos) e há uma hesitação. Mas porquê? Quer dizer, é óbvio que isso depois também deve estar tudo relacionado com a forma como as pessoas te olham ou... Sei lá, mesmo o meu corte de cabelo, eu cortei o cabelo curtinho e o meu pai foi assim um choque! Virou-se para mim e disse ‘parece que vais para a tropa’, como se fosse uma coisa super masculina, e para mim está completamente errado, eu sinto-me super feminina. Mas ele faz logo aquele comentário (hum, hum) tipo para me pôr ali... e ninguém fez esse tipo de comentário cá sabes? As pessoas foram todas bué receptivas. É óbvio que isso também tem muito a ver com o sítio e a abertura das pessoas relativamente a certas coisas.” Mas tinhas o cabelo comprido antigamente? “Nunca tive muito comprido, mas tinha mais comprido, com caracóis. Mas sempre tive cortes um pouco diferentes, mas diferentes na onde mais menina ou sei lá... E então... Quer dizer mas isto também foi uma reação do meu pai porque por exemplo o meu irmão já disse ‘eh, acho muito fixe, fica-te super bem’.”</p>
Onde costumavas comprar roupa e que critérios orientam a escolha?	<p>“No mercado, muito porque estou perto. Basicamente é em lojas de segunda mão, há uma aqui perto também que o dono é Israelita, eu depois vou lá tantas vezes que às tantas já conheço as pessoas. Com esse também já tive algumas conversas assim acerca de roupa, também gosto</p>

	<p>imenso dessa. E depois é assim, também gosto imenso da <i>American Apparel</i>, mas é um bocadinho mais cara (risos) e de vez em quando também compro algumas coisas. Sim, mas também é nessa onda um pouco mais <i>vintage</i>, assim nessa onda. Tipo, o meu critério é mais esse.” Mas então és capaz de, de vez em quando dar um bocadinho mais de dinheiro por uma peça que gostas mesmo. “Sim, sim, quando tenho dinheiro. Quando não tenho não, mas quando tenho dinheiro vou mais à <i>American Apparel</i>.”</p>
Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).	<p>“(risos) Não, acho que não. Acho que as únicas preocupações desse género são as que já falei. As da roupa e cabelo, porque de resto não tenho assim outras coisas com que me preocupe.”</p>
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	<p>Ou seja, gostas mais de experimentar novos pratos, fazer coisas diferentes ou costumavas fazer aquilo que a tua mãe te ensinou, ou que costumavas comer em Portugal? “Não, ainda que a minha mãe tenha imensa tendência, que é uma cena engraçadíssima... às vezes quando falamos ela também me diz, eu digo que vou cozinhar e ela sugere-me logo ‘olha faz isto que é facilimo de fazer’.” Mas costumam trocar receitas ao telefone? “Não, não. A não ser que seja uma situação em que eu quero fazer uma coisa mesmo super específica, portuguesa, sim. Mas de resto não, eu oriento-me. Até porque vivo com um espanhol e então aprendi a fazer tortilha, que é uma coisa que eu gosto imenso e então aprendi. Mas costumo cozinhar tipo... eu não tenho assim... quer dizer há cenas que gosto imenso,</p>

	<p>por exemplo gosto imenso de alho, de cogumelos, e pêssego, de <i>mozzarella</i>, nem são cenas muito tradicionalmente portuguesas. Não como assim muita carne, como mais vegetais. Como peixe. Mas não tenho assim coisas muito... (hum, hum)” E quando fazes, como dizias, algum prato português específico, fazes em que ocasiões? É em ocasiões especiais como cozinhares alguma coisa portuguesa para os teus amigos que não são portugueses? “Sim, sim, a maior parte das vezes é isso. Porque de resto não... Sim, se é assim uma situação em que combinámos ir fazer, imagina, vamos jantar em casa e combinamos fazer uma cena portuguesa, ou uma cena espanhola ou assim... Mas agora nem me estou a lembrar de nenhuma vez que tenha cozinhado alguma coisa mesmo, mesmo portuguesa, na realidade.” E quando comes fora que tipo de comida é que procuras? “Eu não como muitas vezes fora, ou quando como não é propriamente num restaurante, é uma <i>falafel</i> ou assim. Mas por exemplo quando como aqui à volta como sopas, vou ao supermercado comprar saladas.” Pronto, mas isso porque o teu <i>budget</i> não é muito alto, mas hipoteticamente se pudesses ir jantar fora, preferias ir ao restaurante português ou... “Não, não, não ia ao restaurante português. Eh pá... A não ser que fosse um dia daqueles em que tivesse mesmo de comer bacalhau à bras, que pensasse ‘se não como bacalhau à brás hoje morro aqui’. Oh pá mas não, mais depressa vou a sítios tipo Tailandês ou assim.” Nunca trouxeste bacalhau de Portugal, por exemplo? “Não, bacalhau não, mas já trouxe vinho, farinheira, alheira, chouriço e doces do fundão, porque nós temos muito, fazemos muito doces porque</p>
--	--

	temos muita fruta.”
Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?	Então não costumas comer comida portuguesa regularmente? “Não.” E vinho? Vais a algum sítio especificamente comprar vinho português? “Não, também não.”
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	“Não, nunca aconteceu ir à procura de nada.” Mas sabes que existe uma loja... “Ai é? Não, não faço a mais pequena ideia.”
Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?	“Não, compro mais tipo... Eu tenho uma alimentação super básica. Há aqui uma ervanária ao pé e de vez em quando compro algumas coisas de lá, mas é muito de vez em quando.”
Casa	
É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	“(risos) Esta pergunta é genial. Não, acho que não mesmo. Não, mas também tenho que olhar às circunstâncias em que estou agora. Eu se tivesse uma casa nunca estaria como estou agora, nunca teria a casa assim. Mas neste momento estou numa casa assim e vivo bem, estou bem, não me faz confusão. Por isso acho que a resposta a essa pergunta é não. Porque de facto não me faz confusão. Oh pá há algumas coisas que de facto, sei lá, fui eu que fiz. Porque como esta casa vai ser destruída, depois de nós lá termos estado, fizemos imensas coisas tipo pintámos nas

	<p>paredes, tem imenso estas coisas um pouco hippie, porque o Carles é um pouco hippie, assim nessa onda. Ou era um pouco mais, agora é um pouco menos (risos) depois de ter vindo para Amesterdão! Mas tem imenso esta cena e temos montes de coisas na parede, coladas e sei lá o quê. E algumas coisas fui eu que pus e de facto gosto sei lá, poemas em português. Há coisas com as quais me identifico. Mas a maior parte das coisas que estão na casa não foi escolhido a dedo, encontramos na rua, vai para casa, já está, temos uma mesa.” “Ontem foi super engraçado. Ali na nossa zona vive mais pessoal da escola e foi lá um rapaz brasileiro a casa que também mora lá, e estava eu, o Carles e o Nico, que é o argentino. E subitamente o Nico, que está connosco há duas semanas perguntou-nos ‘mas quem fez estes desenhos?’ Eh pá e foi brutal porque cada desenho que estava na sala tinha uma história, e eu sei a história de todos os desenhos. E só ontem à medida que ia contando tudo é que me apercebi. E depois no final fiquei eu e o Carles a olhar um para o outro e aí é que pensei ‘fogo, é incrível!’. Há imensas coisas. Por exemplo houve uma rapariga que veio fazer a audição cá à escola, e aquilo são três dias e se tu passas nos dois primeiros convidam-te a ficar para o terceiro. E ela não passou e ficou lá em casa e fez dois desenhos, eh pá que são mesmo terríveis, aquilo é mesmo a tristeza dela de não ter passado na audição e depois fez ali uma coisa! A maior parte das coisas que temos é na sala comum, na casa de banho também temos, na cozinha. Porque depois o que se passou também foi que na primeira festa que fizemos em nossa casa, era a festa de inauguração e toda a gente podia pintar. E então tipo a cozinha especialmente está</p>
--	--

	<p>cheia de desenhos, tem montes de coisas. Há um que está muito fixe, que foi uma colega minha espanhola que fez. Quer dizer, alguém tinha desenhado uma caveira, que estava horrível, e ela foi e por cima decorou-a com motivos espanhóis, meio sevilhana sabes? Então ficou muito fixe. Nós temos mesmo imensa coisa, porque também nos permitimos fazer tudo o que queremos, se queremos escrever na parede escrevemos. Houve outra vez que foi bué engraçado, houve uma colega nossa que se foi embora para Berlim, ela engravidou e saiu da escola. E eu e o Carles estávamos em casa e fizemos, eu tenho dois projetores de slides antigos, e então pusemos o projetor de slides para a parede enquanto eu lhe lia um texto sobre o que é ser artista, ele copiava a cena em cima, e então também está isso na parede.” E os poemas são portugueses, os que estavas a dizer? “Sim porque, isso tem a ver com um rapaz que eu conheci quando estive em Portugal, e eu não conhecia um texto do Mário Cesariny que se chama ‘O regresso de Ulisses’, que é um texto fantástico, e ele disse-me que o tinha na casa de banho. Pá e é um texto brutal mesmo, que é super importante teres na casa de banho. Depois também tenho mais umas coisas em português na sala, que eu escrevi. Mas foi engraçado também, porque foi quando eu estava um pouco apaixonada por um rapaz, um rapaz português, e escrevi na parede uma cena, é um bocado dramático (risos): ‘o meu cérebro tem saudades tuas’. E depois o Carles viu e depois alterou pôs ‘oh, meu cérebro, tenho saudades tuas’ (risos).”</p>
Trouxeste alguns objetos contigo de	<p>“Trouxe acima de tudo livros... Estou a pensar, mas trazer coisas, ou mesmo fotografias, também não tenho. Tipo as fotografias que tenho no meu quarto são cenas que tirei</p>

Portugal?	em Amesterdão, não tenho assim grandes referencias a Portugal, em termos de imagens, no meu quarto. Tenho um peixe de borracha para por água quente lá dentro, que um ex-namorado me deu. Na altura trouxe-o porque ele era meu namorado e mo ofereceu, mas na verdade só o utilizei uma vez, há pouco tempo. E até foi interessante porque cheguei a casa cheia de frio e vi-o e pensei ‘vou pôr isto na cama e sei lá o quê’ e depois aqueci água, meti lá dentro e meti aquilo nos pés. Mas depois não estava muito contente com a sensação de ter aquilo nos pés (risos). Mas depois aconteceu uma cena fantástica que foi meti-o aqui na zona abdominal, quer dizer isto é uma cena um bocado íntima e um bocado estúpida, e só te vou dizer porque é interessante do ponto de vista da reflexão que tive na altura. Pensei ‘já há imenso tempo que não durmo com alguém’, porque meti-o precisamente na zona em que, sabes, estava-me a proporcionar calor (hum, hum) e fez-me imenso recordar a sensação de dormir com alguém (risos). É uma cena mesmo estúpida, mas quer dizer é interessante do ponto de vista da associação que fazes. Foi mesmo a cena da situação criada que achei interessante.”
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	(em cima.)
Media/Novas Tecnologias	
Costumas ler jornais/revistas? Quais?	“Não... pá de vez em quando on-line leio o Público e... e é isso. Mas não é um hábito diário.”

Costumas ver televisão? Que canais/programas?	<p>“Não, não tenho.” E na internet também não vês? “Eh pá, sei lá, de vez em quando, de vez em quando via mas tipo via séries até. Mas agora já estou tão longe dessa realidade. Quando vou a Portugal e vejo televisão penso ‘uau, o tempo que podes perder! Ou ganhar...’.” Mas nunca foste à internet ver canais portugueses... “Não.”</p>
Costumas ouvir rádio? Qual?	<p>“De vez em quando ouço a Radar (risos), mas também é de vez em quando, de vez em quando lembro-me sabes? Depois quando me lembro é a Radar.”</p>
Que tipo de música ouves?	<p>“Ah... É assim, eu ouço um pouco de... tipo, ouço ‘<i>The National</i>’, ouço ‘<i>Arcade Fire</i>’, ouço... sei lá também posso ouvir ‘Carlos do Carmo com Bernardo Sassetti’, esse álbum juntos. Ouço imensas coisas na realidade, posso ouvir imensas coisas. Também posso ouvir, se for caso disso, tipo... ‘<i>Beyonce</i>’ e coisas desse género, (risos) tenho imensa liberdade musical. Sei lá ontem estava a ensaiar e estava a ouvir jazz. Mais... eh pá, nem sei.” Começaste a ouvir coisas diferentes quando vieste para cá? “Ya, isso é uma coisa por acaso que penso imensas vezes. Que estou bué desligada, musicalmente. Não ando a ouvir assim muita música, fiquei um bocado com as mesmas influencias musicais que tinha. Sei lá, se calhar de vez em quando ouço coisas que o Carles põe... Mas não mudei assim muito.”</p>
Que sites mais frequentas na Internet?	<p>“Ah... Quando chego a casa basicamente vejo o <i>Gmail</i> e depois vou ao site da escola, depois vejo este site onde encontras casas para estudantes. Depois vejo um blog que gosto imenso, que é um diário visual, que gosto imenso, ele cada dia põe uma fotografia, e o tema é sempre alusivo</p>

	<p>à mulher, ao feminino. <i>Facebook</i> que é a doença dos tempos modernos (risos). E que mais? Na realidade não vejo assim muito mais.”</p>
<p>Costumas ler? Que tipo de livros?</p>	<p>“Sim, mas não tanto quanto gostaria. Leio mais nas férias. Leio, o que acontece é que também muitas vezes leio coisas acerca e performance e coisas mais técnicas. E às vezes até me esqueço de ler outras coisas percebes? Já não leio um romance há imenso tempo. Acho que o último que li foi ‘A história do olho’ do Georges Bataille, conheces? Recomendo vivamente.” Mas que tipo de livros é que costumas ler, de autores portugueses fundamentalmente ou... lêes só em português, lêes em inglês? “Não, até estes últimos que li eram em inglês, porque comprei-os em Amesterdão. Mas mais da influência do meu pai costumo ler poesia, por exemplo gosto muito de Luís Pacheco. É um escritor maldito, já morreu, mas é fantástico! Tem aquilo que eu amo, tem aquilo que eu amo profundamente em Portugal e que Cesariny também tem, que o João César Monteiro também tem, que há uma cena ali de ironia que é brutal! Eu lembro-me de uma entrevista que li, devia ter para aí 17 ou 18 anos, uma entrevista ao Mário Cesariny e onde lhe perguntavam qualquer coisa relacionada com a ditadura e ele dizia que enquanto a ditadura existiu ele levantou-se sempre tarde. E isto era problemático, porque ele não tinha trabalho, eles estavam sempre em cima dele. E no momento em que a ditadura deixou de existir ele passou a levantar-se todos os dias cedo, e este é óbvio que faz todo o sentido, mas isto é óbvio que há toda uma ironia ali, quer dizer ele podia fazer a sua vida mais fácil, ele podia ter-se levantado cedo. Mas quer dizer há ali uma transgressão, há ali toda uma ironia. Mas o Mário Pacheco</p>

	<p>eu recomendo mesmo vivamente. O meu pai e ele correspondiam-se, é incrível.” É engraçado, como é que o teu pai nem tendo estudado muito, como dizes, tem todo esse interesse... “Pois, não sei! Mas o meu pai tem uma cena com a literatura que é fascinante. A sério, não parece mesmo nada de uma pessoa que não estudou e que não teve escolaridade. Tipo ele tem um gosto... E temos carradas de livros em casa, não tens noção. É mesmo assim uma coisa abusiva, tipo ele está sempre a comprar mais e mais. Pronto e lê, é interessado.” Mas de onde é que lhe vem esse interesse, não consegues dizer? “Não, não faço a mais pequena ideia. Talvez do meu avô, que era cego, mas tinha imensos livros. Mas tens mesmo que ler este gajo, é incrível. Tipo ele era mais de esquerda, mas nunca se afiliou ao partido comunista. Os meus pais são os dois comunistas. Mas ele quando está muito velho e as coisas estão a ficar assim muito sérias ele começa a dizer que se quer afiliar ao partido comunista. E perguntam-lhe porquê e ele diz que ‘só porque quero levar a bandeira, parece-me muito bem, acho muito bonito levar uma bandeira daquela cor no caixão, vou mais quentinho. Sei lá há qualquer coisa nestas três personagens, no Mário Cesariny, no João César Monteiro e no Luís Pacheco que é algo que me interessa imenso, esse caminho. Mas essa influência do meu pai tipo, a maior parte nem é essa influência de agora, nem é os novos autores portugueses, é mais cenas tipo estes mais instituídos, Herberto Helder e poesia... Mas é sempre mais autores portugueses, o meu pai não lê muita coisa... Quer dizer, é capaz de ter um ou outro estrangeiro, mas não tem muita literatura estrangeira, é mais literatura portuguesa.”</p>
<p>Costumas ir ao</p>	<p>“Não, cá não. Vejo tudo em casa, saco da internet.” Que</p>

<p>cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?</p>	<p>tipos de filmes te interessam? “Sei lá, também depende. Eu consigo ver um pouco de tudo. Há dias em que estou danificada mentalmente e só quero ver uma comédia romântica daquelas horríveis e mesmo desse ponto de vista, às vezes quando estou a ver essas coisas (risos) às vezes começo a olhar para aquilo tipo ‘que é isto? Por deus, o que é isto, que desgraça que aqui vai!’ Tipo a mulher sempre submissa e o homem sei lá o quê... Consigo ver este tipo de coisas, também gosto mais de cinema tipo alternativo. O que é que eu vi assim há pouco tempo... Eh pá, vi o ‘<i>Rasperry Reich</i>’ que é bastante alternativo, também vi o ‘<i>Canino</i>’, tens de ver é brutal. Pronto gosto deste tipo de filmes, que têm algo de absurdo, ou que questionam muitas coisas em termos sociais também.”</p>
<p>Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?</p>	<p>“Sim, o <i>Facebook</i>. Contacto mais com os de cá, sem dúvida.”</p>
<p>Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?</p>	<p>“Sim. Utilizo para ver entrevistas de pessoas, para pesquisar acerca de coisas que falamos na escola. Por exemplo no <i>Youtube</i>, vejo coisas. Basicamente para isso, para ir a sites de coreógrafos ou coisas desse género e ver que trabalhos é que existem e coisas desse género.”</p> <p>Utilizas mais do que quando vivias em Portugal? “Não. Acho que até utilizo menos. Estou menos tempo em casa e estou menos tempo a fazer esse tipo de cenas.”</p>

Outras tecnologias de que faças uso?	“Tenho um <i>Mp3</i> , mas de resto não utilizo mais nada. O telemóvel desde que faça chamadas e mensagens, não preciso de mais nada.”
--------------------------------------	--

B.3.3. Sociabilidades/ Quotidiano Carla

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	“Portanto quando tenho tempos livres, de vez em quando vou comer ao <i>Overtoom</i> , ao <i>301</i> , que é muito bom. O fim de semana passado por exemplo acordei, vim ensaiar, jantei e fui para casa (risos). Quer dizer, a realidade é que eu não tenho assim tanto tempo livre, eu passo muito tempo na escola a ensaiar porque nós temos de fazer as nossas peças de final de ano e temos de trabalhar para os nossos projetos. E então na realidade não tenho assim tanto tempo livre, mas quando tenho também vou ao parque, também gosto de ir a exposições.”
Quando saias a que lugares vais? Com quem costumavas ir?	“Quando estou com a malta da escola costumamos ir assim mais a tipo... sei lá às vezes vamos ao <i>SoundGarden</i> , sei lá, não temos assim sítios a que vamos sempre. Depois o que acontece é que eu saio muito mais com as pessoas do meu trabalho, passo imenso tempo no <i>Bazar</i> porque trabalho sexta e sábado, e por isso a seguir ao trabalho, principalmente na sexta que já tive aulas, já tenho o meu cérebro completamente frito (risos) já não consigo! Também é um bocado preguiça, porque na verdade podia pegar em mim e ir a outro sítio, mas depois a maior parte das

	<p>vezes o que acontece é que ficamos no <i>Bazar</i>, ficamos lá a beber uns copos e tal. Porque normalmente o que acontece é, eu ou vou a sítios bons em que assumidamente vou a sítios bons e sítios que me interessam, ou então vou a sítios péssimos. Tipo sítios, na rua do <i>Bazar</i> há imensos sítios péssimos, que estão abertos até às quatro da manhã, sítios daqueles onde só há turcos e onde só há homens e a música é péssima, tipo ‘<i>Shakira</i>’ ou assim. O que para mim está ótimo, percebes? Perfeito, não preciso de mais (risos).”</p> <p>E quando falas em sítios ótimos são por exemplo que sítios? “Hum, sei lá tipo no <i>Overtoom</i>, gosto de estar lá mas mais nesta coisa de ir jantar. Mas depois também há umas festas interessantes, mas mais do ponto de vista quer, ou seja mais esse tipo de festas que muitas vezes há imensa gente gay ou sei lá... estivemos numa festa recentemente... num <i>squat</i> que organizou uma festa que tinha imensas performances de <i>dragkings</i> e esse tipo de ambientes. Olha até é ali perto da <i>Leidseplein</i> mas não tem nada a ver com esse ambiente, é nessa zona.”</p> <p>E com quem é que foste?</p> <p>Portanto quando saís do Bazar vais com os teus colegas do Bazar... “Sim, por exemplo no fim de semana passado estive com o Jorge, (ah, ele teve cá visitas não é? “teve”) mas depois estivemos com um rapaz holandês e uma rapariga da Lituânia. Lá no <i>Bazar</i> também é assim um bocado mais <i>mixed</i>.”</p> <p>E aos squats costumais ir com quem? “Com a malta da escola, tipo, então aí também é completamente tipo... espanhol, Lituânia, Eslovénia... Sei lá.”</p>
De que nacionalidades são	“Na escola temos espanhóis, polacos, belgas, lituanos,

os teus amigos em Amesterdão?	eslovenos, de toda a parte mesmo!”
Costumas ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?	<p>“É assim, já fui, mas não costumo ir. Não costumo ir.”</p> <p>Em que ocasião é que lá foste? “Estava no caminho (risos) calhou! Não vou tipo, não vou ver jogos de futebol, não vou fazer nada disso. Foi mesmo, estava no caminho. Sei lá, acho que nos íamos encontrar ao pé do <i>Bazar</i> e fomos a essa associação lá ao pé, fomos lá beber uma cerveja. Mesmo porque estava no caminho.”</p> <p>Identificas-te com as pessoas que as frequentam? “Não falei com eles! (risos) Mas pareceram-me um bocado velhos... Não sei, eu estive lá quê? Quarenta e cinco minutos. Mas não sei, não me posso identificar muito porque não os conheço, não falei, não troquei qualquer espécie de opinião, não disse nada. Mas quer dizer é possível que sejam boas pessoas mas não me vejo a passar o dia a dia com eles, não faz parte da minha realidade.”</p>
Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?	<p>“Sim. Costumo mais ir ver espetáculos de dança. Também porque a escola está muito ligada aos teatros e no último ano apresentam-se as coisas em teatros de Amesterdão. A última coisa que fui ver foi umas performances integradas num festival chamado ‘<i>Something Raw</i>’. Vou maioritariamente a coisas relacionadas com dança, não vou ver muito mais coisas. Também o tempo não me permite e se tenho de escolher entre ver uma performance e outra coisa, normalmente vou ver a performance.”</p>
Atividades desportivas? Com quem?	“(risos) A escola e a bicicleta.”
Hobbies?	“Eh pá, de momento não... Sei lá, comprei uma

	melódica em Berlim, quando estive lá. (risos) E não sei tocar! Mas também não estou a dedicar muito tempo à coisa na verdade.”
Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)	“Não, não, tirando a dança...”
Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?	“Hum... sim, sim. Do ponto de vista da dança sinto que vejo espetáculos que me interessam mais. Se calhar em Portugal tinha mais tempo livre e via mais coisas indiscriminadamente, aqui tenho menos tempo livre, então vejo certo tipo de coisas. Mas sinto que é mais rico, há mais oferta.”
Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)	“Sim, acho que sim. Bem, também é muito fácil para mim porque estou num sítio onde a toda a hora tenho de expressar a minha criatividade (risos) por isso é bué fácil para mim dizer que sim a isso. Mas eu vivo numa situação muito específica. Sou estudante, numa escola de artes, temos espaços livres, estúdios, onde podemos ir e trabalhar. Mas sim é mais...” Pronto, mas mesmo no teu caso, sendo mais específico, achas que a situação social da cidade, as pessoas que tu conheces, a mentalidade, te permite abrires-te mais nesse sentido? “Sim, acho que sim, acho que também há... sei lá, mesmo do ponto de vista... eu nem chego ao ponto de vista de teres algum comentário artístico, um <i>statement</i> . Mas acho que mesmo do ponto de vista de pessoa tens muito mais liberdade. Podes ser a pessoa que quiseses, ou seja há muito mais liberdade nesse sentido, de pertenceres àquilo que queres pertencer e fazeres aquilo que queres fazer e questioná-lo

	também. Nesse sentido acho que é muito mais interessante, e há muito mais liberdade.”
--	---

B.4.1. Sociografia/ Relação com a origem Jorge

Sociografia	
Nome	Jorge
Idade	24
Género	M
Naturalidade	Lisboa.
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	“Vivi na Amadora, até aos 5, e depois mudei-me para Queluz até vir para Amesterdão.”
Escolaridade (incluindo locais de formação)	“Desde o primeiro ciclo foi tudo feito na grande Lisboa. Ensino básico e 5º e 6º ano na Amadora, do 7º ao 9º mudei para Sintra para um colégio.” Particular? Porquê, os teus pais é que quiseram? “Sim, particular, os meus pais é que quiseram. E ainda bem, hoje sei ver a diferença que fez. Depois o secundário fiz no Liceu de Queluz, humanidades, e depois já te disse, estive uma ano na Lusíada e dois anos no ISCSP e foi isto, não acabei nada.”
Profissão	Empregado de mesa/ Estudante.
Emprego em Portugal	“Trabalhei numa empresa chamada <i>Workmedia</i> , uma empresa de... aquilo basicamente publicava revistas empresariais. Eu trabalhava no departamento comercial e tinha de fazer renovação das bases de dados das empresas. Tinha de telefonar para as empresas e perguntar

	quem era quem e atualizar os contactos. Foi no intervalo da Lusíada para o ISCSP, foi durante três meses, era um projeto, uma fase em que eles precisavam de reforços para fazer o <i>update</i> da base de dados. Trabalhei também na <i>Worten</i> do Colombo, a vender televisões (sarcasmo na voz) tipo seis meses, correu muito mal e não me renovaram o contrato. E depois fui para o <i>IKEA</i> , quase dois anos.”
Tipo de residência em Portugal	“Em Queluz morei com os meus pais, até... em 2004 os meus pais separaram-se, o meu pai foi viver para outro lado e eu fiquei com a minha mãe e a minha irmã na casa que os meus pais tinham comprado juntos. Entretanto, pá o ambiente em casa estava muito mau e a minha mãe arranjou um namorado, só que eu não gostava do gajo e eu disse ‘se ele entra eu vou-me embora’ e ele entrou e eu bazei (risos), mesmo à puto. Fui viver com a minha namorada da altura, em Queluz na mesma, primeiro fui viver para casa dela, depois os pais dela mudaram-se para a margem sul e nós alugámos uma casa os dois, ainda vivemos lá quase dois anos. Entretanto viemos cá uma vez em 2007, depois voltámos em 2008 e em 2009 viemos de vez. Ela veio comigo, entretanto já não estamos juntos, mas ela veio comigo. ”
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	Apartamento alugado, Queluz.
Naturalidade dos pais	Lisboa.
Escolaridade dos pais	“Ensino superior. O meu pai é formado em direito e a minha mãe é formada em tradução.”
Profissão dos pais	“O meu pai é advogado e a minha mãe trabalha num banco.”
Local e tipo de residência dos pais	“A minha mãe continua a viver em Queluz, o meu pai mora em Mafra.”
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	“Não. Não tenho ninguém de família que tenha imigrado. Hummm, não está propriamente na história de Queluz (risos) mas tenho uns amigos de lá que estão em Dublin. Mas lá está eu não fui para Dublin só porque eles lá estavam, era para aqui que eu queria vir.”

Porque decidiste sair de Portugal?	<p>“Porque... não teve nada a ver com a crise, ou por estar mal. Tinha uma vida até mais estável lá, em termos materiais, do que tenho aqui. Mas sempre me senti um bocado sufocado naquele ambiente de Queluz e sempre tive um bocado de medo de acabar como aquelas pessoas que eu via nos cafés.” Como assim? “Epá de ter aquela vidinha chata de, estudar ou não, e depois arranjar um trabalho que te dê para pagar as contas e viver à espera do mês seguinte, sem ter nada que te estimule. Sem nada de novo, sem aprender nada de novo, a dares-te sempre com as mesmas pessoas, a aborreceres-te com os assuntos, a já saberes o que é que as pessoas vão dizer. Precisava mesmo de fazer um <i>refresh</i> na minha vida e decidi por aqui. Se eu queria mudar radicalmente pá, tinha de escolher uma cidade o mais multicultural possível e foi por isso que vim para aqui.”</p>
Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?	<p>“Nem por isso, eu pedi um empréstimo com a minha namorada na altura em que decidimos vir para cá. Ainda o estou a pagar... Mas quer dizer, se por acaso acontece algum azar e fico aflito os meus pais não me vão deixar enrascado de certeza.”</p>
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	Não.
Porque escolheste Amesterdão?	<p>“Por ser multicultural, por ser linda e por ter um estilo de vida completamente diferente pá. Sei lá, as bicicletas, o ires a qualquer lado e enche-te pá, a beleza da cidade estás a ver, a arquitetura.” Não achas que Lisboa seja bonita? (risos) “Claro que sim, mas eu também nunca vivi em Alfama ou na Mouraria, percebes?” Mas achas, por exemplo, que se tivesses ido viver para Alfama ou para a Mouraria ias voltar a ter esse sentimento que tinhas em Queluz? Sempre a mesma rotina... “Não te sei dizer sinceramente, mas provavelmente sim porque apesar de tudo estaria em Portugal e...” Então achas que tem também a ver com qualquer coisa da sociedade portuguesa, com a qual não te sentias satisfeito? “É cultural sim, é cultural. E</p>

	<p>precisava pá e precisava porque o que me motiva mais é viajar. Sempre que posso e tenho dinheiro, nem que depois fique à rasca tipo, não quero saber e vou estás a ver? Vou sozinho, vou acompanhado, vou como for. E além disso Amesterdão é super central e se queres ir de Portugal para qualquer lado, tens uma Espanha ao lado que é enorme se quiseses ir de carro, de autocarro ou de comboio é uma seca. A não ser que queiras ir a Espanha. Daqui tens pelo menos três destinos a duas horas. E pronto viaja-se muito mais barato e muito mais facilmente para todo o lado. Desde que estou aqui já fui à Bélgica (duas vezes, Gent, Bruxelas e Antuérpia), à Alemanha, fui a Berlim claro! E fui à Sérvia, a Belgrado.”</p>
<p>Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?</p>	<p>“Estou claro, super. Por tudo o que disse. Mas isto vai vindo, às vezes acontece uma situação e eu digo ‘olha outra coisa que me agrada’. Por exemplo o que é que eu vejo? A coisa que mais me impressionou quando cheguei aqui? Tens uma sociedade que é completamente... não é liberal, é falsamente liberal porque está tudo super controlado, eles sabem tudo. Mas, ao mesmo tempo, dá-te essa sensação de teres mais liberdade do que em outros sítios. Pronto a droga, a prostituição, tudo isso. Mas ao mesmo tempo tens tudo para ser uma loucura desmesurada, tudo fora de controlo e não, e as pessoas são super ordeiras, são super civilizadas e coisas simples que se passam em sociedades teoricamente menos liberais e menos livres, aqui não se passam. Não vês ninguém a passar-te à frente numa fila, não vês ninguém a... as pessoas por iniciativa própria formam uma fila estás a ver? Há mais civismo, mais cidadania, acho eu. Mais do que em Portugal por exemplo, estás a ver?”</p>
<p>Há quanto tempo vives em Amesterdão?</p>	<p>“Dois anos. Epá o primeiro mês foi um bocado complicado, nós fizemos um empréstimo ao banco, ainda estou a pagá-lo. Seis mil euros acho eu, foi bué, foi bué, uma estupidez de todo o tamanho. E então estivemos o primeiro mês à espera do <i>SOFI nummer</i> a viver à grande tas a ver, só a curtir, a sair e cinema e noite e palhaçada e não</p>

	<p>sei quê.” O que é que fizeste mais especificamente? “Ia ao cinema duas, três vezes por semana, por exemplo, porque descobrimos um cinema ali na <i>Harlemmerstraat</i>, o <i>The Movies</i>, em que os filmes estão bué bem seleccionados, é espetacular, não há <i>blockbusters</i> de porcária, e as salas são fixas, tens um bar fantástico lá dentro, um ambiente muito louco. E pronto, comer fora, sair à noite.” E a que restaurantes é que ias? “Ui... olha ia muito a uma pizzeria nessa rua também e depois ia jogar squash lá com os cotas. Porque eu vim para aqui com casa já garantida, porque o meu pai conhecia um senhor que trabalha cá para um banco e o senhorio dele tinha uma casa e foi nessa que ficámos.” Então não conhecias ninguém, não tinhas cá amigos? “Nada! Conhecia esse senhor, mas nunca o tinha visto, que nem era amigo do meu pai, era conhecido do meu pai. E então eu ia jogar squash com ele e com os colegas e levar tareias de senhoras gordas e não sei quê” E os colegas eram todos holandeses? “Não, havia duas holandesas, um australiano, um filipino, um arménio, italiano... oh pá super variado. Depois íamos jantar a tal pizzeria, depois íamos beber copos, depois íamos para casa. Sei lá, tivemos aquele mês só mesmo a desfrutar. Acho que fui ver Buraka nessa altura. Também passávamos algum tempo em casa a fazer coisinhas, tipo de artesanato. Caixinhas e candeeiros de jornal, a decorar a casa, a ir ao IKEA, como ainda estava com a Joana. Mas depois saímos dessa casa, era caríssima, e nós separámo-nos, ela foi viver para outro sítio e eu também tive de sair porque era muito caro para mim.”</p>
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	“Sim, num curso de international communication management.”
Emprego	<p>Restaurante no <i>Albert Cuyp</i> actualmente. Já trabalhou como carteiro, e empregado de mesa no restaurante girassol (restaurante português). Foste lá entregar cv porque era restaurante português?</p> <p>“Ah... Estava a fazer formação com os correios na zona do restaurante e uma colega disse-me que havia ali o restaurante português e reparei</p>

	que estavam a pedir pessoas, deixei o cv, ligaram-me e trabalhei lá como empregado de mesa, de Maio a Setembro. Depois mandaram-me embora.” Eram todos portugueses no restaurante? “Tudo! Tudo! Ah, havia lá um venezuelano, e uns putos que trabalhavam lá de vez em quando, um holandês e não sei quê, amigos do filho do dono daquilo. O filho já nasceu cá, o homem veio para cá, sei lá, há trinta e tal anos, casou com uma holandesa, teve dois filhos, pronto.”
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	“Vivo sozinho num estúdio com uma kitchenete, mas é um apartamento com vários mini estúdios individuais, há mais pessoas. Gosto da zona porque está perto daquilo que me faz falta agora que é o trabalho e a escola e é também mais por isso que eu estou a fazer o sacrifício de pagar 400 € por dezassete metros quadrados.”
Com quem habitas?	Sozinho.
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	--
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	“São para aí só 800 euros, mais gorjetas 950 euros.”
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê? Se algum dia regressares o que te vêes a fazer?	“Não. Primeiro porque estou a estudar e tenciono acabar, embora às vezes me falte motivação. Mas, vejo algumas notícias e eh pá as perspectivas não são boas estás a ver? Tipo, o meu pai que tem 50 anos, está numa situação que não se compreende pá, uma pessoa com os estudos que ele tem, com a carreira que ele tem, os sítios onde já trabalhou... se uma pessoa com aquela preparação e com aquele background todo está a ter dificuldades em se manter, eu chego lá e o que é que eu vou fazer da minha vida percebes? Não é só essa a razão na verdade. É uma das razões. Não estou a dizer que se as coisas estivessem bem eu voltava. Se as coisas estivessem bem lá, estavam melhor aqui. Ah... Não penso, não penso nisso, como te disse

	<p>à bocado eu quero viajar, quando acabar o curso vou tirar um ano e vou-me embora, não sei, vou por aí. Epá e não quero voltar a Portugal tão cedo. Não quer dizer que não volte um dia mas, a voltar quero fazer daquilo só uma base para organizar a minha vida de outra maneira. Não quero estar lá, trabalhar lá, estar lá todos os dias estás a ver? Quero ter uma casa lá onde eu possa ir, um sítio pequenino, sei lá de mês a mês se o meu trabalho me permitir esse luxo. Sei lá, desfrutar, ir lá comer bem, ir lá à praia, ir ver os amigos, a família.”</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)</p>	<p>“Têm que ser as pessoas a ligarem para mim, falo com o meu pai diariamente, com a minha mãe a cada três dias, com os meus avós, talvez de mês a mês. Sim, utilizo o telefone normalmente, com o meu pai falo pelo Facebook e Messenger. E depois com os meus amigos é quando os apanho por aí, também na Internet. Não me lembro dos aniversários se o Facebook não me avisar (risos).” E enviam-te alguma coisa para cá? “Não, mas pedem bastante.” O quê? “Droga (risos). ‘Manda-me erva, manda-me axe, manda-me isto!’” E tu mandas alguma coisa? “Não. Não, já enviei, já enviei. E já chegou. Já cheguei a enviar para a Irlanda também.” Tens amigos na Irlanda? “Tenho bastantes, bastantes, em Dublin. Estão todos super bem, trabalham todos em IT e programação, ganham bué de dinheiro, ganham bué de dinheiro! Eu vou lá agora para a semana, vou lá ver Gorillaz.” Vais por causa de Gorillaz? “Pá, junta-se o útil ao agradável, está lá o pessoal todo, vai ser um fim-de-semana de festa grossa.”</p>
<p>Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?</p>	<p>“Por obrigação, por obrigação. Porque, por exemplo, este verão fui oito dias, nove dias à Sérvia e quando cheguei lá estava um calor brutal, para aí 33 graus, quando cheguei a Belgrado, super abafado. Aquilo é mesmo no centro do país, não há mar, não há nada, tas a ver? Fiquei naquela, ‘epá calor já eu vou apanhar aqui, agora se calhar deixava Portugal e ia para qualquer outro lado. Mas pronto, já tinha a viagem comprada e... é aquela obrigação do imigrante estás a ver? No meu querido mês de Agosto temos de ir a Portugal (risos), apesar de...</p>

	Pronto é claro que gosto sempre quando lá vou, estou com os meus amigos e divirto-me.” “Estou cá há dois anos e fui duas vezes por ano a Portugal, desde que cá estou.”
De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?	“Faço basicamente a mesma coisa. Tento por tudo, pegar no carro e ir-me embora, tipo viajar por Portugal e não sei quê, mas não me deixam! Tenho um jantar com a avó, tenho um jantar com o tio, tenho almoço com a avó, tenho almoço com o pai... Não me deixam vir embora.”
Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?	“Vejo o país de forma diferente, dou um bocadinho mais valor agora. Temos muita coisa terrível, muitos princípios errados na sociedade, somos mal governados, mas o país em si e a gente não é tão diferente... os valores são diferentes, a maneira como as pessoas se comportam é diferente. Mas ao mesmo tempo são pessoas também, têm as mesmas necessidades, os mesmos sentimentos, a mesma formas de abordar as coisas... Por outro lado sinto-me diferente, sinto que evoluí de certa forma, uma coisa boa de estar aqui é que estás em constante aprendizagem, nem que seja por teres de utilizar constantemente uma língua que não é a tua. Por exemplo, em três meses pus-me a falar espanhol, porque conheci espanhóis aqui, e noto melhoras, já me sai muito mais fluido. Oh pá e depois é fixe porque conheces pessoas de todo o lado, ouves as histórias dessas pessoas e comesças a ver as coisas de maneira diferente. Pessoas que têm estilos de vida completamente diferentes e pessoas que tiveram de fazer sacrifícios que não cabem na cabeça de ninguém para chegar aqui percebes? Uma amiga minha veio do Irão e esteve presa com a família na Turquia durante imenso tempo e tiveram que fugir a pé e deixar tudo para trás. Isso faz-te mudar a tua perspectiva sobre algumas coisas. Estas pessoas algumas conheci no trabalho, outras através de outros amigos, outros na escola, e outros ainda meti conversa na rua, mas a maioria talvez através do trabalho. Com portugueses não me dou tanto, dou-me com cinco ou seis, conheces o

	<p>Cláudio e o Cebola. Agora não estou tanto com eles, por duas vezes eles estiveram em minha casa, porque estavam sem sítio para ficar. Mas conheci-os na altura do girassol, um amigo deles trabalhava lá também.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>“Não, não. Não sei porquê, pá sinto que... Por exemplo, tu quando analisas o povo português tens assim várias características que saltam à vista, se formos comparar com um alemão somos mais preguiçosos, mais descontraídos, com um sentido de humor muito mais apurado, com uma perspectiva da vida muito menos de trabalho e muito mais de desfrutar o dia-a-dia, de te contentares com o que é suficiente para te sentires bem e talvez uma certa falta de ambição, o que eu não sei até que ponto é mau, depende dos valores que tenhas. Mas por exemplo, eu no primeiro dia de aulas, eu estudo com outro português na minha turma, o Filipe.” Já o conhecias? “Já o conhecia mas de vista, ele estuda também ali mas vive com os pais, ele veio ter com os pais que vieram para cá antes (5 ou 6 anos) e tem outro tipo de vida, não trabalha e tal. Mas então nós tínhamos que fazer uma apresentação sobre o que era ser português, e as nossas apresentações foram completamente opostas! Eu disse ‘para mim ser português é ser relaxado, descontraído, está tudo bem, palhaçada, brincadeira, não dar demasiada importância a dinheiro, chegamos atrasados!’ E ele disse: ‘Não, não, não! Os portugueses são super stressados.’ Estás a ver, por isso é que eu não te sei dizer até que ponto é que a tua nacionalidade te define enquanto pessoa.” Claro, que não, e eu como antropóloga nunca te poria as coisas nesse sentido. O que eu quero saber com esta pergunta é se quando te pedem para falar de ti, uma das primeiras coisas que te vêm à cabeça é o facto de seres português ou se por outro lado há outras características, como aquilo que estudas, a música que ouves, o trabalho que tens, que são importantes para ti. “Claro que sim, claro que sim. Até porque quando tu te comesças a dar com pessoas de</p>

	<p>outros sítios, a nacionalidade não tem grande peso, acho eu. Eu não vou dizer ‘Ah, olá, sou português.’ O que é que isso diz sobre ti? Se tiveres a falar com um espanhol? Não sei, não sei o que é ser português. Estás a ver? Por isso, do meu ponto de vista, nunca podes começar uma conversa por aí. Porque é uma resposta sem fundamento. Por isso, não me identifico muito por aí.”</p>
--	---

B.4.2. Cultura material/ Consumos Jorge

Cultura	
Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	<p>“Nem por isso, não me preocupo muito com isso. Não acho que tenha um estilo em particular, mas há coisas que eu não visto. Por exemplo não gosto de ténis brancos, ou com muitas cores, sou esquisito. Mas tenho pancada com casacos e ténis, posso estar a precisar de outra coisa e vou e compro casacos ou ténis. É pancada tipo as mulheres com as malas.” E compras muito? “Não, não tenho dinheiro! Já não comprava roupa para aí há um ano, e no outro dia fui aqui com o meu vizinho. Comprei um casaco, uma t-shirt e uma <i>sweat</i>.”</p>
Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente	<p>“Não alterei, nem me visto de maneira diferente quando vou a Portugal.”</p>

quando vais a Portugal?	
Onde costumam comprar roupa e que critérios orientam a escolha?	“Ah, costumo comprar roupa nos sítios para os quais tenho dinheiro, este casaco comprei em super promoção na <i>America Today</i> , mas ya, olha não ligo a marcas. Eu tenho de gostar e ter dinheiro para aquilo, não é propriamente uma questão de estilo.”
Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).	“Não tenho tatuagens, já tive piercings, mas tirei. Não uso cremes, quase não uso perfume, mas sou asseadinho! (risos)”
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	“Olha é o que tiver à mão... Ultimamente tenho comido bué pasta, por causa do italiano (vizinho), almoço bué de vezes com ele e ele ensina-me, no outro dia fizemos um <i>pesto</i> ! E depois também é bom porque não deita muito fumo e não deixa muito cheiro aqui.” E também cozinhas pratos portugueses? “Não tenho bacalhau normalmente, nem assim ingredientes portugueses, faço sopa de vez em quando.” “Não sinto muita falta, de vez em quando tenho, tipo quando vou a Portugal tento trazer sempre alguma coisa tipo um queijinho fixe ou assim, e como e desfruto, mas depois quando acaba não fico a pensar ‘ah tenho que mandar vir mais’, sobrevivo bem sem as cenas portuguesas. Fora o vinho, porque o vinho daqui não, não consigo. Tenho ali uma garrafa de Monte Velho, escondida, à espera para ser aberta.” Mas costumam comprá-las, em lojas especializadas cá? “Não, a maioria das vezes dão-me. Quando vou a Portugal, trago sempre uma média de oito

	<p>garrafas. A sério! Vinho do Porto também. Cá é caríssimo!”</p> <p>“Quando como fora... é tudo uma questão de preço, e quando um gajo não tem dinheiro, não pode procura comida! Por isso é mais aquilo que fica barato, tipo pizzarias, chinês, <i>wok to walk</i>.” Mas se tivesses mais dinheiro tinhas mais tendências a ir a restaurantes diferentes ou procurarias os portugueses? “Ah não! Ia experimentar, não ia manter aquela coisa de comer português porque português é que é bom, não. Há restaurantes muito bons em Amesterdão só que são bué de caros. Mas sim não sou muito de ter aquela fidelidade exacerbada.”</p>
<p>Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?</p>	<p>“Não bebo regularmente por isso mesmo, porque quando os trago bebo-os todos de enfiada (risos) e depois já não tenho mais. Ah... Guardo uma ou outra para uma ocasião especial. Levo para o trabalho às vezes para beber com os meus colegas ‘eu trouxe vinho, queres ver? Queres beber vinho a sério, como deve ser?’ (risos) Para os picar, tenho lá turcos, lituanos, espanhóis, uruguaios, argentinos, turcos, italianos, holandeses, israelitas...”</p>
<p>Procuras produtos portugueses em Amesterdão?</p>	<p>“Não posso dizer que sim, não posso dizer que procuro.”</p>
<p>Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?</p>	<p>“Talvez se tiver algum jantar combinado e saiba que vá cozinhar. Por exemplo da outra vez fiz questão de comprar o melhor parmesão para fazer o prato italiano, nesses casos sim, mas normalmente faço uma alimentação bué de básica e não compro nada de especial.”</p>
Casa	
<p>É importante para ti</p>	<p>“Não, não.” Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?</p>

que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	Esta pipa? (parte de cima de uma pipa de madeira da <i>Super Bock</i>) “Não, isso trouxe do girassol. Porque achei engraçado e pensei ‘não vou deixar isto na rua’ e depois trouxe isso para casa e pensei ‘o que é que vou fazer com isto?’, primeiro pensei fazer uma mesa daquilo mas depois fiquei preguiçoso. Mas... Ya, não sou gajo de chegar a um sítio e pendurar a cortiça com as fotografias da família e dos amigos. Não é que não sinta falta, mas não sou pessoa de fazer isso e depois sou bué desorganizado e não tenho paciência para organizar, personalizar e decorar.”
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	“O Simão.” “Trouxe livros, trago sempre que lá vou. O último que eu trouxe foi o Caim, um livro de crónicas do Alvim e um outro do Gabriel Garcia Marquez.”
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	Mas tens ali uma fotografia, duas? “Tenho. Uma é a minha cara toda vermelha e a outra foi no festival este ano, lá na Sérvia.” E este candeeiro? “Esse candeeiro fiz com a minha ex-namorada com jornal. No primeiro mês estávamos cá, à espera do <i>SOFI nummer</i> , sem trabalho, a tentar poupar dinheiro e fazíamos isso para nos entreter.” E aquele macaquinho? “É o Simão. O Simão, não sei... Eu tenho tipo uma espécie de... não sei isto é cena de putos, já o tenho há montes de tempo, é que o boneco é bué de expressivo! Mas, eu tenho uma espécie de disputa com uma amiga minha, e o Simão passa uns tempos em minha casa e outros em casa dela, temos tipo a custódia partilhada do Simão. Ele está comigo desde que eu vim.” Mas o que é que ele significa, quando olhas para o boneco, o que é que... lembraste dessa tua amiga... “Sim, não de uma forma nostálgica mas ya... lembro-me de cenas, de fotografias que tirámos com o Simão, traz algumas recordações é engraçado... E andava no meu carro e toda a

		<p>gente que andava no meu carro tinha uma certa simpatia pelo Simão.” E aquela mama? “Epá essa mama foi uma prenda de natal de um amigo meu. É um anti stress, daquelas coisas de borracha para massajar. Só é um bocado constrangedor se eu trago alguma amiga aí a casa, (risos) ainda fica a pensar que sou algum tarado ou assim.”</p> <p>Tens uma Holga? “Agora já só tenho a caixa, a <i>Holga</i> está emprestada. Mas levei-a para a Sérvia.” Tens ali também um cachecol do Benfica. “Tenho, tenho, mas esse foi uma prenda de um amigo meu. Ele veio ver-me e trouxe-me. Mas ia sempre ter um cachecol do Benfica.”</p>
Media/Novas Tecnologias		
Costumas ler jornais/revistas? Quais?		<p>“Sim, online. O Público, leio um jornal desportivo também, para saber do Benfica. Internacionais... tento estar a par dos jornais de cá, do que percebo, normalmente aqueles gratuitos do metro.” “Revistas agora não, lá em Portugal lia a Super Interessante, a Focus, Visão, era vidrado, mas aqui não. Podia mandar vir... podia ler na net também. Mas não... acho que era mais aquela coisa da revista mesmo, semanal, em papel.”</p>
Costumas ver televisão? Que canais/programas?		<p>“Não vejo. Muito de vez em quando lá vejo o telejornal português na net, mas é raro, tipo vi quando rebentou a cena do Egipto, queria perceber. Vejo os jogos de futebol depois.” “Vejo o Benfica. Hoje vou ver o Benfica, normalmente vejo em casa na internet, mas se o streaming estiver mau vou à associação, beber Super Bock (risos)”</p>
Costumas ouvir rádio? Qual?		“Não.”
Que tipo de música ouves?		“Os estilos que eu mais ouço são provavelmente o reggae, o hip hop, o jazz, algum drum n’ bass, música alternativa

	<p>tipo trip-hop. Música portuguesa? Não ouço com muita regularidade... Gosto dos projetos do Manuel Cruz, algumas cenas do Legendary Tiger Man. Não tenho procurado muita coisa nova, mas cada vez que lá vou, a Portugal, como eles lá têm mais acesso, levo sempre o meu disco ou uma <i>pen</i> e trago sempre coisas novas.”</p>
Que sites mais frequentas na Internet?	<p>“O <i>Facebook</i>, o <i>Youtube</i>, os jornais, sites de <i>streaming</i> para ver séries, o meu email, um ou dois blogs tipo o <i>obviousmag</i> que fala de artes em geral, <i>Sapo</i>, o <i>TED</i>.”</p>
Costumas ler? Que tipo de livros?	<p>“Os livros que sempre me deram mais gozo ler, são os livros mais sobre filosofia, aqueles livros em que aprendo alguma coisa, de capítulo em capítulo lá tens uma revelação que te faz pensar de maneira diferente. Não leio só autores portugueses, agora por acaso estou a ler Saramago mas a maneira como ele escreve é difícil. Mas eu raramente compro os livros, normalmente trago-os de casa, ou dão-mos. Ao fim e ao cabo não tenho muita paciência para ler, perco-me!”</p>
Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?	<p>“Vejo filmes em casa quase todos os dias, ou séries! Não tenho um tipo de filme que goste mais, tenho um tipo de filme que não suporto e que não me ponham a ver, que são aqueles filmes idiotas, de carros e <i>tuning</i> e sei lá, aqueles <i>blockbusters</i>. Tudo o que seja Tim Burton estou lá, gosto do Dustin Hoffman, Morgan Friedman, Robert De Niro. Mas ultimamente vejo mais séries e documentários. Os últimos dois que saquei são sobre grafitti, e depois acho piada aquelas conspirações tipo <i>Zeitgeist</i>, é sobre alterações climáticas, um bocado deprimente.”</p>
Utilizas redes sociais para estar em contacto com os	<p>“Sim, já é vício, abro sempre a página do <i>Facebook</i>. Mas não vou propositadamente para matar saudades da família ou dos amigos. Aliás a minha família tenta muito mais</p>

<p>amigos/família?</p> <p>Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?</p>	<p>contactar-me que os meus amigos, e eu sou mau filho, e mau neto, e mau irmão, não é por mal, mas sou desligado!” “Se calhar falo mais regularmente com gente que está cá, é uma coisa mais prática, para combinar coisas mais imediatas. Não é tanto aquela coisa do ‘ah olá como é que estás, que saudades... Depois há amigos com quem falo mais, estejam aqui ou lá.”</p>
<p>Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?</p>	<p>“Houve, essencial hoje em dia! Se fico sem internet fico parvo, não que eu faça nada de extraordinariamente importante na internet, mas se não tiver parece que fico fechado numa jaula. Para saber que a tenho é suficiente, se me apetecer ver um filme ou falar com alguém, saber que posso, e para poder fazer as minhas coisas, ver o meu email, os jornais, o <i>Facebook</i> e alguns sites.” “Sim, utilizo mais do que vivia em Portugal, muito mais, porque eu nunca fui pessoa de computadores, sou um zero à esquerda. Gosto mais de estar com pessoas, e lá tinha sempre alguma coisa para fazer, tinha o meu grupo de amigos, aqui tive de refazer. E então refugias-te um pouco em casa também.”</p>
<p>Outras tecnologias de que faças uso?</p>	<p>“Tenho um <i>Ipod</i>, um telefone que faz chamadas, gostava muito de ter um <i>Iphone</i> porque dá jeito, e é fixe também (risos), mas o email, o <i>Google Maps</i>, os meus colegas têm todos e sabem tudo ao minuto sempre! Dá-me jeito também, por isso, para estar a par do que se passa na escola. Gosto de fotografia, só que não tenho uma boa máquina. Gostava de tirar um curso também.”</p>

B.4.3. Sociabilidades/ Quotidiano Jorge

Sociabilidades/Quotidiano	
<p>Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?</p>	<p>“Muitas das vezes tento pôr esta casa habitável outra vez. Lavo roupa, tento aspirar... Epá e saio, tento estar com os amigos o mais que consigo. De dia é um bocado aleatório, vamos dar uma volta de <i>bike</i>, vamos aqui ou ali, mais no centro, evitamos cafés turísticos, mais na zona do <i>the pijp</i>, <i>nieuwmarkt</i>, mais cafés de holandeses e para holandeses.” “Olha, ultimamente tenho estado em casa a estudar, mas sempre que posso telefono a uns amigos e vamos dar uma volta, vamos beber copos, vamos a algum sítio que ainda não conheçamos aqui na Holanda. Vamos a Volendam, vamos a Edam...” Já conheces muitos sítios? “Ah... aqui na Holanda, nem por isso conheço Den Haag, Roterdão, Utrecht, Volendam, por aí...” Imaginas-te a viver noutra sítio sem ser Amesterdão? “Não, não, não, não, não! Aqui na Holanda não.” E se fosses viver por exemplo para a Alemanha, onde é que gostavas de viver? “Tu sabes a resposta” (risos) E na Inglaterra? “Também sabes a resposta. (risos) São as metrópoles!” E em Espanha? “Aí podes ter dúvidas, mas é Barça. Madrid não, tudo bem Madrid é Espanha, é tortilha, é presunto, mas a cidade em si... é enorme, e não muito bonito.”</p>
<p>Quando saís a que lugares vais? Com quem costumavas ir?</p>	<p>“Olha aqui vou muito, muito mais do que queria, a um bar perto do trabalho, em <i>Albert Cuyp</i>, quando saímos do trabalho. Acabo por sair talvez mais com o pessoal do trabalho por isso. Mas agora também com o pessoal da escola, há holandeses, nepaleses, vietnamitas, indonésios, alemães, dinamarqueses, Senegal, Gana,</p>

	<p>Roménia, Bulgária, Aruba, Trindade e Tobago, Serra Leoa.” E combinam sair juntos? “Pá agora está tudo a apanhar bebedeiras porque foi hoje o último exame, agora é tudo a tirar os nervos de cima.” “Tirando isso, o sítio que eu mais vou é o <i>Sugar Factory</i>, principalmente aos Domingos, porque há o <i>Wicked Jazz Sessions</i>.”</p> <p>Gostas de Jazz, essa t-shirt tem alguma coisa a ver?</p> <p>“Não, isto é do festival que eu fui lá na Sérvia, de trompete, que é brutal! E fui sozinho e foi a melhor coisa que eu fiz até hoje. <i>Sugar Factory</i>, <i>Korsakov</i>, <i>Studio 80</i>... Quando vou ao <i>Studio 80</i> é para ouvir minimal, quando vou ao <i>Sugar Factory</i> é para ouvir jazz, hip hop, groove, jungle, Ah! <i>Winston Kingdom</i> vou lá às segundas para ouvir Drum’n bass. <i>Korsakov</i> vou lá a qualquer dia porque quarta, quinta e sexta tens sempre bom som, seja o que for.” É engraçado, o Cláudio disse-me que não gostava do Korsakov. “Eu curto bué o Korsakov, é muito badalhoco, muito <i>dark</i>, mas eu gosto disso estás a ver? Eu adorei a noite de Berlim porque é tudo assim cru, escuro e aquele aspecto assim meio de garagem. Curto bué essa cena.”</p>
De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?	<p>“Não são maioritariamente portugueses. Há sempre um português em qualquer lado, na escola, no trabalho, mas não, a maioria é de nacionalidades variadas.”</p>
Costumas ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?	<p>“Vou lá de vez em quando ver o futebol, porque também ali...enfim. Eh pá há lá pessoal assim porreirito e tal mas de vez em quando há lá aquelas escaramuças e confusões e pessoal bronco e porrada às vezes. Há lá um gajo, filho de uma outra senhora, que tem ali um atraso mental, só pode. E é doente pelo Sporting, por</p>

	<p>isso cada vez que o Sporting perde para uma equipa que tem pessoas lá a torcer ele fica um bocado maluco e fica a olhar para ti como quem te quer matar, e já o vi ali em preparos um bocado complicados.” “Olha quando vou lá, ou vou sozinho e saio sozinho ou com alguém que conheça. Porque vejo lá portugueses assim da minha idade e tal, só que... epá não sei! Primeiro não sei por que raio hei de ir lá meter conversa ‘és português? Olá eu também sou’, por outro lado também nunca me abordou ‘ah estás sozinho, coitadinho, bebe aqui connosco’, por outro lado também não sinto muita falta, não sinto muita falta.”</p> <p>Mas há assim um núcleo duro que vai lá regularmente não? Como são? “Entro lá normalmente, estão pessoas com o grupo de amigos a conversar, eu se estou com amigos estou com amigos, se estou sozinho estou sozinho, e não há assim, não há grande interação. Mas há um núcleo sim, é pessoal assim da nossa geração, entre os 20 e os 30. Conheço pessoal que já nasceu cá, mas alguns que lá estão vieram depois. Mas esse núcleo não faço ideia quais são as origens deles.” “Mas não vou lá de propósito, se por acaso passar lá, sou capaz de entrar para beber um café, mas não frequento. Não sinto necessidade daquela conexão, por sermos portugueses, termos de ser todos uma grande família e não sei quê.”</p> <p>Identificas-te com os outros portugueses que conheces em Amesterdão? “Eh pá nem por isso, gosto muito deles os dois (Cláudio e Cebola), mas não. Tem a ver com a personalidade deles também, o Cláudio por exemplo quer é estabilidade e de hoje para amanhã pega nele e vai</p>
--	---

	<p>para Penafiel outra vez e acho que isso é perder uma grande oportunidade, a de estar aqui. Eles os dois têm uma vida social muito menos ativa que a minha por exemplo, muito menos. E eu não sou uma pessoa que busque muito, por exemplo portugueses, porque portugueses eu já sei, não sei como é que são mas já sei o que é que me vão dizer estás a ver? Agora, se estiver no meio de um grupo de nepaleses, vou perguntar bué de cenas, porque me interessa, vou ser se calhar muito mais social.” “E depois há aqueles senhores mais velhos na associação, com os quais não me identifico claro, porque são velhos (risos) e porque já cá estão há muitos anos e fazem aqui a mesma vida que fazem em Portugal, têm aquele bocadinho de Portugal ali e pronto, batem as cartinhas e jogam dominó, e bebem macieira. E depois, muito sinceramente tens bué aquele tipo de pessoas que imigram para aqui e que dão má imagem, deles próprios para quem os vê. Tipo estava no <i>DanceValley</i> e estavam dois chavalos um bocado mais à frente, completamente mitras, com uma atitude mesmo foleira, tipo o pessoal ali está a dançar e é normal há encontrões e tal, e eles logo a querer crescer para cima das pessoas e tal e depois estão a segurar uma bandeira de Portugal, estás a perceber? Não quero, não quero ser identificado com esse tipo de gente. Mas eu tento não ser muito... mas depois acabo por ser um bocado preconceituoso com estas pessoas.” “Assim como eu me sinto orgulhoso pelas pessoas que são minhas amigas, e gosto de o ser, que estão aqui a fazer coisas interessantes, ao mesmo tempo consigo ser</p>
--	--

	<p>completamente quase arrogante com pessoas que me causem enfado e que não têm nada para dizer, que são grunhas. E o que eu vejo muito na associação é muita gente grunha, muita gente grunha, às tantas já tenho esta cena na cabeça e nem vou conhecer as pessoas porque já penso que... mas, vejo lá com cada gajo que penso ‘fogo, nunca vou trocar uma palavra contigo porque vais-me matar células do cérebro’, por isso não me interessa.”</p>
<p>Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?</p>	<p>“Ya, algumas coisas, a última que eu fui foi um concerto do meu vizinho italiano, no conservatório. Aqui há dois meses fui ver a exposição de um fotógrafo no <i>FOAM</i>. E vou ver bué cenas da Carla e da Ester e do pessoal da dança. Quando posso vou ver uns concertos também.” “Teatro aqui não, mas em Portugal ia. Vou ver muitas vezes performances de amigas minhas que estudam coreografia, algumas portuguesas, outras espanholas. As portuguesas, a Carla conheci no trabalho, que ela também trabalha lá em part-time, somos super amigos agora. Também conheço um inglês que está a fazer uma ópera no <i>Muziektheater</i> da <i>Waterlooplein</i> que eu gostava de ir ver, mas o bilhete é para cima de 100 euros! Cinema ultimamente não tenho ido tanto.”</p>
<p>Atividades desportivas? Com quem?</p>	<p>“(risos) Oh pá, bicicleta! Não, vou começar agora a andar outra vez.”</p>
<p>Hobbies?</p>	<p>“Gostava de fazer Workshops de fotografia, gosto de fotografia. Também gostaria de tirar o curso de digital <i>vídeo making</i> na <i>SAE</i>. Ao mesmo tempo estou a estudar isto... Mas estou um bocado num dilema outra vez. Apetecia-me por um lado deixar este curso e</p>

	entrar na SAE.”
Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)	“Gostava de fazer Workshops de fotografia, gosto de fotografia. Também gostaria de tirar o curso de digital vídeo making na SAE. Ao mesmo tempo estou a estudar isto... Mas estou um bocado num dilema outra vez. Apetecia-me por um lado deixar este curso e entrar na SAE.”
Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?	“Mais variada, mas menos ativa. Lá ia muito mais a concertos, mas muito mais. O <i>World Press Photo</i> eu nunca perco, nunca perco. Aqui também fui na <i>Oudekerk</i> , não sei se foste, estava brutal. Sim, mas cá tenho acesso a coisas que lá não tinha. Também derivado das pessoas que conheço cá, que são de campos completamente diferentes. Tanto posso ir ver uma performance de dança contemporânea, como posso ir ver o meu amigo a dançar ballet clássico, como posso ir ver este a tocar no conservatório, estás a ver? Lá era mais focado mesmo nos concertos, e pouco mais.”
Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)	“Acho que sim, porque basicamente há muita gente, quase toda a gente é de quase todo o lado. Sim, é a questão multicultural. E quando se começa a falar e como eu sou facilmente impressionável, fico parvo com histórias que me contam e com fotografias que me mostram de paisagens e experiências que tiveram, é bué fixe porque te abre bué os horizontes. Acho que esta cidade te abre bué os horizontes, abre-te bué a cabeça em todos os aspectos. Ao mesmo tempo, é engraçado, fui sair com estes dois amigos na primeira noite em que eles chegaram (amigos de Portugal) e nós encontrámos um amigo meu que não sei o que lhe deu,

	<p>que na noite de fim de ano saiu do armário. E então ele veio sair connosco, e... o que é que eu posso fazer ele gosta de mim, tenta coisas sei lá! E eu sempre fui bué amigo dele e falávamos de tudo, inclusive de mulheres, e de repente dou por mim com aqueles dois meus amigos a fazerem-me uns olhares muito maus, tipo a discriminarem completamente o rapaz. E ele a querer dançar comigo, bêbado, e a dizer que gosta de mim e não sei quê. E é fixe porque se calhar em Portugal, pá, eu não sei como é que lidava com isto em Portugal. Percebes? Porque estás ali naquela situação bué constrangedora... E hoje em dia, já conheço bué de gente que é gay e já estive em festas que quase toda a gente era gay, ou bissexual, e tive que aprender a me comportar, a receber palmadinhas no rabo e cenas assim estás a ver? E hoje em dia aceito perfeitamente, não trato ninguém de maneira diferente, acho que é uma maneira de ver a vida diferente. Desse ponto de vista, e outras coisas, tipo és confrontado com muitos muçulmanos também e já vens com aquela ideia de lá um bocado negativa e depois vês que não é bem assim, embora algumas questões culturais talvez tenham alguma coisa a ver. No geral é tudo boa gente, pessoal que trabalha e que têm uma vida normal, boas pessoas.”</p> <p>Acontece-te aperceberes-te dessas mudanças em ti, quando vais a Portugal ou quando alguém te vem visitar? “Sim claro!”</p>
--	--

B.5.1. Sociografia/ Relação com a origem Isabel

Sociografia	
Nome	Isabel
Idade	26
Género	F
Naturalidade	Torre, Caldas da Rainha. “Eu nasci no campo, nos arredores das Caldas.”
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	“Cresci nas Caldas e saí das Caldas para ir para a Universidade, apesar de haver o curso que eu queria nas Caldas. Logo nessa altura senti necessidade de... Toda a gente ia para Lisboa estudar e eu também queria ir ter com os meus amigos e conhecer novas coisas e fui. Vivi quatro anos em Lisboa enquanto fiz o curso, na zona de Campolide.”
Escolaridade (incluindo locais de formação)	“Andei sempre em escolas públicas, acho que nem há nenhuma escola privada nas Caldas. Andei sempre em escolas públicas, nem sequer considerámos o contrário. A única privada onde estive foi no IADE.” “Estudei no IADE, fiz design gráfico, e na altura comecei a fazer cursos de fotografia e pronto e foi aí que, quando acabei o curso, decidi seguir a fotografia.” “Tenho uma licenciatura em Design gráfico no IADE e uma pós-graduação em fotografia em Londres, na St. Martins College of Art and Design, University of Arts. Em Nova York fiz também diferentes workshops.”
Profissão	Fotógrafa.
Emprego em Portugal	“Enquanto estudei em Portugal não trabalhei, mas logo que saí de Portugal comecei a ter trabalhos, também para experiência pessoal e também para ter dinheiro para pagar as contas. Nem sempre na área da fotografia, a maior parte das vezes com alguma coisa relacionada, trabalhei como designer gráfica em freelance, trabalhei em galerias já duas vezes, assistente de fotógrafo, tem sido tudo assim nessas áreas.”

Tipo de residência em Portugal	“O terreno onde está a minha casa era dos meus avós e bisavós, e então a casa é dos meus pais. Sempre cresci lá, nunca nos mudámos nem nunca se vão mudar (risos), espero eu!” “Em Lisboa vivia numa casa alugada com mais uma amiga, em Campolide.”
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	Quando decidiste ir para Nova York estavas em Lisboa, ou tinha voltado para as Caldas? “Passei uns meses nas Caldas a trabalhar no meu portfólio e nessa altura também candidatei-me ao Royal College of Arts, para fazer mestrado em design gráfico e não fui aceite. E nessa altura tinha grandes esperanças disso, já tinha ido a Londres também uma vez e gostava muito de fazer esse programa. Mas então na altura como não fui aceite os meus pais já tinham planeado ir até Nova York de férias, temos lá família, e eu pensei ‘Bem tenho lá família, para mim é fácil estar lá, portanto...’ E comecei à procura de cursos e de coisas para fazer lá, para passar lá uns meses. Mas portanto passei uns meses nas Caldas ainda embora fosse a Lisboa porque estava a ter aulas de fotografia e tinha lá o apartamento onde fiquei durante o curso ainda. Mas estava mais em casa com os meus pais, a trabalhar mais confortável.”
Naturalidade dos pais	Torre, Caldas da Rainha.
Escolaridade dos pais	“Têm os dois licenciatura, o meu pai é juiz e a minha mãe é professora do ensino secundário.”
Profissão dos pais	Pai juiz, mãe professor do ensino secundário.
Local e tipo de residência dos pais	Torre, Caldas da Rainha. Casa própria na família há gerações.
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	“Tenho uns tios em Nova York, foi um pouco por isso também que lá estive durante uns meses. Na zona de onde os meus pais são naturais também houve muita emigração porque é uma zona rural, portanto temos alguma família afastada que está na Austrália. Mas não me parece que isso tenha propriamente influenciado a minha saída porque era uma imigração muito diferente, por exemplo os meus tios avós que foram para os EUA eram pessoas que praticamente não

	<p>falavam inglês por exemplo. Portanto foram pessoas que se adaptaram à vida fora mas que nunca inteiramente se adaptavam à cultura, estavam sempre muito distantes, sempre muito em contacto com Portugal. E na aldeia da minha avó, por exemplo, houve muita gente que voltou para Portugal, para passarem lá a velhice, outros não voltaram simplesmente por causa dos filhos, porque no fundo nunca, nunca se sentiram assim tanto em casa no estrangeiro. Mas não sinto que isso tenha assim influenciado, tirando em relação a Nova York, não sinto.”</p>
<p>Porque decidiste sair de Portugal?</p>	<p>“Não há uma razão só, há um conjunto de razões. Sempre gostei muito de viajar, sempre viajei muito com os meus pais e depois com o meu primeiro namorado. Fizemos viagens pela Europa e houve vários sítios pelos quais me apaixonei: Londres, Amesterdão... Também já tinha ido a Nova York em criança, não sei, sempre tive aquela vontade de conhecer mais coisas, conhecer pessoas, culturas. Nunca gostei daquele género de viagens que vais a um sítio dois dias e depois segues para outro sítio. Gosto mais de passar um tempo nos sítios. E como tenho família em Nova York, quando acabei o curso quis continuar a minha educação e abrir os horizontes e então decidi ir para lá porque era fácil para mim, tinha sítio para ficar e seria uma despesa menor. Saí com o objectivo de ficar 3 meses, acabei por ficar 7 e depois disso nem sequer voltei a considerar voltar para Portugal. Não é que diga ‘Nunca vou voltar’, mas para já não sinto, de todo, esse impulso.” “E mesmo agora isto da crise, há algumas pessoas que se sentem um bocado forçadas a sair, para mim nunca teve a ver com isso ou com o facto de arranjar ou não trabalho em Portugal. Nem sequer nunca procurei trabalho em Portugal, sempre tive curiosidade de ir para outros sítios. E entretanto a curiosidade tem-se mantido.”</p>

<p>Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?</p>	<p>“Sim, foram eles que me pagaram as viagens para Nova York e me deram dinheiro para lá estar, embora lá tenha trabalhado e ganho algum dinheiro para mim. Depois em Inglaterra eu não queria estar só a depender deles e acabei por ter de trabalhar num restaurante para me sustentar. Depois quando vim para Amesterdão também precisei novamente de ajuda, porque no primeiro estágio recebia só um subsídio de 200 euros e eles davam-me mais algum para o resto das despesas.</p>
<p>Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?</p>	<p>“E como tenho família em Nova York, quando acabei o curso quis continuar a minha educação e abrir os horizontes e então decidi ir para lá porque era fácil para mim, tinha sítio para ficar e seria uma despesa menor. Saí com o objectivo de ficar 3 meses, acabei por ficar 7 e depois disso nem sequer voltei a considerar voltar para Portugal. Não é que diga ‘Nunca vou voltar’, mas para já não sinto, de todo, esse impulso. Então continuei e foi ‘Para onde é que eu quero ir agora? Ah, Londres, sempre tive a pancada de Londres.’ Então fui para Londres, onde estive dois anos e fui à aventura. Não tinha sítio para ficar, não tinha nada, eu e o meu namorado fomos para lá à procura de trabalho. Às tantas estava a ser muito difícil arranjar trabalho na área, tive imensas entrevistas para trabalhar como designer, que é muito mais fácil que encontrar alguma coisa na área da fotografia, mas... Correram bem, mas eles diziam-me sempre que eu era muito criativa. Como eu andava sempre a fazer muitas coisas ao mesmo tempo, diziam-me que eu era muito criativa para o género de trabalho a que estava a candidatar-me. Eles procuram sempre alguém que não vá muito além daquilo, daquele trabalho. Para não se aborrecer não é, porque assim têm mais uma segurança que a pessoa fica na empresa. Eu mostrava colagens, pinturas e fotografias e eles diziam ‘mas vais aborrecer-te aqui!’ e eu respondia que não, mas pronto! E por ser muito criativa tive de ir servir à mesa, trabalhar num restaurante para ir ganhar dinheiro, achei isso o máximo (risos). Não</p>

	<p>consegui mesmo arranjar nada em design gráfico, mas continuei a batalhar e comecei a estudar também e a assistir fotografos e então a partir daí tem sido mesmo só na área das artes.” Em Nova York como é que te sustentavas e como é que pagaste as viagens, foram os teus pais sempre que te ajudaram? “Eles pagaram-me as viagens sim e depois lá arranjei trabalho mas sim, tive a ajuda dos meus pais na altura. Quer dizer eles nunca fizeram muita pressão em eu começar a trabalhar porque era um bocado aquela coisa de continuação de estudos, eu estava ainda a estudar e a perceber o que ia fazer depois ou o que queria fazer. Mas quando lá cheguei consegui arranjar um trabalho e então também já tinha o meu próprio dinheiro mas sempre com as ‘costas quentes’.” E fizeste o quê lá? “Lá trabalhei como designer gráfica, freelance, portanto eu não podia trabalhar por causa dos vistos mas como era um trabalho de freelance eles pagavam-me em dinheiro e tudo por isso foi tranquilo.” Mas tinhas visto de turista era? “Não, eu inicialmente tinha o visto normal, quer dizer não é preciso visto, entras e podes estar lá três meses. E inicialmente era para ficar só três meses mas depois comecei a ver que conseguia arranjar trabalho e estava com curiosidade de ficar lá mais tempo a ver o que dava, ter alguma experiência e então voltei a Portugal uma semana e voltei para lá. E nessa altura deram-me um visto de seis meses, mas eu acabei por não ficar lá o tempo todo, fiquei mais quatro meses. E nessa altura fui então mesmo para trabalhar e trabalhei o tempo todo, trabalhava como designer, assisti uma fotógrafa e também conheci um rapaz que estava a abrir uma galeria e resolvi ajuda-lo no projeto, fizemos o site, reunimos os artistas e fiz duas exposições em Nova York com ele.” E depois porque te decidiste vir embora? “Ah, primeiro o problema dos vistos. Quer dizer, aquilo é muito giro como experiência mas para começar a pensar em viver lá a sério, ter um trabalho mesmo a sério, é muito complicado conseguir maneira de lá ficar. Ainda agora uma prima minha teve o mesmo</p>
--	--

	<p>problema, foi estudar para lá para casa dos meus tios e casou-se com o namorado americano porque era a única maneira de conseguir. E mesmo assim é muito complicado, vai ter que passar agora não sei quantos anos com burocracias... Portanto nesse aspeto não me seduziu muito e também tinha, quer dizer, sempre vi aquilo como uma experiência gira, mas tinha ideia de ir para Londres, nunca tirei isso da cabeça e então nessa altura voltei para Portugal durante um mês e meio, só para preparar as coisas e fui para Londres.”</p>
<p>Porque escolheste Amesterdão?</p>	<p>“Eu vim para cá porque há uma agência de fotografia documentário que eu gosto muito, e que conheci ainda em Nova York e sempre me mantive atenta ao site deles. Reparei que eles tinham um escritório muito pequeno em Amesterdão e perguntei como era de estágios e eles disseram que eu podia candidatar-me e eu candidatei-me, quando acabei a pós-graduação em Londres, e fui escolhida.” Nesse primeiro estágio, em que não recebias, os teus pais também te ajudavam? “Sim, depois em Londres eu consegui trabalho com muito custo, acabei por ir trabalhar para um restaurante, para ganhar dinheiro e depois lá consegui também trabalhos de assistente, nessa altura sustentava-me. E quando acabei o curso candidatei-me a este estágio e quando o consegui comecei a pensar em termos práticos não é, com 200 euros em Amesterdão, é absurdo. E os meus pais nessa altura disseram ‘Ah, é na boa, vai ser uma experiência espetacular para ti, vai, vai, não tenhas problemas, nós ajudamos-te’ e então pronto, davam-me algum dinheiro para me ajudar. Entretanto consegui a bolsa do Inovart.”</p>
<p>Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?</p>	<p>“Sim, muito mesmo. Até agora é a cidade em que eu me sinto mais confortável, tem mais a ver comigo, o estilo de vida principalmente. Andar de bicicleta, o centro é pequenino, em Londres também andava de bicicleta mas muitas vezes tinha de deixar a bicicleta para apanhar transportes, porque era tudo demasiado distante. Também fiz bons amigos aqui, também ajuda, na maioria de outras nacionalidades mas</p>

	também alguns portugueses.”
Há quanto tempo vives em Amesterdão?	Há um ano e dois meses.
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	Não.
Emprego	“Trabalhei primeiro numa agência de fotografia documentário por conta própria” “É a primeira vez que recebo este tipo de apoio, como o Inovart.”
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	Perto da Amstel Station, quarto alugado com mais pessoas na casa.
Com quem habitas?	“Com a Andreia, a brasileira Patrícia que já fazia parte do nosso grupo e às tantas houve uma espanhola que saiu e ela foi para lá, e o rapaz que subaluga o resto da casa que é israelita.”
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	--
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	“Acho que é 2100 euros. O que não é normal, nada. Primeiro os fotógrafos não têm salário fixo, há quem receba bastante com fotografia, mas é sempre mais incerto.”
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê? Se algum dia regressares o que te vês a fazer?	“Em breve não. Porque há tantos sítios que eu quero ir, tantos sítios para conhecer. E às tantas, por acaso este ano tenho notado, tenho tido mais dinheiro e ao viver aqui mais acesso e começo a viajar mais pela Europa, a ir ter com pessoas que fui conhecendo e que ficaram meus amigos e às tantas passo a vida a saltitar de um lado para o outro.” Amigos portugueses? “Não, amigos de outras nacionalidades, nenhum português. Recentemente fui a Londres, a Berlim, a Itália... Não sei tenho, tenho vontade de... por exemplo agora já estou aqui a ficar com bicho carpinteiro, estou a adorar Amesterdão, é uma cidade

	<p>fantástica. Mas também é muito cara para mim, primeiro, muito fria e estou a ficar com vontade de ir para outro sítio. Até porque entretanto apaixonei-me por um italiano, que está a acabar de estudar lá e eu acho que vou passar uns meses com ele a Itália (Modena, perto de Milão), agora quando acabar este contrato e tentar começar o meu projeto de fotografia. Mas antes de me apaixonar tinha pensado fazer uma grande viagem pela América do Sul, sei lá, tantos sítios que eu gostava de ir, a todo o lado! E Portugal está lá, tenho muitas saudades mas não sinto que haja lá assim grande coisa para mim neste momento. Primeiro, ao nível da fotografia é completamente estagnado e a situação económica também não abona nada, mas não é essa a principal razão, sem dúvida nenhuma.” “O mesmo que faria em qualquer sítio. Fotografia.”</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)</p>	<p>“Com os amigos cada vez um pouco mais distante, apesar de ter grandes amigos lá. Sei lá, às tantas também é um bocado aquela cena tipo, não há necessidade de ir sempre falando mas quando nos vemos é como se nos tivéssemos visto no dia anterior. Mas não mantenho contacto regular com os meus amigos de Portugal. Com a família, uma vez por semana falo com os meus pais no skype, não temos a cena de falar muito regularmente mas quando falamos sento-me para falar com eles, conto-lhes as minhas novidades, eles contam-me as deles. Tenho muitos amigos que falam quase todos os dias com os pais mas é mais aquela conversa ‘então tudo bem, como é que tá o tempo, o que é que comeste?’ Mas os meus pais com o tempo têm aprendido a soltar um bocado, a cortar mais um pouco o cordão umbilical.” “Cremes! (risos) Eu uso uns cremes de Aloe que a minha mãe me envia, mas à parte disso nada.” “Eu envio postais quando vou a algum sítio, para os meus pais e para os meus avós. Com os amigos, não sou muito boa a manter contato à distância mas falamos por email e quando nos encontramos é uma festa.”</p>
Quando fazes férias	<p>“Não. Tento sempre ir a Portugal no natal, porque está aqui tão</p>

Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?	perto, não faz sentido também não ir. Antes costumava ir mais no verão também, mas ultimamente tenho optado por ir a outros sítios. Mas tento ir duas, três vezes por ano a Portugal. A última vez que lá estive fiquei duas semanas, foi entre trabalhos, depende da disponibilidade na altura. “
De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?	<p>“Sim, as rotinas alteraram-se, no fundo eu vou lá para ver a família. Vou a Lisboa ver uns amigos normalmente se tenho tempo. Mas a prioridade é mesmo estar com a família, sinto vontade de estar em casa com os meus pais, com os meus cães, com o meu irmão, com os meus avós. Quero estar com eles e devo lhes isso também de alguma forma, estou sempre fora.</p> <p>Mas sim, completamente, eu agora vou lá e sinto-me um bocado estrangeira não é? Como imenso! (risos) Quero comer tudo o que eu não posso comer durante estes meses todos. Mas é descansar, ir à praia, fazer esse género de programinhas mesmo simples, estar em casa. Também tenho uma casa com um jardim grande e é super confortável, gosto mesmo de passar tempo lá.”</p>
Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?	<p>“Dou mais valor sim, sem dúvida. Aliás eu passo a vida a dizer aos meus pais que todos os portugueses deviam ser obrigados a sair um tempinho para apreciarem certas coisas porque de facto há muitas coisas que estão mal, mas aquela tradição do mal dizer e de resmungar, só por nada, não gosto nada dessa atitude. Aprendi a valorizar muito mais as coisas. Tudo! A comida, as pessoas... não sei, coisas simples, a reciclagem por exemplo. Nunca vi, à parte da Alemanha, também nunca viajei muito por países nórdicos, mas nós somos fantásticos ao nível da reciclagem. Aqui quem é que recicla em casa? Quando era mais nova talvez tivesse tendência para aquele discurso do ‘isto é tudo uma porcaria e tudo que vem do estrangeiro é bom’, mas aprende-se muito a dar valor depois de viver cá fora.” Mas de qualquer forma há coisas que não te satisfazem ao ponto de queres voltar, ou é só uma vontade de conhecer outras coisas? “É</p>

	<p>um misto das duas. É claro que isto que se está a passear, apesar de eu saber muito pouco, não leio os jornais portugueses nem nada. Mas falo com os meus pais e eles dizem-me ‘olha, os salários estão a ser cortados’. Mas, não... Estou muito desligada sem dúvida. Tenho tantos projetos para fazer, tanta coisa em que estou envolvida, que acabo por me desligar dessas coisas.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>“Sem dúvida. Não sei, é um conjunto de valores não sei, há coisas difíceis de explicar. Os meus pais dizem-me ‘às vezes pareces um bocado snob, estás sempre a dizer mal dos ingleses e dos holandeses’ e eu digo que eles nunca viveram aqui, se vivessem aqui percebiam, é difícil de explicar. Há um certo conjunto de valores e da maneira de estar portuguesa que eu acho que é extraordinário, sei lá... amigo do seu amigo e aberto também, tu notas aqui as sociedades são muito fechadas, as pessoas são falsas. Em Portugal sinto que as pessoas são mais diretas, se alguma coisa te incomoda tu dizes, não te vais esconder atrás de sorrisos falsos. Mas sim, sinto-me extremamente orgulhosa de ser portuguesa, tenho um galo de Barcelos (risos). É engraçado mas esse género de coisas que uma pessoa nunca liga não é? Alguma vez eu liguei ao galo de Barcelos? Mas às tantas, passado um ano ou dois, estou no aeroporto de Lisboa e ‘olha um galinho de Barcelos, ai isto é tão engraçado, vou levar para mim’ e anda comigo. E vamos para o clube português, por exemplo alguma vez eu em Portugal me ia enfiar num antro daqueles? Aquilo é um antro meu, não tem janelas, não tem respiração, mas por outro lado... Não vou lá muitas vezes mas às vezes juntamo-nos aos rapazes que gostam de lá ir ver o futebol, apesar de eu não ligar a essas coisas. Mas tem piada sei lá, no outro dia comemos castanhas e bebemos vinho, essas coisas.... Sim, mas é uma coisa esporádica, a última vez que eu lá fui foi há meses. Aliás até tinha pensado fazer um trabalho de fotografia lá , que eu acho extremamente interessante aquela comunidade, é de loucos mesmo. Há pessoas que vão para lá todos os dias, aquilo é a</p>

	<p>vida delas, não é? Eles vivem na Holanda, mas vivem ali (risos), é o pequeno Portugal deles. Nesse aspecto acho que a nossa geração é completamente diferente, eles estão completamente agarrados a todos aqueles símbolos, à televisão portuguesa, à cerveja portuguesa, ao bitoque, essas coisas que eles têm lá, sentem essa necessidade. Enquanto que nós... Se calhar também porque foi mais uma escolha não é? Tipo, o pessoal que tem 60/70 anos teve de sair do país porque não teve outra hipótese, ou porque a vida era tão má que... era uma imigração completamente diferente. Mas eu noto uma grande diferença, o pessoal agora que sai é pessoal formado, não é as porteiras... tenho uma amiga minha francesa que diz que tem impressão de que todas as porteiras de Paris são portuguesas, não é? Os portugueses saíram para fazer aqueles trabalhos que ninguém queria fazer. E agora não, os portugueses vêm para aí são investigadores.... o pessoal com quem eu me dou agora são todos cientistas! E é diferente, eu acho que agora somos mais, super curiosos relativamente a tudo. Não sentimos se calhar a falta.... é lógico que há sempre alguém que tem bacalhau e deleitemo-nos com esse género de ementa, mas também se for uma comida asiática ou uma coisa diferente ficamos todos contentes. Somos mais abertos a outras experiências.”</p>
--	---

B.5.2. Cultura material/ Consumos Isabel

Cultura Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	<p>“Q.B., gosto de me sentir confortável, mas não ligo, não sou daquelas pessoas que compra roupa frequentemente. Mas sim, é lógico, quer dizer, se me vestisse toda de amarelo não me ia sentir muito confortável não é? Mas é sempre muito prática. Tens algum estilo em particular? És capaz de dizer sou isto ou sou aquilo ou pela roupa identifico-me mais assim... “Eu tenho uma certa dificuldade em pôr coisas em caixas.” (hum, hum)“Mas não sei, também tenho fases, mas realmente uso muito scarfs, realmente uso muito, estou completamente viciada. Então no Inverno sinto muito... principalmente com coisas assim (referindo-se à roupa que tinha vestida, umas calças largas “étnicas” e uma camisola decotada) tenho de usar uma scarf. Mas de resto... Calças de ganga. Estas calças assim, às vezes também. Casacos de malha, não sei... acho que não tenho assim nenhum estilo específico.”</p>
Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?	<p>“Sim mas... Alterei. Porque também já foram 4 anos.” E achas que a mudança teve a ver com a saída, no sentido de, por exemplo, quando estás aqui ou quando vivias em NY te sentires mais à vontade para vestires coisas que lá não vestias ou teres acesso a coisas que lá não tinhas?</p> <p>“Sim é verdade que em Portugal não me sinto... Em qualquer um dos países em que vivi agora sinto-me muito mais à vontade para vestir qualquer coisa que me apeteça do que em Portugal. No início lembro-me que voltava e</p>

	<p>não... Por exemplo quando comecei a usar este género de calças não me sentia bem com estas calças assim lá. Mas agora acho que não me importa.” Então quando vais lá agora já te vestes como te apetece? “Sim.” Eu agora estive em Lisboa e depois destes meses todos cá também senti, já não estava habituada, às pessoas a olharem para mim. Já não estava habituada a essa sensação. “Sim, uma pessoas aqui está muito mais à vontade.”</p>
<p>Onde costumam comprar roupa e que critérios orientam a escolha?</p>	<p>“Primeiro olho ao preço, não gosto muito de gastar muito dinheiro em roupa. Ah... mas normalmente compro naquelas lojas básicas tipo HeM, Zara e depois complemento tipo com coisas que não se encontram em todo o lado. Tipo, também costumo ir a lojas de segunda mão ou aos mercados. Só que isso também é um pouco limitado, não tens todo o tipo de coisas lá e então uso assim como um complemento também, das outras coisas. Mas normalmente são essas lojas, não tenho paciência para explorar mais. Ah... Tem a ver com o preço, mas também tenho de gostar e é lógico que se gostar muito de uma coisa também dou um pouco mais mas não gosto muito de gastar dinheiro com isso.”</p>
<p>Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).</p>	<p>“Não, não tenho piercings nem tatuagens. Cortes de cabelo também nada de especial... Houve uma altura em que cortei muito curto em Portugal mas tenho mantido, não houve assim nenhuma alteração desde que sai de Portugal.” Em relação a produtos de higiene pessoal, cremes, maquilhagem... Começaste a usar mais quando saíste de Portugal? “Tem sido um bocado o oposto, em Portugal às vezes maquilhava-me um bocado, mas cada vez tenho menos preocupações a esse nível. E também tenho notado que inicialmente quando estava fora, nos sítios</p>

	<p>onde já vivi, que me vestia de forma mais descontraída, não ligava tanto. E quando ia para as Caldas notava assim um certo pudor não sei! (hum, hum) Não usar roupas tão esquisitas, pensar ‘ai a avó e tal’ e agora já não me importo minimamente! (risos) Mas realmente não é uma coisa que uma pessoa note muito mas foi uma coisa que até cheguei a comentar com alguns amigos que me sentia muito mais livre para vestir em casa, no estrangeiro, mas que quando voltava para Caldas vestia as coisas mais normais que tinha. Mas não agora já estou muito mais descontraída. Agora a última vez levei umas calças daquelas indianas à minha avó e ela ‘ai que calças que ela trás!’, achei piada ela tem de opinar sempre.”</p>
Alimentação	
<p>Quando cozinhas que tipo de comida fazes?</p> <p>Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?</p>	<p>“Sopa, que não encontro em mais lado nenhum. Não sei, gosto muito de saladas... Carne mas vermelha não é mais frango ou peru. Mas não é comida tradicional portuguesa, sem dúvida.” “Experimento coisas diferentes, aliás desde que saí tenho descoberto imensas coisas que eu pensava que não gostava e depois provo outra vez e afinal até gosto. Mas tenho aberto imensos horizontes em termos de comida. Em Portugal é sempre um bocado aquele básico e aqui... não sei, experimento mais com vegetais tipo influência asiática, aquelas misturas de vegetais tipo tailandeses e assim.” “Não como muito fora mas quando acontece gosto de comer coisas que não como em casa tipo italiano, também há um etíope que eu gosto muito cá, marroquino, normalmente coisas que não como em casa, mas não vejo assim nenhum padrão... Acabo por ir sempre aos mesmos sítios quando janto fora no fundo. E depois quando estou com o pessoal é mais naquela de comer</p>

	<p>qualquer coisa porque já estávamos a beber e vamos continuar a beber (risos). Aquelas saídas à sexta, as vezes que como fora acabam por ser assim mais por acaso porque normalmente comemos em casa uns dos outros como hoje que vem aí pessoal a casa.” E hoje o que é que vais fazer? “Não vou fazer nada (risos), vem aí um amigo e uma amiga minha vêm cá cozinhar italiano. Ele é italiano e vai fazer um esparguete à carbonara.” E já saíste alguma vez, alguma vez combinaste de propósito ir a um restaurante português? “Não. Quer dizer, só quando há futebol na associação e acabamos por comer lá. Como por exemplo na quarta feira vai haver o Porto-Benfica e o Henrique está a pedir-nos para irmos. Mas eu ainda não decidi se vou. Mas há aquele português aqui perto, o girassol desde o início que há uma conversa de irmos lá mas nunca lá fomos. Mas não tenho assim muita vontade. Em Londres por acaso às vezes ia e até era um pouco um transtorno porque eram quase 40 minutos em transportes mas eles tinham peixe grelhado e era para comer isso que ia lá. Mas aqui não, acho que aos poucos também me fui habituando a não ter essas coisas, quando vou a Portugal aproveito. Até porque aqui não é a mesma coisa, normalmente é assim um bocado farsola a comida.” E tens saudades ou não te faz muita confusão? “Tenho saudades sim, principalmente de peixe, a variedade de peixe, isso acho que é mesmo do que eu tenho mais saudades.”</p>
<p>Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos</p>	<p>“Vinhos às vezes bebo. No supermercado não há. Quer dizer pelo menos eu nunca reparei, nunca encontrei, e às vezes vou àquela loja de vinhos, o Gal n’ Gal e compro lá um vinho português que faz sucesso. Já não me lembro do nome, é Quinta da...” E costumas comprar quando vais</p>

portugueses/ estrangeiros?	jantar com amigos portugueses ou com amigos de outros lugares para lhes mostrar como é? “Sim, sim. Quer dizer eu aqui ando sempre com uma misturada de pessoas, tipo às vezes estão lá portugueses no meio também. Mas quer dizer também não compro assim muitas vezes esse vinho, verdade seja dita, porque dá trabalho e eu sou um bocado preguiçosa nessas coisas (risos). Mas sim, tipo, quando vou a Portugal e tenho mais espaço gosto sempre de trazer algumas coisas, ou mesmo do aeroporto. Guardo sempre um dinheirinho para trazer um bom vinho ou assim. Gosto muito de mostrar às pessoas um pouco dos sabores portugueses.” Mas para além disso não procuras produtos portugueses em Amesterdão? “Não.” Por exemplo, há uma loja de produtos portugueses na Harlemmerstraat... “Fui lá uma vez, mas não, não tenho esse hábito.
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	Mas para além disso não procuras produtos portugueses em Amesterdão? “Não.” Por exemplo, há uma loja de produtos portugueses na Harlemmerstraat... “Fui lá uma vez, mas não, não tenho esse hábito.
Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?	“Não, também não. Não tenho muita paciência para essas coisas (risos).
Casa	
É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	“Sim, sem dúvida.” Porquê? “Porque tenho de me sentir em casa apesar de estar sempre a mudar de quartos e camas, tenho que sentir-me confortável no fundo.” E o que é que te faz sentir confortável? É a disposição dos objetos, são os objetos em si? “Disso despeguei-me um pouco,

	<p>porque não vou andar com tralha atrás. Aliás é impossível não andar mas uma pessoa tenta sempre... portanto aqueles objetos pessoais e importantes para mim, no fundo acabam por estar quase todos em Portugal. Não ando com coisas atrás simplesmente por terem significado. Mas não sei... é sempre diferente, depende do sítio, mas sim a disposição das coisas de modo a sentir-me confortável, ter um espaço bom para trabalhar, as coisas organizadas. E aos poucos vou sempre pondo algumas coisas na parede ou postais ou coisas que me dão não sei..."</p> <p>Achas que talvez um bocadinho inconscientemente... ou seja o teu quarto em Portugal, em casa dos teus pais, continua a estar mais ou menos como estava? Isso dá-te de certa forma... não sei, é um porto seguro, sentires que tens ali aquele espaço com os teus objetos que te dão alguma segurança emocional no sentido de tu poderes andar por fora mas o saberes que esse espaço existe?</p> <p>"Sim, de facto, é sem dúvida um porto seguro não é? O meu quarto mantém-se exatamente como está, também devido ao facto de os meus pais terem uma casa grande e haver muito espaço. Às vezes penso que é um bocado desperdício porque ainda por cima é o maior quarto na casa (risos) mas eles bom, também nunca me disseram nada e... eles também gostam de o manter por isso não querem mudar. Mas sim, de facto de uma maneira bem inconsciente mas não só pelo espaço... Os meus pais sempre me puderam dar ajuda e sinto sempre as costas quentes, quer dizer, se eu tivesse pais que não me pudessem ajudar não sei se eu teria assim tanta liberdade para fazer agora o que estou a fazer. Eles não me estão a dar dinheiro nenhum já há algum tempo mas sei que se</p>
--	---

	<p>alguma coisa acontecer eles estão lá. E em termos de objetos tenho muita tralha em casa dos meus pais, realmente cada vez que eu lá vou é como ir às compras, adoro, encontro coisas que eu já nem me lembrava que tinha (risos) e em vez de ir às compras vou lá e troco, levo coisas que já estou farta e trago coisas que já não usava há bastante tempo e tenho lá muitas das minhas coisas. Em termos de objetos especiais só tenho o xico comigo, (risos) mas é mais uma brincadeira, não tenho assim objetos que eu traga comigo sempre, de valor emocional, tenho as minhas roupas, as minha máquinas, as minhas tralhas, que já me chega bastante em termos de coisas para andar de um lado para o outro (hum, hum). Os computadores e os scanners... ah, portanto tenho essas coisas em casa dos meus pais, tenho lá as minhas memórias todas, as fotos no meu quarto, aquela tradição de adolescente de espalhar fotos por todo o lado, mantive-a lá e às vezes mudo as fotos, ponho fotos novas e sabe-me bem ter lá as minhas memórias de facto, é uma coisa que uma pessoa sente assim um bocado 'ok, não preciso disso de todo', não é assim uma coisa que eu precise de andar para trás e para a frente, mas por outro lado sei que estão lá. Não me imagino por exemplo a deitar aquilo tudo fora, não conseguia.” E a pôr em caixas? Se os teus pais precisassem do quarto? “Ah, isso faço, isso sim. Mas nós também temos um sótão em casa e então eu já fui pondo para lá coisas. Está tudo mais ou menos organizado em caixas. Não sei muito bem para quê, quer dizer nunca olho para aquilo mas... custa-me deitar fora, como tenho espaço. (hum, hum) Mas há lá muitas coisas, por exemplo tenho lá livros espetaculares de fotografia que fui comprando ao longo</p>
--	--

	dos anos e essas coisas penso, um dia que eu tiver uma casa assim mais assente gostava de trazer, não sei bem como mas... (risos) Fazer uma viagem de caravana a Portugal e trazer assim alguma tralha.”
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	(em baixo.)
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	Então posso perguntar-te algumas coisas... “Pois isto não é um muito bom exemplo porque este é um quarto em que eu estou um mês e meio só e tem muito poucas coisas minhas. Quer dizer, tem algumas, mas tem outras que são do meu outro ‘flatmate’ que está agora de viagem. Mas meu é as câmaras, este quadro foi-me dado cá, uma colagem. O polvo foi o meu namorado quando estive cá que me deu.” Quem te deu essa colagem? “Foi no projeto que eu fiz em Amesterdão, em Ruigoord a aldeia hippie, e fiz lá um amigo o Peter. Um artista de colagens que no meu aniversário, que coincidiu com uma exposição que eu fiz lá do meu trabalho, ele ofereceu-me essa colagem. Eu fiquei maravilhada porque gosto muito do trabalho dele e gostei muito da colagem e vou levá-la comigo para Itália. É uma das coisas que quero mesmo levar, porque me faz lembrar os momentos marcantes que vivi em Amesterdão.” O galo de Barcelos, tens ali o galo de Barcelos. “O galo de Barcelos sim (risos), o galo de Barcelos acompanha-me, é o Xico, já veio de Londres.” Trouxeste de lá e tem andado sempre contigo é? “Ah... Este comprei na Alma Lusa uma vez que fui a Portugal, aquela loja do aeroporto, e achei piada porque é muito giro o design, é mesmo perfeito o galo. E sim, achei piada, quer dizer... Quando estava em Portugal, se alguma vez ia comprar uma coisa como um

	<p>galo de Barcelos, é aquele género de coisas que uma pessoa acha piada quando sai. E depois ficou em Londres numa mala que eu deixei lá para aí durante uns quatro meses e quando voltei lá já nem me lembrava dele coitadinho, lá estava. E agora vai andar comigo.” E o que é que... não sei, quando olhas para o galo o que é que representa, o que é que sentes? “Não sei, é simpático, tem um ar simpático (risos). É lógico que, quer dizer... Não é que cada vez que olhe para ele fique a pensar em Portugal mas é uma companhia assim simpática. O Xico... Mas ya também tem a ver com outras coisas, eu lembro-me que a minha mãe, a minha bisavó ofereceu à minha mãe, para o enxoval quando ela se casou, um galo de Barcelos, grande. Não me lembro se era um mealheiro... mas acho que não, acho que era só... e também umas toalhas com galos de Barcelos e não sei quê. E lembro-me que esse galo de Barcelos partiu-se, mas estava lá os caquinhos todos, ficaram guardados e a minha mãe sempre gostou muito dele. A minha bisavó já faleceu há uns bons anos mas tenho muitas saudades dela e acho também que foi uma das razões que me levou a comprar o galo, tipo essa identificação com o galo lá de casa, partido. E pronto, este é mais pequenino para ser transportável.” E o Mac, porque é que tens um Mac e não tens um PC? “Ah, porque sou fotografa e usei PC até ao final da faculdade e depois tinha de comprar um portátil para viajar e decidi comprar um MAC. Foi um grande investimento na altura, mas foi um belíssimo investimento e cada vez que tenho de pegar num PC tenho uma doença de nervos. (risos) É verdade, uma pessoa quando se habitua a este sistema... É difícil de nos habituarmos ao princípio, mas depois... E em termos de</p>
--	---

		fotografia, é muito raro encontrar alguém que não tenha MAC. Normalmente tem melhores ecrãs, tem melhores programas.” Mas tu fazes fotografia analógica, depois scanas para o computador e trabalhas? “sim” (sai para dizer ‘Ciao Giovanni’, a um colega de casa italiano que acabara de chegar) Não há assim mais nenhum objecto que tenhas trazido ou que seja importante para ti? “Não... Tenho ali no armário mas é livros, negativos, nada de especial...”
Media/Novas Tecnologias		
Costumas ler jornais/revistas? Quais?		<p>“Sim. Quer dizer, físicos não. Não compro, vejo na Internet notícias e assim. Tenho fases, há alturas em que ando mais atualizada e outras em que ando menos.” E que jornais é que consultas na Internet, ou revistas? “Ah, normalmente vou à página da BBC, do Público e depois jornais tipo... não é bem jornais é tipo blogs. Por exemplo há um que em vez de ter notícias, as notícias principais são imagens, coisas de fotografia no fundo.” Mas interessas-te mais, ou seja lêes mais o Público ou a BBC, ou tens igual interesse nas notícias sobre Portugal e nas notícias sobre o Mundo? “Tenho mais interesse nas notícias sobre o Mundo, mesmo quando leio o Público aquelas notícias não... algumas nem entendo, sei lá, ministros e isso que eu já nem sei quem são. Ah... mas sim, normalmente mais internacionais.” E que tipo de notícias de Portugal te chamam a atenção então? “Não sei, quer dizer não é assim alguma coisa que tenha... Sei lá... Não sei. A nível político irrita-me um bocado esta história toda do navio a afundar a não sei quê... (hum, hum) ah... mas não sei dizer assim um tipo de notícias que me atraíam particularmente em relação a</p>

	Portugal. Eu acho que normalmente as notícias que vejo mais é as internacionais, as outras vejo assim tipo, nem clico, vejo só os títulos.” E revistas, costumam ler? “Não.”
Costumas ver televisão? Que canais/programas?	Televisão? “Não gosto.”
Costumas ouvir rádio? Qual?	Rádio? “Também não ouço. Quer dizer ouço música, mas rádio não gosto de ouvir. Anúncios e pessoas a falar, irrita-me profundamente.”
Que tipo de música ouves?	<p>“Muito variada. Gosto muito de Jazz... Lá está o meu problema de pôr coisas em caixas... ah... reggae, indie... não sei como é que se chamam essas... (hum, hum) mas, sou muito eclética. Gosto também de música clássica, às vezes, para trabalhar. Bossa Nova... ” Cá em Amesterdão costumam ir a sítios onde podes ouvir esse tipo de música?</p> <p>“Humm, não procuro muito. Quer dizer, normalmente nos bares estou com os amigos na conversa e depois para dançar não me seduz muito aquele estilo de música tipo electro que há para aí (hum, hum) e então desisti um bocado. Tipo quando vou, vou um bocado para estar com o pessoal, mas não gosto desse género de música, aborrece-me.” Mas costumam ir a sítios onde passa música electrónica? “Sim, aqui quase todos os sítios ou clubes passam música electrónica não é?”</p>
Que sites mais frequentas na Internet?	“O meu email e sites de fotografia. Há um blogue do New York Times que se chama Lens, esse vejo quase todos os dias. Tem tipo as atualizações com as notícias em fotografia. Mas são mais esses e depois... ah, sei lá, coisas práticas tipo image banking. Eu também estou sempre a pesquisar para os meus projetos, por isso estou sempre a ver sites diferentes relacionados com o que estou a fazer

	<p>no momento. Agora tenho só andado a ler sobre comunidades e sustentabilidade, esse género assim.” Mas é uma ferramenta então que usas muito também para trabalhar. “Sim, muito mesmo. E o e-mail, o contacto com editores e colegas e tudo isso. Agora é tudo por e-mail. Também estou sempre atenta a sites com informações de residências artísticas e concursos que têm tipo os deadlines e não sei quê.” E sites portugueses para além do Público? “Humm... Não, não.” Sentes que te influenciou, ou seja já falaste do New York Times, sentes que por teres vivido lá tens atenção a ler imprensa de lá? “Hum, hum. Bom esse blog é muito internacional e não há muitos do género. Aliás é mesmo o único que conheço assim diferente na maneira de ter as notícias centradas na fotografia. Mas sim, sempre que eu passo por um sítio acabo por conhecer novas coisas e fico com referencias que às tantas vou perdendo ou lembrando...” (hum, hum)</p>
<p>Costumas ler? Que tipo de livros?</p>	<p>“Sim. Agora estou a ler uns livros um bocado básicos (risos) tipo Rato Mickey em italiano.” Para aprenderes? “Sim. Mas, gosto muito de poesia, gosto muito de peças. Habituei-me a ler os clássicos. O meu irmão tirou literatura inglesa e tem uma coleção brutal de livros em casa. Tem quase uma biblioteca. E então sempre que vou a Portugal vou lá roubar uns livros e devolvo outros. E normalmente são esses que eu leio.” E são todos de autores ingleses? “Normalmente sim.” E em inglês ou português? “Em inglês. Eu gosto sempre de ler o mais aproximado do original.” (hum, hum) Mas costumas ler autores portugueses também? Qual foi ou quando foi o último? “Li este verão Mia Couto. Mas não, de facto não tenho muito o hábito, leio mais ingleses que portugueses. Não</p>

	tenho esse hábito simplesmente por serem portugueses, não sei... também é a tal coisa o armário do meu irmão tem quase só livros estrangeiros.”
Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?	<p>“Não, ao cinema não. Em casa, pouco. Quer dizer, tenho fases, eu em Londres vi imensos, estava sempre a ver filmes, mas cá em Amesterdão nunca vejo. Nunca mesmo.”</p> <p>Porque é que achas que alteraste esse hábito? “Depende do estilo de vida, tipo eu lá em Londres estava assim mais... sozinha. Vivia com o meu namorado, tínhamos mais aqueles serões tipo ver um filminho não sei quê. Aqui estou sempre ali no sofá na conversa, não me tem apetecido parar duas horas, convivo mais. (hum, hum) Mas tipo olha agora por acaso eles estão a combinar na quinta feira ir ver o Biutiful, esse gostava de ir ver até. Mas sem dúvida que deixei, eu em Portugal ia muito ao cinema mas perdi esse hábito também pelo preço. Já não me lembro quanto é que pagava em Portugal mas em Londres era caríssimo e comecei em Londres a ver muitos filmes na net, estava sempre atualizada, mas agora nem sei que filmes é que estão no cinema.”</p> <p>E a veres que tipo de filmes é que te interessam? “Também não sei explicar muito bem mas sei que filmes é que não me interessam. Não gosto de filmes tipo americanizados com muita ação e assim, não gosto desse género de coisas. Gosto de coisas mais alternativas, ah... Também não gosto daqueles filmes estúpidos tipo comédias tolas ou... ya, acho que é assim um cinema mais alternativo, gosto muito também de cinema europeu, conhecer novos autores. Mas é lógico que também há muito bons filmes americanos.”</p>
Utilizas redes sociais para estar em contacto	“Não utilizo diariamente e não tenho escrito muito. Vou lá de vez em quando para ver se está alguém no chat ou

<p>com os amigos/família?</p> <p>Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?</p>	<p>assim. Ultimamente tenho usado o Facebook mais a nível profissional, para divulgar alguma exposição que tenha ou assim, dizer aos meus amigos.” Mas falas mais com os amigos do que com a família então? “Sim, com a família não. O contacto que eu tenho com a família é só com os meus pais e é pelo Skype, às vezes ligo aos meus avós e é isso.” E em relação aos amigos, contactas mais com os de Portugal ou com os de cá, ou de outros lugares onde já viveste? “Com os de Portugal não, muito pouco, cada vez menos aliás. Mas acontece, tipo as pessoas vão-se distanciando ficam muito diferentes. Mas sim, com amigos que conheci, que entretanto também se mudaram para outros sítios e estão por aí algures.”</p>
<p>Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?</p>	<p>Mas é uma ferramenta então que usas muito também para trabalhar. “Sim, muito mesmo. E o e-mail, o contacto com editores e colegas e tudo isso. Agora é tudo por e-mail. Também estou sempre atenta a sites com informações de residências artísticas e concursos que têm tipo os deadlines e não sei quê.” Utilizas mais a Internet do que quando vivias em Portugal? “Sim, acho que sim. Então o e-mail, sem dúvida”</p>
<p>Outras tecnologias de que faças uso?</p>	<p>“Não sei, o telemóvel...” Tens música portátil? “Tenho, mas só uso quando viajo. Não faço assim grande uso de tecnologias.”</p>

B.5.3. Sociabilidades/ Quotidiano Isabel

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumás passar os teus tempos livres em Amesterdão?	<p>“Hum, não são muitos. Mas sim, costumo sair com os amigos ou mesmo ficar aqui por casa como este fim de semana. Estava sem energias para quase nada, e há sempre pessoal que aparece amigos que acabam por ficar para jantar ou... que mais? E o tempo livre também uso muito para trabalhar nos meus projetos. (hum, hum) Trabalho que tem de ser sempre para além do trabalho normal e então ultimamente tenho trabalhado muito no meu tempo livre também, tenho tido pouco. Mas é sempre estar com os amigos, tomar um copo.”</p>
Quando saís a que lugares vais? Com quem costumás ir?	<p>“Kriterion, temos ido bastante, que é um cinema alternativo.” E costumam ir lá só beber uma cerveja?</p> <p>“Começamos lá geralmente, bebemos umas cervejas, depois come-se alguma coisa por ali antes de ir para outro sítio. Ya e há assim alguns bares onde costumamos ir tipo o ‘soundgarden’, mas não gosto muito. Gosto muito de um que há aqui nesta zona que é uma cervejaria onde fazem a cerveja mesmo, é um moinho antigo. Houve uma altura que íamos muito ao Mezrab também, que é um centro cultural onde fazem noites de contos e outras atividades, normalmente relacionadas com o médio oriente. (hum, hum) Gosto muito de Squats, há uma ao pé da Leidseplein que eu gosto muito, apesar de odiar essa área.” Porque é que... Odeias o quê? A Leidseplein? “Sim, porque não gosto de sítios com muita confusão e com muito turismo. Aquilo é muito comercial, cheio de ‘fast food’,</p>

	<p>'fast drinks', fast tudo... e não sei, não gosto, não gosto. Mesmo a maneira como a rua vai (risos), não sei, há ali qualquer coisa que eu tenho ali uma barreira e não gosto mesmo daquilo. Mas sim, cá em Amesterdão outro sítio que eu odeio é a Dam Square, odeio aquilo. Sempre que tenho que ir lá é quase como tirarem-me um dedo. Mas sim tem a ver com isso, o turismo e é chato." Mas esses lugares em Amesterdão, no todo que é a cidade para ti contam muito negativamente? "Não simplesmente evito..." Desde que não vás lá é isso... "Sim. Não me chateio nada." (hum, hum) E estavas a falar dos Squats, o que é que gostas nos Squats, porque é que te sentes lá bem? "Não sei, têm sempre programas interessantes, muito barato, normalmente nem se paga entrada, 99% das vezes. Cerveja barata a 1 euro. Sempre pessoas interessantes, é um sítio que é muito provável encontrares alguém interessante e mesmo os holandeses são (risos) ah... ya, acho que é isso." São quê, são mais dados? "Sim, são mais... Sim, não é um sítio feito para holandeses... não sei. Também não sei se há sítios feitos para holandeses mas... tem muita gente internacional e os holandeses lá são muito open minded (hum, hum) não é aquele tipo normal de holandês, são pessoas mais abertas." E geralmente quando lá vais conheces pessoas novas, gente diferente? "Depende, quer dizer também não estou muito à procura disso ah... Sim, vou lá com amigos e normalmente há sempre si lá, amigos de amigos que não conheço (hum, hum) e que fico a conhecer e às vezes também outro género, outras pessoas que estão lá mas ya, depende."</p>
--	---

<p>De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?</p>	<p>E são maioritariamente portugueses? “Os amigos com que eu vou? Não. Quer dizer há sempre portugueses sim, mas temos espanhóis, italianos, no fundo é assim tudo mais ou menos no mesmo género (risos), gregos! Tem piada...” Porque é que achas que isso é assim? “Não sei... Eu não tenho nenhuma política de expulsar nacionalidades (risos) mas não sei acho que temos mais a ver com um italiano do que com um sueco provavelmente. A maneira de estar, a maneira de viver em sociedade, ya, acho que tem também a ver com isso, a maneira de se divertir, de sair...” “Mas é isso assim, espanhóis, italianos, franceses, também temos alguns holandeses no grupo, búlgaro, depois há as minorias tipo um ou dois búlgaro, brasileiros também, a Patrícia é brasileira.” E foi tudo pessoal que conheste como? “Foi pessoal que eu conheci através de um amigo meu o Rómulo, que depois me apresentou ao grupo de amigos dele que depois acabou por ficar um pouco o meu grupo de amigos. Depois fui conhecendo outras pessoas também mas sim, conheci a maior parte assim.” (entretanto entra no quarto a colega de casa brasileira dizendo que estão a preparar o jantar. A Isabel pergunta se têm tudo ou se é necessário ir ao supermercado. A Patrícia responde que o amigo italiano trouxe ‘pasta daquela da boa, a italiana’ e que já tinha comprado o resto dos ingredientes, se for preciso alguma coisa é vinho.) /(primeira entrevista) “Acho que tenho tantos amigos portugueses, como de outras nacionalidades.” “Foi engraçado, eu andava à procura de um sítio para ficar em Amesterdão enquanto procurava casa e os meus</p>
--	---

	<p>pais falaram com os meus vizinhos da frente nas Caldas e a filha deles tinha uma amiga que viveu cá e eu entrei em contacto com ela não é, sem a conhecer só por e-mail e ela disse: ‘eu tenho um amigo que agora está de férias, mas eu mando-lhe um e-mail e de certeza que podes ficar em casa dele.’ E pronto, eu cheguei e o Rómulo recebeu-me de braços abertos, apresentou-me ao resto do pessoal. Tenho também outro grupo e às tantas eles entreligam-se também um pouco” Mas preferes estar com pessoas de diferentes nacionalidades, evitas portugueses? “É lógico que suscita sempre mais interesse serem pessoas de outras nacionalidade não é? Tens sempre mais curiosidade. Português pronto é um bocado... sabes mais ou menos qual é o background, apesar de poderem ser tão variados não é? Mas, houve uma altura que tinha um pouco essa... esse preconceito, não é? Verdade seja dita. Mas não sei, cheguei ao grupo e às tantas houve algumas pessoas com quem me identifiquei muito, são todos meus amigos mas há uns com que tenho mais proximidade que outros. E é engraçado que o grupinho de portugueses é bastante forte, não sei explicar porquê... mas também é muito variado ao mesmo tempo, também há sempre muitas pessoas de outra nacionalidade. Mas tipo, se tiver que falar de alguma coisa pessoal talvez ... eu também tenho uma grande amiga, que estudou comigo na universidade e que a certa altura também veio para cá morar, então é um bocado difícil para mim dizer, ya se tiver algum problema sério falo com a Andreia. Mas não, tenho a Patrícia também que é brasileira e mora connosco,</p>
--	---

	<p>tenho o Serra que é espanhol, tenho o Henrique, português, acho que são assim as pessoas mais chegadas.” “A Andreia veio cá visitar-me, ela estava em Londres na altura, nós ainda nos cruzámos em Londres dois ou três meses, e não estava a conseguir encontrar nada em Londres em termos de trabalho e decidi enviar alguns e-mails para Amesterdão, apesar de preferir estar em Londres. Quando veio cá de férias, foi à entrevista e conseguiu o trabalho e então mudou-se para cá e procuramos casa juntas.”</p>
<p>Costumas ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>“Lusitanos quando há algum jogo, mas mais pelos meus amigos que eu não ligo nada a futebol. Se fosse o campeonato mundial ou europeu, tipo a equipa Portugal sim, tinha todo o gosto. Agora benficas e sportings e isso não... tipo ‘i couldn’t care less’ mesmo! (risos) Então é só quando há futebol, ou em ocasiões especiais? Não vais regularmente beber um café? “Não.” Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê? “Quer dizer... depende de quais as gerações (risos) se é a geração antiga ou a recente. A recente sim, acho que é pessoal assim também um pouco... (A Patrícia interrompe de novo convidando-me para jantar e continuando a fazer as contas das quantidades necessárias para todos jantarem: ela, eu a Isabel, a Andreia e duas amigas em visita dois amigos italianos) Mas tens impressão que há assim pessoas da nossa geração, da geração nova que frequentam regularmente? “Conheço um caso, portanto deve haver mais. Mas o primo da Andreia, que mora cá desde pequenino está lá sempre. Ele não é da nossa idade mas é um pouco mais velho.” Pois,</p>

	<p>mas está cá desde pequenino... “Sim, mas não é muito normal uma pessoa que está cá desde pequenina estar sempre enfiado nos lusitanos. Eu acho que não é nada normal.” Pois ele já deve ter sido educado lá não é... “Pois mas pronto, ele não tem emprego, é assim muito esquisito. Deve viver aí daquele subsídio tipo de desemprego porque ele não faz nenhum! Vai beber cafés para lá. Portanto também deve haver assim outro género de pessoas mais assim...”</p> <p>Então mas identificas-te... “Sim, porque quando eu vou lá para o futebol também há lá mais pessoal tipo eu, não é? Que vão lá um bocado na brincadeira, tipo eu não vou lá... Não me sabe particularmente bem ir aos Lusitanos (risos)... tipo, o quê? Beber uma Super Bock? Ah, é giro, mas não, não, não é um espaço agradável. Tem piada tipo as personagens, os velhotes lá e não sei quê. Isso tem piada mas não... mas, sim e depois há, é a tal cena há sempre pessoal na mesma onda.”</p> <p>/(primeira entrevista) “E vamos para o clube português, por exemplo alguma vez eu em Portugal me ia enfiar num antro daqueles? Aquilo é um antro meu, não tem janelas, não tem respiração, mas por outro lado... Não vou lá muitas vezes mas às vezes juntamo-nos aos rapazes que gostam de lá ir ver o futebol, apesar de eu não ligar a essas coisas. Mas tem piada sei lá, no outro dia comemos castanhas e bebemos vinho, essas coisas.... Sim, mas é uma coisa esporádica, a última vez que eu lá fui foi há meses. Aliás até tinha pensado fazer um trabalho de fotografia lá , que eu acho extremamente interessante aquela comunidade, é de loucos mesmo. Há pessoas que vão para lá todos os</p>
--	--

	<p>dias, aquilo é a vida delas, não é? Eles vivem na Holanda, mas vivem ali (risos), é o pequeno Portugal deles. Nesse aspecto acho que a nossa geração é completamente diferente, eles estão completamente agarrados a todos aqueles símbolos, à televisão portuguesa, à cerveja portuguesa, ao bitoque, essas coisas que eles têm lá, sentem essa necessidade. Enquanto que nós... Se calhar também porque foi mais uma escolha não é? Tipo, o pessoal que tem 60/70 anos teve de sair do país porque não teve outra hipótese, ou porque a vida era tão má que... era uma imigração completamente diferente. Mas eu noto uma grande diferença, o pessoal agora que sai é pessoal formado, não é as porteiras... tenho uma amiga minha francesa que diz que tem impressão de que todas as porteiras de Paris são portuguesas, não é? Os portugueses saíram para fazer aqueles trabalhos que ninguém queria fazer. E agora não, os portugueses vêm para aí são investigadores.... o pessoal com quem eu me dou agora são todos cientistas! E é diferente, eu acho que agora somos mais, super curiosos relativamente a tudo. Não sentimos se calhar a falta.... é lógico que há sempre alguém que tem bacalhau e deleitemo-nos com esse género de ementa, mas também se for uma comida asiática ou uma coisa diferente ficamos todos contentes. Somos mais abertos a outra experiências.”</p>
<p>Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?</p>	<p>“Museus sim. Normalmente é sempre os museus e que estejam relacionados com fotografia tipo o FOAM, o House Marseille, o Hermitage também gosto muito. Sim, acho que são esses que costumo frequentar.” E</p>

	<p>espetáculos ou palestras? “Não, muito raramente. Não tenho o hábito. Espectáculos porque tento sempre não gastar muito dinheiro com essas coisas. Só se houver assim um artista que eu goste muito e quando vejo espetáculos são assim coisas mais espontâneas, tipo alguém diz ‘ah, vai haver um concerto ali...’, tipo cenas baratuchas.” Mas por exemplo qual foi o último que foste, ou lembraste de algum que tenhas ido? “O último espetáculo que fui... não me lembro qual é que foi.”</p>
<p>Atividades desportivas? Com quem?</p>	<p>“Sim, correr. Sozinha. Vou para os parques, aqui há o Amstel, vou correr para o Amstel.”</p>
<p>Hobbies?</p>	<p>“Fazia yoga também mas entretanto acabaram-se as aulas e eu decidi não comprar mais, que é caro. Mas não tenho assim nenhum... eu gosto sempre de fazer desporto e a corrida acabou por ficar como desporto de eleição porque é grátis (risos) e tem a vantagem de ser ao ar livre, que também me sabe muito bem. (hum, hum) Uma pessoa está sempre enfiada em casa ou no escritório e é bom simplesmente espairecer, apanhar um bocado de frio também sabe bem (risos).”</p>
<p>Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)</p>	<p>Workshops, outras atividades culturais que costumes fazer cá ou que fizeste? “Não cá nunca procurei, em Londres e em Nova York fiz vários workshops. De tipografia, de fotografia e depois ao nível da fotografia fiz também vários tipos. Mas cá não, nunca tentei.”</p>
<p>Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas?</p>	<p>Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Quando eu digo cá pronto, podes pensar também em Londres e Nova York. “Sim, sim. Sem dúvida. Em Portugal eu não tinha grande hábito de ir a museus ou... sim nesse aspecto</p>

<p>Por exemplo?</p>	<p>mudou muito. Mas acho que aqui também há museus que me interessam mais que em Portugal.” Achas que há uma oferta maior cá então? “Sim, sem dúvida. Quer dizer, lá há muitos museus mas é tipo museu do coche, museu do vestido, do azulejo... é giro ir uma vez mas não é uma cena que vá mudando de três em três meses (risos) ou particularmente aliciante.”</p>
<p>Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)</p>	<p>E sentes que o facto de viveres em Amesterdão, ou Londres, ou Itália ou Nova York, pronto o facto de viajares... se são sítios que te ajudam a expressar-te, se há alguma coisa nestes sítios que te inspire, é fácil conhecer pessoas que te inspirem? Ou seja, isto são factores que te levam a procurar esses sítios? “Sim... Ah... Deixa-me pensar. Quer dizer, não é que em Portugal não haja pessoas interessantes, muito pelo contrário, mas sem dúvida que a partir do momento em que saí e comecei a viver noutros sítios, comecei a conhecer mais pessoas parecidas comigo.” Em que sentido? “De estilo de vida também. Eu sempre fui muito curiosa destas coisas de viajar e acho que isto vem tudo muito da minha curiosidade. Tipo eu estou aqui, estou muito bem em Amesterdão, adorei, eh pá mas já estou deserta de passar para outra, de ir para outro país, de conhecer outro sítio. Tipo não me apaixonei, quer dizer apaixono-me sempre um pouco pelos sítios que fiquei e onde estive. Vou ter saudades sem dúvida mas tenho sempre aquela coisa de continuar e de... mas, mas gosto muito. E uma das coisas que me seduziu também bastante é o conhecer pessoas de outros países, de outras culturas. Em Portugal, embora se comece a sentir mais, tipo a última</p>

	<p>vez que fui a Lisboa ouvi falar-se imenso inglês na rua. (hum, hum) E tenho até amigos, por exemplo o Giovanni, que mora connosco, esteve no Porto e adorou. Gostava de passar lá uns tempos. Tenho outro amigo que conheci cá e mudou-se para o Porto, ele é alemão. Nunca me tinha acontecido isso tipo (risos) alguém mudar-se para Portugal? (risos) Ya, ele fez uma viagem pela Europa e escolheu o Porto para ficar. E então está lá, está até a pensar em comprar casa. Mas é isso, sempre me seduziu muito e continua a seduzir, conhecer pessoas diferentes, de backgrounds diferentes. Se for uma pessoas que teve uma vida igual à minha... é mais entusiasmante conhecer alguém que veio do outro lado do mundo e com uma cultura completamente oposta (hum, hum) e eu gosto dessas coisas.” No que é que achas que isso contribui para ti, que contrapartidas é que tiras disso, para além da curiosidade que já disseste? “Quer dizer não vejo assim nada que me adiante assim coisas em particular... Acho que é enriquecedor porque aprendemos sempre com a experiência dos outros, não precisamos de viver alguma coisa para aprender com ela. E é giro ouvir sobre viagens, sobre sítios onde as pessoas estiveram super diferentes e dá vontade de ir também. Mas é isso, é enriquecedor, gosto.”</p>
--	--

B.6.1. Sociografia/ Relação com a origem Bernardo

Sociografia	
Nome	Bernardo
Idade	31
Género	M
Naturalidade	Aveiro.
Irmãos	E és filho único? “Ah, era aí que eu queria chegar! (risos) Não, não sou filho único, tenho uma irmã mais velha, um ano.” E o que é que ela faz? “Tirou licenciatura em desporto no Porto e esteve a dar aula de educação física, depois tirou uma pós graduação de massagista e agora trabalha na câmara e dá aulas ao mesmo tempo.”
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	“Não, até aos 7/8 anos vivi numa terra ao lado de Aveiro. Depois mudámo-nos para o bairro do Liceu em Aveiro e aos 17/18 anos mudámo-nos para a Gafanha da Encarnação. Os meus pais mudaram-se porque eu entretanto entrei para a Universidade e fui para Coimbra. Depois estive em Coimbra durante cerca de quatro anos, estive a estudar na Faculdade de Letras, da Faculdade de Coimbra, tirei História. E depois voltei para casa, foi um momento um pouco complicado, muito complicado...Por causa do regresso. Porque depois de quatro anos fora de casa, aliás cinco, porque antes de ir para Coimbra tinha estado um ano em Viana do Castelo a tirar Turismo. Depois fartei-me de estudar Turismo e fui para Coimbra, quatro anos em Coimbra e voltei para casa e tive problemas com os pais porque é sempre um bocado um choque. Ah espera, não foi nada assim, depois do curso fiz um ano de estágio a dar aulas em Anadia, aulas ao 3º ciclo de história. Depois de ter dado aulas comecei a dar explicações, num centro de explicações, sem contrato, sem nada. Mas também foi complicado porque fizemos um contrato verbal e prometeram-me um salário e pagaram-me outro, que nem sequer deu para pagar as

	<p>despesas da gasolina... e pronto, estive lá dois meses e entretanto encontrei trabalho numa companhia de seguros, estive a trabalhar na Zurique cerca de seis ou sete meses, odiei aquilo. E depois candidatei-me a uma bolsa da universidade de Aveiro chamada reconversão dos licenciados, que era para licenciados que estavam no desemprego e então podiam tirar outra licenciatura em menos anos e eu candidatei-me para o curso Novas Tecnologias da Informação e consegui. E pronto, tirei isso e ao mesmo tempo estava a tirar o mestrado em Coimbra de Sociologia e o tema era Sociedades Nacionais perante os processos de Globalização. Coordenado pelo Boaventura Sousa Santos e pelo João Manuel Pureza, João Riscado Nunes e a Maria Baganha, que entretanto já não está cá... morreu, com cancro do pulmão. E pronto, e não acabei, fiz o primeiro ano e pronto... se calhar agora em Janeiro vou ver o que tenho de fazer para continuar.”</p> <p>Voltas em Janeiro para Portugal? “Em princípio. Em Janeiro quer dizer... em finais de Dezembro.”</p> <p>E na altura em que voltaste a estudar estavas a viver em Aveiro? “Não, estava na Gafanha da Encarnação com os meus pais. Vivi até uma certa altura. Isto é muito, isto é muito... Coitado do Bernardo foi posto fora de casa. O meu pai fartou-se do filho e acho muito bem (risos) e pôs-me fora de casa. E eu fui. Fui viver para o carro. (risos) Não, vivi dentro do meu carro durante dois dias, não foi assim tão mau como isso. Porque foi aquele período complicado não sabia para onde havia de ir viver, não tinha muito dinheiro. E depois...”</p> <p>Mas o que é que aconteceu, ele fartou-se de não estares a trabalhar ou depois... “O meu pai teve um problema, teve uma hérnia, depois teve de deixar de trabalhar, esteve dois anos parado. Para uma pessoa que costumava ter três trabalhos...Porque ele trabalhava num hospital, na Renault e como pescador, tipo hobbie. Tinha três ordenados, dormia para aí quatro, cinco horas por dia, e o resto sempre a trabalhar. E então quando se vê parado em casa começou a alucinar e começou a não me dar espaço nenhum em</p>
--	---

	<p>casa e começou a atrofiar comigo. A discussão foi muito simples, eu queria o computador num sítio e ele queria o computador noutra sítio. Uma coisa completamente estúpida. E acabámos por nos zangar a sério e ele pôs-me fora de casa e eu estive a viver um período muito complicado durante um ano.” E já reataste? “Sim, passado um ano! Isto agora é muito engraçado porque houve muita gente familiares e amigos que tentaram fazer com que nós ficássemos juntos, mas não conseguiram. Mas houve um amigo nosso, que entretanto já morreu também, o Sr. Águas, um senhor de cabelos brancos e olhos azuis, tinha a sua personalidade... gostava muito dele. Lá conseguiu falar comigo e com o meu pai e na véspera de Natal o meu pai mandou-me uma mensagem a dizer ‘Amanhã é Natal, amanhã é dia de natal, era bom que cá viesses jantar com a família. Cumprimentos, pai.’ Uma mensagem (risos) um bocado fria mas pronto... E eu vi a mensagem (suspiro) aceitei o convite e a partir daí ficou tudo bem. Sempre com alguns altos e baixos, mas pronto. Pronto, a partir daí depois consegui acabar o curso, ainda estive a viver fora de casa mais dois meses, até estarmos completamente bem.” Mas alugaste um quarto ou uma casa? “Não, não tinha dinheiro para isso, fiquei em casa de uns amigos meus e eu arrumava-lhes as coisas limpava-lhes as coisas, era assim o nosso acordo. E, e depois disso fiz um estágio, o estágio integrado no curso de Novas Tecnologias da Comunicação, fiz o estágio no cineclube de Avanca a fazer trabalhos de animação, vídeo e websites. E pronto depois acabei por dar um curso de animação no instituto português de juventude e foi a seguir que me candidatei ao Inovcontact e tive a sorte de ir lá para fora.” E foste para onde? “Fui para a Califórnia onde estive nove meses. Estive o primeiro mês em Lisboa, na Cisco Systems e depois fui para a Califórnia, mais oito meses. E foi uma experiência... a nível pessoal deve ter sido melhor que profissional, porque não era, estava a trabalhar numa área que não era exatamente a minha, redes. Mas foi uma oportunidade e</p>
--	---

	<p>experiência única. E pronto depois regressei, propositadamente, ainda podia lá ter ficado mais um ou dois meses mas não fiquei porque queria vir para Portugal para me candidatar a outro programa de estágios internacionais e candidatei-me, consegui uma bolsa aqui para Amesterdão. Agora já vou no segundo estágio aqui em Amesterdão, que consegui através da universidade de Aveiro pelo programa Leonardo da Vinci. O estágio é de seis meses, eles atribuíram-me uma bolsa de cerca de mil euros por mês, é muito pouquinho para Amesterdão.” Então quiseste voltar para cá outra vez? “Sim, agora neste caso fui eu que propus o estágio na mesma empresa em que já estava com o a bolsa anterior.”</p>
Escolaridade (incluindo locais de formação)	<p>Licenciatura em História pela Faculdade de Letras de Coimbra, Licenciatura em Novas Tecnologias da Informação e pós graduação em Sociologia.</p>
Profissão	<p>Várias.</p>
Emprego em Portugal	<p>Estágio como professor de história, explicador, técnico de seguros.</p>
Tipo de residência em Portugal	<p>Casa dos pais.</p>
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	<p>Gafanha da Encarnação. Casa dos pais.</p>
Naturalidade dos pais	<p>Mãe de aldeia perto da Guarda, Pai de aldeia perto de Seia. E como é que foram parar a Aveiro? “Percursos da vida! (risos) Eu não sei muito bem a história, por acaso é um bocado mau, eu não saber, mas sei que os meus pais se conheceram, os meus pais foram ambos enfermeiros. O meu pai tirou o curso na Guarda e a minha mãe em Lisboa e depois mudaram-se os dois para Aveiro e trabalharam mais de trinta e tal anos no Hospital Infante D. Pedro em Aveiro.”</p>
Escolaridade dos pais	<p>Quarta classe antiga e curso de enfermagem.</p>
Profissão dos pais	<p>Enfermeiros.</p>

Local e tipo de residência dos pais	“Os meus pais compraram um casa no bairro do liceu, em Aveiro, e depois quando eu tinha 17/18 anos, ou seja para aí há 11 anos, começaram a construir uma casa na Gafanha da Encarnação.”
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	“Sim.” Sentes que isso de alguma forma contribuiu para a tua vontade de sair também? “Talvez, talvez. Quer dizer não de todos os lados, porque isto é muito complicado lá está, porque eu tenho uns tios que estiveram nos arredores de Paris, aqueles típicos emigrantes que iam para a limpeza e mais não sei o quê e esses... Nunca na vida eu queria ser como esses. Aliás eu nunca fui a casa deles, embora já tenha ido a Paris duas ou três vezes, porque não vale a pena. Não temos nada em comum, não temos conversa nenhuma, zero. Não sei o que poderia falar com eles para além de falar um bocadinho do benfica... E depois eu não consigo inventar assuntos. Esses não me serviram de referência nunca. Mas tenho outro tio que já tem um trabalho mais qualificado, numa empresa de rolos fotográficos, e a mulher cuida dos filhos de diplomáticos, já ganham bastante dinheiro... E eu lembro-me que houve um passeio que fiz com os meus pais de carro e era miúdo mas fiquei super entusiasmado com o facto de ter viajado e passado por imensos países!”
Porque decidiste sair de Portugal?	“Ah isso era um sonho de criança. Quando tinha dois anos pensei logo ‘tenho de sair deste país horrível’. (risos) Não... A partir do momento em que estava no secundário tive aquela vontade de sair de Portugal para conhecer outras coisas, outras culturas e conhecer outros países. Inicialmente não tinha aquela ideia ‘ah quero sair de Portugal para trabalhar’. Não, queria sair para conhecer outras cidades e outros países. Depois, e como tu sabes, a situação económica não está muito favorável em Portugal e então tento por todos os meios sair de Portugal.” Mas isso hoje em dia pesa mais do que a vontade de sair por outras razões? “As duas coisas, as duas coisas. É uma motivação extra o querer sair de Portugal porque gosto de conhecer outros países e ao mesmo tempo quero sair de Portugal para me desenrascar

	<p>na vida, porque em Portugal não consigo, não consigo, não consigo.”</p> <p>Porquê? “Porque não dá, porque em Portugal não há trabalho para mim, se quiser dar aulas de história não posso. Ou melhor, se calhar podia mas era tipo, uns horários muito curtos, no sul, depois no norte, depois no centro, e não é isso que eu quero. Não é que hoje em dia procure aquele trabalho estável porque também já sei que isso é impossível, mas pronto...”</p>
Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?	<p>“Ah... Eu pedi ao meu pai, quando fui para os EUA não precisava porque o ordenado da bolsa era bom, mas houve uma altura em que precisei de comprar um carro e dar entrada de renda para a casa e então tive de pedir algum dinheiro ao meu pai. E agora quando estava à procura de trabalho e já tinha pouco dinheiro, não queria voltar para Portugal e disse-lhe ‘olha eu sinto que aqui ainda tenho oportunidade’ e pedi-lhe para me pagar mais uma renda de casa. O meu pai sabe que se eu voltasse para Portugal ia ser mais complicado e então não se importa nada de me ajudar, é a maneira dele ajudar. Agora ter uma conversa de pai para filho não, esquece... isso é impossível.”</p>
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	EUA.
Porque escolheste Amesterdão?	<p>Então e escolheste os Estados Unidos e Amesterdão ou foi porque os estágios apareceram nesses sítios? “Eles já têm acordos com algumas entidades e então através do processo de matching guiaram-me para estes locais.”</p>
Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?	<p>“Com as escolhas deles? Claro que sim! Porque Silicon Valley é o centro das novas tecnologias em todo o mundo, é brutal, é o topo de qualquer pessoa que esteja ligado às novas tecnologias, aspira ir para Silicon Valley. Por isso, tive uma sorte enorme.” E depois não tentaste ficar lá? “Ah, tentei, tentei casar-me com uma americana (risos) mas não deu... Decidi que era preciso ir com calma porque não ia casar-me</p>

	<p>só pelos papéis, tinha de gostar da pessoa.” E Amesterdão, estás satisfeito, o que é que gostas da cidade, pensas em ficar cá?</p> <p>“Amesterdão é uma super capital europeia, com pessoas completamente de todo o mundo, é uma cidade multicultural, uma cidade muito bonita. A nível económico, na minha área há muita coisa para fazer de certeza absoluta. A única coisa com a qual eu não me sinto muito à vontade é com os holandeses porque acho que são uma cultura muito fechada e não se misturam muito com outras nacionalidades. Se tiver oportunidade de ficar cá, terei de ficar porque está na altura de trabalhar e fazer dinheiro e progredir. Mas se não, como tenho o privilégio de ser Europeu, posso trabalhar noutro lado qualquer.” Se fosses para outro país para onde gostavas de ir?</p> <p>“Gostava de ir para Berlim, Alemanha, já estive lá um mês...” Porquê?</p> <p>Porquê Berlim e não Dusseldorf? “(risos) Berlim é uma cidade fenomenal, a nível cultural estão sempre a acontecer coisas novas. Esse é o primeiro aspecto, segundo aspecto acho que as pessoas são muito mais acessíveis e simpáticas que os holandeses. Terceiro ponto, é uma cidade muito mais barata que Amesterdão e que outras capitais europeias.” Mas vais tentar procurar cá primeiro? “Vou enviar para todo do lado, para Amesterdão, para Berlim e ainda não desisti de regressar aos EUA, mais concretamente Washington D.C., onde eu gostaria mesmo de trabalhar.” Porquê? “Não sei, é uma cidade especial. Tem lá o meu melhor amigo mas não é só por isso. Mas estive lá três vezes e nessas três vezes foram experiências magníficas, principalmente o convívio com as pessoas. É isso que me motiva a voltar.”</p>
Há quanto tempo vives em Amesterdão?	Dois anos.
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	Não.
Emprego	“Bem, aqui estou a trabalhar numa fundação chamada Caribbean

	<p>Creativity, uma fundação holandesa que se preocupa com o cinema menos conhecido feito nas ilhas das caraíbas, como a Jamaica. E então, esta fundação preocupa-se essencialmente com arranjar fundos para financiar os filmes na Jamaica e realiza eventos culturais em Amesterdão e em toda a Holanda. Tudo o que tenha a ver com a Jamaica e outros países das Caraíbas.” E gostas de estar ligado a uma associação desse género? “Gosto, gosto, porque era exatamente sobre isso que incidia o meu trabalho teórico no primeiro ano de mestrado, era sobre o outro cinema, o outro tipo de cinema. Onde eu fiz uma crítica ao cinema hegemónico de Hollywood e preocupei-me em saber o que acontecia ao outro cinema. Falei sobre a decadência do cinema europeu, o cinema africano...”</p>
<p>Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?</p>	<p>“No De Pijp. Não escolhi, não escolhi porque isto aqui é impossível escolher. É complicado arranjar casa em Amesterdão.” Mas achas que tiveste sorte em arranjar casa nessa zona? “Acho que sim, é uma zona também que ainda não conheço muito bem, estou aqui há duas semanas.” Onde é que estavas antes então? “Primeiro estive na melhor zona de Amesterdão, estive a viver mesmo no centro, em Herengracht, que dizem que é o sonho de qualquer holandês, viver lá. Pronto, eu vivi o sonho de um holandês (risos) apesar de não ter sentido. Não, senti um bocadinho claro, a casa era espetacular. Vivi com mais dois portugueses que também estavam integrados no programa de estágios.” E gostas do novo bairro? “Gosto, é uma zona engraçada. Penso que é considerada uma zona dos meninos ricos de Amesterdão, mas pronto existem várias zonas dentro do bairro e penso que onde moro é mais perto dos turcos.”</p>
<p>Com quem habitas?</p>	<p>“Neste momento vivo com uma rapariga do Canadá e ela está à procura de trabalho.”</p>
<p>Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?</p>	<p>--</p>

Qual é o teu/vosso rendimento médio?	“Cerca de mil euros por mês.”
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê? Se algum dia regressares o que te vêes a fazer?	<p>“Não. Porque Portugal deve ser o melhor sítio do mundo para viver, mas não para trabalhar. E como eu preciso de trabalhar, não posso pensar em voltar para Portugal. Só para ver a família e os amigos.” Só pela questão económica então? “Sim, penso que quem tem um bocadinho mais de ambição não pensa em voltar a Portugal. Pelo menos na minha área, porque na minha área eu penso que era fácil arranjar um trabalhito lá, mas lá está, é mesmo um trabalhito. Tipo ganhar quinhentos ou seiscentos euros por mês e eu não quero isso.”</p> <p>“Se eu tivesse uma boa relação com os meus pais também era diferente, eu em casa deles tenho excelentes condições, o meu quarto lá é maior que a casa onde vivo aqui... Mas eu acho que é melhor nem pensar nisso, porque depois também há outras razões pessoais, eu mesmo que conseguisse arranjar lá um bom emprego em Aveiro, mesmo que ganhasse mil e tal euros eu não voltaria para Portugal, eu sei que me ia sentir frustrado lá.” Então mas assim estás a contradizer-te, primeiro disste que a questão económica era a principal razão pela qual não voltarias... “Não, não, mas é tudo junto Vanessa! É tudo junto. Mas mesmo que eu tivesse trabalho eu não ia.” Mas por causa da questão do relacionamento com os teus pais então? “Não, não, porque aí isso já não se punha, se eu ganhasse bem não precisava de viver com eles, mas pela questão de que lá eu não tenho isto, eu não tenho isto tudo (referindo-se ao ambiente movimentado do lugar onde estávamos). E isto faz-me falta, a nível de mentalidades, a maneira de pensar. Não é estar de costas voltadas para Portugal, mas quero mais e não quero estar num ambiente que cada vez me diz menos. É isto, é estar aqui em Amesterdão, estar no centro da Europa, lá falta-me este ambiente todo. As pessoas em</p>

	<p>Portugal são um bocado invejosas, sempre a dizer mal uns dos outros... Não dá para explicar, mas eu não me estou a ver a viver em Portugal nos próximos tempos. Em cidade nenhuma, Coimbra, Aveiro, são cidades monótonas, são uma seca. Tenho saudades de ir lá, mas são cinco dias e depois preciso disto outra vez. Não é estar no meio dos holandeses propriamente, mas é o conjunto turcos, marroquinos, holandeses, americanos, franceses, italianos, espanhóis, tudo junto. Isso faz-me falta e acho que ganhei isso quando fui para os EUA estás a perceber? Porque eu acho que é assim que as sociedades deviam ser.” Portanto o aeroporto ter poucas casa de banho também tem a ver com não queres voltar para Portugal? “É assim, Portugal é um país (risos) engraçado. Há falhas, e essas falhas às vezes enervam-me um bocado. Eu tinha dado esse exemplo porque achei, fiquei um bocado triste por ver uma fila de umas trinta pessoas à espera para irem à casa de banho no aeroporto de Lisboa. Claro que isso incomoda um bocado, incomodo-me no sentido em que sou sensível a isso e achei aquilo uma parvoíce, como é que se pode gastar tanto dinheiro numas coisas e depois não se fazem mais duas ou três casas de banho? Mas existem coisas em Portugal que são completamente inadmissíveis e eu não concordo. A nível político, a nível económico, a nível social. A nível de justiça as coisas não estão bem.” Se algum dia regressares o que te vês a fazer? “Não sei, não sei bem. Depois da experiência que tenho adquirido... Não sei, neste momento nem consigo pensar muito bem nisso, ainda por cima nesta altura, não tenho vontade nenhuma. É que nem sequer penso nisso, não consigo mesmo pensar nisso.”</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias</p>	<p>“Utilizo a Internet, especialmente através do Skype e redes sociais como o Facebook. Com os meus amigos costumo talvez uma vez por semana no Facebook ou Skype. Ultimamente tenho falado mais no Skype com a minha irmã porque fui tio há pouco tempo e tenho estado mais em contacto com a família.” E que tipo de coisas é que</p>

de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)	costumam falar? “Às vezes coisas banais, coisas banais quer dizer, falamos de futebol se houve algum jogo. E depois conversas um bocado mais sérias tipo ‘O que é que andas a fazer? Já arranjaste trabalho? Já saíste de casa dos teus pais?’” O que é que lhes costumam contar da tua experiência? “Eu tento convencer amigos meus que tenham um bocadinho mais de ambição a sair de Aveiro, porque tenho muitos amigos meus que se queixam muito, mas também não fazem muito para sair das situações.”
Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?	“Ah, não... Quer dizer eu agora também não penso muito em férias. Nos últimos três anos estive sempre a trabalhar em horários flexíveis e então não sinto necessidade de fazer férias, posso fazer tudo aquilo que quero. Nunca viajei tanto na minha vida, nos últimos três anos, andei sempre de um lado para o outro. E por isso nem sequer tenho necessidade. Sim mas tenho andado por aí, o ano passado fui à República Checa, fui a Copenhaga por três, quatro dias.” Mas tentas ir a outros sítios? Quando tens nem que seja um fim de semana preferes ir a outros sítios ou a Portugal? “Prefiro conhecer um sítio diferente claro.” Quantas vezes por ano e durante quanto tempo é que vais a Portugal? “É assim essa pergunta devia ser mais direcionada para aqueles emigrantes que já estão aí há dez, quinze anos fora de Portugal. Eu estou há três anos, e por isso...” Mas achas que é o tempo que te diferencia desses imigrantes? “Ai claro que sim! E aliás o meu trabalho são estágios, não é aquele trabalho... Não é aquele trabalho já fixo, estável.” Então mas achas que se estivesses, imaginemos, a fazer estágios há quinze anos tinhas mais vontade de ir lá? “Não sei, lá está não sei. Se... Não sei. Neste momento estou bem aqui, sou independente. Gosto de ir a Portugal ver a minha família e os meus amigos e regressar e acho que conseguiria fazer isto toda a minha vida.” Vais lá no Natal? “Vou, vou porque gosto do Natal. É aquela coisa da família, estamos juntos.”
De que forma passas as	Sei lá, por exemplo, por aqui teres acesso a diferentes e talvez mais

<p>férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?</p>	<p>ofertas culturais, depois quando lá vais procuras isso também? “Ah... Alguma coisa, mas não tanto. Não tanto, é interessante. Porque também quando regresso a Portugal costumo estar essencialmente em Aveiro, às vezes Coimbra ou Porto. Lisboa raramente. E então costumo ir de vez em quando ao teatro Aveirense, onde existe um espaço de cinema alternativo e costumo ir ver alguns filmes de vez em quando.” Mas vais mais agora depois de teres estado fora, ou é a mesma coisa? “Não, é a mesma coisa, é a mesma coisa.”</p>
<p>Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?</p>	<p>“Sinto-me mais afastado e mais crítico. Há sempre coisas... é assim mais afastado... Ainda há uns dias atrás houve aqui um bailarico e é engraçado ir aqui ao clube dos portugueses aqui em Amesterdão, estar um bocadinho com os portugueses, ouvir um bocadinho música portuguesa, ouvir a língua, porque a língua é sempre importante e é algo que une os portugueses. Os portugueses quando estão dentro parece que se criticam uns aos outros, quando estão fora parece que são um bocadinho mais unidos, apesar de que isso não é totalmente verdade porque eu sei que os emigrantes muitas vezes têm problemas uns com os outros. E já ouvi, aqui no clube dos portugueses, muitos deles a criticarem-se uns aos outros. Mas sinto-me um bocado afastado, afastado só porque quero mais, só isso.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>“É assim eu não vou renunciar a minha identidade, não vou renunciar a minha pátria, não vou dizer que não gosto de Portugal. Não vou dizer mal do meu país mas, para trabalhar não dá.” Não, não tem a ver com isso, mais no sentido de se tu no dia a dia te pensas enquanto português em primeiro lugar, ou enquanto outra coisa qualquer em primeiro lugar. “Acho que é como outra coisa qualquer em primeiro lugar. Quer dizer, até posso sentir isso de forma inconsciente e não esteja a ver neste momento. Claro que há coisas... Se calhar só pelo facto de ir tomar aquele cafezinho ali, isso já faz parte da identidade portuguesa, ou o ver um jogo de futebol, ou querer comer um caldo verde, ou um bacalhau, se calhar também faz</p>

	parte. Mas pronto, são pequenas coisas e eu não, não... Acho que a vida é muito mais do que isso.”
--	--

B.6.2. Cultura material/ Consumos Bernardo

Cultura	
Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	<p>“Aqui em Amesterdão? (hum, hum) Não ligo muito.” Mas porque é que disseste aqui em Amesterdão? Olhas para isso de maneira diferente noutros sítios? “Acho que se calhar se fosse noutro local ligava mais, mas aqui as pessoas andam mais descontraídas, quer dizer os estrangeiros andam mais descontraídos, os holandeses nem por isso. Andam sempre muito bem vestidos e... Eu não ando assim muito bem vestido.” Mas se fosse noutro lugar qual? Em Portugal? “Se fosse em Portugal... Não eu ando quase sempre com a mesma roupa, calças de ganga, sapatilhas, ou sapatos, camisa, uma t-shirt, camisola. Estando aqui ou em Portugal. Quando estava nos EUA era um pouco diferente, na Califórnia, quando saía levava blazer em vez de casaco. Como toda a gente vestia-se assim tipo... sei lá eu tentava vestir-me de uma maneira mais fancy talvez. Aqui usei meia dúzia de vezes, para festas ou assim. Mas como o tempo também é mais esquisito, como é frio, preocupo-me não tanto com a aparência, mas com o conforto.” Pronto ok, mas de qualquer forma, tens um blusão de cabedal e não tens um</p>

	<p>blusão de penas, porquê? O blusão de penas é mais quente. “Sim, mas eu não tenho um blusão de penas.” Sim, mas podias ter comprado um blusão de penas em vez de comprares esse. Não é uma questão de estilo, é isso que eu estou a tentar dizer. “Sim, mas este eu comprei há um ou dois anos aqui em Amesterdão e sei lá, gosto dele. Por acaso é das poucas coisas que ligo mais, é o casaco de pele. De resto não...” Mas porquê, porque é que gostas do casaco? “É um... não sei, é uma questão estética.” Achas que ficas parecido como Jim Morrison? “Sim, é exatamente isso. (irónico) Não, é uma questão visual mesmo, o casaco não tem a ver com o conforto, por acaso isso é verdade. Porque tenho um casaco em casa que é muito mais quente mas...sei lá sinto-me mais sexy com este casaco, gosto mais de andar com este casaco. É que só tenho estes dois casacos e o outro também está cheio de nódoas e utilizo-o só quando está mesmo, mesmo muito frio.”</p>
<p>Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?</p>	<p>“Sim, eu quando saí de Portugal comecei a vestir-me um bocadinho diferente, nos EUA. E depois em Amesterdão. Quer dizer parece que me estou a contradizer mas não sei, eu sempre tento andar de forma mais ou menos descontraída.” Mas o que é que mudaste quando saíste de lá? “Sei lá, talvez uma maior preocupação com a aparência. Quer dizer, eu pareço um cigano (risos) não tenho grande preocupação. Não, sei lá Vanessa... não ligo muito, de uma maneira geral. E estou, estou um bocado surpreendido com as perguntas, são muito difíceis. (Sente-se que não está à vontade.) Não passo muito tempo a olhar para o espelho.” Pronto, mas o que eu queria explorar era se os sítios por onde passaste, a cidade onde vives te levou a</p>

	<p>identificares-te com algum estilo qualquer diferente... “O casaco de cabedal acho que sim. Quando cheguei toda a gente andava com estes casacos cá e eu gostava de ver as pessoas com esse casaco e se calhar fui influenciado por isso.”</p>
<p>Onde costumavas comprar roupa e que critérios orientam a escolha?</p>	<p>“Compro roupa em qualquer sítio, normalmente nas feiras tipo, roupa em segunda mão, não sei. O que for mais barato, não ligo nada às marcas. Quando estive na Califórnia comprei muita coisa de marca porque era tudo muito barato. Nunca tinha comprado roupa de marca na minha vida, porque não ligava, e depois cheguei lá e foi Levi’s, Hugo Boss... Mas não ligo, não me interessa absolutamente nada. E aliás, a prova é que aqui em Amesterdão cheguei a comprar alguma roupa nas feiras e era tudo super barato.”</p>
<p>Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).</p>	<p>“Nada...”</p>
<p>Alimentação</p>	
<p>Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer</p>	<p>“Faço muitas vezes... Sei lá, não sei se é considerada comida portuguesa, mas faço arroz, batatas. Normalmente faço arroz com carne ou peixe, tipo aqueles douradinhos. Ou então, massa também, com carne.” Quando comes fora que tipo de comida procuras? Vais por exemplo aos restaurantes portugueses? Ou tens curiosidade em procurar restaurantes de outros países? “Sim, tento ir a restaurantes de diferentes países. O ano passado, porque o poder de compra era maior. Agora hoje em dia nem sequer</p>

o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	vou comer fora.” Mas então no ano passado ias onde? “Sei lá, fui a tantos, ia desde comida italiana, chinês, paquistanês, turco, etíope, tudo!” Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos? “Nem por isso, de uma maneira geral gosto de comer aquelas comidas normais, tipo um arroz com carne, sopa. Mas sopa por acaso não tenho feito, nos EUA fazia, em Portugal não faço porque não cozinho, os meus pais cozinham para mim. E aqui não faço, compro já feita.”
Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?	Mas procuras propositadamente fazer aquele tipo de comidas que identificas com Portugal? “Sim, um bocadinho.” E beber vinhos portugueses? “Sim, de vez em quando, quando compro.” Em que ocasiões? Regularmente? “Não, não regularmente. Eu normalmente nem bebo vinho sozinho à refeição.” Costumas, por exemplo quando tens um jantar com amigos que não são portugueses, fazes comida portuguesa ou compras um vinho português... “Compro mais... quer dizer, isso não aconteceu muitas vezes. Mas quando eu fiz alguns jantares até na última casa onde estive, quando foi lá um colega meu holandês visitar-me tive a preocupação de comprar um vinho português. Mas normalmente não tenho essa preocupação.”
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	“Nem por isso. Isso também varia conforme as circunstâncias. Quando estava a viver na Herengracht, como tinha lá ao pé um supermercado português, de produtos portugueses, de vez em quando ia lá comprar um pastel de nata, Nestum, Cerelac, mas de resto não vou de propósito a uma casa de produtos portugueses fazer as minhas compras.”
Procuras produtos	“Não, eu não vou de propósito a nenhuma loja fazer as

<p>“diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?</p>	<p>minhas compras. É onde calha, é mesmo onde calha.” Não tens essas curiosidade, como aqui há oferta de produtos de muitos países, coisas assim diferentes, de ir procurar esse tipo de coisas? “Não, nesta altura não. Foco-me mais, as minhas atenções estão mais viradas agora para outras coisas. É assim, nunca me preocupei muito porque ganhava tanto dinheiro o ano passado que nem me preocupava, não via preços quando ia ao supermercado, trazia qualquer coisa. Agora vou muito mais ao mercado. Mas não ligava de onde os produtos vinham.”</p>
Casa	
<p>É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?</p>	<p>“O sítio, quer dizer o quarto?” O quarto, a casa, depende dos sítios onde tens vivido. “Nada. Não, neste... Aliás como eu agora parece que ando de casa em casa... Nem sequer tenho tempo de personalizar nada. Tenho só duas mochilas, o meu computador. E pronto, são as preocupações que tenho. Não tenho necessidade de ter as coisinhas todas à minha maneira. Porque como sei que a minha vida está um bocado instável aqui, parece que isto é um bocado temporário não sei... Não tenho aquela necessidade. Se calhar vou, um dia, quando estiver um bocado mais estável. Aí se calhar já vou ter mais necessidade de ter as coisas à minha maneira.” Mas quando estiveste noutras casas onde estivestes mais tempo.... “Também não ligava nada, não, não ligava absolutamente nada.” (hum, hum)</p>
<p>Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?</p>	<p>“Objetos simbólicos? Não trouxe absolutamente nada.” O que é que trouxeste? Roupa? “Trouxe roupa, o computador e a máquina fotográfica.” Mais nada? Livros? “Desta vez trouxe livros em pdf só. Da outra vez trazia livros, trazia sempre quatro, cinco livros técnicos e depois</p>

	<p>cheguei à conclusão que tudo o que estava nos livros conseguis ver na Internet, por isso deixei de os trazer. Se pudesse trazer, trazia a minha guitarra. É a única coisa. Mas não trago porque é um instrumento difícil de transportar.” Nem uma fotografia... um objeto por mais mínimo que seja, nada... “Sou pouco materialista, não quero saber disso para nada. A minha vida é uma passagem, estamos aqui de passagem, não vale a pena apegarmo-nos às coisas.” Mas é mesmo assim ou estás a brincar? “Não sei, isto é mesmo daquelas frases feitas, só que eu à medida que... há uns anos atrás comprava uma data de coisas. Tanto que o meu quarto em Portugal tem uma data de tralha.” Tipo o quê? “Tem centenas de DVD’s, CD’s, livros. Tenho tanta coisa, tanta tralha! Uma coleção de Smashing Pumpkins que eu demorei muito tempo a fazer e está lá tudo. São coisas que tipo... Se calhar uma pessoa que entra no meu quarto lá diz: ‘ai que materialista!’ mas o tempo passa e se calhar foi a partir do momento que fui para o estrangeiro, comecei a ser como o caracol, tenho só o indispensável comigo e o resto está na casa dos meus pais. Sou muito pouco materialista hoje em dia.” Mas sentes que o facto de teres lá o teu quarto, com as tuas coisas, e saberes que está lá como sempre esteve, te dá alguma segurança emocional? “Acho que sim, sem dúvida! Apesar de... Quer dizer sim! É mais ou menos isso, uma segurança emocional... Não sei se esse é o termo correto. Eu sei que estão lá, só que muitas das vezes quando vou a Portugal o quarto é o último sítio onde eu vou. Aliás eu quando vim dos EUA demorei uma semana até ir para o meu quarto. Uma semana! A casa é enorme e então eu dormia na sala. Aliás, normalmente acontece isso,</p>
--	--

	<p>quando vou a casa, passo mais tempo fora do quarto, estou sempre fora. Vou para Aveiro. E... acho que durmo mais na sala do que no quarto. Pronto, eu sei que aquele espaço é meu, está ali, só que não... parece que não lhe dou valor nenhum. É tipo um santuário de filmes e essas coisas.” Mas considerarias ele desaparecer? Imagina que agora a tua mãe dizia ‘olha eu vou meter as cenas todas em caixas porque preciso do quarto’, como é que tu encaravas isso, bem? “Não. Triste, desapontado. Completamente chateado com os meus pais, já houve problemas por causa disso. Tipo cheguei a casa e umas coisas estavam fora do sítio, algumas estavam em pacotes não sei quê... Houve stresses, houve problemas e acho que foi a partir daí que comecei a ser mais desapegado? É isso? Sinto já que aquilo não é meu e senti assim uma revolta também. É um bocado triste. Se calhar é isso! Não sei bem, mas deve ser porque antes tinha aquilo tudo organizadinho e depois a minha irmã ia lá buscar uns DVD’s e depois emprestava a umas amigas e depois nunca mais apareciam e depois ninguém respeitava, ninguém queria saber, e isso... fiquei, fiquei muito magoado na altura e houve fortes discussões. Eu fiquei um bocado chocado, fiquei magoado por não terem respeitado o meu espaço. E as coisas estavam completamente alteradas e eu lembro-me de ter perguntado ‘Mas porque é que alteraram isto se ninguém sequer está no meu quarto, se ninguém vem para aqui dormir?’ E pronto os meus pais era aquela coisa, gostavam de mexer nas minhas coisas só para, sei lá, porque não têm mais nada para fazer, porque são pais não é? Tento não ligar, custa, magoa, fico danado, mas cada vez tento ligar menos. E por isso é que... Não sei, tenho</p>
--	---

	esse santuário lá de coisas mas nem sequer tenho vontade de voltar.” (hum, hum)
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	<p>E o teu computador, é muito importante? “É, deve ser o mais importante. Infelizmente. Porque hoje em dia vivemos neste mundo que gira todo à volta das novas tecnologias, internet e emails e facebooks e parece, sei lá... Parece que se ficarmos em computador durante umas horas, às vezes, é logo um drama, parece que temos de estar sempre em contacto uns com os outros. Em contacto neste mundo virtual, que é uma treta, mas pronto. Mas sim, o computador é muito importante. Passo quase o dia todo em frente dele.” Mas os objetos virtuais que estão dentro do computador são muito importantes para ti?</p> <p>Tipo, as fotografias, tens pastas especiais, ou tens...</p> <p>“Tenho. As fotografias é algo que... eu tenho tirado muitas fotografias, nestes últimos anos em que tenho estado fora, tenho viajado. E isso não ponho hipótese de perder, não posso perder. Aliás nem estão no computador, estão em discos externos e tenho vários discos externos onde possa guardar isso tudo. Porque sei lá... Parece que faz parte de um percurso, e então...” Dos dados todos que tens no computador quais tinhas mais pena de perder? “Sei lá, estou despegado. Sou muito pouco materialista. Nem as fotografias... Sei lá. Olha nem sei Vanessa, estou a ficar muito triste com esta entrevista, estás a pôr-me muito triste. Estás porque eu realmente não tenho...” Oh então?</p> <p>Mas isso é uma coisa boa. “Mais ou menos, nem por isso! Sabes que nós devemos preservar essas coisinhas estás a ver? Porque se não também andamos aqui só por andar a ver o outro. E é mais ou menos como eu ando. É tipo, então... ‘tá tudo?’ Andamos aqui sem objetivos. Eu tenho</p>

		<p>objetivos! Tenho, mas... sei lá. Realmente às vezes parece que ando aqui a voar e que não sei muito bem o que ando aqui a fazer. Ando a enviar currículos para a Irlanda e para o Dubai sem saber exatamente para onde quero ir e o que quero fazer.” Então mas isso é bom por um lado não? Tens várias hipóteses abertas, deixa-te ir, pode ser que vá acontecer mesmo aquilo que... “É? Ai, obrigado!” Não sei, digo eu... Mas sentes-te assim mesmo desorientado nesse sentido? Bem, tu sabes para onde não queres ir ou não? “Sei, sei que não quero ir para Portugal. Não posso voltar para Portugal, se não fico muito triste e fico em depressão. Mas sem dúvida, não tenho dúvidas nenhuma. É que fico mesmo, sinto-me muito diferente agora. A minha relação com os meus amigos mudou muito. Sei que estão lá mas... sinto... sei lá, não tenho paciência. Aliás aqui mesmo com pessoas estrangeiras dizem que eu falo, falo, falo. E lá quando estou em Portugal eles não têm essa ideia de mim. Fico muito mais calado.”</p>
Media/Novas Tecnologias		
<p>Costumas ler jornais/revistas? Quais?</p>		<p>“Todos os dias. Leio tudo Vanessa. Olha tenho um feed de notícias, está sempre a atualizar aquilo. E leio logo de manhãzinha, o Público, depois vou para jornais desportivos, todos. Gosto das notícias de desporto.” Os portugueses? “Sim. Depois vou para o New York Times e para o San José News, da California e para o Washington Post, também vejo antes.” Porquê? Ou seja, o que te interessa no San José por exemplo? Não são notícias mais locais? “São. Mas eu gosto, porque estive lá a viver. E vejo coisas sobre sítios onde já estive e gosto de ver essas coisas. E vejo blogs de professores que escrevem, tipo</p>

	<p>também gosto de ver.” Mas quê, portugueses ou americanos? “Portugueses, da Faculdade de Letras e da Faculdade de Economia. E gosto de ler também o blog do José Manuel Pureza, não sou do bloco de esquerda, mas gosto imenso do homem, tenho um respeito e uma consideração por ele, tem uma inteligência acima da média. E foi meu professor no mestrado. Mais... a Marisa Matias que acho que foi deputado aqui no parlamento, em Bruxelas. E o Victor Neto também, da Faculdade de Letras, também escreve umas coisas interessantes. Mas uma coisa que eu adoro mesmo é os comentários (irónico), tipo, adoro! Perco muito do meu tempo a ler o comentário às notícias que são feitas no DN, JN e Público. Já conheço muitos comentadores, muitos nicks e mais não sei o quê. Bem, uma coisa que dá para perceber é que as pessoas estão cada vez menos inteligentes, muito menos. Mas não estou a brincar. E muito menos espírito crítico, não sabem ler sequer uma notícia. Aliás, isto é normal, isto é a consequência, o resultado de haver uma menor rigidez no ensino. Especialmente a português e a história, era importantíssimo as pessoas terem espírito crítico, as pessoas saberem analisar uma notícia. Ainda há pouco tempo um colega meu pôs uma notícia, era tudo em inglês e os comentários era tudo ‘a culpa é do Sócrates 1, a culpa é do Sócrates 2, a culpa é do Sócrates 3’ e o meu colega ‘mas, eu nem estava a falar do Sócrates, vocês leram a notícia? Eu acho que vocês não perceberam a notícia’ e depois as raparigas ‘olha para te dizer a verdade nem li!’ Claro e as pessoas muitas vezes nem leem as notícias, leem os títulos dos jornais, as letras gordas que muitas vezes nem correspondem à notícia. O jornalismo cada vez está</p>
--	---

		<p>pior e as pessoas cada vez menos inteligentes. Os comentários nos jornais podem tornar-se um laboratório social, é engraçado, a condução das pessoas nas estradas também é um ótimo laboratório social, dá para ver como as pessoas funcionam. São uns azeiteiros. E depois é logo, a culpa é do Sócrates, a culpa é tal. É tão fácil criticar a pessoa mais mediática. E ao responsabilizarem outros estão a desresponsabilizar-se a si próprios. As pessoas querem mudar mas para haver mudança temos que nos mudar a nós próprios primeiro, é claro como a água. Mas não, as pessoas querem continuar a ter os mesmos privilégios e mordomias que durante anos tiveram, mas sabem que agora não podem, porque já não há dinheiro, querem continuar a ter os seus vícios e isso não pode continuar. Acho que há mesmo falta de inteligência. Sei lá, é triste. Eu acho que é verdade, mas é triste.” É isso que te chateia em Portugal? “É uma das coisas que me chateia em Portugal, obviamente. As pessoas não sabem ler um livro. Há pessoas no terceiro ciclo que não sabem ler, não sabem escrever.” Bem, e revistas? “Leio online também. De vez em quando vejo assim umas fofuquices nas revistas cor de rosa sobre o Ronaldo ou assim. Acho que é normal ter curiosidade em ver essas coisas. Quer dizer, não perco muito tempo mas leio isso. Mas de resto não. Quando era mais novo lia a Quo e a Super Interessante, e a Visão. Em Portugal estoirava muito dinheiro em revistas e jornais. O Le Monde Diplomatique costumava comprar também.”</p>
Costumas ver televisão? canais/programas?	ver Que	<p>“Vejo o preço certo (risos). Não vejo todos os dias, mas de vez em quando ligo a TV Tuga na internet e aquilo dá antes do telejornal.” Mas costumas ver o telejornal? “Sim, na RTP. E então apanho sempre um bocado do Preço Certo. E</p>

	<p>agora há um programa tão estúpido, isto não é normal, não é normal! É uma plateia de onde uma pessoas é escolhida e há lá uma vidente que começa a falar com os mortos familiares dessa pessoa! Aquilo é bronco, eu não sei, não tenho palavras! Eu não percebo como é que existem estes programas e como é que há audiência para aquilo. Isto é prova... É assim, esses programas podem existir, até nos países mais evoluídos tipo Suécia e Dinamarca podem existir e existem de certeza. Oh pá mas audiências é mínima lá! Agora em Portugal, não sei quantos milhares de pessoas veem isso e isso incomoda-me. E depois vamos ver qual foi a percentagem de audiência de um debate entre os candidatos à presidência e é muito menos, por exemplo. Quer dizer e depois as pessoas queixam-se da política, quando também não querem saber e estão mais focadas noutras coisas... Estás a perceber? (hum, hum) Não faz sentido nenhum! Eu não sei, eu acho que é uma comédia, é triste... É assim, eu acho que há duas coisas, eu acho que Portugal, a nível social, as pessoas a nível geral não sabem mais. Não têm aquela coisa, não têm espírito crítico, não têm. Mas muitas vezes quando eu faço uma critica a Portugal recebo logo como resposta 'Ah então não voltes!' Sim, isso acontece." O que é que sentes quando te dizem isso? "Sinto falta de inteligência da outra parte, é a única coisa que eu sinto." E então televisão só vês o telejornal da RTP1 é? "Costumo ver... Eu não ligo quase nada à televisão. Já há algum tempo que não ligo muito à televisão. Gosto de ver... o que é que eu gostava de ver na televisão? Olha aquilo que eu sino falta é aquele programa da antena 2, ou era da antena 1? Na rádio. Isso eu sinto muita falta. Era espetacular mas</p>
--	---

	<p>já não me lembro como se chamava, mas adorava esse programa, era sobre política. Normalmente gostava de ir para o carro para ouvir isso e fazia o trajeto de Coimbra-Aveiro ou de Aveiro-Coimbra porque coincidia sempre. Mas era muito bom mesmo.” Mas esse interesse por política vem-te da família? “Talvez, talvez. Costumava ouvir o meu pai a falar com um tio meu, um é mais de esquerda, outro mais de direita e então andavam sempre à turra (risos). Mas eu acho que ganhei este gosto mais por um tio que eu tenho em Lisboa que é uma pessoa especial, ele recita poemas, é capaz de estar horas e horas, tem tudo na cabeça. Adora livros. E lembro-me quando ia a Lisboa comprava-me jornais e então ficava a ler dentro do carro com ele. Era engraçado.”</p>
<p>Costumas ouvir rádio? Qual?</p>	<p>“Especialmente música, música só para conhecer outras coisas. Normalmente ligo rádios de São Francisco, na Califórnia, porque como estive lá... e gosto para conhecer outras coisas, para não estar a ouvir sempre a mesma coisa.” Então mas rádio é só essa que ouves? “Quando estou aqui em Amesterdão sim, quando vou para Portugal tipo ouço a Antena 1 ou assim.”</p>
<p>Que tipo de música ouves?</p>	<p>“Ouço sei lá, ouço rock progressivo, (risos) não sei qual é o termo técnico. Ouço música alternativa, ouço Radiohead, Smashing Pumpkins, Muse e depois coisas mais velhinhas, Tim Buckley, Jeff Buckley, Leonard Cohen, Beatles.” Então não alteraste os teus gostos musicais desde que saíste de Portugal? “Não. Quando estava a viver nos EUA ouvia sempre a mesma coisa, gravei um CD lá e estava sempre a ouvir aquele CD. Hoje procuro não ouvir esse CD ou essas músicas porque fazem-me lembrar quando andava lá de carro naquelas ruas, naquelas estradas americanas e fico</p>

	com algumas saudades. Prefiro nem sequer ouvir. Fico com saudades do El Camiño Real que era uma rua que nunca mais acabava, cheia de coisas do lado direito e do lado esquerdo, nunca mais acabava, era brutal, era brutal.”
Que sites mais frequentas na Internet?	(em cima)
Costumas ler? Que tipo de livros?	“Leio, mas não leio romances nem nada disso. É quase tudo notícias, informação.”
Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?	“Cinema nem por isso porque é muito caro cá. Em casa vejo, saco da internet. Vejo muita porcaria e vejo outros melhorzitos. Por acaso vejo muitos filmes mesmo.” Que tipos de filmes te interessam? “Eu gosto, é assim, quando há aqueles filmes com muita ação eu gosto de ir ao cinema, agora se for um filme tipo uma comediazinha ou um drama prefiro ver em casa. Não gosto de chorar em público. (risos)”
Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?	“É assim, redes sociais uso o Facebook, LinkedIn, Startrecker e mais uma... Utilizo isto tudo. Uso por motivos profissionais todos, menos o Facebook. O Facebook é assim... eu podia mandar as minhas piadinhas, às vezes escrevo coisas mas depois nem sequer publico porque não sei. Se fosse para aí para dez pessoas, agora para um monte de gente não faz sentido, não me sinto à vontade.” Mas falas mais com amigos de Portugal, ou amigos de outros sítios? “Ora bem, o Facebook, não falo assim tanto como isso. Mas mais com o pessoal de cá talvez. Mas nem sequer uso muito o chat, só mesmo para ver se estão lá pessoas com quem queira falar.” Com a tua família? “Não, porque a minha família não utiliza aquilo. A minha irmã utiliza o Skype e falamos lá.” E conheces pessoas novas

	<p>através do Facebook? “Pessoas novas através do Facebook?” Sim, há pouco disseste-me que tinhas conhecido lá uma rapariga... “Ah, mas isso, sei lá porque é que isso aconteceu! E o que é que isso interessa para a tua entrevista? Foi lá através da página dos Expatriates...” Ah, então, isso interessa-me! Aderiste à página do Expatriates? “Sim, aderi e vi lá uma rapariga com uma foto espetacular e adicionei-a.” (risos) E porque é que aderiste a essa página? “Ah.... Sei lá porque me apareceu lá a sugerir que eu adicionasse.” Mas o que é que esperavas? “Eu acho que aquilo é muito engraçado e podes fazer montes de conhecimentos e organizar festas. Eu é que não tenho muita paciência. Mas é engraçado, a página dá montes de informações, eventos culturais em inglês aqui ou em Roterdão.”</p>
Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?	<p>“Indispensável. Para estar em contato a nível profissional. Aliás nos últimos anos o meu trabalho foi quase sempre feito a partir de casa, então tinha que estar muitas vezes em contacto. Mas é indispensável, para procurar informação, no trabalho que eu faço tenho sempre de fazer muita pesquisa.” Utilizas mais do que quando vivias em Portugal? “Mais ou menos. Em Portugal quando comecei a tirar o curso das Novas Tecnologias de Informação foi o momento em que comecei a usar mais a internet, quase todos os dias tinha de estar ligado. Aliás isso hoje em dia é mesmo impressionante, para mim hoje em dia é difícil estar sem internet um dia, é uma espécie de vício. Mas sei lá, não é nada positivo, existe uma dependência enorme da internet hoje em dia.”</p>
Outras tecnologias de que faças uso?	<p>“Nem por isso... não ligo. O telemóvel para mim desde que faça chamadas basta. Tenho um ipod que comprei nos EUA</p>

	<p>e também nunca lhe dei uso nenhum. Utilizei aquilo meia dúzia de vezes, quando fiz viagens de avião ou assim, para estar a ouvir música e agora comecei a usar mais porque tenho andado mais de autocarro em Amesterdão.” E jogos por exemplo? “Olha jogos jogo o Settlers of Catan, fui campeão mundial do jogo online. Fiquei viciado, jogava todos os dias, o meu objetivo era ficar nos cinquenta melhores jogadores de todo o mundo e consegui isso. Depois continuei a jogar, cheguei até aos vinte melhores, depois aos dez, até aos cinco já tremia de emoção. E houve uma certa altura que cheguei ao terceiro e lembro-me que tinha um japonês à minha frente e um americano e depois continuámos um jogo entre nós e então ganhei dois jogos seguidos com eles e fiquei duas semanas no primeiro lugar e depois a partir daí deixei, deixei porque cumpri aquilo que... sei lá, não cumpri nada, mas adorei, foi aquela sensação doida porque aquele jogo tem um significado especial.” Porquê? “Porque nós começamos, uma vez, um amigo meu tinha uma namorada alemã que nos mostrou esse jogo, depois ele levou o jogo para Portugal e mostrou-nos como se jogava e a partir daí éramos todos viciados naquilo. O nosso grupo em Aveiro. E uma vez que fomos fazer o inter-rail eu levei o jogo comigo, mas fui assaltado e levaram-me o jogo em Barcelona e então como nós gostávamos tanto de jogar aquilo fizemos um jogo, todo à mão, com tudo! Tínhamos um designer na equipa que tinha muito jeito pá! Tu não estás bem a ver, ele dizia ‘vá vocês recortam isto assim, pintam isto assim’ eh pá não estás a ver, fizemos o jogo numas duas, três horas. Foi muito giro mas aquilo não durou muito porque depois começamos a beber vinho e o jogo ficou cheio de vinho e</p>
--	--

	eu decidi comprar o jogo.”
--	----------------------------

B.6.3. Sociabilidades/ Quotidiano Bernardo

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	<p>“Eu não trabalho, não tenho tempos livres! (risos) Estou muito tempo agarrado ao computador, agora tenho-me focado no site, não tenho feito grande coisa. Ando à procura de trabalho.” Sim, mas saís?</p> <p>“Raramente. Acredita que não saio muito.”</p>
Quando saís a que lugares vais? Com quem costumavas ir?	<p>“Vou... Sei lá ao West Pacific que fica no Wester Park, Club 8, 301 é fixe mas não tenho ido muito. Eu agora não tenho mesmo saído. Antes saía muitas vezes, o ano passado saía quase todas as noites. Ia para um bar chamado Lux, perto da Leidseplein e ia ao Bourbon Street e ao Waterhole.” E vais com quem? “Agora vou sozinho, não tenho ninguém para sair comigo.” (risos)</p> <p>“O ano passado saía muitas vezes com um colega meu, o Miguel, para o tal bar o Lux.” E é um bar de que tipo?</p> <p>“É um bar holandês, é um bar holandês, mas também vão alguns turistas, mas aquilo é porreiro porque vínhamos cá para fora e acabávamos sempre por conhecer uma data de pessoas, holandeses e estrangeiros. O Bourbon Street é um bar de blues, o Bubbles algumas vezes. Dizem que aquilo é mau e realmente é um pouco mau, é também na Leidseplein. O News, que também fica na Leidseplein. O West Pacific passa música rock, gosto de lá ir por causa da música e das pessoas. É frequentado mais por</p>

	<p>holandeses aí a partir dos vinte e seis anos. Depois assim durante o dia um café, que é dos cafés mais antigos de Amesterdão, é o meu café preferido cá em Amesterdão, fica na Prisengracht, mesmo ao lado do canal. Não tem música, não tem nada, por isso é que é brutal mesmo. Não há nada, música nenhuma, só ouves o silêncio e o barulho das pessoas. Pronto e são os sítios onde costumo ir agora. Antes saía mais, agora já não saio tanto.” Mas não aproveitas outros sítios da cidade, tipo ires passear para os parques... “Nos primeiros meses em que cá estive sim, ia a museus, parques, agora tenho-me deixado ficar mais por casa.” E com quem costumavas ir a esses sítios? “Olha sozinho, que tristeza! (risos)” Mas conheces sempre pessoas? “Sim. Depois depende dos locais, nalguns sítios espero que falem comigo, noutros, especialmente se já bebi uns copos, é mais fácil meter conversa. Falo com qualquer pessoa, holandeses, estrangeiros.”</p>
De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?	<p>“Portugueses, holandeses nem por isso, holandeses nem por isso... O meu ex manager acaba por ser, é amigo vá... Mas tem uma mentalidade assim um bocado estranha, por exemplo, ele comprou um cabo para o meu computador online porque eu não estava a conseguir e depois passado uns dias fui-lhe dar o dinheiro. O cabo tinha custado sessenta e seis euros e eu dei-lhe setenta euros, e ele não deu troco estás a ver? Se fosse em Portugal havia logo aquela cena, ‘é assim, se custou sessenta e seis, eu dei-te setenta, tens de me dar quatro euros de troco’ e até dava jeito não é? Pelo menos para comprar um maço de tabaco... Mas eles cá não ligam a isso, quatro euros para eles... Por</p>

	<p>acaso fui estúpido, para a próxima dou-lhe só sessenta e pode ser que ele não ligue por causa de seis euros. Mas mais, de outras nacionalidades... Conheço uma russa, duas romenas, um norueguês, e pronto. É mais ou menos isso.” Então são maioritariamente portugueses é isso? “Sim, agora sim.”</p>
<p>Costumas ir a alguma das associações portuguesas?</p> <p>Em que ocasiões?</p> <p>Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>“Sim, aos Lusitanos.” Em que ocasiões? “Normalmente quando há jogos de futebol ou uma festa qualquer, tipo o S. Martinho já fui.” E identificas-te com as pessoas que frequentam a associação? “Não, não me identifico.” Porquê? “Porque não. Nem com os holandeses me identifico, nem com ninguém! Mas sei lá, a língua, com a língua claro que me identifico.” Mas em que te parece que são diferentes? “Sei lá, fomos educados de maneira diferente, as pessoas que vão lá como eu é pessoal diferente.” “Há coisas que... temos as mesmas raízes, nascemos em Portugal todos e alimentação e a língua. A língua é o mais importante obviamente, claro que me identifico com isso. Mas depois não sei... não sei se são pessoas que poderiam ser minhas amigas, mas quando lá vou passo um bom bocado. Eu acho que me identifico mesmo só porque temos a mesma língua e isso é importante. Agora de resto... eles não vão ser os meus melhores amigos e eu não vou ser o melhor amigo deles. Temos uma relação só na base do ‘Boa tarde, está tudo bem?’” (hum, hum)/ (primeira entrevista) Então já que falaste da associação, costumas lá ir muitas vezes? Em que ocasiões é que lá vais? “Essencialmente quando há eventos desportivos como jogos de futebol.” Só nessas ocasiões? “Essencialmente nessas ocasiões. Sim</p>

	<p>porque de resto... Se for é para tomar um cafezinho de vez em quando, mas raramente. Agora costumo ir mais vezes porque vivo ali muito perto. Mas antes não vinha aqui de propósito.” E interages com as pessoas de lá, ou é só o ‘olá, boa tarde?’? “Interajo mas não danço. (risos) Interajo, acho que sim, mas não sei...”</p> <p>Identificas-te com eles ou não? “Não.” Porquê? “Não me identifico de maneira nenhuma com eles. (risos)”</p> <p>Porquê? Quais são as diferenças? “Não sei, não sei lá está. É que nem vou responder a essa pergunta. Por isso é que eu tenho aquela super motivação de regressar a Washington, porque identifiquei-me muito com as pessoas que lá estavam.” Portugueses? “Não. Pessoas de todo o mundo que estavam lá a trabalhar. O problema é que aquilo é muito uma cidade de pessoas que vão lá, trabalham dois, três anos e depois vão para outros sítios. Mas identifiquei-me, senti isso, senti-me como apaixonado, adorei.” Mas estás a fugir à minha pergunta. Porque é que achas que és diferente destes outros imigrantes que costumam frequentar a associação? “Porque é que acho que eles são diferentes de mim... É assim, é totalmente diferente, para já é assim, eles são pessoas... É assim se estiver a falar com pessoas mais jovens, como tu ou como o Ivo ou com pessoal que está cá a estudar...”</p> <p>Mas há pessoal mais jovem lá também, que não é desse grupo que só lá vai ver o futebol... “Claro que não porque é pessoal que tem outro tipo de formação, outro tipo de conversas, outro tipo de educação. Posso dar um pequeno exemplo: uma rapariga que conheci há uns dias atrás lá começou a conversar um pouco</p>
--	---

	<p>comigo e parecia que estava a correr bem... (risos) e de repente começa-me a dar exemplos que gostava de andar à porrada com o namorado e que depois estimulavam-se e... (risos) não sei, achei aquilo um bocado... Pronto, mas isto é sentir diferente, mas não é sentir melhor ou pior, não tem nada a ver. É sentir que temos percursos diferentes, só isso.” (hum, hum) E a forma como uns e outros vêm o país e lidam com a identidade portuguesa, quais achas que são as diferenças? “Eu acho que isso também é engraçado, acho que os portugueses que estão ali nos Lusitanos, têm aquela ideia, eles gostam muito de Portugal. Eu acho... Isso é complexo, porque eu acho que há de tudo, não se pode ter uma ideia geral, há de tudo ali. Há aquelas pessoas que já estão cá há muitos anos e estão fartos disto e só querem voltar para Portugal. E lá está, isso vai de encontro àquilo que eu te disse há pouco, Portugal é um país muito bom para viver mas não para trabalhar. Ou seja, vieram para cá acumularam algum dinheiro, fizeram alguma pequena fortuna e agora querem ir para Portugal e descansar lá em paz.” Mas tu tens essa ideia também? De fazer dinheiro cá fora e voltar para Aveiro e construir uma casa... “Depende, depende. Isso não sei, isso já são aquelas profecias...” Mas agora neste momento? “Nesta altura não quero voltar, quero trabalhar e fazer dinheiro fora de Portugal... Depende, depende de como tudo correr.”</p>
Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos,	<p>“O ano passado sim, mas a partir do segundo estágio que comecei a fazer, nem por isso. Tenho-me focado mais no trabalho e não tenho tido muito tempo. Às</p>

palestras, etc.)? Quais?	vezes também sou um pouco comodista é verdade, com o frio... prefiro ficar em casa.” Mas quando ias, que tipo de coisas é que procuravas? “Eu ia sempre aos eventos em que a nossa fundação estava integrada, o roots festival, assim festivais de música, teatro, cinema, a nível multicultural. Também costumava ir a alguns museus e parques. O Vondel parque, passava muito tempo lá, a apanhar sol, dar voltas de bicicleta, estar com os amigos, fazer piqueniques de vez em quando.” Com quem é que costumavas ir lá? “Com um amigo holandês, na altura conheci umas holandesas e costumava estar com elas. Mas entretanto perdemos o contato...”
Atividades desportivas? Com quem?	“Joguei algumas vezes futebol de onze, com holandeses, convidaram-me. E fizeram depois uns jogos amigáveis entre holandeses e portugueses, nós perdemos por muitos! E joguei depois futebol de cinco com eles, mas foi muito estúpido eles quase não me deixaram jogar. Eu estava a jogar, marquei golo e puseram-me no banco, depois voltaram a pôr-me no último minuto do jogo. Não percebi.”
Hobbies?	“Nada de especial... Passear pelo canal... Viajar.” Desde que estás aqui viajaste para onde? “Fui a Praga e a Copenhaga e ao Luxemburgo.”
Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)	“Vi algumas coisas no 301, mais por acaso, porque estava lá. Mas sim de vez em quando, se houver algum bilhete assim mais barato. Fui ver Rita Marley, Alice in Chains...”
Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em	“É assim existe se... Este momento agora também é um momento diferente porque ando à procura de trabalho, mas claro que há muito mais coisas para

<p>Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?</p>	<p>fazer. E se houver dinheiro obviamente também há mais oportunidade para fazer essas coisas. Por isso é que ultimamente hesito em sair e fazer tudo aquilo que eu queria.” E tens acesso a coisas que lá não existem, em Portugal? Como por exemplo? “Sei lá, estes eventos e...”</p>
<p>Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)</p>	<p>“É assim... sim, quando estive a trabalhar posso dizer que sim, mas neste momento não. Porque neste momento estou a focar-me só no trabalho. Obviamente eu sinto que aqui existem mais coisas para fazer, espetáculos, teatro, há sempre coisas a acontecer.”</p>

B.7.1. Sociografia/ Relação com a origem Patrícia

Sociografia	
Nome	Patrícia
Idade	27
Género	F
Naturalidade	Vila Viçosa – Évora.
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	<p>“Vivi até aos 3/5 anos e depois emigrei para a Suíça com os meus pais que já lá estavam antes.” E tu ficaste com a tua avó? “Primeiro fiquei com uma tia minha de Évora durante 1 ano e depois voltei para Vila Viçosa mais um ano com outra tia e depois então a minha mãe veio-me buscar, a mim e à minha irmã.” E os teus pais trabalhavam em quê lá? “O meu pai foi primeiro, foi em 83 se não me engano, foi para trabalhar numa serração como cantoneiro e pronto, e depois a minha mãe foi para lá. Um ano e picos depois para trabalhar numa fábrica de carnes. Embalagens, salsichas, coisas assim.” E tu foste para lá aos 3 ou 4 e quando voltaste para Portugal? “Voltei em 98/99, voltámos todos. Tinha... lá fazer os 16 anos, exatamente.” E querias voltar, na altura? “Não, sinceramente não e pronto... só voltei mesmo porque ainda era menor e não tinha condições para ficar num país estrangeiro sozinha.” E porque é que não querias voltar? “É assim eu nasci em Vila Viçosa mas não tenho nenhuma confiança, nem nenhuma cultura que venha de Vila Viçosa, nenhuma tradição e pronto logo à partida, eu era muito nova com 15 anos ou 16 anos, mas sabia que ao ir para outro país, que seria o meu nesse caso, mas que ia sofrer a mudança de culturas, de maneiras de pensar e sobretudo num local tão pequeno como Vila Viçosa.” E sentiste muito isso ou depois adaptaste-te? “(suspira) Os primeiros anos foram bastante difíceis, senti bastante, porque pronto, meios pequenos, mentalidades quadradas, adaptação completamente diferente.” Tu</p>

	<p>vivias onde na Suíça? “Em Montreaux, não é uma cidade mas pronto é uma das partes mais conhecidas por causa do festival de Montreaux de Jazz e cenas do estilo. Mas sim, sofri bastante e por causa disso perdi muitos anos da minha vida em que podia ter feito mais e pronto... e por causa da tristeza ou o que seja que uma pessoas pode chamar deixei-me um pouco ir abaixo e estraguei um bocado da minha juventude, pode-se dizer assim.”</p>
Escolaridade (incluindo locais de formação)	<p>“Fiz... Faltava-me uma semana para acabar a escola obrigatória na Suíça, mas infelizmente não tive oportunidade, tivemos que vir embora, não deu para fazer mais. Ainda fiz assim os exames só mesmo para saber quanto poderia ter e tinha passado se lá tivesse ficado. E pronto fiz quase a escola obrigatória e depois voltei para Portugal...” Mas equivalia ao 12º? “Não, na Suíça tens até ao 9º ano e depois se quiseses mais conhecimentos da matéria em que estás a tentar tirar o teu curso dão-te mais um ano. E depois então vais para uma pré universidade que é universidade mas ao mesmo tempo mistura com escola profissional, é mistura de teórica com prática. (hum, hum) E depois pronto, logo a partir daí, dessa universidade os professores arranjam-te uma colocação num sítio de trabalho da tua área com futuras probabilidades de lá ficares a trabalhar.” E depois em Portugal continuaste a estudar? “(suspiro) Continuei, mas infelizmente voltei para o 7º ano, meteram-me no 7º ano porque aquela escola onde eu estava na Suíça não tinha equivalências com a escola portuguesa e então voltaram-me a pôr no 7º ano, fiz o 7º, 8º e 9º. Assim um bocado mesmo, como se costuma dizer a expressão alentejana, ‘à martelada’. Passei por favor no 9º ano, passei mesmo por favor e no 10º pronto... no 10º foi mesmo a decadência total. Comecei a faltar às aulas e simplesmente voltei costas à escola.” E depois começaste a trabalhar? “Comecei a trabalhar primeiro no campo, a ajudar a minha mãe e a minha irmã, começámos a trabalhar no campo. Estive lá uns meses ainda...” O que é que fazias? “Ora,</p>

	<p>primeiro fui trabalhar para a maçã, mas depois comecei a levar com tantos pêros na cara que desisti (risos). Não, é que as velhotas no campo no Alentejo nas pausas, não têm mais nada que fazer que começar a atirar pêros verdes, duros, à cabeça dos recentes... E então pronto, andei na maçã, andei também na vindima, a vindima por acaso é interessante. É um trabalho pronto, difícil, como todo o trabalho de campo, mas é giro. Depois daí também trabalhei em bares, trabalhei bastante tempo, por acaso foi um dos ramos em que trabalhei mais vezes, bares, cafés e restaurantes. E trabalhei também numa serração como polidora de mármore, durante três anos, e basicamente foi isso.” Mas depois voltaste a estudar não é? “Voltei, graças ao apoio dos pais do meu namorado, que pronto, eles é que me fizeram ver que lá por eu ter voltado para o Alentejo que não era aí que o mundo acabava, que havia mais. Portanto olha, eu acreditei neles e eles deram-me um apoio de confiança e ajudaram-me. Decidi voltar a tentar e fui para uma escola profissional, do Alentejo.” E qual era o curso? “Técnico de apoio psicossocial. Que se me vais perguntar para o que é que serve, eu diria mais que é um nome diferente do animador sociocultural” (hum, hum) E acabaste esse? “Acabei, acabei. Pfff, não foi fácil também, mas acabei.” E isso foi há quanto tempo? “Ora, estamos em 2010... Foi há dois anos penso eu. Entrei para essa escola profissional tinha 23/ 24 se não estou em erro.”</p>
Profissão	Telefonista/ Apoio ao cliente
Emprego em Portugal	<p>“Ora, primeiro fui trabalhar para a maçã, mas depois comecei a levar com tantos pêros na cara que desisti (risos). Não, é que as velhotas no campo no Alentejo nas pausas, não têm mais nada que fazer que começar a atirar pêros verdes, duros, à cabeça dos recentes... E então pronto, andei na maçã, andei também na vindima, a vindima por acaso é interessante. É um trabalho pronto, difícil, como todo o trabalho de campo, mas é giro. Depois daí também trabalhei em bares, trabalhei bastante tempo, por acaso foi um dos ramos em que</p>

	trabalhei mais vezes, bares, cafés e restaurantes. E trabalhei também numa serração como polidora de mármore, durante três anos, e basicamente foi isso.”
Tipo de residência em Portugal	E em Portugal vivias com os teus pais? “Vivi sempre com os meus pais.” Em que tipo de casa, era uma casa alugada... “Não, não foi uma casa que eles compraram ainda eles estavam na Suíça e pronto, depois fomos para lá e mudámos para essa casa e até hoje estão lá.” Em Vila Viçosa... “Em Vila Viçosa, infelizmente!”
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	Vila Viçosa.
Naturalidade dos pais	“O meu pai é de Juromenha, uma aldeia muito pequena ali no Alentejo e a minha mãe é do Alandroal, que fica a 5 km de Juromenha também.”
Escolaridade dos pais	“Ora o meu pai escola... Ele diz que tem a escola da vida e tem a escola até à 4ª classe, à martelada. A minha mãe ainda tem até ao 6º ano de antigamente, ainda conseguiu fazer mas depois pronto...”
Profissão dos pais	“O meu pai continuou a profissão dele, na mesma que estava na Suíça. Acabador de... cantoneiro de, de mármore. E a minha mãe é empregada de... pronto de casa! Vai à casa das pessoas idosas e pronto!”
Local e tipo de residência dos pais	E vivem ainda nessa casa no mesmo sítio... “Sim.”
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	“Sim, pois toda a minha família emigrou para a Suíça, como disse. Toda a minha família isto é, os meus pais, eu e a minha irmã. Depois lá no Alentejo o que não falta é gente que emigrou! Sim, mas por ter vivido na Suíça eu acho que tive mais vontade ainda de vir para aqui. Aliás de sair, eu queria era sair de Portugal.”

<p>Porque decidiste sair de Portugal?</p>	<p>“Isto já andava na minha cabeça desde o dia que eu pisei o chão de Portugal em 98/99. Sair de lá! Eu sempre disse que qualquer dia haveria de sair, pelo menos para conhecer um pouco mais do mundo e que não iria ficar por ali. Saí porque olha! Juntei o útil ao agradável, aproveitei que o meu namorado que estudava em Amesterdão na altura, nós continuámos o namoro até lá e pronto digo assim ‘olha porque não aproveitar agora a oportunidade para sair de Vila Viçosa?’” Mas para além dele querias sair por mais alguma razão, essa vontade de conhecer outros sítios ou também teve a ver com a questão económica... “Era também a questão económica e era sobretudo a questão do sítio, do ambiente em que eu estava, porque pronto... O Alentejo é muito bonito mas não dá grandes oportunidades aos jovens. E como eu cresci e tenho uma cultura diferente, como nunca me adaptei, disse para mim própria que o Alentejo não era para mim pronto, que queria sair dali.” Mas tu quando vivias na Suíça davas-te com suíços ou davas-te mais com pessoas portuguesas, da comunidade portuguesa? Ou seja, sentias que vivias mais ou menos na mesma numa comunidade mais ou menos portuguesa imigrante ou com pessoas suíças... “Eu os anos todos que estive na Suíça nunca me considerei portuguesa porque as pessoas nunca fizeram diferença entre eu ser portuguesa e as outras pessoas suíças, ou italianas, ou russas ou o que quer que seja, portanto nunca me senti excluída e vivia como se fosse uma suíça. (hum, hum) Portanto não...” Mas os teus pais tinham hábito de ir às associações portuguesas por exemplo? “Todos os Sábados, todos os Sábados. Pronto, eu era pequena, até certa idade tive que ir com eles, não... e pronto também não me sentia assim muito excluída porque pronto estava com os meus pais e tinha os amigos lá dos filhos dos outros. Mas digamos que não, não era propriamente aquilo que uma miúda de 10/ 11 anos preferisse fazer, ir aos centros portugueses estar com os pais.”</p>
---	--

Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?	“Não, não. Eu desde que comecei a trabalhar que sempre tenho me tentado sustentar. Pronto já tinha cá o Victor, que também facilitou as coisas. Mas não, aliás é mais o contrário, às vezes eu é que envio algum dinheiro para ajudar a minha mãe.”
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	Suíça.
Porque escolheste Amesterdão?	Porque é que escolheste Amesterdão, por causa do Victor só? Não tinhas outra curiosidade especial pela cidade... “Sim, só mesmo por causa do Victor. É assim, tenho de dizer, propriamente não. Porque pronto, a minha irmã, quando nós estávamos na Suíça ela já tinha vindo cá uma vez de férias com uma amiga e pronto já me tinha falado mais ou menos disto mas pronto, nunca pensei em vir para aqui, nem nunca me passou pela ideia, mas pronto aproveitei mais por causa do Victor estar cá.”
Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?	“Digamos que 75% sim e 25% não. Estou satisfeita porque tenho uma situação económica em que não posso dizer que estou rica mas consigo fazer mais do que aquilo que eu tinha pensado fazer em Portugal, atualmente com 27 anos. Só me sinto um bocado ainda excluída aqui pelo facto de não falarmos a língua deles.” (hum, hum)
Há quanto tempo vives em Amesterdão?	“Vai fazer um ano e meio.”
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	“Por enquanto não. Já pensei nisso várias vezes, em continuar o curso profissional que tinha lá no Alentejo mas não, por enquanto não, por enquanto estou a ver mais se consigo orientar a minha vida em termos pessoais e depois se vir que... por exemplo se ficar na empresa em que estou atualmente aí sim, talvez voltarei a estudar.”
Emprego	“O meu emprego é call center, é trabalhar numa empresa de wireless e telemóveis e coisas assim.” Estás a gostar? “Digamos que é uma experiência diferente, nunca tive um trabalho de estar sentada 8 horas diárias, mas tem os seus prós e contras. Gosto da parte em que

	<p>estou a atender chamadas francesas, o dia todo, e espanholas também. Portanto eu gosto, é uma língua que eu sempre gostei, como vivi na Suíça. Gosto porque é menos cansativo, porque o trabalho que tive anterior, desgastou-me bastante. E também gosto porque trabalho com várias nacionalidades ao mesmo tempo, tenho amigos de todos os países.” (hum, hum) E dás-te com eles ou é só lá no trabalho? Ou acabas por depois combinar coisas com eles... “É assim, maioritariamente dou-me mais com o pessoal que é talvez português e espanhol, francês, também temos pronto... Mas com os outros dos outros países pronto não há aquela ligação porque automaticamente não... Não sei, não estamos tão juntos uns dos outros lá no trabalho.” (hum, hum)</p>
<p>Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?</p>	<p>“Moro no meio de Amesterdão. No meio não, mas pronto, basicamente em Amesterdão. A zona, diria eu, que não é das mais pobres nem das mais ricas. É uma zona pacata que eu até gosto, não há muito barulho. (O namorado, que estava na mesma sala onde fazíamos a entrevista diz: “Por acaso é das mais ricas, desculpa lá estar-me a meter.”) Pronto, é das mais ricas já que o Victor diz (irónica) (risos) É verdade que toda a gente tem Porsche, eu tenho o meu Porsche de duas rodas aqui à porta de casa. Ah, mas vivo numa zona interessante de Amesterdão.” Gostas então, desta zona. “Gosto, por acaso gosto. Se eu pudesse, acho que é aqui para estas zonas que eu vou talvez pensar em comprar casa.” Estás a pensar em comprar casa então. “Se for para ficar, porque duvido que a situação em Portugal melhore de um ano para o outro, portanto sim, se for para ficar estou a pensar em comprar casa.” Mas então daqui para sair pensas só em ir para Portugal, não pensas ir para outro lado... “Já pensei nisso, há uns tempos atrás. Já pensei em ir tentar para outro país mas, partir do zero outra vez, começar tudo de novo... acho que pronto, só mesmo em momento de necessidade.” E em que lugares pensaste quando pensaste nisso? “Pronto, pessoalmente eu sou mais</p>

	<p>virada para os países frios, portanto pensei na Suíça, porque automaticamente como tenho lá conhecimentos e como conheço a língua e um pouco as leis, talvez me conseguisse adaptar lá. Também pensei em Inglaterra, ah... e pensei ultimamente também na Suécia mas a Suécia também está a dar o buraco!” E Inglaterra porquê?</p> <p>“Inglaterra porque acho que é também um país bonito, com bastantes situações interessantes. A moeda está numa situação boa, economicamente e porque se tivesse que voltar a estudar, podia estudar em inglês. À partida... mesmo que tivesse que, claro, ter aulas de inglês académico, mas seria completamente diferente de holandês.”</p>
Com quem habitas?	Namorado.
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	<p>“Ora, o Victor tem também o 12º ano (ele contesta dizendo: ‘Não desculpa, eu tenho um bacharelato.’ Risos) de Portugal! Ele não me deixou acabar de falar. Portanto tem o 12º ano de Portugal. Tirou um ano na Restart, que é uma escola de música, acho eu. E depois agora tem o bacharelato, que tirou aqui em Amesterdão, na SAE, escola audiovisual, musical, qualquer coisa assim. Tem a ver com músicas e dj’s e engenheiros de som. E atualmente trabalha numa pequena empresa de música e produção, o que ele faz é montar sets de dj’s, eventos, organizar eventos com o patrão dele.”</p>
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	“Ora o nosso rendimento médio dos dois... dá 2700/ 2800, por aí.”
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê? Se algum dia regressares	<p>“Hum... (risos) Planear há uns tempos atrás diria que não, mas... digamos que algumas coisas surgiram entretanto e se me decidir, sim, planeio voltar a Portugal.” Mas tens alguma proposta de trabalho lá... “Não é proposta de trabalho, é mais por causa da família. Basicamente estou um pouco a atrapalhar a minha vida mas pronto, para mim, a família está em primeiro lugar. E então nesse caso...</p>

o que te vês a fazer?	<p>planear em ir para Portugal nos próximos tempos... se vier a aprovar essa situação, volto para Portugal.” Se algum dia regressares o que te vês a fazer? “Hum... (risos) Ui! Profissionalmente diria que, se for para ir para as zonas do Alentejo não me vejo a fazer grande futuro na minha vida. Acho eu que iria acabar numa caixa de hipermercado ou a limpar casas, ou varredora da câmara municipal. Se for para outras zonas de Portugal, se for por exemplo para zonas com muita população, como Faro, Lisboa ou Porto, sei que consigo um bocadinho mais, devido pronto, a falar francês e espanhol, consigo provavelmente trabalho na mesma área em que estou agora call center.”</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)</p>	<p>“Só com a família, só com a família e com a minha família do meu lado é só mesmo pelo telefone. Pronto, os meus pais não têm ainda aquela aptidão de mexer em computadores, acho que é demasiado futurista para eles. Mas com os pais do Victor falamos também de três em três semanas, ou de duas em duas semanas no Skype. Com os meus pais falo uma vez por semana.” E costumavas enviar alguma coisa, ou eles enviam-te alguma coisa de lá? “Não. Não há nada assim que eu possa querer de Portugal, além da boa comida que eles têm. E aqui também acho que os meus pais não têm assim grande curiosidade do queijo Gouda, que se pode encontrar em todos os hiper mercados.” E quando vais lá não trazes nada? De comida por exemplo? “Trago, trago uns belos queijinhos (risos), um belo pãozinho alentejano e muitas saudades ainda por matar.” Saudades de quê? “Basicamente da minha família.” E quando falas com eles que tipo de informação é que trocam, de que é que falam? “Olha começamos pelas notícias de Portugal. Crise. E depois começamos a falar também de como é que está a saúde, se está tudo bem, como está a minha sobrinha na escola, se está a ir bem, se não está. E pronto, também acabamos sempre a conversa com a minha mãe, entre linhas, indicar-me que gostaria que eu voltasse para Portugal.”</p>

Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?	<p>“É, por causa da família.” Quantas vezes por ano e durante quanto tempo? “Atualmente estou a ir duas vezes por ano. Não me posso permitir mais, mas pronto, se isto melhorar tenciono ir mais de duas. E o máximo, até agora tem sido duas semanas, como por exemplo agora no Natal.” Mas desde que estás aqui já foste passear a outro sítio, ou já fizeste férias noutro sítio? “Férias não propriamente, mas já aproveitei para ir à Alemanha e agora para o ano vou a Barcelona. Vai ser uma viagem de trabalho mas ao mesmo tempo aproveito também para conhecer. São sítios que nunca conheci e então...”</p>
De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?	<p>“Não, basicamente faço completamente o oposto que fazia quando lá estava. Quando lá estava era casa, escola, trabalho, agora quando vou de férias faço questão de sair um bocado, de estar com a minha família. Dar a entender a Vila Viçosa que não estou morta, que é o que muitos desejam mas pronto... (o namorado comenta: ‘Lá está... eh pá ouve meu! Já me estás a chatear com essa porcaria.’) Não, a minha rotina é completamente diferente porque pronto, a minha família quer estar comigo e pronto como tenho mais família além de lá em casa, faço questão de ir visitar os tios, os primos, saber se está tudo bem. E no fim de contas não são férias, porque estás sempre de um lado para o outro.”</p>
Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Senteste mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?	<p>“Ah... Quando lá estava sentia-me completamente afastada, mas agora na posição em que estou fora do país, já consegui entender e dar algum valor a Portugal, coisa que não tinha conhecimento antes. E digamos que sinto-me um pouco mais próxima sim.”</p>
Sentes que grande parte da tua identidade é	<p>“Não. Não, a minha identidade não tem nada a ver com o facto de ser portuguesa. Aliás a minha identidade, dentro de mim, no meu intimo</p>

definida pelo facto de seres português?	é a Suíça. Eu simplesmente nasci em Vila Viçosa, não tenho nenhum tipo de associação a Portugal. Só mesmo o facto de falar a língua e de ter nascido lá.”
---	---

B.7.2. Cultura material/ Consumos Patrícia

Cultura Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	“Sinceramente não. Visto-me como gosto, só isso.” Tens algum estilo em particular? “O meu estilo, não gosto de seguir a moda. Faço eu a minha moda.”
Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?	“Sim! Definitivamente. Porque em meios pequenos tens de te adaptar e tens de te vestir como a maioria das pessoas porque se não és automaticamente discriminada (rancor na voz). (hum, hum) Então essa mudança teve a ver com a saída não é? “Sim!” E agora quando lá vais vestes-te de maneira diferente, ou ainda sentes essa pressão quando lá estás e achas que tens... “Diga-mos que ainda sinto um bocadinho de pressão, mas evito e faço questão de me vestir como eu me sinto bem e pronto, também tenho de ver o ambiente em que estou não é? Depende da situação. Não posso usar certas roupas que uso aqui.” E por exemplo que tipo de roupas é que agora vestes cá que lá não sentes à vontade? “Legs, legs. É uma coisa que aqui podes andar de legs, sejas magrinha, gorda, forte, 200 kgs

	<p>ou que seja. Ninguém... se as pessoas olharem para ti não olham para ti com um olhar discriminativo ou se olham conseguem fingir. Coisa que em Portugal, na zona onde eu moro, se eu saísse de legs, tradução, iria sair de cuecas. Nada bem visto. Porque as pessoas não estão habituadas a esse padrão de moda e as miúdas não se vestem assim, portanto temos de seguir a moda (irónica).” (hum, hum)</p>
<p>Onde costumam comprar roupa e que critérios orientam a escolha?</p>	<p>“Basicamente estes últimos tempos tenho andado sempre a vestir roupa da HeM, Pinky... Vou a essas porque são acessíveis e porque têm algum género de roupa que se enquadra no padrão que eu gosto de vestir.”</p>
<p>Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).</p>	<p>“Tatuagens, tatuagens já tenho algumas de há uns anos atrás. Piercings não tenho porque pronto nunca foi uma coisa que me puxou muito a fazer porque acho que há maneiras mais bonitas de dar a entender o nosso corpo, pronto isso tem a ver com estilos. Mas tatuagens fiz em Portugal e é verdade que em Portugal, na zona em que eu vivo nunca me senti muito à vontade de expor as minhas tatuagens devido à sociedade. Desde que cá estou ainda não fiz nenhuma, gostava de continuar as que tenho e sinto-me completamente à vontade para as fazer e sinto-me completamente à vontade para as mostrar, porque pronto automaticamente é Amesterdão e quando uma pessoa ouve a palavra Amesterdão não pensa em mais nada se não num país liberal, portanto não sinto qualquer complexo em mostrar as minhas tatuagens.” E essa liberdade contribui para gostares de estar cá, em relação a Vila Viçosa? “Em certa parte sim, contribui para gostar de estar cá, porque pronto posso-me permitir de ser um pouco mais eu, de mostrar a minha personalidade e o que eu sou. Mas depois de cá estar algum tempo vejo que a</p>

	<p>liberdade... tem os seus prós e contras. Também temos que dizer que Amesterdão não é assim tão liberal como parece. Por detrás da liberdade tens muitas paredes e muitos empecilhos.” Como por exemplo? “A liberdade está a chegar a um ponto em que está a ser demais. Qualquer dia, desculpa lá a expressão, mas estamos a viver num país das bananas. Cada um faz o que quer e o que lhe apetece. É assim, eu não sou racista, e nunca fui, longe de mim dizer isso, mas é assim, tenho que ver que, trabalhar para os outros não estou para isso, nem aqui nem em Portugal.” E cortes de cabelo... “Cortes de cabelo... Nunca fui muito radical nesse aspecto. Gosto de ter o meu cabelinho em condições, mas cortes de cabelo não... Já tive o cabelo bastante comprido, tanto em Portugal, como na Suíça ou aqui, mas não é uma coisa que mudei quando vim para cá.” E cremes ou coisas assim mais ligadas a uma preocupação mais estética, tens mais cá do que lá? “Sim, automaticamente aqui, como trabalho numa empresa tenho de ter um pouco mais de cuidado com a minha imagem. Tenho que aparentar não é? Porque temos lá visitas de pessoas interessadas no negócio. Fora do trabalho, é verdade que desde que cá estou tenho tendência a cuidar um bocadinho mais da minha pessoa, utilizo mais cremes, preocupo-me mais com maquilhagens.”</p>
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas	<p>“Basicamente faço um pouco daquilo que a minha mãe me ensinou. Não é propriamente comida portuguesa, mas pronto, são pratos, digamos consistentes. Tenho tendência a fazer pratos pesados como massas, arroz, carnes com bastantes molhos, são mais puxados para o lado italiano</p>

<p>aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?</p>	<p>tenho que admitir. Tudo muito à base de massas.” Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal? “Gosto de experimentar coisas novas, só que tenho um defeito, sou muito desconfiada e eu para experimentar uma coisa nova é preciso atrair-me muito. Experimentar em termos de cozinhar, é outra história, porque nunca tive muito jeito para cozinhar e quando me dedico, dedico no fundo, mas nunca sai perfeito.” (hum, hum) E quando comes fora que tipo de comida é que procuras? “Há uns tempos atrás era sempre italiano, italiano, até que cheguei a um ponto em que pensei nisso, que tinha de experimentar coisas novas e há umas semanas atrás fui experimentar grego e por acaso, estava um pouco apreensiva, mas gostei bastante. Gostei bastante.”</p>
<p>Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?</p>	<p>“Não bebo álcool, ou quase nunca bebo álcool. E vinho muito menos, tenho más recordações de adolescência. Bebo mais sumos.” Mas costumas comer comida portuguesa regularmente? “Cá em casa é raro, muito raro. Só mesmo quando vou a Portugal, quando estou com os pais do Victor ou com os meus pais. Aí sim, como migas, açordas, sopas de tomate.” Mas aqui já comeste algumas vezes que eu sei! (risos) “Sim, já comi bacalhau à brás, mas acho que foi das poucas ocasiões...” Então em que ocasiões é que é? Com amigos portugueses? Nunca fazes por exemplo para amigos estrangeiros, para lhes mostrar comida portuguesa? “Não, basicamente só comi comida portuguesa até agora com portugueses e com as outras pessoas dos outros países é comida que toda a gente conhece, como por exemplo, massa gratinada, esparguete</p>

	à bolonhesa...”
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	“Por acaso ainda não fui, ainda não me destinei a ir à procura disso, mas já sei de algumas lojas e qualquer dia tenho de lá ir. Mas não basicamente vou aqui aos supermercados holandeses, o AH e pronto compro comida que está, que está à venda.”
Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?	E procuras produtos diferentes, de cá ou de outras culturas, sei lá, comida tailandesa por exemplo, que eles têm cá muito... “Comida tailandesa... Tudo o que é olhos em bico não. Já comi comida chinesa em Portugal e não aprecio muito. Ah, digamos que aqui pronto, tento procurar alguma variedade porque pronto, há algumas coisas que não conhecia em Portugal que aqui eles têm. Que de vez em quando são ideias um bocado mirambolescas mas pronto comem-se bem. Mas sim tento procurar mais comida à qual eu e o Victor, nós nos adaptemos, que nos interesse, que nós gostamos. Digamos que os holandeses têm o tampantchô... ou sei lá o que é aquela comida, stompertje que é bem bom, mas não, não.” Não tens muito hábito? “Não.”
Casa	
É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	“Digamos que sim, tem que ter um bocadinho a ver comigo, seja em termos decorativos ou outros termos, mas sim, tem que ter alguma coisa que se identifique comigo.”
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	“Não, infelizmente só consegui trazer roupa, mas tenciono trazer só um ou dois objetos. Mas pronto, trouxe roupa, trouxe uns livros portugueses, fotografias da minha família” (hum, hum) Tens as fotografias expostas? “Não, tenho as fotografias guardadas, num álbum para mim. Quer dizer, tenho algumas fotografias expostas no meu

	<p>quarto, da minha sobrinha, da minha mãe e da minha irmã. E tenho aqui na sala umas fotografias da família do Victor, para pronto, não é questão de ele se esquecer, mas pronto se também tenho as fotografias da minha família à vista também gosto de ter as fotografias da família do Victor de maneira a que ele se identifique um bocado também com o espaço.” Então não tens assim nenhum objeto, sei lá, que te faça lembrar alguma coisa especial, ou que tenhas trazido e que tenhas em algum sítio especial da casa...</p> <p>“Não, basicamente tenho a casa toda que me faz lembrar a minha família porque pronto, tento seguir a mesma rotina que tinha em Portugal com os meus pais. Que é a casa minimamente em condições, foi o que a minha mãe me ensinou, portanto cada vez que entro em casa tudo se identifica comigo e com os que lá deixei.” Porque tens a casa arrumada? “Sim (risos) isso tem mesmo de ser.” E aquele quadro ali é o quê? “Aquele quadro é a coisa mais horrenda que eu já vi até hoje. Foi o meu namorado que se lembrou de o trazer do lixo porque o achou estupidamente lindo! Não sei onde mas pronto! Toda a gente me diz que o quadro é horrendo, só uma pessoa até hoje é que me disse que o quadro era giro, ainda não consegui perceber em que ângulo, mas pronto. Por isso é que ele está atrás da porta, para ninguém o ver.”</p>
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	Podemos então dar uma volta pela casa, para eu te perguntar sobre os objetos? “Sim, sim, é capaz é de estar um bocado desarrumado, porque tive de tirar os casacos todos que o Victor deixa sempre aqui na sala.” Mas quem é que decorou aqui a sala e isso, foste tu ou o Victor? “Fui eu contra a vontade do Victor. O Victor por ele a casa ficava assim um bocado abandonada, como ele gosta.

	<p>Mudámos a cama de sítio, por causa da janela, que deixa entrar corrente de ar, tive de comprar um chouriço bastante grande para por ali por causa do frio.” São estas fotografias? “Exatamente. São algumas das poucas coisas que tenho assim.” Esta é a tua sobrinha? “É.” E aquele quem é? “É o pai do Victor com a primeira mota que ele comprou.” E esta? “é a mãe do Victor nos seus anos novos.” E mais, não trouxeste assim nada de lá, que te faça lembrar alguém ou... “Não. Não, trouxe recordações, memórias e saudades bastantes. Mas não, de resto não trouxe mais objetos. Também basicamente o meu quarto em Vila Viçosa, em casa dos meus pais não tem assim tanta coisa de, pronto, materiais que eu possa trazer. O que poderia e estava interessada em trazer era o disco vinil para, o gira discos. E talvez o violino que lá tenho, mas de resto não tenho assim grandes coisas que eu possa estar interessada em trazer.” Aprendeste a tocar violino? “Não, infelizmente não tive ainda oportunidades disso. Foi mais o gosto de ter o instrumento (risos), porque gosto dele, porque é um instrumento clássico e acho que as linhas do instrumento são muito giras, e o som também. E comprei-o mais só mesmo pelo gosto de ter e de ver.” (hum, hum) E isto? “Cardio twister. (risos) Foi uma boa invenção, que ao fim de contas foi mais uma daquelas coisas de venda de televisão, que não funciona.” Compraste na televisão? “Exatamente. Prometem maravilhas de perder peso e melhorar a silhueta, mas até agora ainda não vi nada.” Mas costumavas fazer muitas vezes? “Costumo fazer duas ou três vezes por semana, meia hora, com um DVD que também vinha. Um programa intensivo e para principiantes, outro dia enganei-me e pus no intensivo. Ah, suas bastante mas</p>
--	--

		<p>não vejo assim grandes melhorias na balança.” E esta sombrinha? “Esta sombrinha foi das poucas aquisições que eu me dignei a trazer do lixo. Estava no lixo e eu, pá, achei-a tão bonita, do simples que ela é, e faz-me lembrar países asiáticos e digo assim ‘Eh pá, tão gira, mal empregada ir para o lixo, vou trazê-la comigo.” E este peluche? “Este peluche foi a rapariga que vivia connosco, foi mais a mãe dela que mo comprou. Porque pronto eu gostava de ter um bulldog e pronto não estou em condições para isso, sobretudo no apartamento em que vivo, por causa também de ter um gato... E então, elas as duas de maneira engraçada, ofereceram-me um cão de peluche, bulldog, pelo menos este não se baba e não come.” E este relógio estava aqui da última vez que cá estive? “Não, esse relógio trouxe-o agora da última vez que fui a Portugal, quando fui a Faro com os meus pais. Fomos a Faro dar uma voltinha e comprei-o lá numa loja de... pronto de várias coisas. E gostei dele porque pronto tem dois lados, este é o lado francês, este é o lado inglês, mas claro está com as horas holandesas. Mas pronto gostei dele porque claro achei-o bonito e pronto.” E este espanta espíritos? (numa janela) “Foi uma colega do trabalho que o fez para mim, uma colega francesa e decidi metê-lo aí para espantar um bocado olhares inoportunos cá para dentro, e curiosos.”</p>
Media/Novas Tecnologias		
<p>Costumas ler jornais/revistas? Quais?</p>	ler	<p>“Desde que comecei a trabalhar na empresa dediquei-me a tentar perceber, não digo ler porque não consigo ainda falar holandês, mas ver as imagens, tentar decodificar um bocado da leitura holandesa, leio um bocado dos jornais holandeses no trabalho. Cá em casa basicamente leio</p>

		sobretudo livros portugueses e uma banda desenhada que estou a tentar completar. Uma banda desenhada francesa, o Torgal. Mas de resto mais nada. Pronto, também passo algum tempo online, a ver coisas engraçadas tipo vídeos ou assim. E agora também tenho estado a ler um bocado mais espanhol, porque como estou a atender chamadas espanholas, tenho de treinar um pouco mais o meu espanhol.” E jornais portugueses ou revistas? “Ora, isso só na internet, tenho tendência a ver o Correio da Manhã e o Sapo, de resto mais nada.”
Costumas ver televisão? Que canais/programas?		“Humm, sim, bastante. Sobretudo canais como Animal Planet, Discovery Chanel, pronto vejo alguns documentários, gosto muito de ver documentários. Vejo também algumas séries mas nem por isso. Sou mesmo mais de documentários.” E portuguesa não? “Não tenho canais portugueses, por enquanto.” Mas gostavas de ter? “Eh... Digamos que não me importava, só mesmo para estar um bocado mais a par dos assuntos de Portugal, mas em termos de outras coisas não.”
Costumas ouvir rádio? Qual?		“Rádio nem por isso. Ouço mais é música que tenho no disco rígido do meu computador, ou música que tenho cá em casa, mas não propriamente rádio não.”
Que tipo de música ouves?		“Sou mais ligada à música antiga. Anos 80, 70, 60... mais rock, também ouço clássico, romântico, mas sim basicamente é isso.” Música portuguesa não? “Música portuguesa outro dia dei por mim a ouvir músicas alentejanas portanto sim, também acabo por ouvir um pouco (risos). Sim, o emigrante alentejano também estou a ouvir algumas músicas assim.” Isso é uma música? “É. Que mesmo que tu não queiras chorar, choras logo de desgosto da música que é ou de tristeza.”

<p>Que sites mais frequentas na Internet?</p>	<p>“Ora, tirando os jornais de França, jornais portugueses, muitas vezes...” Costumas ler os jornais franceses também? “Sim, sim isso vejo bastante. O ‘Le matin’, ‘Vint minutes’, por aí adiante. Mas sites não estou propriamente nos sites, estou mais sempre a pesquisar coisas no Google, coisas que as pessoas podem achar inúteis, mas pronto eu tenho certa curiosidade. Por exemplo de onde é que vêm os ursos polares ou sei lá, de onde é que veio o pai natal. Portanto sites nunca estou muito a ver sites. Vou ao Sapo, ao Correio da Manhã. O Facebook tenho-o ligado muitas vezes, mas poucas vezes lá estou ou porque estou no trabalho e como tenho que estar com atenção às chamadas, só estou mesmo entre duas ou três chamadas, quando tenho tempo e é só mesmo para ver quem é que está on-line, ou para ver por exemplo atualizações da minha irmã, que ela também está no Facebook. Mas não é propriamente sítio em que eu goste de falar porque falar virtualmente acho que não é a coisa mais interessante.”</p>
<p>Costumas ler? Que tipo de livros?</p>	<p>Já disseste que sim, e que tipo de livros, portugueses, mas de que género? “Ui! Eu sou daquele estilo de pessoa que gosta muito de ler livros dramáticos e pesados, sempre coisas tristes. Como por exemplo crianças abandonadas, o último que li era sobre uma escola em que um miúdo entrou por ali dentro e começou a disparar a tudo o que era aluno e professores. Portanto os meus livros vão sempre para esse estilo.” E porquê, consegues dizer porque é que achas que é assim? “Porque gosto... Não vou dizer que gosto da história não é, porque isso é um bocado macabro, mas digamos que interessa-me e fico interessada pela história de vida e do após situação. Ver como é que as pessoas... Porque pronto aquilo são tudo livros sobre</p>

	<p>histórias verídicas, gosto de saber qual foi a experiência que as pessoas tiraram de isso tudo e pronto, conhecimento. E como é que acabou e pronto, porque toda a gente em o seu lado negro e identifico-me em certos lados com certas histórias.” Mas porque já passaste por coisas parecidas ou... “Isso desculpa lá mas não vou falar.” Ok.</p>
<p>Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?</p>	<p>“Ah... Sim, talvez uma vez por mês vou ao cinema com o Victor. Eu sou mais filmes de ação, de terror, ficção científica. E tem de se um filme que diga que eu aprecie ver em tamanho gigante e partilhar com as outras pessoas que estão no cinema.” Porque costumavas ver mais em casa? Ou na internet, sacas da internet? “Faço muitos downloads de filmes, de séries. E vejo muito mais em casa. Desfruto mais a ver em casa, certas coisas porque pronto, nem tudo o que eu gosto agrada a toda a gente, portanto tento ver mais em casa aquilo que só eu é que gosto.” Como por exemplo? “Séries, agora estou a fazer o download da 4ª temporada das Desperate Housewife. O drama da série americana das senhoras de casa. E pronto sei que é uma série que os homens acham que é ridículo, o Victor diz que tudo o que se passa aqui não é verdade, mas gosto porque acho que é engraçado. Gosto de ver também o x files, não tem nada a ver com o outro tipo. E filmes de terror, filmes de terror o Victor já está tão farto de ver comigo que tem de ser sozinha.”</p>
<p>Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os</p>	<p>“Não, com a família não, porque pronto só mesmo a minha irmã é que vai ao Facebook mas com a família é telefone e com os amigos é só mesmo com os amigos da Suíça, de vez em quando falo com eles porque não tenho outra maneira de comunicar.” Mas anda tens muitos amigos na Suíça?</p>

<p>de Portugal ou de outros lugares?</p>	<p>“Sim, basicamente tenho lá todos os meus amigos ainda. Muitos deles ficaram lá porque pronto, os pais eram imigrantes como os meus, mas...” E são todos portugueses? “Não. Tenho turcos, tenho romenos, tenho italianos, espanhóis, todas as nacionalidades, todas.” Então contactas mais com os amigos doutros sítios do que propriamente com os de Portugal? “Sim, sim, porque eu em Portugal não tenho assim tantas amizades. Tenho mais conhecidos do que amigos.” Mas como é que... Já passaram tantos anos, como é que continuaste a ser tão amiga das pessoas da Suíça? Sempre só assim por contato à distância? “Depois dos dez anos que eu voltei para Portugal sim. Durante dez anos nunca mais tivemos contacto mas é claro que quando somos miúdos e, acho eu, quando cresces durante dezasseis anos com pessoas da escola, do eu bairro, começa a criar-se uma certa amizade, quase familiar e pronto. Não vou dizer que sou uma pessoa perfeita, longe de mim dizer isso mas acho que sou uma boa amiga e as pessoas sempre me guardaram no coração e quando tive oportunidade de conhecer o que é a internet comecei logo à procura, como eles que eu sei começaram à procura de mim, e sim, até ao dia de hoje ainda tenho lá grandes amizades, grandes mesmo.” E com os daqui de Amesterdão, também costumavas contactar ou... “Basicamente contacto com eles todos os dias, é maioritariamente com os do trabalho, poucas vezes ou nada com os do centro, mas sim, digamos que sim.” Quem são os do centro? “Ah, tenho um casal, a Maria e o David mas já há uns tempos agora que por acaso não contactamos. O Camilo. Outro casal, a Patrícia e o David, mas ultimamente não temos comunicado muito pronto,</p>
--	--

	<p>eles estão mesmo no centro, no centro e eu estou à volta do centro e como está a nevar, há sempre o problema do transporte e da distância, então não temos comunicado muito.”</p>
<p>Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?</p>	<p>“Útil atualmente sim, para poder comunicar sim.” E é para isso que a utilizas basicamente? Para comunicar? “Sim, para comunicar e para pesquisar porque pronto gosto de alargar o meu conhecimento e de vez em quando vou à internet e pesquiso para saber um pouco mais.” Utilizas mais do que quando vivias em Portugal? “Em termos de mexer, de descobrir sim. Em termos de comunicar não. Eu em Portugal utilizava muito a internet para falar com o Victor no Skype, mas desde que cá estou basicamente é para pesquisar e conhecer um pouco mais.” (hum, hum)</p>
<p>Outras tecnologias de que faças uso?</p>	<p>Gostas de jogar jogos como o Victor, por exemplo? “Não, sinceramente. Eu gostar até gosto, mas não tenho jeito nenhum. E jogos de tiros, a matar muçulmanos não, não tenho, não sou nenhuma assassina, acho que isso não tem jeito nenhum. Não, eu desses jogos gosto mais de Quizz. Tecnologias não, nem por isso, não sou muito dessas coisas. Sou uma pessoas um bocado, não vou dizer mentalidade antiga, mas digamos que em certas coisas parei no tempo e não quero avançar, tenho um bocado de receio do futuro da tecnologia.”</p>

B.7.3. Sociabilidades/ Quotidiano Patrícia

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	<p>“Os meus tempos livres basicamente são só os fins de semana e depois do trabalho, portanto durante a semana os meus tempos livres são em casa a arrumar coisas, distraio-me um bocado a arrumar coisas antes de ir para a cama vejo internet, leio qualquer coisa. Aos fins de semana tento recuperar o que tenho para fazer em casa, se tenho um bocadinho de tempo saio, gosto sempre de ir beber um café, sozinha, esvaziar a minha cabeça, pensar um pouco e basicamente é isso. Não faço muito mais.”</p>
Quando saís a que lugares vais? Com quem costumavas ir?	<p>“Tento procurar lugares um pouco mais, não digo sossegados mas, não sei, talvez uma rapariga da minha idade procuraria um bar ou um macdonald’s ou um burgerking para socializar, e eu não, eu procuro mais um café com pessoas de uma idade mais avançada do que a minha, que sei que posso estar sossegada e falar, discutir e tudo mais. Portanto procuro mais cafés do que propriamente bares e fast foods e...” Mas costuma ser aqui na zona, ou vais mais para o centro? “Aqui na zona vou ali a um cafezinho italiano na Bethovenstraat, gosto de lá ir beber um cafezinho de vez em quando. No centro basicamente só lá vou quando tenho alguma coisa para comprar, ou para ver, ou um encontro ou coisas assim. O centro tem demasiada gente, demasiados turistas, demasiado barulho, portanto não, o centro não é propriamente o sítio onde eu estou sempre.” E com quem é que te costumavas encontrar,</p>

	<p>quando vais lá ao centro? “Muito raramente, mas muito raramente, diria com pessoal português, com pessoal do trabalho, porque temos qualquer coisa para comprar ou pra fazer. Portanto basicamente é só mais com raparigas do que rapazes e por aí adiante...”</p>
<p>De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?</p>	<p>“Atualmente portugueses, espanhóis, franceses, italianos, ingleses, irlandeses...” E que costumam fazer com eles? “Falar, conviver, estar num bar ou assim.” Sobre que tipo de coisas é que costumam conversar? “Ah, quando estou com pessoas de outras nacionalidades falamos de trabalho, de onde é que gostávamos de ir, um dia se pudéssemos ir passar férias... Quando estou com pessoal português falamos um pouco do nosso país, de Portugal, do que lá se passa, falamos das famílias, também de rotinas que cá temos e que lá não tínhamos e vice-versa.”</p>
<p>Costumas ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>“Não, nem sei onde é que é uma aqui em Amesterdão. (o namorado interrompe: ‘Mentira! Já fomos lá ver um jogo de futebol.’) Ia a recuperar, mas o Victor não perdoa. Por acaso lembro-me, acho que é uma associação não sei bem, porque pronto acho que aquilo é um café português talvez, é um centro português em que fui lá no mundial, ver um jogo. Foi nos Lusitanos, mas entrei, estive lá um bocado, aquilo também estava um bocado cheio de gente e não tem nada a ver com os centros portugueses que eu conhecia na Suíça portanto não tive muito interesse.” Quais são as diferenças? “Os centros portugueses lá na Suíça são um bocado mais, em termos decorativos, adaptados à família. Sei lá, diferente decoração e a maneira das pessoas estarem. Aqui quando entrei ali dentro senti-</p>

	<p>me mais propriamente num café normal. Só mesmo identifiquei que era português porque tinha algumas bandeiras, mas considerei aquilo um café banal, simplesmente estava com um LCD a mostrar o jogo.”</p> <p>(hum, hum) Bom essa vez que lá foste também talvez fosse um dia especial por haver um jogo tão grande e estar muita gente. Mas identificaste-te com as pessoas que lá estavam, que te pareceram frequentar? “Identificar não me identifiquei mas gostei porque pronto, pelo menos consegui perceber o que é que as pessoas estavam a falar. Falavam português portanto consegui sentir-me um bocadinho mais à vontade para comunicar com as pessoas.” (hum, hum) Mas então não sentes necessidade de frequentar associações portuguesas ou sítios onde encontres portugueses? “Não, não.”</p>
Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?	<p>“Gostava, mas o meu namorado não é muito de espetáculos nem de museus portanto ainda não tive oportunidade. Gostava de começar a ir a alguns museus, já que estou em Amesterdão, gostava por exemplo de ir ao museu do Van Gogh e por aí adiante, mas ainda não tive oportunidades disso. Mas por enquanto não, ainda não tenho esse hábito. (hum, hum) E se fosses gostavas de ir a algum em particular? “Van Gogh.”</p>
Atividades desportivas? Com quem?	<p>“O meu cardio twister e 20 minutos a andar todos os dias para ir para o trabalho e 20 minutos para casa.”</p>
Hobbies?	<p>“Aqui já não tenho. Em Portugal tinha muito o hábito de desenhar, tinha muito tempo livre, também era diferente, aqui não, deixei um bocado o desenho de lado, tenho pena disso. Há uns tempos atrás tentei</p>

	fazer alguma coisa e não deu nada de jeito. Mas não, não tenho assim grandes hobbies. O hobbie de martirizar o meu gato, fazer a vida dele um inferno, mas não, não tenho mais nenhum.”
Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)	<p>“Gosto de dançar, gosto de dançar, o problema é que as músicas holandesas e o tipo de música que os holandeses aqui dançam, o techno, trance, ou o que seja não é muito o que eu gosto mais de dançar. Portanto já há muito tempo que eu não danço. Não é que seja nenhuma profissional, longe de mim, mas...”</p> <p>Mas que género de música é que dançavas em Portugal? “Gosto de dançar música latina, rumba, salsa, mambo. Gosto de dançar house.” Então aqui ainda nunca saíste assim para ir dançar? “Não. Dancei, a última vez que eu dancei, se é que posso chamar àquilo dançar, foi mais mexer o pé de um lado para o outro, foi quando fui a uma festa que o Victor estava a fazer o som no trabalho.”</p>
Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?	<p>“Sim, isso sim, pelo menos se vamos pensar em relação ao Alentejo sim. Tenho muito mais cultura e tudo o que seja aqui, para que possa procurar.” Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Como por exemplo? “Acesso a mais liberdade de me movimentar digamos assim. Tenho mais transportes para ir de um lado ao outro, ah... tenho mais... como hei de dizer? Cafés não, mas tenho mais sítios onde se eu quiser ir passear posso ir. Não estou tanto limitada do que estava no Alentejo.”</p> <p>(hum, hum)</p>
Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te	“Hum... Na cidade não. Não porque Amesterdão não é assim tão bonito como as pessoas pensam, depois de estares cá a viver Amesterdão torna-se uma cidade

expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)	como as outras todas. A única coisa que é de se admirar, é como é que prédios tortos ainda se conseguem aguentar. Realmente os canais são giros sim senhor, e gosto muito disso porque pronto, como vivi muitos anos num país à beira do lago pronto, basicamente, e vivi muitos anos à volta disso, gosto de ter água por perto. E é uma coisa que Amesterdão tem bastante, até de sobra. Ah, mas ya... acho que é só basicamente.”
---	--

B.8.1. Sociografia/ Relação com a origem Luís

Sociografia	
Nome	Luís
Idade	35
Género	M
Naturalidade	Porto.
<p>Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?</p>	<p>“Vivi em Moçambique, entre o 1 ano e os 2 anos de idade. Os meus pais fizeram o contrário de toda a gente na altura. Estava toda a gente a sair das ex-colónias e os meus pais foram para lá. Porque eram meios hippies e entraram naquela, antes de o regime ter ido abaixo toda a gente era comunista basicamente. Portanto, eram novos não é? Aqueles ideais, ‘eles vão ter um governo comunista, vamos para lá!’, a minha mãe era professora ‘eu vou dar aulas, vou ajudá-los ao desenvolvimento’. E pronto, estiveram lá um ano. Foi engraçado, a minha mãe, não havia praticamente professores, e a minha mãe muito nova basicamente dava os exames de quarta classe de Maputo todo. O meu pai sempre foi um bocado mesmo marado da cabeça (risos), fazia artesanato e vendia a várias joalharias de Maputo. Um dia, o meu pai foi pôr o lixo à rua e nunca mais voltou. Nunca mais voltou, ou seja, andou desaparecido durante uns meses. A minha mãe andou à procura dele, entretanto meteu-se aquele processo revolucionário e uma noite o novo governo estabelecido deu-lhes na cabeça e prenderam todos os brancos que viram, e o meu pai foi um deles. Pegaram neles, levaram-nos todos para o mato, tipo campo de concentração, sem darem notícias nem nada. A minha mãe andou para aí 3 meses para descobrir onde estava o meu pai, até que o encontrou e andou em diligências, a falar com o bispo de Nampula,</p>

	<p>com o chefe da polícia e conseguiu tirá-lo de lá. E depois quando o conseguiu tirar de lá, claro, a desilusão caiu mesmo sobre eles e ‘vamos embora para Portugal’. Ou seja foi mesmo uma história ao contrário da corrente, o que é interessante. O meu pai voltou meio destabilizado e meteu-se fortemente nas drogas, os meus pais separaram-se depois de voltarem.”</p> <p>“Vivi praticamente a minha vida toda no Porto, na Boavista, mesmo no centro do Porto. Estudei sempre perto de onde vivia. Depois de acabar o curso, vivi 3 meses em Campo Maior e 3 meses em Bragança. Voltei para o Porto, depois vivi durante 3 meses em Londres. Fui saltando também porque é um pouco a natureza da hotelaria. Mas esta ida para Londres também teve a ver com a descoberta das drogas, que descobri tinha para aí 26 anos. Meti a minha primeira pastilha no Algarve e adorei pá, fiquei mesmo extasiado basicamente e quis logo ir para Londres experimentar aquilo tudo. Londres porque associava a cidade à música electrónica e desta cena toda e fui mesmo para experimentar e curtir, era esse o meu objectivo. Fiquei lá 3 meses e foi altamente, pá curti basicamente, trabalhei também, mas fundamentalmente foi curtir. Mas depois comecei a sentir que era demasiado consumo e preferi voltar para Portugal. O background do meu pai também ajudou a assustar-me, foi uma coisa que marcou a minha infância, e portanto decidi mesmo não continuar por ali. Não quer dizer que tivesse deixado de fazer as minhas cenas, mas Londres é uma cidade muito <i>underground</i> em que estás lá sozinho, as coisas aparecem-te à frente.” Aqui não sentes isso? “Menos, muito menos mesmo! (hum, hum) E Londres é uma cidade muito grande, quase que te absorve e senti-me um bocado, até infeliz para o fim. Voltei para Portugal e arranjei mais um emprego em hotelaria, (27 anos) conheci uma miúda no Porto, apaixonei-me e decidimos vir para a Holanda os dois. Viemos trabalhar numa estufa de cogumelos, os dois. Numa de ‘Pá estamos fartos os dois disto, vamos fazer qualquer</p>
--	--

	<p>coisa’.” Mas foi fundamentalmente uma questão económica, que vos levou a sair? “Também, mas não só. Foi mesmo a cena da aventura e de vir para um país diferente. Pronto e também porque estávamos apaixonados e isso também conta não é? (risos) Quando tens companhia também te arriskas mais assim a fazer uma aventura. Mas foi isso, foi uma conjugação de cenas.” E porquê a Holanda? “Oh pá foi uma coisa mesmo que surgiu, nem foi uma coisa muito pensada. Através de uma amiga soubemos que estavam a recrutar pessoas aqui para a Holanda e decidimos arriscar e vir. Vivemos num bangaló no meio da natureza, muito fixe mesmo, trabalhámos numa estufa a apanhar cogumelos. O trabalho não era nada de especial mas quando estás apaixonado tudo é bom não é? (risos) Depois claro eu e ela com um certo nível cultural, inseridos num grupo de trabalhadores não é? Com a 4ª classe, com o 2º ano do ciclo... Pronto, esse tipo de trabalhador...” Tudo portugueses? “Tudo portugueses. Claro que sobressais, naturalmente. Então esta empresa de recrutamento reparou que nós de facto tínhamos outro nível cultural e passamos a trabalhar diretamente para eles e a ser responsáveis por alguns projetos na Holanda. Mudaram-nos para Roterdão, deram-nos uma casa, deram-me um carro, condições altamente. Eu ia lá em baixo aos cogumelos, que era em Limburgo só ver como as coisas estavam, falar com a fábrica, coisas laborais basicamente, falar com os trabalhadores.” E os outros portugueses que reação tiveram a essa tua promoção? “Ficaram todos ciumentos como é natural, é mesmo assim. E também tinha trabalho administrativo na empresa, na sede, que era em Roterdão. Mas depois, passado uns tempos decidimos voltar a Portugal. Comecei a sentir um pouco de saudades e decidimos voltar a Portugal.” Como é que foi viver em Roterdão, é diferente de Amesterdão? “É, é uma cidade... não é maior, mas aqui é mais aconchegante e mais internacional. Roterdão é basicamente holandês. Gostei, gostei durante uns tempos, mas depois fartei-me.</p>
--	---

	<p>Nunca me integrei assim propriamente também porque não trabalhava mesmo lá, pegava no carro e saía sempre e a Helena vinha para aqui gerir um trabalho que era num hotel, também um grupo de trabalhadores <i>housekeepers</i> e vinha para aqui também para Amesterdão. Então saíamos os dois e regressávamos a Roterdão. Roterdão era basicamente onde dormíamos percebes? Portanto a ligação a Roterdão nunca foi assim muito grande. (hum, hum) Pronto e então decidimos voltar a Portugal, voltamos, fomos viver juntos para o Porto outra vez, e aí a nossa relação não resistiu à nossa volta a Portugal. Não sei bem porquê, se calhar os sentimentos não era assim tão grandes também não é?” Quanto tempo é que estiverem juntos?</p> <p>“Estivemos dois anos. Voltámos a Portugal... E sentimo-nos os dois também um pouco ‘fora do baralho’ porque... quando tu vais para fora de Portugal e depois regressas tu sentes o teu local um pouco já diferente não é? Tiveste uma experiência nova, viveste outras coisas, conheceste outras pessoas. Quando regressas ya, gostas de encontrar os teus amigos, é bom percebes? Mas fica ali um tipo, um vazio, pronto. E também porque é assim, eu também voltei a Portugal porque eu vi uma oportunidade não é, eu vi como é que fui recrutado, o que é que me disseram sobre o que era o trabalho no estrangeiro e depois soube que esta empresa para a qual estava a trabalhar precisava de recrutadores nos outros países para arranjar trabalhadores para cá e pensei ‘Fogo, eu consigo fazer isto muito melhor do que eles estão a fazer neste momento.’ E propus-lhes: ‘Olha porque é que eu não vou para Portugal, abro um escritório, eu que sei bem o que vocês fazem, sei explicar bem as condições de trabalho. Porque é que eu não posso fazer o mesmo?’ E eles aceitaram e eu comecei o meu escritório mesmo pequenino, comecei a pôr entrevistas no jornal, a fazer entrevistas às pessoas, fiz um guião de entrevistas, preencher tipo um formulário com cenas um bocado básicas porque também é pá... era <i>labour</i>, não era um trabalho</p>
--	---

	<p>especializado. (hum, hum) E pronto comecei assim e começou a dar dinheiro, começou a dar dinheiro, entretanto já estava sozinho não é? Continuei com a empresa e cresci, arranjei mais clientes, comecei a mandar mais e mais pessoas para cá. Mas depois também houve uma mudança. A partir de 2001, foi quando houve os atentados do 11 de Setembro, foi mais ou menos a partir dessa data, as condições começaram a regredir. Portanto posso dizer-te que eu ganhava 0.68 cêntimos por cada hora de trabalho na Holanda, (hum, hum) dos trabalhadores que eu recrutava, e ao fim já estava a fazer propostas a empresas de 0.25 cêntimos! Por isso estás a ver, era três vezes menos. E tal como foram regredindo para mim, também foram regredindo para os trabalhadores cá na Holanda. O que era um quarto para uma pessoa passou a ser um quarto partilhado, estás a perceber? E também isso começou a gerar outros problemas. Porque se tu tens três quartos numa casa e é uma pessoa em cada quarto é uma coisa, se tens seis pessoas nessa casa já é outra. E portugueses... consegues compreender o tipo de problemas que dá! Começaram a chatear-se uns com os outros, problemas na casa de pancadaria, álcool, drogas, tive tantas cenas... E depois ligavam-me às tantas da noite. E tu estás em Portugal a tentar perceber o que se está a passar e depois eles exageram como o caraças, tu não sabes se eles estão a dizer a verdade, ou se não estão. Estás ali numa posição, a tentar compreender a situação mas não sabes se efetivamente o que eles estão a dizer é verdade ou não. Oh pá e basicamente começou a ser demasiado stressante e não compensador. Até que finalmente em 2006 as regras laborais no país mudaram e abriram as portas aos mercados de Leste e eles simplesmente deixaram de me pedir pessoas e tive de fechar basicamente. E foi aí que decidi, fiquei lá uns tempos em Portugal ainda, e decidi voltar à Holanda, que era o que eu já conhecia e achei que tinha possibilidades de arranjar emprego aqui, foi isso que eu fiz.”</p>
--	--

Escolaridade (incluindo locais de formação)	“Sim, frequentei sempre escolas públicas. E depois fiz a Licenciatura em Gestão Hoteleira, que era num instituto estatal, mas que tinha uma propina mensal, mas que não era muito alta. Foi um dos motivos que me levou a fazer esse curso, para além de ser curto, não se pagava assim muito e tinha boas saídas para o Mercado de trabalho.”
Profissão	Operador de Call Center.
Emprego em Portugal	“O meu primeiro emprego foi no Alentejo, como rececionista. Depois no Porto como assistente de direção num outro Hotel. Nunca durava mais de 6 meses nestes empregos. Também trabalhei perto de Anadia numa estalagem. Também estagiei em Lisboa, na <i>Telepizza</i> , fui subgerente de duas lojas no Porto. Estive em Londres 3 meses, noutro hotel. Fui saltando também porque é um pouco a natureza da hotelaria. Mas eu nunca gostei muito, porque é uma cena muito formal, tens de pôr um fato e uma gravata. Eu até consigo ser formal, com sucesso, mas não quer dizer que seja essa a minha natureza. Não gostava também de ter pessoas a meu cargo, nem de estar a cargo de ninguém, funciono melhor sozinho, é como trabalho melhor, independente. Voltei para Portugal, arranjei mais um trabalho em hotelaria.” (27 anos)
Tipo de residência em Portugal	“Esta em que vivi a maior parte do tempo, no Porto, era um T2 alugado, mas um T2 pequeno, dois quartos pequenos. Na Boavista.” Que é... a ideia que eu tenho é que é um sítio privilegiado no Porto... “Sim, é um sítio porreiro, com bom ambiente, nada de muito pesado, também temos um bairro social lá perto de onde vivemos, mas um bairro social que por acaso tiveram a lucidez de não o fazer muito grande. Ainda tinha muitos amigos no bairro social, mas era de facto integrado o bairro, dávamo-nos todos bem ali. A Boavista é intermédio, há um pouco de tudo, mas com um certo nível, também um bocado de artistas por lá.”

Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	<p>“Vivi com a minha mãe desde os meus três anos de idade até... Pronto, vivi em espaços fora de casa, mas basicamente tinha sempre ali o meu porto seguro com a minha mãe basicamente. E vivi com ela para aí até aos 26, 27 até ir para Londres e depois vivi com a minha ex-namorada, e depois vivi sozinho, na casa que era da minha mãe. Porque a minha mãe depois entretanto comprou casa, e nós tínhamos esta casa alugada com aqueles contratos antigos e eu permaneci lá sozinho durante uns três ou quatro anos.”</p>
Naturalidade dos pais	<p>“São os dois do Porto, mas não do centro do Porto. A minha mãe é de uma freguesia vizinha da Maia, que é Milheirós. É Maia pronto, Maia é uma cidade da orla do Porto. E o meu pai é também de outra freguesia do Porto, aí a dez quilómetros do Porto vamos dizer, Águas Santas. É assim, fui grande parte da minha infância para lá e era, nos anos 80, o campo, agricultores... E pronto vivi duas realidades sociais muito distintas, a família da minha mãe com um certo nível cultural pronto, não também demasiado elevado, mas mediano, com um certo nível económico. E a parte do meu pai, trabalhadores da construção civil, o meu pai e os irmãos do meu pai, tudo pessoal mesmo com quatro anos de escolaridade, assim como a minha avó e o meu avô. Vivi estas duas realidades distintas, interessante... (hum, hum) a minha avó materna com uma casa porreira de campo, uma vivenda não é? E a minha avó paterna vivia numa ilha. Sabes o que é uma ilha? Não sabes o que é uma ilha. Uma ilha é... como é que eu te posso definir? Eu acho que são construções que foram feitas para o período da revolução industrial para alojar os trabalhadores que vinham da periferia. Chamam-se ilhas porque as construções são casas à volta de um pátio, e eles vivem todos ali. (hum, hum) Ainda me lembro da minha avó à porta a insultar as vizinhas, e as vizinhas a mesma coisa. Aquilo era uma peixaria, estás a ver? No início dos anos 80 ainda havia uma retrete colectiva, ya, era assim que eles viviam.</p>

	<p>Depois desenvolveu-se bastante e as condições melhoraram, mas durante bastante tempo eram condições um bocado até degradantes. Eu vivi essas duas realidades percebes? E é engraçado que eu preferia muito mais ir para a ilha do que ir para os meus avós maternos. (risos) Porque estás a ver, na ilha eu ia brincar com os miúdos, atirar calhaus, gostava mais.” Mas e o teu pai, saía um pouco fora desse meio não? “Sim, saía um bocado do baralho, sempre gostou bastante de ler percebes? Ele tem uma certa cultura, não é que seja muito evoluído, mas pronto sempre teve outra vivência. Naquele período revolucionário sempre foi àquelas reuniões e sempre se deu com pessoal mais alternativo e então também embebeu uma cultura um bocado superior ao que tinha no seu nível familiar, basicamente. É uma pessoa interessante... Bom, tenho uma relação assim um bocado difícil ainda com ele percebes?” (hum, hum) Claro. “Porque há cenas que te ficam da infância que tu tens dificuldade em esquecer, mas damo-nos razoavelmente bem ainda assim. Consigo compreender percebes?”</p>
Escolaridade dos pais	<p>Então e a tua mãe, que escolaridade fez? “Magistério primário, era o que se chamava o magistério primário na altura. Mais tarde quando a minha mãe depois estudou educação especial e então obteve a licenciatura, mas na altura do Salazar era o magistério primário. O meu pai começou a trabalhar com oito anos de idade, era o filho mais velho e então foi o mais massacrado. Começou a ter que trabalhar muito, muito cedo. O meu pai basicamente sempre trabalhou na construção civil. Era pintor da construção civil e sempre fez artesanato também. Pulseiras em couro com cenas em cobre, sempre foi o que ele fez. Eles depois do 25 de Abril chegaram a estar em Stª Catarina com a banquinha, a vender artesanato.”</p>
Profissão dos pais	<p>Professora e trabalhador da construção civil.</p>

Local e tipo de residência dos pais	Mãe casa própria no Porto. Pai em casa da sua mãe, na Maia.
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	<p>“É assim eu tenho primos distantes, quase como todas as famílias portuguesas, que emigraram para França e às vezes no verão vinham e conheci-os, mas assim esporadicamente. Nem tenho grande contacto com eles. Mas sim, há família minha emigrada em França.”</p> <p>Mas achas que isso contribuiu para a tua vontade de sair também?</p> <p>“Não, não terão sido eles que contribuíram porque lá está, também o tipo de emigração que eles fizeram foi provavelmente diferente do que eu fiz percebes? (hum, hum) Eles foram daqueles emigrantes que foram para França que eram pobrezinhos, não sei se viveram no <i>Biddonville</i> se não, mas pronto eles agora creio que devem estar bastante bem. Eles pelo menos vinham com grandes máquinas não é? (risos) Como é normal dos emigrantes portugueses. Não sei se tinham a buzina do <i>kit</i> ou não, mas para aí caminhavam, para aí caminhavam!”</p>
Porque decidiste sair de Portugal?	<p>Então considerarias que a tua migração foi sempre por razões laborais, económicas? “Não só. É assim não se pode definir apenas por uma única motivação. Eu não tenho uma única motivação. Há a vertente económica e laboral, esse é um ponto que é importante claro, porque eu preciso de dinheiro para subsistir. Há outro ponto que é a minha felicidade, como é que eu me sinto no meio em que vivo, e já não me estava a sentir bem há muito tempo, no Porto. Simplesmente tinha um bom trabalho que me dava um bom rendimento e não trabalhava muito, isso era bom. E continuava a manter-me por lá porque o trabalho era bom. Mas não quer dizer que eu fosse já muito feliz lá, e já me passava pela cabeça sair. Claro que quando a minha empresa foi ao charco, deu-me muito mais motivação para me vir embora. E depois, também tem que se dizer, há sempre motivo emocionais. Há sempre motivos emocionais no</p>

	<p>fundo. Por exemplo se eu estivesse no Porto e estivesse muito apaixonado e feliz não é? Provavelmente eu consideraria ficar lá. (hum, hum) Estava sozinho, não tinha assim grandes perspectivas emocionais também, não tinha nada que me prendesse, vamos embora. Portanto não é apenas um factor que te motiva não é? (hum, hum) Pelo menos para mim. É um conjunto de situações que te levam a tomar uma decisão, basicamente.” “Um conjunto de situações, económica, cultural, basicamente. As razões culturais... Eu sou do Porto, Porto é Portugal claro, mas há situações específicas que eu acho que o Porto em particular tem uma cultura muito fechada, estás a perceber? Aquilo é uma grande aldeia. Eu vou sair à noite com frequência, sempre fui no Porto não é? A partir de uma certa altura tu comesças a conhecer toda a gente e basicamente torna-se uma rotina. E depois sinto que ainda há uma cultura muito ligada à aparência, em reparar se estás um bocado diferente naquele dia, toda a gente repara.” Diferente em que aspecto? “Oh pá se estás vestido de maneira diferente, se tens um corte de cabelo diferente, se apanhaste uma grande bebedeira, se te portaste mal, estás a perceber? E depois toda a gente se conhece, toda a gente comenta. Agora por exemplo sai a moda dos cabelos com umas ripinhas, todas as meninas praticamente vão ter os cabelos com as ripinhas. É tudo muito estereotipado, não é esta diversidade que tu vês em Amesterdão. Basicamente isso define até um bocado essas modinhas que surgem e depois toda a gente faz da mesma maneira. É padronizado. E eu sendo homem não é? Tendo um grupo de amigos masculino, também há uma cultura masculina em Portugal em geral, mas especialmente no Porto, acho que a cultura masculina é um bocado pobre. Ponto final. Eu fui basicamente educado por uma mulher toda a minha vida, portanto também tive muita dificuldade nos meus grupos masculinos, em aceitar a norma, estás a perceber? (hum, hum) e os comentários que às vezes se fazem que eu nunca, nunca aceitei muito bem</p>
--	---

	basicamente: ‘aquele é isto, olha aquela...’ Oh pá não sei, sempre fui assim um bocado...”
Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?	“Eu acho que na altura tinha dinheiro, já não me lembro bem, provavelmente nalgum ponto contribuiu com alguma coisa percebes, já não sei bem. Mas se foi, foi esporádico. Mais ou menos desde que comecei a trabalhar, esporadicamente ajudou-me, mas basicamente eu fui fazendo sempre o meu dinheiro.”
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	Moçambique e Inglaterra (ver percurso).
Porque escolheste Amesterdão?	E então quando vieste para Amesterdão vinhas um pouco também a fugir disso? “Sim, vinha à procura de uma cultura mais aberta, diferente da que tenho no Porto. Também não posso generalizar, pelo meu círculo de amigos o que é a cultura do Porto não é? Porque também cada grupo de amigos gera a sua própria cultura, e também te digo que é assim, tu, às vezes os amigos, de uma certa perspectiva escolhes, mas às vezes há circunstâncias que tu acabas por te juntar a um determinado grupo de amigos que depois com a convivência vais descobrindo que há mais ou menos afinidades. Eu gosto muito dos meus amigos no Porto, mas a nível cultural até te digo que nem tenho grande sintonia com eles. O que é engraçado, mas é verdade. Oh pá gosto deles emocionalmente não é? Mas em certas coisas eu simplesmente tenho uma visão mesmo muito diferente, então em certas conversas aquilo dá sempre um choque estás a ver? Então nunca sinto uma...” Mas a nível de abertura de mente?... Ou a nível de interesses de música, cinema... “Em algumas coisas, a nível de música e cinema partilhamos gostos mas a nível cultural lá está, esta forma de estar em relação às mulheres por exemplo. Nunca, ou pelo menos aquilo que eles exteriorizam, que às vezes creio que não é bem aquilo que eles pensam, não é aquilo que eu acho que é o meu ideal

	<p>de ver uma mulher, que é predominantemente machista, daquele género ‘olha aquela, eu fui àquela, eu fazia isto, fazia aquilo’. Aquele tipo de conversa que tu provavelmente também conheces que eu às vezes epá, olha para eles e... ya. Não me deixa muito comentário a fazer.” E o que é que esperavas encontrar em Amesterdão, para além de uma maior abertura de mente, que culturalmente te incentivou a vires? “Além de uma cultura mais aberta e além de ter oportunidade aqui em Amesterdão e eu já sabia, de conhecer pessoal de todo o lado e eu adoro! Estar no meio de suecos, noruegueses, outras culturas, que é mesmo enriquecedor. Além disso, isso é o nível cultural, claro que a nível económico também vinha à procura de uma segurança que eu não tinha em Portugal e que aqui encontrei. Ou seja lá está é o factor económico e cultural também.” E para além dessa vontade de contactares com outras culturas havia outros factores culturais? “Sim, aqui é mais fácil estares em contacto com outras ideias, e teres acesso a coisas diferentes, conheces pessoas de muitos sítios, eventualmente conheces pessoas que de uma certa forma te vão iluminar. Através de uma conversa ou seja o que for, ‘olha lê este livro, que eu li, olha vê este filme’. Oh pá muito mais depressa tu cresces do que se estiveres em Portugal, não é? Porque é mais fechado culturalmente. Basicamente se um leu aquele livro, então todos leram aquele livro. Aqui é mais diverso, há um diversidade muito maior, o espectro cultural é muito mais abrangente do que em Portugal.” E escolheste Amesterdão por essas razões ou porque o teu primo já vivia cá? “Fundamentalmente o meu objectivo, até da primeira vez que tinha vindo, era vir para Amesterdão. E da outra vez isso acabou por não acontecer e então desta vez tinha mesmo de ser, eu disse ‘Eu vou para Amesterdão, é mesmo em Amesterdão que eu quero estar. Quero ter a minha bicicleta, quero poder ter a bicicleta e não estar preocupado com carro, poder mexer-me livremente de um lado para o outro, que é uma grande sensação de liberdade’ (hum,</p>
--	---

	<p>hum), além de ser benéfico para ti porque te mexes e também é altamente economicamente não é? Porque não gastas dinheiro e é uma grande vantagem não é? É uma cena muito simples mas fantástica, que distingue esta cidade de outras.”</p>
<p>Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?</p>	<p>“Aqui tens mais qualidade de vida do que em Londres por exemplo.”</p> <p>“Estou, estou satisfeito se bem que ah... não sei se é a minha natureza, ou se é a natureza normal do ser humano (risos), nunca estás completamente satisfeito não é? (hum, hum) É assim, gosto muito de Amesterdão, tenho aqui muitos amigos, mas por exemplo tenho de notar, eu praticamente não tenho amigos holandeses. Ou seja, no fundo vivo sempre numa comunidade de <i>expats</i>, sem nunca completamente fazer parte da sociedade holandesa. É uma observação que eu faço a mim mesmo que é verdade, é assim eu vivo basicamente com estrangeiros, não me ligo aos holandeses.” Não te ligas ou eles não se ligam a ti também? “É assim, eu não me ligo, mas eles também não se ligam a mim. É um bocado recíproco. Acho que eles são um pouco fechados. A cultura se calhar é aberta, mas eles individualmente são fechados. Tu entras até um determinado ponto, depois não te deixam entrar. Também tem a ver com a barreira linguística. (hum, hum), Eu acho que se falasse holandês, se calhar tinha outra relação com eles. É assim, eu tenho cá amigos portugueses, que já vivem cá há 6 anos e falam holandês e estão mais ligados, já têm alguns amigos holandeses. Tem a ver lá está um pouco com a língua, mas apesar disso, e falo com estes meus amigos, os holandeses são pá... Regras, regras, regras. E nós somos latinos, somos o oposto não é? E mesmo socialmente, ele constroem relações sociais diferentes das nossas. Há uma diferença cultural considerável, entre nós e eles. É uma cultura e é assim, somos diferentes, nem podíamos ser iguais. Nós vivemos num país com umas certas circunstâncias, que é muito mais quente, aqui é muito mais frio, a geografia é completamente diferente. Eu acho que isso define muito</p>

	<p>uma cultura, por isso claro que nunca poderíamos ser a mesma coisa, claro que somos todos seres humanos e há uma base em comum, mas noutras coisas de facto somos diferentes uns dos outros.” E isso é uma coisa que te deixa insatisfeito na tua vivência em Amesterdão?</p> <p>“Sim, isso será um factor, mas pondo todas as coisas em consideração acho que me posso dar por satisfeito com a minha experiência aqui. Não diria que ficasse cá toda a minha vida, porque acho que vou ter necessidade de mudar, (hum, hum) gosto de mudar e gostava de experimentar outros sítios. Especialmente num sítio com um clima melhor, que essa é outra das queixas que todos temos não é? O clima aqui não é muito cativante não é?” Mas estás a pensar num futuro próximo ir para outro sítio? “Próximo, próximo não diria mas mais dois ou três anos e depois talvez partir para outro tipo de experiência, não sei. Também é observar um pouco como o mundo desenrola (hum, hum) mas parece-me uma boa hipótese por exemplo o Brasil, uma vez que a minha mãe já lá está, e montar uma pousada, uma cena assim diferente, em que possa trabalhar para mim, mais independente outra vez. Se calhar isso passa-me pela cabeça, ter uma vida mais livre. Estás a ver? Tu estás aqui mas tens sempre aqueles sonhos... Porque aqui é bom, mas é muitas regras estás a perceber? Tens que seguir aqueles trâmites, e isso no fundo constrange-te.” Mas achas que há mais regras que em Portugal? “É assim, não são mais regras, mas são mais rígidas. Tens mesmo que as cumprir. Em Portugal pá... nós, culturalmente parece que nos distanciamos um bocado das regras e tentamos esquecer um bocadinho percebes?” Há pouco falaste numa “comunidade de expats”, o que é que esse conceito quer dizer para ti exatamente? “Estás a viver num sítio que, as tuas origens não são dali não é? Por isso no fundo acabas por te sentir mais livre, ninguém te conhece. Enquanto que se eu estivesse na minha rua no Porto e chegasse todo bêbado a casa, a minha mãe quando fosse à mercearia já toda a gente lhe ia dizer o estado em que</p>
--	--

	<p>eu estava a iam criticar. Por isso não teres tanta relação com o meio envolvente acaba por ser positivo para ti porque não estás tão condicionado. Quando tu mudas de grupo de amigos e vais para fora, tens ali um espaço para te modificares que não terias se permanecesses no mesmo sítio toda a vida não é? Acho que essa é a cena interessante do conceito de <i>expat</i>. Permite-te a ti mudar e experimentar situações muito diferentes e eu gosto de não ser um local.” Então para ti não tem propriamente a ver com o facto de seres um migrante mais especializado ou estares ligado a determinado tipo de profissão? “Não, não.”</p>
Há quanto tempo vives em Amesterdão?	Quatro anos.
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	<p>“Não, não, nunca estudei cá.” E gostavas de fazer alguma coisa? “Quem sabe... Talvez a barreira seja mais uma vez a língua. Não sei, mas talvez muitos dos cursos que pudesse fazer, talvez peçam o holandês. Eu aqui o que me passa pela cabeça fazer é a <i>SAE Institute</i>, em música electrónica.”</p>
Emprego	<p>“E depois aqui desta vez comecei como te disse, a fazer limpezas, com um primo meu que tinha uma empresa de limpezas.” E esse teu primo já vivia cá há muito tempo? “Sim, vivia cá há seis anos. E pude ficar em casa dele imediatamente, por isso foi fácil para mim vir para cá. Podia vir a começar a trabalhar imediatamente, a fazer fosse o que fosse. Até foi bom para mim, que estava mesmo um bocado... A empresa foi abaixo, cenas também pessoais que não estavam a correr bem, blá, blá, blá, que não estavam a correr bem... E o trabalho físico para mim foi mesmo muito bom, foi bom, as limpezas. Claro que também só durante uns tempos, como é normal. Depois comecei a trabalhar num hotel, sempre a tentar novas cenas, até que encontrei</p>

	a <i>Sygnific</i> e pronto por aí estou até agora, até ver. Não é?”
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	<p>“Em <i>Osdorp</i>, em casa alugada com quatro andares. Vivo com um norueguês (24), uma sueca (25), e uma italiana (28), todos colegas de trabalho. São todos muito porreiros.” Porque é que gostas de viver lá? “Oh pá a casa tem muito boas condições e damo-nos todos muito bem. Também a casa permite, porque há espaço de sobra para todos. Se eu quiser estar na minha estou na minha, se quisermos estar todos juntos no primeiro andar, estamos todos juntos. Se quisermos cozinhar juntos cozinhamos. Conseguimos criar ali uma harmonia entre todos. E por um lado é fixe porque não estás completamente sozinho. (hum, hum) É bom, teres sempre alguém para conversar, se bem que eu sempre fui mais do tipo de me isolar. Vivi três anos sozinho e gosto de estar nas minhas cenas, às vezes vou lá para baixo, fico lá com a minha música nem ligo a ninguém. Mas também ao mesmo tempo acho que estou mais sociável, estou a tornar-me cada vez mais aberto. O que resulta mesmo muito melhor para mim.”</p> <p>Estavas a dizer que não vais tanto ao centro agora, porquê? Vives nesta casa há quanto tempo? “Oito meses mais ou menos. Vou, vou ao centro mas gostava de ir mais do que vou. Eu não gosto de andar no <i>Tram</i> e vou sempre de bicicleta não é? Claro que meia hora, trinta e cinco minutos ainda é algum tempo de bicicleta não é? (hum, hum) E às vezes chego a casa, já estou cansado e começo mentalmente a imaginar-me a pedalar tudo para o centro e depois a pedalar tudo para casa outra vez, e como já estou cansado penso ‘não, que se lixe, fico mas é aqui em casa, a fazer as minhas cenas da música, se calhar a ler um bocado’ e acabo por ficar por casa. Mas vou sair com regularidade, também tenho que o dizer. Se bem que até gostava de ir mais não é? Para estar mais ligado e conhecer mais pessoas percebes?” (hum, hum) Porque é que isso é importante para ti? “É importante porque isso é o sal da vida, é conhecer pessoas e uma pessoa que acabaste de conhecer pode dizer-te uma coisa</p>

	extraordinária que te pode abrir uma perspectiva completamente diferente. É assim é muito através das tuas relações sociais que tu evoluis como ser humano, percebes? É mesmo importante estares com outras pessoas, é isso que te dá motivação e alegria para continuar.”
Com quem habitas?	Vive com um norueguês (24), uma sueca (25), e uma italiana (28), todos colegas de trabalho.
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	----
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	<p>“1500 euros.” O teu nível de vida com esse rendimento é muito melhor do que tinhas em Portugal? “É assim durante uma fase não. Porque quando tinha a empresa chegava a ter meses em que ganhava mais do que estou a ganhar aqui e a pagar muito menos de renda. Portanto tinha um rendimento disponível muito maior. Por isso é que me dediquei à música e cheguei a gastar 3000 euros por ano em vinil. Quando tinha para o poder fazer. Então tinha uma vida muito boa, tinha dinheiro para sair todos os dias à noite. Era o que eu fazia, andava sempre a curtir (risos). Mas se compararmos a média dos anos todos que lá trabalhei, posso dizer que aqui é melhor, falando em termos gerais, claro que sim. Pelo trabalho que estou a fazer aqui quanto é que ganharia no Porto? 700 euros para aí. E aqui ganho 1500.” E isso permite-te aceder a que tipo de coisas que... “Permite-me ter uma vida estável, permite-me se eu quiser juntar algum dinheiro, permite-me mesmo assim pagar uma renda de 500 euros que para os termos portugueses seria considerado elevado. Mas mesmo assim, sobram-me 1000 euros, já dá para fazer muita coisa. Comprar equipamento musical, comprar um computador, investir noutras coisas. Se calhar no Porto poderia pagar a renda e viver apenas. Aqui dá para sair à noite, sociabilizar e ainda investir em</p>

	mim.”
Relação com a origem	
<p>Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê?</p> <p>Se algum dia regressares o que te vês a fazer?</p>	<p>“Não. Porque já tive a experiência de regressar uma vez a Portugal e apesar de economicamente ter sido bom, culturalmente não foi bom e nunca me senti completamente adaptado durante o período que lá estive de cinco anos. E sempre estive, no fundo, na minha consciência, voltar a ter uma experiência no estrangeiro. O que me passa pela cabeça neste momento é, se for daqui embora não será para Portugal, será para outro país, ter ainda outra experiência noutra cultura percebes? É isso que me passa pela cabeça fazer.” Mas que coisas especificamente da cultura portuguesa não te agradam? “Pá... acho que uma cultura se desenvolve também num ambiente psicológico, e acho que o ambiente psicológico da cultura portuguesa não é saudável. Acho que é um ambiente um pouco depressivo e... como é que te hei de explicar? Por exemplo, em Portugal, tu não muitas vezes, a cultura não é dizer ‘olha que bonita que hoje estás, fizeste isto tão bem’. Não, é muito mais pelo negativo ‘o que é isso pá, que cor estranha que hoje estás a vestir, isto não está muito bem feito’. Não é? Estás a perceber? (hum, hum) Isso é uma característica que noto um bocado em Portugal. Não se incentiva pela positiva, nota-se mais o negativo do que se dá estímulos positivos às pessoas (hum, hum), a todos os níveis. E acho que isso não é positivo para nós. Acho que somos vítimas um bocado de quase cinquenta anos de ditadura, acho que tivemos um ditador que ficou lá demasiado tempo e que de facto minou um bocado a cultura portuguesa. Com os três f’s, Fátima, Futebol e Fado, quatro anos de escolaridade e já está. E acho que isso de facto tem uma influência grande ainda hoje e ainda vai demorar um bocado de tempo a ultrapassarmos esse peso que Salazar deixou na nossa cultura.” (hum, hum) Se algum dia regressares o que te vês a fazer? “Via-me mais não a viver onde</p>

	<p>sempre vivi, mas a viver no interior de Portugal, fosse no norte, centro ou sul. Numa quinta, desenvolver um projeto de agricultura biológica sei lá, algo mais ligado à terra. Vejo-me mais a fazer um projeto desse género. Continuo a achar que Portugal tem coisas mesmo fantásticas e mesmo a cultura portuguesa tem coisas muito positivas mas talvez ainda demore uns anos a tornar-se um país mais interessante para se viver, mais aberto culturalmente. É isso que sinto, neste momento.” E que contrapartidas sentes que Amesterdão te dá, nesse aspecto? “É como te disse, a exposição a diferentes culturas que eu não tenho em Portugal. Às vezes digo na brincadeira que o problema de Portugal é ter demasiados portugueses, e é verdade, eu vou sair à noite em Portugal e estou só com portugueses, e torna-se aborrecido. Basicamente é aborrecido estar sempre com a mesma nacionalidade. Estamos no ano 2010, não é o ano 1950 e de facto o que faz sentido neste momento para mim, é estar exposto a tudo o que é nacionalidade e culturas diferentes, para absorver o máximo e para com essa exposição evoluir, culturalmente sei lá. A nível pessoal até, percebes? Com diferentes tipo de perspectivas que se tiveres sempre na mesma cultura não tens. Tens sempre o mesmo tipo de perspectiva.” Não te dás com muitos Portugueses cá, então? “Com alguns. Mas prefiro dar-me com outras nacionalidades. É mais enriquecedor para mim e porque lá está, já estive 30 anos com outros portugueses, prefiro estar com outras nacionalidades. (hum, hum) Gosto mais.”</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal?</p> <p>(família, amigos, frequência, tecnologias de informação,</p>	<p>“Mantenho com a família, por vezes pelo telefone. Com os amigos pelo <i>Facebook</i>, pelo <i>Messenger</i>.” Com que frequência? “Uma vez por semana, duas vezes por semana, mais ou menos, sempre vou falando. Claro vou lendo também o <i>Público</i> frequentemente, portanto não quer dizer que eu esteja também completamente alheado. Continuo a ter interesse e gosto do meu país, gosto de Portugal. Só que, se eu gosto de Portugal, a ideia que eu tenho de Portugal é algo mais do</p>

<p>remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)</p>	<p>que o que vejo neste momento percebes? Tenho outra ideia de Portugal, acho que se Portugal foi um país de descobrimentos e de ter descoberto o mundo todo, acho que é muito mais do que o que vejo atualmente. Um país muito fechado basicamente.” (hum, hum)</p> <p>Costumas enviar alguma coisa para lá, encomendas? “Não, não.” E costumas receber alguma coisa de lá? “Não, também não. Tenho aqui a loja do Tozé (risos) se precisar de alguma coisa vou ao Tozé.” O que é que costumas lá ir buscar? “Se me apetecer fazer um bacalhau por exemplo. É o tradicional mas que de facto às vezes te dá saudades, um bom vinho português, às vezes. Gosto de um bom vinho português. Basicamente é isso que compro. Até a nível de gastronomia também estou muito mais aberto a tentar aprender, tenho vivido muito com italianos e então especializei-me um bocado na pasta (risos) que é fácil e dá para fazer muitas variedades, e rápido.” Mas em que momentos é que te apetece comer bacalhau, há algum momento em específico? É mesmo só pelo sabor e pelo paladar ou achas que há alguma emocionalidade ligada à coisa? “Há, é claro que há emocionalidade. É o paladar que tu conheces desde que te conheces a ti mesmo. Memórias que tu tens do teu país, que são boas também e às vezes dá-te aquela vontade de comer o bacalhau... (hum, hum) E eu que sou do Porto às vezes apetece-me uma francesinha (risos), mas da última vez que fui ao Porto comi uma francesinha e eu que gosto imenso de francesinha pela primeira vez não gostei. Achei muito pesado. É engraçado, talvez por já estar cá há três anos. Já estive algumas vezes fora, mas esta é a primeira vez que estive tanto tempo. E agora fui, comi uma francesinha e não gostei. Fez-me um bocado de confusão. Talvez tenha a ver também com uma vontade de mudança na minha alimentação, tenho tentado alimentar-me de forma mais saudável e a francesinha não é saudável, é só carnes com um molho extremamente agressivo. E acho que senti um bocado a transição que fiz a nível alimentar quando comi a</p>
--	--

	<p>francesinha.” Que tipo de informação é que trocas com a tua família ou com os teus amigos quando falam? “Bem, a minha mãe como te disse está a viver no Brasil portanto é mais a nível de saber como é que ela está, se está tudo bem com ela, que anda a fazer. A conversa mais ou menos do costume. Com os meus amigos, procuro saber como está e situação no país, gosto sempre de saber tipo ‘como é que és, estás a trabalhar, não estás a trabalhar, como é que se está por aí, como é que está a noite do Porto’... Porque eu saía muito à noite e fui lá DJ durante alguns anos no Porto, gosto sempre de saber como é que as coisas estão, se há um novo sítio para se ir, pergunto sempre esse tipo de coisas.” E o que é que eles te vão dizendo? “Oh pá, a sensação que eu tenho à distancia é a de ser um bocado a mesma coisa sempre. Os mesmos sítios, as mesmas pessoas... nunca noto assim uma grande evolução.”</p>
<p>Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?</p>	<p>“Não. Costumo ir uma semana por ano a Portugal. E para o ano talvez até nem vá.”</p>
<p>De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?</p>	<p>E de que forma passas essa semana em Portugal? “É sempre, não é bem férias, como vou lá muito poucas vezes sinto-me sempre completamente absorvido, quer pelos meus amigos, quer pela minha família. Toda a gente quer estar comigo e quer-me ver e então eu desde que acordo até à noite estou sempre a ver pessoas, eu acabo por não descansar. Não são férias percebes?” As tuas rotinas alteraram-se, quando lá vais? “Sim, são diferentes, porque lá está é como te digo, não estou propriamente sossegado, normalmente alugo um carro e ando sempre de um lado para o outro a tentar ver toda a gente. Portanto nem é bem uma rotina percebes?” (hum, hum) Mas</p>

	<p>os sítios onde vais alterar-se? “Sim, há sítios que eu revisito como por exemplo o 31, que é um bar onde eu costumava por som e gosto do dono, é uma pessoa que sabe muito de música e gosto sempre de lá ir, estar com ele, visitá-lo. Mas basicamente é aí que eu normalmente costumo ir sempre mas depois altera-se conforme o que se estiver a passar no momento, na cidade.” (hum, hum) Mas não sentes que as tuas relações se alteraram por estares a viver fora, ou que eles te olham de maneira diferente, ou que tu olhas para eles de maneira diferente? “Não muito, por acaso isso não. Continuo a chegar lá e continuo a sentir-me mais ou menos em casa. As pessoas reconhecem-me, vou aqui e vou ali, sinto-me em casa.”</p>
<p>Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?</p>	<p>“Sinto-me mais afastado, mais distante, sinto-me mais como observador quando lá vou. Apesar de me sentir em casa tenho uma distância que é a distância de estar praticamente sempre fora e de estar fora há quatro anos, basicamente. Então quando lá estou sinto-me mais observador do que participante. (hum, hum) Também só vou lá uma semana por ano, então, de facto não participo muito. Vou lá, estou com eles, gosto de saber da vida deles, gosto de contar o que se tem passado comigo, mas é de um ponto de vista um bocado mais distante. Porque não vivo aquela realidade.” E dás mais ou menos valor ao país? “Sim, é assim, eu continuo a gostar muito de Portugal, é o meu país, sou português. Apesar de estar distante continuo a gostar de visitar os meus amigos e claro que é assim dá-te sempre aquela sensação de casa como te disse. (hum, hum) Eu vivi lá trinta anos então quando lá vou é sempre bom ir à ribeira, ver o rio Douro, ver a arrábida, ir à foz, ver o pôr do sol, percebes? Passear junto à foz, coisas simples percebes? Ver a cidade, no fundo eu chamo-lhe a minha cidade, sempre lá vivi, sinto-me muito do Porto com tudo o que é bom e mau. Sempre tive um sentido bastante crítico, aquilo que eu te disse que acho que o Porto é uma cidade um bocado fechada culturalmente, mas também o que tem de bom, as pessoas são de</p>

	<p>facto muito unidas (hum, hum) e muito juntas, para o bem e para o mal, há sempre aspectos positivos e negativos naquilo que eu te estou a dizer. Mas fazem-me sentir em casa, fazem-me sentir acarinhado percebes? Há o lado emocional.” E aqui também te sentes em casa dessa maneira ou é diferente? “Aqui é diferente mas também já me sinto em casa, porque já tenho os meus pontos de referência, na cidade conheço pessoas aqui e pessoas ali e tenho sempre companhia, tenho bastantes amigos aqui em Amesterdão. Por isso fazem-me sentir em casa, sinto-me confortável com a cidade, lá está só o facto de poderes ir de bicicleta de um lado para o outro dá-te uma sensação de pertença à cidade muito maior do que se andares de transporte público. Conheço as ruas, conheço bem a geografia da cidade e isso dá-me uma sensação também de casa, de conforto.”</p> <p>(hum, hum) Mas estavas a dizer-me à bocado que a maior parte dos teus amigos são do teu trabalho. Os que não são conheceste-os onde? “Conheci também por outras relações laborais anteriores, antes de trabalhar aqui e que foram ficando, outros conheci também na noite, basicamente. Sair à noite e conhecer pessoal que entretanto volto a rever e que continuam a ser amigos. Normalmente pessoal de outras nacionalidades. O que eu possa chamar amigo mesmo holandês, praticamente não tenho. Vivi com um holandês, o Jorn, mas entretanto nunca mais o vi. Dávamo-nos bem até, ele era um gajo porreiro, assim meio artista, gostava de fazer <i>grafittis</i>, vivíamos numa casa em <i>Marnixstraat</i> num tipo subcontrato (hum, hum). O dono mesmo tinha um aluguer barato da câmara e subalugava a nós. Um dia chegámos a casa e tínhamos um papel à porta a dizer que tínhamos um papel à porta a dizer que tínhamos que sair em 24 horas, se não todos os bens da casa iam ser vendidos em hasta pública e tivemos de bazar.” E em relação aos outros imigrantes portugueses qual é a tua ideia, o teu posicionamento? “Há pessoas muito interessantes a viver aqui em Amesterdão, e pronto também</p>
--	---

	<p>tenho bons amigos.” Em que contexto é que posicionas esses que consideras interessantes? Ou seja, o que é que estão a fazer, que características é que têm? “Alguns trabalham comigo, oh pá são pessoas interessantes culturalmente, que gostam de ir a exposições, gostam de ir sair à noite, estão sempre atentos ao panorama cultural da cidade, também me dão dicas ‘olha vai aqui, vai ver aquela exposição, vai haver aquele concerto, vem cá este DJ ou esta banda, pessoas mesmo ativas culturalmente que estão envolvidas, até mais do que eu com a cidade. Também estão cá há mais tempo, estão cá há 5, 6 anos. Já falam um bocado o holandês, portanto estão mais integrados do que eu percebes?” E sem ser esses há alguns que tu aches que são menos interessantes? “Sim, é assim também há uma comunidade portuguesa mais trabalhadora aqui que tu podes conhecer na <i>APA</i>, nos <i>Lusitanos</i>. Também há pessoas interessantes, mas é assim, culturalmente não são tão interessantes, porque não estão a par do movimento cultural que se passa na cidade. Pessoas que vivem outra realidade. Provavelmente a sua ideia de sair à noite é ir até aos <i>Lusitanos</i> e beber o seu copo de vinho e a sua <i>Super Bock</i> e ver o futebol, que é uma coisa de que eu me desliguei por exemplo, do futebol, não vejo praticamente futebol. E já não me interessa tanto pá, esse tipo de relacionamento.” E conheces alguns? “Sim, conheço. Algumas pessoas que conheci lá, costumava ir lá de vez em quando, ainda conheço lá algumas pessoas, mas deixei de ir.” Mas há muita gente que veio há pouco tempo? Porque a ideia que tinha era que maioritariamente quem frequenta os <i>Lusitanos</i> e a <i>APA</i> é pessoal que já está cá desde os anos 70, 80, algumas segundas gerações... Mas conheces muita gente que veio há... sei lá, nos últimos 6, 7 anos? “Sim, sim, conheço. Tenho um primo meu que vive cá em Amesterdão e que até é mais novo que eu e que eu recrutei para vir trabalhar para cá em 2005 que gosta de lá ir e vai lá com frequência. Agora trabalha como recepcionista num hotel.” E tem um grupo de</p>
--	---

	<p>amigos da idade dele que também costuma ir lá? “Não tem muito um grupo de amigos da idade dele, ele até se dá mais com o pessoal cota ali dos Lusitanos, ele gosta de ir aos Lusitanos. Casou-se com uma brasileira e gosta de lá ir, vai ver o futebol, confraternizar com o pessoal que lá está.”</p> <p>E quais achas que são as diferenças entre ti e o teu primo que o fazem gostar de ir lá? “É assim, o meu primo é filho de um irmão do meu pai. Como eu te disse o meu pai tem origens sociais mais humildes e ele sempre viveu mais a parte do lado dessa família, sempre esteve ali naquele círculo. E não estudou por aí além, estudou até ao décimo ano. Então, não teve assim uma grande influência cultural, que o retirasse do meio em que cresceu, que é o meio cultural com poucas oportunidades. Então basicamente aquilo que ele gosta oh pá... é aquilo que ele sempre fez basicamente toda a vida: ir ao café, beber o café, tomar a cerveja, ver o futebol, estás a perceber? E basicamente, apesar de ter vindo para Amesterdão, permaneceu um pouco nesse ciclo, não viveu a outra parte de Amesterdão, permaneceu neste ciclo português, que é mais familiar e também mais fácil para ele percebes?”</p> <p>(hum, hum) Então dirias que a diferença entre esses imigrantes que continuam mais ligados à portugalidade e aos hábitos portugueses, e que procuram mais ir às associações e outras pessoas como tu, outros teus amigos que estão mais interessados em misturar-se com pessoas de outros países e procurar outras vivências culturais é a escolaridade?... “ Tem a ver com a escolaridade, tem a ver com a escolaridade e tem a ver com o teu meio social, onde tu cresces. Se tu cresces no centro de uma cidade, no meio de uma comunidade artística por exemplo, é evidente que tu recebes uma influência externa muito mais rica culturalmente. Se tu cresces numa área suburbana, em que o teu pai e mãe têm a quarta classe, toda a gente à volta trabalha na construção civil, desculpa lá, mas há uma grande diferença cultural do estímulo externo que tu recebes. (hum, hum) É evidente que tu não</p>
--	---

	<p>podes ser a mesma coisa, não é? Se eu vivesse toda a vida na suburbia, provavelmente a esta hora estava nos Lusitanos a ver o <i>FCP</i> e a beber uma cerveja não é? Talvez, não sei. Digo eu... Se calhar não! Não é tudo, mas influencia muito, claro que não se pode generalizar. Mas é uma grande influencia para ti.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>“Essa... <i>this is hard ball!</i> (risos) Também, mas não só.” Então não é uma grande parte? “É, perguntado assim é uma grande parte. O facto de eu ser português, é assim... Por exemplo, eu não fui batizado, mas mesmo assim, porque a sociedade portuguesa é ainda profundamente católica, eu não posso dizer que os meus valores não são um bocado católicos. Apesar de não ter sido batizado e de não ter nenhuma instrução...” Sim, o baptismo é só um ritual... “é um ritual mas depois tens... é um ritual, mas tu recebes de facto a influência daquilo que está à tua volta. Portanto, claro que por ter crescido em Portugal, o meu maior estímulo foi a cultura portuguesa, foi aquilo que eu recebi. Então grande parte daquilo que eu sou tem a ver com a minha portugalidade, não é? Então a cultura em que eu nasci influenciou-me definitivamente e continua a ser parte daquilo que eu sou.” Mas em que aspectos exatamente é que achas que isso se sente? “(risos) Por exemplo na minha forma de me relacionar com os outros. Por exemplo em geral posso dizer que nós, portugueses, como cultura, em relação ao relacionamento humano, com os outros, somos mais abertos do que por exemplo a cultura em que eu estou agora que são os holandeses, que são pessoas emocionalmente mais fechadas (hum, hum) e, como já falámos anteriormente, tu parece que conheces até um certo ponto e chegas até um determinado ponto mas depois há uma barreira. Quando nós portugueses, damos mais de nós mesmos, pá, vamos mais profundo naquilo que pode ser considerado uma relação humana em termos de amizade por exemplo. Convidamos mais facilmente ‘olha, porque é que não vens lá a casa comer um bacalhau?’ (hum, hum) ou ‘porque é que não vamos</p>

	já beber um copo?’. Um holandês não é assim, precisa de te conhecer muito melhor para te dizer para ir a casa dele. Por isso é que te define um bocado porque é mesmo nas regras sociais é completamente diferente. Claro que te molda na tua relação com os outros.”
--	---

B.8.2. Cultura material/ Consumos Luís

Cultura Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	“De certa forma, eu digo que não ligo, que não ligo, mas sim. Gosto de me vestir relaxado não é? Quando era mais novo e comecei a trabalhar na hotelaria tinha que usar fato e gravata e até achava piada ao início, mas depois, com o passar do tempo fui gostando de coisas mais... oh pá gosto de umas calças de ganga, umas sapatilhas. Mas gosto de coisas giras claro, não gosto de andar vestido (risos) sei lá, tipo lavrador .” Mas tens algum estilo em particular, o que é que consideras giro, consegues definir? “Casual, casual. Com umas calças, uma camisola, uma t-shirt, um casaco e já está.”
Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente	E alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? “Não, já vestia mais ou menos como visto agora: sapatilhas, calças de ganga, t-shirt ou camisa ou um <i>pullover</i> , basicamente assim.” Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal? “Não. Visto-me exatamente da mesma forma.”

quando vais a Portugal?	
Onde costumam comprar roupa e que critérios orientam a escolha?	<p>“O primeiro critério é monetário, claro e se me agrada, se é uma coisa atual. <i>HeM</i> por exemplo (hum, hum), lá é barato e tem às vezes coisas giras se procurares. <i>Bershka</i> por exemplo. Às vezes umas t-shirts no <i>Waterloo Market</i>, tem lá uma casa de t-shirts engraçadas, fora do vulgar, e pronto essas coisas assim. Tentar gastar o menos possível e que seja uma peça interessante.”</p>
Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).	<p>E outros consumos relativos ao corpo, por exemplo, quando vieste para cá, ou nalguma das tuas viagens, fizeste alguma tatuagem ou um piercing... “Não, por acaso nunca fiz nenhuma tatuagem. A única coisa de especial foi quando fui à Índia, este anel, acho que já tinha comentado contigo. (hum, hum) Pronto achei piada, nunca tinha tido assim nada corporal, nenhuma tatuagem, nenhum piercing, foi a primeira cena que eu tive e que agora gosto!” E nunca mais o tiraste? “Nunca mais o tirei! (risos) Agora habituei-me, é o meu anel, sinto-me despido sem ele (risos)” Mas quando olhas para ele faz-te lembrar a Índia ou... Qual é o significado agora? Ao que associas? “Oh pá é quase... eu associo talvez a uma pequena transformação em mim mesmo percebes? Tipo um anel de noivado comigo mesmo (risos), um compromisso comigo mesmo.” Que compromisso? “Oh pá de melhorar a minha vida, de ser melhor, de tentar ser mais feliz. Que agora parece que não estou muito (risos) mas... Uma coisa simples percebes mas com algum significado verdadeiro, para mim.” Mas também teve a ver com a tua ida à Índia... “Também teve a ver com a minha ida à Índia e também teve a ver com um factor emocional também</p>

	(hum, hum)”
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	<p>“Normalmente faço muitas pastas porque gosto e dá sempre para variar, há sempre um elemento comum mas dá para variar. E depois é rápido e barato. E eu gosto mesmo. Depois às vezes também faço um arroz, tento evitar carne, não como muita carne. Tentar comer mais frutas. Por acaso mudei a minha alimentação para melhor desde que estou na Holanda e que cozinho só para mim.”</p> <p>(hum, hum) Deixa-me só voltar um bocadinho atrás, quando referes o factor da pasta ser uma comida barata é porque preferes poupar numa refeição e gastar esse dinheiro noutras coisas? “Exatamente.” Que coisas? “Para ir beber uns copos, para sair, para me divertir, para cenas da música, comprei um computador novo, investi em material, esse tipo de coisas percebes? E como gosto mesmo muito, claro que eh pá é assim, em vez de gastar não sei quanto dinheiro em comida... sinto que como bem e gosto mesmo da comida que faço para mim, não vejo motivo para andar aí a gastar dinheiro num caviar ou uma cena do género percebes? (risos)” Quando comes fora que tipo de comida procuras? “Quando como fora tenho tendência para comer um bom naco de carne porque</p>

	<p>normalmente não faço para mim em casa. Por isso normalmente tenho tendência para comer aquilo que normalmente não faço em casa, ou então às vezes quando estou na rua e tenho de comer qualquer coisa rápida também sou capaz de comer um <i>fast food</i>. Mas não vou assim muitas vezes, jantar fora.” Mas experimentas coisas diferentes, vais a um restaurante argentino por exemplo?</p> <p>“Por exemplo, sim, por exemplo. Às vezes a um mexicano. Também gosto muito de indiano, gosto muito do caril. Ah e já me esquecia, o restaurante até onde eu mais vou é o restaurante africano, de comida etíope, que eles servem num prato enorme e com pão por baixo, tipo uma massa, e tu tiras e comes com a mão! Que é muito, muito bom! Eu adoro aquilo, adoro mesmo. É um muito pequenino ali no <i>Overtoom</i>, onde o senhor é muito simpático, nós já nos conhecemos e come-se muito, muito bem. Come-se mesmo muito bem, imenso, adoro, adoro. Também no outro dia fui a um restaurante italiano, logo a seguir a essa etíope, na mesma rua, também muito giro, uns senhores italianos muito simpáticos e também não foi nada caro. E a pizza era maravilhosa!” E quando vais geralmente vais sozinho, vais com quem?</p> <p>“Costumo ir com pessoal do trabalho. Juntamo-nos e decidimos ‘olha vamos jantar ali’ e vamos.” Mas é sugerido por pessoal italiano ou...</p> <p>“Oh pá ali pode ser italianos, espanhóis ou portugueses, tipo o nosso grupo que são de facto mais latinos. Alguns nórdicos também. É como aqui em casa, é um misto de nórdico e latino, uma italiana e eu, um norueguês e uma sueca, o que é engraçado, é bem engraçado.” E tentas aprender novas receitas, experimentar diferentes pratos ou tendes a comer o mesmo tipo de coisas que comias em Portugal?</p>
--	--

	<p>“Oh pá gosto de experimentar novas coisas, por isso é que essa da comida etíope para mim foi uma novidade e eu gostei mesmo. Mas tenho tendência, lá está, quando vou comer fora a ir mais pra a carne. Mas tento sempre que posso descobrir coisas novas ya.” E vais de propósito ao restaurante português ou já foste alguma vez? “Não. Às vezes ia ao clube português comer uma bifana (risos). Ou às vezes, se fores com antecedência podes comer lá com eles a comida que eles comem. Às vezes têm bom bacalhau, têm uma boa carne e não é caro.” Mas geralmente preferes comer coisas diferentes é? Não tens aquela coisa de fazer comida portuguesa... “Não, não, não, nada! Nada! Não quer dizer que não goste de vez em quando, às vezes dá-me saudades e vontade de comer. Eu sou do Porto e às vezes lembro-me das francesinhas não é? Mas da última vez que fui ao Porto comi uma francesinha e desta vez achei muito pesado! Já não foi a mesma coisa, já não estou habituado. Antes, muitas vezes, antes de ir sair à noite ia à meia noite e tal, uma da manhã, comer uma francesinha e depois é que ia sair (risos). Ou às vezes não ia sair à noite e ia comer uma francesinha e vinha para casa.”</p>
<p>Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?</p>	<p>“Não, nem por isso. Vinhos de vez em quando, mas não muito. Porque aqui também como estou um bocado afastado do centro não arranjo grandes vinhos portugueses, os que arranjo não são nada de especial. Ou seja, às vezes prefiro comprar outro vinho de outra nacionalidade, há mais escolha para vinhos de outras nacionalidades. Vinhos italianos, franceses por exemplo, do que propriamente portugueses. (hum, hum)” Mas por exemplo, já aconteceu teres um jantar com amigos portugueses e terem vinho português? “Sim, sim.” Ou ires</p>

	<p>jantar a casa de amigos estrangeiros e levares um vinho português? “Sim, sim, já aconteceu sim. Ir ao Tozé e comprar um bom vinho. Porque se compro gosto de um bom vinho português e aqui perto não tenho e para ir ao Tozé é complicado porque quando saio do trabalho já ele fechou.”</p>
<p>Procuras produtos portugueses em Amesterdão?</p>	<p>“Às vezes, lá está às vezes, quando tenho oportunidade. Em termos de horário e disponibilidade para ir ao Tozé, que é onde se arranjam produtos portugueses bons... Gosto de um pastel de nata, um bom vinho, sei lá, um chouriço.”</p>
<p>Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?</p>	<p>“Não, isso não procuro, não procuro.”</p>
<p>Casa</p>	
<p>É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?</p>	<p>“Sim, dentro de uma certa medida sim. Não sou muito exigente, mas o mínimo sim. Com as minhas coisas que basicamente é o computador, as cenas de música, isso faz-me falta percebes? (hum, hum) Gosto de ter.”</p>
<p>Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?</p>	<p>“De Portugal trouxe algum equipamento musical, trouxe alguns vinhos, trouxe algumas fotografias. Tenho aqui uma fotografia um bocadinho pornográfica (risos), sou eu em bebé em Moçambique, em 75/76. Eu gosto mesmo desta fotografia porque acho que estou mesmo fantástico, estou com um ar pá, fantástico. É a prova de que o bom clima a mim me faz mesmo bem percebes? E gosto do mural lá atrás também, faz-me lembrar... não me faz lembrar que eu não tenho memória desta idade, mas fui lá em 2006 e tenho alguma memória posterior. Mas gosto daquela fotografia gosto. Eu como eu sou, sem nada.” / (primeira</p>

	<p>entrevista) E, voltando um bocado aos objetos, tens alguma coisa que seja sei lá... simbólica da tua pertença a Portugal, ou não, ou outra coisa qualquer que te acompanhe e que esteja num lugar especial da casa...</p> <p>“Tenho apenas uma fotografia minha quando estava em Moçambique, quando era bebé, com um ano de idade, e em que estou todo nu. Moçambique, calor, andava sempre todo nu. E atrás tem um mural todo pintado por um artista que era amigo dos meus pais. E é uma fotografia que eu gosto mesmo, revejo-me naquela fotografia, gostava de voltar a ser aquele Luís. E essa fotografia acompanha-me.”</p> <p>Porquê, o que é que te... “Oh pá porque era puro não é? Era o que eu era, e depois com a cultura que é tão boa e tão má ao mesmo tempo, tu vais-te transformando e vais-te tentando adaptar ao mundo e perdes um bocado a tua originalidade e da tua essência pura. E no fundo tu aprendes a conviver com o mundo a partir de uma certa altura comesas a tentar fazer o inverso, comesas a tentar desfazer tudo aquilo que aprendeste para voltares a chegar a ti mesmo. E gosto daquela fotografia por causa disso, para me lembrar que é aquilo que eu sou. Mas basicamente é assim a única coisa que eu tenho. Não sou muito ligado a objetos, nunca fui.”</p>
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	<p>“Tenho aqui uma cena que trouxe da Índia.” É o quê? “Epá é tipo um homem com os pontos vitais, os chacras. Trouxe isto também agora da amazónia que é tipo uma cabaça pintada com temas da selva, papagaios, um mocho, borboletas... Tenho também uma bandeirinha do Tibete (risos).” Porque é que tens a bandeira do Tibete? “Oh pá porque fui a uma loja e comprei lá umas coisas e ele ofereceu-me a bandeirinha do Tibete, e eu gosto. Depois</p>

	<p>tenho aqui uns instrumentos musicais estranhos da Índia, isto é um instrumento musical do Rajastão, um violino do Rajastão improvisado, artesanal, foi mesmo muito barato. E depois eu costumo comprar sempre assim umas cenas assim, uns objetos musicais assim esquisitos.” Este é do Brasil? “Este é do Brasil, é uma marimba. Tenho aqui um martelo também porque nunca se sabe (risos)! O bom português tem de ter um martelo à mão porque se alguma coisa se avaria eh pá vai à martelada pá! (dito em tom de brincadeira, risos). Depois alguns livros também, que trouxe de Portugal.” O guia <i>lonely planet</i> da Índia... “Sim e depois tenho aqui os meus documentos, as minhas facturas, recibos...” E aquela bolsinha ali em crochet o que é? “Ah, isto foi a minha mãe que fez, isto é para quando me apetecer dar a alguma menina, tenho aqui sempre à mão. São giras pá, para trazer o telemóvel e essas cenas assim.” E esta rede trouxeste agora de lá? “Esta rede também trouxe agora da Amazónia, tive de comprar para ir no barco. Mas tinha também, aluguei um pequeno camarote. Como estava sozinho, para ter as minhas cenas fechadas. Mas depois tinha a rede para estar à tarde relaxado.” E aquele coco? “Este coco é para fumar charros na praia, por causa do vento. Põe-se aqui dentro e não apanha vento.” Aquele candeeiro compraste cá? “Não, trouxe da Índia também. Tenho aqui um baú que herdei do meu primo (o que vivia cá e bazou) e deixou cenas para trás e eu trouxe este baú. Cd’s, cd’s por todo o lado, cenas que vou gravando.” Este lenço também trouxeste... “Este lenço também trouxe da Índia, e aquele elefante foi uma miúda do trabalho que foi de viagem e trouxe assim um presentinho para o pessoal.” E agora compraste o</p>
--	---

	<p>Macbook foi? “Foi. O <i>Macbook</i> que tem-me dado mesmo muito jeito, tem-me dado mesmo muito jeito porque já não era primeira vez que no <i>Pc</i> breca completamente e eu perco todas as cenas que ando a fazer, perco toda a música que tinha colecionado e decidi comprar um Macintosh que normalmente nunca berra percebes? Por isso agora tenho este, é a minha plataforma central. Queria comprar outro maior como tem o Miguel para ter em casa. Porque este também para trabalhar nas cenas é muito pequenino, não é assim muito prático para isso.” E aquela figura que tens ali? “Esta figura foi a minha mãe que me mandou, é uma cena tipicamente baiana de cachimbo na boca, tenho também este elefante que foi a Teté que me deu, uma amiga portuguesa e deves estar virado com o cú para a porta para dar sorte. Basicamente estes são os meus objetos. Eu não tenho assim tantos objetos quanto isso como podes ver.” Mas é importante para ti trazeres recordações das tuas viagens? “Sim, pelo menos um objeto gosto de trazer. Artesanato normalmente, costume trazer cenas feitas à mão e normalmente um pequeno instrumento musical.”</p> <p>/(primeira entrevista) “É assim eu já fui mais materialista e começo a ter cada vez mais consciência de que eu ser feliz ou não, não depende do facto de comprar uma roupa bonita ou se tenho aquele objecto em particular ou outro. É outra coisa que me faz feliz.” E sentes que isso em Portugal era menos possível do que é aqui ou não tem nada a ver com isso? “Em Portugal, até posso dar um... Como é mais estereotipado, e tu para fazeres parte de certos grupos tens de usar esta ou aquela roupa... ou não quer dizer que precisas, mas, convém, não é? Se calhar dás</p>
--	--

	<p>mais importância ao que vestes, do que aqui. Aqui tu vês pessoas mesmo completamente relaxadas e isso também te faz sentir mais descontraído se estás com esta ou aquela roupa em particular. Aqui acho que essa cultura material é na mesma muito forte, mas pelo menos no grupo de amigos que tenho tido... se bem que é engraçado, tu olhas para alguém e tem uma roupa interessante, é giro, mas não é assim tão relevante como isso. E eu, a nível pessoal, tento cada vez mais dar menos relevância. E ultimamente não tenho por exemplo comprado roupa nenhuma, prefiro investir noutras coisa que acho que me fazem mais feliz. São na mesma coisas materiais, mas que me permitem criar, como um computador, uma mesa de mistura, um teclado <i>midi</i> para fazer música. Estou mais numa de investir em coisas materiais, mas noutro sentido, que me permitam a mim fazer qualquer coisa e não que seja uma peça de roupa, que é muito bonita mas que é apenas uma peça de roupa.” (hum, hum) Mas não sentes que essas coisas também te permitem estabelecer relações com determinadas pessoas que te interessam? Quando eu digo que te interessam não é no sentido do interesse egoísta... “De certa forma sim, porque se eu vestir como um vagabundo provavelmente em certos grupos sociais, mesmo aqui, as pessoas vão olhar para mim de lado e não me vão convidar para esta ou para aquela festa.” Mas nem me estava a referir à roupa, estava a referir-me às coisas relacionadas com a música. “Também, porque se tu tiveres em casa material interessante, outras pessoas que fazem a mesma coisa, que também querem fazer música, se calhar vêm em ti também um ponto de interesse: ‘olha este fulano está a investir em música, também está</p>
--	--

		interessado no mesmo que eu. Se calhar até nos podemos juntar e até podemos fazer aqui alguma coisa em conjunto.” (hum, hum)
Media/Novas Tecnologias		
Costumas ler jornais/revistas? Quais?		“Costumo ler o <i>Público</i> on-line, basicamente é o que eu leio com frequência. E quando acabo o <i>Público</i> depois atiro-me para os internacionais. Leio o <i>NY Times</i> , normalmente. Revistas já li mais, agora deixei-me um bocado, se bem que de vez em quando compro uma revista de produção musical com novidades de equipamento e novidades de software, mas também são muito caras e agora nem seise compensa tanto ter em papel, agora podes fazer uma assinatura e basicamente ter on-line, nem precisas de fisicamente ter a revista. (hum, hum) Em Portugal tinha tantas revisas pá, molhaços de papel que estão ali a fazer nada percebes? Já não estou muito numa de revistas.”
Costumas ver televisão? Que canais/programas?	ver Que	“Muito pouco. Muito, muito pouco mesmo. Às vezes, mais quando eles estão na sala e mais para estar um bocado com eles do que propriamente prazer de ver televisão. Acho que é mesmo... pá, cada vez está pior, ou se calhar sou eu que estou diferente e acho que é mesmo uma lavagem cerebral de publicidade, estão sempre a bombardear-te com publicidade: ‘Compra isto, compra aquilo, olha se tens este perfume ficas com estas mulheres todas, se comprares aquele carro és o maior’ Oh pá e eu não tenho paciência, perdi a paciência percebes? Nem mesmo os noticiários porque acho que... não sei acho que não transmitem a verdade totalmente.” (hum, hum) Mas quando vês que canais ou programas é que vês? “Oh pá

	quando vejo ou vejo um filme, ou vejo um documentário, normalmente é isso que eu vejo na televisão.” Mas na holandesa? “Normalmente não na holandesa. A <i>BBC2</i> às vezes tem umas cenas engraçadas e aqueles documentários, o <i>Discovery</i> e esse tipo de canais.”
Costumas ouvir rádio? Qual?	“Não, rádio por acaso não. Não costumo ouvi rádio porque... Olha ouço muitas, agora no <i>Facebook</i> , normalmente o pessoal põe e eu ouço e depois faço download de muita música e ouço aquilo que faço download percebes?” (hum, hum)
Que tipo de música ouves?	E que tipo de música é que ouves? Oh pá ouço música muito variada mesmo, desde minimal, electrónica, cenas mais <i>indie</i> rock, gosto de um rock assim mais contemplativo mais calmo, melódico. Mas o que eu ouço mais é mesmo música electrónica, ouço vários géneros dentro da electrónica.” E começaste a ouvir música diferente quando vieste para cá ou... “Não, o meu interesse pela música já estava bastante desenvolvido, já desde do ano 2000 comecei a interessar-me mesmo muito pela música e a começar como DJ, por isso já há bastante tempo que me dedico. Sempre a ter nova música e gastei muito dinheiro em vinil já, já há muito tempo. Já não é novidade, se bem que aqui mudei um bocado aquele estilo minimal e <i>tech house</i> para uma cena mais alternativa, na mesma electrónica, mas um <i>bpm</i> não tão elevado percebes? (hum, hum) E mais alternativo, mais a fugir para o rock se bem que não é rock. Eu chamo electrónica, é o que eu chamo de electrónica. (hum, hum) ”
Que sites mais frequentas na Internet?	“Uso muito o <i>Facebook</i> para ver o que os meus amigos estão a fazer, os vídeos que estão a pôr, as músicas...” E estás mais em contacto com os amigos ou com a família

	<p>através do Facebook? “Mais com os amigos, se bem que com a minha mãe comunico algumas coisas pelo <i>Facebook</i>.” E mais com amigos de Portugal, ou mais de outros sítios, ou daqui? “Mais daqui, mais daqui até do que Portugal. Alguns de Portugal, mas mais para comunicar com o meu grupo social aqui de Amesterdão.” E na Internet também vêes muitos documentários... “Sim, na internet vejo muitos documentários porque agora há a possibilidade de ver os documentários em <i>streaming</i>, tenho aí dois sites que têm vários documentários, muitos mesmo, muito interessantes, se quiseres eu até te passo, é o <i>top documentary films</i> e o <i>documentary wire</i>. Eu vejo mesmo muitos documentários.”</p>
<p>Costumas ler? Que tipo de livros?</p>	<p>“Não muito, não muito. De vez em quando leio um livro, mas não leio assim muito, não leio assim muito” Quando lêes que tipo de livros é que gostas de ler? “Gosto de ler romances. O que eu ando agora a ler é o <i>Die Stepenwolf</i>, não sei se já ouviste falar...” Já li. “Mas depois levo-o para o trabalho, leio um bocado mas depois corta-me logo e depois às vezes fico sem ler, tenho de voltar o início porque já não me lembro, por isso ando assim um bocado desleixado... E depois também gosto de coisas de psicologia, tenho aí uns livros do <i>Krishnamurti</i> também. Gosto de cenas à cerca do homem basicamente, é isso que me interessa, psicologia, sociologia, gosto de ler sobre essas coisas também.” E lêes mais em português ou em inglês, ou tanto faz? “Em português e em inglês. Os livros que trouxe de Portugal claro, são em português. Os que fui comprando aqui comprei tudo em inglês, não comprei nada em português.” (hum, hum) Mas tens preferência por autores portugueses? “Nem por isso, acho que nunca</p>

	leio autores portugueses.”
Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?	“Ver filmes na internet, ao cinema não vou muito. Praticamente não vou para ser sincero.” E que tipos de filme te interessam mais? “Filmes mais alternativos normalmente. Também gosto de ficção científica, gosto, entretém-me. (risos)”
Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?	E estás mais em contacto com os amigos ou com a família através do Facebook? “Mais com os amigos, se bem que com a minha mãe comunico algumas coisas pelo <i>Facebook</i> .” E mais com amigos de Portugal, ou mais de outros sítios, ou daqui? “Mais daqui, mais daqui até do que Portugal. Alguns de Portugal, mas mais para comunicar com o meu grupo social aqui de Amesterdão.”
Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?	“Bastante útil, bastante útil. Lá está uso como fonte de informação, para estar em contacto com os meus amigos, procurar música, é através da internet que eu estou permanentemente atualizado. E para os documentários, ultimamente o que mais tenho feito é ver documentários e é através da internet. Possibilita-te teres acesso à informação, muito mais depressa e sem ser condicionado por aquilo que os outros querem que tu vejas, tu seleccionas aquilo que tu queres ver. (hum, hum) Não estás condicionado. Por exemplo tens imensos canais na televisão mas é assim são para aí 50 canais e os donos dos 50 canais são para aí 5 percebes? No fundo é tudo mais ou menos dentro do mesmo, a escolha é aparentemente muita. Não é muita, não é muita, antes pelo contrário.” E utilizas mais a internet do que quando vivias em Portugal? “Talvez um bocado mais, principalmente aqui no inverno, como não saio muito utilizo mais a internet. Como estou em casa percebes? (hum, hum) E em Portugal acho

	que saía mais percebes?”
Outras tecnologias de que faças uso?	<p>“CDJ, mesas de mistura para tentar fazer umas cenas de produção musical, coisas ligadas com a vertente mais electrónica da música. Tecnologia, de facto gosto de tecnologia, fascina-me.” E isso começaste a interessar-te mais estando cá? Ou seja, no sentido de cá sentires que estás mais perto, de certa forma, desse tipo de cultura?</p> <p>“De desenvolver esse lado sim. Aqui está mais desenvolvido, se bem que em Portugal o meu grupo de amigos também se dedicava bastante e até se calhar lá tinha mais acesso que aqui porque estava melhor relacionado do que estou aqui percebes? Aqui sou um estrangeiro não tenho assim tantos a... tenho! Bastantes amigos, mas também são estrangeiros como eu. Se calhar até podia estar mais ligado... Entretanto também tenho conhecido pessoal de cá que me tem potenciado o meu gosto pelas cenas electrónicas. E até, até estou a fazer aqui cenas que nunca pensei fazer como por exemplo ter uma banda. Que até já nem tem tanto a ver com a electrónica... Se bem que eu uso mais a electrónica para me juntar a eles, até porque eu não sou músico, eu não sei tocar propriamente nenhum instrumento musical (risos).”</p>

B.8.3. Sociabilidades/ Quotidiano Luís

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	<p>“Como te disse agora no inverno não tenho feito nada de especial, tenho estado mais por casa, internet, documentários... E depois também está sempre pessoal em casa, também não estou sozinho. Muitas vezes é bem interessante aqui em casa, divertimo-nos aqui uns com os outros e às vezes vem cá pessoal também jantar e assim, portanto sociabilizo na mesma, na minha própria casa. É uma casa grande que dá também para ter aqui amigos por isso dá para fazer isso. No verão gosto mesmo de ir até ao centro, gosto de ir até ao parque com uma garrafa de vinho, fumas um charuto percebes? Gosto, gosto de fazer isso.”</p>
Quando saís a que lugares vais? Com quem costumavas ir?	<p>“Gosto de ir a clubes, a discotecas. Gosto de ouvir música quando vou sair à noite, gosto de ouvir música num grande <i>speaker</i>, adoro mesmo ouvir o som. E gosto de dançar, ya, gosto mesmo. Ou então um restaurante, mas depois sempre com o objectivo de depois ir (risos)... ya, vou jantar, vou a um bar, mas depois o que eu gosto mesmo é de ir ouvir um grande som, ya, isso é que me puxa.” (hum, hum) Mas a que tipo de bares é que vais... “É assim normalmente nós, lá na <i>Sygnific</i>, à sexta feira quando o tempo começa a ficar melhor, juntamo-nos todos. Pessoas de várias nacionalidades, num bar que tem lá mesmo perto. E então ficamos aí a beber uns copos e depois a páginas tantas vamos sair, ou uns vão para aqui e outros vão para ali. Ah, bares em Amesterdão, gosto muito de ir ao 301 que é alternativo e descontraído, sinto-me bem</p>

	<p>lá. Também às vezes vou ao <i>Nieuw Anitta</i>, é muito giro, é interessante também. Depois clubes gosto do <i>Studio 80</i> quando lá vai algum DJ porreiro. Umas festas no <i>301</i> também, umas festas na igreja de <i>Ruigoord</i>, a aldeia dos hippies. É interessante, é fora do vulgar ouve lá, é completamente fora do vulgar e do normal (risos) e isso a mim fascina-me, eu gosto.” E encontras lá pessoal de outros lugares ou é só holandeses? “Não, não, é multicultural completamente percebes? Completamente. Eu quando vou sair à noite gosto de sítios mais alternativo, não gosto de um sítio onde as pessoas estão todas bem vestidas a olhar umas para as outras, acho que isso é o contrário do que é para mim sair à noite. Para mim sair à noite é libertar-me, não quer dizer que me ponha a fazer o pino ou completamente nu, não, não é isso. Mas é estar numa atitude mesmo relaxada percebes e proximidade entre as pessoas, falares com qualquer pessoa na boa, a qualquer momento surgir uma conversa. Por isso sítios <i>posh</i> não é muito a minha cena.” E a <i>Leidseplein</i> por exemplo, o que é que te diz? “Não quer dizer que não vá, às vezes <i>Leidseplein</i> é um sítio que até vou, porque é um sítio onde te podes encontrar facilmente com toda a gente percebes? E às vezes até nos sentamos num bar perfeitamente normal a beber uma cerveja e depois dali é que vamos a algum sítio. Mas é mais como ponto de encontro que é usado.” (hum, hum) E com quem é que costumas ir, é sempre com pessoal do trabalho ou... tens alguns amigos holandeses, com quem te encontres? “Holandeses não tenho, não tenho amigos holandeses. Oh pá (risos), não sei</p>
--	---

	<p>porquê, se calhar culpa minha também. Mas de facto o ambiente multicultural onde estou a trabalhar e a quantidade de pessoas interessantes que eu lá conheci acaba por fazer com que eu esteja bastante tempo com eles. Fiz muitos amigos e relaciono-me com o pessoal estrangeiro, <i>expats</i>, que também estão cá, também têm mais a ver comigo, estão na mesma situação que eu estou e então o relacionamento é mais fácil acho.”</p> <p>(hum, hum)</p>
De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?	<p>“Holandeses não tenho, não tenho amigos holandeses. Oh pá (risos), não sei porquê, se calhar culpa minha também. Mas de facto o ambiente multicultural onde estou a trabalhar e a quantidade de pessoas interessantes que eu lá conheci acaba por fazer com que eu esteja bastante tempo com eles. Fiz muitos amigos e relaciono-me com o pessoal estrangeiro, <i>expats</i>, que também estão cá, também têm mais a ver comigo, estão na mesma situação que eu estou e então o relacionamento é mais fácil acho.” (hum, hum)</p> <p>Portugueses também tens alguns? “Sim, também tenho, o Cláudio, o Nuno, a Márcia, vários amigos portugueses. O Nuno que também viveu comigo, também é um grande maluco, vive agora num <i>Squat</i>, <i>Squat</i> ou uma casa e entretanto teve de sair, mas como foram ao advogado e fizeram tudo legal, o dono do sítio onde ele estava teve de pagar 1500 euros a cada um para se irem embora. Estive lá para aí 6 meses sem pagar nada e ainda recebe 1500 euros (risos).” Mas dás-te mais com os portugueses ou com os outros? “É indiferente, é indiferente.”</p>
Costumas ir a alguma das	<p>“De vez em quando aos Lusitanos.” Em que ocasiões?</p>

<p>associações portuguesas?</p> <p>Em que ocasiões?</p> <p>Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>“Às vezes para ver o jogo de futebol percebes? Se bem que eu até nem gosto muito de futebol, normalmente quando vou ver os jogos, é porque estou com os outros e eles querem ir e eu vou e bebo uma cerveja e também digo duas patacoadas e como uma bifana, etc. (risos) Vou lá de vez em quando, às vezes até mesmo para tomar uma bica, se tiver lá perto, por uma questão de circunstância e também porque se estiver lá, o café é melhor! Mas é assim por circunstância, não quer dizer que vá lá propositadamente.”</p> <p>Identificas-te com as pessoas que frequentam a associação? “Não. É pessoal português mais velho, de uma camada cultural mais interior e com aquela mentalidade portuguesa da bola e beber cerveja e... percebes? E dizer umas patacoadas e dizer mal do porto ou do <i>Benfica</i> ou vice versa seja o que for. E de facto não me diz muito, não me diz muito. Oh pá, isto é pessoal que veio para cá já há algum tempo e normalmente tem trabalhos tipo construção civil, trabalhar em fábricas, ou seja, <i>labour</i> mesmo. E é esse tipo de pessoal que frequenta. Também há pessoal interessante claro, que lá vai, mas a maioria é basicamente isso.”</p>
<p>Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?</p>	<p>“De vez em quando. Por exemplo com o meu grupo de amigos mais próximo, eu, o Nicola, a Agnieska, a Márcia, e outros que tais, principalmente a Márcia é muito atenta a cenas gratuitas na cidade, até já pensámos fazer o grátis clube. E vamos muito a cenas experimentais, por exemplo vamos muito a uma igreja luterana em que todas as semanas há uma cena de música experimental gratuita e é muito fixe pá! Vamos, saímos do trabalho e vamos até lá. Tem cenas</p>

	<p>completamente fora do vulgar! Tipo uns gajos a tocar instrumentos normais, mas em vez de tocarem com as mão, não a tocarem com correntes, outros a fazer cenas de electrónica, oh pá do mais variado, é sempre uma surpresa, tu não fazes ideia do que é que vai sair dali! Epá e eu gosto mesmo! E a Márcia tem um amigo que é pianista, fomos vê-lo tocar ao <i>Musiek Gebouw</i>, também assim meio experimental. A fazer uma peça, de cariz profissional, em <i>toy</i> piano, que é um piano pequenino e que soa mesmo a <i>toy</i> piano não é? (risos)</p> <p>(hum, hum) E eh pá cenas for a do vulgar, gosto dessas cenas completamente... às vezes não gosto, às vezes é demasiado for a do vulgar percebes? E não consigo. Mas outras vezes é mesmo engraçado, é engraçado.”</p> <p>E outro tipo de espetáculos e concertos? “Sim concertos no <i>Paradiso</i>, no <i>Melkweg</i>, gosto de ir ver um concerto de bandas mais alternativas.”</p> <p>É mais pela música então... “Sim, mais pela música, não cenas muito conhecidas, porque aí é sempre uma grande confusão e às vezes há concertos altamente nas salas mais pequenas, com bandas mais alternativas, estás na boa, pagas menos e se calhar até desfrutas ,mais, tens uma coisa mais fora do vulgar.”</p>
Atividades desportivas? Com quem?	<p>“Ah, bicicleta, bicicleta basicamente é a minha atividade desportiva, ando todos os dias de bicicleta.”</p>
Hobbies?	<p>E outros hobbies, para além de veres documentários?</p> <p>“(risos) Tenho a banda, vejo documentários, fazer algumas cenas de música, <i>Djeing</i> e organizar umas festas, basicamente é isso. E viajar pronto, tenho a sorte de ter dois bilhetes por ano da <i>KLM</i>, por causa do meu emprego, isso é fundamental viajar!” (hum, hum)</p>

<p>Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)</p>	<p>Portanto é fundamentalmente à volta da música, nas artes plásticas, teatro, dança... “Eu gosto de dançar percebes mas não é propriamente como arte, é uma cena mais pessoal não é? Mas gosto, gosto, e gosto de qualquer tipo de arte, mas aquele que me fascina mais e me sinto mais ligado é a música. Mas de vez em quando, ya, vou ver uma exposição com, lá está eu normalmente vou com a Márcia e a Agnieska, que elas de facto são bastante ligadas e às vezes olha, há ali uma cena, anda, anda é grátis!” (risos) E vou ver uns quadros, umas pinturas, umas esculturas, não sou grande apreciador, mas gosto de ir ver.”</p>
<p>Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?</p>	<p>“Sem dúvida, sem dúvida. A oferta aqui é muito maior percebes? Não tem comparação. A oferta é muito maior e mais diversificada. Em Portugal é menor e mais... Pá e eu por exemplo em Portugal era mais, andava numa fase que era mais música electrónica e era basicamente isso que eu fazia. Aqui também eu próprio, além de culturalmente ser mais diverso Amesterdão, de facto eu também devido a essa diversidade e a ter conhecido pessoas diferentes, eu próprio também me expandi e também me abri muito mais a novas atividades culturais, diferentes tipos de música. Acho que enriqueci bastante!”</p>
<p>Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas</p>	<p>“Sim, é como te digo há muita oferta, há um ambiente multicultural bastante intenso aqui em Amesterdão comparado com o resto da Holanda. A quantidade de pessoal que eu conheço na nossa situação, <i>expats</i>, é gigantesca em Amesterdão. Claro, torna muito mais fácil conheceres pessoas diferentes, é um ambiente muito mais aberto. Por exemplo o ambiente do Porto,</p>

<p>com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)</p>	<p>eu sempre achei um ambiente muito fechado em círculos, que foi até basicamente isso que me fez sair de lá porque já estava farto das mesmas conversas, das mesmas rotinas, dos mesmos sítios percebes? E aqui não, aqui tu podes variar completamente se quiseres. (hum, hum) De pessoas, de lugares, de atividades, muito mais facilmente! Sem comparação mesmo. E a abertura da cultura em si, que é gerada por esta multiculturalidade, é totalmente diferente, não há comparação!” E sentes que foi isso também que te levou a entrares numa banda? "Lá está são sempre essas circunstâncias, não quer dizer que não tenhas a semente dentro de ti, mas às vezes são mesmo as circunstâncias. Teres um grupo de amigos que também se interessam pela música, começas a falar e depois um dizer ‘olha ali uma cena que dá para alugar um espaço e para o pessoal ir para lá experimentar fazer qualquer coisa’ e depois às páginas tantas há outro que diz ‘olha porque é que não vamos até lá? Eu até sei tocar guitarra, tu até tens um computador, podes fazer uns <i>beats</i>’ estás a perceber? Reúnem-se as condições necessárias e com tanta gente de tantos sítios com tantos interesses, claro que estas condições muito mais facilmente fervilham percebes?” /(1ª entrevista) E nesse aspecto da música e da criação, sentes que estás melhor posicionado em Amesterdão do que no Porto? Para desenvolveres essa parte de ti? “É assim, apesar de no Porto conhecer muita gente, até com algumas relações com a música, aqui tenho conseguido reunir à minha volta um conjunto de pessoas com um interesse similar e tenho feito coisas muito mais</p>
---	--

	<p>interessantes que no Porto. Por exemplo temos alugado um estúdio, há aqui uns estúdios que alugam completamente insonorizados, podes alugar uma guitarra, um baixo, tem bateria, eu levo o meu laptop e ponho uns <i>gigs</i>, conheço o Nicola (italiano) que toca <i>bass</i>, o Dominique (alemão) que toca guitarra, a Agnieska (italiana) que canta e toca teclados... juntamo-nos e estamos a fazer uma pequena banda, uma coisa que não me passava pela cabeça, nunca me vi a mim como músico e não me vejo. Mas juntamente com eles que sabem tocar e eu a fazer algumas coisas electrónicas, estamos a conseguir fazer qualquer coisa. Para mim tem sido até o mais estimulante que tenho feito aqui, tem sido mesmo interessante. Já temos uma música praticamente construída, a Agnieska está lá na SAE e conheceu uma miúda que está a fazer o curso de vídeo digital e precisava de um projeto para fazer um vídeo e vai fazer um vídeo com a nossa música. Por isso nós ainda antes de termos a música concluída (risos) vamos ter um vídeo, por isso tem sido altamente estimulante, tem sido mesmo, mesmo interessante.”</p> <p>E quais são os teus objectivos nessa área? “Nessa área o projeto em que estou mais focado é este e começar a fazer originais nossos, que até mais tarde quem sabe podemos mesmo tocar ao vivo, adorava fazer isso.”</p>
--	---

B.9.1. Sociografia/ Relação com a origem Maria

Sociografia	
Nome	Maria
Idade	30
Género	F
Naturalidade	Lisboa.
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	<p>“Até aos dezanove anos vivi entre a Rinchoa e Almoçageme, uma semana com a mãe, outra com o pai. Nós não fomos a tribunal sabes, para decidir. Isso foi coisa boa, eles sempre foram amigos, mas tipo, a minha mãe nunca falou mal do meu pai e o meu pai nunca falou mal da minha mãe sabes?” Sim, isso é muito importante. “Toda a gente na minha família é divorciada mas sempre ouvi as minhas tias a falar mal dos ex-maridos, mas connosco nada hã? ‘Se o teu pai diz faz’ Eles nunca se meteram... Depois fui para o Montijo com dezanove anos. Os meus avós venderam o casarão que tinham, dividiram o dinheiro pelas três filhas e a minha mãe comprou uma casa no Montijo. Oh pá por exemplo eu agora, eu tenho casa, lá no Montijo, a casa que era da minha mãe. Ela tinha seguro de vida, portanto automaticamente está paga sabes? (hum, hum) E tenho cá uma amiga minha a Miriam, ela é marroquina e é mesmo boa pessoa, é advogada. E ela é que me disse ‘se calhar tu és como a tua mãe porque vê bem, tu tens lá as coisas, vens para aqui e preferes estar a batalhar tudo’.” E porquê? “Não sei, mas quando ela me disse isso eu fiquei a pensar ‘será, será que vem isso dela?’, não sei.” Mas gostavas de estar a morar no Montijo? “Não. Aquilo é um horror, não se faz nada. Portugal está muito parado Vanessa. Estive lá agora 6 semanas e é toda a gente ‘o que é que se vai fazer, não se faz nada...’ sabes? Eles estão todos sem ânimo para nada. Continuam todos a viver com os pais. Eu vejo amigos meus, vão sair: ‘Dá lá aí dinheiro pai.’ ‘Toma lá dez euros.’ Sabes?</p>

	<p>(hum, hum) Coisas que eu noto... Pronto eu já não faço, tu de certeza que não fazes, pronto a partir de uma certa idade começamos a ter consciência e eles lá não. Eu acho que lá ninguém tem. Ninguém entende... Eles estão no Montijo e não vão a Lisboa. Eles vão para aí uma vez por ano a Lisboa sabes? Estão ali no Montijo.” E depois viveste lá até que idade? “Dos dezanove aos vinte e seis. Depois aos vinte e seis vim para cá.” E porque é que vieste para cá? “Vim para cá porque não me dava bem com Portugal. Eu sempre gostei de Portugal, gosto de tudo, da comida, das paisagens, sabes? De tudo. Mas as pessoas... não! Nada. Acho que nós somos muito estereótipos em tudo, toda a gente tem um estereótipo sabes? Toda a gente vive mal e pretende parecer bem. Não sei, acho que nós somos muito... a mentalidade está a ficar muito fechada. Acho que somos muito ativos para algumas coisas mas para outras...”</p>
Escolaridade (incluindo locais de formação)	<p>“Fiz na Rinchoa, depois aos catorze anos fui estudar para Lisboa. Fui para a António Arroio, estudar artes, aos catorze. E a partir dos catorze, fiquei na António Arroio até ao 12º. No 12º ano não acabei geometria descritiva e a minha mãe quis que eu ficasse uma ano a fazer geometria. Só que eu já tinha tido três explicadores, já tinha desistido dos três, porque não conseguia com aquilo. E então preferi ir para o décimo outra vez do que ficar a fazer geometria. E fui para o décimo outra vez! Para uma escola profissional de marketing e publicidade. Depois queria ser publicitária, decidi que ia ser criativa. Depois acabei esse curso, supostamente estás apto para trabalhar logo a seguir, no final fui estagiar na ELLE, a revista ELLE, a fazer tratamento de imagem, só que foi só estágio. E depois fui para o IADE, fazer marketing e publicidade mas no final do primeiro semestre o meu pai telefonou-me... Ah, eu já não estava a gostar, tinha oito disciplinas, quatro negativas, foi mau o meu primeiro semestre, vim da escola profissional com média de dezasseis, depois chego à faculdade tenho negativas... fiquei um bocado... E depois o meu ligou-</p>

	<p>me a perguntar se eu queria ir com ele aos EUA buscar um barco à vela. Porque na altura ele era skiper. E concordei, como a minha vida estava a correr mal lá. Na altura a minha mãe também descobriu que eu fumava ganzas e nesse dia, nesse exato dia em que a minha mãe me apanhou, o meu pai ligou a perguntar se eu queria atravessar o oceano atlântico com ele. E depois a minha mãe começou a dizer para eu não ir, que não fazia mal, mas eu queria ir, e fui. Fui ter com o meu pai a Inglaterra, e depois de lá fomos para a América, para Boston, e depois atravessámos o Oceano Atlântico. Foi uma boa experiência, mas foi um mês a ouvir o meu pai (risos), não é brincadeira nenhuma. Mas isso é bom, o meu pai, ele é rígido, mas ele ensina-nos coisas que nós sabemos que não são todos os pais que têm esta habilidade ou... mas é por ele ter vivido fora percebes? Mas depois quando a minha mãe adoeceu, eu fui a Portugal, porque ela ia ser operada e liguei ao meu pai a dizer 'isto não está bem, eu sinto que isto não está bem' e ele veio para Portugal. No dia a seguir ele estava lá, e foi o último dia que eu falei com a minha mãe. Sabes? Tu sentes. Quando é a tua mãe, tu sentes. Eu chorava baba e ranho... Ela soube que tinha cancro e oito meses depois morreu. Mas antes da minha mãe, soube a minha tia, que tinha cancro e hoje em dia ainda está bem, pá, tu olha para ela e nunca dirias que ela está a fazer tratamentos, reagiram as duas de maneira muito diferente."</p>
Profissão	Designer Gráfica.
Emprego em Portugal	<p>Não trabalhaste enquanto estudaste? "Tinha uma boa vida." Só começaste a trabalhar quando vieste para cá? "Mas não foi por falta de aviso, a minha mãe sempre pediu que eu trabalhasse nas férias de verão (hum, hum) e eu nunca fui. E agora sinto-me mal. A única coisa que eu fiz foi no Rock in Rio, tipo trabalhos assim, dois dias, um dia, nunca tive a necessidade de trabalhar. Mas gostava, se eu pudesse mudar, tinha trabalhado todos os verões. Cá é normal, cá eles trabalham mesmo que tenham dinheiro. Uma miúda que trabalhava</p>

	<p>comigo no Bazar foi para o Japão, teve bolsa da escola, tem um programa de rádio cá em Amesterdão, a miúda tem para aí vinte e um ou vinte e dois anos (risos) e eu fico 'ok...'. Por exemplo eles vão estagiar com a faculdade tipo seis meses de voluntário para outros países, sei lá, uma está na fashion school e foi fazer o projeto na Índia, trabalhar com os tecidos deles e com as coisas deles, os materiais. E eu fiquei a olhar para aquilo...! Eles têm mais oportunidades, muito mais!"</p>
Tipo de residência em Portugal	<p>"Apartamento dúplex comprado no Montijo (da mãe)."</p>
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	<p>"Eu antes de ter vindo para cá estive os últimos dois anos a morar em Lisboa, na casa que os meus avós tinham em Lisboa. Com a minha prima Maria. Estivemos lá dois anos. Era uma casa que eles tinham alugada há muito tempo, na praça de Espanha com uma renda daquelas de vinte euros e depois os senhorios quiseram vender aos meus avós mas eles não tinham dinheiro para comprar e a minha avó pediu-lhe só para nos deixar acabar o curso e quando acabámos eles venderam a casa a uma clínica. Mas foi bom aquela casa. Mas percebes, nós antes tínhamos mais e com o tempo vai-se perdendo tudo. As coisas dos avós principalmente. Está só a casa em Espanha, ainda temos uma casa em Espanha vá lá (risos). O meu avô ajudou a abrir a Santa Casa da Misericórdia, em Luanda, e depois lá conheceu muitos engenheiros do Porto e assim, e um engenheiro do Porto disse ao meu avô 'Ah deviam comprar aqui casa, na Isla Canela, em Espanha que é um sítio que daqui a uns anos vai valer imenso dinheiro. E na altura, eles compraram, aquilo é um prédio com andares e cada andar tem dez portas. E parece que tudo é português naquele prédio. E só existia aquele prédio. Agora tu vais lá é hotéis de cinco estrelas, marinas, aquilo está... nós vimos aquilo tudo a crescer. Isso foi um dos bons investimentos que eles fizeram."</p>
Naturalidade dos pais	<p>"O meu pai nasceu no Porto e a minha mãe no Montijo."</p>

Escolaridade dos pais	<p>“O meu pai não terminou o curso de psicologia, de três anos no ISPA e também não terminou o curso de engenharia mecânica, portanto tem três anos incompletos de cada curso. E a minha mãe também, não terminou o ISPA.” No ISPA também. Foi lá que eles se conheceram não? “Não, eles conheceram-se em Angola, em Luanda, porque eles estudaram lá. Os pais da minha mãe viveram lá e a mãe do meu pai é de Luanda. Eles lá tinham boa vida sabes? Os portugueses que estavam lá em Luanda... Boa vida! Apesar que depois, com a revolução, eles fecharam o ISPA, fecharam uma data de faculdades em 74. E era na altura em que eles estavam a terminar os estudos... é assim a minha avó diz que o meu pai estava mais preocupado com a revolução do que em acabar os estudos, e isso ficou-lhe atravessado, ainda hoje ela fala que ele nunca acabou os estudos. E é assim, o meu pai até agora não tem tido assim uma vida muito normal... Só que eu não quero ser como o meu pai, a sério, é o que eu evito. Porque tipo, o irmão do meu pai é economista, e o meu pai não tem muita coisa. O meu pai teve boas experiências na vida, sem dúvida, só que agora ele está lá em Portugal e eu e a minha irmã estamos fora e ele começa a sentir-se sozinho.” E agora o que é que ele está a fazer? “Agora ele está numa empresa, faz programas de excel, faz listagens, data base, isso tudo. E agora vive na casa da mãe, em Linda a Velha. Vive com a mãe, está lá agora com ela, mas quer ter a casa dele claro. Mas ele voltou passados vinte anos, é complicado, chegares a Portugal com cinquenta e quatro anos, arranjar emprego! Esteve um ano e meio à procura. E o irmão dele, e os contactos que ele tem de Luanda sabes, esses todos têm empresas, sabes, aqueles que têm barriga grande e casa no Algarve são os amigos dele.”</p>
Profissão dos pais	Mãe técnica de informática. Pai fez várias coisas ao longo da vida.
Local e tipo de residência dos pais	Mãe faleceu. Pai vive em Linda a Velha em casa de sua mãe.
A migração está na	“A minha irmã foi trabalhar para a Alemanha antes de eu vir para aqui

<p>história de vida da família/ local de origem?</p>	<p>e isso talvez me tenha incentivado. Eu sou a irmã mais nova e sempre olhei para ela um bocado como modelo. Ela sempre fez tudo bem sabes? A minha irmã tem mestrado, tem tudo sabes? Ela acabou tudo. Ela acabou a faculdade com 25 anos. Mas imagina, tens a tua irmã, a fazer tudo certo... É mais velha ela? É, dois anos. Mas eu vejo-a como 10 anos mais velha sabes? Ela sempre se safou. Pá... felizmente não é? Mas eu acho que foi dessa pressão, de ela estar sempre, ‘tens de estudar’. Porque se eu não tivesse boas notas ela é que ouvia do meu pai. E depois estava sempre a chatear-me, a dizer ‘vai estudar, faz os trabalhos, faz isto, faz aquilo por favor!’ e eu ‘não quero!’. Pronto. E acho que desde aí fiquei um bocado... Pá também nunca soube muito bem o que queria seguir realmente. Eu gosto de fazer tudo. Eu acho que tenho capacidades para fazer tudo por isso... É bom, por um lado, mas depois é mau quando tens de te decidir. Por exemplo design é o meu curso, design. Um designer gráfico pode fazer tanta coisa! Eu tirei design gráfico, mas sabes, queria tirar <i>fashion</i> também, queria tirar restauro, queria tirar desporto, queria tirar cabeleireiro.”</p>
<p>Porque decidiste sair de Portugal?</p>	<p>“Foi para ter uma boa vida cá (risos).” E o que é que compreendes por boa vida? “Deixa pensar... Não sei, eu acho que foi mais para fugir da mentalidade de Portugal. Acho que nós estamos com uma mentalidade muito má, muito racismo. Pelo menos na minha faculdade, os meus colegas eram. Eles diziam que eu era a protetora dos pobres e dos pretos. E eu não achava isso normal. Aquela escola era muito elitista, aliás muitas escolas em Lisboa. Os meus colegas do Algarve não entendiam aquela coisa que lá havia com as roupas de marca. Eu tive de explicar a uma colega minha ‘olha cá em Lisboa é assim, se tens marcas és uma boa pessoa, se não tens...’ Não sei, nós fazemos ali um filme com tudo percebes? Se vem alguém de fato de treino está lixado! Cá... Quantas pessoas é que tu vês de fato treino e está tudo <i>super cool</i>...” E quando falas da mentalidade em Portugal era esse tipo de coisas que te chateavam em Portugal? “É, é. É esse</p>

	tipo de coisas que eu acho que lá não dá para evoluir.”
Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?	<p>“Sim, a minha mãe quando ainda era viva ajudou-me quando eu vim para cá sim. E a minha irmã continua a ajudar-me quando eu preciso. Por exemplo agora que estou a ficar sem dinheiro e a chegar ao fim do mês sem emprego, eu sei que se precisar mesmo posso pedir-lhe. Mas não queria sabes? Queria fazer por mim, desenrascar-me sozinha. Pá, lixada, lixada eu sei que nunca estou, há de sempre alguém ajudar-me. Mas queria safar-me por mim própria, aí é que está. Queria provar à minha irmã. Não era provar sabes... Queria que ela ficasse orgulhosa. Queria fazer a vida dela, ela agora esteve na Itália, na Croácia, percebes? E depois foi para a neve, fazer ski... Só que eu fico tão contente por ela sabes? Ela merece, ela fez tudo! Tem que se divertir. Agora eu... Tenho de deixar de fumar, tenho de deixar de fumar, tenho de deixar de fumar Vanessa.”</p>
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	Não.
Porque escolheste Amesterdão?	<p>“Eu realmente na altura escolhi Roterdão, porque estavam lá uns amigos meus do Montijo também, a morar na altura. E eu fui lá passar férias com eles, eles estavam a trabalhar na fábrica de chocolate na altura e eu estive cerca de vinte dias em Roterdão. E lá vi muitas galerias de arte e isso, e pensei ‘venho para aqui que aqui é fácil, é uma cidade de artistas’. Só que no ano em que eu vim, eles foram para o Montijo. Eles cansaram-se de estar cá, porque eles estavam a viver só os dois, os dois juntos, moravam na mesma casa, não socializavam com mais ninguém sabes? Começaram a dar em malucos os dois, já não se podiam ver à frente, um ao outro. Então eu vim para cá para Amesterdão, porque uma rapariga disse-me, uma portuguesa, disse-me que eu podia ficar na casa dela até arranjar quarto. Estive três meses num sofá, ela esteve três meses a lixar-me a vida, sem eu saber...” Mas era portuguesa que nasceu cá? “Não, não nasceu cá,</p>

	<p>mas já estava cá há dez anos. E foi arrastada para cá, não tinha mãe, a mãe dela morreu quando era pequena. Ela vinha do Alentejo, mas era má pessoa. Gostava de falar mal. E nessa altura... Ah, eu acho que nós também, eu acho que nós somos muito ingénuos sabes? Acreditamos em tudo. Em Portugal nós acreditamos em tudo. Pelo menos eu era assim. Eu acredito em tudo o que me dizem. E essa rapariga não sei, ela também me fez a cabeça sabes? Disse-me que se eu não falo Holandês só posso ir limpar. Percebes? Não te ajudam. Metem-te ali, estabelecem-te ali um parâmetro. Então eu comecei num hotel a limpar.” Achas que é uma espécie de competição? Que não queria que tu fizesses melhor? “É, é, é. Eles não querem que tu venhas cá e subas tão rápido, porque eles estão cá há anos e não fazem, não têm boa vida, como é que tu vens lá de fora... eu acho que é assim que eles me vêm, não sei, pelo menos é assim que eles reagem. Por exemplo essa rapariga, eu morava com ela e estava a limpar num hotel. E a rapariga que estava a limpar comigo no hotel também era amiga dela. Mas ela não limpava, ela trabalhava na recepção. E então a rapariga que limpava comigo é que um dia me disse para eu ter cuidado com ela ‘porque ela conta coisas de ti que não batem certo daquilo que eu conheço de limpar contigo. Ou ela está a mentir ou tu tens duas personalidades’. E depois eu perguntei-lhe o que é que ela andava a dizer e eram coisas absurdas, e no final quem andava a fazer tudo o que dizia era ela (risos). E depois pronto saí de lá, arranjei uma casa perto de Schiphol quase. E ela não me ajudou em nada, teve de ser um rapaz que trabalhava no hotel, a chamar um táxi para levar as minhas coisas... Sabes, depois nisto é que tu sentes que não tens cá ninguém a ajudar-te... No início ter de mudar de casa... Mas o que eu aprendo é, quando as pessoas te fazem uma xau! Não é para manter essas amizades.” “Foi mais pelas artes sabes? Eu acho que é uma cidade cultural, acima de tudo, cá vem quase sempre tudo em primeiro e acho que está muito ligado a Nova York. Muita gente de NY</p>
--	---

	<p>vem cá passar fins de semana. Não sei é outra qualidade de vida. Acho que toda a gente tem mais oportunidades para evoluir, a nível cultural. Por exemplo os espetáculos cá são todos mais cedo, toda a gente tem oportunidade para ir ver os espetáculos e ir dormir e no dia a seguir trabalhar. Em Portugal os espetáculos começam às nove e meia, dez da noite, ninguém pode ir e os preços são caríssimos! Cá não, é tudo tão organizado, tão facilitado, é isso, há falta de organização em Lisboa. Meia hora para apanhar transportes públicos, não há transportes... Não, não é vida!”</p>
<p>Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?</p>	<p>“Sim, muito. Olha isso era uma coisa que eu dizia à minha mãe ‘eu em Amesterdão, mesmo estando a limpar sanitas, eu consigo estar lá a sorrir’. Não sei, sinto-me feliz cá, e lá em Portugal tendo tudo, casa, carro... Lá estou habituadíssima a andar de carro para todo o lado, até o quarteirão eu faço de carro! Mas depois não damos valor ao que temos porque estamos tão habituados a ter tudo e não ter nada no fim... Não sei. Mas cá sou feliz, lá não sou. Eu estive lá agora seis semanas e só me queria vir embora. Parece que não, há ali um entrave a falar com as pessoas.” Mas que coisas é que te fazem feliz cá? Consegues explicar assim objetivamente ou... “Olha o estar independente. Ninguém me faz perguntas, em Portugal fazem muitas perguntas, ‘Onde é que vais? De onde é que vens? O que é que vais fazer?’ Eu gosto de não ter que dar satisfações da minha vida porque muitas vezes nem eu própria sei o que vou fazer sabes? E ter aquela pressão ‘O que é que vais fazer?’ Porquê? Quando? Onde? Eu cá sou feliz porque... acho que é isso, posso organizar a minha vida todos os dias como eu quero e mesmo que não seja o dia certo, no dia a seguir há de ser melhor...”</p>
<p>Há quanto tempo vives em Amesterdão?</p>	<p>Quatro anos.</p>
<p>Estudaste ou estudas em Amesterdão?</p>	<p>“Tirei um curso de holandês, durante quatro meses. E um curso de ilustrator CS3, mais alguns cursos de curta duração na área do design.</p>

	Mas era quando a minha mãe me pagava que era para tentar entrar mais na área.”
Emprego	Telefonista de apoio ao cliente.
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	“Eu agora moro no Oost, moro numa boa casa, com dois quartos, muito boa a casa, mas pago seiscentos euros e quero mudar no final deste mês. Mas eu não gosto de viver com outras pessoas já. Estou habituada a ter o meu espaço, eu morei durante dois anos num estúdio, sozinha, mas depois quando a minha mãe morreu achei que era melhor não estar sozinha, e foi aí que comecei a ter problemas, com as pessoas com que morei. Morei com uma miúda espanhola, durante três meses, na red Light, supostamente era boa pessoa. Ela agora é prostituta. Eu tinha pena da miúda porque ela tinha perdido a mãe, quase ao mesmo tempo que eu...”
Com quem habitas?	Sozinha.
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	Namorado holandês. “Estava a estudar espanhol e cozinha. Faz catering à vezes. Mas vai começar a estudar agora outra vez.”
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	“Bem, isso é um pouco difícil de dizer, depende dos shifts que tenho por mês. Mas entre os 800 e os 1200 euros talvez.”
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê? Se algum dia regressares o que te vês a fazer?	“Não! (risos)” Mas nunca? “Nunca não digo, mas em breve não.” Se algum dia regressares o que te vês a fazer? “Eu penso, eu gostaria de regressar se já tivesse aqui a minha vida profissional percebes? Imagina que tinha conseguido aqui fazer ilustrações para livros de crianças... Eu gostava que, se fosse lá, era porque estava a ser convidada para fazer ilustrações para outros livros ou assim, em trabalho sabes? E mostrar aos portugueses que se eles quiserem toda a gente é capaz sabes? Dar motivação aos portugueses. Para isso eu gostava de voltar lá. Acho que toda a gente precisa ali de uma injeção de atividade. (hum, hum) Mas pronto, se algum dia regressar é em

	<p>trabalho, pelo menos é o meu sonho. Mas não para trabalhar lá? Não para trabalhar lá. Trabalhar lá se calhar temporário e depois voltar cá. Mas sei lá eu acho que gostaria de fazer cá a minha família (hum, hum) e eles terem contato com Portugal e falarem português também, mas viverem cá. Acho que sim, esta é uma boa cidade. Cá o que eu pergunto às pessoas o que eu lhes pergunto é como é que os pais lhes explicam sobre as drogas e as prostitutas. Eu estava no outro dia a falar com uma miúda holandesa e estava a contar-lhe que a primeira vez que eu vi prostitutas foi à volta do técnico e perguntei à minha mãe o que é que aquelas mulheres estavam ali a fazer e ela disse-me que estavam a fazer ali tantas mulheres. Ela disse que estavam à espera do autocarro da noite, percebes? Lá ninguém diz o que é que elas estão a fazer percebes? Nós para entendermos o que são prostitutas é preciso um amigo a quem o pai tenha dito alguma coisa e depois conta-te não é? Ou tipo estava a contar-lhes também, o primeiro anúncio que vi de preservativos em Portugal era um casal debaixo de um chapéu de chuva e estava a chover e eles diziam ‘nós estamos protegidos’. E eu nunca entendi que aquilo era preservativos e adorava aquele anúncio e estava sempre, na casa dos meus avós, a dizer ‘eu estou protegida’ (risos) e o meu avô gritava-me ‘para com isso!’. Mas nunca diziam porquê! Sabes? E eu andava sempre, ‘mas que tem de mal, eu estou protegida, estou com o chapéu de chuva!’ Sei lá, acho que essas coisas eles não são abertos não é? Deviam ser mais. E depois ficamos todos atadinhos, tipo eu agora chego lá ao Montijo e digo ‘Ah fui a uma loja com uma amiga minha, fomos ver os vibradores, começámos a apalpa-los...’ e eles ficam todos... ‘estás a falar de quê Maria?’ Sabes? Estranham logo! Cá é mais normal. Se tu ouvisses as conversas das miúdas holandesas do meu trabalho, tipo ‘ainda hoje usei o meu dildo sete vezes’, tu até ficas atarantado. Até eu! Por isso é que eu gosto de cá sabes? É tudo mais deixa andar. Cá as minhas melhores amigas são uma francesa, de Paris e que conheci</p>
--	--

	<p>na escola de holandês, mas ela é super rica, felizmente tem muito dinheiro. Ela é de família rica de Paris. E depois é a marroquina também, que agora está na América, foi lá ter com o namorado de férias. E a Ângela, que é portuguesa e que vem da terrinha, de onde apareceu nossa senhora de Fátima. A Ângela vê lá saiu da terra dela, porque ia-se casar, ela estava noiva. Mas o namorado começou a andar com a melhor amiga dela na terra, isto na terra! E os pais dela perguntaram se ela não queria sair de lá da terra. Mas vês isto é tipo... Quando ela me vem dizer isto a mim, que sou de Lisboa, eu fico 'o quê? Tu saíste da tua terra porque toda a gente estava a falar de ti?' Mas eu entendo, em terras pequenas se calhar mais vale sair. E ela está cá há quantos anos? Há seis anos, mas ela fala holandês, tem um filho e trabalha lá no hotel a limpar. Mas porque quer, porque ela fala holandês. É porque ela é da terra sabes? Já estou farta de lhe dizer que ela pode fazer muito mais, mas ela é muito ingénua. As pessoas abusam dela. Pois é, mas ela veio para cá... tipo a primeira vez que ela andou de comboio foi cá, ela nunca tinha visto um comboio! Mas eu gosto dela por isso mesmo porque ela é pura percebes?"</p>
<p>Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)</p>	<p>"É mais com a família, para aí uma vez por semana, falar com o meu pai sim, pelo telefone. Telefone ao meu pai e depois ele liga-me de casa da minha avó. E a minha irmã está na Alemanha a viver e com ela é menos de uma vez por semana, ela trabalha imenso. É mais por isso. Mas tipo, o resto da família, quando telefonam eu não atendo (risos), não tenho paciência! É sempre a mesma coisa sabes, o que é que estás aí a fazer, e estás a trabalhar, e gostas... sabes? Enquanto que o meu pai não me telefona a perguntar o que é que estou a fazer, fala de outras coisas, é diferente." O que é que costumam falar? "Dos projetos dele, do que é que ele vai fazer, o que ele acha que eu deva fazer..." E encomendas, costumavas enviar alguma coisa? "Não." E eles, enviam-te alguma coisa, a tua irmã ou o teu pai? "Não, também não. Era bom que enviassem." O que é que gostavas que enviassem?</p>

	“Comida (risos)”
Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?	<p>“Eu não gosto de ir lá no natal, é uma seca. Gosto mais de ir no verão.” “Não é o destino prioritário, por exemplo agora já não vou lá praticamente há um ano e daqui a duas semanas vou a Barcelona.”</p> <p>Quantas vezes por ano e durante quanto tempo? “Agora normalmente vou uma vez por ano. A última vez que lá estive foi em Maio, durante seis semanas, mas foi porque estava a arranjar a casa, tive mesmo de lá estar. Mas de férias mesmo... não tenho ido. E se for, deve ser para aí cinco dias no máximo. (hum, hum) Mas agora é anual.” E tens viajado desde que estás cá? “Vou a Paris normalmente, com a minha amiga que é parisiense. Vou lá várias vezes com ela.”</p>
De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?	<p>“É diferente. Agora tenho que ir ver a família sempre. Ah, vou ver alguns amigos mas depois também me canso porque é sempre tudo a perguntar o que estou a fazer, sempre, e eu vou lá mais para descansar... Como imenso! Vou à praia, às vezes. A última vez nem fui à praia em seis semanas! Mas tinha que estar a arranjar a casa, eram outras prioridades. Também porque depois da minha mãe falecer há sempre imensas coisas para tratar, cada vez que lá vou tenho de tratar de coisas. Por isso é que ir lá, para mim não tem muita piada.”</p> <p>(hum, hum)</p>
Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?	<p>“Mais afastada! Mesmo quando estava lá já não me identificava, por isso! Gosto do país, mas da maneira como nós vivemos lá não. Não me identifico nada.” Como por exemplo? “A maneira de ser de todos. De só se queixarem em vez de irem à luta. Pronto e a nossa situação de termos de viver em casa dos pais até tarde por não termos possibilidades para nada.” Mas dás mais ou menos valor ao país? “Dou valor ao país mas não às pessoas que o governam, mas ao país sim. Recomendo a toda a gente, ir a Portugal.”</p>
Sentes que grande	“É, bastante. Eu também fui lá criada e estudei tudo lá, por isso sim.

parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?	Noto que em muitas coisas sou muito portuguesa.” Mas isso é muito importante para ti? “Ah não! Não é nada importante. Até preferia não ser tão portuguesa. Nós somos muito fechados, sei lá. Aqui eles sabem muito mais, acho que eles aqui sabem todos muito mais. Mesmo na escola... Eu com a licenciatura de lá, parece que cá não é nada. Parece que os nossos estudos não são de verdade. É tudo muito atrasado. Eu acho que é assim. Somos pouco abertos a outras culturas, por isso ficámos tão fechados.”
---	--

B.9.2. Cultura material/ Consumos Maria

Cultura	
Material/Consumos	
Vestuário	
A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?	“É. (risos) Mas é mais a nível de conforto do que a nível de estilo. Não tenho nenhum estilo em particular, tenho o meu próprio estilo.” E como é que o defines, se tivesses de definir? “O meu estilo é estilo livre. (risos) Não eu não tenho, eu cada dia visto uma coisa diferente, prefiro usar ténis do que salto alto, mas se for a uma festa não me importo de usar salto alto. Acho que para trabalhar e para um dia normal não tenho que ir como se fosse para uma festa. Cá gostam muito disso, de se produzirem imenso para todo o lado.” Não te identificas com isso? “Não. Não, mas gosto de comprar roupa e essas coisas todas. Mas não vou comprar porque a outra tem isto ou aquilo, sei lá, gosto de estar bem vestida. Acho que é importante para ti, para te sentires bem.” Mas costumavas ver em revistas, tipo

	<p>seguir as últimas tendências ou... “Eu costumo ler, quais são as modas que vêm na internet. Mas normalmente, desde que estou cá, quem me dá a minha roupa é a minha amiga parisiense. Ela dá-me tudo, dá-me calças, pijamas, t-shirts, sapatos que já não usa. Porque ela vai muitas vezes às compras e depois dá-me coisas.”</p>
<p>Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?</p>	<p>“Não. É a mesma coisa. Muitas vezes vou lá e eles dizem que eu estou vestida à holandesa e eu estou com roupa que comprei em Portugal. Por isso é paranoia deles. Gostam muito de falar, lá está, em Portugal gostam muito de falar do nada.” Então não te vestes de maneira diferente quando vais lá? “Não. Normalmente compro é roupa lá.”</p>
<p>Onde costumavas comprar roupa e que critérios orientam a escolha?</p>	<p>“É o preço normalmente. Eu compro roupa em todo o lado, compro roupa no mercado, na <i>HeM</i>, na <i>Bershka</i>. Às vezes vejo estilos que gosto na internet e depois tento procurar na feira ou na <i>HeM</i> modelos parecidos. Encontra-se sempre, principalmente na <i>HeM</i>.”</p>
<p>Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).</p>	<p>“Fiz uma tatuagem no pé. Ganhava bem nessa altura e estava na rua com uma amiga minha e decidimos fazer. Foi uma coisa do momento, na altura. O cabelo eu corto a mim mesma e pinto. Faço tudo.” Arranjas-te mais cá, do que o que fazias em Portugal, usas mais produtos de beleza? “Uso mais maquilhagem mas é porque estou sempre pálida. Prefiro pôr blush e notar-se que é maquilhagem do que estar pálida, pálida.”</p>
<p>Alimentação</p>	
<p>Quando cozinhas que tipo de comida fazes?</p>	<p>“Pronto, realmente quem cozinha geralmente é o meu namorado. Mas normalmente é, ainda ontem foi um bife</p>

Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	de carne vermelha com batatas cozidas com casca no forno. E depois salada. É típico holandês. Comer muita batata, nós comemos muita batata. Ou é batata no forno, ou é cozida, ou é puré de batata... Mas felizmente ele é que cozinha.” Quando comes fora que tipo de comida procuras? “Thai, tailandês. Ultimamente temos ido a um tailandês.” Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos? “Sim, sim. Eu desde que vivo nesta casa aprendi muita coisa, porque outro colega era um chefe cozinheiro e há coisas que eu não fazia ideia, truques também que me ensinaram. Não, mas sei lá... Eles cozinham diferente, tipo nós em Portugal misturamos tudo. Porque eu ao início cozinhava, depois ele começou sempre a perguntar-me o que eu estava a fazer, porque estava sempre a misturar tudo. Mesmo a sopa, passar a sopa para eles, isso não faz sentido. Por isso agora não cozinho. (hum, hum) Comemos muito couves de bruxelas, espargos, eles acompanham muito com algum vegetal ou salada.” Não costumas então fazer comidas portuguesas? “Só canja, mas não sei se é português...”
Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?	Nunca vais ao restaurante português? “Não. (risos) Só fui uma vez.” E vinhos portugueses, procuras? “Também não. Mas também não bebo muito.”
Procuras produtos portugueses em Amesterdão?	“Hum, é raro. E quando procuro é sardinhas numa loja de congelados, que são mesmo de Portugal, a embalagem.”
Procuras produtos	“Não. Só se for <i>take away</i> às vezes, ou comida surinamesa.

“diferentes” em Amesterdão? Vais a lojas especializadas?	Mas já feito. Sim, ao supermercado acho que não... Não.”
Casa	
É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	“Sim. Pelo menos o meu quarto. Como cá, infelizmente têm que se alugar quartos... Mas sim. O meu quarto é tudo eu. Mas de resto não, não é? A casa não é minha.”
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	(em baixo)
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	<p>“O meu quarto... Tenho um apanha sonhos, que a minha mãe me trouxe da amazónia. Eu gosto muito dos sonhos, como eu sonho imenso... Apesar de ninguém acreditar nos meus sonhos e nos significados e isso! Mas a minha mãe trouxe-me um apanha sonhos da amazónia, feito mesmo pelos índios. É que neste quarto não tenho muita coisa, como cá eu mudei muitas vezes de casa, tento reduzir tudo, porque cansa estar a carregar tudo... Tenho uma fotografia de Lisboa, a preto e branco. Na altura a minha irmã namorava com um norueguês e ele tirou uma fotografia lá de Lisboa. Tenho esse quadro que era da minha casa. Mas de resto não, eu tento não ter assim muitas recordações, não gosto. Não vejo qual é a necessidade, eu tenho é de me focar no meu futuro e tentar melhorar a minha vida. Ah e tenho fotografias da minha própria casa, lá no Montijo, também tenho isso lá no meu espelho.”</p> <p>Recordações de viagens tens?</p> <p>“Pulseiras. Trago pulseiras de cada país a que vou. É a minha coleção.”</p>
Media/Novas	

Tecnologias		
Costumas ler jornais/revistas? Quais?	ler	<p>“Costumo ler uns jornais holandês que recebemos lá no <i>call center</i>. Pronto não é bem ler, é mais ver as imagens e os títulos. E depois o resto leio no sapo, quase tudo, porque tem lá dividido por desporto, destaque, vida, economia... tem vários separadores. E o horóscopo às vezes (risos). Nunca se sabe, gosto de ver se estou numa boa semana para arranjar um bom emprego. Dantes lia o <i>Weekly Amsterdam</i>, onde tem as coisas todas para fazer cá, mas agora como não moro perto do sítio onde eles distribuem, não tenho arranjado. Mas gostava muito desse jornal, porque é em inglês. Mas de resto não, não leio assim muita coisa.” E revistas? “Não... Acho que não, nada.”</p>
Costumas ver televisão? Que canais/programas?	ver Que	<p>“Pouco. Não vejo muita realmente.” E quando vês, que canais ou programas vês? “O <i>Comedy Central</i>, que é tudo em inglês. Vejo algumas séries aí. Porque eu agora ando mesmo a recusar... Não é recusar, mas eu vejo mesmo pouca televisão. Basicamente procuro alguns filmes que estejam em inglês. E às vezes vejo uns programas que o meu namorado me diz para ver e que dá para entender alguma coisa, mas normalmente ele é que traduz as coisas.” E televisão portuguesa não vês? “Vejo às vezes na internet, mas também não é muito. Porque lá é tudo muito tarde, começa tudo muito tarde. Às vezes vejo a telenovela, as portuguesas, mas depois também cansa. Há pouco tempo vi o Herman José, mas depois também fiquei logo sem paciência.” E telejornal não? “Vi na altura só quando foi as eleições agora do Cavaco Silva, isso estava a acompanhar na SIC notícias. Mas aquilo começa depois também a repetir, a repetir e... e vi um filme também na</p>

	SIC que é o ‘Rapaz do pijama às riscas’.”
Costumas ouvir rádio? Qual?	“Sim, isso ouço. É a <i>funix</i> , normalmente. Mas depois também estou sempre a mudar, depende da frequência, que às vezes também apanha mal.” Mas é na internet ou no rádio mesmo? “No rádio. Eu gosto de manhã, quando acordo, de ligar o rádio.” É holandesa? “É holandesa.” Não ouves nenhuma portuguesa? “Não.”
Que tipo de música ouves?	“Gosto de ouvir música calma. Normalmente é jazz, gosto de ouvir jazz, para estar a trabalhar. Ou alguém a tocar violoncelo ou assim. Gosto de ouvir música clássica também. Hip hop não consigo, já é muita confusão para a minha cabeça. Antes ouvia com mais facilidade mas agora não, não me entra.” Começaste a ouvir música diferente quando vieste para cá ou... “Não.”
Que sites mais frequentas na Internet?	“O <i>Daily Mail</i> que é inglês, é quase uma revista, tem notícias de tudo e de toda a gente. Gosto de ver sites de <i>feng shui</i> também, são vários. Vejo sites de viagens também, viajo imenso pela internet (risos). E vou muito também a agências de trabalho, estou sempre a procurar trabalho. Normalmente até é mais para isso ultimamente a internet, infelizmente, para procurar trabalho.”
Costumas ler? Que tipo de livros?	“Depende, tenho fazes. Tenho um livro para ler que se chama ‘Counting Sheep’, para adormecer, porque eu antes dormia muito mal, mas agora durmo bem, felizmente. Eu às vezes normalmente quando vou para a cama começo a ler qualquer coisa na internet, tipo artigo e depois adormeço. Mas por acaso tenho que ler mais, realmente.” Mas que tipo de livros é que gostas? “De histórias reais, de coisas que acontecem. De histórias profissionais. Tipo andava a ler um que era um publicitário, em que ele até dizia o que era melhor para fazer, se fores publicitário.

	Gosto mais assim, mais verídico. Tipo histórias, dramas ou assim não gosto.” E tens preferência por autores portugueses ou em português ou lêes tudo? “Sim, leio tudo. Não tenho ninguém em especial.”
Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?	“Sim. Fui ver o ‘True Grid’.” Que tipos de filmes te interessam? “Qualquer coisa também, não sou esquisita. Não tenho nenhum género acho eu.” E ver filmes na internet costumas? “Não.”
Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família? Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?	“O Facebook. Falo mais com a família, mas também não uso muito. Ponho lá as minhas ilustrações. É mais mesmo para dar a conhecer o meu trabalho. Normalmente.” Contatas mais com as pessoas de Portugal ou com as de cá? “A mesma coisa, isso é a mesma coisa.”
Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?	“Sim, bastante. Utilizo para tudo, para tradução, para procurar emprego (risos) e espero que acabe essa fase, brevemente. Mas, é mais para conhecer coisas. Eu gosto de ler e prefiro ler no monitor do que no papel. Gosto mais de ler pequenos artigos.” De qualquer assunto? “Sim, de qualquer assunto. Leio muito de alimentação, exercício físico, tento perceber o que faz bem e o que faz mal.” Utilizas mais do que quando vivias em Portugal? “Sim, acho que sim. É diferente também, o tipo de vida que tinha cá e o que tinha lá. Lá tinha que ir estudar a toda a hora, estava no computador mais concentrada a fazer trabalhos e não tanto na internet. E lá quando tinha tempo não estava no computador, ia à praia ou...” Mas tinha a ver com teres mais vida social, saías mais? “Não. Não porque lá estava a estudar e cá não. Por isso desde que vim para

	cá... A vida de estudante é muito mais calma não é?”
Outras tecnologias de que faças uso?	“Acho que não... Não tenho mp3, o meu telefone é simples. Não me importa que tenha nada de especial, queria que tivesse fotografias, mas a máquina não tem qualidade no telefone. E agora emprestaram-me uma máquina porque eu preciso para fazer as minhas ilustrações, para trabalhar. Eu baseio-me em fotografias que tiro e depois faço as ilustrações a partir daí.”

B.9.3. Sociabilidades/ Quotidiano Maria

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	“Vou comer para as esplanadas, quando está sol, vou ao bosque da cidade, vou a <i>Ijburg</i> à praia. Lá na praia tem um café tipo buda bar, costumamos ir lá. Cá também é raro estar sol, mas quando está sol tento ir para o sol.”
Quando saias a que lugares vais? Com quem costumavas ir?	“Eu agora saio muito pouco, não tenho paciência para sair, não gosto de sair já. Prefiro ficar em casa, no conforto da casa. Mas quando saio vou para um bar ao pé da minha casa, que é tipo bar de artes, uma onda mais cultural lá. É holandês e tem muitos quadros lá e depois tem muitos cartazes das coisas que estão a acontecer e da música, da casa do jazz também.” E costumavas ir a esses espetáculos? “Não. Infelizmente não posso, só porque não posso porque se não ia.” E quando saias com quem costumavas ir? “Costumo ir com

	<p>a minha amiga inglesa, lá do call center. O meu namorado não gosta muito de sair, é mais de casa também. Mas normalmente é com a Anita. Antes também saía aqui com os meus colegas do Bazar, mas já não tanto porque é sempre a mesma coisa sabes? Eles saem todos, vai tudo beber e... E como não fumo também, é mais... não sei. Parece que comesas, tens de cortar assim sítios e pessoas.”</p>
<p>De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?</p>	<p>“Francesa, ingleses, da estónia... quase todos os países. Tenho portugueses também, mas são muito mais estrangeiros que portugueses. Estou mais com os estrangeiros também. Normalmente estou com a francesa e com a inglesa, é com quem estou mais frequentemente. Também moramos perto umas das outras.” Mas preferes do que estar com os portugueses? “Depende. Mas também cá os portugueses que eu conheço agora até são... já conheci portugueses com quem não me enquadrava, são os que nasceram cá. Eles têm outra visão. Não gosto da maneira que eles pensam ou agem. Achem que são melhores, gostam imenso de Portugal, Portugal é que é bom, só gostam de se queixar da Holanda. Mas também não dá para perceber, eles nunca viveram lá!” Em comparação achas que eles, pelo menos no discurso, dizem que são mais ligados a Portugal do que o que tu sentes ser? “Sim, no discurso são. Mas lá está eles vão lá um mês, o mês de Agosto normalmente, apanhar sol não é? Isso não é Portugal. Nós estamos lá no inverno a passar frio, a apanhar transportes públicos, essas coisas.”</p>
<p>Costumas ir a alguma das</p>	<p>“Não. Já fui mas era porque conhecia outra</p>

<p>associações portuguesas?</p> <p>Em que ocasiões?</p> <p>Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>portuguesa. Mas sempre que lá fui pensava ‘o que é que eu estou aqui a fazer?’” Não te identificas com as pessoas que as frequentam? “Não.” Porquê? “Estão sempre a falar mal também, falam mal de tudo. Dos marroquinos, dos turcos, que não estão cá a fazer nada. Tipo é o que eles estão a fazer também, não faz sentido. Não, não gosto, não gosto quando se juntam assim em comunidade. Não sei, se calhar antigamente fazia mais sentido não é? Porque não havia a internet, nem tantos contactos não é, como o skype e essas coisas. Acho que eles estão muito fechados e depois só interagem com eles próprios e no final não... só vêm televisão portuguesa. Eles atuam como se estivessem lá, e isso acho que está muito errado. Se estás fora não é? Não é que eu não tente ver o que se passa no meu país, mas não estou a viver o dia a dia de lá.” (hum, hum)</p>
<p>Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?</p>	<p>“Agora não tanto. Mas quando vou, vou mais a exposições. É esporádico. Ultimamente não tenho tempo para essas coisas. Tempo e dinheiro. Pronto gasto noutras coisas. Gasto em comida agora, cá a comida é caríssima. Mas quando tiver mais oportunidade, quando arranjar um bom emprego, gostaria claro!”</p>
<p>Atividades desportivas?</p> <p>Com quem?</p>	<p>“Vou correr para o parque, sozinha. Não gosto de correr em grupo, não tem piada. Mas tento não correr muito, agora tento mais andar, andar rápido. O meu pai diz que não faz bem correr. Mas faço exercícios em casa e vejo na internet também.”</p>
<p>Hobbies?</p>	<p>“Agora não tenho nenhum. (risos) Não, faço as ilustrações, acho que é o meu hobbie. Agora estou a</p>

	tentar fazer um novo portfólio só com novas ilustrações, feitas no computador. Para ver se no futuro consigo ir trabalhar para alguma revista ou assim. Como freelancer claro. (hum, hum) Ou a <i>full time</i> se conseguir!”
Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)	“Estive a aprender salsa durante algum tempo mas depois não tive dinheiro para continuar. Se pudesse fazia com mais frequência.”
Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?	“Não. Lá fazia muito mais. Mas se calhar também era porque estava a estudar e tinha obrigatoriamente que estar a par das exposições e assim.” Mas ainda assim achas que cá tens acesso a mais coisas do que lá? “Sim, cá tens acesso a mais. Acho que a nível cultural esta cidade é boa.”
Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)	“Eu gosto porque conheces muita gente e várias culturas, mas é difícil tu te expressares aqui, acho que isso é difícil.” Porquê? “Por exemplo, no nosso caso, eu não falo holandês não é? Mas também conheço pessoas que falam holandês, portugueses, e não são aceites porque não falam com o sotaque correto. E às vezes fazem-nos passar um bocado por burros e é um bocado irritante, é só isso que às vezes me faz pensar o que estou aqui a fazer. Porque tenho de estar a trabalhar num call center, e antes num restaurante, agora decidi que abaixo de call center não vou. Mas só por causa de, sei lá para não ir tão abaixo. (hum, hum) Estive dois anos lá no restaurante. É muito sabes? Não é, não é o meu plano. Acho que quanto mais ficarmos nesse tipo de trabalhos, menos oportunidades hão de aparecer. Por isso agora só procuro trabalho em

	<p>empresas internacionais, tudo internacional. Pronto, só falar inglês, mais vale. Eu prefiro empenhar-me no inglês do que no holandês. Porque primeiro nem sei se fico cá não é? Mas acho que cá eles dificultam um bocado... E agora com o novo governo e isso, já não há tanto acesso. Eu inscrevi-me agora na escola de holandês que é paga pela câmara, mas acho que eles cortaram a toda a gente, a todos os imigrantes.” Mas ainda em relação à cidade, sentes que quando fazes as tuas ilustrações por exemplo, a cidade te inspira mais que Lisboa de alguma forma? “É diferente. Lá era outra vida. Mas cá sim, há coisas que me inspiram cá. Sei lá, os canais, as bicicletas, as coisas que nós não temos. O mercado, tirar fotos ao mercado, gosto muito do mercado cá.”</p>
--	---

B.10.1. Sociografia/ Relação com a origem Tomás

Sociografia	
Nome	Tomás
Idade	30
Género	M
Naturalidade	“Olha eu nasci em Coimbra, mas estou registado na Marinha Grande.”
Viveste sempre no local de onde és natural? Se não, qual foi o teu percurso?	“Vivi sempre na Marinha Grande.”
Escolaridade (incluindo	“Não cheguei a seguir para a Universidade. Fiz até ao décimo

locais de formação)	segundo de científico natural.”
Profissão	<p>“Olha profissão... A minha primeira profissão foi ajudante de serralheiro metalúrgico, foi um trabalho muito bom que serviu para eu pagar metade da carta e o meu primeiro carro, um Fiat Uno. E recebia tão bem, recebia mais do que o meu pai e a minha mãe, mas trabalhava muitas horas. Portanto foi um trabalho de férias, só trabalhei dois meses. Mas era de Domingo, a Domingo, cheguei a trabalhar dezasseis horas por dia.” Mas era numa fábrica? “Não, não. Serralheiro metalúrgico é, eh pá eu trabalhava para uma empresa de montagem de estruturas metálicas. (hum, hum) Pronto e o meu trabalho era ajudar os soldadores a soldar, eu acartava os cabos, ajudava em tudo o que o soldador quisesse. Isto ainda estava eu a estudar, portanto foi um trabalho de férias. Depois desse trabalho trabalhei no vidro, aí sim, já tinha acabado a escola. Trabalhei numa fábrica de copos, durante quase um ano. E depois como aprendiz de maquinista, mas depois saí porque eu ainda era muito inexperiente no trabalho, pensava que todas as pessoas eram boas como eu e fizeram-me a folha basicamente. Depois tive de sair de lá. Depois arranjei outro trabalho numa multinacional alemã, trabalhávamos para a Auto Europa e fazíamos blocagem. É um tratamento que se faz nas peças de plástico, nomeadamente em caixas de plástico de luxo, como tabliers ou outras caixas. E basicamente é plástico muito fino, em pó e depois junta-se um cola e vai a apanhar uma descarga elétrica e vai à estufa e fica estilo veludo. É um pormenor que normalmente se mete em carros de luxo. Portanto aí trabalhei um ano e tal e se tivesse continuado digo-te que hoje era lá chefe. Mas eu não gosto de trabalho de chefia.” Mas gostavas de trabalhar na fábrica? “Sim, gostava, mas trabalho de chefia eu não gosto de fazer porque eu sou uma pessoa que me custa mandar, gosto de fazer amizades e</p>

	<p>depois não sei fazer o papel de chefe ao mesmo tempo. Eu não era capaz de despedir pessoas por exemplo. Pronto e então entretanto a minha irmã abriu um escritório, depois de acabar o curso de gestão de empresas, com uma amiga do curso um escritório de marketing. E então eu fui trabalhar em part-time com elas, como diretor de ideias, porque a minha irmã acha que eu sou uma pessoa que tem muitas ideias. E aquilo até não estava a correr mal, o problema é que as empresas para pagar, demoravam muito. O meu pai também trabalha no ramo dos moldes e tem uma pequena empresa, e está a receber de seis meses a um ano. Agora é a um ano, ou seja ele faz um trabalho só daqui a um ano é que recebe. Bem, e então o que a minha irmã pensou foi ‘eu vou trabalhar, juntar dinheiro e abro uma empresa maior, porque aquilo era um pequeno escritório. E então ela foi trabalhar para uma fábrica de congelados, de vegetais, só que começou a ver que aquilo não estava a dar muito dinheiro e foi aí que ela pensou vir aqui para a Holanda trabalhar, com a amiga. E vieram, e ficaram cá, ainda hoje a minha irmã está cá, a amiga foi para a Alemanha entretanto.” E está a trabalhar na área dela?</p> <p>“Mais ou menos. Começou primeiro a trabalhar numa fábrica e assim em trabalhos temporários e tal, ainda trabalhou assim uns três anos, depois engravidou e foi para Portugal e depois é que voltou. E quando voltou é que começou a trabalhar na Microsoft e agora trabalha numa empresa que controla todas as operações bancárias de todos os bancos aqui na Holanda. É um bom trabalho, ela recebe bem e é secretária. Pronto e basicamente ela veio para cá e passados aí uns seis meses de ela estar cá, eu ainda estava a trabalhar na tal fábrica e ela falou-me se eu estava interessado. Oh pá, eu tinha um bom ordenado lá em Portugal e tudo, e sempre ouvir dizer pelos meus amigos que na Holanda ganhava-se muito dinheiro e que pronto, aqui era tudo legal, o</p>
--	--

	<p>que também me fascinava um bocado. E pronto, eu sempre quis vir para cá, eu vim na aventura e pronto vim.” Mas foi principalmente por estares com falta de dinheiro lá... “Não, não, não! Mas, a crise já se notava. Porque todos os trabalhos que eu tive lá eu só consegui arranjar por cunha, porque trabalhavam lá familiares meus. Porque eu tentei numa altura, em que tinha tirado uma formação de moldes, ia a quatro e cinco fábricas por dia mas a crise já estava instalada nos moldes e já não estavam a aceitar ninguém. Eles tinham lá dossiers cheios de currículos. Portanto eu só consegui aqueles trabalhos porque tinha cunhas. Por outro lado, oh pá eu decidi também vir para a Holanda na aventura e porque aqui era tudo legal.” Mas se tivesses que calcular uma percentagem para cada motivo... “Era cinquenta, cinquenta, pode-se dizer isso. Porque se fosse só porque aqui era tudo legal eu também não vinha, mas como tinha a garantia que tinha trabalho e dinheiro, então eu vim. Pronto, vim para cá para vir trabalhar um mês e ainda cá estou (risos) e já lá vão quase oito anos.”</p>
Emprego em Portugal	(em cima)
Tipo de residência em Portugal	<p>“Oh, sempre vivi em casa dos meus pais, mas foi assim: eu até aos meus vinte anos vivi com a minha mãe. Aos vinte anos saí de casa da minha mãe e fui viver com o meu pai. Porque os meus pais são divorciados, divorciaram-se quando eu tinha treze anos, o que me tornou uma pessoa um bocado revoltada e também porque a minha mãe foi sempre uma pessoa que me controlou muito. Eu nunca tive liberdade, ao contrário da minha irmã, a minha mãe digamos que nos deu uma educação trocada porque normalmente as raparigas saem muito mais tarde. A minha irmã começou a sair com dezasseis anos e eu só consegui sair com dezoito e, e... Mas isso deve-se aos amigos da minha irmã, enquanto eu tinha assim uns amigos oh pá que não eram assim</p>

	<p>muito afortunados, os amigos da minha irmã eram as pessoas mais ricas da cidade. Porque ela teve sorte, calhou numa turma que eram só os ricalhaços lá da Marinha e então a minha mãe não se importava.” (hum, hum) Mas viviam numa casa alugada ou... “Não, a minha mãe quando se divorciou do meu pai ficou com a casa e o meu pai viveu nos primeiros anos em casa da minha tia e depois é que comprou uma casa. Mas quando eles se divorciaram nós... pronto eu não dormia lá, porque não havia condições, mas depois quando ele foi para uma casa, já dava, dormia na sala mas pronto já dava.”</p>
Local de residência em Portugal (ao tempo da partida)	Casa do pai, Marinha Grande.
Naturalidade dos pais	Marinha Grande. Viveram sempre lá.
Escolaridade dos pais	<p>“A minha mãe tem toda a escolaridade e mais alguma. E também já tem doutoramento. A minha mãe é professora do ensino especial neste momento, ela começou a trabalhar no ensino, mas depois parou durante dezoito anos e trabalhou no ramo bancário e agora voltou ao ensino. O meu pai tem o décimo segundo antigo, ele começou a trabalhar muito cedo no vidro, com doze anos. Era normal naquele tempo trabalhar-se com essa idade, era o segundo de uma família de seis irmãos, o mais velho foi para a guerra no Ultramar e o meu pai é que teve que sustentar a família porque o padrasto dele teve um acidente e ficou acamado e então ele tinha que trabalhar. O meu pai é filho de pai incógnito mas toda a gente sabe quem é o pai, o pai é que nunca o reconheceu. Considerou que o primeiro e o terceiro eram filhos dele, mas o meu pai não. Entretanto ele já morreu e depois até os irmãos partilharam a herança com ele, que foi um gesto bonito. Mas pronto, depois quando eu nasci ele foi trabalhar para o ramo dos moldes que dava mais dinheiro, através da minha mãe que</p>

	conseguiu arranjar-lhe uma cunha. E pronto, depois de trabalhar nos moldes decidiu abrir a sua própria empresa.”
Profissão dos pais	(em cima).
Local e tipo de residência dos pais	Marinha Grande, casa própria.
A migração está na história de vida da família/ local de origem?	“Tenho um tio que emigrou há 40 anos. Primeiro para a Suíça, depois para a Alemanha e agora está na Austrália. Mas não, acho que isso não me influenciou assim diretamente porque eu quase nunca o conheci muito bem. Mas quer dizer as histórias que sempre ouvi talvez. Também tenho outros tios que foram para França... Mas acho que teve mais a ver com amigos que tinha e que vinham fazer trabalhos sazonais à Holanda e depois diziam-me que recebiam montes de dinheiro aqui! E isso claro que me chamou à atenção. Claro que se calhar a história da minha família tenha influenciado indiretamente. Mas o que me influenciou mesmo mais, mais, eu já te disse. Foi mesmo a aventura e as drogas que cá há, que isto era uma maravilha! E depois a minha irmã também veio para cá antes de mim, o que também ajudou.”
Porque decidiste sair de Portugal?	(em cima).
Os teus pais ajudaram-te na realização da viagem? Até quando te ajudaram?	“Olha é assim, a primeira vez que eu vim para cá o bilhete foi pago pela minha mãe. Eu já não me lembro se depois lhe paguei de volta ou não... Mas depois eu trabalhei sempre, nunca foi preciso. O que acontecia era por exemplo eu ir de férias e a minha mãe oferecia-me algumas coisas, tipo enxoval, por isso ajudava nesse sentido. Aconteceu foi uma vez emprestar dinheiro ao meu pai, mas ele depois devolveu.”
Viveste em algum outro país antes de vires para a Holanda?	Não.
Porque escolheste	“Mas foi principalmente porque a minha irmã já cá vivia, ela já cá

Amesterdão?	<p> tinha casa. Quer dizer eu não estava a pensar ficar em casa da minha irmã claro, mas para os primeiros tempos, era uma ajuda.” </p> <p> “Como eu te disse eu quando vim não vim para Amesterdão, cheguei a Nijmegen, uma cidade estudante tipo Coimbra. É uma cidade totalmente de estudantes, muita gente nova, é só universidades. E pronto eu adorei aquela cidade, apesar de que tive um grande choque quando cá cheguei. Porque é assim nos na Marinha Grande costumávamos receber no verão muitos holandeses. (hum, hum) Oh pá, e vou-te dizer assim, os holandeses não têm nada a ver com aquilo que são lá em Portugal, mas é que não tem nada a ver. Para mim foi um choque, uma coisa! Porque lá eles são muito divertidos, metem conversa com as pessoas, pronto! E eu pensei que cá seria a mesma coisa, mas foi exatamente o contrário, muito mais frios, senti-me mesmo à parte, senti-me como, olha mais um estrangeiro. Foi essa a sensação que eu tive quando cheguei lá. Não sei se era por ser uma cidade de jovens, eu também era um jovem! Mas pronto...” </p> <p> Mas tentaste fazer amigos? “Sim, tentei mas não deu, eles são mesmo pessoas muito fechadas. Eu já falei com portugueses que só conseguiram fazer amizade com holandeses seis anos depois de ir ao mesmo sítio, seis anos! Portanto só para tu veres como eles são mesmo fechados, e eu tinha uma ideia totalmente diferente dessa. Mas portanto foi em Nijmegen que eu comecei a trabalhar porque era onde a minha irmã estava, a minha irmã veio trabalhar para cá e viu no jornal uma empresa que estava à procura de portugueses e eles fizeram um recrutamento lá em Portugal e a minha irmã ficou horrorizada com as pessoas que lá estavam, parecia aqueles gajos que andam lá a estacionar os carros, mas pronto, mas foi porque lhe prometeram mundos e fundos. Mas pronto, depois quando ela cá chegou, não era bem assim. Ela veio para uma empresa de </p>
-------------	---

	<p>trabalho temporário, mas é uma empresa que é polaca e que pratica um tipo de contrato que não te dá direitos quase nenhuns. O problema é que os portugueses que vieram para cá não estavam à espera disso e pagavam-lhes menos do que era suposto, e depois tinham de pagar o alojamento. E eles são muito engraçados, eles fazem acordos com a Gemente para ficarem em espaços como mosteiros por exemplo, e é bom para eles porque as pessoas ao ficarem lá são obrigadas a restaurar os espaços. Nós morávamos num mosteiro. Oh pá, aquilo eram vários quartos, no início fiquei no quarto com o companheiro da minha irmã, e a minha irmã ficou no quarto com a amiga dela. E então fui trabalhar as duas ou três primeiras semanas para uma fábrica de carnes frias, fiquei a saber como é que se faz fiambre! A fábrica ainda era longe, tinha que ir todos os dias. Depois fui para uma fábrica de carnes, e pronto trabalhei nessa um ano e foi um descalabro total. Eu trabalhava durante a semana e ao fim de semana era borgas, mas eram borgas mesmo, valia tudo. Eu apanhei um clube lá em Nijmegen que gostava muito, é um dos clubes mais antigos de lá, era um clube só de estudantes. Apesar das pessoas serem muito frias, pronto, eu gostava de lá ir. Ia com uma amiga minha portuguesa que eu conheci lá e que era amiga da minha irmã.” E nunca chegaste a sair com holandeses ou a fazer amigos? “Olha é assim, eu vou-te explicar, todas as situações que eu tive com holandesas foram situações muito esquisitas, de verdade! Olha uma vez, até foi nesse clube, eu estava lá e chega-se uma rapariga perto de mim e apresentou-se e quis-me conhecer, eu até fiquei impressionado, foi a primeira vez. Bem e eu estava tão entretido com a conversa com a rapariga que lhe perguntei se ela queria beber alguma coisa. E ela disse que queria um copo de água! E eu pronto, pensei que ela não bebia álcool ou assim. Bem, eu como já era cliente frequente</p>
--	---

	<p>até me deram o copo de água, tu tinhas que o pagar, mas como era cliente frequente ele nem me fizeram pagar. E ela quis-me pagar o copo, é verdade! E eu disse-lhe que não era preciso porque eu nem tinha pago nada, e ela pega e põe-me o dinheiro no bolso. Pronto, está bem, mas achei aquilo muito esquisito. Depois, para acabar deu o copo à amiga, a amiga bebeu a água e eu fiquei a pensar assim... ‘ai, não estou a perceber nada, estou a apanhar aqui do ar, mas que raio!’ Às tantas a interpretação que eu fiz disto tudo foi que ela tinha estado a gozar com a minha cara. E depois ela reagiu de uma maneira tão esquisita, eu falava e ela não falava... Olha eu não sei explicar. Todas as situações que aconteceram com holandeses foi sempre assim coisas assim deste estilo, fora do comum. Mas esse primeiro ano foi mesmo um descalabro, todo o dinheiro que eu ganhava durante a semana gastava no fim de semana. Passado um ano comecei a ficar saturado, primeiro porque talvez por ter as drogas tão à disposição deixaram de me interessar e depois também o pessoal com quem eu me dava... comecei a abrir os olhos e a ver que aquilo não era para mim.” Era tudo portugueses? “Era. Portugueses e Polacos, porque eu fui viver para o meio dos Polacos.” E davas-te com eles? “Oh pá dava-me, digo-te assim, nunca me senti tão bem como no meio dos Polacos, na parte feminina. Porque enquanto em Portugal eu sou um rapaz totalmente normal eu lá no meio delas era considerado quase um deus, todas as raparigas ficavam encantadas comigo, ui! Estava no paraíso. O problema é que elas só vinham no Verão, porque a maior parte das raparigas lá eram estudantes e só vinham na altura do verão trabalhar. Ainda cheguei a ter uma relação de um ano com uma delas mas não resultou. Não resultou não foi por mim, nem por ela, mas foi pela família, porque não sei se é na Polónia toda, mas eles ainda são muito racistas. Qualquer pessoa</p>
--	---

	<p>que seja estrangeira não é muito bem vista, pronto. Não sei se era só naquela zona, mas já vi outras zonas e aquilo também não é muito grande, a minha namorada era de uma aldeia. Mas lá está eu também a tinha escolhido por ela ser de uma aldeia, por ser uma pessoa simples, porque é assim as pessoas simples dão sempre muito menos problemas. Já tive experiência... já tive experiência quer dizer, eu só tive seis namoradas na minha vida, não tive muitas namoradas! Porque eu também sempre fui uma pessoa muito seletiva, eu quando escolhia uma namorada não era assim... Para já olha, se fosse ela a vir ter comigo estava logo riscada do mapa.” Então tinhas que ser tu a ir ter com ela? “Não, não, não é isso, eu sinto isso como sendo estar-se a oferecer. Se ela se está a oferecer a mim imagina a quem é que ela não se ofereceu mais! Estás a perceber, portanto era uma rapariga fácil. E eu não gosto de raparigas fáceis, gosto de raparigas difíceis. Ah... E então sempre que eu gostava de uma pessoa eu arranjava uma parafernália toda para a conseguir conquistar e tudo. Mas eu vou-te dizer, com a Cláudia foi a primeira experiência em que eu não planeei nada, foi tudo ali na hora, e por coincidência ela era tudo o que que andava à procura e eu também era tudo o que ela andava à procura. (hum, hum) Porque ela andava também à procura de uma relação estável, porque já tinha vindo de uma relação de cinco anos com um rapaz. Porque chegou-me a acontecer, chegou a uma altura em que eu já não estava com meias medidas, eu chegava ao pé da pessoa e dizia ‘olha eu estou à procura de uma pessoa para ter uma relação séria’ e a pessoa ia à casa de banho e já não a via mais.” Em Portugal? “Em Portugal. Porque eu já estava pronto, estive com pessoas que diziam que queriam relações sérias e depois chegavam à altura e não eram assim tão sérias como estava a pensar. E eu também sempre disse que tinha que ser uma rapariga mais simples, porque as</p>
--	---

	<p>raparigas que não são simples são muito complicadas e eu não gosto de coisas muito complicadas. E como já sofri muito em relação a isso...” Mas pronto, isto tudo para chegar a porque é que escolheste Amesterdão? “Como é que eu cheguei a Amesterdão, é mais fácil perguntares assim. Eu trabalhei para essa empresa cinco anos, essa em Nijmegen. Mas os gajos fizeram aquilo de maneira a dizerem que eu fazia trabalho sazonal e nunca me deram um contrato efetivo. Depois dessa passei para uma de saladas e de croquetes, trabalhei lá três anos e despediram-me ao fim desses anos para não me darem o contrato de efetivo outra vez. Depois puseram-me a trabalhar numa fábrica de fruta, para fazer saladas de fruta e assim e eu detestei esse trabalho. E foi aí que optei por ir arranjar outra coisa. Mas eu pensei primeiro na Cláudia, eu já estava com ela entretanto, tinha-a conhecido em Portugal numa das vezes que tinha ido lá de férias. Quando eu a conheci, aliás quando nos juntámos cá foi os últimos seis meses que eu estive nesse empresa da fruta. E então comecei a pensar, a minha irmã já estava em Amesterdão, em vir para Amesterdão e lembrei-me que aqui havia um restaurante chamado Portugália aqui e então pensei ‘olha, vamos lá pedir trabalho’. Mas ainda fomos a outro primeiro, um brasileiro. Muita sorte que eles estavam mesmo a precisar e ela ficou logo lá. Ficou em casa da minha irmã e eu entretanto voltei a Nijmegen, despedi-me e vim também. Estive quase um mês para arranjar trabalho, tive muita sorte, fui a uma empresa de trabalho temporário e meteram-me a trabalhar nesta fábrica de panificação até hoje. Até hoje não! Trabalhei seis meses aqui e depois três meses na TNT, nos correios, mas depois voltei para esta. Estivemos em casa da minha irmã durante uns tempos, depois de conseguir este trabalho lá tentei alugar uma casa, tive sorte porque um rapaz que trabalhava comigo, italiano,</p>
--	---

	<p>ia sair da casa onde estava mas era chato porque não dava para registrar. Era uma casa social de um turco que subaluga ilegalmente. Pronto, arranjei essa casa porque depois comecei a perceber como se processavam as coisas de comprar casa e tal e fui ao banco saber quanto dinheiro me podiam dar e depois com esse valor vais ver de casas. Só que as pessoas aqui na Holanda muitas têm a mania de pagar só os juros, claro que depois pagam muito pouco de prestação, mas chega ao fim dos trinta anos e têm de ter dinheiro ali guardado para pagar tudo. (hum, hum) Eu até posso pagá-la antes dos trinta anos, estou a pensar pagá-la em dez anos. Porque eu já falei com a Cláudia e esse é o meu objetivo. É pagar a casa e comprar uma melhor.” Aqui também? “Sim, sim, aqui.” E quê, alugares aquela? “Isso ainda não sei, depois logo se vê na altura, conforme o meu dinheiro. Porque é assim, eu quero fazer uma coisa em três fases. A primeira fase é apartamento, segunda fase casa germinada e terceira fase casa, vivenda mesmo. Porquê estas três fases, é que a diferença entre o apartamento e uma casa, uma casa aqui em Amesterdão custa-te meio milhão no mínimo. (hum, hum) Eu não tenho meio milhão, nem nenhum banco me ia dar meio milhão. (risos) Portanto tem que ser uma coisa feita devagarinho.” Mas e porquê, porque é que sentes necessidade de mudar para essas casas? Porque é que não ficas com o apartamento para o resto da vida? “Eu posso ficar com o apartamento para o resto da vida, para aluga-lo por exemplo. Mas isso é se a minha vida o permitir.” Não, não, mas porque é que não ficas a morar no apartamento? “Ah! Porquê uma casa? Eu explico. Isso tem a ver com a minha infância, eu sempre morei até aos meus onze anos numa vivenda, nos arredores da Marinha Grande, num pinhal. Daí o meu gosto pela natureza, andava sempre lá metido no pinhal. E então adorei, aqueles onze anos que eu vivi em vivenda foi um</p>
--	--

	<p>espetáculo, depois fui morar para um apartamento no meio da cidade, foi um choque muito grande. E pronto e sempre quis vivenda, eu prefiro vivenda a apartamento.” E em Portugal não queres comprar nenhuma casa? “Quero! Aí...” Casa ou construir? “É construir, só que estou com uma divergência agora com a Cláudia, a primeira divergência, é porque eu queria que fosse uma casa de madeira, e ela queria uma casa de tijolo.”</p> <p>(interrupção da entrevista, continuação com o Tomás e a Cláudia) Tomás: “Ah, já sei do que estava a falar, estava a falar da nossa divergência em relação à casa. Eu preferia uma casa de madeira porque além de ser mais barata, demora menos tempo a construir e não precisas de autorização camarária a não ser que peças empréstimo.” Cláudia: “Eu ao princípio não queria porque achava que as casas de madeira é umas casas assim de meia dúzia de tábuas e...” Tomás: “Pois ela acha que as casas de madeira é uma tábuazita estás a ver? Mas aquelas madeiras até são anti fogo, anti fúngico, são anti tudo.” Cláudia: “Eu desde que ouvi a história do lobo mau, fiquei com preconceito da casa de madeira, como o lobo mau derruba a casa de madeira, se calhar por isso é que eu tenho medo! (risos)” Então mas isso é assim um projeto que vocês têm mesmo ou é mais um sonho? E onde é que faziam? Tomás: “Oh pá, o projeto é mais meu porque como já te disse a Cláudia foi um bocado contra isso, apesar de atualmente já estar mais convencida. Isto também é para me precaver porque agora com a crise em Portugal os empreiteiros anda a roubar muito as pessoas. O meu pai por exemplo teve de pagar duas vezes o material, e foi a tribunal e o tribunal deu razão ao empreiteiro. E como eu sei que isso acontece, prefiro fazer assim, é uma equipa já especializada, demora só três meses a construir, é mais barato. A cozinha e casas de banho vêm equipadas, podes escolher o chão, é muito interessante.” Cláudia: “Mas eu penso</p>
--	--

	<p>que nós vamos adaptando conforme a vida nos vai correndo.”</p> <p>(hum, hum) Tomás: “Claro isto são projetos, eu não sei, tudo depende de como se desenvolve o nosso trabalho e a nossa vida. Pois, porque eu estou a falar isto e imagina que amanhã sou despedido e tenho de organizar a minha vida de outra maneira. Portanto...”</p> <p>Mas gostavas de ter... Tomás: “Sim, gostava de ter.”</p> <p>E onde? Cláudia: “Ao pé da casa da minha mãe.” (risos) Tomás: “Não era preciso ser ao pé da casa da tua mãe!” Cláudia: “Pronto, mas do género, num sítio calmo.”</p> <p>Mas ali naquela zona da Marinha? Tomás: “Tanto faz, eu já disse à Cláudia, tem é que ser num sítio calmo.”</p>
Estás satisfeito(a) com essa escolha? Porquê?	<p>Tomás: “Estou, estou. Porque foi aí que tudo começou, a minha independência, entre aspas. Porque até essa altura eu trabalhava num emprego pior, eles como me davam casa eu não tinha necessidade de procurar uma e eu ao tomar essa decisão o que aconteceu foi que eu tive de me mexer e procurar casa. Eu não sou uma pessoa de arriscar sem saber que posso arriscar, estás a entender? Esta vez foi uma exceção, que por acaso tive sorte correu bem, mas podia ter corrido mal. Foi um passo em falso, porque eu normalmente quando dou um passo eu já tenho um plano de se correr mal o que é que vou fazer, e neste caso eu não pensei nisso. Quer dizer pensei, pensei que se corresse mal não tinha um segundo plano, mas como eu já estava tão farto de estar naquela situação que pronto, pensei que pior também não podia ficar. Em último caso vai-se para Portugal olha! Foi mesmo nesse sentido, agora essa situação pronto fez tudo, é por isso que eu e a Cláudia agora temos esta casa que comprámos e pronto, estamos a conseguir os nossos objetivos. Só que há aqui uma coisa que é assim, enquanto a Cláudia tem um plano mais de trabalho, porque ela pronto, sempre foi cozinheira e pronto. Eu sempre fui uma pessoa que trabalhei em várias coisas diferentes,</p>

	<p>nunca me especializei numa só coisa. É mais difícil e uma coisa que eu penso é se por acaso me despedissem deste trabalho eu ia tentar procurar um emprego num escritório ou assim porque já estou farto de trabalhar em fábricas, chego ao final dos três anos e mandam-me embora e depois tenho de ir à procura de outro trabalho e procurar outra profissão, e eu não estou para isso. Prefiro ir trabalhar para um escritório, assim mesmo que salte de escritório, ao menos vou sempre trabalhar em escritório, é muito similar. Não é hoje estar a trabalhar numas saladas, amanhã numa padaria, isso não pode ser! Sou o homem dos sete ofícios não é? Mas para mim, para aquilo que se pode chamar uma carreira profissional não é muito saudável, andar sempre assim a saltar. Porque faço tudo mas não faço nada.”</p>
Há quanto tempo vives em Amesterdão?	Tomás: “Em Amesterdão faz dois anos e oito meses.”
Estudaste ou estudas em Amesterdão?	<p>Tomás: “Estudei no curso de holandês, nível B1. Agora não sei, porque fiz o exame mas não passei, já ouvi dizer que a algumas pessoas dão uma segunda oportunidade.” E alguma vez pensaste em estudar outra coisa qualquer cá? Tomás: “Olha é assim, eu nunca pensei estudar aqui, porque para já eu vim para cá para trabalhar e é assim, o que eu gostava de tirar dificilmente posso tirar aqui. Eu gosto muito de biologia e o que eu gostava de tirar era biologia marinha, não sei se eles têm aqui, mas pronto era o que eu gostava de tirar. Mas mesmo que houvesse em inglês esse curso, porque há alguns cursos que existem em inglês aqui em Amesterdão, seria complicado para mim porque a biologia tem termos muito específicos e eu apesar de saber bem inglês não os sei. Portanto tinha de aprender os nomes todo em inglês e pronto e termos técnicos e tudo, era complicado. E eu nunca pensei em ter um curso, agora se for um curso profissional, oh pá se houver oportunidade para isso, mas também não vou estar a tirar um</p>

	curso profissional sem, por exemplo agora no trabalho onde eu estou eles querem-me pagar um curso de padaria só que eu tenho de passar neste exame, porque aqui na Holanda se tu quiseses tirar um curso profissional, tens de ter o B1 no mínimo.”
Emprego	Fábrica de produtos de pastelaria.
Em que zona e tipo de residência habitas? Gostas? Porquê?	<p>Tomás: “É um apartamento comprado, na zona Nieuw West.” E escolheram esta zona porquê? Cláudia: “Primeiro porque era mais perto do meu trabalho, dentro do raio do meu trabalho.”</p> <p>Tomás: “Mas antes disso ainda há outra história que é assim, a primeira vez que eu passei aqui neste bairro foi à procura de um banco, quando andava a ver que banco ia escolher para pedir o empréstimo, e passamos por aqui. E então passei e vi estas casas aqui à frente, germinadas e disse à Cláudia ‘Eh pá, que espetáculo!’ Ouvia-se os passarinhos e tudo, a cantar, e eu assim ‘Eh pá que zona mesmo bonita! Fogo adorava ter aqui uma casa.’ E então depois de sabermos as condições do banco e quanto é que o banco nos podia dar, aí sim procurámos uma casa que fosse perto, que tivesse dois quartos pelo menos, e que o condomínio não fosse muito alto também. E chegámos à conclusão que tinha que ser uma casa sem elevador, se queríamos uma casa com baixo condomínio. E pronto foi equacionar esses custos todos, vimos uma que também não tivesse que levar muitas obras. E pronto depois foi engraçado também porque vimos que era o bairro que tínhamos visto daquela primeira vez. O facto de ter muita luz também gostámos, tem muitas janelas. Nós poupamos muita luz por isso, tanto que nos reduziram agora na luz e a água, a água também nos reduziram. Nós poupamos muito, somos muito poupadinhos. E reciclamos também hã? Somos muito ecológicos, pessoas muito verdes.” E porque é que gostam desta zona? “Então, é muito calmo, não se vê muitos estrangeiros, é quase tudo holandês, o</p>

	<p>que é muito bom. Por exemplo se fores ali mais para baixo nem parece que estás na Holanda, parece que estás num país, não tem nada a ver. E, eu não tenho problemas nenhuns com isso que eu até vivi um ano num bairro que era tudo turcos e isso. E sempre foi muito silencioso, nunca tive problemas, espetáculo. Só que pronto eu quero-me integrar, é aquilo que os holandeses tentam fazer...” Cláudia: “Ou dizem que fazem.” Tomás: “Não, não. Eles tentam é que as pessoas, por isso é que eles estão contra os marroquinos e os turcos, eles tentam que as pessoas se insiram, se misturem e não que estejam em grupos como eles fazem. E esse é o problema que os holandeses têm contra os marroquinos. É que eles fecham-se em comunidades e não convivem com os holandeses. E o meu objetivo é conviver, apesar de ser muito difícil porque eles são, como eu já referi, pessoas muito fechadas, ao contrário daquilo que eu pensava, e pronto, e não sei se, se calhar são agora mais por causa destes programas todos que agora têm tido a ver com os marroquinos e os turcos, talvez se tenham tornado pessoas mais desconfiadas não sei. Mas eu sei também que não devem ser todos assim não é?”</p>
Com quem habitas?	Com a namorada (Cláudia).
Qual a escolaridade e profissão do teu companheiro?	Cláudia: “Décimo segundo ano.”
Qual é o teu/vosso rendimento médio?	Tomás: “Então deve ser aí à volta de três mil euros.”
Relação com a origem	
Planeias ou gostarias de regressar definitivamente a Portugal em breve? Porquê?	Cláudia e Tomás: “Em breve não.” Cláudia: “Parece que está muito mau por lá por isso...” Tomás: “E não é só isso, eu já falei disto com a Cláudia, ela nunca se referiu se está de acordo ou não com isso, mas o meu objetivo é quando chegar à reforma andar

<p>Se algum dia regressares o que te vês a fazer?</p>	<p>cá e lá.” Cláudia: “Mas eu não tenho planos porque não sei como é que vai correr a vida. Porque eu não sei se nessa altura tenho muitas pessoas com queira estar em Portugal, ou se tenho família aqui.” Tomás: “Pois, é esse o problema porque quanto mais tempo vais ficando aqui, e eu vejo isso por outras pessoas...” Cláudia: “Vamos tendo filhos, os filhos vão ficando por cá...” Tomás: “Sim, mas nem é isso, lá em Portugal, as pessoas começam a morrer, começam a ir, começa a perder contato com elas e cada vez mais que ficas aqui mais contato vais perdendo e portanto deixas de ter muita ligação a Portugal. Eu quando digo seis meses cá e seis meses lá, é férias não é? E até pode ser seis meses em Portugal ou andar a dar a volta ao mundo estás a entender?” (hum, hum) Cláudia: “Sim, mas para breve não. A longo prazo, logo se vê.” Tomás: “Pois é lógico, em Portugal está uma crise que nossa senhora não é?” Mas é só por causa do trabalho não é? Se tivessem um trabalho lá... Cláudia: “Sim, sim, sim.” Tomás: “Hummm, mesmo assim não.” Cláudia: “Eu estava, se eu tivesse trabalho.” Tomás: “Pois ela é mais porque ela está mais ligada à família, eu não estou tão ligado à minha família.” Cláudia: “Só que, eu na altura em que saí de lá eu estava sozinha a pagar uma casa que tinha comprado, e o que eu estava a ganhar estava só para manter as minhas contas e não estava a funcionar porque era muito à justa. Se ele tivesse trabalho lá, já dava para ele ajudar a pagar a casa, já ia ter menos sobrecarrego para mim e já seria mais fácil, mesmo que eu ganhasse o mesmo que ganhava antigamente.” Tomás: “Está tudo bem o que ela está a dizer, ela só se esquece de uma coisa, é que enquanto nós aqui, eu por mês consigo juntar uns oitocentos euros, eu lá em Portugal juntava cem euros, ou duzentos, os dois.” Cláudia: “Sim, mas iríamos ter outra vida.” Tomás: “Claro, a única diferença é que estamos mais perto da família. Mas a nível financeiro...”</p>
---	---

	<p>Cláudia: “Pois! Mas isso também conta!” Tomás: “Para mim não.”</p> <p>Cláudia: “Pois mas isso é para ti.” Tomás: “Para mim é suficiente um mês ou três semanas estar lá em Portugal e ver a minha família.” E se algum dia regressarem o que se vêm a fazer?</p> <p>Tomás: “Oh pá, eu espero bem regressar já na reforma, mas se por acaso for antes disso eu espero ter algum dinheiro e talvez abrir lá um negocio com a Cláudia. (hum, hum) Se for antes! Se for na reforma então não faço nada. É férias.” Cláudia: “Férias não, tens que ir cultivar as couves para comer. Como todos os reformados fazem.” Tomás: “Também não precisamos de ser assim, também posso ir ao mercado comprá-las.” Cláudia: “Mas é saudável!” Tomás: “Está bem, não digo que não, eu é que não as sei cultivar tens de ser tu depois a ensinar-me.” Cláudia: “Aprendes quando fores lá a Portugal.” Tomás: “Ah, isso é sempre, sempre que vou lá aprendo uma coisinha. A última vez que fui lá aprendi a plantar batatas.” A tua família tem terras é Cláudia? Cláudia: “Tem, tem. E tem as dos vizinhos também não é?” Tomás: “Pois e depois aquilo é assim, um dia vais para a do vizinho, o vizinho não sei e vão os vizinhos todos, depois quando é a tua é a mesma coisa estás a perceber, ajudam-se todos. Eh pá aquilo é um espetáculo, ela vive lá numa aldeia que é um espetáculo. Toda a gente sabe tudo sobre todos e as portas estão todas abertas, aquilo é tudo, pode-se entrar, é uma maravilha. É uma simplicidade, uma coisa espetacular, uma coisa que já não existe quase em lado nenhum, é muito difícil de encontrares.”</p> <p>Cláudia: “Isto é porque ele viveu muito tempo na cidade e eu vivi sempre na aldeia e então acho normal.” Tomás: “Não, eu adoro, adorava que fosse assim em todo o lado. Pronto as pessoas são muito simples, também têm as suas quezílias também, sabes que nas aldeias os problemas são sempre as terras, as heranças. Mas tirando isso as pessoas dão-se todas bem. E isso é o que eu gosto</p>
--	---

	nas pequenas aldeias e depois o que mais me agrada na aldeia é que as pessoas conhecem-se todas. Tu numa cidade às vezes nem conheces o teu vizinho do lado.”
Que tipo de contacto manténs com Portugal? (família, amigos, frequência, tecnologias de informação, remessas bidirecionais, tipo de informação trocada)	<p>Tomás: “Olha sim, isso, a nível de amizades eu só falo com dois amigos meus. Apesar de tentar dar os parabéns sempre a amigos meus, sempre que eles fazem anos eu telefono, mas há dois grandes amigos meus que eu contato sempre. A família...” E usas mais a internet ou o telefone... Tomás: “Não, eu uso mais a internet, telefono sempre pelo computador.” E emails mandas? Tomás: “Não é tudo pelo telefone ou, no máximo uso o <i>Messenger</i>.” Facebook também não usas? Tomás: “Uso, uso. Mas é mais pelo telemóvel que uso o <i>Facebook</i>, no computador nem tanto.” E no Facebook falas com os teus amigos de Portugal? Tomás: “Mando mensagens, mando assim coisas, olha quando comprei agora o meu computador novo, por exemplo pus lá ‘computador novo finalmente! De volta à civilização.’ (risos)” E costumas enviar coisas para lá, ou escrever cartas, enviar encomendas? Tomás: “Não, não, não.” A Cláudia estava a dizer à bocado que tinham enviado sementes... Tomás: “Sim, foi a única coisa que nós enviámos até agora foi as sementes.” Enviaste as sementes de abóbora, a tua mãe plantou lá... Tomás: “Sim, e depois quando fomos lá já estavam as abóboras crescidas, espetáculo!” E de lá, já vi que trazem muita coisa, o que é que costumam trazer? Tomás: “Ui! Mas é assim, só quando vamos de carro. Apesar que da última vez que viemos de avião ela trouxe figos e trouxe não sei o quê...” Cláudia: “Trouxe fruta, uvas, figos, aquelas coisas que não há por aqui.” Tomás: “Quer dizer, haver há, mas é muito caro e aquelas eram naturais, não têm nada de aditivos. Aquilo é! Mas quando vamos de carro isso é que é. Trazemos chouriço, uns quarenta quilos de batatas.” Cláudia: “Umas batatinhas caseiras, que aquilo é aquele sabor! Uns</p>

	<p>feijõezinhos da mãe ou da tia, bacalhau, umas chouriças, uns presuntos, uns pudins portugueses, bebidas, cerveja.” Tomás: “Eu não bebo muito cerveja mas é para os convidados. Eu se tiver convidados e eles beberem eu bebo. Ela está mais habituada a beber, eu não bebo tanto.” Cláudia: “Eu quando trabalhava no restaurante bebia sempre um copo de vinho à refeição porque estava com uma senhora que bebia e então eu bebia com ela e habituei-me a beber. E a cerveja quando às vezes uma pessoa faz cinco km de bicicleta chega a casa com sede (risos). Outras coisas que trazemos de Portugal são os presentes que nos dão. Presentes de todo o tipo, livros, coisas para o enxoval, cobertores, lençóis, coisas assim para a cozinha.” Mas porque era natal ou fizeram anos ou só porque foram lá? Cláudia: “É as duas coisas.” Tomás: “É as prendas que não nos deram no natal e nos anos. A minha mãe por exemplo tem uma tradição que é quando eu chego lá, ainda está lá montada a árvore de Natal. É verdade, para dar as prendas.” Mas mesmo que seja verão? Tomás: “Sim, nós vamos lá em Agosto normalmente.” E se não fores lá de Dezembro até ao verão ainda está a árvore de natal? Tomás: “Sim, exatamente. Está sempre montada.” Cláudia: “Às vezes também nos dão roupa para vestir, e então também não vale a pena deixar lá nada porque estamos aqui a viver.” E quando telefonam... Cláudia: “Eu tento telefonar todas as semanas, pelo menos para a minha mãe. O meu pai nem sempre o apanho, mas todas as semanas eu ligo lá para casa.” Tomás: “Eu também.” E sobre que conversam? Cláudia: “É coisas banais, não tenho muita coisa nova para falar não é? Não convivo com muita gente, não faço coisas extraordinárias, não faço grandes aventuras, então não tenho muita coisa para contar sem ser mais do trabalho, como é que nós estamos, se estamos bem ou não. E saber se os feijões já nasceram se os porcos já estão grandes (risos), se</p>
--	--

	<p>morreu algum ou não.” Sentes falta dessas coisas do campo?</p> <p>Cláudia: “Pois, desde que estou cá noto mais a falta e por isso tento falar um bocadinho como estão as coisas, temos sempre uma história para contar do nosso dia a dia mas nada de especial. Como falamos todas as semanas não é?” Tomás: “Pronto a Cláudia é isso, eu já é diferente. Eu tento quando falo com o meu pai, eu telefono menos à minha mãe, porque a minha mãe também é mais difícil de apanhar. Porque ela para além da casa na Marinha Grande, tem uma casa de praia em São Martinho e então lá não tem telefone e quando ela sai às vezes com o meu irmão...” Tens um irmão? Tomás: “Sim, mais novo, tem doze anos. Ah... Com o meu pai eu tento falar de tudo um pouco. Do meu trabalho eu raramente falo, só se aconteceu alguma coisa assim extraordinária como se fui aumentado ou alguma coisa assim, agora de resto não falo muito do meu trabalho. Falo mais assim de alguma coisa política que tenha acontecido aqui na Holanda ou falo da crise, discuto muito com o meu pai sobre por exemplo a política em Portugal agora, como é que aquilo está e tudo. E claro eu digo a minha opinião e depois o meu pai também. O meu pai é como eu um bocado, sabe também um bocadinho de tudo e então pronto, discutimos várias coisas, desde política à crise, sei lá, falamos de tudo um pouco. Coisas da atualidade é disso que eu falo com o meu pai.” E com os teus amigos? O que é que costumam falar de cá por exemplo? Tomás: “Ah, olha eu sou muito sincero. Eu não sou como aqueles imigrantes que vão para Portugal dizer ‘Eu sou muito rico, tenho muito dinheiro, recebo lá muito dinheiro, aquilo é só ganhar dinheiro!’ Não, eu sou uma pessoa que sou sincera e digo exatamente como é que é, nem mais nem menos, eu digo logo ‘Olha é assim, aqui recebe-se bem e tudo. Mas é assim está muito difícil de arranjar trabalho, principalmente se não souberes falar</p>
--	--

	<p>holandês. Se tu souberes falar holandês oh pá, pode ser que arranjes trabalho. Arranjas trabalho sem falar holandês só que vai ser um trabalho mal pago e muito escravo, estilo limpezas e coisas do género.’ E pronto é o que lhes digo em relação a isso, mas normalmente não falo sobre isso, só se eles me perguntarem. Agora o que eu falo é como é que eles estão, os filhos, porque os meus amigos já estão todos casados e com filhos.” Cláudia: “Ele também fala poucas vezes e então é uma conversa mais abrangente. E eu tenho duas amigas assim mais chegadas, uma da escola e outra que trabalhou comigo, e também ligo muito de vez em quando para desejar um bom ano ou assim, saber como estão mais ou menos. Porque algumas também têm contato com a minha família e de vez em quando também pergunta por mim à minha mãe. Ela tem a casa das sementes lá na aldeia e quando a minha mãe lá vai falam sobre isso, é o ponto de encontro, é como o café.” Tomás: “Olha mas por acaso encontrei lá uma mercearia daquelas à antiga, parecia que tinha andado cem anos para trás, eh pá aquilo é que era!”</p> <p>Mas isso é na Vieira? Cláudia: “Não, isso é uma aldeia junto à Vila, que é o Louriçal, e essa aldeia é onde o meu pai nasceu e onde o meu avô mora que se chama Casais de Porto. A vila é onde se faz o mercado, é onde tem os correios e essas coisas. E depois ainda há a outra aldeia que também é perto, que é onde a minha mãe nasceu e é onde a minha mãe tem a casa e onde mora, que é Cavadas.”</p>
Quando fazes férias Portugal é o teu destino prioritário? Quantas vezes por ano e durante quanto tempo?	<p>Tomás: “É e não é.” Cláudia: “É, é sempre, desde que agente veio para aqui.” Tomás: “É? Ah também, os Açores também é Portugal!” Cláudia: “E é prioritário, nós passámos uma semana nos Açores mas a prioridade é ir a casa.” Tomás: “Por acaso foi umas férias espetaculares e ainda quero lá voltar para ir subir o Pico. Adorava fazer essa caminhada.” Então e quantas vezes por</p>

	<p>ano e durante quanto tempo? Cláudia: “Agora é uma vez por ano, durante um mês ou três semanas.” E aqui à volta não foram ainda? À Alemanha ou à Bélgica? Cláudia: “Assim não. O meu trabalho também só tenho um dia de folga, ainda não deu. Mas também nós começamos uma vida juntos não há muito tempo e estamos a tentar organizar isso ainda e não estamos a pensar despende muito dinheiro assim logo no princípio para nos estabilizarmos primeiro.” Tomás: “E também estamos a juntar dinheiro para o casamento. Por falar nisso já comecei a falar com o meu pai por causa disso. Estamos a pensar fazer em 2012, só não sabemos ainda em que mês, mas talvez em Agosto e é lá. E pronto agora é começar a ver os convidados, para começar a fazer orçamentos, para depois também começar a fazer orçamentos para os convites, eu quero chegar a Portugal e já ter tudo mais ou menos encaminhado, para ser chegar lá e ver só as coisas, falar diretamente com as pessoas e pronto.” E tu dizes que já passeaste por aqui? Tomás: “Ah, já fui à Alemanha. Tinha amigos meus que lá moravam e fui visitá-los. Também eles viviam perto da fronteira, que também é perto de <i>Nijmegen</i> e quando lá vivia fui passar vários fins de semana lá. E também já fui à Polónia porque o ex-companheiro da minha irmã era polaco e fomos lá passar o natal.”</p>
De que forma passas as férias em Portugal? As tuas rotinas alteraram-se depois de saíres do país?	<p>De que forma passas as férias em Portugal? É a mesma coisa do que se estivessem lá a viver, que coisas se alteraram? Cláudia: “Não, é completamente diferente. Temos sempre coisas para tratar pessoais, e tentamos fazer logo nos primeiros dias, contas a pagar coisas assim.” Tomás: “Pois, os primeiros dias é logo para ficarmos descansados, para depois podermos estar à vontade. E os últimos dias é para ver a família e fazer compras. E o objetivo também inicialmente, pronto depois de tratar das coisas, é visitar a família. Depois de visitar a família temos uns dias para nós, e</p>

	<p>depois é despedir da família, fazer compras e irmos embora.”</p> <p>Compras é as tais coisas que vocês trazem? Tomás: “Sim, porque nós não trazemos tudo só da terra, também compramos coisas para trazer, como vinho, vinagre, licor beirão, o sal fino. O Tomás disse que o sal era muito caro aqui e então eu trouxe vinte kg de sal.”</p> <p>Mas e lá, pronto para além disso... Cláudia: “Vamos à praia, saímos à noite. Pronto, procuramos encontrar os nossos amigos.”</p> <p>Mas vão aos mesmo sítios onde iam, ou procuram sítios diferentes? Tomás: “Sim, é. Tirando os restaurantes, nos restaurantes tentamos variar, para não ser sempre a mesma coisa.”</p> <p>Cláudia: “Saímos para os mesmo sítios porque temos os mesmos amigos, não fazemos amigos novos, e vamos encontrá-los e ver como é que eles estão.”</p> <p>Tomás: “Mas à vezes nem combinamos, como nós vamos ao sítio onde costumávamos ir, em princípio devem lá aparecer e por acaso tem acontecido.”</p>
<p>Posicionas-te, em relação a Portugal, de forma diferente? Sentes-te mais próximo (em termos de práticas e valores da sociedade em geral) ou mais afastado? Dás mais ou menos valor ao país? Porquê?</p>	<p>Tomás: “Isso é uma boa pergunta... Por acaso nunca tinha pensado nessa pergunta.”</p> <p>Cláudia: “Eu penso que estou mais próxima, porque quando agente lá está não liga muito ao que se está a passar. E quando eu estou aqui procuro sempre saber o que se está a passar e por um lado fico mais próxima porque estou a dar valor a outras coisas.”</p> <p>Como por exemplo? Cláudia: “Assim as coisas como é que está Portugal, como é que está a família. Por exemplo, se eu estou em Portugal não vou estar a ligar todas as semanas à minha mãe a perguntar como é que ela está, não era normal, se calhar passávamos meses sem nos ver. Enquanto que aqui é diferente, dou mais valor porque sinto mais falta, sei que estou longe e pronto é um bocado por aí”</p> <p>E tu Tomás? Tomás: “Eh pá, essa pergunta agora apanhou-me um bocado desprevenido. Eh pá, vamos lá a ver, tu estás a falar dos valores da sociedade não é? Não é dos meus valores. Bem, é assim, o que a Cláudia disse é verdade. Pronto nós agora se calhar</p>

	<p>damos mais valor porque estamos longe a certas coisas do que quando lá estamos, mas eu penso que os valores são os mesmos. Nós agora é que se calhar os notamos mais.” Sim, mas é isso. Por exemplo, agora vives numa sociedade diferente, achas que Portugal é melhor é pior? Tomás: “Oh, a Holanda tem coisas boas e más. Enquanto eu acho que os portugueses são mais sociáveis, porque é assim, se tu vês um estrangeiro a ir a Portugal quer dizer, agora já não tanto, mas no meu tempo, em que não era tão mau. Agora vês muitos ucranianos e tudo, e os brasileiros também, piorou um bocado. Mas e daí, entender o porquê... E também já referi anteriormente que eu acho que os holandeses estão mais assim por causa dos estrangeiros que vieram para cá, da mesma maneira que aconteceu em Portugal. As pessoas começam a ficar revoltadas e claro que as pessoas que vão logo acusar do problema será os imigrantes e pronto, se calhar é isso que acontece. Mas por exemplo eu acho que os portugueses são muito mais amigáveis do que os holandeses. Acho que são pessoas muito mais frias. Os portugueses pronto têm aquela coisa, pelo menos eu falo da minha zona, não sei se nas outras zonas são iguais, mas tenho é de falar da minha zona porque eu sempre lá morei. Ah, e quando vem um estrangeiro tentamos mostrar tudo, a nossa cultura e o nosso comer, os nossos sítios, pronto. E aqui já não é assim. Quer dizer eles na teoria dizem que é assim, mas na prática não é. (hum, hum) Ainda agora a Cláudia me esteve a dizer que no curso dela disseram-lhe que ‘porque é que um holandês fala com uma pessoa de outro país?’ e eu disse logo à Cláudia ‘olha estou cá há oito anos e só duas ou três pessoas é que se meteram comigo’, e já te contei algumas histórias e são histórias muito esquisitas que eu não percebi até hoje o que se passou. (risos)” Cláudia: “Mas pronto, eles dizem que os holandeses querem conhecer as pessoas e integrá-las na</p>
--	---

	<p>sociedade.” Tomás: “Isso é verdade mas é quando eles vão de férias! Quando vão de férias garantidamente que é isso que eles fazem, agora no país deles não é isso que eles fazem. Isso tenho eu a certeza. Ou então se fizerem é para aí uma percentagem muito pequeninha, mesmo! E que não deve ser aqui em Amesterdão possivelmente.” Mas então achas que a sociedade portuguesa é uma sociedade melhor para se viver do que a holandesa? Tomás: “Não, eu falei em relação à atitude dos portugueses em relação aos estrangeiros. Agora em termos políticos, aí já estamos a falar de outras coisas. Acho a política holandesa muito melhor que a portuguesa. E vamos logo começar pela questão da regionalização, se fizessem por exemplo isso em Portugal as coisas ficavam muito mais simplificadas. Bastante, imenso mesmo. Tentaram fazer mas as pessoas não aceitaram, foi feito um referendo mas as pessoas quando não estão informadas têm medo e ao terem medo rejeitam. Esse é o problema.” Pronto então, sentes-te mais próximo ou mais afastado de Portugal no geral? Tendo essas coisas todas em conta. Tomás: “É difícil dizer se estou mais perto ou mais longe...” Cláudia: “Anda sempre para lá e para cá.” Tomás: “É quase isso que a Cláudia está a dizer.” E em termos emocionais e sentimentais? Tomás: “(suspiro) É muito difícil dizer, explicar isso. Oh pá, é estilo assim: eu quando estou na Holanda, estou na Holanda, quando estou em Portugal, estou em Portugal.” Cláudia: “Estou de férias.” E nunca te acontece ao fim de um mês que lá estás pensares ‘Eh pá já estou farto disto.’ Tomás: “Não, isso não! Isso nunca me aconteceu! Ah, já me aconteceu foi...” E o contrário já aconteceu, estares aqui e preferires estar em Portugal? Tomás: “Sim, isso já me aconteceu, mas nem sempre. Eu sou uma pessoa que não sou muito... Não é sempre em linha reta, umas vezes tenho mais saudades, umas vezes tenho menos.</p>
--	---

	<p>Mas como eu falo muito com os meus pais e vejo muita televisão, estou sempre a par do que se passa, falo também com as minhas tias, ah... que eu fui criado basicamente pelas minhas tias até aos onze anos para aí, porque os meus pais trabalhavam e eram elas que cuidavam de mim, as minhas tias avós. Com elas e a minha bisavó, é daí que me vem esse gosto pelo campo, porque ela vivia na terra. E ela dava-me um seixo e eu ia mexer na terra com a minha irmã.” Então assim no geral consegues dizer, ou não consegues, se dás mais ou menos valor ao país? Tomás: “Oh pá, eu sinceramente eu não dou nenhum valor ao país neste momento na crise que está e cada vez vejo mais o país a afundar. Pronto eu daqui de fora se calhar consigo ver melhor do que os próprios portugueses. E cada vez vejo mais problemas e não vejo soluções à vista. Por isso eu cada vez mais penso que ainda bem que estou aqui na Holanda, mas por outro lado também penso na minha família, que está lá e está a sofrer bastante com esta situação toda e tenho lá amigos meus que também estão a sofrer. E isto dá-me também uma espécie de revolta e se por um lado penso que estou bem aqui, por outro também penso nas pessoas que lá estão. Por um lado sinto-me melhor mas por outro tenho uma certa empatia pelas pessoas e por Portugal. Mas sinceramente não estou a gostar daquilo que vejo em Portugal.”</p>
<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português?</p>	<p>Sentes que grande parte da tua identidade é definida pelo facto de seres português? Ou seja, no teu dia a dia isso é importante? Por exemplo agora estavas a falar e eu reparei que tu falaste dos portugueses como se não fizesses parte desse grupo, é claro que isso também pode ter sido uma forma de falar, à qual não estás atento quando estás a falar, mas... Tomás: “Se eu me considero português ou holandês, é isso que tu queres saber?” Não, não, não! É claro que tu não te vais considerar, digo eu, holandês não é? Tu hás de ser uma mistura das coisas por que</p>

	<p>passaste não é? Mas o facto de seres português é uma das mais importantes? Ou seja quando te apresentas a alguém, ou no teu dia a dia... Tomás: “Ah, sim, sim, sim! Isso digo logo, digo logo que sou português. Isso até tenho orgulho em dizer, apesar dos holandeses até virem ter comigo agora e dizerem ‘Hã? Dinheirinho para vocês agora não sei quê... É pois, estamos a pagar por vocês’ e eu digo logo ‘Oh, não estás a pagar nada por mim, eu também estou a pagar, eu desconto aqui não desconto lá, portanto eu também estou a pagar não és só tu.’ Mas no dia a dia o facto de seres português é importante para ti, é uma coisa que... Tomás: “Olha é assim, eu penso que sim, porque por exemplo eu acho que sou muito mais desenrascado que um holandês. Eu acho que os portugueses são muito versáteis no trabalho. Quando eu digo muito desenrascado estou-me a referir ao trabalho também. Os portugueses têm fama de ser bons trabalhadores, apesar de terem um problema que é às vezes faltarem muito. E esse é que é o problema, é o faltar, porque quando ele vai trabalhar ele faz o trabalho bem. Ainda ontem vi uma entrevista no <i>Alta Definição</i>, que é um programa que dá na SIC, depois do telejornal da tarde, e ontem foi o Joaquim de Almeida e ele disse exatamente isso, que os portugueses tinham orgulho de ser portugueses noutros países e que são bons trabalhadores e gabam-se disso. Eu tinha-me lembrado por acaso de te dizer isto hoje na entrevista. E eu concordo exatamente com isso, geralmente são pessoas muito versáteis, adaptam-se bem a qualquer tipo de trabalho, trabalham rápido porque o ritmo holandês é muito mais lento que o nosso. A primeira vez que eu cá cheguei e vi uma fábrica a trabalhar eu fiquei em choque, porque eu vinha também de uma fábrica que trabalhava em linha de montagem lá em Portugal, e nós numa linha completa trabalhávamos quatro pessoas. Na Holanda trabalham</p>
--	--

	<p>para aí umas dez! E depois a velocidade é extremamente lenta. A primeira vez que eu vi uma fábrica a trabalhar eu achei muito lento mesmo, e depois muita gente! Claro que estou a falar de fábrica, claro que no caso da Cláudia por exemplo já é diferente. Porquê? Porque lá está, é um restaurante português! (risos)”</p> <p>Cláudia: “Bem a minha patroa diz que antes de comprar o restaurante trabalhavam lá muitos mais. Agora sou só eu!”</p>
--	---

B.10.2. Cultura material/ Consumos Tomás

Cultura	
Material/Consumos	
Vestuário	
<p>A forma como te vestes é importante para ti? Tens algum estilo em particular?</p>	<p>Tomás: “Olha por acaso agora fez-me uma boa pergunta. É, e para a Cláudia também. Nós tentamos sempre vestirmo-nos bem. Mas também com aquilo que nós gostamos! Também não andamos a comprar uma coisa só porque é daquela marca ou da outra. Pode ser! Mas tenho de gostar.” Cláudia: “Mas eu tenho muito em conta, tenho em conta duas coisas: primeiro se é para usar no dia a dia, se é confortável. Procuro no dia a dia usar uns ténis, coisas confortáveis para andar de bicicleta com este vento e com frio. E depois tenho outra roupa que procuro que me sinta bem, que é quando eu saio.” Tomás: “Exatamente, é como eu. Eu tenho uma roupa por exemplo para o trabalho, apesar de depois lá ter de mudar, porque nós temos a</p>

	<p>própria roupa de lá, que é obrigatória, e tenho outra roupa para sair. Portanto é quase como se tivesse roupa para cada coisa que nós vamos fazer, temos um tipo de roupa. (hum, hum) Pronto, basicamente é isto.” E tens algum estilo em particular? “Oh, o meu estilo é o meu próprio estilo. Mas eu vou-te dizer, o meu estilo é sempre a mesma coisa, é uma camisa, uma <i>sweat</i> ou uma t-shirt e umas calças de ganga e umas sapatilhas, pronto isso é o meu estilo. Isto vem de trás porque eu quando era mais novo era do estilo de... <i>punk, grunge</i>. E pronto era camisolas de flanela... quer dizer agora já não uso disso, mas pronto ficou a camisa. Agora já não tenho de flanela, mas tinha, tinha uma coleção enorme e depois camisolas e casacos e t-shirts, e depois usava os <i>All Stars</i> sempre. Ah, agora uso mais sapatilha normal, tipo aquela desportiva, tipo <i>Puma</i>. E pronto, a calça de ganga, antes eram rasgadas, agora já nem preciso de rasgar porque já vêm rasgadas. (risos) Mas eu até prefiro comprar das normais porque duram mais.”</p>
<p>Alteraste a tua forma de vestir desde que saíste de Portugal? Se sim, achas que essa mudança teve a ver com a saída? Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal?</p>	<p>Tomás: “Ah... O estilo é igual...” Cláudia: (risos) “Eu visto roupa mais quente!” Tomás: “Pois! Não, e não é isso. Eu comecei a comprar roupa foi aqui, a roupa portuguesa toda que eu tenho de agora é de prendas de quando vou lá a Portugal porque eu não compro lá nada de roupas. Compro quase tudo aqui. Descobri uma loja que tem quase o mesmo estilo que eu, que é a <i>Cool Cat</i> e compro lá tudo, tudo!” Cláudia: “E eu desde que estou cá também deixei de comprar roupa em Portugal.” Tomás: “Sim, a Cláudia descobriu ali um sítio no <i>Dam</i>, que tem coisas tão lindas! É caríssimo mas aquilo é tão lindo!” Cláudia: “Tem vestidos para sair à tarde, à noite. Aquilo é um sonho!” Como é que se chama? Tomás: “Olha eu não sei o nome mas é em</p>

	<p>frente à <i>T-mobile</i>.” Ah, a <i>Desigual</i>? Cláudia: “Não, não é essa, é diferente.” Tomás: “É uma que é de indianos, eles fazem cópias exatas da alta costura.” Cláudia: “Eu é que gosto, quando saio, gosto de pôr um vestido, fico logo pronta, não preciso de mais nada. E gosto de sair em Portugal, dá para vestir muito.” Tomás: “E depois em Portugal não há daquilo, não há em lado nenhum. Eu já disse à Cláudia, aquilo são cópias de alta costura, eu digo logo ‘olha se alguém tiver é porque é o original’. (risos) Ela comprou agora um casaco há pouco tempo que é uma loucura! Eles misturam malha com pele, ai que loucura! Eu quando vi aquilo, comprei logo aquele casaco à Cláudia, é um espetáculo. Mas também só o comprei porque ela gostou.” Vestes-te de maneira diferente quando vais a Portugal? Tomás: “Eu visto-me exatamente igual, só que é todos os dias roupa de sair.” Cláudia: “Eu visto igual mas visto mais vezes a roupa que tenho porque está mais calor.” Mas é só por causa do tempo ou porque tens gosto em vestir as coisas novas lá, ou assim... Cláudia: “Eu gosto de vestir as coisas lá e cá.” Tomás: “Pois, eu posso comprar, eventualmente posso ir às compras antes de ir para lá e até a posso usar lá, mas também a vou usar cá, não é só para usar lá.” Cláudia: “Se eu compro é porque eu gosto, só que eu posso usar mais vezes lá porque lá saio mais.” Tomás: “Pois, exatamente, era o que eu estava a dizer. Como nós lá saímos todos os dias, logo eu vou-me vestir bem todos os dias. (hum, hum) Eu aqui não ando sempre bem vestido.”</p>
Onde costumam comprar roupa e que critérios orientam a	<p>Só compras roupa na <i>Cool Cat</i>? Tomás: “Não é só olá, mas a maioria da roupa que eu compro é lá, mas posso ir comprar a outro sítio qualquer. Basta ver na montra e</p>

<p>escolha?</p>	<p>gostar, vou experimentar e se ficar bem compro.” Cláudia: “Sim, mas normalmente agente quando compra alguma roupa é porque está a pensar ‘ah, estou a precisar de um casaco, vou à procura.’” Tomás: “É normalmente é isso uma pessoa precisa de qualquer coisa e onde é que vai, à loja onde costuma ir não é? E pronto o que acontece normalmente é que nem vai a outras porque encontra logo aquilo que quer.” Cláudia: “Ou então vamos porque é a altura dos saldos e vamos ver se há alguma coisa interessante naquela loja porque é dentro do nosso estilo.”</p>
<p>Outros consumos relativos ao corpo (tatuagens, piercings, cortes de cabelo, compra de produtos de higiene pessoal).</p>	<p>Tomás: “Eu já ando para fazer uma tatuagem há anos!” Cláudia: “Mas não tem nada a ver com o ter vindo para aqui.” Tomás: “Ah não, não tem nada a ver com o vir para aqui mas tenho essa ideia há muito tempo. Já tenho o desenho todo aqui na cabeça. Eu até já o tinha desenhado, mas já o perdi. É uma tribal para pôr no braço e no meio tem um coração e uma cabeça de um unicórnio.” Cláudia: “Onde é que viste isso?” Tomás: “Foi há muito tempo, uma tatuagem que eu vi, já não sei onde, mas pronto, eu sempre quis ter aquilo.” Cláudia: “Eu não fazia ideia disto!” Tomás: “Eu nunca lhe contei, não tem importância, nunca lhe contei. Não achei que fosse muito importante nunca lhe contei. Mas bem, ainda não acabei. Quando pensei em vir para aqui pensei ‘Bem, aqui tem muitos sítios para fazer tatuagem, vou fazer’, mas nunca tive oportunidade. E também porque sempre pensei que o tipo de trabalho que eu faço é trabalho de esforço e então tenho um bocado de receio. Pensei em fazer quando for de férias, mas depois vou a conduzir, dói-me, também não pode ser. Então só se for quando vier de férias, se vier uma semana antes para fazer a tatuagem... Mas olha por causa destas coisas ainda</p>

	não fiz.”
Alimentação	
Quando cozinhas que tipo de comida fazes? Quando comes fora que tipo de comida procuras? Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal?	<p>Cláudia: “O tipo de comida que eu fiz há pouco, (cabidela e caldo verde) dentro de bases portuguesas, dentro do que eu fazia e que a minha mãe fazia. E coisas fáceis de encontrar aqui, que nem sempre são portuguesas, faço <i>shoarma, frikandel</i>, hambúrgueres. Essas são as coisas que comecei a fazer aqui, que não fazia lá, comecei a fazer intervalado com a comida portuguesa porque é fácil de encontrar aqui e às vezes vario um bocadinho e é mais rápido, que a comida portuguesa dá muito trabalho.”</p> <p>Tomás: “É assim, como já deves ter repara, a maior parte das vezes é a Cláudia que cozinha. Mas eu também sei cozinhar que eu vivi aqui ainda muito tempo sozinho. Tenho um esparguete especial à minha maneira e os grelhados, isso tenho de referir, os grelhados é comigo, eu faço mesmo bem. Ela faz o acompanhamento, eu faço os grelhados.”</p> <p>Cláudia: “Sim, mas dentro das coisas portuguesas, não fazemos muito coisas mais específicas como feijoada, cozido à portuguesa porque é mais difícil de encontrar os ingredientes. Eu teria que ir à loja portuguesa e não fica muito prático para fazer muitas vezes, mas de vez em quando compro assim um pézinho de porco, uma orelha, e faço assim uma feijoada.”</p> <p>Tomás: “Vamos ali à <i>Kinkerstraat</i> ao <i>Kema</i>, que é um talho muito grande que tem todo o tipo de carne. As coisas mais difíceis de encontrar nos talhos, lá tem.”</p> <p>E quando comem fora que tipo de comida é que procuram? À bocado estavam a dizer que já foram aos restaurantes portugueses... Tomás: “Nós inicialmente tentámos ver os restaurantes portugueses aqui em Amesterdão para comparar preço e</p>

	<p>qualidade. Ainda me falta agora um restaurante que descobri que há ali perto da APA, mas já me disseram que o nome não é português.” Cláudia: “Mas nós não costumamos muito ir jantar fora, só em ocasiões especiais.” Mas as vezes que têm ido é sempre aos portugueses? Tomás: “Não, fomos também uma vez a um argentino onde comemos muito mal e pagámos um balúrdio. Mais valia ter ido a um restaurante <i>finess</i> daqueles onde só te dão um bocadinho de comida no fundo do prato do que aquilo!” Cláudia: “Valia mais comer um frango na minha patroa por 14 euros!” Tomás: “Pois! Ah mas não cheguei a acabar de dizer o que ia dizer sobre o <i>Girassol</i>. Porque lá a confecção é muito boa, mas as doses são pequenas. Pedi um frango, parecia uma codorniz. A amêijoia bulhão pato era quase só cascas! Os preços dos diferentes restaurantes são similares, talvez o do centro seja um bocadito mais puxadito, talvez porque é no centro, tem mais gente e então têm de ter as coisas já preparadas. Entre o <i>Girassol</i> e aquele onde a Cláudia trabalha, os preços são muito similares só que as doses são mais pequenas e outra coisa má no <i>Girassol</i> é que tem uma carta de vinhos muito pequena.” (hum, hum) Tentas aprender novas receitas/experimentar diferentes pratos, ou gostas mais de comer o mesmo género de coisas que comias em Portugal? Cláudia: “Estou sempre a ver outras coisas, sempre na internet, a ler livros de cozinha. Agora comprei uns livros de receitas holandesas para aprender holandês pelas receitas e para fazer as receitas também, para saber um bocadinho da cultura, da comida holandesa. Porque eu achei interessante o livro dizer ‘receitas tradicionais holandesas’, porque eu não tenho noção que</p>
--	---

	receitas são.” Tomás: “Não, aquilo é muito simples, ou puré com cenoura ralada e depois é puré com cenoura ralada estás a ver? Já são dois pratos. (risos) Basicamente é quase isso.”
Costumas comer “comida portuguesa” (ou beber vinhos) regularmente? Em que ocasiões? Com amigos portugueses/ estrangeiros?	Tomás: “Olha, vinhos nós não é muito se é português, se é estrangeiro. É o que agente gosta. É bom, tem de ser bom. Quando eu digo bom não é caro, eu até posso comprar vinho barato e que é bom. Olha há um italiano que nós comprámos que é baratíssimo e que sabe espetacularmente bem. Mais valia ter aberto esse que este, é deslavado meu deus! (vinho português) ” Cláudia: “Mas também não é muito regular, agente se beber é só ao fim de semana e nem sempre.” Tomás: “Sim, eu bebo um copo de vinho no máximo. Não é porque eu decidi que era só um copo, é porque fico bem assim, não me apetece mais.” Em que ocasiões é que comem comida portuguesa, no dia a dia, ou por exemplo se têm alguns amigos a vir cá a casa... Tomás: “Sim, sim, sim. Quando temos amigos tentamos sempre fazer comida portuguesa, isso é lógico! Tu reparaste... Porquê? Porque nós sabemos que uma pessoa que está aqui na Holanda pode não ter tanto contato com comida portuguesa não é? E pronto, comer um caldo verde e um chouriço e um arroz de cabidela, uma pessoa sente-se em Portugal, sente-se em Portugal. Nós tentamos fazer com que as pessoas se sintam em Portugal, estás a entender? (hum, hum) Apesar de termos muito poucas visitas.” Cláudia: “Eu na semana que estive de férias chamei aqui uma senhora, que está comigo na escola.” Tomás: “Ah, é verdade, a primeira estrangeira que esteve cá em casa! Estrangeira! Não é holandesa, atenção!” É de onde? Cláudia: “Indonésia. E ela fala

	<p>holandês. Não fala um holandês muito correto, por isso é que anda na escola.” Tomás: “Mas dá para entender tudo o que ela diz, eu entendi tudo o que ela disse, e ela até disse para mim ‘ah, falas muito bem holandês!’” Cláudia: “Teve mais dificuldade em entender-me a mim, como reparaste.” Tomás: “Claro, tu também falas muito mal. Eu não falo assim por aí além, mas tu...” Cláudia: “Por isso é que estou na escola, também não é?” (hum, hum) E fizeste comida portuguesa para ela? “Sim, sim. Fiz bacalhau com natas.”</p>
<p>Procuras produtos portugueses em Amesterdão?</p>	<p>Cláudia: “Sim, de vez em quando.” Tomás: “Tu deveres saber, o Neves não é? É um armazém já fora de Amesterdão onde tens tudo. Só há dois, é o Tó Zé e o Neves e eles vendem os dois para os restaurantes.” E o que costumavas lá comprar? Tomás: “Raramente vamos lá, mas quando vamos lá compramos queijo, vinhos, cerveja, chouriço, bacalhau, pudins.” Cláudia: “Basicamente as coisas que já acabaram quando agente fomos de férias. Agente trás sempre algumas coisas mas quando agente acaba, ou nos apetece, ou por exemplo...” Tomás: “Se temos visitas de Portugal, ou por exemplo a minha família... Eu por exemplo tenho ali macieira, tenho ali bagaço, eu não bebo nada daquilo, o pai dela é que bebe.” Cláudia: “O meu pai bebe e então como eles vieram cá, os meus pais vieram cá passar o natal, não foi neste, foi no outro anterior, eu fui lá fazer algumas compras para eles não terem saudades, mas também para nós nos sentirmos em casa, (hum, hum) um bocado assim.”</p>
<p>Procuras produtos “diferentes” em Amesterdão? Vais a</p>	<p>Cláudia: “Não é em lojas especializadas, nós vamos a lojas normais e se conhecemos uns produtos de outras culturas compramos, porque gostamos.” Tomás: “Por exemplo eu</p>

lojas especializadas?	<p>conheci este produto turco na escola. No <i>suikerfest</i> trouxeram para oferecer, e então foi aí que eu conheci isto. E depois lembrei-me de procurar nesse sítio que vende produtos de vários sítios, porque não é só da Turquia, nem só dos países árabes, também vende produtos da Holanda, de todo o lado. A carne é aqui da Holanda por exemplo, o selo diz mesmo <i>NL</i>, eu já trabalhei numa fábrica de carnes e sei que aquele selo é da Holanda. Até pode vir de outro sítio, mas depois é inspecionada e embalada cá, isso acontece muitas vezes. A carne vem por exemplo da Coreia, vem cá para ser carimbada e volta para lá para o preço dela aumentar, para ficar só com o carimbo a dizer <i>NL</i>.”</p>
Casa	
É importante para ti que o sítio onde vives esteja personalizado à tua maneira?	<p>Tomás: “Se é importante? Eh, não tem que ser à minha maneira. Olha para já tem de ser à nossa maneira (hum, hum) mas não é personalizado, nós não fizemos nada, como podes ver isto está muito simples. Ainda faltam algumas coisas que precisamos comprar, tenho de comprar um móvel para ali, depois outro para a sala porque a televisão está num móvel que não é adequado e faz muito peso. Foi até um móvel que eu comprei enganado, era para a cozinha, e depois serviu para ali. Eu já disse à Cláudia que temos de comprar um móvel para ali, só que custa mil euros o móvel que eu quero comprar. Mais ou menos, porque no <i>IKEA</i> todos os anos estão a sair móveis diferentes, mas daqueles que eu quero que são os de fundo de sala, ah... só que mesmo assim não sei se dá para comprar porque atualmente os móveis estão feitos para <i>LCD's</i>, então são muito estreitos e esta televisão é muito</p>

	<p>comprida, é das antigas.” Cláudia: “Estamos a pensar que ela pode avariar entretanto e depois agente compra a televisão junta. (risos) Esta televisão foi-nos oferecida.”</p> <p>Tomás: “Espero bem que não, porque se eu comprar um <i>LCD</i> prepara-te para uns três mil, porque eu não vou comprar um <i>LCD</i> para durar... todo daqueles que custam mil euros com a imagem horrível, <i>pixelizada</i>.” Mas vocês naquela televisão vêem canais portugueses? Tomás: “Não, só no computador. Ali vemos os canais holandeses. Portanto eu vejo mais é o <i>Discovery</i> e o <i>National Geographic</i>, o <i>Animal Planet</i>, o <i>Euronews</i> e o <i>Nickelodeon</i>. Porquê? Porque aprendes muito, a ver os desenhos. E eu noto, porquê? Porque há oito anos, quando eu vim para cá eu via também e não percebia nada e hoje vejo e percebo quase tudo.” Mas então é mais importante que tenhas as coisas mínimas e que esteja (Cláudia: Confortável!) confortável, do que ter aquele sofá azul a combinar...</p> <p>Tomás: “Claro, tem que ficar a combinar não é? Nós comprámos estes sofás a combinar não é? Não ia comprar uns sofás vermelhos, por exemplo não é?” Cláudia: “Mas principalmente o confortável!” Tomás: “Sim, olha tanto é que eu vou-te ser sincero, estes sofás foram escolhidos assim porque todos os outros, as costas eram tão pequenas... muita loucos! Design espetacular! Mas aquilo não é nada confortável, porque aquilo só te apanha metade das costas e passado uma hora de estares a ver televisão dói-te as costas. Este sofá tu sentas-te ali e adormeces.”</p>
Trouxeste alguns objetos contigo de Portugal?	<p>Tomás: “Pois isso então vamos lá falar! Esqueci-me dos retratos. Mas esqueci-me porquê? Porque os retratos não fui eu que os trouxe, foi a Cláudia, por isso é que eu não</p>

	<p>me lembrei.” Aquele é nos Açores? Cláudia: “Não, aquele foi uma viagem que fiz, um fim de semana assim maluco no meio das montanhas. Não foi com ele!” Tomás: “Mas onde?” Cláudia: “Ah... Pedrogão Grande, para o lado de Pedrogão Grande. Era ao pé do rio, eu estava do lado de cá do rio, eu acampe ali.” Tomás: “Hum, está bem. Pronto, é ali, é uma viagem que ela fez, aquilo é uma fotografia disso. Pronto, e ali tem uma fotografia minha, depois ali tem uma fotografia dela quando era bebé, esta aqui era uma da Cláudia quando era bebé, que eu acho-a extremamente feia.” Cláudia: “Ohhh! Eu tão simpática, a rir-me.” Tomás: “Esta é a prima dela que está em França, pequenina. Ai hás de ver como ela está agora, nem a reconheces!” Cláudia: “Esta é do pôr do sol na praia da Vieira (hum, hum). Tomás: “E ali é a família da Cláudia.” Cláudia: “Numa festa de aniversário. Acho que é do meu irmão, este é o meu irmão. (hum, hum) Olha eu não estou na fotografia! Esta é a minha irmã, a minha mãe, a minha avó e o meu avô que já morreu.” Tomás: “O teu pai não está aí também! Aquele é o teu tio de bigode.” Cláudia: “Este é o meu tio, e estes são os dois filhos dele.” Tomás: “É, já estão grandes, casados e com filhos.” Cláudia: “E depois tenho aqui da minha avó, (hum, hum) ela comigo e com o Tomás.” Tomás: “Foi, foi antes de nós irmos para aqui para a Holanda.” Cláudia: “E esta aqui foi na minha casa, num almoço que eu fiz lá com a minha avó e a minha tia.” E isto? Cláudia: “Ah, isto é de Fátima, é água benta, foi um presente da minha patroa.” Tomás: “A Cláudia é muito católica, eu não sou assim tanto.” E isto é o quê? Tomás: “Isso é do dia dos ramos, é um ramo benzido. (risos Cláudia).” De lá de Fátima? “Não, não. Foi aqui na igreja de</p>
--	---

	<p>Fátima.” Aqui? Tomás: “Sim, há aqui igreja.” Portuguesa?</p> <p>Tomás: “Sim, não sabias?” Não, mas esperem já me contam. E isto? Tomás: “Isto foi uma coisa que comprámos, mas foi aqui, mas é muito bonito, olha aqui, isto é muito engraçado.” Ah! É um bule e uma chávena ao mesmo tempo! Tomás: “Espetáculo não é? Por isso é que comprámos.” Isto é o quadro que o teu amigo pintou...</p> <p>Tomás: “Sim, até tem uma dedicatória por detrás, em inglês posso virar para tu veres.” E isto é uma moldura digital? Tomás: “É, não sei se tem algum cartão de memória lá dentro agora.” Cláudia: “Tem. Podes ligar se quiseres, sim mas nós... oh que é isto? Não, isto não tem cartão nenhum aqui dentro. O que é que tu fizeste às fotografias?!” Tomás: “Estão gravadas calma, ali no disco! Ai! Se tu quiseres ver eu posso mostrar-te as fotografias no computador Vanessa.” O que é que trouxeste mais de Portugal? Cláudia: “Trouxe a máquina do café, a batedeira, trouxe os eletrodomésticos que eu tinha em Portugal, ah a fritadeira, torradeira, todos os eletrodomésticos que eu tinha em casa. Só o micro-ondas é que não, primeiro porque tinha aqui um e segundo porque também precisava lá de um micro-ondas, também me dava jeito lá.” E assim sem ser as fotos trouxeste algum objecto que te faça lembrar a tua família, ou Portugal ou... sei lá, que tenha andado sempre contigo ou... Cláudia: “Depois da minha avó morrer, ela ali na fotografia está com uma mantinha que eu tenho ali, a mantinha, trouxe a mantinha. Ela deixou-a para mim, disse que como foi um presente meu, que eu lhe dei, e ela andava sempre com ela e depois disse que ficava para mim, quando ela morresse.” Tomás: “E ela morreu pouco tempo depois da Cláudia vir para aqui. Na</p>
--	--

	<p>altura foi, estás a ver eu ali com ela na fotografia, foi a última vez que ela viu a avó.” E este presente? Tomás: “Olha foi dado agora há pouco tempo, foi uma prenda de anos para mim, na semana passada. Foi um casal meu amigo, eu fui lá acima à <i>Fries</i> e ele deu-me isto. E eu ainda não abri porque eu acho que este vinho não deve ter assim grande qualidade, aquele vinho não parece... aquilo tem ali grande apresentação mas eu acho que este vinho não vale nada. Sabes porquê, este vinho não é de rolha e eu acho que esses vinhos todos não são... o vinho bom, para ser bom tem que ser em cortiça, cortiça!” E esta fruteira também foi cá? Cláudia: “Comprei cá, comprei cá, mas nós como não queremos ficar doentes, já comemos a fruta toda. (risos)” Tomás: “É verdade, é verdade, nós compramos muita laranja, comemos muita laranja. E olha que dá resultado!” Tomás: “Eu trouxe alguns livros de lá para cá também, trouxe um livro que a minha mãe escreveu, de poemas. Além dos papéis que eu escrevo também trouxe alguns livros e também trouxe uma caixa com papéis, cartas e recordações de antigas namoradas minhas. Fotografias e tudo, eu tenho uma caixa com as cartas todas de amor que eu recebi até hoje, até tenho... houve um dia dos namorados que eu recebi trinta e seis cartas! Eu estava numa turma em que eram vinte e oito pessoas e só três eram rapazes, então as raparigas juntaram-se todas para brincar comigo e mandaram cartas. Até chegaram a mandar cartas de mulheres, mas também de homens (risos), cartas muito engraçadas pá, eu tive que guardar aquilo. E por acaso, por causa disso fui considerado o Mister Cúpidos desse anos na escola, recebi um urso de peluche e tudo.” E porque é que trouxeste</p>
--	---

	<p>essas coisas contigo? “Oh pá, são recordações minhas, não tem sentido elas lá ficarem se são recordações minhas eu gosto que estejam perto de mim e por isso é que as trouxe. Tudo o que sejam recordações a maioria está tudo em papel. Então está tudo em papel pronto, estes textos que eu escrevo também, agora já não muito, mas quando eu era mais novo eh pá, eu tinha uma criatividade para escrever! Eu não sei onde é que ia buscar aquela criatividade toda, eu hoje já não tenho essa criatividade. E por exemplo aquilo que a Cláudia estava a dizer de eu ser criativo, eu quando era mais novo tinha imensa criatividade para fazer coisas com as minhas namoradas. Hoje eu já não tenho, parece que já usei as ideias todas para trás e agora não tenho ideias. Não, mas isto é verdade, isto acontece-me, não sei se isto é o natural, o desenrolar da vida, que nos faz assim (hum, hum), mas isto é verdade, eu era uma pessoa muito mais... não é inteligente mas mais criativa do que agora.”</p>
Objetos: descrição, percurso, significado, utilidade...	(em cima).
Media/Novas Tecnologias	
Costumas ler jornais/revistas? Quais?	<p>Tomás: “Sempre! Olha eu leio jornais holandeses e leio jornais portugueses. Os portugueses eu leio-os no telemóvel, tenho um programa e dá para eu escolher os jornais de todo o país, pelo menos a primeira página e depois as notícias mais importantes vou diretamente à página ou então ao <i>Sapo</i> e vejo as notícias. As holandesas, eu todos os dias tenho três jornais na minha empresa, o <i>Metro</i>, o <i>Spiegel</i> e o (?). E pronto, são os três jornais</p>

		holandeses que eu leio, todos os dias eu leio.” E revistas? Tomás: “Revistas... Não, não. Só quando vou a Portugal e trago que é sempre a <i>Super Interessante</i> e a <i>National Geographic</i> .”
Costumas ver televisão? Que canais/programas?		Tomás: “Sim, vemos através da internet a SIC sempre, todos os dias, vemos as notícias, à noite ou à hora de almoço, depende dos horários de trabalho.” Cláudia: “Eu vejo sempre, o telejornal nem sempre vejo, depende do meu horário, mas vejo sempre a novela à noite quando venho do trabalho vejo a novela portuguesa.” E de manhã há algum programa que vejas? Ou é basicamente o telejornal e a novela? Cláudia: “Sim, basicamente. De manhã vejo mais é coisas gravadas.” Tomás: “Mas isto é a nível de portuguesa, porque nós vemos muitas séries, posso-te dizer que nós agora estamos a seguir dezasseis séries. Até temos tudo ali apontado porque se não já não sabíamos a quantas andamos.” Cláudia: “É para a gente distrair um bocadinho, está sempre online, vamos vendo.”
Costumas ouvir rádio? Qual?		Cláudia: “Rádio... ah, de vez em quando mas muito raramente, mas ouço rádio portuguesa que às vezes meto no computador.” Quais? Tomás: “Tens a Antena 3, mas é quando eu ouço. Mas é muito raro, agora já há muito tempo que eu não ouço, mas antes ouvia muito.”
Que tipo de música ouves?		Tomás: “Ui, agora é que estás tramada, eu gosto de muita música. Se tu fores ali a ver o meu disco, tu ficas impressionada porque tenho tudo. Tens desde <i>Black Metal</i> até música clássica.” Cláudia: “Ele ouve muita variedade diferente, só não ouve música pimba.” Mas tens alguma coisa que ouves mais não? Tomás: “Eu ouço tudo.” Cláudia: “É conforme o estado de espírito.” Tomás: “É, é conforme o estado de espírito exatamente. Olha agora é

	<p>que a Cláudia disse tudo.” Cláudia: “Ontem o que é que tu meteste, ontem? (risos)” Tomás: “Meti José Cid, ‘A cabana’, estava aqui com ela e depois meti essa música e pusemo-nos a dançar os dois.” Cláudia: “Eu gosto, gosto de ouvir músicas brasileiras, que são músicas alegres e mais simples, gosto de ouvir músicas calmas também e músicas comerciais para dançar, é as músicas que eu tenho no meu mp3.” Tomás: “Eu também, eu pronto, eu gosto de música de dança, antes era o <i>Techno</i>, o <i>Hard-Tecno</i>, agora estou mais calminho, sou mais velhinho também (risos), já não tenho tanta força. Já é mais <i>House</i>, a nível de música de dança, gosto de <i>Vibe</i>, <i>Jeff Miles</i>, gosto assim...” E música portuguesa? Tomás: “Também, ouço o José Cid, Rui Veloso, Chutos e Pontapés, Toranja, Loto, sei lá... é muita coisa. Fado não ouço muito, já ouvi mais. Oh pá, o fado é uma música sabes que é um bocado melancólica para se ouvir assim. Oh pá, acho-a muito melancólica, é uma música que tu ouves e não ficas alegre, eu pelo menos acho. Por exemplo a música pimba é muito mais alegre, e também não a ouço muito mas, é como a Cláudia diz é conforme! Por exemplo se eu fosse lá em Portugal a um arraial, eu gosto de música pimba, agora para estar a ouvir em casa...”</p>
Que sites mais frequentas na Internet?	<p>Tomás: “Ui, sites! Olha já dissemos os sites das séries online. A Cláudia também vai ver os das receitas não é?” Cláudia: “Quando eu penso nalguma receita diferente vejo várias para comparar e assim.” Mas são portuguesas geralmente? Cláudia: “Sim, sim, sim.” Tomás: “Sim, claro! Bem, eu faço uma coisa que é assim, eu se tiver uma dúvida qualquer sobre alguma coisa eu vou ao <i>Google</i> e vou saber tudo sobre aquilo. Ainda há dias quis sacar</p>

	<p>músicas do <i>Youtube</i> e não sabia como se fazia, fui saber, Mas eu também uso outra ferramenta muito boa que é o <i>Youtube</i>. Ou seja tu pões lá ‘como desbloquear não sei o quê’, ‘como gravar não sei o quê’, e depois, além da informação tens o vídeo a explicar e então aprendes muito mais rapidamente do que se estiveres a ler. E então eu fui ao <i>Youtube</i> e percebi como se fazia, foi logo.” E mais, é isso? Tomás: “É, eu não te posso dizer exatamente o que vou ver, porque se eu tiver uma dúvida é o que eu vou fazer. Às vezes vou buscar programas também por exemplo para converter música para outros formatos.”</p>
<p>Costumas ler? Que tipo de livros?</p>	<p>Tomás: “Leio. Olha os livros que eu leio são considerados romances, os livros que eu mais gosto são os do José Rodrigues dos Santos, já li a coleção toda. Não, estou a ler agora o último, <i>A fúria divina</i>. Mas quer dizer, eu gosto dos livros dele, mas do Tomás, da personagem do Tomás Noronha, é uma personagem que foi inventada por ele. Agora é <i>A fúria divina</i>, antes disso foi <i>O sétimo selo</i>, <i>A fórmula de deus</i> e o <i>Códice 666</i>. Ah, eu gosto de livros de ficção científica, adoro! Ou livros que falem de ciência, pronto. O que eu gosto nestes livros do José Rodrigues dos Santos é que os livros são baseados em coisas verdadeiras. Porque livros assim, por exemplo eu já li ‘O Sétimo Herói’ e não gostei nada, apesar de até ser maior que estes, mas aquilo parecia um livro para crianças, assim muito fantasioso. Eu já li livros de fantasia muito mais interessantes como por exemplo <i>A Saga do Rei Dragão (hum, hum)</i> que também, olha foi os primeiros três livros que eu li! É uma trilogia, são três bíblias enormes, estive alguns dois anos para ler aquilo. Era muito novo, tinha para aí os meus dezasseis anos. E eu gosto é de livros assim,</p>

	<p>quanto mais ligados com a realidade mais eu gosto. De ficção científica tanto faz, porque pronto ficção científica é ficção científica. E pronto...” Mas tendes a ler de autores portugueses ou... “Tanto faz.” Cláudia: “Mas em português.” Tomás: “Oh! Claro, sim. Sempre ler em português!” E compras os livros quando vais a Portugal? Tomás: “Sim, é. Basicamente é, ou então é o meu pai que mos oferece. O meu pai adora ler e é do estilo, quando lê um livro ele faz aquilo que eu faço para os filmes. Ele vai ver as críticas dos livros, vai tentar saber e depois, como ele sabe mais ou menos os meus gostos, envia-me. Agora o último livro que ele me enviou foi o <i>Millenium</i> (hum, hum), que foi aquela trilogia de um Sueco que foi um grande sucesso no mundo todo. Também um dos livros que eu gostava de ler é de um espanhol, que fez sobre o tráfico de mulheres, que é um gajo em Espanha, ele é jornalista e o que faz é infiltra-se mesmo conforme o tema que ele quer, arranja identidade falsa e tudo, faz mesmo o trabalho de um espião autentico e infiltra-se e descobre tudo e escreve tudo. Agora, o último livro que ele fez foi sobre a <i>Al-qaeda</i>. Infiltrou-se lá no meio deles todos, vestido todo à árabe! É verdade! Eu não sei, ele se calhar foi ali para a parte onde se fala mais espanhol se calhar, fala-se espanhol e árabe talvez. Eu tenho escrito ali no meu bloco de notas do telemóvel o nome do livro dele que quero ler, para não me esquecer.”</p>
<p>Costumas ir ao cinema/ver filmes em casa (internet)? Que tipos de filmes te interessam?</p>	<p>E filmes costumam ver, ou é só mesmo séries? Tomás: “Online também, é tudo online.” E ao cinema vão? Tomás: “Sim, também vamos, de vez em quando vamos, o último que fomos ver foi o <i>Resident Evil 3d</i>.” E que tipo de filmes é que vos interessa? Tomás: “Olha eu gosto muito de</p>

	<p>filmes de terror, ação, terror.” Cláudia: “Normalmente vamos ver de ação, porque eu não gosto muito de terror, normalmente fico assim aterrorizada.” Mas são filmes americanos... Tomás: “Sim, sim, todos eles são americanos. Eu tento sempre ver na internet primeiro, a crítica e a apresentação do filme e pronto se eu gostar vou.”</p>
<p>Utilizas redes sociais para estar em contacto com os amigos/família?</p> <p>Contactas mais com os de Portugal ou de outros lugares?</p>	<p>E no Facebook falas com os teus amigos de Portugal?</p> <p>Tomás: “Mando mensagens, mando assim coisas, olha quando comprei agora o meu computador novo, por exemplo pus lá ‘computador novo finalmente! De volta à civilização.’ (risos)” “O <i>Facebook</i> é uma coisa muito recente para mim, porque eu achava que não tinha muita utilidade. Hoje em dia já uso mais, porque é assim eu tinha Hi5, mas toda a gente começou a sair do Hi5 e eu fui ver para onde toda a gente ia e comecei a aperceber-me que ia toda a gente para o <i>Facebook</i>. Mas eu achava, e acho ainda hoje, que o Hi5 é muito mais completo a nível de apresentação da pessoa, do que o <i>Facebook</i>. Só que o <i>Facebook</i> deixa essa parte mais para segundo plano e depois vai mais longe noutras coisas, coisas que eu nem utilizo, tipo os jogos e as aplicações e assim. É só mais para estar em contacto com algumas pessoas, principalmente de Portugal.”</p>
<p>Consideras a Internet, uma ferramenta útil na tua vida? Para que a utilizas? Utilizas mais do que quando vivias em Portugal?</p>	<p>Tomás: “Hum, eu acho que já nem vivo, eu acho que já nem consigo viver sem ela.” Cláudia: “Indispensável!” Para que a utilizas? Já disseste... Tomás: “Pronto, é para tudo, eu digo-te assim, só não vou à casa de banho com ela.” Cláudia: “Ah, e muitas vezes vais!” Tomás: “Não, e vou! O que eu digo é ainda não dá para ir à casa de banho pela internet, ainda! (risos)” E utilizas mais do que quando vivias em Portugal? “Muito mais, muito mais. Também</p>

	estou muito mais tempo em casa.” Achas que tem a ver com isso? Tomás: “Claro, sim, claro. Se eu sáísse mais estava menos tempo, aliás torna-se impossível não é? Só se fosse assim num espaço de tempo em que eu estivesse com um colega meu e ele fosse à casa de banho e eu estivesse ali no telemóvel a ver a internet, mas se estivesse com alguém, não ia estar na Internet.”
Outras tecnologias de que fazas uso?	Já vi que têm uma moldura digital, têm o Wii. Quem é que joga ao Wii? Tomás: “Jogamos os dois claro, de vez em quando jogamos os dois, e uso o meu telemóvel, faço tudo, quase a mesma coisa que faço em casa, no telemóvel. Só não vejo televisão, ainda! Porque eu já arranjei uma maneira mas nem sempre dá. E então pronto, basicamente tecnologias assim... Sim, o <i>GPS</i> também. Uso-o aqui quando vamos passear por aí na Holanda e quando vamos para Portugal, nas férias.” Cláudia: “Às vezes quando vai às compras também leva, tem medo de se perder. (risos)” Tomás: “Não levo nada! Só se for um sítio que não conheça, que não seja aqui ao pé, Por exemplo para ir ao <i>IKEA</i> levo.”

B.10.3. Sociabilidades/ Quotidiano Tomás

Sociabilidades/Quotidiano	
Como costumavas passar os teus tempos livres em Amesterdão?	Cláudia: “Aqui. Em casa.” Tomás: “E de vez em quando pronto, vamos a um cinema, vamos jantar fora, não muitas vezes mas fazemos algumas.” Cláudia: “Às vezes visitamos amigos.” Tomás: “Não temos muitos.”

	<p>Cláudia: “Ou então a irmã dele.” Tomás: “Ou então a minha irmã, pois, tenho cá a minha irmã e o meu sobrinho.”</p>
<p>Quando sais a que lugares vais? Com quem costumavas ir?</p>	<p>Tomás: “Olha mas também, agora é que já não, porque já os visitámos a quase todos, mas houve aí uma altura que fomos visitar aí montes de museus aí em Amesterdão hã? Era de quinze em quinze dias íamos a um museu. Até fomos a um muito grande em Roterdão, até nem chegamos a vê-lo todo porque era muito grande. Eu até gostava de lá ir outra vez porque aquilo tem exposições de arte moderna. (hum, hum) Eh pá, adoro arte moderna, porque a arte moderna, o que eu gosto na arte moderna é que tu olhas para aquilo e podes ver várias coisas, tu tens de pensar, enquanto por exemplo estás a ver a arte antiga é: tu olhas para um quadro e o que está lá é o que é, na arte moderna já não é assim. Tu olhas e tens de estar a pensar o que é que está ali, o que é que o autor está a tentar transmitir e isso é muito estimulante para mim. Enquanto que um quadro normal, pronto é muito bonito, tudo bem, está ali muito bem pintadinho e tal, mas pronto, mais nada do que isso. O outro uma pessoa tem que estar ali a ver. E cheguei a ver, mas isso já foi aqui em Amesterdão, que é o famoso quadro daquele russo, todo preto e com um pontinho branco (risos)!” Cláudia: “Quando é verão também vamos à praia e fazemos uns piqueniques.” E costumam ir só os dois ou... Tomás: “Conforme, mas é quase sempre os dois.” Cláudia: “Ou vamos os dois ou convidamos às vezes algum amigo para se encontrar lá.” Tomás: “Mas como nós não temos muitos amigos...” E são sempre</p>

	<p>portugueses? Tomás: “Sim. Sim, nós não convivemos com estrangeiros, não é porque nós não queremos é porque...” Cláudia: “Também acho que não é muito viável agente estar a convidar a vizinha ou assim... É um bocado estranho, eles não funcionam assim.”</p>
De que nacionalidades são os teus amigos em Amesterdão?	<p>Tomás: “Em Amesterdão não temos nenhuns. O que ela estava a dizer colegas mais, o que podia acontecer é haver um colega que trabalhe com ela que nós convidássemos para ir connosco ao piquenique, mas de resto amigos aqui em Amesterdão, não temos.”</p>
<p>Costumas ir a alguma das associações portuguesas? Em que ocasiões? Identificas-te com as pessoas que as frequentam? Porquê?</p>	<p>Tomás: “Sim. Eu faço parte da associação portuguesa de Amesterdão. Sou sócio e faço parte da direção, sou secretário.” Porque é que tiveste esse interesse em ligares-te à Associação? “Olha é assim, eu já expliquei isto lá na Associação, porque perguntam-me sempre isso, porque eu sou muito jovem, porque é que eu estou ligado. Porque normalmente as associações estão ligadas a pessoas mais velhas, apesar de isso estar mal pensado, porque deviam ser os mais jovens a ligar-se a esse tipo de instituição.” Mas há uns anos quando eles as constituíram eles eram da nossa idade, hoje em dia é que... Tomás: “Mas agora, atualmente, os jovens já não se ligam. Mas eu disse-lhes é que na minha zona, na marinha grande, tem muitas associações. Só para tu veres, na Marinha mesmo eh pá deve haver para aí umas dez associações ou mais. Porque aquilo é assim, tens a associação da ordem, depois a dos bombeiros, a da Garcia. Oh pá, cada zona da Marinha tem uma associação, e tem pessoas que já pertenceram a associações e eu sempre gostei desse tipo de coisas. Mas eu não entrei logo para a</p>

	<p>Associação assim, não cheguei lá e disse ‘olhe, quero ser...’ não foi nada disso. Eu cheguei lá, primeiro, porque a minha irmã descobriu que a Associação portuguesa de Amesterdão era ali. E eu vivia muito perto, eu vivia ainda mais perto do que agora. E a minha irmã disse-me, porque ela meteu lá o meu sobrinho na escola, porque aquilo tem lá escola de portugueses e ela disse-me ‘ah, tens uma Associação portuguesa aqui perto de ti, não sabias?’. E então eu comecei a ir lá, pronto e quando eu fui lá quis-me logo fazer sócio, perguntei à pessoa que lá estava, que por acaso até era o presidente, fiz-me sócio. Pronto, ele explicou-me o que eu tinha de fazer e nessa altura eu tinha muito tempo livre, por isso é que podia também ir para a APA, tinha muito tempo livre. E estava com um projeto, estava a fazer um livro, um livro de ficção científica. Mas um livro de ficção científica com casos verdadeiros, com casos... baseado em teorias reais, factos que possam vir a acontecer. E então, ele achou engraçado e tal e coiso, e depois de eu frequentar lá alguns meses, ele convidou-me para pertencer à lista porque ia haver eleições e ele queria que eu entrasse para a nova lista e eu entrei. Foi assim que eu entrei para a APA como parte da direção. Oh pá e gosto daquilo, apesar daquilo estar muito ao abandono, cada vez menos gente vai lá. Já não vai lá gente jovem e das poucas pessoas que lá vão cada vez vão aparecendo menos. E pronto...” E em que ocasiões é que vais lá?</p> <p>“Olha vou lá todos os Sábados porque trabalho lá voluntariamente, aos Sábados, no bar à tarde, da tarde até aquilo fechar. Pronto porque para fazeres parte da</p>
--	---

	<p>direção tens de fazer isso. Embora nem toda a gente faça isso mas pronto... Eu também só posso ir lá ao Sábado porque eu já avisei que trabalho durante a semana, Sábado tudo bem, mas o Domingo é para mim. Uma vez é para mim, outra vez é para a minha namorada.” Mas e depois para além disso vocês costumam ir lá só beber um café ou estar com as pessoas ou quando há alguma festa ou alguma coisa em especial? Tomás: “Hum, não... É assim, a Cláudia às vezes vem ter comigo quando ela acaba o trabalho e eu ainda demoro um bocado, e ela está na disposição, ela vai lá à APA. E ela vai à APA, mas tirando isso raramente vamos. Mas agora é assim, agora está a haver lá um movimento feminino, está a começar a haver um movimento feminino, o que me agrada muito porque eu gosto que aquilo tenha lá mais mulheres, porque os homens são muito chatos. É verdade, eu sou homem, mas isto tem que ser dito. Porque é assim eu não gosto de falar com os homens porque os homens só falam da mesma coisa que é futebol, mulheres e mais nada. E isso é conversas para mim que não tem jeito nenhum pronto. Oh pá, dizer que o Sporting ganhou ainda vá lá, agora ficar ali a discutir os jogadores, e os árbitros e não sei quê, oh pá fogo! Deixem esse trabalho para o treinador, por isso é que lhe pagam fogo! E pronto, então eu prefiro falar com as mulheres e as mulheres gostam muito mais de falar comigo, até todas me dizem sempre que eu sou o melhor trabalhador de lá. Claro que os homens não gostam muito disso porque ficam um bocado com inveja e então se me vêm a falar com uma mulher</p>
--	--

	<p>dizem, o Mário por exemplo (que é o diretor do bar) diz logo, 'vá, vá, isto é para trabalhar, não é para falar, não sei quê, não sei quantos...' E eu digo logo, 'oh, vocês já sabem como é que é pá, ele é muito ciumento, não me pode ver a falar com uma mulher, que ele fica logo ciumento.'”</p> <p>E identificaste com as outras pessoas que frequentam a APA? Tomás: “Não, nada, nada.”</p> <p>Porquê? Tomás: “Oh pá, as pessoas que frequentam a APA são pessoas que têm estudos muito baixos, são pessoas que não têm um grande grau de, não é de inteligência, é um grande grau de instrução. Oh pá e se eu falasse aquilo que eu sei não é? Por exemplo houve um no outro dia que me disse que a baleia tem guelras, oh pá pronto coisas assim, só para tu veres. O grau é um bocado muito baixo. E...”</p> <p>Mas então o que é que te faz participar... Tomás: “Eu quando fui para a APA fui a pensar que pronto ia conhecer pessoas interessantes e que ia pronto aprender a cultura e que também as outras pessoas iam aprender a cultura comigo, que é isso que eu gosto pronto. Não é a cultura, é a falar e a falar tu aprendes coisas pronto e depois as pessoas aprendem coisas contigo, discussões pronto, sobre várias coisas. Claro que o meu tema favorito é ciência não é? Se eu tivesse alguém para conversar sobre ciência, ai meu deus! Porque eu adoro falar sobre ciência, se houvesse alguém que eu tivesse para falar sobre ciência, eu adoro, adoro mesmo ciência. E gosto muito de debater e depois ideias que eu tinha já com dez anos, onze anos... Claro os garotos da minha idade não percebiam nada não é? E eu tive sempre muitos problemas quando era miúdo porque falavam de</p>
--	--

	<p>teletransporte e coisas assim e as pessoas achavam que eu era maluco e depois, sei lá, já com uns dezoito anos eu vou ver no <i>National Geographic</i> pessoas já adultas, científicas, formadas, a ter as mesmas ideias que eu já tinha tido quando era mais novo! E agora eu penso ‘ah toda a gente me chamava maluco e agora este gajo diz o mesmo que eu’, pronto a diferença é que eu não sou famoso, nem... não tenho nenhum grau assim, não sou doutorado, nem mestrado, não tenho nada disso mas, tenho uma boa imaginação pronto. E quando eu fui para lá foi nesse sentido de pronto, trocar experiências, aprender coisas. Pronto, essa foi a minha ideia. Cheguei lá e claro foi uma desilusão, foi totalmente diferente, as pessoas não eram nada daquilo que eu estava à espera, é quase tudo bêbados! Ainda ontem estive a aturar um bêbado, ainda por cima daqueles... O que vale é que é daqueles violentos mas que é só garganta e um gajo manda-lhe um berro e pronto. Mas fiquei... Apesar de que há uma coisa que eles fazem que é muito boa, que é as tertúlias. Eles fazem na última sexta feira de cada mês fazem uma tertúlia. Só que as pessoas que vão à tertúlia são já de muita idade, porque as pessoas assim mais novas como eu...”</p> <p>Mas é uma tertúlia de quê? Tomás: “É assim, há um tema e tu trazes um poema, uma parte de um texto de um livro, uma coisa qualquer que tenha a ver com esse tema. Eu fui a uma que era sobre flores, houve pessoas que levaram Eça de Queiroz porque ele é muito expressivo e tem uma parte a falar sobre a serra de Sintra em que fala de flores, eu levei o livro da minha mãe, que a minha é poetisa, o que eu não sabia</p>
--	--

	<p>é que o livro era sobre flores. Só que a tertúlia calha-me quase sempre quando eu trabalho à noite pá, aquilo é jantar e depois é a tertúlia e então não dá.”/(terceira entrevista) “Eu deixei de ir à APA, e deixei de lá trabalhar. Porque é assim algumas pessoas que lá vão dão muito mau ambiente, cada vez está a piorar o ambiente. Até te digo assim, até gosto mais dos brasileiros que lá vão do que propriamente dos portugueses. Porque os brasileiros vão lá, bebem, divertem-se, vão-se embora e não há problema nenhum. Os portugueses não. Estão sempre a arranjar problemas, se não é com as pessoas de lá é com as pessoas do bar. É aquele pessoal que já cá está há muito tempo, aqueles portugueses mesmo típicos. E depois são desagradáveis comigo, fazem brincadeiras parvas, nitidamente devem pensar que eu sou burro como eles. Oh pá e eu sou uma pessoa honesta, também já andei na droga como eles, mas nunca fui desonesto, nunca roubei, e não entendo porque é que estas pessoas têm de ser assim. Faltam-me ao respeito! E eu não estou para isso já, não me pagam para isso! Se ainda dissesse que me pagavam, mas vou para lá não me pagam nada e eu estou a aturar aquilo! Não, desisti. É só pessoa desinteressante percebes? Só me aparece lá pessoal que fala de futebol, gajas, futebol, gajas, futebol. O que é que isso me interessa? Não me identifico com essas pessoas, não me identifico!”</p>
Tens por hábito participar em atividades culturais (ir a museus, espetáculos, palestras, etc.)? Quais?	<p>Tomás: “Sim, eu gosto muito de museus.” Mas e espetáculos, palestras... Tomás: “Olha já fui a uma palestra holandesa por acaso, sobre política, e foi lá na APA. Oh pá gostei, eles falaram de vários pontos, aquilo</p>

	<p>até foi a falar de política já, nem era só de um partido, era global, tanto é que aquilo era só estrangeiros, de vários países. E gostei, gostei, falaram de alguns pontos sobre as políticas europeias em relação às políticas holandesas, mas não falaram nada que já não soubesse, portanto não fiquei assim... até disse no final ao Estevão ‘olha não aprendi nada, estava a espera de alguma coisa diferente’ e ele ‘ah, já sabes como é que é, isto é sempre a falar da mesma coisa’. Mas não achei assim nada de especial. (hum, hum)” E outros espetáculos, concertos... Tomás: “Já, já, olha fui ao festival mundial, tens de ir pá! Em Tilburg. Espetacular pá! Olha fui com o Amílcar, esse meu amigo. O Amílcar é assim, ele tem 63 anos, mas a cabeça dele tem 20, é mesmo! Aquilo foi um espetáculo, era música de todo o mundo. Pronto e eu adoro aquele homem, aquele homem é um espetáculo, quando eu vim cá para a Holanda não tinha ninguém e nós passávamos noites na cozinha os dois a discutir sobre ciência, sobre tudo! E também foi uma pessoa, foi a primeira pessoa que me disse, e ele ainda hoje diz que é uma grande responsabilidade o que ele fez, porque isso pode ter alterado a minha personalidade. Porque foi a primeira pessoa que em disse certas coisas que eu não sabia. Porque é assim, eu desde os treze anos que não tenho um pai presente, então eu vivi sempre com a minha mãe e a minha irmã. O que me aconteceu ao longo desses anos todos foi que eu fui ganhando tiques femininos ao longo desses anos todos que eu não notava, sei lá, desde agarrar uma chávena assim de maneira feminina. E foi ele que me disse ‘eh pá, tu tens</p>
--	--

	<p>tiques muito femininos’ e eu fiquei a pensar ‘mas nunca ninguém me disse isso’. Quando eu confrontei os meus amigos, mais tarde, por causa disso, os meus amigos lá em Portugal, porque isto ainda foi no início, eu ainda estava cá há pouco tempo, também ainda tinha muito contato com os meus amigos. Depois ao longo do tempo fui perdendo. Mas então eu perguntei ‘eh pá, então eu tenho estes tiques assim, assim, ‘eh pá tens mas nós nunca te dissemos nada porque tínhamos medo de ferir os teus sentimentos, tínhamos medo que tu levasses a mal as nossas observações. E eu ‘caraças! Então porque é que vocês nunca disseram nada?’, porque é normal, eu vivi tanto tempo com mulheres que é normal uma pessoa ganhar tiques não é? E então pronto, o Amílcar foi a primeira pessoa que me apontou isso e não só, depois aprendi montes de coisas, desde cultura, um bocado de tudo. Pronto e eu considero-o um segundo pai para mim. Ainda hoje falamos, agora é mais pelo telemóvel, mas é tipo três horas de telemóvel a falar. E pronto, eu adoro-o. Ele agora até está com uns problemas de saúde, nem sei se calhar... nem sei se ele vai-se safar, mas vamos ver. Já o fui visitar ao hospital há duas semanas, fui com a Cláudia.... E vamos ver.”</p>
<p>Atividades desportivas? Com quem?</p>	<p>Tomás: “Tenho, olha, bicicleta, todos os dias. (risos)” E mais nada? Não jogas à bola... Tomás: “Não, eu nunca fui muito de futebol. Gostava mais de voleibol. Mas é isso, não faço mais desporto agora.”</p>
<p>Hobbies?</p>	<p>Tomás: “Olha Hobbies é ler e pouco mais. Escrevia também, mas entretanto eh pá... Eu antes era, eu podia passar uma tarde a escrever, não havia</p>

	<p>problemas, eu era sei lá, levava um caderninho. Isto ainda aqui na Holanda, nos primeiros anos que eu cá estive, ainda tenho aí textos escritos que eu escrevia, para onde ia, levava o caderninho.” Mas o que é que escrevias, o que te acontecia ou... “Descrevia tudo o que se passava à minha volta, também um pouco de poesia, mas o que eu tentava fazer era descrever tudo o que se passava à minha volta. E pronto, e tentava... Tentei sempre socializar com as pessoas mas nunca me deram oportunidade de socializar. Não sei porquê, eu não sei. Ou eu tenho ideias muito esquisitas e as pessoas se calhar... Eu não sei, eu não sei porque é que as pessoas... mas isto acontece-me sempre. Eu tento socializar com as pessoas e as pessoas têm medo não sei.” Mas com todas as pessoas? “É, a maioria é assim, não sei porquê. Ou eu digo alguma coisa ou... eu não sei porque é que as pessoas têm, não sei... oh pá, eu digo isto porque já tentei, já tentei fazer amizade com algumas pessoas e é muito difícil. Olha ainda agora, eu fui fazer o exame de holandês com um rapaz que é português, eu já sabia que ele era português, porque eu quando fui fazer o segundo exame vi o nome dele lá escrito na mesa e percebi que era português. Mas só no segundo dia, quando ele viu o meu dicionário, (risos) é que ele fez assim uma cara e mostrou-me o dicionário dele também e eu assim ‘eu já sabia que tu era português, já tinha visto o teu nome e já sabia que tu eras português.’ E depois no final do exame fomos, ainda estive uma hora a falar com ele, e ele disse-me que estava cá há dois anos e meio e que essa tinha sido a maior conversa que tinha tido com um português, é</p>
--	---

	<p>verdade! E eu perguntei-lhe ‘então mas porque é que tu não falas com portugueses?’ e ele disse-me logo, duas razões: ‘primeira porque eu trabalho muito, seis dias por semana’, ‘e a segunda é que os portugueses são pessoas muito invejosas’ e que é aquilo que eu também penso não é? Pronto e eu já te disse isto que há aí portugueses que se virem que tu estás a falar português são gajos para falar em holandês, só para tu não saberes que eles são portugueses. Isto acontece com pessoas mais velhas não é, com pessoas mais de idade, não é com pessoas mais novas. Não sei porquê, a teoria da Cláudia é que as pessoas se calhar têm vergonha dos portugueses porque já estão cá, já estão inseridas mais na cultura e se calhar acham os portugueses assim um bocado para o... para o campónio pronto! Por serem pessoas com uma base cultural mais baixa e se calhar pronto e depois também têm aquela ideia de que é jovem, só quer drogas, também pode ser isso não é? Fazem estereótipos e depois... e depois pensam que toda a gente é assim. Eu apesar de me dar bem com qualquer pessoa! Uma pessoa pode fumar droga e não é por causa disso que eu não vou fazer amizade com ela. Desde que ela não me assalte, não me roube não é?” Mas sentes isso lá na associação, essas invejas e... “Claro que sim! Ui! Eu é que não quero entrar nessas coisas, mas é verdade, tu não imaginas aquilo! Eu é que não quero entrar em pormenores, mas aquilo é horrível. Há desde racismo, em relação aos brasileiros que lá vão, as mulheres portuguesas detestam as brasileiras porque as mulheres brasileiras roubam-lhes os homens.”</p>
--	---

<p>Outras expressividades culturais (música, artes plásticas, teatro, dança, etc.)</p>	<p>Tomás: “Não, agora não faço nada. Já toquei bateria, já fiz parte de um grupo, mas isto tudo em Portugal. Foi uma boa experiência mas pronto, foi noutra fase. Eu quando era mais novo era muito rebelde, agora sou mais calminho, naquela altura não havia limite, era muito rebelde.”</p>
<p>Sentes que tens uma vida cultural mais rica em Amesterdão do que em Portugal? Tens acesso a coisas que lá não tinhas? Por exemplo?</p>	<p>Tomás: “Claramente, logicamente tu aqui tens um acesso à cultura muito maior. Não só por causa dos museus, mas tudo o resto. Não tem comparação, o número de...de... como é que se diz? Debates, palestras e coisas do género, há muito mais aqui. É assim agora abriu o novo teatro aqui em Amesterdão, já deves saber, sessenta e cinco milhões de euros de investimento, esteve cinco anos fechado. Eu li no jornal isso. E pronto, aquilo agora é espetáculos todos os dias, olha até tenho aí, recebi no correio os espetáculos para o ano todo, aquilo é ui! Montes de espetáculos que eles vão ter, uma coisa maluca mesmo. Só que a maioria é tudo em holandês, musicais e tudo. Se tivessem em inglês eu ainda ia, agora em holandês é complicado. Não, é complicado porque eu ouvir falado ainda percebo mais ou menos, agora cantado não consigo perceber tão bem. Eu gosto muito de musicais. Eu não sei se já disse isso mas eu já fiz teatro, já fui ator e já recebi mesmo como ator. Amador, mas recebi. Trabalhei com atores profissionais, com o Victor de Sousa, o Estrela Novais, Victor Sampaio, Joel Branco... e trabalhei com eles todos. Foi uma boa experiência, durante um ano, a peça esteve em digressão por todo o país e foi uma experiência espetacular.” E como é que isso surgiu? “Olha foi através do Norberto Barroca,</p>

	<p>que é encenador no teatro experimental do Porto e é um grande amigo da minha mãe. Ele é da Marinha Grande e costuma fazer lá peças. E então houve um projeto que era feito entre atores profissionais e amadores e eu já tinha feito algumas peças com ele lá na Marinha e ele gostou do meu trabalho, e depois os atores profissionais até disseram que eu tinha muito talento, só que eu não segui por amor, porque eu tinha uma namorada. Uma pessoa de quem eu gostei muito, de tal maneira que quando acabou apanhei uma depressão. E então desisti do teatro foi um grande sacrifício, e depois quando chegou a altura dela escolher não pensou em mim. E pronto, eu desisti de ir para Lisboa, ofereceram-me tudo na altura no Teatro Nacional e eu sempre a dizer não, não, não por causa dela. Pronto tinha medo, também foi a minha primeira namorada, eu tinha dezoito anos na altura... e pronto, arrependo-me. Arrependo-me porque eu gosto muito de teatro, desde pequeno, desde a primeira vez que a minha mãe me levou ao teatro, por acaso era do Norberto Lobo.” E depois aqui nunca foste ver nenhuma peça... Tomás: “Não, porque é a tal coisa é tudo em holandês. Oh pá, eu até sou gajo para ir experimentar um dia, mas tenho medo de não perceber nada estás a perceber? E depois gasto dinheiro, porque aqui o teatro não é como em Portugal, aqui pagas uma pipa de massa para ir ao teatro, e depois eu vou ver a peça e não percebo nada do que eles dizem!”</p>
Sentes que Amesterdão é uma cidade onde tens	Tomás: “Sim, isso tem. Nesse ponto tem, em todos os outros não. Para mim. Mas o último ponto sim,

<p>facilidade em te expressar? (Há alguma coisa na cidade que te inspire particularmente? É fácil conhecer pessoas com quem te inspires? Há uma oferta de espaços/eventos que te permitem explorar a tua criatividade?)</p>	<p>totalmente de acordo. Tem montes de espaços para tu abrires a tua criatividade. Agora... Pessoas? Só para tu veres esse artista que eu tenho aqui, o que pintou o meu quadro não é holandês, é Italiano. Agora holandeses... Hum, oh pá eu não sei, não sei se é por ser em Amesterdão ou o que é, mas isto aqui as pessoas não têm abertura nenhuma. Também isto está cheio de Turcos e Marroquinos e se calhar é aquilo que eu te estava a dizer, como aconteceu lá em Portugal, também somos pessoas muito abertas e tudo, mas depois também foram para lá os Ucrrianos e os Brasileiros e as pessoas já estão por aqui com eles. Portanto... e depois quando vem mais um estrangeiro leva pela culpa dos outros também, estás a ver? E... pronto, eu não acho que seja assim muito fácil conhecer pessoas, não concordo com esse ponto. Mas eu também é como eu te digo, eu também não sou uma pessoa que tenha muita gente amiga, não tenho. Porquê, eu não sei. Porque eu já conheci pessoas e tudo, na rua, como por exemplo aquele português agora no exame e eu dei-lhe o meu número e pá, eu não sei se ele me vai telefonar ou não mas eu duvido. Mas o rapaz pareceu-me ser boa pessoa, uma pessoa muito parecida comigo, pronto também assim muito trabalhador, tanto é que ele já é chefe. Mas sabes que essa coisa do chefe é muito engraçada porque os portugueses ficam com aquela coisa 'ah, sou chefe', mas eles não veem é muitas vezes porque é que foram para chefe. Porquê? Porque põe-te a trabalhar as horas que tiver que ser, porque se fosse um holandês como é que era, chega à horinha e vem-se embora, enquanto</p>
---	---

	se for um português, chega à horinha e fica lá, por isso é que ele vai para chefe. Não é porque ele... também é, mas não só. Só que os portugueses pensam 'eh sou chefe! Já sou muito importante!'."
--	--